



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**#MULHERESPODCASTERS: UMA ANÁLISE DA RESISTÊNCIA FEMINISTA NA
PODOSFERA BRASILEIRA**

ALICE DOS SANTOS SILVA

**SÃO CRISTÓVÃO
2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**#MULHERESPODCASTERS: UMA ANÁLISE DA RESISTÊNCIA FEMINISTA NA
PODOSFERA BRASILEIRA**

ALICE DOS SANTOS SILVA

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Renata Barreto Malta.

**SÃO CIRSTÓVÃO
2021**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586m Silva, Alice dos Santos
#Mulherespodcasters : uma análise da resistência feminista na
podesfera brasileira / Alice dos Santos Silva ; orientadora Renata
Barreto Malta. – São Cristóvão, SE, 2021.
249 f. : il.

Dissertação (mestrado em Comunicação) – Universidade
Federal de Sergipe, 2021.

1. Comunicação de massa. 2. Mulheres e jornalismo. 3.
Feminismo - Brasil. I. Malta, Renata Barreto, orient. II. Título.

CDU 659.3-055.2(813.7)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM**

**ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO – UFS**

Título do trabalho: #MULHERESPODCASTERS: UMA ANÁLISE DA RESISTÊNCIA FEMINISTA NA PODOSFERA BRASILEIRA

.."

Aluna: ALICE DOS SANTOS SILVA

Data da defesa: 16/06/2021

Às 17 horas do dia 16 do mês de junho de 2021, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe realizou a defesa de dissertação de Mestrado da discente ALICE DOS SANTOS SILVA intitulado: "#MULHERESPODCASTERS: UMA ANÁLISE DA RESISTÊNCIA FEMINISTA NA PODOSFERA BRASILEIRA", conforme o que estabelece a resolução Nº 60/2014/CONEPE/UFS, que regula o funcionamento do PPGCOM/UFS. A banca examinadora foi realizada por videoconferência motivada pela necessidade de distanciamento social diante da pandemia de COVID-19. Composição da banca: Renata Barreto Malta (PPGCOM-UFS) – presidente da banca e orientadora, Tatiana Guenaga Aneas (PPGCOM-UFS) – avaliadora interna e Leonor Graciela Natansohn. – avaliadora externa (POSCOM - UFBA). Após o discente apresentar seu trabalho, a banca fez os questionamentos e comentários referentes à pesquisa, os quais foram respondidos. Ao final, a banca se reuniu e considerou a discente APROVADA no Curso de Mestrado em Comunicação da UFS.

Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos”, 16 de junho de 2021

Banca Examinadora:

Prof Dr ... (PPGCOM-UFS) – **PRESIDENTE DA BANCA**

Profa. Dra. Tatiana Guenaga Aneas (PPGCOM-UFS) – avaliadora interna
(participação à distância por videoconferência)

Profa. Dra. Leonor Graciela Natansohn (POSCOM - UFBA) – avaliadora externa
(participação à distância por videoconferência)

Programa de Pós-Graduação em Comunicação:

Prédio de Comunicação Social. Andar Superior, Sala 01 - Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos Av. Marechal Rondon, S/N – CEP 49.100-000 – Rosa Elze – São Cristóvão – Sergipe – Brasil
Telefone: (79) 2105-6390 – E-mail: mestradocomunicacao.ufs@gmail.com

DEDICATÓRIA

*À memória de minha mãe, com o desejo de que
a minha próxima pesquisa seja para conhecer
o que ela não teve tempo de me contar.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a minha irmã, que além de ser a fonte de motivação para tudo que eu me proponho a fazer, contribuiu assumindo tarefas que eu não poderia assumir em paralelo com o desenvolvimento da dissertação, sem ela eu não teria feito nada. Agradeço profundamente à minha orientadora, Prof^a Dra. Renata Barreto Malta, pela confiança e, sobretudo, pela paciência para lidar com a minha ânsia de escrever enfrentando as regras. Não poderia deixar de expressar a gratidão às membras da banca avaliadora Prof^a Dra. Tatiana Aneas e Prof^a Dra. Graciela Natansohn que contribuíram conosco para o melhor desenvolvimento da pesquisa. Agradeço também a todas as mulheres podcasters que aceitaram participar do estudo sem a colaboração de vocês esta pesquisa não existiria. A minha família, em especial a Painho, Dinda e Érica, que sempre torceram e acreditaram em mim. Aos meus co-hosts do *Hora Queer* com quem tenho orgulho de produzir conteúdo sobre vivências LGBTs há mais de três anos. Agradeço aos meus amigos que muitas vezes escutaram minhas inseguranças e me incentivaram. Meu muito obrigada a minha psicanalista que me ajudou a manter a cabeça no lugar enquanto realizei essa pesquisa no meio da pandemia. Por fim, agradeço à Universidade Federal de Sergipe pela possibilidade de acessar, desde a graduação, uma educação que é pública, gratuita e de qualidade. Muito obrigada.

Uma ladainha pela sobrevivência

*Para aquelas de nós que vivem na beirada
encarando os gumes constantes da decisão
crucial e solitária
para aquelas de nós que não podem se dar ao luxo
dos sonhos passageiros da escolha
que amam na soleira vindo e indo
nas horas entre as alvoradas
olhando no íntimo e pra fora
simultaneamente antes e depois
buscando um agora que possa procriar
futuros
como pão na boca de nossas crianças
pra que os sonhos delas não reflitam
a morte dos nossos;*

*Para aquelas de nós
que foram marcadas pelo medo
como uma linha tênue no meio de nossas testas
aprendendo a ter medo com o leite de nossas mães
pois por essa arma
essa ilusão de alguma segurança vindoura
os marchantes esperavam nos calar
Pra todas nós
este instante e esta glória
Não esperavam que sobrevivêssemos*

*E quando o sol nasce nós temos medo
ele pode não durar
quando o sol se põe nós temos medo
ele pode não nascer pela manhã
quando estamos de barriga cheia nós temos medo
de indigestão
quando nossos estômagos estão vazios nós temos medo
nós podemos nunca mais comer novamente
quando somos amadas nós temos medo
o amor vai acabar
quando estamos sozinhas nós temos medo
o amor nunca vai voltar
e quando falamos nós temos medo
nossas palavras não serão ouvidas
nem bem-vindas
mas quando estamos em silêncio
nós ainda temos medo*

*Então é melhor falar
tendo em mente que
não esperavam que sobrevivêssemos*

Audre Lorde

RESUMO

Em conjunto com outras mídias que se desenvolveram na internet, o podcast tem progressivamente ganhado público e espaço no Brasil. Em uma abordagem essencialmente qualitativa, apesar de considerar dados quantitativos, esta pesquisa tem como principal objetivo compreender quais as características da resistência feminista construída na podosfera brasileira pelas mulheres podcasters. Para alcançar os resultados, proponho primeiramente uma pesquisa bibliométrica e exploratória considerando os artigos sobre podcast publicados nos Congressos da Sociedade Brasileira de Comunicação Social – Intercom. A partir desses estudos foi possível iluminar questionamentos teóricos sobre as características da mídia, bem como reunir ponderações sobre seu funcionamento como ferramenta de difusão de conteúdo. Para a pesquisa empírica, realizei um levantamento dos programas mais escutados do país segundo os dados da PodPesquisa de 2018 que possuíam mulheres na equipe. Como ferramenta para coleta de dados, apliquei entrevistas semiestruturadas com mulheres produtoras desses programas que se voluntariaram a participar do estudo, e como método, a Análise Temática proposta por Laurence Bardin (2011). Foram entrevistadas 17 mulheres produtoras de podcasts, sendo todas elas mulheres cisgênero, em sua maioria na faixa dos 30 anos. Quase 90% das participantes se declararam brancas, e pouco mais da metade são heterossexuais. Apenas quatro entrevistadas têm filhos e 80% delas possui ensino superior completo. Entre os resultados encontrados destaca-se que mesmo não compondo um coletivo organizado, e possuindo divergências de concepções feministas, as mulheres podcasters entrevistadas formam uma militância feminista preocupada em transformar a podosfera um espaço de segurança e de igualdade para mulheres e outras minorias sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast; Feminismo; Relações de gênero; Mulheres podcasters; Análise Temática.

ABSTRACT

Along with other media that developed on the internet, the podcast has gradually gained public and space in Brazil. In an essentially qualitative approach, despite considering quantitative data, this research has as main objective to understand what are the characteristics of feminist resistance built in the Brazilian podosphere by women podcasters. To achieve the results, I propose first a bibliometric and exploratory research considering the articles on podcast published in the Congresses of the Brazilian Society of Social Communication - Intercom. Based on these studies, it was possible to illuminate theoretical questions about the characteristics of the media, as well as to gather considerations about its functioning as a tool for disseminating content. For the empirical research, I carried out a survey of the most listened to programs in the country according to data from the 2018 PodPesquisa that had women on the team. As a tool for data collection, I applied semi-structured interviews with women producers of these programs who volunteered to participate in the study, and as a method, the Thematic Analysis proposed by Laurence Bardin (2011). 17 women who produced podcasts were interviewed, all of whom were cisgender women, mostly in their 30s. Almost 90% of the participants declared themselves to be white, and just over half are heterosexual. Only four respondents have children and 80% of them have completed higher education. Among the results found, it is noteworthy that even though they are not part of an organized collective, and having divergences from feminist conceptions, the women podcasters interviewed form a feminist activism concerned with making the podosphere a space of security and equality for women and other social minorities.

KEY-WORDS: Podcast; Feminism; Gender relations; Women podcasters; Thematic Analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Artigos sobre podcasts publicados na Intercom entre 2005 e 2019.	20
Gráfico 2 – Distribuição dos artigos por Divisão Temática.	21
Gráfico 3 – Distribuição dos artigos em sua relação com o rádio.	22
Gráfico 4 – Distribuição dos artigos por características	26
Gráfico 5 – Distribuição das características por DT.	28
Gráfico 6 – Quantidade de respostas recebidas em cada edição da PodPesquisa.	32
Gráfico 7 – Porcentagem de ouvintes homens e mulheres de acordo com todas as edições da PodPesquisa.	33
Gráfico 8 – Faixa etária das respondentes	65
Gráfico 9 – Naturalidade	65
Gráfico 10 – Orientação sexual	66
Gráfico 11 – Escolaridade	66
Gráfico 12 – Ocupação	67
Gráfico 13 – Correntes/vertentes do feminismo indicadas pelas entrevistadas	69
Gráfico 14 – Tarefas assumidas pelas entrevistadas em seus podcasts	86
Gráfico 15 – Etapas apontadas como as mais difíceis/complexas	87
Figura 1 – Página da Campanha o Podcast é Delas 2020	35
Figura 2 – Divulgação da Campanha o Podcast é Delas 2021	35
Figura 3 – Site da campanha #mulherespodcasters	36
Quadro 1 – E-mail convite enviado aos programas selecionados na amostra inicial	45
Quadro 2 – Quadro com transcrição e codificação da Entrevista teste	47
Quadro 3 – Roteiro de Entrevista em Profundidade	51
Quadro 4 – Exemplo de quadro elaborado para a transcrição das entrevistas	54
Quadro 5 – Quadro temático elaborado durante as análises das entrevistas	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exemplo de uma planilha de classificação dos podcasts.....	41
Tabela 2 – Podcasts brasileiros independentes com mulheres na equipe de produção	41
Tabela 3 – Programas selecionados como amostra inicial	43
Tabela 4– Trabalhos sobre feminismo tendo como objeto da comunicação a internet publicados de 2010 a 2015.....	60
Tabela 5 – Trabalhos sobre podcasts publicados de 2016 a 2019 no campo da Comunicação	60
Tabela 6 – Podcasts do corpus de análise agrupados por categorias temáticas que abordam ..	62
Tabela 7 – Envolvimento das entrevistadas com as campanhas #MulheresPodcasters e #OPodcastÉDdela	106

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – FRONTEIRAS DA CIÊNCIA	8
1.1 GÊNERO E FEMINISMO(S)	11
1.2 O ENCONTRO COM O FENÔMENO DE PESQUISA	15
2 OLHARES	19
2.1 ENTENDENDO O PODCAST	23
2.2 O PODCAST DEMOCRATIZA A COMUNICAÇÃO?	25
2.3 MULHERES OUVINTES E PRODUTORAS DE PODCAST NO BRASIL	32
2.3.1 #OPodcastéDelas	34
2.3.2 #MulheresPodcasters	36
2.4 ISOLAMENTO E INFORMAÇÃO: CONSUMO DE PODCASTS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19	37
3 FEITO POR ELAS	40
3.1 A SELEÇÃO DAS PARTICIPANTES	40
3.2. A ENTREVISTA	46
3.3 ANÁLISE TEMÁTICA	53
4 O PODCAST É DELAS	57
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CORPUS	62
4.1.1 Perfil das produtoras	64
4.2 CORRENTES E VERTENTES	68
4.2.1 Feministas independentes e os feminismos que não queremos	71
4.2.2 Feminismo interseccional	74
4.2.3 Feminismo Marxista	76
4.3 “O PESSOAL É POLÍTICO”: MOTIVAÇÕES PARA A PRODUÇÃO DE PODCASTS	79
4.4 DIFICULDADES PRÁTICAS E EMOCIONAIS	85
4.5 A PODOSFERA TEM “DOIS SEXOS”: TRABALHO E PRODUÇÃO DE CONTEÚDO	92
4.6 INFILTRADAS NO CLUBE DO BOLINHA: RESISTÊNCIA FEMINISTA NA PODOSFERA	101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – PONTO G	110
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	128

1 INTRODUÇÃO – FRONTEIRAS DA CIÊNCIA¹

“A quem sirvo com a minha ciência? Esta deve ser uma pergunta constante a ser feita por todos nós. E devemos ser coerentes com a nossa opção, exprimindo nossa coerência na nossa prática”.

– Paulo Freire

A pesquisa acadêmica envolve, em sua maior parte, o processo de fazer escolhas. Essas escolhas são influenciadas pelas subjetividades da pesquisadora, característica que tende a ser escondida pelo mito de uma “objetividade” ou “neutralidade” da ciência. Optei por expor as principais escolhas da pesquisa na introdução para dar transparência ao processo, já que estou diretamente envolvida no universo que me dediquei a estudar. Stuart Hall chama a atenção para como o conhecimento teórico deve ser produzido “como prática que pensa sempre a sua intervenção num mundo em que [a teoria] faria alguma diferença, em que surtiria algum efeito” (HALL, 2003, p. 217).

Ainda em diálogo com o autor e em referência ao contexto de subjetividade e envolvimento da pesquisadora com seu fenômeno de análise, trago para o centro da dissertação o conceito de intelectual orgânica² da maneira como Stuart Hall (2003) propõe, a partir da obra de Antônio Gramsci. Ou seja, construindo uma pesquisa que demarca o local (geográfico, epistemológico e ideológico) de onde ela parte. Com base nessa premissa, pontuo como primeira escolha de pesquisa uma apropriação da linguagem ao utilizar em momentos específicos a primeira pessoa do singular e em não utilizar o masculino genérico.

Essas escolhas, apesar de linguísticas, são também políticas. Pensando a partir da vivência de uma mulher negra, Grada Kilomba (2019) discute a subjetividade na academia apontando que teorias são construídas por pessoas que estão localizadas em algum lugar. Para a autora, pensar sobre quem tem posse e quem valida o conhecimento é um exercício que possibilita perceber como o nosso entendimento do que é ciência e conhecimento se relaciona diretamente com poder e autoridade. Na academia, por muito tempo, os corpos negros ocupavam apenas o espaço de objeto, e nesse lugar eram analisados a partir de um olhar

¹ Cada capítulo tem como título podcasts brasileiros produzidos por mulheres. Fronteiras da Ciência – podcast de divulgação científica vinculado à Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Site: <http://www.ufrgs.br/frontdaciencia/>.

² Nas palavras de Stuart Hall (2003), a maneira como fora proposto por Gramsci e suas percepções de como uma intelectual orgânica deveria atuar: “Por um lado, tínhamos que estar na vanguarda do trabalho teórico intelectual, pois, segundo Gramsci, é dever dos intelectuais orgânicos ter conhecimentos superiores aos dos intelectuais tradicionais conhecimentos verdadeiros, não apenas fingir que se sabe. [...] Contudo, o segundo aspecto é igualmente crucial: o intelectual orgânico não pode subtrair-se da responsabilidade da transmissão dessas ideias, desse conhecimento, através da função intelectual aos que não pertencem, profissionalmente, à classe intelectual” (HALL, 2003, p.207).

científico moldado por uma vivência que é branca (masculina, cisgênero e heterossexual). Ora, se o conhecimento científico vem sendo produzido por pessoas brancas e não há como anular as subjetividades no processo de pesquisar, “o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva e científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de ‘raça’” (KILOMBA, Grada, 2019, p. 53).

A autora salienta que diante desse cientificismo branco, quando pessoas não-brancas se apropriam desse espaço, sua maneira de pesquisar é julgada como muito pessoal, chegando quase a não ser validada como conhecimento. A escolha pela primeira pessoa do singular foi feita para disputar esse espaço. Uma proposta que me possibilite escrever sobre o fenômeno de estudo a partir de como eu o vivencio, afinal foi essa vivência empírica que me trouxe ao objeto. O que é também um desafio, já que se torna um exercício repensar a maneira como descrevo os procedimentos de pesquisa para questionar o que foi ensinado sobre como um texto acadêmico deve ser construído. bell hooks³ (2008, 2019) explica a necessidade de apropriação desse espaço como um processo de transformação dos povos subalternos da posição de objetos para sujeitos da pesquisa.

Nesse processo de pensar sobre a linguagem percebi a contradição de ser uma mulher, escrever sobre mulheres e ter que utilizar masculino para me referir a grupos compostos por homens e mulheres. Em diversas línguas, entre as quais o Português, o gênero gramatical masculino é utilizado como gênero “neutro”, ou seja, como generalizador para as construções gramaticais que devem representar homens e mulheres. De acordo com Mäder (2015), historicamente, a utilização do masculino genérico já foi justificada a partir da noção de que o masculino seria um gênero “mais nobre” do que o feminino. Outra noção, que ainda é utilizada, seria a de que o feminino é “marcado” como representação de mulheres. Essa percepção determina que em construções gramaticais no “feminino” os homens não estariam incluídos, porém, a nós mulheres, também não é garantida a inclusão em construções gramaticais “masculinas”.

Segundo o autor, essa é uma abordagem que desconsidera as relações entre língua e cultura, acrescido ao fato de que ignora a maneira como o machismo permeia todos os aspectos da vida, refletindo, inclusive, numa gramática sexista. Mäder reforça que “quando se utiliza o masculino genérico para denotar o gênero humano, na verdade, estaríamos sempre denotando o humano com um viés masculino, e em alguns casos, denotando apenas o ser humano do gênero masculino” (MÄDER, 2015, p. 111). Grada Kilomba, na introdução à edição brasileira

³ Pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escolhido em homenagem à sua bisavó, a autora utiliza o nome grafado em letras minúsculas, com o objetivo de que seja dada mais importância para suas obras do que a ela como pessoa.

do seu livro *Memórias da Plantação* (2019), explica que sentiu a obrigação de apresentar à leitora de sua obra – escrita originariamente em inglês –, um pequeno glossário de termos que ao serem traduzidos para o português são automaticamente colocados no gênero masculino:

No original inglês, o termo *subject* não tem gênero. No entanto a sua tradução corrente em português é reduzida ao gênero masculino – *o sujeito* –, sem permitir variações no gênero feminino – *a sujeita* – ou nos vários gêneros LGBTTTQIA+ – *xs sujeitxs* –, que seriam identificados como erros ortográficos. É importante compreender o que significa uma identidade não existir na sua própria língua, escrita ou falada, ou ser identificada como um erro. Isto revela a problemática das relações de poder e violência na língua portuguesa, e a urgência de encontrarem novas terminologias (KILOMBA, Grada, 2019, p. 15).

bell hooks (2008) conta a partir da experiência da exploração dos povos negros escravizados a maneira como a língua se tornou uma forma de opressão, mas também de resistência. hooks destaca que ao não questionar a linguagem “nós agimos inconscientemente, em cumplicidade com a cultura da dominação” (HOOKS, bell, 2008, p. 862), e além disso, ressalta o caráter contra hegemônico que essa fala resignificada e reapropriada possui. Hall (2003) também aponta como a ampliação das noções de linguagem e textualidade, sendo evidenciadas também como carregadas de poder e de significados, foi fundamental para um avanço teórico que marcou os estudos culturais (HALL, 2003, p. 211).

Concordo com Kilomba, quando a autora enfatiza os potenciais de opressão que a língua carrega:

A língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana (KILOMBA, Grada, 2019, p. 14).

Considerando uma proposta de academia que deve sempre estar alinhada à sociedade e suas problemáticas, aqui será promovida uma escrita igualitária em termos de gênero. Sempre que possível as construções frasais não irão determinar gênero para generalizações, quando não for possível, como ferramenta de disputa e de enfrentamento, será utilizado o feminino como gênero genérico⁴. bell hooks, quando lançou seu livro “E eu não sou uma mulher?” optou por escrever sobre teoria feminista trazendo para o centro de sua obra as mulheres negras:

Minha postura de colocar as mulheres negras no centro não foi uma ação para excluir as outras; foi, ao contrário, um convite, um desafio para aqueles que nos ouviram falar, para mudar paradigmas ao invés de apropriar, para fazer

⁴ Nas traduções realizadas por mim, em especial do inglês, que em muitos momentos não há a demarcação de gênero, também optei pela tradução para o feminino.

todos os leitores ouvirem a voz de uma mulher negra falando de um assunto, e não como uma desprivilegiada (HOOKS, bell, 2019, p. 51).

Parto dessa mesma lógica, pois ao centralizar o meu trabalho nas mulheres não excluo os homens que também estão envolvidos na produção de podcasts, mas os convoco ao exercício de perceber como o machismo e a misoginia afetam a vida e, conseqüentemente, as produções das mulheres.

Em consideração ao que fora apresentado até o momento, reforço então que a leitora poderá acompanhar o desenvolver dessa pesquisa entendendo todas as nuances e subjetividades que em geral são sublimadas para garantir um ideal de “neutralidade” científica que, como discorreremos, não existe. Conforme Kilomba ressalta, é preciso “uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e de uma realidade específicas – não há discursos neutros” (KILOMBA, Grada, 2019, p. 58).

Logo, dizer de onde esse estudo parte é, sem dúvida, fundamental para que a leitora compreenda como se desenvolveu o interesse de estudar mulheres brasileiras produzindo podcasts e porque essa pesquisa é importante não só para o campo da Comunicação Social, mas também para quem consome e produz podcast.

1. 1 GÊNERO E FEMINISMO(S)

Diante da multiplicidade que significa o movimento e a teoria feminista, tornam-se necessárias demarcações teóricas e epistemológicas que irão orientar a compreensão das análises apresentadas ao longo deste trabalho, ou seja, é importante explicar a que me refiro sempre que faço uso de termos como mulher, mulheres, gênero, feminismo e feminismos. Iniciando este debate, e partindo do fato de que esta pesquisa se propõe a estudar mulheres, cabe reforçar que considero como mulher toda e qualquer pessoa que assim se reivindique, independente de sua estrutura biológica.

Considerando que o fenômeno estudado tem recorte no território Brasileiro, deu-se preferência em trazer para as elaborações teóricas pensamentos e articulações de autoras brasileiras, bem como levar em consideração as particularidades do país que culminam na maneira como os movimentos de mulheres se organizam no presente, embora autoras de outros contextos sociais tenham sido acionadas.

Assim, foi necessário um exercício de pensar a História do feminismo, que em geral é apresentada a partir da perspectiva estadunidense e europeia com a divisão entre “ondas”. Para isto, buscou-se o entendimento de como o feminismo se organizou e se constituiu no Brasil,

dentro e fora da academia, e os desdobramentos desse processo histórico na maneira como mulheres e outros grupos generificados atuam hoje, inclusive as mulheres podcasters.

Os estudos sobre a historicidade do/dos feminismo/feminismo brasileiro/s não serão descritos exhaustivamente no corpo do trabalho a fim de reproduzir a trajetória do movimento, porém alguns pontos apreciados nos levantamentos históricos são importantes de serem demarcados: a definição de que tipo de organização se caracteriza ou não como feminismo (1), a influência do processo histórico Brasileiro enquanto colônia escravista e o contexto de Ditadura Militar que se instaura no país a partir de 1964 (2) e a relação que o movimento feminista brasileiro desenvolveu ao longo do tempo com mídias e meios de comunicação (3).

No desenvolvimento dos levantamentos históricos do movimento feminista, as pesquisadoras escolhem ou não por considerar os movimentos de mulheres ou até mesmo as iniciativas individuais enquanto integrantes do objeto histórico que estão investigando (TELES, Maria Amélia, 1993; PINTO, Céli, 2003; COSTA, Albertina et. al., 2019). Enquanto Maria Amélia Teles (1993) e Albertina Costa et. al. (2019) incluem em suas análises organizações de mulheres ainda durante o século XIX, Céli Pinto prefere organizar o desenvolvimento do movimento a partir de “tendências” que tiveram expressão no feminismo brasileiro. Paula Coruja (2018) vai de encontro a esta perspectiva ao analisar as teses e dissertações produzidas no campo da Comunicação sobre o tema, a autora explica que na seleção de seu *corpus*, diferenciou os estudos sobre mulher/mulheres de estudos que são integrantes de uma teoria feminista e que de fato se preocupam em tensionar as questões de gênero, para ela, estudos feministas sempre apresentam uma “perspectiva estratégica”.

Além da análise e do diagnóstico de uma situação social, há sempre a busca por uma ação transformadora da realidade. Por isso, muito do que é produzido dentro dos estudos feministas, ou no campo feminista dos estudos de gênero, vem associado a uma atividade política militante (CORUJA, Paula, 2018, p. 4).

Adriana Piscitelli (2002) explica que a partir do esvaziamento do conceito de patriarcado, desenvolvido pelas feministas radicais, que se iniciou a elaboração do conceito de gênero. “Ele foi produto, porém, da mesma inquietação feminista em relação às causas da opressão da mulher. [...] as perspectivas feministas que iniciaram o trabalho com gênero mantêm um interesse fundamental na situação da mulher, embora não limitem suas análises ao estudo das mulheres” (PISCITELLI, Adriana, 2002, p. 21). De acordo com Cecília Sardenberg (2004), é a partir da década de 1970 que se começa a utilizar a categoria “mulheres” como cerne dos estudos feminista, até esse período o objeto central dos estudos feministas era “a mulher” (no singular). Mas mesmo assim, a autora destaca que enquanto “mulher” era um ideal, “mulheres” era um objeto empírico, faltando ao feminismo um “objeto formal”. Para ela, a

formulação do conceito de gênero representa um grande avanço, ao trazer para os estudos feministas novas problemáticas, “pois gênero permite-nos abarcar, tanto certas tendências universais em relação ao masculino e feminino, como as especificidades históricas e culturais. Permite-nos pensar ‘a mulher’ e mulheres e homens como construções históricas”. (SARDENBERG, Cecília, 2004, p. 5).

Em um estudo acerca dos processos que permearam a introdução do conceito de Gênero no Brasil, Marília Moschkovich (2018) demonstra as tensões entre a academia e a atuação política das pesquisadoras autoras, bem como a maneira como os estudos de Feminismo/mulheres/gênero adentraram os espaços acadêmicos em duas dinâmicas: ou como tópico de estudos que permeia as diversas disciplinas institucionais e em menor intensidade em centros com o objetivo específico de estudar este(s) tópicos. A autora explica que “Embora seja possível afirmar que o conceito de gênero é a abordagem dominante para analisar uma dimensão específica da vida social na atualidade, uma observação cuidadosa indica que ele não é exatamente unânime” (MOSCHKOVICH, Marília, 2018, p. 38, tradução própria⁵).

Pensando ainda a utilização do conceito de gênero em espaços acadêmicos, Bárbara Machado (2020) explica que há na academia uma disputa sobre a utilização do conceito de gênero entre “aquelas que acreditam que o gênero é útil como categoria história, analítica e relacional, e outras que percebem nele um apagamento das categorias ‘mulher’ e ‘feminismo’ em um termo menos ameaçador para o status quo e, por isso, menos combativo” (MACHADO, Bárbara, 2020, p. 43). Para Cecília Sardenberg (2004) houve, na realidade, uma utilização de “gênero” em pesquisas que nem sempre possuem um direcionamento feminista “chamamos esses estudos de ‘genéricos’; trabalham com gênero, mas não na perspectiva feminista” (SARDENBERG, Cecília, p. 2, 2004).

Marília Moschkovich (2018) apresenta brevemente o percurso histórico que culmina na elaboração do conceito de gênero:

O conceito de gênero pode ser entendido como uma abordagem radical da ideia de que a parte da vida humana a que se refere é uma construção social. Tal ideia foi apresentada teoricamente por autores como Margaret Mead nos anos 1930 e Simone de Beauvoir nos anos 1940/1950, embora usando a mesma palavra - “sexo” - que o discurso comum usa quando se refere aos aspectos biológicos da experiência humana. Essa proposição se fortaleceu quando autoras francesas propuseram o conceito de *rapports sociaux de sexe*, que se traduz em ‘relações sociais de sexo’. Elas sustentavam que, embora as relações sociais fossem cruciais se as ciências sociais quisessem entender as

⁵ Do original: *Although it is possible to affirm that the concept of gender is the dominant approach to analyzing a specific dimension of social life nowadays, a careful observation indicates that it is not exactly unanimous. Gender as a category is quite young and shares space – thus concurring and disputing – with other categories, terms, concepts and theoretical and epistemological perspectives in general.*

relações de poder e desigualdade entre homens e mulheres, elas se baseavam em uma dicotomia sexual biológica ou, como costumavam dizer, na diferença sexual. Quando o conceito de gênero foi formulado e começou a ser discutido, algumas pesquisadoras entenderam que ele poderia questionar toda a ideia de um sexo puramente biológico que antecede o gênero. Essas pesquisadoras, então, desenvolveram o conceito em direção a uma abordagem radical que vê o sexo biológico como um produto do Gênero (MOSCHKOVICH, Marília, 2018, p. 106-107, tradução própria⁶).

A definição de Gênero, conforme a autora propõe, e que adotei ao longo deste trabalho, é a de um processo social que determina e hierarquiza, a partir das diferenças biológicas, os papéis sociais que homens e mulheres devem exercer. Assim, é possível afirmar que as demandas de mulheres e pessoas LGBTQIPA+ questionam diretamente as normas impostas pelo gênero.

A partir deste preâmbulo, reforço que a noção e o entendimento de feminismo que adoto dialoga com o que é apresentado por Sueli Carneiro (2019):

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição leva esses sujeitos a assumir, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, na essência, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso (CARNEIRO, Sueli, 2019, n/p).

Nessa perspectiva, a noção de feminismo que adoto, não apenas no âmbito da pesquisa acadêmica, mas também nas práticas de militância e no dia a dia, é a de um feminismo essencialmente anticapitalista. Tomando a fala de uma das entrevistadas desta pesquisa “o feminismo tem que ser como o título do livro: para os 99%” (Aline KOROGLOUYAN, em entrevista para a autora, 2020), defendo portanto um feminismo que luta pelo fim da LBGTfobia, que é internacionalista, classista, e antirracista, que se impõem diante das tentativas de extermínio da população indígena, que apoia a luta do povo palestino, que defende o direito à moradia na cidade e à terra no campo, ou seja, um feminismo interessado não só na aquisição

⁶ Do original: *the concept of gender can be understood as a radical approach to the idea that the part of human life it refers to is a social construct. Such idea was first theoretically presented by authors like Margaret Mead in the 1930s and Simone de Beauvoir in the 1940s/1950s, although using the same word – “sex” – that common discourse used when referring to biological aspects of the human experience. This proposition became stronger when French authors proposed the concept of rapports sociaux de sexe, which translates to “social relations of sex”. They maintained that, while social relations were crucial if social sciences wanted to understand relations of power and inequality between men and women, they were nevertheless based on a biological sexual dichotomy or, as they used to say, sexual difference. When the concept of gender was formulated and started being discussed, some researchers understood that it could potentially question the whole idea of a purely biological sex that precedes gender. These researchers, then, developed the concept towards a radical approach that sees biological sex as a product of Gender.*

de direitos e de ascensão social para um grupo específico de mulheres, mas um feminismo que segue vinculado a um projeto amplo de transformação social.

1.2 O ENCONTRO COM O FENÔMENO DE PESQUISA

Em consideração a esse cenário que fundamenta de que maneira construo o pensamento teórico/científico, é importante salientar que cheguei ao estudo das mulheres produtoras de podcast a partir da relação com essa mídia, primeiro como ouvinte e logo depois como produtora. Após dois anos consumindo podcasts e inclusive tendo dificuldade em encontrar programas cuja abordagem política me agradasse, em 2015 conheci o *AntiCast*⁷ (AC), programa que desde 2013 oferecia às ouvintes que contribuíssem em sua plataforma de financiamento colaborativo de apoio recorrente⁸ a possibilidade de participar de um grupo secreto no Facebook a “Cracóvia do AntiCast”. O grupo era um espaço para a interação entre as ouvintes do programa, que discutiam os episódios, a mídia podcast em geral, e outros conteúdos.

As integrantes da Cracóvia começaram a produzir um podcast colaborativo, *o É Pau, É Pedra*⁹ (EPEP), que atualmente funciona como uma incubadora de podcasts, com vários *spin-offs* publicados no mesmo *feed*. Além disso, o EPEP funcionou como escola para diversas pessoas que depois lançaram seus próprios programas, inclusive eu, que a partir das experiências editando voluntariamente um dos programas da casa pude começar a editar outros programas com remuneração. Em julho de 2018 o grupo deixou de ter uma vinculação direta com o AntiCast, passando a ser auto gerenciado. O envolvimento na comunidade formada entre as ouvintes do AntiCast foi tão grande que desenvolvi o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo sobre o AC. Como método, optei pela Netnografia¹⁰, onde me dediquei a entender se o perfil das integrantes da Cracóvia era similar ou não ao perfil das ouvintes brasileiras de podcast que era retratado nos resultados das PodPesquisas¹¹.

O processo de aprofundar a relação com o podcast como ouvinte, produtora e pesquisadora aconteceu simultaneamente, e o contato com esses dados e as vivências como

⁷ Podcast produzido por Ivan Mizanzuk desde 2011, de acordo com o próprio site é um podcast sobre “política, história, artes e qualquer outra forma de subversão”, atualmente o programa é vinculado à Half Deaf uma produtora de podcasts brasileira. Site: <https://anticast.com.br/>.

⁸ Nesse tipo de plataforma as ouvintes do programa contribuem financeiramente todos os meses, é a forma de financiamento mais comum entre os podcasts brasileiros que não têm vinculação com veículos da mídia tradicional.

⁹ Podcast colaborativo sobre temas diversos: <https://soundcloud.com/paupedra>.

¹⁰ Tipo de pesquisa que aplica os procedimentos da Etnografia à grupos e comunidades online. O precursor desse ramo etnográfico é o autor Robert Kozinets.

¹¹ Pesquisa de levantamento de dados demográficos de ouvintes e de preferências relacionadas à mídia *podcast* no Brasil realizada desde 2008. Mais detalhes no Capítulo 1 – tópico 1.4.

produtora foram fundamentais para o despertar desta pesquisa. Foi possível perceber empiricamente e também pelos dados das PodPesquisas uma proporção muito maior de homens do que de mulheres ouvintes de *podcast* no Brasil¹². Nesse contexto, a maior inquietação diante do objeto de estudo era a de tentar entender como as mulheres que produzem os *podcasts* mais escutados no Brasil percebem e/ou vivenciam os movimentos feministas¹³, considerando que esses movimentos lutam pela igualdade de gênero em todas as esferas sociais, inclusive pelo acesso à tecnologia – como produtoras e consumidoras.

Nas incursões iniciais que realizei nos estudos sobre mulheres e tecnologias notei que a brecha digital de gênero, conceito que será aprofundado no Capítulo 3, é uma teoria que tenta explicar como e porque mulheres acessam em menor grau às tecnologias de seu desenvolvimento à sua utilização. Apesar de compreender a existência da brecha, tanto pelos dados das PodPesquisas, quanto pelos levantamento do *corpus* para este trabalho, aqui seguiremos com uma abordagem que segundo Nuria Vérges (2013) vêm cada vez mais ocupando a centralidade dos estudos sobre mulheres e tecnologia, as investigações sobre os movimentos de autoinclusão. Essa abordagem se preocupa em analisar os espaços onde as mulheres são agentes ativas em suas entradas e permanências nas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), contribuindo também para sua transformação.

Nesse sentido, as mulheres desenvolvem estratégias de aprendizagem formal e informal, realizam seus próprios projetos de TIC, mudam-se de um lugar para outro ou de um emprego para outro para avançar, se promover, colaborar e compartilhar conhecimentos, buscar empregos e novos projetos de TIC, se auto regulam e equilibram as várias esferas da vida, participam de coletivos, criam redes entre si e outras pessoas ou coletivos, bem como fazem e desfazem gêneros e TICs no processo (VÉRGES, Nuria, 2013, p. 24, tradução da autora¹⁴).

Diante dessa preocupação em entender não apenas como e porque mulheres e homens consomem podcasts de formas distintas, também procuro entender como as produtoras de podcast desenvolvem ações dentro da mídia. Assim, meu objetivo geral gira em torno de compreender quais as características da resistência feminista construída na pódosfera brasileira

¹² Os dados serão detalhados no Capítulo 1 – tópico 1.4.

¹³ Cabe salientar que ao se definir enquanto feminista a entrevistada poderá estar se referindo ao feminismo como um movimento social, um pensamento teórico/acadêmico ou até mesmo a um ativismo praticado esporadicamente. Dessa maneira a noção de feminismo, feminismos ou movimentos feministas que cada uma das mulheres apresentar será considerada.

¹⁴ Do original: *En este sentido las mujeres desarrollan estrategias de aprendizaje formales e informales, emprenden sus propios proyectos TIC, se mueven de un lugar a otro o de un trabajo a otro para avanzar, se autopromocionan, colaboran y comparten conocimientos, buscan trabajos y nuevos proyectos TIC, se autorregulan y equilibran sus diversas esferas de vida, participan en colectivos, crean redes entre ellas y otras personas o colectivos, así como van haciendo y deshaciendo géneros y TIC en el proceso.*

pelas mulheres podcasters, assim como os obstáculos que se apresentam fixados nas desigualdades dentre os gêneros.

Os objetivos específicos: explorar o *podcast* como um fenômeno comunicacional para entender e desenvolver relações entre suas características históricas, tecnológicas e culturais, em especial no Brasil (I); delimitar o perfil das produtoras dos podcasts mais ouvidos no Brasil segundo a PodPesquisa (II); entender a relação que essas mulheres estabelecem com o podcast, seja em uma perspectiva mais emocional e subjetiva ou estritamente científica e profissional (III), compreender as principais dificuldades enfrentadas por elas no processo de produção dos programas (IV) e identificar a maneira como as mulheres podcasters percebem e vivenciam a podosfera buscando espaços de resistência (V).

Para orientar o desenvolvimento das hipóteses de pesquisa foram considerados fatores oriundos de pesquisas anteriores sobre o fenômeno, além de estudos sobre como marcadores sociais como gênero, raça e classe operam sobre a vida de mulheres em diversas situações. Mesmo que o podcast já tenha sido caracterizado como de fácil acesso que, em tese, permite a qualquer pessoa consumir e produzir conteúdo, é necessário, para isso, recursos como acesso à internet, computador, microfone, além de conhecimentos sobre produção de conteúdo, edição de áudio e hospedagem em sites. Do mesmo modo, produzir um podcast demanda tempo e dedicação.

Quando consideramos as lógicas de reprodução social¹⁵ que são posicionadas como responsabilidade das mulheres, avaliamos que o recurso do tempo possivelmente seja o que mais dificulta a dedicação delas à produção continuada de podcasts ou qualquer outro projeto paralelo aos seus trabalhos remunerados. Além disso, também percebemos que, apesar da diferença na quantidade entre ouvintes homens e mulheres, existem campanhas¹⁶ de mulheres que buscam se inserir como produtoras da mídia, divulgar seus trabalhos e incentivar que outras mulheres também produzam podcasts. Diante disso, atribuir a pouca presença de mulheres consumindo e produzindo podcast a uma falta de afinidade delas com a mídia seria uma análise redutora.

Dessa maneira, apesar de este estudo não ter uma hipótese de pesquisa estritamente formulada, conseguimos elaborar pressupostos, ou pontos de partida, acerca das mulheres produtoras de podcast. Acreditamos que apesar das dificuldades enfrentadas, elas possuem condições materiais e intelectuais de se inserirem como produtoras de conteúdo online. Estudos realizados sobre o podcast e seus ouvintes no Brasil (FREIRE, 2015) a partir das PodPesquisas

¹⁵ Conceito será abordado no Capítulo 3.

¹⁶ As campanhas são descritas detalhadamente no Capítulo 1 – tópico 1.4.

concluíram uma padronização no perfil dos ouvintes em sua grande maioria como homens brancos com acesso ao Ensino Superior e moradores das regiões Sul e Sudeste. Acreditamos que o mesmo perfil pode se repetir quando o olhar for direcionado apenas para as mulheres. Em outras palavras, temos como principal hipótese que, apesar da importância de que mulheres produzam conteúdo em paridade com os homens, acreditamos que as desigualdades de gênero – provavelmente somadas a outros marcadores sociais, como raça, classe e orientação sexual – tornam menos acessíveis às mulheres os meios de produção necessários para garantir essa equidade quantitativa e qualitativa. Quanto à relação dessas mulheres com os feminismos, acreditamos que aquelas que se identificam como feministas deixam isso explícito em seus programas, ou ainda que procuram, em alguma medida, fazer com que as ouvintes reflitam sobre essas questões.

No *Capítulo 2 – Olhares*, apresento um levantamento bibliométrico realizado a partir de artigos sobre podcast publicados nos Anais dos Congressos da Sociedade Brasileira de Comunicação Social (Intercom) entre os anos de 2004 e 2019. Estudo que foi fundamental para responder questionamentos teóricos sobre a relação do podcast com o rádio e sua capacidade de democratizar o acesso à informação. O *Capítulo 3 – Feito por elas* é onde são descritos detalhadamente os procedimentos metodológicos utilizados para a seleção das fontes e coleta de dados. No *Capítulo 4 – O Podcast é Delas*, apresento a análise dos dados obtidos em campo por meio das entrevistas e suas devidas interpretações teoricamente fundamentadas. Nas *Considerações Finais – Ponto G* discuto de maneira concreta os resultados obtidos em campo bem como os possíveis desdobramentos deste estudo.

2 OLHARES¹⁷

“A tecnologia não é neutra. Estamos dentro daquilo que fazemos e aquilo que fazemos está dentro de nós. Vivemos em um mundo de conexões – e é importante saber quem é que é feito e desfeito”.

– Donna Haraway

Diferente de outras mídias, sejam elas tradicionais ou digitais, a definição de podcast ainda não é um consenso entre as autoras e estudiosas desse fenômeno. Dessa maneira, o processo de construção de seu conceito perpassa discussões teóricas que necessitam atenção. O primeiro passo para essa investigação foi a realização de um levantamento bibliométrico das publicações sobre podcast nos Anais dos Congressos da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação¹⁸. A escolha dessa plataforma para seleção das pesquisas se deu pela credibilidade da Instituição e por entender a importância da presença de pesquisadoras em diversos níveis de formação, desde graduandas a pós-doutoras, garantindo uma perspectiva mais ampla e democrática.

Além de observar questões relacionadas às quantidades de artigos publicados por ano e em quais Divisões Temáticas esses trabalhos foram submetidos, os observei em uma perspectiva teórica a partir das discussões sobre a condição do podcast como um fenômeno da comunicação para entender sua relação com o rádio e a maneira como o podcast é trabalhado, considerando a democratização da comunicação. Em outras palavras, busquei através desses trabalhos a resolução de dois principais questionamentos iniciais teóricos de pesquisa: o podcast é rádio? E o podcast democratiza a comunicação?

O *corpus* de análise foi delimitado em 78 artigos dos quais 45 foram publicados nos congressos nacionais e 33 nos regionais. A seleção foi feita no site da Intercom pelos trabalhos, inclusive os submetidos à categoria Intercom Jr., que tinham a palavra “podcast” no título, no resumo ou nas palavras-chave. O recorte temporal foi de 2004¹⁹ (ano de criação do podcast) a 2019 (ano de realização das últimas edições dos congressos), e os trabalhos foram classificados com o auxílio do software de codificação de dados PSPP²⁰.

Aspecto bastante destacado entre os trabalhos encontrados, mas também a partir da empiria adquirida na podosfera²¹ é a espera pelo “Ano do Podcast” no Brasil, o momento em

¹⁷ Olhares Podcast – programa feminista que tem como objetivo debater os diferentes pontos de vista que integram esse movimento. Site: <http://olharespodcast.com.br/>.

¹⁸ Fundada em dezembro 1977 por professores da Faculdade Cásper Líbero em São Paulo, a Intercom promove anualmente um congresso nacional e congressos regionais em todo país.

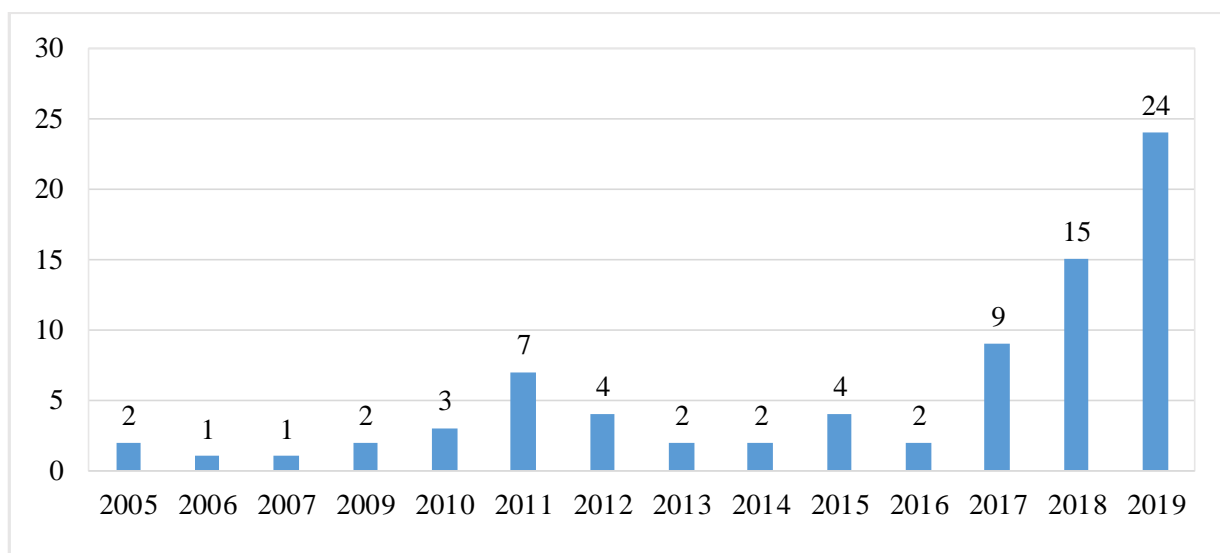
¹⁹ Quanto aos Anais dos congressos regionais, o site da Intercom disponibiliza apenas a partir do ano de 2009.

²⁰ Programa de análise de dados estatísticos.

²¹ O universo/comunidade dos produtores e ouvintes de podcast.

que a mídia supostamente irá se popularizar. Podemos ser positivas quanto a essa popularização, ao menos na Intercom. Observando o gráfico 1 é perceptível que as publicações nunca foram tão recorrentes quanto nos últimos dois anos, passa-se de 2 artigos publicados em 2005 para 24 publicados em 2019.

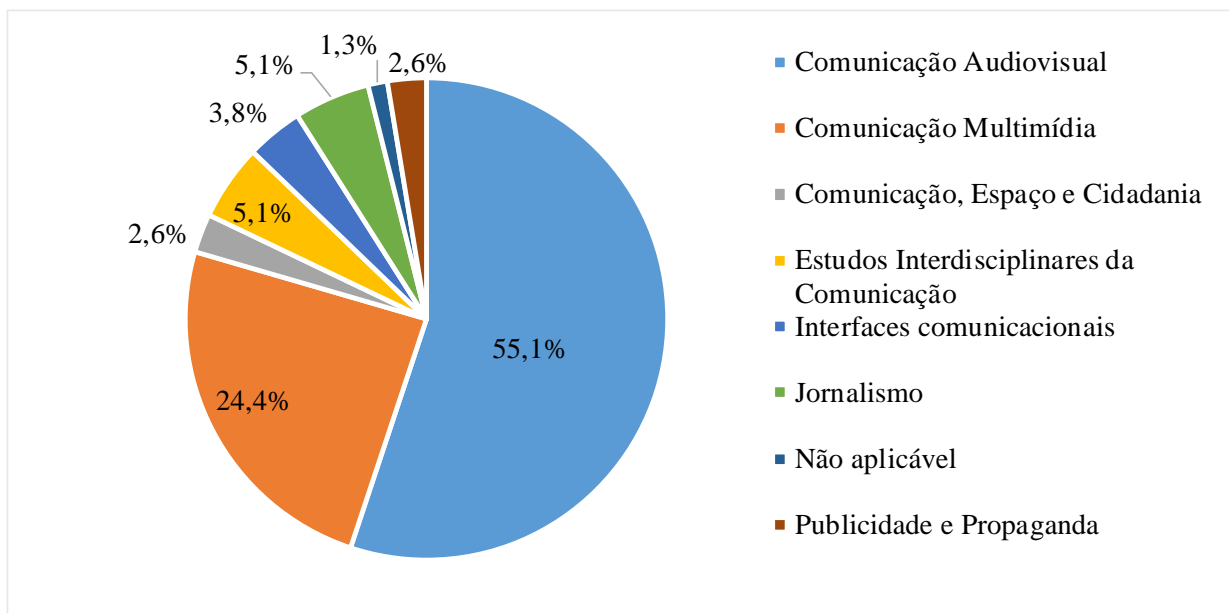
Gráfico 1 – Artigos sobre podcasts publicados na Intercom entre 2005 e 2019.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A Intercom se organiza a partir de Divisões Temática (DT) que agrupam os Grupos de Pesquisa (GPs). Segundo o artigo V das normas regimentais dos GPs da Intercom, o objetivo da organização em DTs é “aglutinar todos os trabalhos apresentados nas mais diversas modalidades dos Congressos da Intercom em eixos principais de análise, facilitando a organização e a logística de operação de todas essas atividades” (INTERCOM, 2020, n/p.) A criação das DTs ocorreu em 2008, dessa forma, os artigos que se encontravam com classificação desatualizada por conta do ano, foram realocados nas DTs em que se encaixariam atualmente, no gráfico 2 temos a distribuição dos artigos por DT.

Gráfico 2 – Distribuição dos artigos por Divisão Temática.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

As duas Divisões Temáticas que mais receberam trabalhos com o foco em questão foram a DT de Comunicação Audiovisual (55,1%) e Comunicação Multimídia (24,4%). A DT 4 – Comunicação Audiovisual agrupa os estudos teóricos, metodológicos e históricos sobre as mídias e campos audiovisuais (cinema, televisão, fotografia e rádio), também estão inseridos os estudos sobre “línguas, técnicas, estética e questões éticas que envolvem a comunicação audiovisual” (INTERCOM, 2020, n/p). Pouco mais da metade dos artigos sobre podcast estão agrupados nessa DT, não por coincidência é aqui que se encontra o GP de Rádio e Mídias Sonoras.

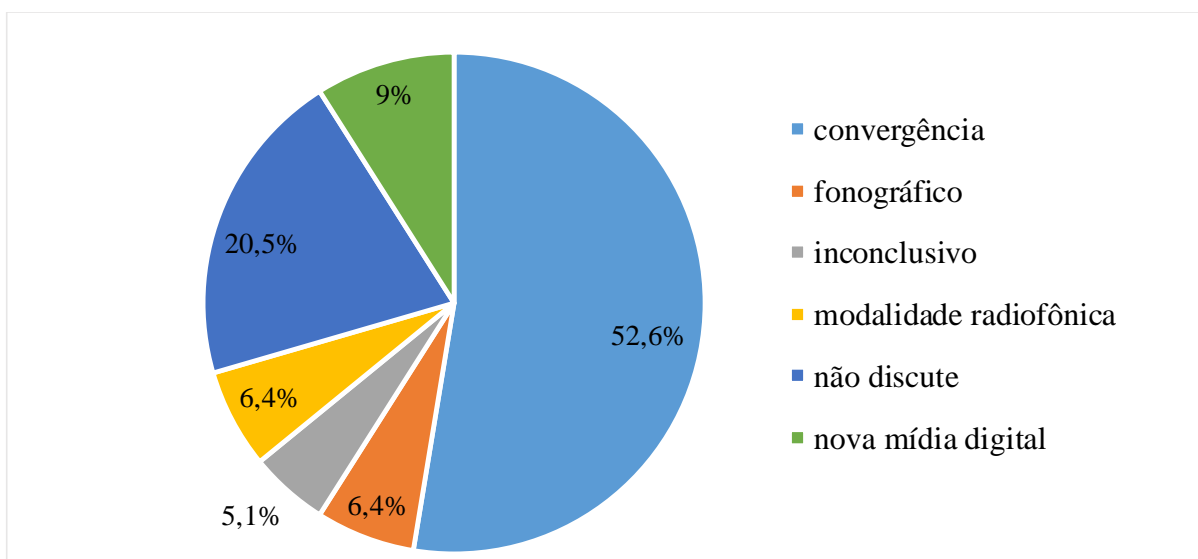
A segunda DT com mais trabalhos publicados é a DT 5 – Comunicação Multimídia (24,4%), nesta Divisão Temática, as pesquisas abordam as “práticas comunicacionais desenvolvidas em ambientes multimidiáticos e convergentes” (INTERCOM, 2020, n/p), é nessa DT que estão agrupados os GPs de Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas e o de Comunicação e Cultura Digital. Ao longo deste capítulo apresentarei algumas análises obtidas a partir das relações entre meus questionamentos teóricos e a presença dos artigos nas DTs.

Caracterizar ou não o podcast como rádio é um dos pontos mais controversos entre quem estuda, consome e produz podcasts. Exemplo disso é o fato de que quase 80% dos artigos publicados na Intercom, no período estudado, dedicaram algum espaço para discutir essa questão. Já que a resolução deste questionamento não é central para a pesquisa, trago de forma

breve, apenas para justificar a partir de quais fontes partem a caracterização de podcast que adotamos aqui.

A partir da leitura de cada trabalho foi possível agrupá-los em categorias teóricas de acordo com a maneira como as autoras caracterizam o podcast e sua relação com o rádio. As categorias encontradas foram: Modalidade radiofônica, Produto da convergência, Nova mídia digital e Produto fonográfico. No gráfico 3 observamos a distribuição dos trabalhos por categoria.

Gráfico 3 – Distribuição dos artigos em sua relação com o rádio.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

A maioria dos artigos considerou o podcast como um *Produto da convergência* (52,6%) e ressalta a maneira como o podcast é resultado do processo de convergência das mídias, um produto/mídia/ferramenta que é híbrida entre rádio e as possibilidades da internet. Para essas autoras, a maneira como o consumo e produção de conteúdos sonoros foi alterada pela internet faz parte desse processo tecnológico e cultural e, em geral, destacam que no processo de apropriação de características a linguagem e os efeitos radiofônicos são os elementos mais utilizados nos podcasts. Nessa perspectiva, Rute Freitas e Livia Silva (2018) reforçam que o “podcast não é rádio, mas adota características desse meio, como a narrativa descritiva, o uso da entonação, músicas e vinhetas” (FREITAS, Rute; SILVA, Livia, 2018, p. 4).

Concordamos com esta perspectiva que enquadra o podcast como um produto da Convergência. Concluí que se atribuímos ao processo de Convergência Midiática a origem do podcast, é fundamental reconhecer a influência do rádio nesse processo de junção de potencialidades. A internet entra nesse envoltório como ferramenta e como um novo ambiente que passamos a integrar e construir relações diariamente. O rádio contribuiu com a linguagem,

criando um novo produto, uma mídia resultado de um contexto com o qual nós ainda estamos aprendendo a lidar, seja como produtora, consumidora ou pesquisadora. Essas reflexões são relevantes e nortearão as seguintes etapas desse estudo.

2.1 ENTENDENDO O PODCAST

Depois de refletir sobre a origem do podcast, torna-se menos ambígua a construção de um conceito, bem como mais fluido o movimento de elaborar uma apresentação de seu desenvolvimento histórico enquanto um processo comunicacional. Dessa maneira, propomos que o podcast²² é um fenômeno digital oriundo da convergência entre o rádio e as possibilidades da internet que se caracteriza pela produção, distribuição e consumo de arquivos sonoros online. Mas, conforme veremos ao longo deste trabalho, a distribuição e consumo dos programas é resultado e também impulsionador de outras ações sociais que permitem diversas conexões (profissionais, pessoais, políticas, emocionais e etc.) entre produtoras e ouvintes ao redor mundo.

A técnica de distribuição de conteúdo que foi denominada podcasting surgiu nos Estados Unidos, em 2004, a partir da combinação de ferramentas que na época já eram utilizadas em blogs e portais de notícias que é o download automático do conteúdo assinado pelo ouvinte: o feed RSS (Really Simple Syndication). Segundo Assis e Luiz (2010), em 2003 Dave Winer desenvolveu esse sistema para que o jornalista Christopher Lyndon pudesse disponibilizar uma série de entrevistas na internet, o podcasting surgiu quando Adam Curry “desenvolveu uma forma de transferir o áudio disponibilizado através do RSS para o agregador iTunes a partir de um script de Kevin Marks” (MACK e RATCLIFF, 2007, apud ASSIS e LUIZ, 2010, p. 3). A partir de então, foram desenvolvidas outras formas de transferir os áudios para outras plataformas reprodutoras de áudio, além do computador e do iPod.

Para tornar ilustrativo o entendimento de como se organiza a distribuição de um podcast é possível realizar uma analogia com a produção de conteúdo no YouTube. Pessoas criam contas na plataforma de vídeo da Google Inc. e em uma periodicidade regular disponibilizam vídeos que podem ser acessados gratuitamente. Algo similar ocorre com os podcasts. A diferença está na grande quantidade de plataformas reprodutoras disponíveis para que cada ouvinte escolha a de sua preferência, já que com a difusão dos smartphones tornou-se comum o uso de aplicativos chamados agregadores que são instalados apenas para a reprodução de

²² A palavra podcast é a junção de dois termos em inglês “pod” de iPod – reprodutor de músicas da Apple – e “Broadcast” – difusão de conteúdo em larga escala. Apesar de trazer em seu nome o iPod, os podcasts desde de sua criação já podiam ser escutados em computadores e em outros dispositivos reprodutores de música.

podcasts. Nesses aplicativos a usuária monta uma espécie de galeria com os programas pelos quais se interessa e o download é feito automaticamente assim que um novo episódio é disponibilizado. No Brasil, de acordo com Luiz e Assis (2010), o primeiro podcast surgiu ainda em 2004, criado por pessoas que já produziam conteúdo em blogs e sites, e só posteriormente começaram a ser incorporados por veículos da mídia tradicional. Apesar de o formato de podcasts que mais se difundiu no Brasil ser o de mesa redonda, onde pessoas se reúnem para discutir um determinado assunto, a produção, o formato e o conteúdo dos podcasts são flexíveis. As possibilidades que a convergência traz ao conteúdo sonoro permite que as produtoras tenham liberdade para criar programas que inovam a linguagem que já era conhecida no rádio tradicional.

Um estudo realizado por Sylvia Chan-Olmsted e Rang Wang (2020) com ouvintes estadunidenses demonstra como o consumo de podcast pode variar diante de múltiplos contextos:

[...] o público do podcast é diversificado internamente, com os ouvintes domésticos mais ativos buscando informações e entretenimento, e os ouvintes mais ritualizados fora de casa que valorizam a mobilidade e o controle. Enquanto os ouvintes movidos por motivos afetivos e de entretenimento consomem mais intensamente, aqueles movidos por motivos cognitivos e informativos exibem níveis mais elevados de envolvimento e comprometimento de longo prazo (CHAN-OLMSTED, Sylvia; WANG, Rang, 2020, p. 17, tradução da autora²³).

Aqui a maioria dos podcasts independentes se sustenta por meio das contribuições mensais realizadas pelas próprias ouvintes em plataformas de financiamento colaborativo recorrente, mas tem sido cada vez mais comum a prática dos anúncios publicitários e outras formas de parcerias com empresas. O cenário da mídia no Brasil muda constantemente, com a entrada e o investimento das plataformas de streaming de música na produção e distribuição dos programas, o público ouvinte de podcasts se torna cada vez mais diversificado.

No contexto brasileiro, o Spotify²⁴ tem investido cada vez mais nos podcasts, como explica Ellis Silva (2020), a empresa percebe o segmento como rentável. De acordo com os dados de acesso disponibilizados pelo Spotify, enquanto no fim de 2019 cerca de 16% de seus usuários mensais ouviam podcasts, em 2020 a porcentagem subiu para 19%. “Em 2020, como

²³ Do original: *the podcast audience is internally diversified, with the more active home listeners seeking for information and entertainment, and the more ritualized out of home listeners who value mobility and control. While listeners driven by affective, entertainment motives consume more intensively, those driven by cognitive, informational motives exhibit higher levels of long-term engagement and commitment.*

²⁴ Empresa sueca criada em 2006 que chega ao Brasil em 2014. A empresa funciona com o formato de streaming de músicas, rádios, podcasts e em alguns casos de vídeos. Funciona combinando uma versão gratuita com anúncios e recursos limitados e assinatura paga que permite, inclusive, o download dos conteúdos para consumo offline.

resultado, [o *Spotify*] atingiu a marca de 1 milhão de podcasts disponíveis. Mais de 60% deles são conteúdo proveniente do aplicativo Anchor, serviço para criação e distribuição de podcasts que a companhia adquiriu em 2019” (SILVA, Ellis, 2020, p. 04).

Em novembro de 2019, foi organizado em São Paulo o “Spotify for Podcasters Summit”, evento que segundo a empresa reuniu mais de mil pessoas entre produtoras, ouvintes e empresas para discutir sobre produção, monetização e outros aspectos relacionados à mídia (SPOTIFY, 2019). A empresa também tem investido na produção de novos programas exclusivos da plataforma bem como na realização de parcerias com programas que têm uma produção independente, mas que só podem ser escutados dentro da plataforma.

Andrea Amorim e Maria Araújo (2021) acreditam que um dos pontos que contribuíram para a popularização dos podcasts no Brasil é a entrada dos meios de comunicação tradicionais na produção, em agosto de 2019 a Rede Globo lançou nove podcasts da casa que são divulgados durante a programação. Outro grande investimento realizado pela emissora aconteceu em janeiro de 2021 durante o evento *Audioday*²⁵, ao anunciar parcerias com podcasts para a disponibilização de programas na Globoplay, a plataforma de *streaming* do grupo, com mais de 80 programas disponíveis no catálogo.

Além da reprodução dos podcasts da Globo que já eram produzidos, outro investimento foi a integração de podcasts que já são consolidados entre o público, que passaram a ser patrocinados e promovidos exclusivamente pela Globo, como o caso do *Mamilos* e do *Braincast*, que apesar de continuarem disponíveis em todas as plataformas e a produção de conteúdo continuar sendo de responsabilidade do B9. A empresa investiu ainda na produção de podcasts apresentados por influenciadores digitais que discutem humor e entretenimento, especialmente no Twitter.

Diante deste cenário efêmero que envolve questões técnicas e sociais da produção de conteúdo, esbarrei na segunda questão teórica dessa pesquisa que será refletida no tópico posterior: teria o podcast a capacidade de democratizar a comunicação?

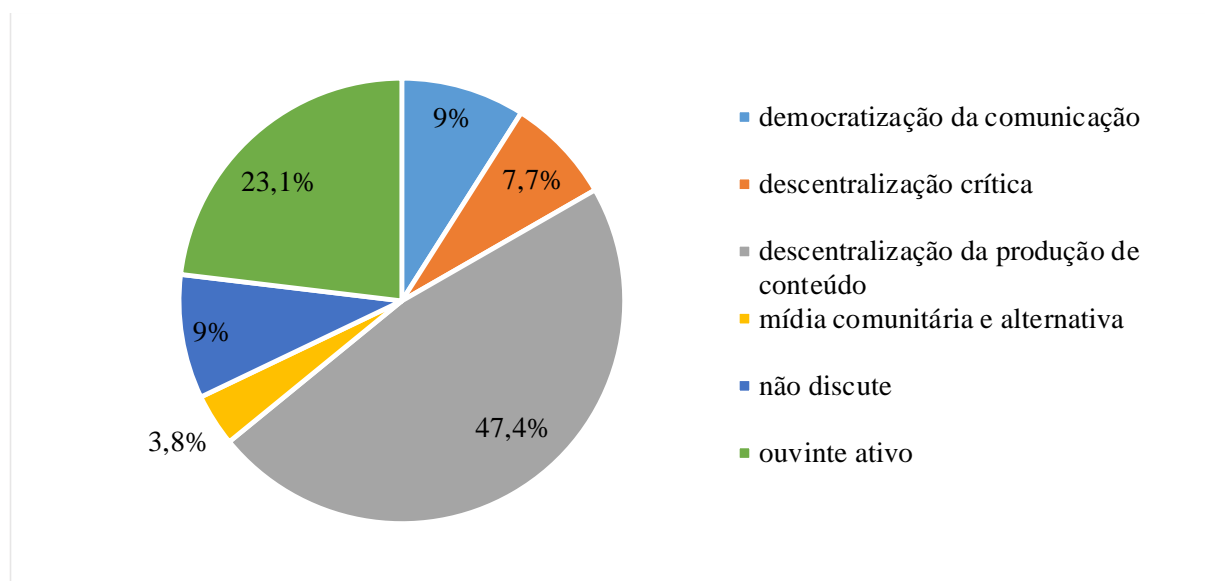
2.2 O PODCAST DEMOCRATIZA A COMUNICAÇÃO?

Retomando as análises dos trabalhos da Intercom, me dediquei a uma leitura dos artigos pretendendo perceber se as autoras consideram ou não que o podcast é uma ferramenta que permite a democratização do acesso à informação e à comunicação. Durante as leituras percebe-se que outros aspectos relativos às teorias da comunicação foram aplicados ao podcast pelas

²⁵ Link de acesso para a transmissão: https://www.youtube.com/watch?v=9uDN_-kKn9s&ab_channel=Globoplay

pesquisadoras. As categorias encontradas foram²⁶ Democratização da comunicação, Descentralização da produção de conteúdo, Ouvinte ativa, Mídia Comunitária e Alternativa e Descentralização crítica.

Gráfico 4 – Distribuição dos artigos por características



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Apenas três trabalhos definiram o podcast como uma *Mídia comunitária e alternativa* (3,8%). Dois destes condicionam essa característica à sua aplicação como ferramenta jornalística “o podcast jornalístico como produto midiático inserido na programação de uma rádio comunitária pode sim existir, como tecnologia alternativa e comunitária” (BITO, Noemia; SANTOS, 2011, p. 14). Já Santos e Lisiane Aguiar (2019) defendem que um podcast pode ser caracterizado como alternativo e comunitário se o programa for construído com o objetivo de ser antropofágico²⁷ de maneira que o podcast “auxilia a problematizar alternativas para o campo sonoro, enquanto a antropofagia nos permite pensar metodologicamente o processo de construção sonora” (SANTOS; AGUIAR, Lisiane, 2019, p. 3).

Os trabalhos classificados em *Ouvinte ativa* (23,1%) enfatizam a mudança na postura entre as ouvintes de rádio e as de podcast, preocupando-se em evidenciar que estas últimas possuem maior poder para selecionar o que, onde e quando irão consumir, destacam a maneira como os conteúdos são produzidos para atender a uma demanda específica do público. Os artigos caracterizam o podcast como uma mídia que: “permite que o conteúdo seja consumido

²⁶ No Apêndice B a leitora encontra uma tabela com a lista de trabalhos e sua classificação quanto à democratização da comunicação.

²⁷ Movimento Antropofágico: Corrente do Modernismo brasileiro, criada pelo poeta Oswald de Andrade e pela pintora Tarcila do Amaral.

sob demanda pelo ouvinte-internauta, o que implica em uma iniciativa do consumidor de informação para buscá-la” (TEIXEIRA, Leandra; GOULART, Júlia; KROTH, 2018, p. 8).

Os artigos classificados na categoria *Descentralização crítica* (7,7%) entendem a abertura que o podcast pode dar a uma democratização ou descentralização da produção de conteúdo, mas questionam a quem esse acesso está disponível. Para Barbosa e Moreira (2015), para ter acesso ao podcast existe “a dependência da internet que pode não estar acessível a todos” (BARBOSA, MOREIRA, 2015, p. 8). Aqui as autoras têm uma maior preocupação em compreender os fenômenos da comunicação para além da evolução tecnológica e digital, “optamos por uma visão menos positivista, em contraposição ao tecnodeterminismo, que vê na tecnologia a causa das transformações sociais” (PORTO, Adriana, 2012, p. 12).

Na categoria *Democratização da comunicação* (9%) estão somente trabalhos que apontam para características similares às das categorias ouvinte ativa e descentralização do conteúdo, mas demarcam explicitamente a crença no podcast como uma ferramenta para democratização. Enquanto Neusa Carneiro e Maria José Baldessar (2015) ressaltam que a democratização é percebida a partir da facilidade em produzir conteúdo, Laís Fernandes e Christina Musse (2017) destacam essa característica do podcast ao abordar conteúdos que são ignorados pelas mídias tradicionais:

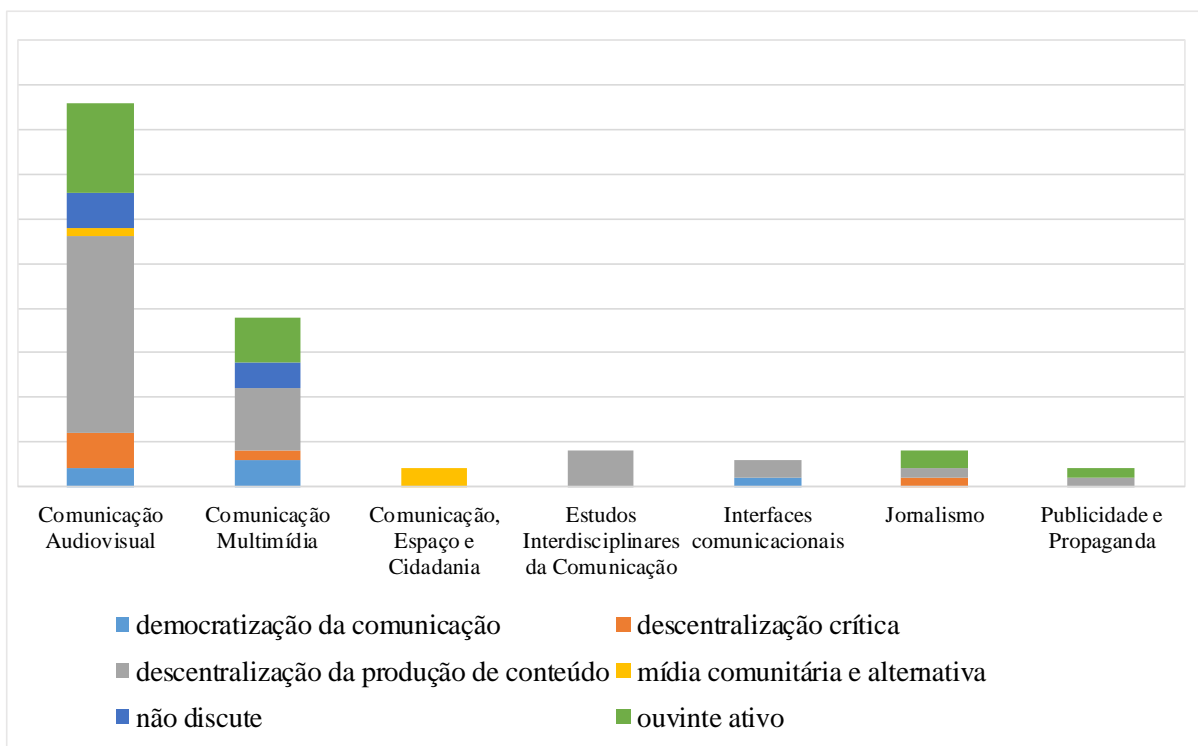
A democratização da informação ganha força neste cenário, além de agregar novas ferramentas, disponibilizadas pelas plataformas on-line, para atrair e fidelizar seu público. Ao mesmo tempo, a maior visibilidade, interesse e aderência do público em relação ao podcast demonstra seu impacto e sua importância como narrativa, que é capaz de ecoar, esclarecer e reforçar conceitos forjados e observados dentro da própria sociedade (FERNANDES, Laís; MUSSE, Christina, 2017, p. 5).

A categoria mais encontrada foi a *Descentralização da produção de conteúdo* (47,4%), que fala diretamente sobre o eixo técnico da produção de conteúdo. Os trabalhos presentes nessa categoria ressaltam o potencial do podcast como uma mídia que pode ser produzida por qualquer pessoa, com baixo custo e que é facilmente acessada na internet. Aqui também se discute o modo como as relações entre produtora e ouvinte se estreitam, de maneira que implica na suavização da fronteira entre quem produz e quem consome conteúdo. Os 9% de artigos classificados na categoria *não discute, não* apresentam considerações relativas à democratização ou a outro aspecto relacionado à comunicação e nem possuíam características em comum que poderiam gerar outros grupos de classificação.

No gráfico 5 nota-se que a noção de descentralização da produção de conteúdo permanece diluída entre todas as Divisões Temáticas, exceto na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania, onde todos os trabalhos inscritos tratam o podcast como uma mídia comunitária e

alternativa. Essa DT tem foco nas relações entre produção e consumo de comunicação por organizações populares e movimentos sociais, “no âmbito local, regional e internacional, frente à mundialização dos mercados e das culturas, na perspectiva da cidadania, do desenvolvimento e das geografias da comunicação” (INTERCOM, 2020, n/p).

Gráfico 5 – Distribuição das características por DT.



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Para entender porque é tão expressiva a empolgação com as possibilidades não só do podcast, mas também de outras mídias digitais, é fundamental compreender as problemáticas enfrentadas pelo setor de radiodifusão no Brasil. Aqui, a possibilidade de distribuir conteúdo pelos aspectos de frequência é considerada um bem público que é cedido pelo Estado a empresas privadas para oferecerem esse serviço à população. Porém, segundo Miriam Wimmer e Pieranti (2009), as concessões de radiodifusão não são tratadas como os outros bens públicos no sentido da falta de regulamentação e fiscalização.

Analisando a questão da diversidade de fontes de informação, Pieranti e Deborah Zouain (2006) demarcam a importância da garantia que a distribuição dos aspectos de frequência da radiodifusão não seja concentrada em posse de poucos grupos. Para as autoras, “os critérios das outorgas de concessões estão, assim, diretamente ligados à possibilidade de existência de fontes alternativas de informação” (PIERANTI; ZOUAIN, Deborah, 2006, p. 7). Porém, mesmo que seja proibida a formação de oligopólios, as empresas de mídia utilizam brechas na lei para empregar estratégias e formar conglomerados de mídia que se estendem por todo o país, além

de outra estratégia comum: a propriedade cruzada, que consiste na posse de diferentes meios de comunicação (rádio, TV, jornal, revista, etc.) pelo mesmo grupo numa determinada localidade, “essa prática não é explicitamente proibida pelo texto constitucional, mas vai de encontro ao princípio de pluralidade de fontes de informação e de opinião” (PIERANTI; ZOUAIN, Deborah, 2006, p. 7).

Outro fator problemático está na renovação das concessões que tem sido feita sem qualquer tipo de análise quanto à eficiência dos serviços prestados. Miriam Wimmer e Pieranti (2009) destacam a falta de parâmetros que possibilitem “aferir o atendimento de determinados princípios, como eficiência e cortesia na prestação, nem tampouco existem mecanismos que privilegiem a transparência e o controle social da prestação do serviço” (WIMMER, Miriam; PIERANTI, 2009, p. 13).

Marinoni (2015) aponta que a solução seria o Estado assumir a responsabilidade de garantir que a comunicação seja de fato democratizada a partir da criação de políticas públicas que atuem “orientando os radiodifusores no sentido de sua adequação, legislando sobre a regulação das redes, definindo indicadores precisos de limites à concentração econômica” (MARINONI, 2015, p. 21). Porém, ao longo da História da Comunicação no Brasil o Estado tem sido omissor em relação à regulamentação e democratização das mídias tradicionais e, segundo Pieranti e Deborah Zouain (2006, p. 8), essa indiferença é marcada pelo interesse de parlamentares nas emissoras:

Desde o início da Nova República, cerca de 25% dos congressistas têm relações pessoais com empresas de radiodifusão, fazendo parte da gestão ou da composição acionária das mesmas. Parte das concessões foi ganha graças à prática comum na história recente da democracia brasileira – o uso de emissoras como moeda de troca na relação com o Poder Executivo.

Essa realidade pouco mudou desde 2006, de acordo com um levantamento²⁸ realizado pelo Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, durante as eleições de 2018 entre os candidatos ao menos 34 eram donos de emissoras de rádio e TV, concorrendo aos cargos de deputado federal e estadual, senador e governador. “A maior parte é político de carreira: 16 tentam a reeleição, 5 possuem outros cargos políticos eletivos no momento e 7 já tiveram cargos eletivos no passado” (INTERVOZES, 2018, n/p).

Quando comparamos o podcast e os meios de comunicação de radiodifusão, como o rádio e a televisão, a burocratização é menor, tendo em vista a legislação e o custo de uma produção em massa, porém, é preciso considerar que a internet esteja acessível a toda a

²⁸ O estudo foi realizado em cidades com mais de 100 mil habitantes em dez estados (PA, CE, PB, PE, BA, MG, RJ, ES, SP e PR) e no Distrito Federal.

população, em especial no Brasil. Em 2018, o Intervozes publicou um estudo intitulado “Monopólios Digitais: concentração e diversidade na internet” com o objetivo de analisar a diversidade e a pluralidade da internet no Brasil a partir das aplicações utilizadas como mediadores entre o usuário e o serviço (compras, audiovisual, relacionamentos, etc.) e no conteúdo. As autoras deste estudo puderam concluir que a Internet é um ambiente contraditório já que na medida em que permite a entrada de novas vozes, restringe a esfera de circulação “com plataformas e toda forma de intermediários modulando e estabelecendo limites, regras e padrões de controle ao manancial de informação criado” (INTERVOZES, 2018, p. 162).

Os problemas relacionados ao uso que é feito da internet estão presentes em diversas camadas, por exemplo, em quem consegue ter acesso e quem não consegue e, apesar de as desigualdades serem recorrentes em todo o mundo, direcionaremos aqui para o Brasil, onde, enquanto a classe A chega a estar 95% conectada, nas classes D e E o percentual não chega aos 40%. As diferenças entre o acesso se dão também entre as regiões, o índice mais alto de casas com internet é no Sudeste (54%) e o menor no Nordeste (40%), a pesquisa aponta que “o principal motivo daqueles sem um serviço de conexão é o preço. Entre as casas, cresce a proporção das pessoas que só navegam por dispositivos móveis, saindo de 20% para 43% entre 2014 e 2016” (INTERVOZES, 2018, p. 43).

Assim, quando há conexão, temos qualidades de acesso diferentes. De acordo com Marcos Lima (2019), a extensão territorial do Brasil, associada às lógicas de mercado utilizadas pelas empresas de telecomunicações cada vez mais concentradas em grandes corporações, são fatores que influenciam na falta de conexão de qualidade nas regiões afastadas dos grandes centros, ou seja, o acesso é instalado “onde existe um mercado consumidor em potencial, deixando outra parcela significativa da população sem acesso” (LIMA, 2019, p. 33-34). O autor aponta para o aumento no número de usuárias que realiza esse acesso a partir de dispositivos móveis e utilizando pacotes 3G disponibilizados pelas operadoras de telefonia, a opção mais lucrativa para o setor, mas para quem consome a qualidade do acesso é inferior:

Planos de 3G tem um modelo de negócio diferenciado daqueles de internet fixa. Além da instabilidade e da qualidade de sinal, já que a cobertura influencia diretamente no uso do serviço, a possibilidade de o usuário ter que adquirir pacotes adicionais é iminente, já que as velocidades de upload e download são menores que as da banda larga fixa (LIMA, 2019, p. 44).

Essa visão também é corroborada pelo estudo do Intervozes, a pesquisa ressalta a maneira como a usuária que só tem a possibilidade de utilizar os pacotes 3G recebe uma experiência online limitada e sem qualidade, como os planos de 3G ofertados no Brasil variam entre 1Gb a 6Gb, uma telespectadora da Netflix, assistindo vídeos em baixa resolução, “poderia

consumir todo o seu pacote de dados de um mês assistindo a apenas seis horas de vídeos na Netflix (INTERVOZES, 2018, p 125).

Pensando sobre o investimento das plataformas de streaming na distribuição e produção de podcasts, surgem outros fatores relacionados às dinâmicas de consumo de conteúdo digital. Photini Vrikki e Sarita Malik (2019) atentam para a maneira como indústrias digitais utilizam algoritmos que controlam as indicações e os destaques de programas mais ouvidos. Segundo as autoras, “a curadoria de algoritmos permite que plataformas como Apple Podcasts, Soundcloud, Acorn ou Spotify controlem as listas de podcasts que se encaixam nas preferências de cada ouvinte” (VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita, 2019, p. 275, tradução da autora²⁹). Para elas, nessas novas dinâmicas, a noção de que a ouvinte possui o controle sobre o que é consumido pode ser questionada:

Os podcasts dão a sensação de ouvir outras pessoas diretamente, aparentemente sem mediadores, sem restrições regulatórias e sem controle editorial de cima para baixo. Mas os podcasts existem em um reino digital onde preconceitos raciais, desigualdades e privação estrutural moldam a disseminação de conteúdo e as representações populares (VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita, 2019, p. 275, tradução da autora³⁰).

Para Chagas et. all (2020), outro fator problemático das lógicas das empresas privadas de reprodução e distribuição de podcasts é a obtenção de dados para análises acadêmicas.

Como empresas privadas e de dinâmicas que se alteram pela forma de postagem das produções, baseadas em serviços como Anchor, SoundCloud, PodBean, Spreaker ou até mesmo em inúmeros grupos de WhatsApp, torna-se cada vez mais difícil entender o todo sem mecanismos de raspagem de dados ou de leitura de códigos específicos das hospedagens” (CHAGAS et all, 2020, p. 13).

Nesse contexto, a percepção de que o podcast democratiza a comunicação é otimista. Corroborar com a categoria de trabalhos que apontam para uma descentralização crítica por entender que, apesar do potencial que o podcast possui no que concerne à produção e ao consumo, esse tipo de conteúdo é condicionado ao acesso à internet e às dinâmicas de controle que a rege. Como veremos no tópico a seguir, outras questões, como as relações de gênero – cerne deste estudo -, também perpassam as características que definem os perfis sociais que têm acesso ao podcast.

²⁹ Do original: *Algorithmic curation allows platforms such as Apple Podcasts, Soundcloud, Acorn, or Spotify to control the lists of podcasts that would fit each listener's preferences.*

³⁰ Do original: *Podcasts give a sense of directly listening to other people, with seemingly no mediators, no regulatory constraints, and no top-down editorial control. But podcasts exist in a digital realm where racial prejudices, inequalities, and structural disenfranchisement shape content dissemination and popular representations.*

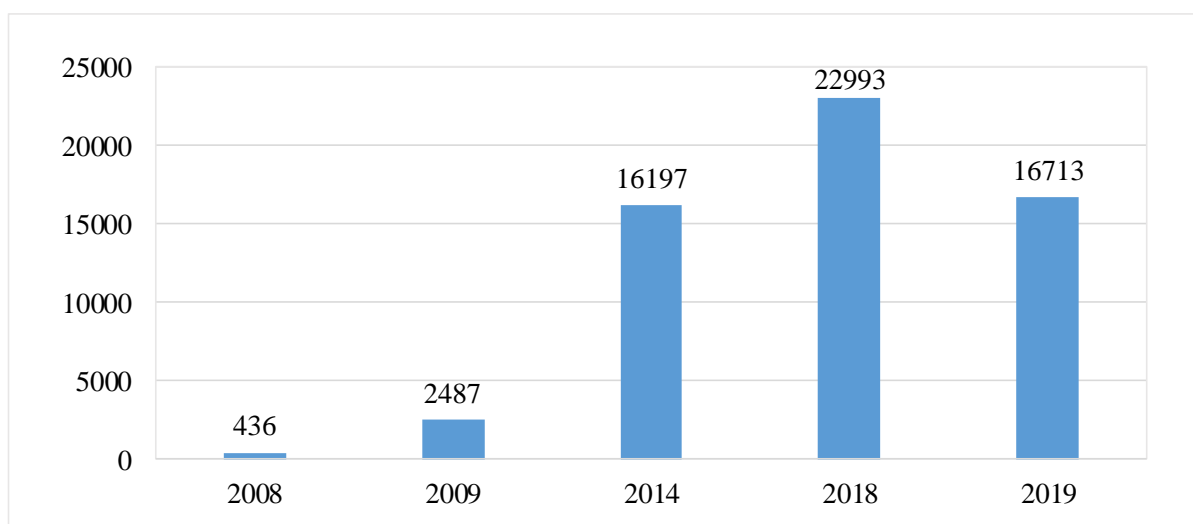
2.3 MULHERES OUVINTES E PRODUTORAS DE PODCAST NO BRASIL

Além das percepções empíricas que apontavam a diferença de uso do podcast feito por mulheres e homens, um fator que fundamenta essas percepções é o acesso aos dados das PodPesquisas. A PodPesquisa é uma ferramenta de levantamento de dados demográficos de ouvintes e de preferências relacionadas ao podcast no Brasil realizada desde 2008 pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD).

A cada ano a construção da pesquisa sofre alterações que buscam melhorar o desempenho das respostas, por exemplo, apenas a partir da edição de 2018 foram inseridas perguntas que permitam perceber a presença de pessoas transgênero. Neste mesmo ano foram inseridas perguntas para que as respondentes informassem se também eram produtoras. Já a edição de 2019 foi elaborada para ser respondida apenas por ouvintes, os resultados divulgados em março de 2020 foram acompanhados da disponibilização de uma PodPesquisa específica para produtoras que teve os resultados divulgados em dezembro de 2020.

Apesar de as PodPesquisas não representarem todo o universo de ouvintes e produtoras de podcasts no Brasil, elas funcionam como um bom indicador de como o cenário têm se modificado ao longo dos anos, como, por exemplo, o aumento no número de respondentes à Pesquisa que em sua primeira edição (2008) teve 436 respostas, dez anos depois a edição de 2018 obteve um total de 22.993 respostas. No Gráfico 6 é possível perceber a variação no número de ouvintes que responderam à pesquisa desde a sua primeira edição.

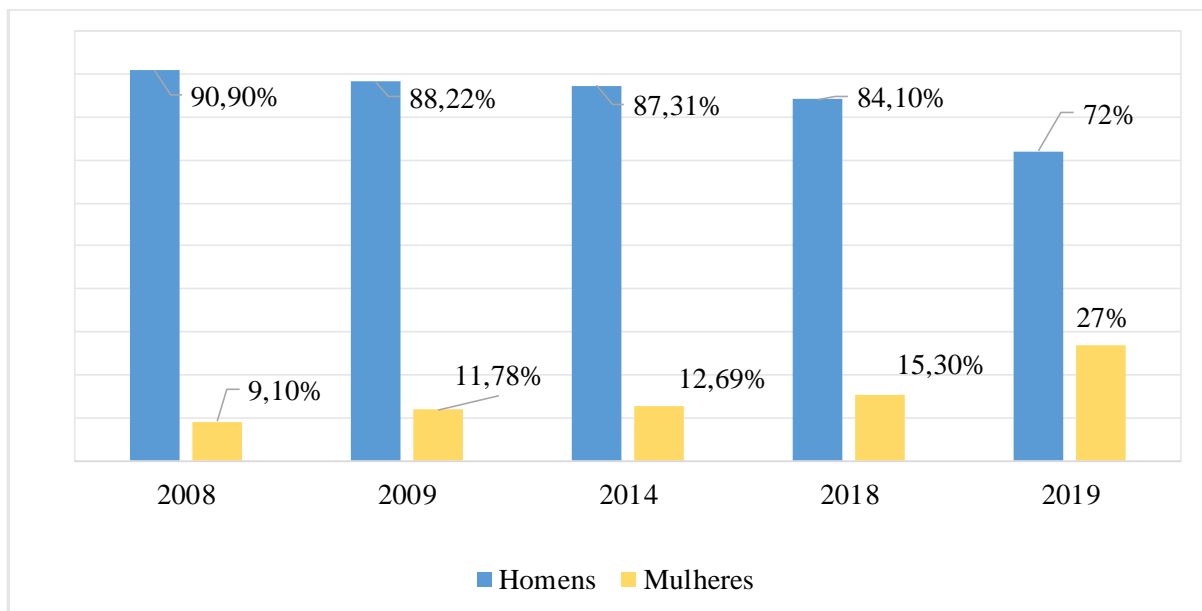
Gráfico 6 – Quantidade de respostas recebidas em cada edição da PodPesquisa.



Fonte: Elaboração da autora com dados das PodPesquisas 2008 a 2019 (2020).

Apesar de a PodPesquisa se preocupar em analisar o consumo de podcast em diversos aspectos³¹, é mais importante aqui entender o perfil de quem ouve podcast, em especial, para este estudo, no que concerne ao gênero. No Gráfico 7 percebemos que a quantidade de mulheres ouvintes de podcast sempre se manteve inferior ao número de homens.

Gráfico 7 – Porcentagem de ouvintes homens e mulheres de acordo com todas as edições da PodPesquisa.



Fonte: Elaborada pela autora com dados das PodPesquisas 2008 a 2019 (2020).

Como a edição 2020/2021 foi a primeira que se preocupou em investigar exclusivamente o perfil das produtoras e produtores de podcast, não é possível construir um comparativo da presença de mulheres ao longo dos anos como realizado no gráfico acima para as ouvintes. Ainda assim, o perfil médio do produtor não surpreende: 75,7% são homens, 81,3% são pessoas heterossexuais e 58,8% se declaram brancas ou brancos.

Em conjunto, os dados das PodPesquisas suscitam questionamentos acerca de como as mulheres se relacionam com o podcast e quais as práticas desenvolvidas por elas quando produtoras dessa mídia. Considerando que existem movimentos dentro da podosfera que buscam incentivar a produção de podcasts por mulheres e divulgar os programas que já são produzidos é importante entender as dinâmicas que se estabelecem neste espaço. As ações *#MulheresPodcasters* e *#OPodcastÉDelas* foram criadas de forma independente, na mesma

³¹ Dados demográficos, socioeconômicos, preferências de consumo da ouvinte e a relação com a veiculação de conteúdos publicitários nos programas.

época, por duas mulheres podcasters que tinham o mesmo incômodo: a falta de reconhecimento das mulheres na podosfera.

2.3.1 #OPodcastéDelas

Uma dessas iniciativas é o projeto *#OPodcastéDelas* (OPED), criado por Domenica Mendes e Rodrigo Basso, que começou em 2017 como uma campanha de incentivo à participação das mulheres na mídia durante o mês de março, em alusão ao Dia Internacional da Mulher, 08 de março. No projeto, os podcasts que se inscrevem para participar precisam convidar pelo menos uma mulher para cada episódio naquele mês, quem apresenta o programa explica que aquele programa aderiu à campanha e convida outros podcasts a fazerem o mesmo. Os programas participantes recebem material de divulgação da campanha (logos e vinhetas) para serem utilizados em todos os episódios do mês em questão, ao final os programas ficam listados no site para que o público possa escutar diversos episódios, sobre variados temas com a presença de mulheres. Domenica é uma das mulheres participantes da pesquisa e em entrevista comentou sobre o envolvimento dos programas na campanha:

[...] para minha surpresa já no primeiro ano, o que começou com uma ideia entre duas pessoas que estavam incomodadas com isso, alcançou mais de 50 programas e uma média de 80 a 100 episódios em um mês. E depois nos outros anos a gente foi tendo um crescimento absurdo, assim, chegando a marca de mais de 250 programas participantes nas edições [...] (MENDES, Domenica, em entrevista para a autora, 2021).

A campanha evoluiu para uma espécie de incubadora de programas produzidos por mulheres que não têm muita experiência ou que não têm recursos para pagar serviços de hospedagem. De acordo com Domenica, é oferecido para as integrantes da rede a infraestrutura básica de produção de um programa, “eu crio o feed, ofereço servidor, na época eu ajudava as meninas a fazer a edição, [...] tudo para ajudar nessa parte mais técnica, essa parte mais de quebrar grandes pedras e grandes dificuldades para facilitar o acesso” (MENDES, Domenica, em entrevista para a autora, 2021). Atualmente, 13 podcasts fazem parte da rede de programas hospedados no OPED.

Figura 1 – Página da Campanha o Podcast é Delas 2020



Fonte: <https://twitter.com/opodcastedelas> (2020)

Em 2020 a *#OPodcastÉDelas* também lançou um banco de dados³² com mais de 70 mulheres podcasters cadastradas. O banco funciona como uma ferramenta de busca que concentra informações como formação, áreas de interesse, orientação sexual, contato e outros dados que ajudam a identificar uma mulher que possa ser convidada para gravar um podcast.

Figura 2 – Divulgação da Campanha o Podcast é Delas 2021



Fonte: <https://twitter.com/opodcastedelas> (2021)

³² Banco de Dados *#OPodcastÉDelas*: <https://opodcastedelas.com.br/podcasters>.

Em 2021, a novidade da Campanha foram as premiações³³ para os podcasts participantes com três categorias diferentes, a primeira é a categoria “Não diga que dessa água não beberei...” para os episódios com a presença de mulheres que participam pela primeira vez de um podcast. A categoria dois é a “Chega mais!”, na qual concorrem podcasts participando pela primeira vez da Campanha #OPodcastÉDelas. Por último temos a “Velha Guarda da OPED”, para os programas que já participaram anteriormente.

2.3.2 #MulheresPodcasters

Ira “Croft” Morato desenvolveu a hashtag “mulherespodcasters”, que objetiva facilitar ao público encontrar programas produzidos por e com a participação de mulheres nas redes sociais, em especial no twitter. Os programas que apoiam a campanha utilizam a tag em posts ao divulgar um novo episódio em suas redes sociais e também realizam uma espécie de nota sonora falando sobre a campanha em geral nas sessões de recado dos programas. Assim como Domenica, Ira também faz parte das mulheres cujos programas compõem o corpus da pesquisa, em entrevista, ela explicou o objetivo da criação da Campanha: “eu pensei na hashtag não para ser um podcast, mas na intenção de ‘pô, se a gente não tá sendo divulgada, então vamos fazer com que divulguem a gente através da hashtag’. E aí eu criei a hashtag para que ela fosse utilizada para divulgação de podcasts feitos por mulheres ou com mulheres” (MORATO, Ira, em entrevista para a autora, 2020).

Figura 3 – Site da campanha #mulherespodcasters



Fonte: <https://mulherespodcasters.com.br> (2021).

³³ Site das premiações da Campanha #OPodcastÉDelas2021: <https://opodcastedelas.com.br/premiacoes/>.

Ira também contou que a ideia de criar a hashtag surgiu em meados de 2014 após sua participação em um evento da área de Publicidade em São Paulo onde as pessoas participantes afirmaram que no Brasil não existiam mulheres produzindo podcast:

[...] eu tava na plateia nesse evento [...] na hora das perguntas levantei a mão e aí eu falei... [...] olha existem, olha... aí até falei, eu sou uma mulher podcaster, eu produzo, a gente só não é famosa [...] e aí eu falei 'ó, eu não sou famosa, outras pessoas não são famosas, mas existem várias mulheres fazendo podcasts'. Aí naquele dia eu vim para casa assim muito encucada, mesmo com isso. Eu fiquei pensando 'c***** a gente é tão apagada que até em eventos de Publicidade feminina a gente é apagada, mano. Falaram que a gente não existe' [...] (MORTATO, Ira, em entrevista para a autora, 2021).

A *#MulheresPodcasters* possui um *bot*³⁴ que divulga automaticamente no perfil do twitter³⁵ e no canal do aplicativo de mensagens Telegram³⁶ as publicações dos episódios novos dos programas cadastrados no formulário³⁷ disponível no site. Em outubro de 2020 foi realizado o primeiro evento *#MulheresPodcasters* com um debate transmitido pelo YouTube³⁸ com o tema *A Podosfera que Queremos*. Além de mesas de debate com mulheres produtoras de podcast que discutiram o histórico, a atualidade e perspectivas futuras para a presença de mulheres na mídia, o evento também recebeu mulheres para apresentar outras iniciativas de hashtags utilizadas para divulgar podcasts de pessoas pertencentes a grupos minoritários, como a *#PodcastersNegros*, *#PodcastersPerifericos* e a *#LGBTPodcasters*.

Esse breve histórico das duas campanhas, bem como da presença das mulheres nos podcasts brasileiros esboçado pelas PodPesquisas, não esgotam as discussões no que concerne às questões de gênero na mídia, durante a análise dos dados, potencialmente emergirão outras questões que irão tornar essa discussão mais complexa. No próximo capítulo, a leitora irá acompanhar a descrição dos procedimentos metodológicos que foram utilizados para a obtenção dos dados ao longo da pesquisa empírica.

2.4 ISOLAMENTO E INFORMAÇÃO: CONSUMO DE PODCASTS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Elaborar análises sobre a contemporaneidade é um dos desafios das pesquisadoras que estudam as dinâmicas de comunicação no ambiente digital. Grande parte desta pesquisa foi

³⁴ A palavra *bot* é o diminutivo de robot (robô, em inglês). São softwares ou programas que rodam na internet e realizam ações repetitivas e simulam ações humanas. Atualmente é comum a utilização de *bots* em chats para enviar respostas automáticas.

³⁵ Perfil do twitter da *#MulheresPodcasters*: <https://twitter.com/MulheresPod>.

³⁶ Canal do Telegram: <https://t.me/mulherespodcasters>.

³⁷ Formulário de cadastro para podcasts feitos e/ou com mulheres: <https://mulherespodcasters.com.br/divulgue/>.

³⁸ Link para a gravação do debate da *#MulheresPodcasters*: https://www.youtube.com/watch?v=cvKNCbMiYcY&ab_channel=%23MulheresPodcasters.

desenvolvida no contexto da pandemia de Covid-19 que, para além das mais de 400 mil mortes no Brasil, alterou as dinâmicas de comunicação interpessoais, as relações de trabalho e também a produção e consumo nos meios de comunicação. Assim, cabe uma breve apresentação de alguns estudos que já foram publicados sobre a maneira como a pandemia alterou a produção e o consumo de podcasts.

No contexto dos Estados Unidos, no início da pandemia, segundo Andrea Amorim e Maria Araújo (2021), as pesquisas apontavam a redução de 10% no consumo de podcasts atribuída especialmente à falta do período de deslocamento de casa para o trabalho. O consumo passou a aumentar nos EUA e no Brasil, a partir da última semana de março e início de abril. Chagas et al. (2020) apresentam os dados informados pelas pesquisas realizadas pelo Deezer e pelo Spotify com relação ao consumo de áudio durante a pandemia. Segundo a pesquisa da Deezer, em março de 2020, no mundo inteiro o consumo de rádios aumentou 19%. Quanto aos podcasts, os temas em que o consumo mais aumentou foram os infantis, com 218%, treinamento esportivo 194% e meditação 132%. Com relação a este último segmento, Ellis Silva (2020) localizou entre março e julho de 2020 34 programas sobre a temática listados como mais ouvidos no Spotify. A autora notou que a maioria das produções não foca em práticas de meditação guiada, mas sim, em um conteúdo teórico/reflexivo sobre bem-estar (SILVA, Ellis, 2020, p. 15).

De acordo com Sylvia Chan-Olmsted e Ranga Wang (2020), em julho, as pesquisas indicavam ouvintes que escutam podcasts em igual ou maior medida do que no período pré-pandemia. Além disso, os dados apresentados pelo agregador de podcasts *Stitcher* demonstram que “Certos gêneros, como notícias e programas de atualidade e conteúdo infantil e familiar, tornaram-se mais populares durante a pandemia, indicando que os ouvintes estão incorporando o podcasting em muitos aspectos de suas vidas” (CHAN-OLMSTED, Sylvia; WANG, Rang, 2020, p. 17, tradução da autora³⁹). Pensando sobre as alterações no consumo no Brasil, Andrea Amorim e Maria Araújo (2021) apontam para um contexto similar ao estadunidense:

Uma vez implantada a quarentena rígida, adotada em momentos distintos pelos governos de cada Estado do país, observou-se a criação de novos hábitos de audição de *podcasts*, a exemplo de dispositivos além dos *smartphones* e novos horários de pico de audiência. Porém, o compartilhamento da audição dos episódios, dentro de casa, com outras pessoas, chamou a atenção de especialistas e empresas para a criação de novo público (AMORIM, Andrea; ARAÚJO, Maria, 2021, p. 25809, grifos das autoras).

³⁹ Do original: *Certain genres, such as news and topical shows and kids and family content, became more popular during the pandemic, indicating that listeners are incorporating podcasting into many aspects of their lives.*

Chagas et al realizaram um mapeamento de podcasts com produção vinculadas a universidades brasileiras durante o período de abril a julho de 2020, e foram selecionados 63 podcasts, a maioria deles de instituições do Nordeste (34,9%) (CHAGAS et al, 2020). O destaque dado pelas autoras é para os cursos de Comunicação (seja na graduação ou na pós) os quais, para elas, “coube especialmente aos cursos de Comunicação atuar noutro ponto da linha de frente: informar com ética e responsabilidade utilizando o áudio e apropriando-se de uma modalidade de radiofonia que cada vez conquista mais adeptos: o podcast” (CHAGAS et al, 2020, p. 28).

Entre os programas encontrados pelo escopo da pesquisa, quase metade tinha como propósito específico a discussão sobre o Coronavírus objetivando a divulgação científica e o combate às fake news. Outro ponto destacado pelos autores foi a forte regionalização presente nos processos de produção dos programas estudados que “se valem de critérios de noticiabilidade como proximidade geográfica, atualidade e relevância (TRAQUINA, 2005) para pautar programas inspirados em discussões de temas que estão na ordem do dia” (CHAGAS et al, 2020, p. 18).

O relatório de tendências de 2020 do Spotify coletou dados no fim 2019/janeiro de 2020 e julho/agosto de 2020 com um público que comporta as gerações Z (15 a 25) e de millennials (26 a 40). O relatório afirma que mais de 1,5 milhão de podcasts estão disponíveis na plataforma e “64% dos entrevistados brasileiros disseram que estão ouvindo o formato com mais frequência hoje em dia para se manterem informados ou entretidos” (SPOTIFY, 2020, p. 23). As tendências de consumo são bastante parecidas com as apresentadas pelo Deezer, como o aumento no consumo de conteúdos infantis “93% dos pais brasileiros que ouvem podcasts nos disseram que esse meio de comunicação se tornou uma ferramenta educacional muito útil” (SPOTIFY, 2020, p. 9). A busca pelos programas de bem-estar e saúde mental foi apontada por um terço dos brasileiros e “79% dos usuários brasileiros de podcasts disseram que o meio permite que as pessoas se conectem umas com as outras” (SPOTIFY, 2020, p. 13).

3 FEITO POR ELAS⁴⁰

“Apenas como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos permanecemos sem voz – e nossos seres, definidos e interpretados pelos outros”.
– bell hooks

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento da pesquisa, trabalharemos com uma abordagem qualitativa, apesar de em momentos pontuais fazer o uso de dados quantitativos. Inicialmente a pesquisa foi composta por uma etapa exploratória e bibliográfica, tanto para solucionar questões teóricas iniciais, quanto para dar conta de uma trajetória histórica e acadêmica do objeto. As descobertas dessa etapa estão condensadas no Capítulo 1.

Apesar de estar envolvida com o ambiente da produção de podcasts, esta experiência particular não poderia ser utilizada para compreender a totalidade do fenômeno. O contato como pesquisadora acadêmica, para além daquele já realizado em momentos informais e cotidianos, com outras mulheres podcasters, se mostrou um caminho interessante para esta pesquisa. Assim, foi realizado um estudo em campo com as produtoras dos podcasts mais escutados no Brasil, segundo a PodPesquisa 2018. Para esta segunda etapa utilizo como ferramenta de coleta de dados a entrevista semiestruturada.

3.1 A SELEÇÃO DAS PARTICIPANTES

As mulheres participantes foram selecionadas a partir dos resultados da PodPesquisa 2018. Ressaltamos que uma das questões da Pesquisa pedia que a respondente citasse os cinco *podcasts* que mais escuta. No total, foram citados 3.251 podcasts entre os quais foram selecionados aqueles que tiveram no mínimo 0,02% das respostas, totalizando 241 programas. Com o auxílio da ferramenta Access da Microsoft Office foi realizada uma codificação desses podcasts em 3 categorias: nacionalidade, tipo de produção e gênero.

Assim, a partir de uma lista com os 241 programas organizados em ordem decrescente, foram criadas três colunas denominadas “Nacionalidade”, “Produção” e “Gênero”. Os programas Brasileiros foram identificados na coluna “Nacionalidade” com “BR” e os estrangeiros com “EST”. Os programas vinculados a veículos de mídia tradicional foram identificados na coluna “Produção” como “JOR” e os independentes como “IND”. Por fim, na coluna “Gênero” os programas com mulheres na equipe foram classificados com “M” e os que

⁴⁰ Feito por elas – Podcast sobre cinema produzido por mulheres, nos episódios são discutidos os filmes e as histórias de diretoras, roteiristas e produtoras. Site: <https://feitoporelas.com.br/>.

possuem apenas homens com “H”. Na tabela 1 temos um exemplo da aplicação dos códigos em um dos programas selecionados, apenas a título de ilustração.

Tabela 1 – Exemplo de uma planilha de classificação dos podcasts.

n.	Programa	Nacionalidade	Produção	Gênero
01	Mamilos (B9)	BR	IND	M

Fonte: Produzido pela autora (2020).

Entre os 58 programas encontrados (Tabela 2), destacamos que o *podcast Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes*⁴¹ possui mulheres que são convidadas pelo Banco Bradesco para ler uma das histórias do best-seller homônimo escrito por Elena Favilli e Francesca Cavallo, de maneira que não podem ser consideradas como mulheres *podcasters*, já que sua relação com a mídia não é fixa. Já o programa *Fronteiras da Ciência*⁴² é vinculado à Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), apesar de não ser um veículo de mídia tradicional, trata-se de uma rádio pública que tem lógica de financiamento e de organização diferente das rádios comerciais e, tendo em vista que se trata de um programa com sua décima temporada no ar, optou-se por mantê-lo na amostragem inicial.

Tabela 2 – Podcasts brasileiros independentes com mulheres na equipe de produção

n.	Programa	Porcentagem de Votos
		(Continua)
01	Mamilos (B9)	13,30%
02	Mundo Freak	8,60%
03	SciCast (Deviante)	7,80%
04	Rapaduracast	6,30%
05	Minuto de Silêncio	5,00%
06	MDM - Melhores do Mundo	4,10%
07	Hipster Ponto Tech	3,80%
08	Um Milkshake Chamado Wanda	3,30%
09	Bibotalk – BTCast	2,90%
10	Imagina Juntas (Half Deaf)	2,80%
11	Linha Quente (Jogabilidade)	2,20%
12	Salvo Melhor Juízo (Anticast)	2,00%
13	Dragões de Garagem	2,00%
14	Magickando	1,80%
15	Confins do Universo	1,40%
16	Revolushow	1,40%
17	Bumbumcast (Half Deaf)	1,20%
18	Chutando a Escada (Deviante)	1,10%

⁴¹ O “Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes” é um dos podcasts produzidos pelo site Brainstorm 9 (B9) disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/garotasrebeldes/>.

⁴² Disponível em: <http://www.ufrgs.br/frontdaciencia/>.

n.	Programa	Porcentagem de Votos (Conclusão)
19	Papo de Gordo	1,10%
20	Resumocast	0,90%
21	Fronteiras da Ciência	0,90%
22	Ponto G	0,90%
23	Irmaos.com	0,80%
24	Filhos da Grávida de Taubaté	0,70%
25	Papo na Encruza	0,60%
26	PodProgramar	0,50%
27	Iradex <i>Podcast</i>	0,50%
28	30:min Homo Literatus	0,50%
29	Lambda3	0,40%
30	Passaporte Orlando	0,40%
31	O nome disso é mundo	0,40%
32	Papo Lendário	0,40%
33	Papo H - Canal Masculino	0,40%
34	Foco de Pestilência	0,40%
35	Filosofia Pop	0,40%
36	UNITEDcast	0,40%
37	Baseado em Fatos Surreais	0,30%
38	Hodor Cavalo	0,30%
39	Histórias de ninar para garotas rebeldes (B9)	0,30%
40	ARGCast	0,30%
41	Miçangas (Deviante)	0,30%
42	Sinuca de Bicos	0,30%
43	Alô, Ciência?	0,20%
44	Café com Porrada	0,20%
45	Olhares	0,20%
46	Chá com Rapadura	0,20%
47	DWBRcast	0,20%
48	Cinemático (B9)	0,20%
49	Hq da Vida	0,20%
50	Bobos Sem Corte	0,20%
51	Feito por Elas (Anticast)	0,20%
52	É Pau, É Pedra (Anticast)	0,20%
53	Spin de Notícias (Deviante)	0,20%
54	As Mathildas	0,20%
55	Psicocast	0,20%
56	Asterisco do Judão (Central 3)	0,20%
57	Van Filosofia	0,20%
58	Porta 101	0,20%

Fonte: Elaborada pela autora com base em dados da PodPesquisa 2018 (2019).

A seleção descrita acima foi realizada em setembro de 2019. Em janeiro de 2020 retornei aos sites e redes sociais de cada um dos 57 programas para coletar dados de contato das mulheres envolvidas, e logo pude confirmar a dinâmica que perpassa meu objeto: 05⁴³ desses

⁴³ Bibotalk – BTCast: <https://bibotalk.com/categoria/podcast/btcast/>;

programas não mais possuem mulheres na equipe; o *HQ da Vida* mudou de nome e agora se chama *Hora Queer*⁴⁴, e o *Bumbumcast*⁴⁵ e o *As Mathildas*⁴⁶ deixaram de ser produzidos. No caso do *As Mathildas*, foi possível localizar o contato das antigas produtoras, já no do *Bumbumcast*, o perfil disponibilizado da mulher responsável não estava mais ativo.

Assim, a listagem final (Tabela 3) contou com 52 programas, sendo que alguns deles possuem mais de uma mulher na equipe e em alguns casos há as mesmas mulheres em mais de um desses programas. A maioria dos podcasts disponibilizava e-mail ou página de contato no site, mas também foi notória a presença do Twitter como principal rede social utilizada para contato direto com as produtoras. A opção encontrada foi realizar o contato por e-mail com os programas informando o objetivo da pesquisa e solicitando a manifestação de interesse em participar do estudo por parte das mulheres que compõem a equipe. No caso daquelas que os e-mails não foram localizados, o contato foi feito via mensagem direta na rede social disponibilizada.

Tabela 3 – Programas selecionados como amostra inicial

n.	Programa	Contato	(Continua)
1	Mamilos (B9)	podcasts@b9.com.br	
2	Mundo Freak	contato@mundofreak.com.br	
3	SciCast (Deviante)	contato@scicast.com.br	
4	Rapaduracast	marinasofia@bacontastico.com.br contato@cinemacomrapadura.com.br	
5	Minuto de Silêncio	minutosilencio@gmail.com	
6	MDM - Melhores do Mundo	http://melhoresdomundo.net/fale-conosco/	
7	Hipster Ponto Tech	https://twitter.com/rla4	
8	Um Milkshake Chamado Wanda	redacao@papelpop.com contato@oilupi.com	
9	Imagina Juntas (Half Deaf)	carol@imaginajuntas.com oi@jeskagregco.com.br	
10	Salvo Melhor Juízo (Anticast)	contatosalvomelhorjuizo@gmail.com	
11	Dragões de Garagem	http://dragoesdegareagem.com/contato/	
12	Magickando	contato@magickando.com.br	
13	Confins do Universo	https://twitter.com/bellefelix	
14	Revolushow	https://revolushow.com/contato/	

Linha Quente (Jogabilidade): <http://jogabilida.de/category/podcasts/podcast-naogames/linha-quente/>;

UNITEDcast: <https://www.animeunited.com.br/unitedcast/>;

Cinemático (B9): <https://www.b9.com.br/shows/cinematico/>;

Asterisco do Judão (Central 3): <http://www.central3.com.br/?s=jud%C3%A3o>.

⁴⁴ O Hora Queer é um podcast produzido por pessoas LGBT de todo o país, estou na equipe do programa desde 2018 revezando com os demais membros as funções de host e editora e desde junho de 2020 assumindo a produção dos programas.

⁴⁵ Site do programa: <https://halfdeaf.com.br/shows/bumbumcast>.

⁴⁶ Site do programa: <https://cinemacao.com/category/podcast/as-mathildas/>.

n.	Programa	Contato	(Conclusão)
15	Chutando a Escada (Deviante)	perguntas@chutandoaescada.com.br	
16	Papo de Gordo	papodegordo@papodegordo.com.br	
17	Resumocast	liberica@resumocast.com.br	
18	Fronteiras da Ciência	frontdaciencia@ufrgs.br	
19	Ponto G	pontog@preciosamadalena.com.br	
20	Irmaos.com	https://www.irmaos.com/fale-com-irmaos-com/	
21	Filhos da Grávida de Taubaté	podcastfdg@gmail.com	
22	Papo na Encruza	contato@perdido.co	
23	PodProgramar	https://podprogramar.com.br/contato/	
24	Iradox Podcast	podcast@iradox.net	
25	30:min Homo Literatus	https://twitter.com/cecimarcon	
26	Lambda3	https://www.lambda3.com.br/	
27	Passaporte Orlando	podcast@passaporteorlando.com.br	
28	O nome disso é mundo	http://www.onomedissoemundo.com/contato/	
29	Papo Lendário	https://www.mitografias.com.br/contato/	
30	Papo H - Canal Masculino	https://www.canalmasculino.com.br/contato/	
31	Foco de Pestilência	https://www.facebook.com/FocodePestilencia/	
32	Filosofia Pop	adilmachado@yahoo.com.br contato@filosofiapop.com.br	
34	Baseado em Fatos Surreais	bfsurreais@gmail.com	
35	Hodor Cavalo	https://hodorcavalo.com.br/contato/	
36	ARGCast	https://twitter.com/anarecalde https://dinamo.art.br/fale-conosco/	
37	Miçangas (Deviante)	https://twitter.com/jujubavi	
38	Sinuca de Bicos	https://paizinhovirgula.com/contato/	
39	Alô, Ciência?	contato@alociencia.com.br https://alociencia.com.br/contato/	
40	Café com Porrada	https://twitter.com/Ingridizando https://twitter.com/ Peach	
41	Olhares	http://olharespodcast.com.br/contato/	
42	Chá com Rapadura	https://chacomrapadura.com/contact/	
43	DWBRcast	contato@doctorwhobrasil.com.br	
44	Hora Queer (Hq da Vida)	hqdavida@gmail.com berro@horaqueer.com	
45	Bobos Sem Corte	https://www.facebook.com/stela.sayuri.5 https://www.bobossemcorte.com/contato/	
46	Feito por Elas (Anticast)	contato@feitoporelas.com.br	
47	É Pau, É Pedra (Anticast)	epep.oficial@gmail.com ehpauehpreda@gmail.com	
48	Spin de Notícias (Deviante)	contato@scicast.com.br	
49	As Mathildas	grecia.baffa@gmail.com iolemelo.contato@gmail.com	
50	Psicocast	contato@psicocast.com.br	
51	Van Filosofia	https://twitter.com/mellrealoficial	
52	Porta 101	redacao@canaltech.com.br	

Fonte: elaborado pela autora com dados da PodPesquisa 2018 (2020).

Na construção desse e-mail houve receio em deixar explícito o interesse em estudar os movimentos feministas por dois motivos: (1) as mulheres que têm aversão ou falta de conhecimento sobre o movimento poderiam se recusar a participar e, dessa forma, o estudo não

traria uma pluralidade de perspectivas e (2) as mulheres que se identificam como feministas poderiam se preparar para “dizer o que a entrevistadora espera ouvir”. Esse é um comportamento que observei a partir da entrevista-teste, que será apresentada no próximo tópico. A podcaster que aceitou ser entrevistada nesse momento inicial tinha conhecimento sobre a minha intenção em pesquisar gênero, de maneira que trouxe em sua fala esses aspectos de forma bastante evidente, até mesmo antes de entrarmos em perguntas específicas sobre a condição da mulher no podcast.

Dessa maneira, a solução encontrada foi informar no e-mail convite que se trata de um estudo sobre podcast com as mulheres que são produtoras, sem revelar a intenção de estudar feminismo até o momento da entrevista.

Quadro 1 – E-mail convite enviado aos programas selecionados na amostra inicial

E-MAIL CONVITE

ASSUNTO: PESQUISA DE MESTRADO – MULHERES PODCASTERS

Olá, eu sou Alice Santos, jornalista, podcaster e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Sob a orientação da Profa. Dra. Renata Barreto Malta, meu projeto de pesquisa tem o objetivo de estudar as mulheres produtoras de podcast no Brasil.

Depois de realizar um levantamento dos programas indicados na PodPesquisa de 2018 como os mais ouvidos encontrei o podcast de vocês e gostaria de convidar as mulheres que fazem parte da equipe para contribuir na etapa da coleta de dados.

Aquelas que se interessarem em participar irão responder a uma entrevista com cerca de 25 perguntas e duração entre 30 minutos e uma hora. A entrevista será online e gravada em formato de podcast.

Aguardo uma resposta indicando as mulheres que têm interesse em participar para que em seguida possamos agendar a melhor data e horário da entrevista.

Conto a sua participação.

Atenciosamente,

Alice Santos

Fonte: Produzido pela autora (2020).

Os primeiros contatos aconteceram nos dias 15 e 16 de abril de 2020, exceto com o programa *Hipster Ponto Tech*⁴⁷ que não foi localizado no site um endereço de e-mail ou espaço

⁴⁷ Site do programa: <https://hipsters.tech/>.

para contato, e o perfil disponibilizado da colaboradora no twitter não permite o envio de mensagens diretas. Após o primeiro envio de e-mails foram marcadas e realizadas 08 entrevistas. Em agosto de 2020 foi feita uma segunda tentativa de contato com os podcasts que não responderam ao e-mail e também para reagendar entrevistas que não ocorreram por questões técnicas, após esse segundo contato mais 07 entrevistas foram realizadas. A última entrevista aconteceu em 21 de janeiro de 2021 e, assim, da amostragem inicial que continha 52 programas, foram realizadas entrevistas com 17 mulheres de 18 podcasts diferentes.

3.2. A ENTREVISTA

A técnica de coleta de dados definida para o estudo é a entrevista em profundidade de tipo semiaberta e individual. Tendo em vista a impossibilidade de realizar entrevistas presenciais, já que não há qualquer tipo de financiamento para o desenvolvimento desse estudo, a solução encontrada foi realizar as entrevistas gravadas em áudio por meio de chamadas online, de maneira similar àquela utilizada na gravação de *podcasts*, dessa forma, pretendemos propiciar um ambiente de confiabilidade em um formato que as respondentes já estão familiarizadas.

Segundo Duarte (2006), “a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte” (DUARTE, 2006, p. 62). Nesse sentido, as entrevistas serviram justamente para conhecer melhor os esforços das mulheres em produzir conteúdo em um ambiente que é dominado por homens, a fim de explorar as nuances de como esse processo ocorre e verificar a maneira como elas percebem e/ou vivenciam os movimentos feministas.

Em janeiro de 2020 realizei a entrevista teste para verificar, principalmente, a pertinência das perguntas elaboradas, o que acabou sendo importante para trazer questões que não haviam sido exploradas. Além das alterações no roteiro de perguntas inicial, também foi possível elaborar algumas análises primárias, o perfil sociodemográfico se manteve similar ao dos homens quando comparado com os resultados da PodPesquisa. Outro fator que chamou a atenção foi o fato dela atribuir a pouca presença de mulheres consumindo podcast à maneira como a mídia se desenvolveu no Brasil, muito associada a conteúdos *nerds* e *geeks*, um nicho temático que também é majoritariamente dominado pelos homens. Quanto ao feminismo, a entrevistada se considera feminista, inclusive produzindo conteúdo sobre o tema, porém sem alinhamento em uma corrente/ou vertente específica.

No Quadro 2 está disposta a transcrição da entrevista com algumas observações realizadas logo após sua realização, apenas a título de exploração. Assim, o método e formato utilizado na transcrição desta entrevista não se aplicam às demais.

Quadro 2 – Quadro com transcrição e codificação da Entrevista teste

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA (PRÉ-TESTE)		
(Continua)		
Entrevistada: Nikolli Bueno Gautério Podcast: Polimorfias/É Pau, É Pedra Atuação: Host, Pauteira, Editora	Data: 13/01/2020	
BLOCO 01 – DADOS DEMOGRÁFICOS	OBSERVAÇÕES	
Idade: 27 anos Gênero: Mulher (não se denomina cis) Etnia: Branca Naturalidade: Rio Grande – Rio Grande do Sul Orientação sexual: Bissexual Escolaridade: Pós-graduação incompleto Ocupação: Psicóloga autônoma e editora de podcast Estado civil: Solteira Filhos: 0	Perfil similar ao dos ouvintes da PodPesquisa, exceto pela questão de gênero e orientação sexual.	
BLOCO 02 – RELAÇÃO COM O PODCAST	OBSERVAÇÕES	
<i>Alice – Você lembra da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast? Como você soube que podcast era uma coisa que existia?</i>		
Nikolli: Então, eu não me lembro de ter ouvido sobre podcast antes de já consumir podcast, eu não sei como que isso surgiu na minha vida exatamente, mas eu lembro de ler o livro do Ivan Mizanuk antes de ouvir o AntiCast então eu acredito que tenha sido através do livro e de seguir no twitter que eu resolvi procurar o que que era o AntiCast e aí foi quando eu comecei a ouvir podcast.	Conheceu o podcast por redes sociais.	
<i>A – O AntiCast foi o seu primeiro podcast?</i>		
N – Foi.		
<i>A – Você está fazendo algum podcast atualmente?</i>		
N – Eu faço parte do É Pau, É Pedra (EPEP) que é um podcast colaborativo, eu tenho um projeto que está meio patinando que é o Polimorfias, ele era um spin-off do Polimorfia ⁴⁸ . O Polimorfia acabou, o Polimorfias foi meio que seguindo sozinho e depois a gente parou e agora estava meio voltando, mas é uma coisa muito complicada porque envolve muitas pessoas . E eu estou com um projeto que acho que vai nascer mesmo que é um outro projeto e aí não é só com mulheres no caso.	Participação em mais de um programa ao mesmo tempo.	
<i>A – Vamos tratar aqui do Polimorfias, tá? As perguntas que eu fizer você responde com relação a ele. Sobre o que esse programa fala?</i>		
N – O Polimorfias nasce com a necessidade que eu tinha de conversar, naquela época, de assuntos que envolviam mulheres e a equipe do Polimorfia era composta de dois homens e eu. E eu não me sentia à vontade de falar sobre essas coisas com eles, eles eram bem de boa mas meio que não teria lugar de fala pra falar sobre essas coisas. Aí eu resolvi então gravar esse spin-off que daí eu também ia ter mais autonomia e eu convido mulheres, nessa primeira temporada eu convidava mulheres para conversar sobre assuntos diversos então teve sobre feminismo, menstruação, criatividade, depois teve sobre ler mulheres, depois	Discussão sobre mulheres e questões que as afetam.	

⁴⁸ Página do Facebook do Podcast: <https://www.facebook.com/polimorfiapodcast/>. O site com os episódios está fora do ar.

sobre a própria militância na época das eleições, eu dava dicas de saúde mental assim pra gente seguir na militância e aí ele encerrou e agora a minha ideia na volta era de não trabalhar com essa ideia de mulheres cis e trabalhar com uma perspectiva mais plural.

A – Entendi. Você já me explicou que seu projeto ainda está meio que patinando e aí eu queria saber se o fato de o projeto não ter continuidade quais foram os impedimentos pra isso? Quais foram as principais dificuldades que você encontrou nesse processo de produzir um podcast?

N – Então, quanto maior a equipe parece que mais complicado, porque geralmente as pessoas têm outras ocupações, o podcast não é a prioridade, a gente tem uma vida profissional e isso acaba sendo um dos impeditivos por questão de agenda. Outra coisa, eu noto muito com pessoas que não são homens cis hétero brancos, nós não somos educados para ter esse espaço na esfera pública, nós não somos encorajados para isso então parece que participar de um podcast é uma coisa tão utópica que as pessoas começam meio que se sabotar, então convidar os caras pra ir fazer o podcast, eles podem nem saber muito do assunto mas geralmente eles vão aceitar, vão lá, vão gravar, sem ter lido pauta, sem nada. Essas outras pessoas querem, quando vão se apropriando da esfera pública... a gente tenta se mostrar capaz daquilo então eu acho que se enrola mais querendo fazer uma coisa super perfeita e aí atrasa mais o processo.

A dificuldade em conciliar as outras atividades da produção do podcast.

Aspectos relacionados a gênero são determinantes como obstáculos para a produção de podcasts.

A – Você tem algum exemplo de coisas que foram muito complicadas, que você tentou bastante e acabou que não deu certo, uma situação específica?

N – Tem, daí não seria do Polimorfos, mas tem um episódio que é sobre feminismos. A gente queria fazer um episódio no EPEP sobre a diferença de cada vertente e parece que a gente ficou tentando fazer uma coisa tão... cada uma tentando se mostrar didática e como fazer de uma maneira que a gente fosse compreendidas por todo mundo e não sei o que, que a coisa foi, foi e faz uns seis meses e não saiu o tal do episódio, já teve mina que saiu do grupo e a gente não fez o episódio. E isso é uma coisa que frustra bastante né? Mas eu não vejo... assim, eu não culpabilizo as pessoas, eu entendo que faz parte desse processo assim da gente se apropriar dos espaços também.

Mulheres se cobrando a perfeição relaciona isso à ocupação da esfera pública.

A – Você conseguiu nessas experiências maneiras de tentar contornar essas dificuldades ou ainda têm sido coisas que você sempre bate de frente?

N – Então a última eu tentei fazer com pessoas, com convidadas mais assim externas o que deu certo, só que também é complicado questão de agenda. Tentei com pessoas mais próximas, mas parece que quanto mais intimidade a gente tem mais as pessoas meio que vão... a gente vai se vai escorregando pra lá e pra cá. Então o jeito que eu achei mais fácil foi e meio eu fiz no fim do Polimorfos e agora eu tô fazendo nesse meu novo projeto com história da loucura é gravar sozinha. Só que o gravar sozinha entra várias questões em relação a esse processo de se apropriar do espaço público daí eu sozinha, eu me sinto como se eu tivesse impondo as minhas ideias e eu não tenho ninguém dando feedback naquele momento e daqui a pouco posso soar, sei lá, pedante, eu me canso de ficar me ouvindo eu que edito os meus episódios então eu tenho que me ouvir detalhadamente e acaba que eu além de me julgar enquanto eu faço a pauta e enquanto estou gravando eu me julgo quando eu estou editando, então é um processo que se torna mais fácil no sentido de agenda e tudo, só que é mais complicado na questão emocional mesmo então se torna pesado também.

Os pesos e dificuldades de fazer em grupo x fazer sozinha

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA (PRÉ-TESTE)

(Continua)

A – De todo processo de produção de um podcast, fazer pesquisa, fazer a pauta, gravação, edição, depois botar esse programa no mundo e divulgar. Dessas etapas, qual ou quais você acha que é mais difícil de fazer, sozinha ou em grupo?

N – Eu acho que a pauta é mais difícil de montar quando vai ser para um grupo e a edição se torna fácil porque não sou só eu falando por exemplo então eu gosto de editar outras pessoas falando. E quando é sozinha a pauta é muito fácil porque eu coloco ali anotações soltas e eu sei que eu vou entender, porém a edição é muito pesada ficar me ouvindo.

> Pauta p/ episódios em grupo
> Edição para episódios individuais

BLOCO 03 – RELAÇÃO COM FEMINISMO

OBSERVAÇÕES

A – Você acha que homens e mulheres tem as mesmas capacidades, e acessos e condições de produzir conteúdo de qualidade na internet?

N – Não, no sentido de que as mulheres elas têm essa capacidade mas não tem o mesmo tipo de acesso por aquilo que eu comentei no outro bloco, da gente não ter sido educada a gente não tem uma estrutura pra se apropriar de uma forma como os homens fazem da esfera pública se torna um pouco mais complicado, depois durante o consumo do conteúdo também eu noto que as pessoas preferem ouvir homens mesmo que eles não estejam 100% aptos a falar sobre aquelas coisas, eles têm um espaço de poder e acaba que mesmo mulheres as vezes preferem ouvir podcasts produzidos por homens, então muitos podcasts produzidos por mulheres acabam perdendo espaço ou perdendo a força em relação à essa falta de visibilidade, nesse espaço.

Traz novamente uma percepção de gênero quanto ao poder que o acesso à esfera pública traz ao homem.

A – Você conhece os dados das PodPesquisas que mostram que a proporção de homens e mulheres ouvintes de podcast é mais ou menos 80% de homens e 20% de mulheres ouvintes de podcast no Brasil? Eu queria saber se você tem conhecimento desses dados e o que você acha que causam esses números.

N – Meu Deus! Eu não tinha visto o resultado, mas assim, empiricamente a gente percebe. Circulando pela pódosfera, comentando com pessoas entre círculos de amigos, a própria Cracóvia, a gente percebe quem tem muito mais caras. Eu acho que é isso, nós não somos incentivadas a procurar por conteúdo. Talvez a gente, pelo menos eu tenho muito mais contato, eu consumo, eu trabalho, muito com podcasts de assuntos políticos e também é uma esfera que a mulher não é... não se sente à vontade de querer se apropriar acha que não vai compreender ou que não vai ser... não sei, eu não vejo esse interesse assim e como aqui no Brasil o podcast parece que foi o boom assim foram daqueles podcasts com conteúdo nerd, eu acho que já é uma coisa que vem pra cá pro público masculino, e aí os outros públicos vão aos poucos se apropriando disso.

Conteúdos feitos por homem passam mais credibilidade, por conta desses processos de opressão.

Mulheres não têm incentivo para procurar informação

No Brasil o podcast é lido como voltado ao público nerd masculino.

A – Você conhece a hashtag mulheres podcasters?

N – Sim, utilizo.

Conhece e utiliza a mulheres podcasters.

A – Você utiliza para divulgar seus programas e para encontrar outros programas produzidos por mulheres? Qual o uso que você mais dá?

interferência na gravação

A – Não ouvi

N – Sim (risos)

A – Você faz para as duas coisas? Pra divulgar os seus e pra encontrar outros programas?

N – E também eu andei dando umas oficinas de produção de podcasts em escolas e na universidade e aí eu sempre levo as hashtags da pódosfera negra e LGBTQI e mulheres podcasters eu acho que é bem interessante a ferramenta da hashtag para nos conectar como rede né.

Acha que a hashtag forma uma rede.

A – E a campanha O Podcast é Delas? Você conhece já participou com algum dos podcasts que você está envolvida?

N – Sim! Inclusive se o Polimorfias voltar mesmo, a gente vai voltar por lá, que foi o jeito assim que eu encontrei de... Quando eu fiz o Polimorfias já me abriram espaço no podcast é delas para isso de primeira, só que na época, eu acho que foi um pouco por preguiça, eu preferi continuar no Polimorfia mesmo sendo com caras, porque eu pensei “ah, aqui eu já tenho toda a estrutura feita, não preciso fazer nada, não vou precisar divulgar nada, não que o que lá”, segui e depois me arrependi né? Aí eu levei na cara daí eu voltei o cão arrependido, me abriram espaço novamente, então se a gente voltar a gente vai voltar por lá e é um projeto que dá um baita empurrão para gente.

A – Você se considera feminista?

N – Sim!

A – Qual percepção você tem do feminismo? Enquanto movimento, teoria, como você percebe?

N – O feminismo eu percebo como uma... como eu posso dizer, uma ótica, né, um pensar, uma política, mas eu acho que ele se torna efetivo quando ele realmente faz sentido pra gente no sentido pessoal de como que a gente se percebe também porque ele só como teoria é uma teoria, eu não vejo ele como prática se ele não faz parte da gente. Eu por muito tempo... assim, porque o meu primeiro contato com o feminismo foi o feminismo radical então por algum tempo eu li a teoria radical e acreditava naquilo e defendia aquilo e com o tempo eu fui percebendo questões minhas que quando eu comecei também a me compreender como uma pessoa feminista e dentro dessa vertente como ela é compreendida pelas pessoas que tão se identificando com ela e aquela percepção que se tem rasa só de twitter e como ela é acaba ela não sendo efetiva, o discurso acaba não sendo efetivo na prática por essas questões eu me afastei enquanto movimento e aí comecei a procurar outras coisas e entender, daqui a pouco eu ia ter o meu feminismo, a minha percepção de feminismo foi quando eu tive contato também com a teoria queer e eu apendi sobre teoria queer no podcast Larvas Incendiadas⁴⁹ e aí fiquei com aquilo matutando na cabeça e resolve ir atrás disso e aí tinha uma disciplina do mestrado que me inscrevi como aluna especial de teoria queer.

O feminismo deve atrelar a teoria com a prática e com a individualidade de cada mulher.

Mudou de perspectiva de feminismo com o passar do tempo.

A – Qual Universidade?

N – Da FURG – Universidade Federal do Rio Grande

E aí eu comecei também editando HQ da Vida, não era nem só ouvindo era editando HQ da Vida, comecei também a aprender mais sobre isso e aí eu acho que bateu muito com essas minhas questões do feminismo e essas minhas questões com gênero e orientação sexual, me tornei uma grande fã de Preciado⁵⁰ e aí isso tá fazendo sentido pra mim por enquanto e aí eu ainda não sei definir qual é a vertente do feminismo que eu me encaixo me tornei editora também do podcast Grifa a questão do podcast em si é muito atrelada à minha percepção sobre mim mesma, eu vou aprendendo as coisas com os podcasts e vou aprendendo sobre mim, então uma edição de podcast pra mim não é só qualquer coisa, qualquer trabalho mecânico é uma meditação inclusive o HQ eu editei chorando o episódio que foi sobre... tu tava nesse episódio, era com uma pessoa não-binária de cabelo rosa e azul.

Traz uma questão afetiva com o podcast, como se ele acompanhasse as fases da vida, dos aprendizados.

⁴⁹ Podcast de divulgação científica de estudos de gênero e sexualidade: <https://www.megafono.host/podcast/larvas-incendiadas>.

⁵⁰ Paul B. Preciado filósofo e escritor feminista transgênero. Escreve sobre gênero, teoria queer, identidade e pornografia.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA (PRÉ-TESTE)

(Conclusão)

A – O menino que é daqui de Aracaju, é Cup.

N – Isso. Eu chorei durante todinho o episódio que eu fui aprendendo um monte de coisa sobre mim. Daí com o Grifa aprendi sobre a bel hooks e daí fui atrás de ler bel hooks e comecei a entender também a importância da gente falar de masculinidade tóxica dentro do feminismo que quando eu entrei no feminismo radical eu aprendi que a gente nem falava com homem no feminismo, não respondia nada porque a gente não era obrigada e que eles não tinham nada que saber de nada e enquanto psicóloga e enquanto essa pessoa que vai se percebendo assim eu comecei a entender também essa importância, então é isso, sou várias nuances de tudo e em todos os aspectos sou uma pessoa difícil, muito subjetiva para se definir em vertentes em categorias.

Não sabe dizer em qual vertente se encaixa por ainda estar estudando e mudando de perspectivas.

Fonte: Elaborada pela autora (2020)

O roteiro de entrevista (Quadro 3) foi refinado após a entrevista teste e possui três blocos temáticos, que buscam coletar dados que sirvam como resposta às questões norteadoras da pesquisa. A elaboração do roteiro se baseia na proposta de Kathy Charmaz (2006), quando a autora afirma que as questões em uma entrevista em profundidade elaborada devem ser “suficientemente gerais para abranger uma ampla gama de experiências, e restritas o suficiente para suscitar e elaborar a experiência específica do participante” (CHARMAZ, Kathy, 2006, p. 29)⁵¹.

Quadro 3 – Roteiro de Entrevista em Profundidade

ROTEIRO DE ENTREVISTA

(Continua)

INTRODUÇÃO:

1. Apresentar a entrevistada e pedir que ela cumprimente o ouvinte;
2. Explicar a minha pesquisa e a estrutura da entrevista;
3. Pedir que ela confirme que está sendo gravada e que a identidade dela pode ser divulgada na pesquisa e no podcast.

BLOCO 01 – DADOS DEMOGRÁFICOS:

1. Nome Completo
2. Idade
3. Identidade de Gênero
4. Raça\etnia
5. Naturalidade
6. Orientação sexual
7. Escolaridade
8. Ocupação
9. Estado Civil
10. Quantidade de Filhos

⁵¹ Do original: *Sufficiently general to cover a wide range of experiences and narrow enough to elicit and elaborate the participant's specific experience.*

ROTEIRO DE ENTREVISTA

(Conclusão)

BLOCO 02 – RELAÇÃO COM O PODCAST:

1. Você se recorda a primeira vez em que você ouviu falar sobre *podcasts*? Como você descobriu a existência da mídia?
2. Quais assuntos são tratados no seu programa? De onde surgiu a vontade de produzir conteúdo sobre isso?
3. Qual função ou funções você assume no programa que faz parte? Gostaria de assumir outras funções? Se sim, por que não assume?
4. Pensando a sua relação com o podcast, você acredita que tem com a mídia uma relação mais emocional/subjetiva ou profissional/racional? Por que?
5. De todo processo de produção de um podcast, qual ou quais você acha que é mais difícil de fazer?
6. Você pode contar um pouco sobre essas situações de dificuldade?
7. Você acredita que algum fator em especial contribuiu para esses problemas que você enfrentou?
8. Como você conseguiu contornar essas adversidades?

BLOCO 03 – RELAÇÃO COM O FEMINISMO:

1. Você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas capacidades, acessos e condições de conseguir produzir conteúdo de qualidade na internet?
2. Você conhece os resultados das PodPesquisas que apontam que cerca de 80% dos ouvintes de podcasts são homens? Quais fatores você acredita que levam a esses números?
3. Você costuma utilizar a hashtag mulheres podcasters na divulgação de seus programas? Já participou da Campanha O Podcast é Delas? Se utiliza, por que sim, se não utiliza, por que não?
4. Você se considera feminista? Se sim, em que medida essa posição política se reflete no conteúdo que produz?
5. Qual percepção você tem do feminismo como um movimento e/ou teoria?

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Apesar do roteiro que orienta a condução da entrevista, o processo não é engessado e a depender das respostas das entrevistadas foram/serão perguntadas outras questões. Além disso, a questão número 7 foi retirada das entrevistas porque percebi que as entrevistadas, ao explicarem os problemas enfrentados, já faziam a atribuição à origem do problema. Após as primeiras entrevistas também adicionei perguntas sobre a percepção delas entre as diferenças da podosfera mista e da podosfera feminina, e também uma pergunta sobre o receio de receber ataques de ódio na internet por conta do conteúdo que produzem.

3.3 ANÁLISE TEMÁTICA

Para a análise e interpretação dos dados colhidos nas entrevistas utilizamos a Análise Temática (uma vertente da Análise de Conteúdo) e sequencial, conforme proposto por Laurence Bardin (2011). A análise de conteúdo é dividida em 3 etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento e interpretação dos resultados obtidos. A *pré-análise* configura o processo de seleção e organização dos materiais analisados, que no âmbito desta pesquisa foi o procedimento de seleção das fontes, a realização e a transcrição de todas as entrevistas.

Para a *exploração do material*, foi utilizada a Análise Temática conforme a autora propõe justamente para a análise de entrevistas. A junção de mais de uma forma de análise de conteúdo é feita pela natureza da entrevista, um tipo de material que é permeado pelas multiplicidades de quem as responde. A autora argumenta que a elaboração de uma simples quantificação da frequência de temas, que é comum nas análises de abordagem quantitativa, acaba limitando as particularidades cognitivas e afetivas que geralmente é onde se encontra o potencial das entrevistas. Assim, Laurence Bardin (2011) sugere a combinação da Análise Temática associada a outras técnicas de Análise de Conteúdo, o que permite uma análise mais completa. Dessa maneira, analisando entrevista por entrevista “sob a aparente desordem temática, trata-se de procurar a estruturação específica, a dinâmica pessoal, que, por detrás da torrente de palavras, rege o processo mental do entrevistado” (BARDIN, Laurence, 2011, p. 96). Em suma, a proposta é a de que seja feita uma análise que nos ajude a perceber essas mulheres como um agrupamento social, mas de uma maneira que suas especificidades não se diluam quando estão inseridas nessa coletividade:

O analista confronta-se com um conjunto de "x" entrevistas, e o seu objetivo final é poder inferir algo, por meio dessas palavras, a propósito de uma realidade (seja de natureza psicológica, sociológica, histórica, pedagógica...) representativa de uma população de indivíduos ou de um grupo social. Mas ele encontra também - e isto é particularmente visível com entrevistas - *pessoas* em sua unicidade (BARDIN, Laurence, 2011, p. 94).

No quadro 4, apresento como exemplo a transcrição da primeira pergunta da primeira entrevista realizada em abril de 2020 com Raquel Ferraz do podcast *Foco de Pestilência*. O material foi transcrito, enumerado e analisado na ordem cronológica a partir da realização de cada entrevista. O título localizado após a numeração foi escolhido a partir de uma marcante realizada pela interlocutora durante a entrevista. Ao final de cada análise, o link de acesso ao áudio da entrevista, as informações sociodemográficas, data da entrevista e programa do qual a mulher em questão participa foram condensadas abaixo do cabeçalho, auxiliando assim em uma possível localização futura das informações.

Quadro 4 – Exemplo de quadro elaborado para a transcrição das entrevistas

ENTREVISTA Nº 01 – “AS MULHERES NÃO SE SENTEM CONFORTÁVEIS”

Áudio disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1JJheBgF7kHwjLjEEvV4oDlSJmrrIWAI0/view?usp=sharing>

Data: 20 de abril de 2020	Orientação sexual: Lésbica
Nome: Raquel Lima Ramos Ferraz	Escolaridade: Superior Completo
Idade: 32 anos	Ocupação: Publicitária
Gênero: Mulher Cisgênero	Estado civil: Solteira
Etnia: Branca	Filhos: 0
Naturalidade: Recife	Podcast: Foco de Pestilência

Relação com o podcast

Alice – Você se recorda da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast?

Raquel – Rapaz, eu acho que em 2000 e alguma coisa eu ouvi rumores de podcast mas eu ainda não era uma consumidora. Em 2015, eu acho, acho que foi por aí, eu morava em São Paulo e eu comecei a trabalhar em Barueri e aí eu ia de Pinheiros até Barueri e eu tinha muito tempo livre e aí eu comecei a ser consumidora desses formatos mais de áudio aí eu comecei a ouvir audiobook e tudo o mais. / E aí na época eu tava estudando tarô e aí por livre conta né? E aí eu conheci uma amiga no trabalho que também estudava tarô e outras coisas esquisitéricas, ou esotéricas ou ocultistas, o que fosse e ela me indicou podcasts. E aí eu começo a ouvir podcasts nesse momento, em 2015\2016 por aí.

Fonte: Produzido pela autora (2020).

Cabe explicar que a opção de não manter as entrevistadas em anonimato se deu, em especial, pela relação que elas desenvolvem com seus programas. Foi importante para as análises compreender os temas abordados nos podcasts de maneira que não seria possível esconder totalmente as identidades, já que citando o nome do programa em uma rápida pesquisa online seria possível identificá-las, assim, não haveria garantia de anonimato. Diante disso, a primeira etapa do roteiro de entrevista, apresentado no Quadro 3, foi a solicitação de que elas confirmassem em gravação a autorização de que seus nomes fossem divulgados.

Assim, seguindo os parâmetros apresentados acima, busquei responder às questões norteadoras e aos objetivos específicos da pesquisa. No Quadro 5, está o quadro temático desenvolvido a partir dos temas principais que foram investigados: como a entrevistada conheceu o podcast, qual a relação que ela estabelece com a mídia (emocional/profissional), quais tarefas cada uma assume e quais são percebidas como as mais difíceis, os temas abordados em seus programas, as vertentes/correntes do feminismo com as quais elas se identificam e o envolvimento com as campanhas *#MulheresPodcasters* e *#OPodcasteÉDelas*.

Quadro 5 – Quadro temático elaborado durante as análises das entrevistas

Conheceu	Relação	Tarefas	Dificuldade	Tema	Corrente	#mp	#oped
(Continua)							
Amigas	Hobby	Prod./edição	Edição	Magia+	Independente oposição ao radical	não conhece	participa
Amigas	Hobby	Prod./edição/divulgação	Produção	Magia+	Radical	conhece	participa
Amigas	Trabalho	Prod./divulgação	Produção	Gênero+	Interseccional	utiliza	em outros programas
(Conclusão)							
Amigas	Hobby	Prod./edição/divulgação	Edição	Divulgação Científica	Independente	não conhece	conhece
Amigas	Hobby	Prod./divulgação	Produção	Magia+	Feminista em construção	utiliza	participa
Amigas	Trabalho	Produção	Produção	Estilo de Vida	Interseccional	conhece	em outros programas
Amigas	Trabalho	Prod./divulgação	Produção	Magia+	Independente	utiliza	participa
Amigas	Hobby	Prod./divulgação	Divulgação	Gênero+	Independente (oposição ao liberal)	utiliza	em outros programas
Internet	Hobby	Produção	Produção	Gênero+	Independente (oposição ao liberal e radical)	utiliza	participa
Amigas	Hobby	Produção	Produção	Gênero+	Marxista	utiliza	participa
Internet	Hobby	Produção	Todas as etapas	Entretenimento	Independente	utiliza	em outros programas
Amigas	Hobby	Produção	Produção	Divulgação Científica	Marxista	utiliza	participa
Internet	Trabalho	Prod./edição/divulgação	Edição	Entretenimento	Interseccional	-	-
Internet	Hobby	Prod./divulgação	Técnica	Estilo de Vida	Marxista	utiliza	participa
Amigas	Hobby	Prod./edição divulgação	Edição	Divulgação Científica	Interseccional	conhece	conhece
Amigas	Trabalho	Prod./edição/divulgação	Divulgação	Estilo de Vida	Independente	utiliza	em outros programas
Amigas	Trabalho	Prod./edição /divulgação	Divulgação	Podcasts\Entretenimento	Independente	-	-

Fonte: Produzido pela autora (2020).

O quadro apresentado na tabela 5 funciona como organizativo e foi preenchido ao longo das análises. As explicações e tensões teóricas e empíricas serão apresentadas no capítulo 3, etapa da Análise Temática, que concerne ao *tratamento e interpretação dos dados* e é onde são realizadas as operações estatísticas, sínteses, inferências e interpretações dos dados.

4 O PODCAST É DELAS

“Temos que ir mais fundo, temos que romper com o senso comum, temos que deduzir das falas as categorias nativas, caso contrário, não estaremos fazendo análise social nem estudando cultura, estaremos apenas fazendo transcrição de fitas”.

- Cecília Sardenberg

Neste capítulo aprofundaremos as discussões sobre feminismo a partir dos dados coletados. Proponho reflexões sobre o contexto dos estudos sobre gênero/feminismo/mulheres no campo da comunicação para construir uma base teórica e empírica que é fundamental para garantir maior fluidez nas análises. Até o final da discussão e apresentação dos dados, exponho os programas que compõem o *corpus* e o perfil sociodemográfico das entrevistadas, explico como elas se relacionam com as correntes/vertentes do feminismo e quais suas motivações para produzir podcasts. Também analiso as principais dificuldades apontadas, as implicações de entender a produção de conteúdo como trabalho e a percepção que elas possuem da podosfera em geral. Todas essas discussões são elaboradas e embasadas em teorias feministas.

Durante as leituras dos artigos da Intercom que foram discutidos no primeiro Capítulo, observei a existência de trabalhos que abordam, em alguma medida, as relações de gênero no contexto do podcast e apenas dois artigos tratam a temática, ambos a partir de uma perspectiva do Jornalismo e suas teorias. No artigo “‘Filhas da Guerra’: uma análise da fala da mulher através do podcast”, de Amanda Alves e Luana Viana, publicado no Intercom Sudeste de 2019, as autoras, por meio de uma análise de conteúdo, procuraram perceber como o podcast “Filhas da Guerra⁵²” utiliza as mulheres como fontes em sua narrativa e o resultado obtido é pouco animador: “mesmo que a protagonista da história seja uma mulher, sua fala acaba sendo legitimada por um homem que tecnicamente assume uma postura de detentor do conhecimento” (ALVES, Amanda; VIANA, Luana, 2019, p. 12).

Já no trabalho de Ferreira et. al. (2018), “O Podcast Como Lugar de Legitimação da Fala da Mulher sobre Futebol”, as autoras demonstraram uma perspectiva mais favorável às mulheres jornalistas que trabalham com o jornalismo esportivo, em especial o futebol, um espaço que é majoritariamente masculino. Segundo as autoras, o podcast pode ser construído como um ambiente seguro para essas profissionais, já que “possibilita algo que o mercado esportivo comum, como jornais, rádios e emissoras de TVs, não possibilita, que é de assegurar

⁵² Título da primeira temporada do podcast Projeto Humanos, nessa temporada é contada a história de uma sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz.

o espaço da mulher comentarista no futebol, legitimando e garantindo o seu lugar de fala” (FERREIRA et. al., 2018, p. 11).

Considerando que apenas estes dois trabalhos não foram suficientes para trazer um panorama das pesquisas sobre podcasts que se entrecruzam com os estudos de mulheres/gênero/feminismo, busquei compreender essas questões a partir de estados da arte realizados por outras autoras que apresento abaixo.

Ana Carolina Escosteguy e Márcia Messa (2008) analisaram 65 trabalhos, entre teses e dissertações, publicadas de 1992 a 2002 no campo da Comunicação que tinham como objeto ou abordagem questões relativas a gênero/mulher(es)/feminismo(s). As autoras dividiram as publicações em três períodos a partir das similaridades entre as publicações. Nos primeiros 04 anos (1992 a 1996) elas apontam que as pesquisas estão preocupadas em entender os conteúdos produzidos pelas mídias, suas mensagens e ideologias: “observamos dois vieses: um primeiro relacionado ao âmbito da produção, ou seja, na singularidade da produção feminina e um segundo na produção para o público feminino” (ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia, 2008, p. 16).

Já no recorte de 1997 a 1999 os estudos se voltam para como as mulheres recebiam os conteúdos e como, enquanto público, participam na construção de sentido: “A idéia que atravessa essas pesquisas é que a mídia torna-se decisiva na responsabilização do indivíduo pelo seu corpo e pela transformação deste em objeto de consumo, associando-o, por sua vez, a um estilo de vida” (ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia, 2008, p. 19). As representações da mídia são o tema central das pesquisas de 2000 a 2002, as autoras destacam que é neste período que aparece a primeira pesquisa que envolve a internet como objeto, a dissertação “Esferas Públicas Feministas na Internet” produzida por Lara Podestá Haje (UNB, 2002), que busca “fazer uma discussão das potencialidades da rede para a formação de esferas públicas e também uma análise de como o movimento feminista vem se apropriando – e/ou pode se apropriar – desse espaço” (ESCOSTEGUY, Ana Carolina; MESSA, Márcia, 2008, p. 27).

Em estudo mais recente, Ana Carolina Escosteguy (2019) apresenta de maneira concisa as tendências nos estudos de gênero/feminismo/mulheres no campo da comunicação desde a década de 1970 até o ano de 2015. Ela destaca que fatores como a situação política vivida no Brasil na década de 1970, associado com a maneira como o campo da comunicação se construiu dificultaram uma centralidade dos estudos que envolviam a mulher e os aspectos da cultura nesta primeira fase, “embora os estudos feministas comecem a ganhar expressão no final da década de 1970, seus interesses vão estar principalmente focados nas questões específicas do

trabalho, saúde, aborto e violência” (ESCOSTEGUY, Ana Carolina, 2019, p. 8). É a partir da década de 1980 que os estudos envolvendo a mídia começam a aparecer, interessadas principalmente nas ideologias e efeitos que as mensagens traziam para o público.

No período da década de 1990 dois pontos fundamentais são percebidos pela autora. Em primeiro lugar a noção de que a “mulher” enquanto categoria e/ou sujeito não é universal. E em segundo lugar a percepção de que o “gênero” como um conceito não é bem articulado nestas pesquisas mesmo quando as mulheres são objetos (sujeitas) centrais na pesquisa, não se aprofunda na problemática de gênero ou mesmo este termo é utilizado em substituição da palavra “mulher” (ESCOSTEGUY, Ana Carolina, 2019, p. 11). Quanto aos objetivos de pesquisa, a autora indica poucas rupturas com as preocupações da década anterior, porém também percebe novos elementos, como o interesse em estudar “as experiências feministas em vídeo, o interesse pelo masculino, pelas mulheres negras, indígenas e pelas interações entre as mulheres e a mídia” (ESCOSTEGUY, Ana Carolina, 2019, p. 11).

A partir dos anos 2000, Ana Carolina Escosteguy (2019) percebe dois principais direcionamentos de pesquisa, uma que dá continuidade às práticas de consumo das mídias e outra que centra as observações nas representações da mídia “ora marcadas pelo contexto do pós-feminismo, ora pelo reconhecimento de identidades LGBTs. Em ambos desdobramentos entende-se o espaço midiático como uma arena de disputa simbólica” (ESCOSTEGUY, Ana Carolina, 2019, p. 14). Outro apontamento feito pela autora é a carência de estudos preocupados com as relações estabelecidas entre gênero, raça e classe.

Analisando a década de 2010 a autora destaca os usos que têm sido feito da rede para ações individuais ou coletivas.

Há também grupos, constituídos off-line, que utilizam o ciberespaço para disseminar suas posições e obter apoio para as causas feministas e LGBTs. Todas essas práticas de comunicação ao mesmo tempo em que produzem uma diversidade de narrativas que se contrapõem aos valores dominantes e à representações estereotipadas, fortalecem a difusão de múltiplas vozes, num cenário político e midiático conservador, sobretudo, após as eleições presidenciais de 2018 (ESCOSTEGUY, Ana Carolina, 2019, p. 17).

Paula Coruja (2018) observou os trabalhos publicados de 2010 a 2015 com a palavra “feminismo” citada no título e/ou resumo e/ou palavras-chaves, foram localizados 21 trabalhos entre os quais os meios mais estudados são cinema e internet com 6 pesquisas em cada. Observando as pesquisas apresentadas (tabela 4), pelo menos até 2015, não houve nenhuma publicação que relacionasse os estudos de gênero/mulheres/feminismo com a produção de podcasts.

Tabela 4 – Trabalhos sobre feminismo tendo como objeto da comunicação a internet publicados de 2010 a 2015.

Ano	Autora	Título	Modalidade	Universidade
2010	VIEIRA, Vera F.	Comunicação e feminismo: as possibilidades da era digital.	Tese	USP
2012	BATISTA, Beatriz B.	Por saias e causas justas: Feminismo, comunicação e consumo na Marcha das Vadias	Dissertação	ESPM
2014	OLIVEIRA, Rodrigo O.	Garotas que jogam videogame: expressões de identidade e interações sobre cultura gamer no Facebook	Dissertação	Unisinos
2015	PAZ, Mônica S. D.	Mulheres e Tecnologia: hackeando as relações de gênero na comunidade software livre do Brasil	Tese	UFBA
2015	TOMAZETTI, Tainan P	Movimentos sociais em rede e a construção de identidades: a Marcha das Vadias - SM e a experiência do feminismo em redes de comunicação	Dissertação	UFSM
2015	MEDEIROS, Camila M. T	Jovens e Divas: construção do feminino na mídia contemporânea	Dissertação	UFRJ

Fonte: Elaborado pela autora com base em CORUJA, Paula (2018), (2020).

Tentando ampliar o alcance desse mapeamento, no catálogo de teses e dissertações da Capes, busquei pelos trabalhos com a palavra podcast publicados de 2016 a 2019 localizados na Área da Comunicação que estão condensados na tabela 5.

Tabela 5 – Trabalhos sobre podcasts publicados de 2016 a 2019 no campo da Comunicação

Ano	Autora	Título	Modalidade	Universidade
(Continua)				
2016	MURTA, Cintia Maria Gomes	Um estudo sobre Podcasteros de Game of Thrones	Dissertação	UFSCar
2018	OLIVEIRA, Paula Cristina Janay Alves De	A nova era de ouro do rádio?: Historicidades, tecnicidades e sensibilidades de podcasts brasileiros	Dissertação	UFBA
2017	COSTA, Clara Isabel De Andrade	Podcasts e construção de sentido: acontecimento, narrativa e reverberações na série jornalística 'Serial'	Dissertação	PUC - MG
2019	FERNANDES, Lais Cerqueira	Histórias reais sobre pessoas reais: um estudo sobre as estratégias de storytelling do podcast Projeto Humanos	Dissertação	UFJF
2018	ROCHA, Diogo Tognolo	Para além de uma dúvida razoável: Serial e a busca da verdade'	Dissertação	UFMG

Ano	Autora	Título	Modalidade	Universidade (Conclusão)
2019	SOUZA, Leonardo Costa	Os Vínculos Sonoros no Ambiente Comunicacional do Podcast Mamilos	Dissertação	FACULDADE CÁSPER LÍBERO
2019	ROCHA, Luiz Gusthavo Nunes Silva	JORNALISMO, PODCAST E MÚSICA: Alternativas para a construção de discursos musicais via podcasts em empresas de mídia	Dissertação	ESPM
2019	GONCALVES, Daniel Nunes	O Eu-Viajante na Comunicação Contemporânea: Um Estudo de Caso das Narrativas de Viagem da Empresa KLM	Dissertação	FACULDADE CÁSPER LÍBERO
2016	MALERBA, Joao Paulo Carrera	Rádios Comunitárias no Limite: crise na política e disputa pelo comum na era da convergência	Tese	UFRJ
2019	BENATTI, Julia Pinheiro	Estratégias Transmidiáticas por Meio do Fracionamento de Conteúdo: uma análise do portal Jovem Nerd	Dissertação	UFMG

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações do Banco de Teses e Dissertações da CAPES (2020).

Conforme observado na tabela 5, dos 10 trabalhos encontrados a partir dos critérios de consulta na plataforma, nenhum tem foco em podcast com a abordagem de gênero/mulheres/feminismo(s). Especificamente sobre gênero na Comunicação, um levantamento foi realizado por Tomazetti (2020). O autor, consultando teses e dissertações da comunicação publicadas de 1972 a 2015, localizou 316 pesquisas preocupadas com os estudos de gênero e sexualidade, em um total de 13.265, que representam 2,36% do total e percebeu grande aumento no número de pesquisas a partir de 2010.

Entre as áreas da comunicação o autor identificou que a maioria dos estudos (29%) estava vinculada ao Jornalismo em suas diversas modalidades, Telenovela/ficção seriada/entretenimento veio em seguida na classificação do autor, com 17%, Cinema 15% e estudos sobre internet e redes sociais aparecem em seguida com 10% (TOMAZETTI, 2020, p. 67).

As pesquisas de gênero, Internet e redes sociais possuem tanto recortes, problemáticas quanto metodologias distintas entre si, ora ligadas à expressão de movimentos sociais e da cidadania nas redes digitais, ora atrelados à convergência de discursos das mídias tradicionais na Internet, ou ainda, ligados às reflexões a respeito da formação de grupos e espaços de discussão, compartilhamento e dinamização sociocultural de sujeitos nos ambientes digitais. Do mesmo modo, essas investigações se segmentam entre os estudos de mulheres e/ou feministas e os estudos LGBT ou *queer*. No entanto, mesmo com a heterogeneidade de problemáticas e objetos, as pesquisas também giram em torno de processos identitários mas que, aqui, ganham força de fio

condutor quando atrelados, principalmente, às noções de reconhecimento, conversação e políticas de visibilidade. Assim, de modo geral, a dinamicidade dos objetos de pesquisa nos ambientes digitais possibilita, ao contrário dos outros territórios acima descritos, uma ênfase na ação dos sujeitos em relação aos usos das tecnologias de comunicação, para revitalizar tanto o debate quando as possíveis práticas identitárias ligadas às relações de gênero, sexualidade, políticas do corpo e do desejo (TOMAZETTI, 2020, p. 69).

O autor dialoga com a análise que Ana Carolina Escosteguy (2019) realiza sobre as pesquisas em comunicação da década de 1990 quanto à utilização dos estudos teóricos,

Os usos dessas reflexões nas pesquisas em comunicação em questão nem sempre corresponde a essa constituição epistemológica. Sendo utilizadas, na maioria dos casos, para a definição de um conceito de gênero nos trabalhos. As autoras fazem o papel, quase que exclusivo, de locutoras conceituais para a formulação de capítulos teóricos (TOMAZETTI, 2020, p. 75).

Para ele, a partir das análises realizadas é “possível dizer que a ideia partilhada nos estudos em comunicação é a de que o conceito de gênero representa uma categoria epistemológica de saber/poder sobre a realidade social, estando muito além da inscrição biológica dos corpos” (TOMAZETTI, 2020, p. 74).

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CORPUS

Antes de realizar as análises elaboradas a partir das entrevistas, considero fundamental apresentar os programas aos quais as entrevistadas fazem parte, pois os seus temas abordados e contextos específicos serão acionados futuramente nas falas de cada uma delas. No total foram citados 18 programas, já que algumas das 17 entrevistadas integram a equipe de mais de um programa. Apresento os programas agrupados (Tabela 5) pelos temas que abordam, a saber: divulgação científica (I), entretenimento (II), estilo de vida (III), feminismo, gênero e sexualidade (IV), magia, esoterismo, ocultismo e religião (V) e outro (VI).

Tabela 6 – Podcasts do corpus de análise agrupados por categorias temáticas que abordam

Tema	Programas
Divulgação Científica (03)	Alô Ciência, Chutando a Escada e Fronteiras da Ciência.
Entretenimento (03)	DWBrCast, MdManas e Perdidos na Estante.
Estilo de Vida (03)	Baseado em Fatos Surreais, Imagina Juntas, e Sinuca de Bicos.
Feminismo, gênero e sexualidade (04)	As Mathildas, Hora Queer, Olhares Podcast e Ponto G
Magia, esoterismo, ocultismo e religião (04)	Foco de Pestilência, Mundo Freak Confidencial, Papo Lendário e Papo na Encruza.
Produção de podcasts (01)	Estúdio 31

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Os três programas que entregam uma programação voltada para a Divulgação Científica são o *Alô Ciência*⁵³, que está no ar desde 2016, o *Chutando a Escada*⁵⁴, programa sobre política internacional e divulgação científica na área de Relações Internacionais em que todos os membros possuem doutorado em relações internacionais ou ciência política, e o *Fronteiras da Ciência*⁵⁵, programa vinculado à Rádio Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e finalizou em 2020 a sua décima primeira temporada com mais de 430 episódios já produzidos.

Nos podcasts voltados ao entretenimento temos o *DWBrCast*⁵⁶, no ar desde 2013 - o podcast é vinculado ao site Doctor Who Brasil que tem como objetivo discutir e trazer notícias e curiosidades para os fãs brasileiros da série britânica Doctor Who -; o *MdManas*⁵⁷, um spin-off do podcast do site *Melhores do Mundo* sobre quadrinhos, cinema e games - o objetivo do MdManas é trazer a participação feminina para os debates -, e o *Perdidos na Estante*⁵⁸, um podcast sobre adaptações literárias para cinema e TV que está no ar desde 2017.

O podcast *Baseado em Fatos Surreais* (BFS)⁵⁹ existe desde 2016 em formato de storytelling onde as autoras se propõem a, em cada episódio, interpretar histórias enviadas por mulheres como se fossem delas próprias. O *Imagina Juntas*⁶⁰ é um podcast que tem como objetivo discutir sobre a vida dos millennials, cultura pop, trabalho e vida adulta. O *Sinuca de Bicos*⁶¹ é um podcast sobre maternidade vinculado ao site Paizinho Vírgula, sobre paternidade. O primeiro episódio do *Sinuca de bicos* foi ao ar em 2017 e, desde abril de 2020, com a pandemia de covid-19, o programa parou de ser produzido.

*As Mathildas*⁶², programa sobre mulheres no audiovisual, apesar de ter o entretenimento como eixo central, destaca-se o recorte de gênero que o programa se propõem. O programa começou em 2017 e teve um encerramento em 2019, retornando em 2020 apenas com a Iole, que participou da pesquisa e contou um pouco do processo de produção da nova fase do programa. *As Mathildas* é vinculado ao site Cinem(Ação) - site sobre cinema e audiovisual. *Hora Queer*⁶³ é um programa conduzido por pessoas LGBTQs do Brasil inteiro, começou sob o nome de *HQ da Vida* com a proposta de contar histórias de super LGBTQs, em 2020 o programa

⁵³ Site do Alô Ciência: <https://alociencia.com.br/>.

⁵⁴ Site do Chutando a Escada: <https://chutandoaescada.com.br>.

⁵⁵ Site do Fronteiras da Ciência: <http://www.ufrgs.br/frontdaciencia/>.

⁵⁶ Site do DWBrCast: <https://doctorwhobrasil.com.br/category/podcast/>.

⁵⁷ Episódios do MdM com as MdManas: <http://melhoresdomundo.net/?s=mdmanas>

⁵⁸ Página do Perdidos na estante: <https://leitorcabuloso.com.br/category/podcasts/perdidos-na-estante/>

⁵⁹ Site do Baseado em Fatos Surreais: <http://bfsurreais.com.br/>.

⁶⁰ Site do Imagina Juntas: <https://halfdeaf.com.br/podcast/imagina-juntas>.

⁶¹ Site do Sinuca de Bicos: <https://paizinhovirgula.com/category/podcasts/podcast-sinuca-de-bicos/>.

⁶² Site do As Mathildas: <https://cinemacao.com/category/podcast/as-mathildas/>.

⁶³ Site do Hora Queer: <https://horaqueer.com/>.

mudou de nome e passou a abordar outros temas relacionados ao universo da sexualidade humana, assumindo um viés feminista, antcapitalista e antirracista. Em 2021 o *Hora Queer* passou a integrar a rede de podcasts do Mídia Ninja⁶⁴. No ar desde março de 2017 o *Olhares Podcast*⁶⁵ é um programa sobre feminismo em suas mais variadas nuances. A página do *Olhares* também conta com colunistas que discutem temas que envolvem questões de gênero sobre diversas perspectivas. Um de seus objetivos é o de difundir e facilitar a linguagem academicista que alguns debates sobre feminismo podem assumir. *Ponto G*⁶⁶ é um podcast que conta a vivência de mulheres que marcaram a história, o objetivo do programa é mostrar como ao longo da história as mulheres sempre tiveram um papel importante. O programa não lança episódios novos desde o final de 2019.

*Foco de Pestilência*⁶⁷ é um podcast sobre magia, esoterismo e iluminismo científico, no ar desde 2015, o programa é vinculado ao Collegium Ad Lux Et Nox (CALEN), associação que atua desde 2002 com o objetivo de divulgar e promover os princípios do Iluminismo Científico, os direitos humanos e outros valores universais. *Papo Lendário*⁶⁸, com mais de 200 episódios publicados, é vinculado ao site Mitografias, que aborda mitologia, lendas, religiões, História e Folclore. *Papo na Encruza*⁶⁹ é um podcast sobre Umbanda, Espiritualidade, Macumba e Magia. No ar desde 2013, o *Mundo Freak Confidencial*⁷⁰ é um podcast semanal sobre casos insólitos e histórias paranormais, conspirações, terror, etc. atualmente o *Mundo Freak Confidencial* é um dos programas exclusivos Spotify e só pode ser reproduzido na plataforma. Por fim, *Estúdio 31*⁷¹ é um podcast voltado para mulheres que desejam aprender a produzir podcasts com materiais acessíveis.

4.1.1 Perfil das produtoras

A elaboração de um perfil médio de quem são essas mulheres funciona como contextualização para as análises que serão produzidas neste capítulo. Todas as entrevistadas são mulheres cisgênero, com idade que varia entre os 26 e os 52 anos, mas a maioria delas (13) está na faixa dos 30 anos (Gráfico 8). Com relação à raça ou etnia, 88,24% se declararam brancas, uma se declarou parda, e uma utilizou o termo “multirracial”.

⁶⁴ Grupo de comunicação alternativa brasileiro que surgiu durante a cobertura realizada durante os protestos de junho de 2013.

⁶⁵ Site do Olhares Podcast: <https://olharespodcast.com.br/>.

⁶⁶ Site do Ponto G: <https://espacodefalas.com.br/qt-series/ponto-g/>.

⁶⁷ Site do Foco de Pestilência: <http://pestilencia.calen.org.br/>.

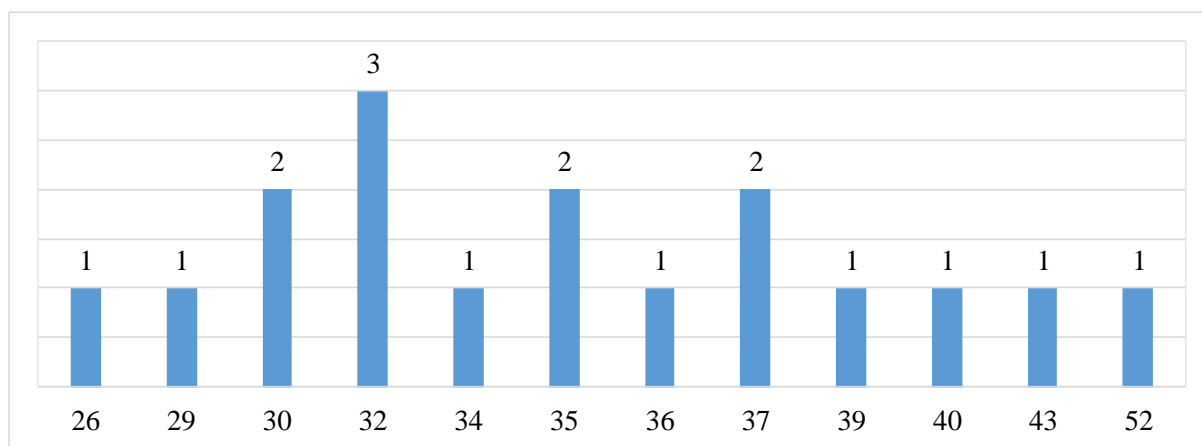
⁶⁸ Site do Papo Lendário: <https://www.mitografias.com.br/papo-lendario/>.

⁶⁹ Página com os episódios do Papo na Encruza: <https://paponaencruza.podbean.com/>.

⁷⁰ Site do Mundo Freak: <https://www.mundofreak.com.br/>.

⁷¹ Site do Estúdio 31: <https://opodcastedelas.com.br/podcast-estudio-31/>.

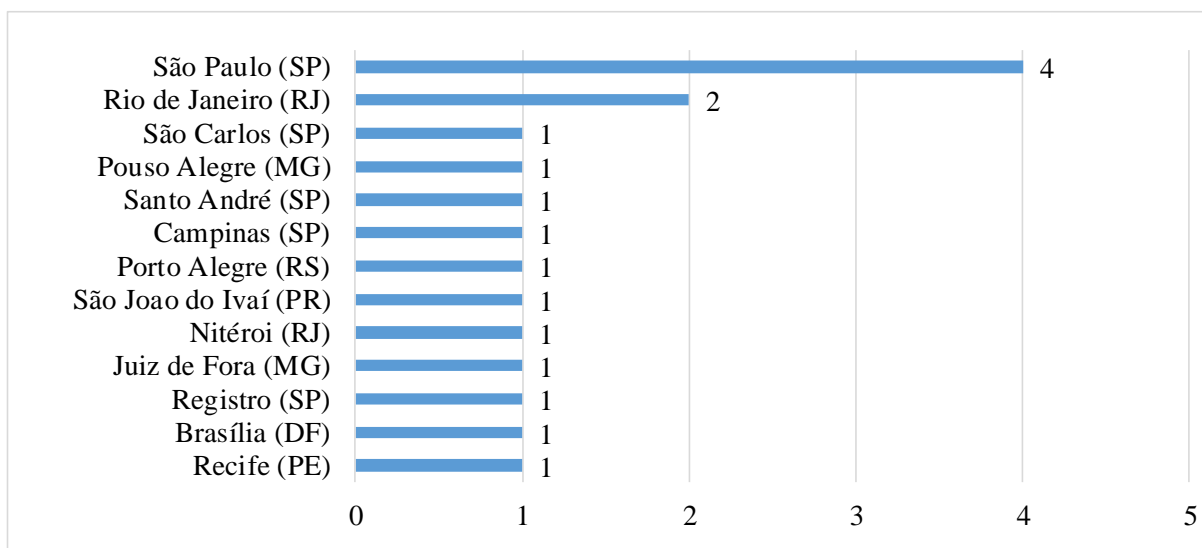
Gráfico 8 – Faixa etária das respondentes



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

As regiões do Brasil de naturalidade (Gráfico 9) que mais prevalece é a região sudeste com 13 das respondentes, em especial os estados de São Paulo (8), Rio de Janeiro (3) e Minas Gerais (2). Uma entrevistada que nasceu na Região Nordeste afirmou na entrevista que reside em São Paulo há quase 10 anos.

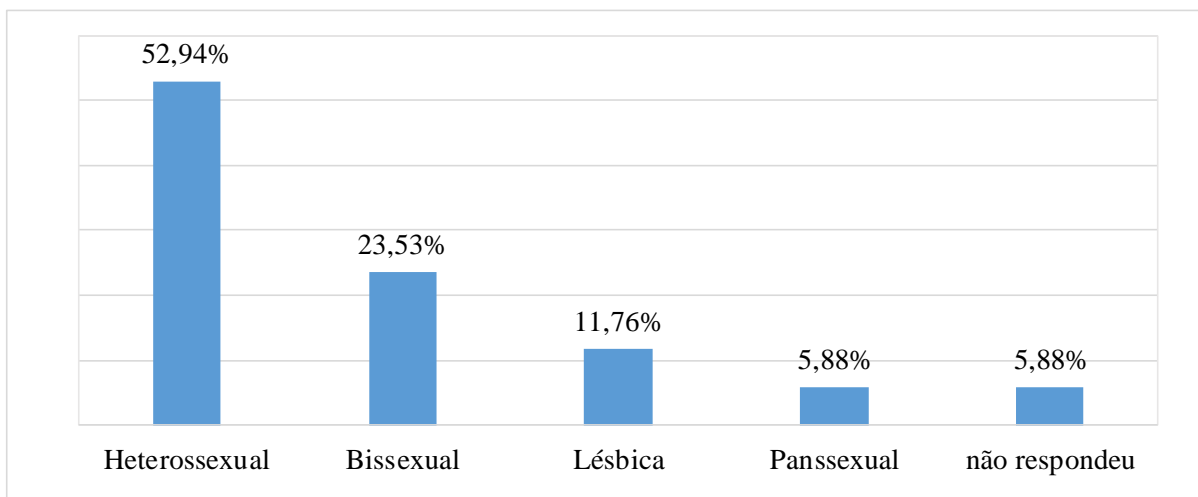
Gráfico 9 – Naturalidade



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Quanto ao estado civil, 52,94% são solteiras, 41,18% casadas e 5,88% estão em uma união estável e apenas quatro das participantes têm filhos. Com relação à orientação sexual (Gráfico 10), temos pouco mais da metade (52,94%) das respondentes se declarando heterossexuais.

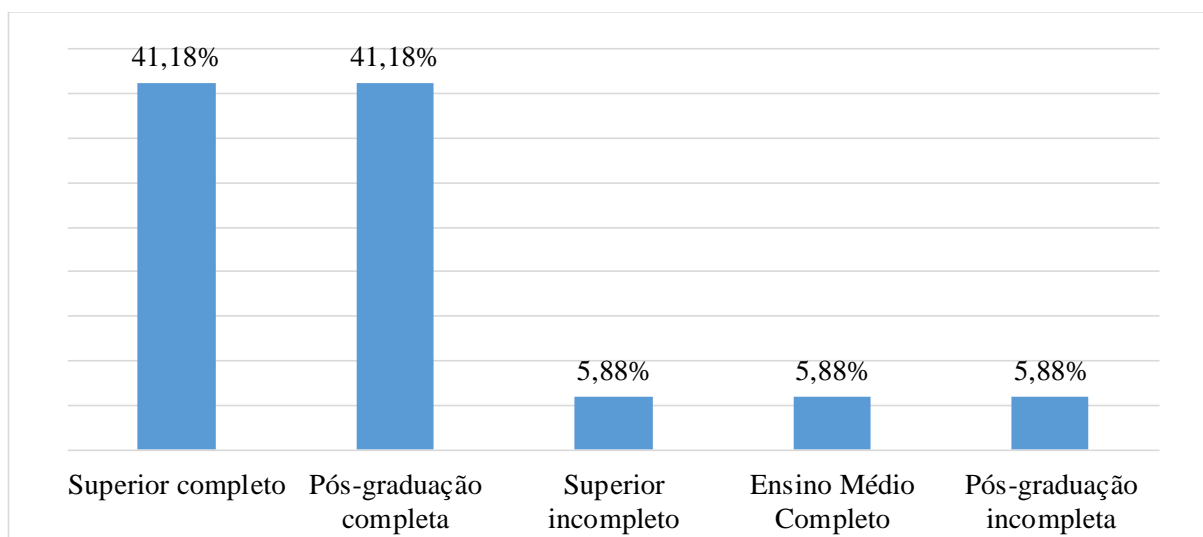
Gráfico 10 – Orientação sexual



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

O nível de escolaridade (Gráfico 11) entre as mulheres entrevistadas é alto, mais de 80% delas possui ensino superior completo e 41,18% possui pós-graduação completa.

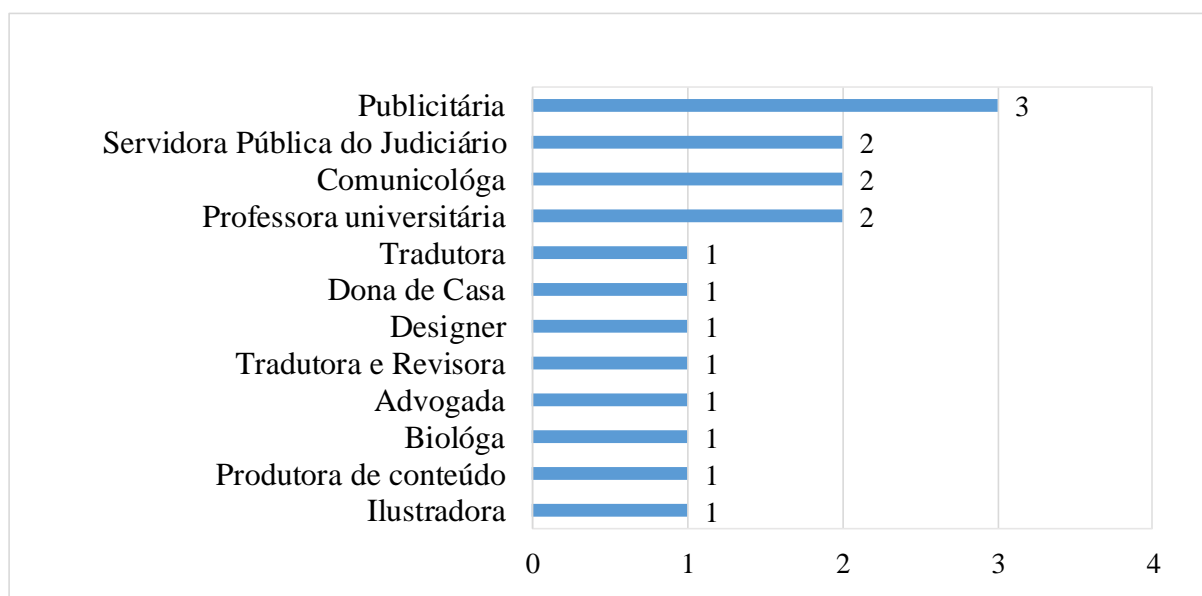
Gráfico 11 – Escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Com relação à área de atuação, chama a atenção que boa parte delas possui formação em áreas da comunicação, como publicidade e design (Gráfico 12).

Gráfico 12 – Ocupação



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A obtenção desses dados é importante para que se perceba algumas características comuns às mulheres produtoras de podcast no Brasil que participaram desta pesquisa. A maioria delas é branca, jovem, heterossexual que não tem filhos, com graduação completa e residente da região sudeste do país. Ao longo deste capítulo, perceberemos, inclusive por apontamentos realizados por elas próprias, a maneira como esse descritivo possui impacto nas vivências dessas mulheres. Retomando a discussão sobre a possível democratização que o podcast carrega, percebemos que mesmo entre as mulheres - que representa um grupo minoritário dentro da mídia - existem traços de um perfil hegemônico e, desse modo, privilegiado. Esse dado nos diz quem tem acesso aos recursos para produzir um podcast e, em especial, para que o produto tenha um certo nível de audiência a ponto de ser citado entre os mais ouvidos da PodPesquisa 2019.

De acordo com os dados coletados, o primeiro contato com a mídia que mais aparece é a indicação de programas por pessoas próximas, forma como 13 das 15 entrevistadas conheceram o podcast. Apenas quatro delas descobriram pela internet e/ou pelas redes sociais. Os dados PodPesquisa de 2019 sobre o modo como as ouvintes conhecem novos programas demonstram que as duas formas mais comuns são, respectivamente, a indicação pelos programas que elas já escutam ou pela indicação de amigas, corroborando, assim, com a importância da indicação dos conteúdos por pessoas em que as ouvintes confiam ou possuem opiniões e gostos parecidos.

Entre as entrevistadas, percebemos alguns casos em que apesar de já saber sobre o podcast, a prática de escutar programas com regularidade surge apenas quando elas se depararam com programas que têm relação com os seus interesses na época. Como é o caso de Aline Hack (*Olhares*) que passa a consumir podcast após 10 anos de um consumo mais utilitarista. “[...] acho que foi aí lá para 2005 e eu usava o podcast para treinar a língua inglesa [...] e aí fiquei um bom tempo sem ouvir quando voltei a ouvir em 2015, quando eu fiquei sabendo que tinham podcasts brasileiros sendo feitos de uma forma mais inclusiva” (HACK, Aline, em entrevista para a autora, 2020). E o de Raquel Ferraz (*Foco de Pestilência*) que fortalece o consumo a partir de um momento específico de sua vida:

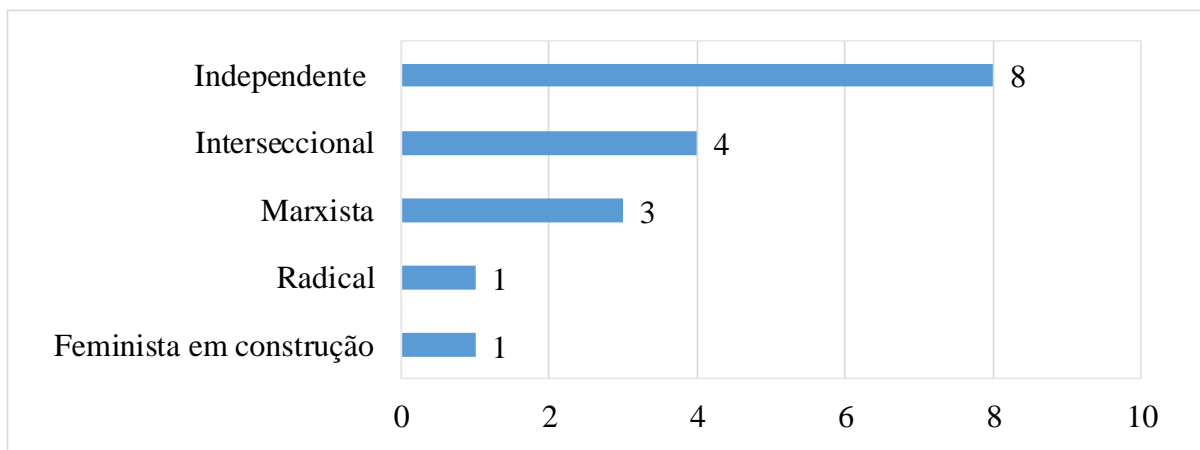
Eu acho que em 2000 e alguma coisa eu ouvi rumores de podcast, mas eu ainda não era uma consumidora. Em 2015, [...] eu morava em São Paulo e eu comecei a trabalhar em Barueri e aí eu ia de Pinheiros até Barueri e eu tinha muito tempo livre e aí eu comecei a ser consumidora desses formatos mais de áudio [...]. E aí na época eu tava estudando tarô e aí por livre conta né? E aí eu conheci uma amiga no trabalho que também estudava tarô e outras coisas esquisitóticas, ou esotéricas ou ocultistas, o que fosse e ela me indicou podcasts. E aí eu começo a ouvir podcasts nesse momento, em 2015\2016 por aí (FERRAZ, Raquel, em entrevista para a autora, 2020).

As respostas nos mostram como o consumo frequente de podcast está intimamente ligado a preferências pessoais, e ao momento específico na vida da entrevistada. Uma maneira de perceber isso é, geral, como o consumo de podcast se intensifica a partir do contato com um programa que a recomendação é feita por uma figura de confiança. Chama a atenção os relatos de Camila Beraldo (*Alô Ciência*) e Carolina Brito (*Fronteiras da Ciência*) que contam que o primeiro podcast que elas escutaram é o programa que atualmente produzem.

4.2 CORRENTES E VERTENTES

O movimento feminista é diverso, assim aqui não teremos o objetivo de discutir exaustivamente as características de todas as vertentes/correntes ou ondas do movimento feminista, mas sim de entender àquelas que as entrevistadas se alinham e a forma como para elas esse debate se constrói em seus processos de identificação ou não com as organizações feministas. Das 17 entrevistadas apenas uma se declarou uma feminista “em construção”, as demais se posicionaram como feministas, por isso, entender como elas mesmas definem suas relações com o feminismo revela algumas pistas sobre as ferramentas que elas acionam na elaboração desses conteúdos.

Gráfico 13 – Correntes/vertentes do feminismo indicadas pelas entrevistadas



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Em diversas entrevistas, a pergunta sobre a corrente/vertente gerou na entrevistada um certo incômodo, com respostas mais lentas e/ou evasivas, precedidas de interjeições, mas nenhuma delas se recusou a responder. Outro fator que chamou a atenção durante as entrevistas foi o fato de que muitas delas demonstraram uma necessidade de estudar, seja para conseguir definir algum alinhamento ou para ter mais segurança na afirmação de qual corrente/vertente se identificam.

[...] eu não falo muita coisa sobre feminismo porque apesar de eu ser feminista eu não sou acadêmica, de levantar pesquisa, essas coisas, mas olha se foi para eu falar de vertente eu acho que eu falaria hoje (Ira MORATO, em entrevista para a autora, 2020).

[...] assim eu não sou como se diz é... super conhecedora é... no sentido assim de conhecer vertentes e tudo mais né?! Mas é... não há... não há sombra de dúvida de que eu me considero uma feminista (Thaís AUX, em entrevista para a autora, 2020).

O debate sobre o conhecimento teórico/acadêmico é ainda mais evidente na fala de Rosenilda Azevedo (*Papo Lendário*), a noção da dicotomia teoria versus prática é um ponto chave para ela na sua autodefinição como feminista:

[...] um tempo atrás eu tava me considerando feminista mas eu vi que eu não tenho praticamente base teórica nenhuma em cima do feminismo. Atualmente eu digo que eu sou uma feminista em construção, tenho muito pouca base teórica, então sabe? Eu percebi que às vezes eu tava fazendo algumas besteiras, eu não tava entendendo direito, então eu tô começando a ler um pouco sobre isso, mas uma pessoa me falou: você não tem teoria mas tem prática né? E aí eu vou pegar minha história de vida, tem uma certa prática de brigar né por...pelo... pra incluir mulher não só não na podosfera, mas em outros lugares né? Até no trabalho, essas coisas assim, tentar diminuir o machismo, isso eu sempre tentei fazer mesmo que inconscientemente porque uma coisa que eu nunca suportei muito é isso de homem querendo ser superior ou falando mais alto, essas coisas né? Eu só não tenho base teórica, eu

praticamente não tenho teoria nenhuma em cima disso, então eu tô procurando ler e ouvir mais sobre isso para tentar não falar muita besteira, dizer... me dizendo feminista sem saber... e não saber nem o que é empoderamento, se isso é um termo válido ou não, essas coisas assim (Rosenilda AZEVEDO, em entrevista para a autora, 2020).

Na perspectiva apresentada por Cecília Sardenberg (2004), a entrada dos estudos de gênero/mulheres/feminismo na academia é um dos fatores para o distanciamento do discurso dos movimentos sociais.

Sem dúvida, essa sofisticação discursiva é um dos fatores que têm contribuído para o atual distanciamento entre o feminismo enquanto movimento social e o que se levanta nos debates ditos acadêmicos, nas reflexões teóricas. Por certo, esse distanciamento não foi algo intencional; como já ressaltamos em trabalho anterior, a lógica do trabalho acadêmico, das práticas científicas, é distinta daquela do movimento social (Costa; Sardenberg, 1994). Isso não quer dizer que a práxis política esteja ausente na vida acadêmica (SARDENBERG, Cecília, 2004, p. 4)

Para Lourdes Maria Bandeira (2019), uma pauta feminista que possibilitou certa integração entre academia, militância e sociedade civil no Brasil, foi a problemática da violência contra a mulher, em especial para o alcance de políticas públicas “os atos e as reflexões da militância feminista, associados à comunidade acadêmica e aos grupos de mulheres organizadas, foram os formadores da área de estudos da violência de gênero” (BANDEIRA, Lourdes Maria, 2019, n/p).

Sobre as tensões entre os espaços de formulação de teoria feminista, bell hooks (2019) traz a importância das vivências de mulheres negras para questionar o feminismo, que para a autora, é uma teoria em construção, que se modifica e se aprimora, justamente a partir das críticas internas. A avaliação feita por ela centra-se na maneira como feministas brancas se portam como responsáveis por apresentar às mulheres negras a opressão.

As mulheres negras, assim como outros grupos de mulheres que vivem diariamente em situações opressivas, frequentemente adquirem consciência da política patriarcal a partir da sua experiência de vida, tal como desenvolvem estratégias de resistência (mesmo que não resistam numa base sustentada e organizada). [...] As pessoas que são verdadeiramente oprimidas o sabem, mesmo que não participem em resistências organizadas nem consigam expressar por escrito o caráter da sua opressão (BELL, Hooks, 2019, n/p.).

Ainda de acordo com a autora, a não utilização do termo feminismo ou a apresentação de formulações teóricas por mulheres negras, não implica que práticas identificadas como feministas não sejam vivenciadas. Para Sueli Carneiro (2019), mulheres de grupos subalternizados (indígenas, negras, camponesas e etc.) introduzem ao feminismo, por meio de um processo dialético, novas práticas e concepções políticas que “se, de um lado, promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos: de outro, exige o

reconhecimento da diversidade e desigualdades existentes entre essas mesmas mulheres” (CARNEIRO, Sueli, 2019, n/p).

4.2.1 Feministas independentes e os feminismos que não queremos

Oito mulheres disseram não se vincular a nenhuma corrente/vertente específica, e aqui no contexto deste trabalho, elas serão chamadas de feministas independentes. É importante destacar que entre as feministas independentes, três delas enfatizaram na entrevista discordância com outras correntes/vertentes. As citadas foram os feminismos liberal e/ou radical.

Então eu tenho repúdios né?! Aos femininos radicais, aos feminismos excludentes, aos feminismos capitalistas né, é... então para mim o feminismo ele tem que ser isso, ele tem que ser anticapitalista, ele tem que ser antirracista, ele tem que venerar o feminismo negro, ouvir as mulheres negras é... e o feminismo tem que ser como o título do livro: pra os 99% (Aline KOROGLOUYAN, em entrevista para a autora, 2020).

Pensando na linha histórica que em geral é utilizada para explicar o(s) feminismo(s) que se divide em “ondas” podemos estabelecer que o feminismo liberal e o radical são as correntes/correntes que predominavam na primeira e segunda onda respectivamente, mas ambas continuam a ter expressividade no(s) feminismo(s) contemporâneo(s).

O feminismo liberal de primeira onda é caracterizado pela luta de igualdade de direitos entre homens e mulheres, por isso suas principais reivindicações eram o direito ao voto, à educação e ao mercado de trabalho. A crítica feita a esses movimentos é a de que eram reivindicações que atendiam a demandas de mulheres brancas e burguesas, excluindo mulheres negras e mulheres da classe operária. Ao pensar sobre as pesquisas e estudos desenvolvidos pelo feminismo liberal Cecília Sanderbeg destaca que esta corrente/vertente

Enfatizava os estudos sobre a mulher no mercado de trabalho, mulher e política, mulher e educação. Podemos fazer a crítica a essa abordagem liberal, mas o importante é que esses estudos estão por trás das políticas de ações afirmativas. Eles apontaram para as desigualdades existentes, subsidiando a luta pelas políticas de ações afirmativas. Contudo, o feminismo liberal pouco ofereceu em termos de teorizações mais sofisticadas (SARDENBERG, Cecília, 2004, p. 8-9).

Na contemporaneidade esse feminismo é o que muitas feministas e estudiosas consideram como *mainstream*, visto que é uma forma de feminismo que dominou a mídia, as redes sociais e o mercado, já que jovens mulheres se tornaram um possível público de consumo. É um feminismo “amigável” quando se pensa na manutenção das estruturas sociais, nesse sentido, Céli Pinto (2003), ao analisar as organizações pelo sufrágio da mulher no Brasil no Século XX, caracteriza o feminismo liberal como um “bem-comportado”, pois era um

movimento que buscava a incorporação das mulheres como cidadãs pelas vias institucionais, ampliando os direitos que já eram concedidos aos homens da classe burguesa. Para Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (2019) o feminismo liberal contemporâneo é parte integrante de um projeto meritocrático, que busca “garantir que algumas poucas almas privilegiadas alcancem cargos e salários iguais aos dos homens de sua própria classe. Por definição, as principais beneficiárias são aquelas que já contam com consideráveis vantagens sociais, culturais e econômicas” (Cinzia ARRUZZA; Tithi BHATTACHARYA; Nancy FRASER, 2019, p. 37-38).

As autoras também apontam para o espaço que esse feminismo ocupa como se fosse ele mesmo o único feminismo, invadindo assim as redes sociais e as produções midiáticas. A entrevistada Iole Melo (*As Mathildas*) explica que teve um primeiro contato com o movimento feminista pela via do feminismo liberal, que hoje ela desaprova. “Como muita gente [...] a porta de entrada do feminismo é o feminismo liberal, muita gente começa a ouvir falar de feminismo por causa do feminismo liberal e hoje é uma vertente que eu não quero chegar perto” (Iole MELO, em entrevista para a autora, 2020). Possivelmente, essa avaliação trazida pela entrevistada é uma consequência da grande capilaridade que o feminismo liberal alcança atualmente.

O avanço individual permeia igualmente o mundo das celebridades das mídias sociais, que também confunde feminismo com ascensão de mulheres enquanto indivíduos. Nesse mundo, o “feminismo” corre o risco de se tornar uma hashtag do momento e um veículo de autopromoção, menos aplicado a libertar a maioria do que a promover a minoria (Cinzia ARRUZZA; Tithi BHATTACHARYA; Nancy FRASER, 2019, p. 38).

Retomando o processo histórico de construção do(s) movimento(s) feminista(s), Elizabete Silva (2010) aponta que o feminismo radical, corrente/vertente expoente da segunda onda rompe com o feminismo liberal nos EUA nas décadas de 1960 e 1970.

Ao contrário das feministas liberais, para as radicais o Estado é rejeitável em si mesmo, bem como, todas as instituições dentro dele, por constituírem-se como uma estrutura patriarcal que não é neutra, nem media as forças e não permite que as mulheres atinjam seus objetivos políticos (SILVA, Elizabete, 2010, p. 11).

Para as feministas radicais é central o conceito de patriarcado, da dominação dos homens sobre as mulheres, que para elas é o responsável pelas desigualdades sociais, essa teoria “considera que os homens são os primeiros responsáveis pela opressão feminina e que o patriarcado necessita da diferenciação sexual para se manter como um sistema de poder, fundamentado pela explicação de que homens e mulheres seriam em essência diferentes” (SILVA, Elizabete, 2010, p. 4). Assim, para elas, todos os homens, independente de classe,

eram beneficiados econômica, sexual e psicologicamente pelo patriarcado. Outro ponto de destaque dessa corrente é o foco que elas deram para a vida privada também como local onde a opressão contra mulher acontecia, daí o mote “o pessoal, é político”, dessa maneira, como apontou Cecília sardenberg (2004), “a preocupação era com a questão da opressão das mulheres pelos homens. As análises enfatizavam o ‘modo de reprodução’, a família, a questão da sexualidade, da violência sexual e dos direitos sobre o corpo” (SARDENBERG, Cecília, 2004, p. 9).

De acordo com Letícia Ribeiro et. all (2018, p. 3), é importante não confundir o feminismo radical contemporâneo no Brasil com o feminismo radical americano de segunda onda. As autoras apontam para o fato de que apesar de algumas feministas radicais contemporâneas possuírem ideias correlatas, o movimento atual é permeado por nuances específicas. Atualmente o debate que mais marca a identificação com o feminismo radical é a maneira como setores dessa corrente/vertente não reconhecem mulheres transexuais e travestis como mulheres alvo do machismo e da misoginia e, assim, sujeitas políticas do feminismo. Vejamos a fala da entrevistada Raquel Ferraz (*Foco de Pestilência*) acerca dessa questão:

[...] eu por exemplo tenho muitas colegas que tão na comunidade esotérica que elas são feministas radicais e que por exemplo elas não consideram mulheres trans mulheres. Elas não consideram que elas podem ser consideradas mulheres e o feminismo devia excluir essas pessoas de suas pautas de reivindicação. Eu discordo. [...], eu não sei qual seria a linha exatamente de feminismo mas é... eu acho que o meu feminismo inclui mulheres trans e eu acho que meu feminismo também inclui homens trans” (Raquel FERRAZ, em entrevista para a autora, 2020).

Segundo Beatriz Bagagli (2019) a discussão a respeito da inclusão ou não de mulheres trans como sujeitas do feminismo não é recente e, pelo menos desde a década de 1980, é pauta entre as feministas radicais. A autora explica que há uma espécie de “subcategorização no interior do discurso ou movimento feminista radical” (BAGAGLI, Beatriz 2019, p. 24), as feministas radicais que abertamente não aceitam que as pautas reivindicadas pelas pessoas transexuais, em especial as mulheres trans e travestis, sejam também pautas feminista. Elas são chamadas de *trans-exclusionary radical feminist* (TERF) - expressão traduzida como “feministas radicais trans-excludentes”. Como este termo acabou se tornando pejorativo, algumas feministas radicais preferem se definir como “críticas de gênero” (BAGAGLI, Beatriz, 2019). As feministas radicais trans-excludentes compreendem a transexualidade como um produto do patriarcado (BAGAGLI, Beatriz, 2019, p.29) e que, em especial as mulheres trans, contribuem com a manutenção de estereótipos de feminilidade.

Esse debate é complexo e não há espaço neste trabalho para aprofundar as discussões que permeiam o feminismo radical e o transfeminismo, por hora, saliento que como pesquisadora e como feminista não estamos de acordo com as posições das feministas radicais trans-excludentes, aqui consideramos, assim como a nossa entrevistada, que mulheres e homens trans são sujeitos e sujeitas que devem integrar o movimento feminista assim como as mulheres cis.

4.2.2 Feminismo interseccional

Depois das independentes, as feministas que mais aparecem são as quatro que se denominam interseccionais. O conceito de interseccionalidade foi desenvolvido pela advogada americana Kimberlé Crenshaw em meados de 1990 e passa a ocupar cada vez mais os espaços acadêmicos e de militância “surtingo o termo ‘feminismo interseccional’ para classificar pessoas ou grupos que consideram a interação do gênero com a raça, a sexualidade, a classe social e outras clivagens em sua atuação política” (MACHADO, Bárbara, 2018, p. 1).

A articulação desses conceitos é proposta pela interseccionalidade como vias que se cruzam. De acordo com Kimberlé Crenshaw (2002):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

Quatro entrevistadas se posicionaram como “feministas interseccionais”, feministas que se identificam com essa corrente\vertente enfatizam em seus discursos o fato de considerar a situação específica de cada mulher e quais opressões são perpassadas por elas.

Eu me aproximo mais, assim tanto é... a... inclusive academicamente no feminismo interseccional que é uma... uma área... uma linha de pesquisa também que eu estudo, é... então acho que eu me incluiria nesse grupo, nessa vertente (Débora, MENDONÇA, em entrevista para a autora, 2020).

[...] bem, hoje eu digo que eu sou feminista interseccional, anti-racista gosto muito da militância ecossocialista mas eu acho que eu não... não digo assim que eu milito em alguma vertente especificamente assim sabe aprendo muito com muitas vertentes, mas acredito que, que o feminismo que eu quero construir é um feminismo interseccional, anti-racista, anti-classista, ecossocialista que inclui mulheres de diversas nacionalidades, [...] é um feminismo muito diferente do feminismo que eu conheci quando comecei a ser feminista e eu tenho muito orgulho disso, de ter amadurecido junto com meu feminismo (Aline HACK, em entrevista para a autora, 2020).

Bárbara Machado (2018) explica que desde a década de 1970 intelectuais negras já refletiam sobre a articulação entre gênero, raça e classe. No mesmo período, a socióloga

francesa Danièle Kergoat elabora o conceito de consubstancialidade vinculado ao feminismo materialista francês, “as autoras ligadas à consubstancialidade criticam o uso do conceito de gênero e propõem sua substituição pelo de ‘relações sociais de sexo’ ” (MACHADO, Bárbara, 2017, p. 11). Segundo Cinzia Arruzza (2015) é central para as intelectuais da consubstancialidade a percepção de sexo/gênero, raça e classe como “três sistemas de relações baseados na exploração e dominação que se interseccionam e são da mesma substância (exploração e dominação), ao mesmo tempo em que são distintos” (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 39). No Brasil, além de outras autoras que tentam articular esses conceitos, Heleieth Saffioti trabalhou com a noção de “nó”, para ela pensar gênero, classe e raça/etnia “trata-se de um entrelaçamento, que não apenas põe em relevo as contradições próprias de cada ordenamento das relações sociais, mas que as potencializa. Em outros termos, esse nó apresenta uma lógica contraditória ” (SAFFIOTI, Heleieth, 2019, n/p).

Analisando diversos textos de Kimberlé Crenshaw, Bárbara Machado sinaliza como a autora utiliza os termos como conceito provisório, metodologia e metáfora para caracterizar a interseccionalidade.

O fato de o conceito englobar categorias que suscitam debates teóricos extensos e profundos, tais como raça, classe social, gênero e sexualidade, pode ter dado origem a um salto de compreensão que transforma a própria interseccionalidade em teoria - coisa que Crenshaw, ao menos segundo os textos analisados, não parece ter tido como pretensão (MACHADO, Bárbara, 2018, p. 5).

A autora destaca a crítica à interseccionalidade feita por Sara Carbin e Maria Edenheim, pesquisadoras nórdicas de matriz teórica pós-estruturalista, para quem a difusão desse conceito/metáfora/metodologia “foi resultado da falta de discussões ontológicas importantes, tendo sido adotado como uma espécie de linguagem universal que permitiria um consenso entre feministas de orientações políticas e teóricas conflitantes” (MACHADO, Bárbara, 2018, p. 3-4). Assim, para a autora, um modo de utilizar a interseccionalidade nas elaborações teóricas de maneira que não se caia em discursos homogeneizadores seria a partir da apresentação da matriz teórica utilizada em cada caso “já que mencioná-las sem identificar esse aspecto fundamental tem gerado a falsa percepção da interseccionalidade como linguagem comum, quando na verdade há perspectivas diferentes e, com frequência, conflitantes em jogo” (MACHADO, Bárbara, 2018, p.8).

4.2.3 Feminismo Marxista

Três participantes da pesquisa se declararam feministas marxistas, todas elas explicaram que, apesar da identificação com esta corrente/vertente, percebem a necessidade de aprofundar em seus estudos.

Marxista. [...] mais ou menos porque eu não tenho muita base teórica tipo, mas é a que eu mais gosto, ou que eu mais me alinho assim. É... Inclusive a minha base teórica ela é algo que eu preciso fundamentar melhor, tipo nesses próximos tempos assim [...] a gente faz o podcast sobre Ciência, Política e Educação. não tem como você defender ciência e educação sem falar de política e sem falar contra o capitalista, por exemplo. E quando a gente fala contra o capitalismo a gente também tá falando sobre o fim do patriarcado e ser feminista é... não acho que não tem como ser feminista hoje sem ser contra o fim do capitalismo. Porque o capitalismo exclui parte das mulheres [...] (BERALDO, Camila, em entrevista para a autora, 2020).

[...] Eu me vejo muito dentro do feminismo marxista, mas eu ainda sou muito iniciante dos estudos marxistas, tenho me... me colocado como... me identificado muito com essa vertente há pouco tempo, é recente, preciso aprofundar os meus estudos, não sei se tenho conhecimento suficiente para me identificar dessa forma, mas pelo pouco que... pelo pouco não, pelo muito que tenho estudado de uns anos para cá, eu acho que é por aí (XAVIER, Karina, em entrevista para a autora, 2020).

Percebemos a demanda por aprofundamento teórico como fator comum, visto que as formulações do feminismo marxista dependem da interpretação de categorias marxianas e marxistas como trabalho produtivo, improdutivo e reprodutivo, mais-valia, acumulação e valor, temas que são complexos e que ultrapassam as questões de gênero, de forma que não é possível discutir com profundidade nesta pesquisa. Para Maria Lygia Quartim de Moraes (2020), dois pontos principais caracterizam o feminismo marxista “seu anticapitalismo radical, bem como a concordância com o princípio marxista de que, até hoje, a história da humanidade tem sido a história da luta de classes” (MORAES, Maria Lygia, 2020, p. 132). Apesar disso, diversas são as elaborações teóricas divergentes que compõem esta corrente/vertente. De acordo com Cinzia Arruzza (2010; 2015), foi nas décadas de 1970 e 1980 o período em que as feministas marxistas e materialistas protagonizaram debates intensos acerca das relações entre capitalismo e patriarcado. “As questões fundamentais colocadas giravam em torno de dois eixos: 1) seria o patriarcado um sistema autônomo em relação ao capitalismo? 2) é correto usar o termo 'patriarcado' para designar opressão e desigualdade de gênero?” (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 35). De acordo com a autora, as dificuldades de consenso nesses debates incidem na concepção de patriarcado, um conceito que muitas vezes adquire um ar vago e a-histórico.

Cinzia Arruzza (2015) apresenta três principais teses que, em sua perspectiva, são as mais relevantes na empreitada de explicar as relações que se estabelecem entre patriarcado e/ou

capitalismo: a tese dos sistemas duplos ou triplos, a tese do capitalismo indiferente e a tese do sistema unitário. Explico a seguir cada uma dessas teses aprofundando na teoria unitária, a qual considero a mais adequada para compreender a questão das mulheres e corpos feminilizados no capitalismo.

A tese dos sistemas duplos ou triplos defende que patriarcado e capitalismo são dois sistemas autônomos entre si, as primeiras formulações nesse sentido foram elaboradas por Christine Delphy em 1970 e Heidi Hartman em 1979, as formulações das duas pesquisadoras originaram o que ficou convencionado como sistema duplo. Em 1990, a noção de sistema triplo foi introduzida por Sylvia Walby ao incluir o sistema de raça na interação entre classe e sexo/gênero.

Dentro dos círculos materialistas feministas, essas reflexões são normalmente associadas à noção de que as relações de gênero e raça são sistemas de opressão tanto quanto são relações de exploração. No geral, estas teses têm uma compreensão das relações de classe como definidas unicamente em termos econômicos. É apenas via a interação com o patriarcado e com o sistema de dominação racial que elas adquirem um caráter extra-econômico (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 36-37).

A tese do capitalismo indiferente, segundo a autora, defende que a opressão de gênero vivenciada atualmente é a perpetuação de sistemas produtivos anteriores ao capitalista que continuam se mantendo. “O capitalismo é em si indiferente às relações de gênero e pode superá-las de tal forma que o patriarcado como sistema seja dissolvido em países capitalistas avançados, na medida em que as relações familiares sejam reestruturadas de formas bastante radicais” (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 37). A autora apresenta os argumentos de Ellen Meiksins Wood, para quem, apesar de o capitalismo se beneficiar da opressão de gênero, seria possível que esta fosse erradicada e que o sistema se mantivesse. De acordo com a autora, algumas teóricas da tese do capitalismo indiferente argumentam que “no capitalismo mulheres se beneficiaram de um nível de emancipação desconhecido em outros tipos de sociedade, e isso demonstraria o capitalismo como não sendo um obstáculo estrutural da libertação das mulheres” (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 37).

Por fim, temos a tese unitária que, discordando da tese dos sistemas duplos e triplos, não percebe o patriarcado como um sistema autônomo do capitalismo, mesmo que as relações patriarcais ainda existam.

A tese essencial da “teoria unitária” é a de que [para] o feminismo marxista, a opressão de gênero e a opressão racial não correspondem a dois sistemas autônomos que possuem suas próprias causas particulares: eles passaram a ser uma parte integral da sociedade capitalista através de um longo processo histórico que dissolveu formas de vida social precedentes (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 57).

Em contraposição à teoria do capitalismo indiferente, a teoria unitária considera o capitalismo “não como um conjunto de leis puramente econômicas, mas antes como uma complexa e articulada ordem social, uma ordem que tem seu núcleo constituído de relações de exploração, dominação e alienação” (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 38).

Para Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya (2020), é preciso conduzir as análises sem a imposição de hierarquias entre as categorias produção e reprodução, já que se as condições para a produção capitalista acontece, são mantidas pelo trabalho de reprodução. As autoras atentam para a formulação proposta por Daniel Bensaïd de que o capitalismo é uma totalidade contraditória composto por relações de exploração, alienação e dominação (opressão), “o capitalismo é essas três coisas em uma. Não há hierarquia entre elas, não é útil falar em termos de hierarquias porque esses três elementos são co-constitutivos e trabalham juntos para que o capitalismo exista” (ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi, 2020, p. 44, tradução da autora⁷²). Ou seja, relações de poder são expressões materiais da totalidade contraditória que é o capitalismo (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 56).

Assim, para a teoria unitária é necessário analisar a totalidade contraditória que é o capitalista em um determinado período histórico, “devemos ter uma concepção histórica do que é o capitalismo hoje e do que tem sido historicamente. Este é um dos pontos de partida para um feminismo marxista no qual a noção de reprodução social ocupa um papel central” (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 52). Retomaremos no tópico 3.5 as discussões sobre a Teoria da Reprodução Social (TRS), mas aqui é importante ressaltar que no contexto da elaboração desta teoria, a partir do sistema unitário, o objetivo da TRS é explicar “os elementos da acumulação capitalista que geram as condições para a opressão de gênero” (ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi, 2020, p. 64, tradução da autora⁷³).

As autoras também consideram importante apresentar as diferenças entre a Teoria da Reprodução social e a noção de interseccionalidade:

Nosso olhar para o capitalismo como um todo, e a maneira como ele funciona, também tem a ver com as diferenças entre TRS e interseccionalidade. Eu diria que há muitos pontos em comum e que a principal diferença é que na visão da interseccionalidade (que é muito plural em seu interior) o que falta é uma teoria do capitalismo enquanto tal, como funciona, qual é a lógica do capitalismo e, portanto, do que explica a intersecção de várias formas de

⁷² Do Original: *el capitalismo es estas tres cosas en una. No hay jerarquía entre ellas, no es útil hablar en términos de jerarquías porque estos tres elementos son co-constitutivos y trabajan juntos para que el capitalismo exista.*

⁷³ Do Original: *cuáles son los elementos propios de la acumulación capitalista que generan las condiciones para la opresión de género.*

opressão (ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi. 2020 p. 65, tradução da autora⁷⁴).

Assim, nem interseccionais, nem consubstanciais, para as feministas marxistas da reprodução social, o capitalismo é co-constituído pelas opressões de gênero, raça e sexualidade.

Como acabamos de explorar, entre as entrevistadas há uma variedade de posicionamentos dentro do campo feminista, apesar de, como veremos no tópico 3.6, a maioria delas se envolver nas campanhas *#MulheresPodcasters* e/ou *#OPodcastÉDelas*, que incentivam e divulgam os programas feitos por mulheres. Analisando 69 grupos do facebook com a palavra “feminismo” no título, Júlia Araújo (2016) percebeu que a diversidade e a disputa entre as diversas vertentes/correntes/abordagens feministas também se manifesta no ciberespaço, mas que, ainda assim, são constantes e bem sucedidas as ações online unificadas. “nesse campo de negociações e disputas há também possibilidades de unificação dos diversos setores e de aproximação com outras mulheres e demais internautas, não necessariamente associados a grupos organizados ou movimentos sociais e institucionalizados” (ARAÚJO, Júlia, 2016, p. 8).

A seguir, vamos entender as convergências que envolvem as motivações para a produção dos podcasts das interlocutoras e como estas motivações se relacionam com a vivência feminista de cada uma.

4.3 “O PESSOAL É POLÍTICO”: MOTIVAÇÕES PARA A PRODUÇÃO DE PODCASTS

Um dos pontos que procurei analisar nas entrevistas concerne às motivações dessas mulheres para produzir seus podcasts, pensando inicialmente nas temáticas abordadas, mas também nos processos de construção desse conteúdo. Apesar de não se tratar de uma análise de conteúdo focada nos podcasts produzidos pelas participantes da pesquisa, pude explorar a dimensão feminista da produção a partir da perspectiva que elas trouxeram para as entrevistas, já que realizamos uma pergunta específica para entender se elas acreditavam que o posicionamento como feminista influenciava nos conteúdos e todas afirmaram que sim, mas as evidências da prática feminista no fazer podcast também pode ser percebida nos outros momentos das entrevistas.

⁷⁴ Do original: *Nuestra mirada sobre el capitalismo de conjunto, y el modo en que funciona, también tiene que ver con las diferencias entre la TRS y la interseccionalidad. Yo diría que hay muchos puntos en común y que la principal diferencia es que en la mirada de la interseccionalidad (que es muy plural en su interior) lo que falta es una teoría del capitalismo como tal, de cómo funciona, de cuál es la lógica del capitalismo y, por ende, de qué es lo que explica la intersección de varias formas de opresión.*

Trazendo a discussão para a construção do conteúdo em programas como o *Olhares e Ponto G* em que a intenção de tratar sobre feminismo/gênero/mulheres vem da origem dos programas, torna-se evidente que os posicionamentos políticos adotados por elas são fatores basilares em seus podcasts:

O *Olhares* começou com a ideia de falar sobre feminismo de uma forma não jurídica porque igual eu falei anteriormente, eu sou advogada e eu senti a necessidade de falar sobre o direito das mulheres sem... sem dar esse corpo jurídico né?! [...] E aí eu sentia muita dificuldade das mulheres entenderem esses termos acadêmicos e esses termos jurídicos e eu pensei, por que não utilizar o podcast para deixar mais claro, mais acessível e mais factível esse feminismo que a gente acredita como um movimento de mulheres né? [...] e fora isso a necessidade de trazer mulheres que não tem espaço numa mesa de palestra, que não tem espaço no ambiente acadêmico, que não tem espaço numa entrevista de TV, de rádio para que essas mulheres pudessem ser escutadas e que as pessoas pudessem conhecer a história delas, porque muitas delas têm um papel essencial dentro dos ambientes que elas participam [...] (Aline Hack, em entrevista para a autora, 2020).

[...] no caso do ponto G, que ele pesa um pouquinho mais para o lado acadêmico, por ser um podcast mais educacional, ele tem uma motivação como entretenimento de ser podcast, mas ele tem um peso a mais de ser uma motivação social, de ter um podcast com uma transformação, sabe? De ter um podcast onde o conteúdo é... seja um conteúdo assim pesquisado, como histórias de mulheres, mulheres onde foram apagadas, onde foram esquecidas, então, ter um propósito de levar esses conteúdos para que pessoas conheçam essa história (Ira MORATO, em entrevista para a autora, 2020).

Photini Vrikki e Sarita Malik (2019) explicam como “podcasters catalisam debates sobre questões locais, globais e populares, destacando preocupações que, de outra forma, passam despercebidas, são desconsideradas ou limitadas pelo excesso de representações hegemônicas” (VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita, 2019, p. 281, tradução da autora⁷⁵)

Como vimos no tópico de cosntextualização do *corpus*, há uma variedade temática nos programas que compõem o *corpus* da pesquisa, mas até mesmo nos programas em que não há explicitamente a intenção de uma discussão feminista, aspectos relacionados às questões de gênero são abordados direta ou indiretamente.

[...] apesar de não ser um conteúdo que tem um propósito escancaradamente ativista, é o que eu falei, a gente optou pelo entretenimento, [...] mas na medida que somos eu e a Sheylli, que somos feministas, que temos um posicionamento político, selecionamos as histórias que vamos contar, a gente conta as histórias baseadas nos relatos que chegam, a gente faz comentários [...] (PONCE DE LEON, Marcela, em entrevista para a autora, 2020).

Este aspecto pode ser observado nos relatos de Mariana Falcão e Raquel Ferraz (*Foco de Pestilência*) que, apesar de comporem um programa cuja temática central não é o

⁷⁵ Do original: *These podcasters catalyse debates about local, global and popular issues, highlighting concerns that otherwise go unnoticed, are discounted, or limited by the surfeit of hegemonic representations.*

feminismo\gênero\mulheres, a disposição de ambas em participar foi uma forma de atuação feminista:

Na verdade, eu nunca tive e, talvez, eu nem tenha vontade de produzir conteúdo sobre esse tema, nem de produzir conteúdo nenhum. [...] era muito mais sobre uma vontade de dar uma voz a outras mulheres, ter uma voz, minha no caso, de ter uma mulher falando sobre, do que propriamente um desejo meu de produção de conteúdo. Então surgiu muito mais de ver essa falta no cenário (Mariana FALCÃO, em entrevista para a autora, 2020).

Eu comecei a fazer conteúdo que eu faço por conta disso, porque eu sentia falta de mulheres fazendo e eu acho que só o fato de sentar na mesa e de quando é discutido alguma coisa relativo, alguma coisa que toca no gênero e você tem uma mulher na mesa e ela pode dar sua opinião, acho que isso já é um efeito maravilhoso [...] Eu acho que só a existência já acho revolucionária (FERRAZ, Raquel, em entrevista para a autora, 2020).

A realização dessa vontade compartilhada pelas interlocutoras em ocupar um espaço na mídia é possível, em especial pelas características do podcast e de outras ferramentas digitais, que apesar de perpassadas também por lógicas estruturais de exclusão de certos grupos, oferecem maior abertura e autonomia para as produtoras de conteúdo, quando comparada aos canais de comunicação tradicional. Conforme apontam as autoras Photini Vrikki e Sarita Malik (2019):

[...] o espaço de podcasting se diferencia dos principais CCIs [Indústrias Criativas e Culturais], tanto em termos de sua cultura de produção flexível (predominantemente auto-organizada, de baixo orçamento, orientada por conteúdo e operando fora das estruturas regulatórias tradicionais), quanto em termos de seu potencial de produção narrativas que se opõem a formas excludentes de representação e política encontradas em programas de rádio, jornalismo de opinião e atualidade (VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita, 2019, p. 276, tradução da autora⁷⁶).

De forma similar, Aline Koroglouyan (*Hora Queer*) explica que, além de tratar sobre o tema de sexualidade, queria ser a representação de uma voz a ser ouvida para a comunidade LGBT:

Eu senti essa necessidade de tentar me comunicar como mulher, como mulher lésbica é... é... porque é... uma época que era para mim, era muito difícil né? Hoje, a gente fala tanto em identidade e quando eu tinha 20 anos a identidade ela era completamente inexistente, ela era um 0 total, [...] então minha grande motivação foi essa pra que as pessoas tivessem essa identidade, pra que se a gente falasse abertamente disso e pra que as pessoas não perdessem a história do escopo (Aline KOROGLOUYAN, em entrevista para a autora, 2020).

⁷⁶ Do original: *Thus, the podcasting space differentiates itself from mainstream CCIs, both in terms of its culture of flexible production (predominantly self-organised, low-budget, content-led, and operating outside traditional regulatory structures), and in terms of its potential to produce narratives that oppose exclusionary forms of representations and politics found in in talk radio, opinion journalism and current affairs programming.*

Ao analisar a representação das mulheres negras nos meios de comunicação de massa, Sueli Carneiro (2019) aponta que “a falta de poder dos grupos historicamente marginalizados para controlar e construir sua própria representação possibilita a crescente veiculação de estereótipos e distorções pelas mídias, eletrônicas ou impressas” (CARNEIRO, Sueli, 2019, n/p). No relato de Aline, que acabo de apresentar, fica evidente como para ela essa falta de representação lésbica em sua juventude a motiva a proporcionar esse tipo de conteúdo, por meio do podcast, para outras jovens.

Lara Facioli e Richard Miskolci (2015) percebem que as redes são espaços que podem possibilitar a pessoas que ocupam um lugar de “subalternidade” assumirem a protagonização de debates e ações, assim, caracterizam “a rede social online uma possibilidade de agência, de troca, de negociação, e, por vezes, de acesso a conhecimentos que permitem problematizar as próprias experiências e constituir ações que negociam com discursos hegemônicos” (FACIOLI, Lara; MISKOLCI, 2015, p. 133). A partir da fala compartilhada por Karina Xavier (*Sinuca de Bicos*), é possível perceber, na prática, o processo apresentado pelas autoras.

A minha motivação foi que eu sempre gostei de discutir assuntos e pensar é... sociopoliticamente o mundo e a realidade e ali era um lugar onde eu tinha possibilidade de interagir nesses termos e quando surgiu a opção de ser parte do podcast, mesmo sem ser mãe e não estar exatamente no nicho né?! [...] eu queria falar, trocar, ideia ser ouvida e também aprender mais... poder expandir a minha... meu conhecimento e o meu questionamento e compreensão sobre o mundo (XAVIER, Karina, em entrevista para a autora, 2020).

Discutindo especificamente o ambiente criado pelos podcasts para pessoas racializadas, Photini Vrikki e Sarita Malik (2019) percebem essa potencialidade do podcast. Segundo as autoras, “podcasts ocupam um raro espaço marginal para articular as experiências vividas por esses grupos, enquanto desafiam padrões mais amplos de privação racializada, incluindo as indústrias criativas digitais” (VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita, 2019, p. 275, tradução da autora⁷⁷).

Nesse sentido, também é possível traçar um paralelo entre os espaços virtuais criados pelas mulheres podcasters e os grupos de conscientização e reflexão feministas dos movimentos feministas de “segunda onda” na década de 1960. De acordo com Cecília Sardenberg (2018), nesses grupos as mulheres compartilhavam suas vivências e experiências relacionadas com as opressões de gênero, assim, de acordo com a autora, “o processo de socialização das experiências permitiu às mulheres constatarem que os problemas vivenciados no seu cotidiano tinham raízes sociais e demandavam, portanto, soluções coletivas” (SARDENBERG, Cecília,

⁷⁷ Do original: *podcasts occupy a rare marginal space for articulating the lived experiences of these groups, whilst challenging broader patterns of racialised disenfranchisement, including in the digital creative industries.*

2018, p. 16). Para a autora, o ambiente de compartilhamento e identificação com as narrativas de outras mulheres e um processo de reflexão coletiva permite a tomada de consciência que levará uma atuação coletiva (SARDENBERG, Cecília, 2018). bell hooks (2019) comenta que a “consciência da necessidade de falar, de dar voz às variadas dimensões de nossas vidas, é uma maneira de a mulher não branca começar o processo de se educar para a consciência crítica” (HOOKS, bell, 2019, p. 46).

Ao refletir sobre os processos de dominação interiorizados pelas mulheres, não é linear e é processual, neste sentido, ela aponta para a efetividade das ações coletivas: “ainda que esse processo possa ser desencadeado individualmente, a partir da leitura, por exemplo, é certamente muito mais eficaz quando se desenrola coletivamente” (SARDENBERG, Cecília, 2018, p. 22) e destaca também a maneira como os avanços tecnológicos nas comunicações permitem que esses processos coletivos de reflexão feministas aconteçam em ambientes virtuais, bem como que organizem ações e manifestações feministas presenciais.

A partir de uma análise de conteúdo de dados coletados em sites de busca com as expressões “who needs feminism”, “quem precisa do feminismo” e “eu preciso do feminismo porque” e nos perfis do Facebook e Tumblr da campanha *Who Needs Feminism*, que viralizou em 2012, Quesia do Carmo e Edvaldo Couto (2017) analisaram de que forma os compartilhamentos de experiências próprias, caracterizadas como narrativas do eu nas redes sociais, compõem uma práxis pedagógica feminista. “Ao mesmo tempo em que inúmeros são os casos de violência contra a mulher na rede, ela se torna também um espaço onde mulheres podem se unir em torno de uma causa. Essa violência pode acabar impulsionando-as a combatê-la a partir de um sentimento de indignação” (DO CARMO, Quesia; COUTO, 2017, p. 31).

Apoiadas nas formulações de Manuel Castells, as autoras explicam que “para que haja a identificação com uma causa, é necessário que as pessoas envolvidas compartilhem seus sentimentos através de uma proximidade gerada por um processo de comunicação” (DO CARMO, Quesia; COUTO, 2017, p. 32). Elas reforçam que as redes sociais são ambientes virtuais que favorecem essas trocas de experiência, assim essas vivências fazem com que outras mulheres notem que seus problemas não são individuais, mas que também fazem parte de uma estrutura social, ou seja, assim como apontou Cecília Sardenberg (2018), reflexões similares àquelas realizadas pelos primeiros grupos de reflexão feminista “o que existe é uma coletividade de mulheres falando de suas vivências e seus pontos de vista, sendo ouvidas, compreendidas e acolhidas. Essa conscientização ocorre a partir de trocas de experiências e apoio mútuo (SEIDMAN, 2013)” (DO CARMO, Quesia; COUTO, 2017, p. 38).

[...] Então, por exemplo, é nessa hora do e-mail que eu prefiro dar voz às meninas e por isso que eu fico pedindo para elas mandarem, sabe? Se eu tenho que compartilhar um conteúdo é... eu sempre vou dar preferência por um conteúdo criado por mulheres, entendeu? Então nesse sentido... empoderar mulheres sempre em todas as ocasiões, não só dentro de podosfera, não só dentro de internet, mas assim na minha vida, no meu dia a dia, no meu cotidiano [...] (Thaís AUX, em entrevista para a autora, 2020).

Molly Shilo (2017) aponta, ao discutir especificamente as interações sociais de compartilhamento de vivência das pessoas negras, que “um importante trabalho de identidade ocorre nessas interações sociais cotidianas e os podcasts fornecem a mesma atmosfera em um formato portátil sob demanda” (SHILO, Molly, 2017, p. 8, tradução da autora⁷⁸). Ao analisar o *Another Round*⁷⁹, podcast que fala sobre saúde mental e autocuidado, apresentado por Heben Nigatu e Tracy Clayton, a autora compreende que mesmo trabalhando em um lugar “dominado por homens brancos” (SHILO, Molly, 2017, p. 6) o contexto do programa como um espaço que permite essa sociabilidade não só para as mulheres negras, mas para a população negra em geral. “Essas duas mulheres não apenas estão conquistando um espaço para a sociabilidade negra, digital ou não, em um mundo que tenta consistentemente relegá-las à margem, mas também estão discutindo abertamente as consequências emocionais e mentais de serem oprimidas” (SHILO, Molly, 2017, p. 8, tradução da autora⁸⁰).

Ao pensar as relações entre público e privado no podcast, Photini Vrikki e Sarita Malik (2019) concordam que há a busca pela criação de espaço seguro onde as produtoras podem elaborar seus conteúdos entre pares, mas também há um extrapolamento dessa suposta segurança quando os episódios são jogados na rede e entram em contato com o público:

[...] podcasting não é apenas encontrar pessoas que compartilhem suas crenças com a mesma opinião, mas também criar e manter um espaço para compartilhar preocupações (geralmente entre amigos), sabendo que essas conversas gravadas acabarão por se tornar públicas. Ocupando um espaço entre as esferas pública e privada, os podcasts, como qualquer outro contra-público⁸¹, são privados o suficiente para fornecer um site seguro, aberto e confiável para os hosts, enquanto públicos o suficiente para permitir a

⁷⁸ Do original: *that important identity work occurs in these everyday social interactions and podcasts provide the same atmosphere in a portable, on-demand format.*

⁷⁹ O programa era produzido pelo BuzzFeed estadunidense, o último episódio foi ao ar em dezembro de 2017: <https://www.buzzfeed.com/anotherround>.

⁸⁰ Do original: *a podcast like Another Round is doing political work through its emphasis on self-care. Not only are these two women carving out a space for Black sociality, digital or otherwise, in a world that consistently tries to relegate them to the margins, but they are also openly discussing the emotional and mental consequences of being oppressed.*

⁸¹ As autoras explicam que utilizam a noção de contra-público subalterno elaborado por Nancy Fraser segundo a qual grupos subalternos constroem discursos contra-hegemônicos sobre suas próprias identidades.

disseminação de informações e o acúmulo de ouvintes (VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita, 2019, p. 274, tradução da autora⁸²).

Outro trecho da fala de Ira Morato (*Mundo Freak, MdManas, Ponto G*) sintetiza a maneira como os eixos pessoal e político estão imbricados nos processos comunicativos desenvolvidos nos programas. “Então assim eu tenho essa motivação de consumir essas coisas que eu produzo e também essa motivação social de mostrar para as pessoas, olha só como isso também existe, olha como isso também é importante” (MORATO, Ira, em entrevista para a autora, 2020). Photini Vrikki e Sarita Malik (2019) percebem o podcast como uma ferramenta que cria comunidades e constrói solidariedade. Observando o contexto britânico da produção de podcasts as autoras percebem que

Investigar podcasts como experiência vivida e ferramenta anti-racista revela como jovens produtores culturais negros e asiáticos não constituem simplesmente ‘comunidades marginalizadas’, mas estão inaugurando uma forma de cultura deliberativa que está produzindo e processando narrativas autodefinidas em canais de comunicação (VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita, 2019, p. 286, tradução da autora⁸³).

Percebemos uma atuação similar ser desenvolvida pelas mulheres produtoras de podcast no Brasil. A relação estabelecida entre as entrevistadas e o conteúdo produzido é caracterizada pela militância feminista, ou pautada em outros temas, que tem uma forte motivação pessoal, explorando as vivências e experiências que para elas servirão para auxiliar tantos em seus próprios processos de percepção e prática feminista, quanto nos processos de outras mulheres.

4.4 DIFICULDADES PRÁTICAS E EMOCIONAIS

Um dos objetivos específicos desta dissertação é compreender quais momentos da produção do podcast são percebidos pelas sujeitas de pesquisa como de maior dificuldade, para isso, além de questionar diretamente qual etapa elas consideram mais difícil, também perguntei sobre uma situação ou episódio específico que elas caracterizam como de grande dificuldade.

Para possibilitar uma compreensão ampla desses desafios enfrentados, dividimos o processo de produção de um podcast em três grandes etapas que são compostas por diversas subatividades: *Produção, Edição e Divulgação*. Na esfera da *produção* concentramos os

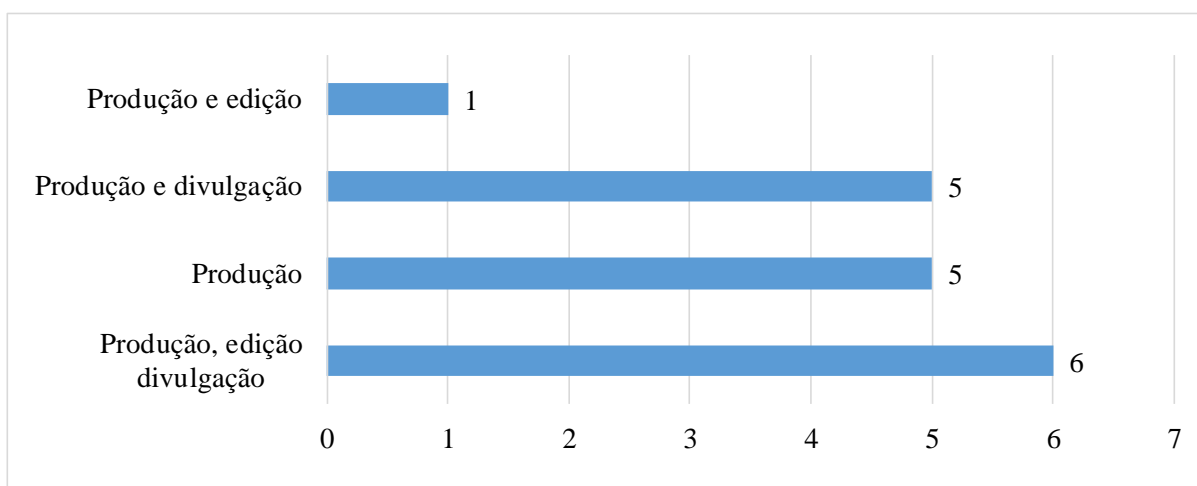
⁸² Do original: *podcasting is not just about finding like-minded people who share their beliefs, but about creating and maintaining a space in which to share concerns (often between friends), knowing that these recorded conversations will eventually become public. Occupying a space between public and private spheres, podcasts, as any other counterpublic, are private enough to provide a safe, open, credible site for hosts, while public enough to allow the spread of information and the amassing of listeners.*

⁸³ Do original: *Investigating podcasts as both lived-experience and anti-racist tool reveals how young black and Asian cultural producers do not simply constitute ‘marginalised communities’ but are inaugurating a form of deliberative culture that is producing and processing self-defined narratives across communication channels.*

processos de pesquisa, elaboração da pauta, agendamento de gravação com convidadas e o momento da gravação. O processo de *edição*, compõem a parte técnica de edição do áudio, mas que também envolve um trabalho mais sensível de selecionar os trechos da gravação que precisam ser cortados, ou reposicionados para uma melhor compreensão das ouvintes e a seleção de trilhas sonoras e áudios externos a serem incluídos. Na etapa *divulgação* incluímos a distribuição do programa no site de hospedagem e no feed, todo o trabalho que envolve a divulgação e criação de conteúdo nas redes sociais e o processo de formação da audiência.

Assim, durante a entrevista perguntei qual ou quais tarefas elas assumem, no gráfico 14, nota-se que a *produção* é a etapa com maior envolvimento, já que todas a assumem.

Gráfico 14 – Tarefas assumidas pelas entrevistadas em seus podcasts

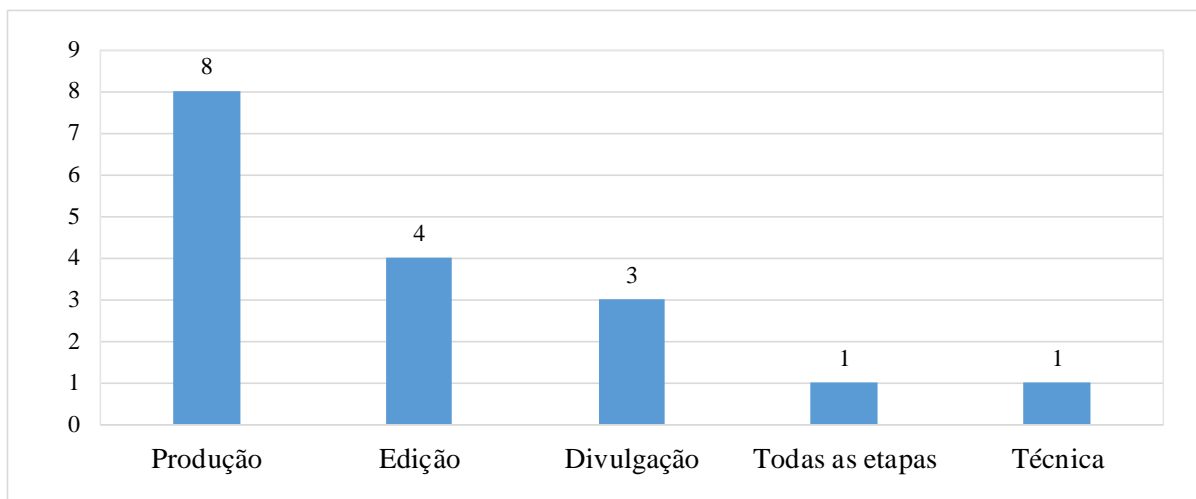


Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Entre as sete participantes que se envolvem no processo de edição, destacamos que duas - Marcela Ponce de Leon (*Baseado em Fatos Surreais*) e Ira Morato (*Ponto G, Mundo Freak, MdManas*) - contaram que sabem fazer o processo, mas preferem terceirizar o serviço. No caso específico de Débora Mendonça (*Chutando a Escada*), sua participação na edição atualmente se concentra em acompanhar o processo de seleção de trilhas e conferir a limpeza do áudio, sem manusear diretamente o programa de edição.

Para entender também as principais dificuldades que as podcasters enfrentam com seus programas, consideramos as mesmas três etapas (produção, edição e divulgação), ao agrupar as respostas que podem ser observadas no gráfico 15. A maior parte (oito) das interlocutoras apontou que a etapa mais difícil ou trabalhosa é a da produção.

Gráfico 15 – Etapas apontadas como as mais difíceis/complexas



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Com relação à produção, os pontos de dificuldade se concentram na etapa de pesquisa e produção de roteiro, em especial pelo tempo demandado por essas atividades e o segundo ponto é a dificuldade em conciliar agenda de convidados com a disponibilidade das pessoas que compõem a equipe do programa.

Escolher a pauta, escolher o tema, desenhar a pauta direitinho, ver quais pessoas que seriam boas pra falar daquilo e *tariam* interessadas, pra aquilo não virar uma mesa de amigos de bar né?! Só falando, pra que seja uma coisa que tenha um conteúdo útil para as pessoas também. Então isso é mais difícil num sentido de coordenar todo mundo (Mariana, FALCÃO, em entrevista para a autora, 2020).

Quatro entrevistadas consideraram a *edição* uma das etapas de maior dificuldade ou complexidade, como aponta o relato de Ira Morato, descrito abaixo, a noção de edição envolve mais do que o manuseio do programa e é uma etapa que determina a maneira como o produto vai ser entregue ao público.

Eu considero a edição a parte mais complexa. Eu não coloco como mais difícil porque ela pode ser aprendida, mais complexa porque são várias informações em que a pessoa que vai editar tem que lidar ali. A pessoa que vai editar ela tem que conhecer o programa emocionalmente para entender as falas, entender o assunto, [...] então o editor de áudio, assim como um editor de texto, ele faz essa revisão entre aspas verbal né?! [...] a parte de edição ela meio que tem que entender de todas as fases do projeto para ela conseguir deixar mais fluido possível o áudio (Ira, MORATO, em entrevista para a autora, 2020).

Apenas duas respostas não foram agrupadas, a de Thaís Aux (*DrWCast*) entrevistada que afirmou perceber dificuldades em *todas as etapas do processo*, e a de Karina Xavier (*Sinuca de Bicos*), que destacou as *questões técnicas* como o elemento mais difícil para ela. O domínio da técnica, seja para a seleção de equipamentos e softwares de gravação, para realizar a edição

de áudio ou para a hospedagem e distribuição, perpassa todas as etapas na produção de um podcast, assim não seria possível diluir em apenas uma das categorias.

Para mim a parte técnica (risos), porque eu não entendo nada e tanto que eu tenho muita vontade ainda de fazer podcast, gosto do formato da mídia, gostaria de preservar esse espaço agora que não tem mais o Sinuca no ar [...] mas eu só não me aventuro muito nisso porque eu não tenho a... a menor condição, porque eu não tenho o menor conhecimento técnico sobre nada (Karina, XAVIER, em entrevista para a autora, 2020).

O relato de Karina traz um exemplo prático das dificuldades que mulheres enfrentam com relação às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), um conceito muito utilizado para explicar esse contexto é a brecha (desigualdade) digital de gênero, que demonstra as diferenças na forma de interagir com as tecnologias entre homens e mulheres, seja no âmbito do consumo, na produção de conteúdo ou no desenvolvimento técnico dos aparatos tecnológicos, sejam eles softwares ou hardwares. Segundo Mônica Ramiro (2011) essas diferentes formas e utilização da rede entre os gêneros, em geral, vão desde “o acesso, passando pela intensidade do uso, até o tipo de uso que se dá, sem esquecer, logicamente, os fatores econômicos e socioculturais que as rodeiam” (Mônica, RAMIRO, 2011 p. 109, tradução própria⁸⁴). De acordo com a autora, esse é um conceito complexo que, além das questões de acesso à tecnologia, também “engloba as diferenças nas habilidades para utilizá-las e o impacto que este uso provoca na sociedade” (Mônica, RAMIRO, 2011, p. 109, tradução própria⁸⁵).

Graciela Natansohn (2013) explica que a brecha digital de gênero compreende que o afastamento das mulheres das tecnologias, principalmente do seu desenvolvimento técnico, resultando em uma realidade em que “são minoria as engenheiras de computação, empreendedoras da área das TIC’s, programadoras, desenvolvedoras de softwares e administradoras de sistemas” (Graciela, NATANSOHN, 2013, p.19). A autora defende que um ponto chave para uma análise sobre a brecha digital que seja contundente é entender essas questões como produto do sistema cultural e de produção científica/tecnológica androcêntrica.

as teorias feministas entendem a divisão digital como mais uma das manifestações de algo estrutural e estruturante: o duplo movimento de expulsão das mulheres do campo da ciência e da tecnologia, o que lhes impede de participar dos processos de construção e legitimação de conhecimento (Graciela, NATANSOHN, 2015, p. 9).

⁸⁴ Do original: *El acceso, pasando por la intensidad del uso, hasta el tipo de uso que se les da, sin olvidar, lógicamente, los factores económicos y socio-culturales que las rodeanessas.*

⁸⁵ Do original: *engloba las diferencias en las habilidades para utilizarlas y el impacto que este uso provoca en la sociedad.*

Além disso, a autora reforça que as diferenças entre homens e mulheres sejam analisadas de maneira que não reforcem o binarismo de gênero, bem como uma individualização dos processos. Seguindo no sentido de questionar a maneira como estudamos as brechas digitais, a pesquisadora também aponta que se estude a maneira como estas se manifestam entre as mulheres. “Ao entender que a ciência marginaliza muitas mulheres, mas também a muitxs outrxs (o - outro digital, segundo Gordano, 2009), cabe pensar no lugar dos conhecimentos situados destes sujeitos, ao compartilharem o mesmo espaço subalternizado” (Graciela, NATANSOHN, 2015, p. 10).

Por fim, na dimensão de *divulgação*, as entrevistadas apontaram maiores dificuldades em fazer gerenciamento de redes sociais e o processo que envolve a criação de uma audiência fiel ao programa.

acho que o mais difícil é... não é nem fazer o podcast é... divulgar esse podcast, é tipo de fazer estratégia de rede social, é... ficar postando o tempo todo [...] Então essa parte é muito difícil para mim é... é... e consome muito mais energia do que produzir os episódios por si só né?! (Iole, MELO, em entrevista para a autora, 2020).

[...] eu acho que o mais difícil de quando você tá produzindo conteúdo e eu não sei se isso é específico de podcast assim é essa coisa de você construir audiência sabe? Ainda mais hoje onde a gente tem tanta gente construindo é... fazendo conteúdo e você tá brigando por um espaço de audiência com outras pessoas (Marcela, PONCE DE LEON, em entrevista para a autora, 2020).

No contexto desta pesquisa não houve espaço para detalhar com profundidade as questões que envolvem as relações estabelecidas entre os podcasts das entrevistadas e suas ouvintes. Silva e Santos (2020) realizaram uma análise de conteúdo que comparou os 20 podcasts mais escutados no Brasil e nos Estados Unidos com base em dados disponibilizados por aplicativos agregadores de podcast e serviços de streaming. O objetivo da pesquisa foi identificar o que buscam as pessoas que escutam esses programas e os autores analisaram questões como periodicidade, financiamento, tempo de produção, tema e formato. Esta pesquisa traz alguns fatores que auxiliam na compreensão do processo de construir audiências nos programas e um desses pontos observados é uma produção regular.

No Brasil a constância e a persistência foram importantes para que determinados programas atingissem bons patamares de audiência. Doze podcasts brasileiros, entre os vinte mais populares, estrearam antes de 2016, ou seja, estão há, no mínimo, 3 anos no ar. Apenas quatro programas novos, ou seja, que estrearam em 2019, alcançaram este patamar, e destes, três foram impulsionados por grandes grupos de comunicação (SILVA; SANTOS, 2020, P. 72).

Diante do que é apresentado pelos autores, é importante recordar que na construção do *corpus* da pesquisa não foram selecionados os programas que estavam vinculados a empresas

de comunicação e mídia tradicional como jornais e emissoras de TV, este é, também, um aspecto que pode trazer para as interlocutoras essa dificuldade mais acentuada para a fidelização de um público maior. Outro fator relacionado à audiência notado durante a seleção do *corpus* que dialoga com esta questão foi a quantidade de programas citados como mais ouvidos pela PodPesquisa de 2018. Partimos de uma listagem composta por 241 podcasts citados como os mais ouvidos que, após a filtragem, finalizou-se com apenas 58 programas independentes e produzidos por mulheres.

Para a segunda parte do aprofundamento acerca das dificuldades, as entrevistadas ficaram livres para compartilhar momentos de dificuldade que foram marcantes, não necessariamente que tivessem relação com o ponto que elas apontaram como mais difícil na pergunta anterior. Assim, analisei os relatos que não tinham ligação com as dimensões apresentadas anteriormente (produção, edição, divulgação). Esses relatos trouxeram, em especial, dificuldades emocionais vinculadas ao tema do episódio, Aline Hack se refere ao episódio número 26 - Mulheres, memória e ditadura⁸⁶ do *Olhares*, publicado em julho de 2018. Débora Mendonça cita o episódio 115 - Mulheres encarceradas⁸⁷ do *Chutando a Escada* publicado em julho de 2019 e Karina Xavier cita o episódio 53 - Violência Doméstica⁸⁸ do *Sinuca de Bicos* publicado em março de 2019.

[...] isso aconteceu por exemplo no episódio da Ditadura né? Eu sabia que a gente ia falar sobre situações que mulheres passaram na Ditadura [...] e eu sabia das violências que elas sofreram, mas na hora que começou a passar essa lista né? E começaram a narrar essas listas e a gente começou a falar sobre isso, isso me traz uma carga muito, muito negativa, assim, uma carga pesada que se a pessoa ouve, né, os nossos programas com frequência ela consegue perceber a Aline que começou o programa e Aline que terminou programa [...] eu no final do programa não tava conseguindo nem falar assim porque eu tava muito chocada mesmo sabendo que tudo aquilo acontecia. Então é o poder né? Poder da narrativa, o poder das palavras dentro do... da construção do episódio (Aline, HACK, em entrevista para a autora, 2020).

Olha, o mais difícil para mim eu acho que... emocionalmente foi gravar um sobre mulheres é... mulheres encarceradas, foi muito difícil. [...] Quando eu participo de episódios que envolvem questões de gênero e isso impacta muito mais é... para mim do que um outro programa que vai discutir por exemplo sei lá política externa ou golpe né?! [...] mas o de mulheres encarceradas foi muito... foi muito... foi muito difícil assim gravar porque a gente... nós trouxemos as pessoas que fazem trabalho lá né?! E que falaram sobre a realidade das mulheres ali, sobre o sofrimento dos filhos que ficam de fora né?! Nossa, foi difícil eu chorei no final da gravação, foi muito tenso [...] É importante falar, mas não deixa de ser uma coisa muito dura né?! Muito difícil,

⁸⁶ Programa disponível em: <https://olharespodcast.com.br/ep-026-mulheres-memoria-e-ditadura/>.

⁸⁷ Programa disponível em: <https://chutandoaescada.com.br/2019/07/02/chute-115/>.

⁸⁸ Programa disponível em: <https://paizinhovirgula.com/sdb053/>.

então eu acho que foi esse que eu me lembro (Débora, MENDONÇA, em entrevista para a autora, 2020).

A gente fez um episódio sobre violência doméstica, violência contra mulher e foi um episódio muito, muito dolorido, assim. Eu não participei do episódio porque a gente tinha um certo revezamento no grupo para gravar os episódios, [...] mas eu participei da pauta, participei dos contatos com convidados que foi até com Aline do *Olhares* [...] E foi assim... é... Acho que um dos episódios que eu acho que mais... mais difícil assim que eu me lembro emocionalmente falando (Karina, XAVIER, em entrevista para a autora, 2020).

Duas entrevistadas citaram como episódios marcantes programas sobre a vida da então vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco⁸⁹, assassinada em março de 2018.

Teve um Ponto G que a gente fez logo é...assim bem recente, depois do assassinato da Marielle que a gente tava falando sobre a história dela e tudo mais e foi um podcast difícil de fazer por... por conta de tudo que tá acontecendo, tá todo mundo no calor do momento e assim foi difícil, foi bem pesado, mas foi muito bom de fazer também é daqueles episódios que a gente olha assim, tipo, cara foi difícil, mas a gente tinha que ter feito mesmo (Beatriz, SANTOS, em entrevista para a autora, 2020).

[...] eu tenho uma memória forte do episódio da Marielle Franco, que pra gente foi é... doloroso de todos os aspectos né? De falar sobre aquele assunto, de gravar o programa, da dor que a gente tava sentindo, de tudo aquilo que simbolizava a morte dela. Pra mim foi um dos episódios mais marcantes que eu tenho na memória assim (Aline KOROGLOUYAN, em entrevista para a autora, 2020).

Todos os episódios que as entrevistadas citaram possuem em comum o fator da violência contra a mulher, o contato com as narrativas de violências sofridas por outras mulheres tem grande relevância e cria uma conexão que se consolida pela identificação. Lourdes Maria Bandeira (2019) percebe a violência contra a mulher como um fenômeno social que articula dimensões morais, físicas e psicológicas. Para ela, a luta contra violência é uma característica importante do movimento feminista brasileiro:

Foi o movimento feminista que teve atuação múltipla e fundamental em relação ao combate à violência de gênero: por um lado, visibilizou a violência da qual as mulheres eram “vítimas preferenciais”. Ao mesmo tempo, retirou-o da esfera da vida privada e familiar, legitimando-o como problema político e de saúde pública, envolvendo os direitos humanos das mulheres (BANDEIRA, Lourdes Maria, 2019, n/p).

A busca por formas de combater as violências contra mulheres, corpos feminilizados ou identidades de gênero dissidentes segue engajando mulheres em militâncias online e offline.

⁸⁹ Ponto G #63 - Marielle Franco Presente:

<https://open.spotify.com/episode/2z2soIKAFR3BdObbLZJfJP?si=4t1QCfi7QGqIDdX3-gp5Tw>.

HQPédia #05 - Marielle Franco:

<https://open.spotify.com/episode/7hIR5lwOBda5SigAO8pwkL?si=o46GyqVjQAmsuPUNiThJTg>. HQPédia é um antigo quadro do podcast que não é mais produzido.

Nas redes, em especial os usos de hashtags para denúncias e o compartilhamento de experiências de agressão, trazem visibilidade para a pauta e podem culminar em ações fora da internet, conforme aponta Júlia Araújo (2016) esses relatos de abusos e agressões “provocam a reflexão sobre o caráter naturalizado e recorrente do machismo, permitindo que a violência contra a mulher seja percebida para além das estatísticas, ou seja, como prática recorrente que afeta meninas e mulheres cotidianamente” (ARAÚJO, Júlia, 2016, p. 10).

4.5 A PODOSFERA TEM “DOIS SEXOS”⁹⁰: TRABALHO E PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Neste tópico, procuramos compreender como os programas produzidos são ou não um trabalho/fonte de renda, para as entrevistadas. Sem propor julgamento de valor, nem imposições hierárquicas para a atuação das interlocutoras, concordamos com Renata Costa e Paulo Pinheiro (2015) quando afirmam que para tecer reflexões sobre o trabalho na contemporaneidade é preciso tomar em conta sua heterogeneidade de maneira que “ser homem ou ser mulher, neste âmbito, traz formas diferenciadas de vivenciar a exploração e a precarização do trabalho” (COSTA, Renata; PINHEIRO, 2015, p. 50).

Para as entrevistadas, seus programas representam uma parte importante da vida. Observamos perfis de mulheres que têm o podcast apenas como um hobby, mas que a produção tem um grau de profissionalismo que objetiva a qualidade do que é entregue ao público; e aquelas que têm o envolvimento com a mídia como uma carreira profissional, mas que reforçam que ter o podcast como trabalho não anula o seu nível de envolvimento emocional com o conteúdo.

Percebemos com mais frequência (11 podcasters) perfis de mulheres que definem sua atuação como um hobby, em que as entradas financeiras com ações de financiamento colaborativo ou publicidade são direcionadas para a produção do programa e para contratação de serviços como edição e hospedagem. Pelos relatos, percebemos que apesar de as motivações serem diversas, todas essas mulheres produzem conteúdo e estabelecem com ele e com o público relações afetivas que são parte de suas formações como sujeito. No relato de Beatriz Santos (*Hora Queer, Ponto G*) percebemos que esse eixo subjetivo está ligado às questões políticas que ela defende: “ajuda a gente a desenvolver pensamento crítico, [...] questões de comunicação com as outras pessoas [...] então falar sobre questões que para mim são

⁹⁰ O título deste tópico é uma referência à obra de Elisabeth Souza-Lobo “A classe operária tem dois sexos: Trabalho, Dominação e Resistência”. A autora discute como uma definição de classe trabalhadora que não se preocupava em entender as especificidades das mulheres (e outras minorias sociais) não era suficiente para dar conta dessas realidades.

importantes como o feminismo, é... luta lgbtq + [...], é muito gratificante, mesmo não recebendo nada financeiramente” (SANTOS, Beatriz, em entrevista para a autora, 2020).

Já na entrevista de Camila Beraldo (*Alô Ciência*), o aspecto mais evidente é a utilização do podcast como um suporte emocional:

Ele é algo que... que me ajuda emocionalmente é... principalmente agora durante a época de isolamento assim então [...] eu sou... faço doutorado hoje e ele é tipo pesquisa não necessariamente tão aplicada, principalmente não está relacionada diretamente a... a... por exemplo a pandemia, ou ao vírus ou à covid, coisas assim, então surge aquele sentimento de você não tá contribuindo para uma... um momento tão importante, sabe? E por conta disso acho que o podcast foi mais nesse... [...] ele me ajudou bastante nesse suporte emocional de tá podendo falar com alguém e eu gosto desse suporte que ele tem, assim, acho que ele... a minha participação no podcast inclusive começou por conta desse... desse possível suporte, né?! (BERALDO, Camila, em entrevista para a autora, 2020).

Outro aspecto que percebemos é a questão da formação de comunidade, Thaís Aux (*DWBrCast*) produz um conteúdo muito específico sobre algo que ela consome e admira, dessa forma, estabelece conexões com outras pessoas que compartilham esse sentimento.

Então podcast para mim eu não faço em termos profissionais, do tipo assim, não é que nem lá o podcast da Folha, Café da Manhã, que eu faço para distribuir notícia, só apenas e tão somente, né?! É uma coisa muito mais afetiva, do tipo assim, é uma série que a gente ama, é uma série que a gente gosta e a gente fala para um público que também tem muito afeto pela série [...] (AUX, Thais, em entrevista para a autora, 2020).

Para seis das entrevistadas, o trabalho de produção de podcast representa uma receita, ainda que em alguns casos não seja a única ou principal fonte de renda. É narrativa comum o fato de que no momento de começar a produção de conteúdo a monetização não era o objetivo principal, mas sim consequência de um processo que aconteceu naturalmente, como é o caso de Marcela Ponce de Leon (*Baseado em Fatos Surreais*):

[...] eu não montei o podcast pensando que isso ia ser um... uma profissão no futuro sabe? Ou que eu ia ganhar dinheiro com isso. Assim, eu pensei que eu queria produzir alguma coisa e... e queria que fosse nesse lugar assim, e aí já no segundo ano isso começou a virar trabalho” (PONCE DE LEON, Marcela, em entrevista para a autora, 2020).

Porém, ainda que atuem profissionalmente, a carga emocional é uma constante na relação que elas estabelecem com suas produções, como explica Ira “Croft” Morato (*Mundo Freak Confidencial, MdManas, Ponto G*):

O podcast hoje na minha vida ele tem um peso profissional muito grande porque ele é minha fonte de renda, porém ele continua sendo 100% emocional e eu não consigo separar isso. [...] ele tem esse peso emocional de construção de criativo sabe? De é... enviar uma mensagem para o mundo através da internet então ao mesmo tempo que hoje ele é de fato profissional, onde ele é

um trabalho em que eu vou encarar como um trabalho, como horas trabalhadas, onde eu vou encarar como renda, [...] ainda assim como criativo, como algo, que eu estou colocando no mundo, como algo que é... mesmo com entretenimento tem um propósito de... de provocar, tem um propósito de inspirar pessoas, é 100% emocional também (MORATO, Ira, em entrevista para a autora, 2020).

Apesar de o podcast não ser uma fonte de renda, para Carolina Brito (*Fronteiras da Ciência*) que é professora universitária, produzir o programa é uma espécie de extensão do trabalho de educadora:

[...] tem uma paixão pela mídia, mas principalmente ou talvez igualmente importante é a minha... a valorização que eu dou à ciência né? [...] eu tenho um desejo muito grande de que as pessoas compreendam ela né?! Então assim eu faço realmente isso porque eu acredito muito na importância da ciência como um educador mesmo, então tem um lado profissional que é muito forte nisso (BRITO, Carolina, em entrevista para a autora, 2020).

A partir do que é apresentado por Photini Vrikki e Sarita Malik (2019), podemos perceber que as motivações que não têm uma ligação direta com o pagamento em dinheiro também ocorrem fora do Brasil, no caso das autoras, é observado o contexto de podcasters do Reino Unido para quem “não é a indústria - com sua fama, dinheiro e contratos - que as guia, mas seu relacionamento com as pessoas que as ouvem, seguem sua jornada e se conectam com elas” (VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita, 2019, p. 283, tradução da autora⁹¹). A mesma conexão emocional pode ser percebida pela perspectiva do público. De acordo com dados do relatório de tendências do Spotify de 2020, “71% dos fãs brasileiros de podcast disseram que é fácil sentir-se emocionalmente conectado a um apresentador e que ouvi-lo é como estar com um amigo” (SPOTIFY, 2020, p. 22).

Diante de todos os relatos coletados, percebo que as entrevistadas têm uma relação com suas produções que dialogam com o que as constituem como pessoa, mesmo quando há um retorno financeiro, essas questões continuam exercendo um peso na continuidade do projeto. Apesar da centralidade das questões emocionais e subjetivas, é importante investigar porque entre os programas mais ouvidos do país a proporção de remuneração do trabalho das mulheres é tão baixa. Uma forma de compreender a maneira como o gênero se manifesta nas questões transversais ao trabalho é observar estudos realizados com mulheres que ocupam papéis e funções similares às das mulheres podcasters.

Em uma pesquisa sobre a socialização profissional de blogueiras realizada por Rafaela Araújo et. al. (2019), as autoras realizaram uma análise de conteúdo a partir de entrevistas

⁹¹ Do original: *it is not the industry—with its fame, money and contracts—that guides them, but their relationship with the people who listen to them, follow their journey, and connect with them.*

aplicadas com 15 blogueiras no período de agosto a outubro de 2016. Alguns pontos similares entre as mulheres que participaram desta pesquisa e as mulheres podcasters podem ser percebidos, como o acesso ao ensino superior (na amostra de Rafaela Araújo apenas duas entrevistadas não concluíram a graduação) e as idades que variam dos 20 aos 31 anos. Além disso, assim como as podcasters, as blogueiras iniciaram a produção de conteúdo a partir do consumo de blogs com temáticas similares e a atuação profissional começou, para a maioria das mulheres participantes da pesquisa, após “o reconhecimento de suas habilidades, seja por elas mesmas seja por terceiros” (ARAÚJO, Rafaela et. al., 2019, p. 124).

Entre os resultados da pesquisa, as autoras destacam que apesar de o trabalho com blogs aparentar ser glamuroso e despreocupado, nota-se que “ao contrário, elas trabalham muito, ganham pouco e demoram a ter reconhecimento no trabalho que desenvolvem” (p. 128). Assim, duas participantes que achavam que ser blogueira seria um caminho fácil para uma alta remuneração, perceberam, na prática, o oposto “elas levam em média um ano para começarem a fechar seus primeiros contratos com marcas” (ARAÚJO, Rafaela et. al., 2019, p. 125). Outra característica similar com as mulheres podcasters está nas atividades que as blogueiras não gostam de desenvolver que foram citadas:

a precificação do trabalho; os trabalhos de ordem técnica, como edição e programação; e a divulgação do conteúdo nas redes sociais. Duas blogueiras afirmaram que uma das tensões que vivenciam e continuam vivenciando se refere ao fato de o trabalho com blogs ainda não ser visto como profissão e por isso os familiares e as outras pessoas não percebem o trabalho como algo sério (ARAÚJO, Rafaela et. al., 2019, p. 128).

Considerando as semelhanças entre os dois grupos pesquisados, questiona-se quais elementos sociais constituem barreira para que essas mulheres não alcancem retorno financeiro que permita uma profissionalização do podcast como única fonte de renda. Apesar de nas entrevistas não termos buscado um aprofundamento acerca dos motivos pelos quais as interlocutoras não fazem do podcast seu trabalho principal, as participantes apresentaram, de forma espontânea, suas percepções sobre a mulher produtora de podcasts no Brasil.

[...] a mulher ela tem que cuidar da casa, limpar a casa, cuidar do filho, se sobrar tempo ela vai fazer podcast. [...] Então os homens têm mais tempo de ficar editando, de ficar procurando, de ficar pesquisando, de ficar gravando horas e horas. [...] os primeiros podcasts femininos [...] que eu comecei a escutar era o Monalisa de Pijamas e parte... ele acabou em parte porque duas das... das.. das mulheres que participavam começaram a ficar sobrecarregadas com um podcast, porque ele começou a fazer sucesso [...] só que elas tinham filhos, uma teve... ficou grávida e teve filho [...] durante a época que o podcast é... existia. Ela praticamente sumiu do podcast porque ela não tinha condição de dar conta de um bebê e gravar (AZEVEDO, Rosenilda, em entrevista para a autora, 2020).

Mulheres sem sombra de dúvidas têm jornadas de trabalho não remunerado absurdamente maiores do que homens, então obviamente elas vão ter menos tempo de produzir conteúdos, porque o tempo que eles têm disponível para fazer isso elas estão fazendo o trabalho é... produtivo não remunerado né?! Estão cuidando de casa, estão, enfim, cuidando da família, gerenciando o lar e etc. e tal. Então esse tempo ele já é ocupado de outra maneira, infelizmente (MENDES, Domenica, em entrevista para a autora, 2021).

Diante das falas apresentadas, percebemos que ao falar sobre as dificuldades que mulheres produtoras de podcasts, em geral, enfrentam, as entrevistadas focam em questões estruturais que são relacionadas a questões de gênero, diferente das questões que foram expostas no tópico anterior, onde elas expuseram suas dificuldades individuais.

De acordo com Susan Ferguson (2020) é possível destacar duas abordagens gerais desenvolvidas pelas teorias feministas ao pensar o trabalho: a Divisão Sexual do Trabalho (DST) e a Teoria da Reprodução Social (TRS), ela aponta que entre as duas análises há pontos convergentes e divergentes.

Embora ambos identifiquem a desvalorização social do trabalho desempenhado pelas mulheres e as restrições a ele, [o trabalho das mulheres] como características definidoras da desigualdade e opressão das mulheres, eles se diferenciam em suas conceituações de poder social e, conseqüentemente, em seus projetos políticos de emancipação feminina (FERGUSON, Susan, 2020, p. 18, tradução da autora⁹²).

Segundo a autora, para as teóricas feministas que pensam sobre a Divisão Sexual do Trabalho, esta se caracteriza pelas “convenções sociais que atribuem às mulheres a responsabilidade pela reprodução fisiológica, criação dos filhos e ‘trabalho doméstico’ nas diferentes sociedades de classes, ao mesmo tempo que atribuem aos homens outras tarefas ‘produtivas’” (FERGUSON, Susan, 2020, p. 18, tradução da autora⁹³). Já Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) explicam a divisão sexual do trabalho como a distribuição de homens e mulheres no mercado de trabalho - considerando que essa distribuição varia a depender do contexto sócio-histórico, e a divisão que é feita entre os gêneros do trabalho doméstico. As autoras explicam o conceito como uma forma de divisão sexual do trabalho que atua pelo princípio da separação, estipulando o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher, e pelo princípio hierárquico, que posiciona o trabalho desempenhado pelos homens como superior:

⁹² Do original: *Si bien ambos identifican la devaluación social del trabajo que realizan las mujeres y las restricciones al mismo como características definitorias de la desigualdad y de la opresión de las mujeres, difieren en sus conceptualizaciones sobre el poder social y, en consecuencia, en sus proyectos políticos para la emancipación de las mujeres.*

⁹³ Do original: *convenciones sociales que asignan a las mujeres la responsabilidad de la reproducción fisiológica, la crianza de los hijos y el “trabajo doméstico” en las diferentes sociedades de clase, al tiempo que asignan a los hombres otras tareas “productivas”.*

Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle, 2007, p. 599).

Para Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), pensar sobre a divisão sexual do trabalho deve ir além de apontar as desigualdade, mostrar que elas são sistemáticas e buscando também: “articular essa descrição do real como uma reflexão sobre os processos mediante os quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades, e portanto os sexos, em suma, para criar um sistema de gênero” (HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle, 2007, p. 596). Alinhados a essa perspectiva, Renata Costa e Paulo Pinheiro (2015) destacam que além de uma simples divisão de tarefas, a divisão sexual do trabalho compõe “regras de dominação de gênero que se reproduzem por todo tecido social” (COSTA, Renata; PINHEIRO, 2015, p. 51).

Mirla Cisne (2015) recupera o trabalho de Paola Tabet (2005) para ressaltar a importância em atentar para o controle sobre as ferramentas de trabalho, para ela é necessário relacionar a divisão sexual do trabalho “com a apropriação e controle dos instrumentos de trabalho por parte dos homens, posto que as mulheres realizam determinados trabalhos e são excluídas de outros, segundo o acesso (ou não) aos instrumentos (CISNE, Mirla, 2015, n/p).

A segunda perspectiva apresentada por Susan Ferguson (2020) é a Teoria da Reprodução Social. Para Cinzia Arruzza (2015), é importante apontar a diferenciação entre “reprodução social” utilizada na teoria marxista que “indica o processo de reprodução de uma sociedade em sua totalidade” (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 55) e a noção utilizada especificamente nas análises do feminismo marxista, no qual “reprodução social designa a forma na qual o trabalho físico, emocional e mental necessário para a produção da população é socialmente organizado” (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 55).

Ou seja, a autora aponta que pensar nos termos da reprodução social expande a noção de trabalho doméstico (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 55), já que além de discutir a reprodução material da força de trabalho, a reprodução social também diz respeito às questões que envolvem a socialização, na palavra da autora “a esfera da reprodução social é também determinante na formação da subjetividade e, portanto, das relações de poder” (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 56).

Retomando o que já fora apontado por Susan Ferguson (2020), as diferenças entre a divisão sexual do trabalho e a teoria da reprodução social se concentram também no projeto político de emancipação para as mulheres de cada uma das perspectivas. Enquanto para as teóricas da DST o principal foco está na equidade de gênero no que concerne ao trabalho

produtivo, já que “a principal estratégia política é a integração das mulheres na força de trabalho remunerada em pé de igualdade com os homens” (FERGUSON, Susan, 2020, p. 18, tradução da autora⁹⁴), no caso da TRS, o que se propõe é “uma reorganização geral de todo o trabalho para interromper a tendência do capitalismo de privatizar e desumanizar os processos de produção envolvidos na satisfação das necessidades de subsistência” (FERGUSON, Susan, 2020, p. 19, tradução da autora⁹⁵).

Considerando os relatos apresentados acima, percebemos que a carga de trabalho de reprodução social que é imposta às mulheres é percebida e vivenciada pelas entrevistadas, mesmo quando não há na entrevista uma formulação teórica na fala da interlocutora, como é o caso de Carol Rocha (*Imagina Juntas*) ao mencionar “eu sou mãe, publicitária, *creator* e podcaster... Tô exausta...” (ROCHA, Carol, em entrevista para a autora, 2020). Apesar de a maternidade, mas não apenas, ser um debate central para o trabalho invisível e não reconhecido exercido pelas mulheres, é importante apontar, conforme Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya (2020), que a capacidade de gerar não é a determinação da opressão da mulher:

A teoria da reprodução social não coloca no fato de ter filhos, ou na maternidade, a causa da opressão das mulheres. Isso seria um reducionismo biológico. Mas não é isso que dizemos. A questão está nas relações sociais que organizam a reprodução biológica: como esse fato vital se transforma em fato social (ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi, 2020, p. 39, tradução da autora⁹⁶).

O ponto chave é como esse trabalho sobrecarrega mulheres, de maneiras diferentes a depender do contexto, mas que beneficia um sistema que precisa que pessoas sejam produzidas e reproduzidas. Aline Hack (*Olhares*) aprofunda a questão ao trazer a maneira como, em sua perspectiva, a divisão sexual do trabalho não só dificulta a entrada de mulheres na podosfera, mas também impede sua permanência:

[...] eu acho que as mulheres têm muito menos condições de estar e permanecer na podosfera, que também são coisas diferentes. Primeiro porque as mulheres fazem muito mais coisas [...], em uma hora de trabalho feminino você tem muito mais tarefas do que em uma hora de trabalho masculino, o que possibilita mais condições para homens terem tempo para pensar nos seus programas, terem tempo para planejar, terem tempo para produzir seus programas. As mulheres têm muito menos tempo e o que implica ter muito menos condição, né?! Socialmente a gente tem muito mais trabalho, né?! Tem

⁹⁴ Do original: *la principal estrategia política es la integración de las mujeres en la fuerza de trabajo remunerada en pie de igualdad con los hombres.*

⁹⁵ Do original: *una reorganización general de todo el trabajo con el fin de interrumpir la tendencia del capitalismo a privatizar y deshumanizar los procesos de producción involucrados en la satisfacción de las necesidades de subsistencia.*

⁹⁶ Do original: *La teoría de la reproducción social no coloca en el hecho de tener bebés, o en la maternidad, la causa de la opresión de las mujeres. Eso sí sería un reduccionismo biológico. Pero eso no es lo que nosotras decimos. El punto está en las relaciones sociales que organizan la reproducción biológica: cómo este hecho vital se transforma en un hecho social.*

a divisão sexual do trabalho, tem a dupla jornada que é quase a mesma coisa, tem a maternidade, né?! [...] eu acredito que numa condição de ingresso é muito mais fácil ingressar homens e mulheres em proporções iguais, mas permanecer na mídia podcast eu acho muito mais fácil para os homens porque as condições também implicam em dinheiro, então às vezes o homem não tem condição de tempo mas ele tem condição financeira para pagar uma edição, ele tem uma condição financeira para pagar o monitoramento de mídia né?! Então assim eu acho que... que se a gente for avaliar esses três critérios, eu acho que as mulheres estão em desvantagem, estão e ficarão em desvantagem ainda por bastante tempo. Mas a gente tem percebido que enfim as mulheres estão resistindo também na mídia podcast, né (HACK, Aline, em entrevista para a autora, 2020).

Pensando neste trabalho invisível e não remunerado que é exercido pelas mulheres no ambiente privado, Susan Ferguson (2020) cita Lise Vogel, para quem a opressão das mulheres não se localiza no trabalho doméstico em si mesmo, mas sim nas relações de gênero da reprodução biológica e social das pessoas e, especificamente, nas contradições que caracterizam a relação da reprodução social com o trabalho assalariado (FERGUSON, Susan, 2020, p. 29, tradução da autora⁹⁷). Pensando no contexto das mulheres podcasters que participaram da pesquisa, a maioria delas desenvolve suas produções como um trabalho paralelo, que é somado aos seus empregos e ao trabalho de reprodução social, como explica Karina Xavier (*Sinuca de Bicos*).

[...] acho que ainda é uma mídia muito dominada pelos homens, que tem tanto uma... uma condição de produção e de validação do... com público, mas acho que principalmente por conta de produção, é aquela velha discussão do trabalho social reprodutivo, né?! Óbvio que a mídia tá aí todo mundo pode se apoderar dela e todo mundo pode produzir nela, mas é... os homens têm muito mais disponibilidade para produzir nessa mídia, como em todos os campos, por quê afinal de contas eles têm muito menos bagagem e carga de trabalho é... de cuidados, né?! Então seja mentalmente falando, né?! A tal carga mental, quanto objetivamente falando mesmo, a criação de filhos ainda continua sendo um cuidado é... que tá dividido por gênero, um trabalho está dividido por gênero e ainda por cima invisibilizado, não remunerado e enfim toda essa problematização. Então a disponibilidade dos homens é sempre maior e isso não seria diferente na... na produção dentro da podosfera [...] (XAVIER, Karina, em entrevista para a autora, 2020).

Cinzia Arruzza (2015) defende, e concordo com ela, que apesar de reconhecer as relações de dominação e hierarquia estabelecidas entre homens e mulheres, essas relações devem ser entendidas como um antagonismo de classe.

Preferimos, ao contrário, formular a seguinte hipótese: em uma sociedade capitalista, a “privatização” completa ou parcial do trabalho de cuidado, ou seja, sua concentração dentro da família (qualquer que seja o tipo de família, e incluindo os lares monoparentais), a falta de uma socialização em grande

⁹⁷ Do original: *sino en las relaciones generizadas de la reproducción biológica y social de las personas, y específicamente en las contradicciones que caracterizan la relación de la reproducción social con el trabajo asalariado*

escala deste trabalho de cuidado pelo Estado ou outras formas, tudo isso determina a carga de trabalho que necessita ser mantida dentro da esfera privada, fora tanto do mercado, como das instituições. As relações de opressão e dominação de gênero determinam o modo e a escala nos quais a carga de trabalho será distribuída, dando lugar a uma divisão desigual: mulheres trabalham mais, enquanto homens trabalham menos (ARRUZZA, Cinzia, 2015, p. 42).

Outro ponto que chama a atenção nos trechos que foram apresentados é a maneira como, exceto na fala de Carol Rocha, as menções são sempre apresentadas se referindo “às mulheres”. Ou seja, não há uma colocação de si, ao menos não nas entrevistas, como ocupante deste lugar de responsável pela reprodução social em sua própria vida. Percebo que, em parte, essa característica seja ocasionada pelo fato de que a maioria das entrevistadas não exercem o papel da maternidade. Além disso, como não investigamos nas entrevistas de que maneira elas conciliam suas atividades remuneradas e os trabalhos domésticos, bem como as configurações familiares de cada uma delas, não há como afirmar as causas pelas quais as interlocutoras entendem essas questões mas não se colocam como afetadas diretamente por elas.

Por fim, cabe salientar que 15 das 17 entrevistadas se declararam brancas. Esse dado demonstra o que feministas negras apontam sobre as diferenças que perpassam as vivências da opressão de mulheres racializadas e mulheres brancas. Sueli Carneiro (2019), ao se referir sobre o avanços de mulheres no mercado de trabalho, explica que,

Os diferentes retornos auferidos pelas mulheres de uma luta que se pretendia universalizante tornava insustentável o não reconhecimento do peso do racismo e da discriminação racial nos processos de seleção e alocação da mão de obra feminina, posto que as desigualdades se mantêm mesmo quando controladas as condições educacionais (CARNEIRO, Sueli, 2019, n/p).

Sobre a racialização do trabalho, em um contexto distinto do nosso, mas com várias consonâncias, Angela Davis (2016) analisa que no período pós-escravidão no Sul dos Estados Unidos, os serviços domésticos nas casas de mulheres brancas eram realizados pelas mulheres negras. Segundo ela, o “trabalho doméstico” era de difícil organização em sindicatos, além disso,

As mulheres brancas - incluindo as feministas - demonstraram uma relutância histórica em reconhecer as lutas das trabalhadoras domésticas. [...] Nos programas das feministas ‘de classe média’ do passado e do presente, a conveniente omissão dos problemas dessas trabalhadoras em geral se mostrava uma justificativa velada - ao menos por parte das mulheres mais abastadas - para a exploração de suas próprias empregadas (DAVIS, Angela, 2016, n/p).

Para Beatriz Nascimento (2019), a mulher negra brasileira ocupa no mercado de trabalho “empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial” (NASCIMENTO,

Beatriz, 2019, n/p). Mesmo que essas relações possam parecer distantes das entrevistas e falas de nossas respondentes, a quase ausência de mulheres negras no ambiente da podosfera e, conseqüentemente, do grupo de mulheres podcasters que se voluntariaram a participar da presente pesquisa, é por si só significativo. Se para mulheres brancas os obstáculos que as distanciam dos espaços de privilégio são visíveis e verbalizados ao longo das entrevistas, para mulheres racializadas o abismo é ainda maior.

4.6 INFILTRADAS NO CLUBE DO BOLINHA: RESISTÊNCIA FEMINISTA NA PODOSFERA

Neste tópico discuto as percepções e vivências das entrevistadas na podosfera, buscando compreender quais aspectos foram destacados ao caracterizar este ambiente. Chamaram a atenção dois elementos apresentados pelas interlocutoras como característico da podosfera: a busca por um espaço onde elas possam impor suas vozes e a forte associação que a mídia podcast costumava ter com o universo *nerd*. Em um estudo estadunidense elaborado por Raechel Tiffe e Melody Hoffmann (2017), as autoras utilizaram a fenomenologia e a teoria do som para compreender, entre outros aspectos, “as implicações feministas dos podcasts apresentados por mulheres (especificamente quando essas mulheres têm estilos vocais exclusivamente marginalizados)” (Raechel, TIFFE, e Melody, HOFFMANN, 2017, p.116, tradução da autora⁹⁸).

As autoras apresentam como as investigações sobre a materialidade dos corpos é um objeto que já foi/é muito explorado pelos estudos feministas, mas não a voz. Para elas, já compreendemos a maneira como os corpos privilegiados ocupam os espaços, portanto, “devemos também levar em conta como as vozes desses corpos ocupam espaços de acesso e privilégio” (Raechel, TIFFE, e Melody, HOFFMANN, 2017, p.116, tradução da autora⁹⁹). Concordamos com a perspectiva das autoras que compreendem o espaço proporcionado pela podosfera como possibilidade para a construção de resistência, mas sem deixar de considerar as questões estruturais que envolvem a internet e a sociedade em geral.

Entendemos que o mundo do podcast não é uma utopia e que, enquanto houver uma internet, também haverá trolls depreciando o som de vozes femininas/feministas. No entanto, estamos esperançosos sobre a potencialidade do espaço de podcast para vozes tradicionalmente oprimidas, dada a nossa própria experiência sendo abraçadas como apresentadoras de podcast mulheres barulhentas e ocasionalmente vulgares, e observando o sucesso de outros hosts de podcast minoritários. Além disso, entendemos os

⁹⁸ Do original: the feminist implications of podcasts hosted by women (specifically when these women have uniquely marginalized vocal styles).

⁹⁹ Do original: Yet we must also take into account how these bodies' voices occupy spaces of access and privilege.

podcasts como um meio a partir do qual podemos entender melhor as maneiras pelas quais as mulheres são exclusivamente subjugadas na mídia e, mais importante, como esse meio se torna uma ferramenta de resistência (TIFFE, Raechel; HOFFMANN, Melody, 2017, p.116, tradução da autora¹⁰⁰).

As dificuldades que essas vozes enfrentam para ocupar a podosfera podem ser percebidas nas falas de Mariana Falcão (*Foco de Pestilência*), Iole Melo (*As Mathildas*) e Beatriz Santos (*Ponto G, Hora Queer*), onde fica evidente a preocupação tanto sobre o que será falado, no sentido de construir uma credibilidade, quanto na reação que essas falas podem causar no público:

A gente já fica até meio cascuda de ouvir críticas, do tipo, quando o programa tiver eu ou a Raquel de terem comentários na internet de ‘ali ô, pronto botaram as mulheres já ficou superficial’, então tem ainda um preconceito sim sobre as mulheres estarem numa posição de fala em que elas estariam dominando o tema de certa forma (FALCÃO, Mariana, em entrevista para a autora, 2020).

[...] antes de eu começar o podcast, eu não queria nem contar minha ideia para ninguém porque eu ia achar que as pessoas não iam querer ouvir, [...] ou iam só desmerecer porque é isso que acontece na vida de mulheres. [...] A gente tem que gastar muito mais energia justificando tudo que a gente fala do que qualquer cara, qualquer homem (MELO, Iole, em entrevista para a autora, 2020).

Eu percebo muito no ambiente das mulheres que há uma maior preocupação na produção do podcast, há um maior cuidado com o que se fala, com as referências do que se fala, é... há preocupação de mostrar que tem embasamento, que tem pesquisa e que você tem autoridade sobre aquele assunto, já na parte geralmente das bancadas masculinas eu não sinto tanto isso, [...] como se eles sempre se juntassem e fizessem um programa estilo mesa de bar e cada um fala o que quer e não ter responsabilidade nenhuma com o ouvinte. Isso diminuiu um pouco, eu acho, mas eu ainda sinto bastante essa coisa. A gente se preocupa mais com tudo que a gente tá dizendo (SANTOS, Beatriz, em entrevista para a autora, 2020).

A busca pela legitimação das falas, vivências e experiências de mulheres não acontece apenas no ambiente da podosfera. Cinzia Arruzza (2010) reforça que mesmo nos espaços de atuação política, exercer o protagonismo na fala é um processo difícil para as mulheres.

Quem quer que tenha experiência de ativismo político pode certamente experimentar a dificuldade com que as mulheres tomam a palavra, expressam protagonismo, se politizam, condicionadas pela interiorização da opressão de gênero e pela auto-subestimação que comportam (ARRUZZA, Cinzia, 2010, p. 137).

¹⁰⁰ Do original: *We understand that the podcast world is not a utopia, and that as long as there is an internet, so too will there be trolls disparaging the sound of feminine/feminist voices. However, we are hopeful about the potentiality of podcast space for traditionally-oppressed voices, given our own experience being embraced as loud and occasionally vulgar women podcast hosts, and observing the success of other minority podcast hosts. Furthermore, we understand podcasts as a medium from which to better understand the ways in which women are uniquely subjugated in the media, and, more importantly, how this medium becomes a tool of resistance.*

Em concordância com esta perspectiva, bell hooks (2019) salienta como para mulheres não brancas e/ou colonizadas quebrar o silenciamento demonstra um rompimento com estas relações de poder. “Esse ato de fala, de ‘erguer a voz’, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito - a voz liberta” (HOOKS, bell, 2019, p. 38-39). A autora destaca como o fortalecimento das vozes das mulheres tem sido uma pauta constante nas lutas feministas:

A ênfase feminista na busca da voz pode parecer clichê às vezes, especialmente quando se insiste em que as mulheres compartilhem uma fala comum ou que todas as mulheres têm algo significativo a dizer o tempo todo. Entretanto, para as mulheres de grupos oprimidos que têm reprimido tantos sentimentos - desespero, fúria, angústia -, que não falam, como escreve a poeta Audre Lorde, ‘pelo medo de nossas palavras não serem ouvidas, nem bem vindas’, encontrar a voz é um ato de resistência’ (HOOKS, bell, 2019, p. 45).

Esse medo ou receio que a autora aborda foi percebido nos relatos das entrevistadas que apresentamos acima, mas também notamos que algumas interlocutoras, mesmo diante da insegurança, realizam o ato de resistência por meio da voz explicado por bell hooks (2019). No caso de Domenica Mendes (*Perdidos na Estante, Stúdio 34*) a busca pelo espaço de legitimação da voz perpassa também as relações com o público, para ela o podcast representa “um espaço para expressar as minhas ideias, [...] o que me motiva de verdade é saber que no podcast eu sou ouvida enquanto uma mulher [...] que tem suas ideias próprias e que eu consigo atingir realmente pessoas de verdade que tão do outro lado do fone” (MENDES, Domenica, em entrevista para autora, 2021).

Com relação ao segundo aspecto característico da podosfera, tomamos como ponto de partida durante as entrevistas os dados apresentados pelas PodPesquisas com relação à proporção de homens e mulheres ouvintes. Um dos fatores apresentados pelas interlocutoras como potencializador dessas diferenças entre os públicos masculino e feminino foi a relação com conteúdos *nerds/geeks* nos programas brasileiros:

[...] quando eu comecei a ouvir podcast eu me interessei muito, claro, mas eu me incomodava com o fato de só ter homem e como eles discutiam as coisas. Certas ignorâncias, sabe? E quando eu digo ignorância não é uma pessoa que não é inteligente, mas é desconhecer outra realidade. E eu acho que talvez isso que você disse de a gente ter um maior consumo de homens é pelo conteúdo que é produzido. [...] Porque o universo de podcast, pelo menos até onde eu conheci, ele era bem nerdão, né? E aí ele meio que deu uma mudada e a gente começa a ver outros formatos surgindo. Quando eu digo bem nerdão é, tipo, vamos falar sobre jogos, universo geek, e larari e larara, mas aí a gente vê o surgimento de uns podcasts diferentes (FALCÃO, Mariana, em entrevista para a autora, 2020).

Eu realmente não me sentia contemplada com os programas, uma outra coisa que eu tenho percebido que tem ajudado mais mulheres a produzir e a ouvir podcast é a diversidade de temas, porque quando o podcast começou ele

falava muito sobre tecnologia, sobre coisas geeks, né, [...] E aí eu acho que essa geração que tá chegando no podcast agora já são de meninas e mulheres que já estão mais habituadas com a tecnologia, que já tem mais necessidade de consumir novas tecnologias, então isso proporciona uma adesão maior das mulheres e, a partir do momento que a gente tem mais produtoras, a gente também percebe que temos mulheres produzindo conteúdos nos mais diversos tipos de assuntos, né? Porque nós mulheres, assim como os homens, também gostamos de ouvir sobre várias coisas, né? Não só sobre conteúdo de tecnologia ou conteúdo geek, né? Então eu acho que essa ampliação de temas tem favorecido muito a ampliação de mulheres também ouvindo os programas. Não é à toa que um dos programas mais conhecidos do Brasil é feito por duas mulheres, né? Então querendo ou não isso já favorece que mulheres se sintam motivadas a produzir programas e também mulheres comecem a ouvir programas e antigamente quando a gente chegava “Qual é o programa mais famoso? Ah deixa eu ver o mais famoso” e aí o mais famoso era feito por homens né? Aí pensava, “ah mas esse programa é muito chato” e aí nós seres humanos temos um instinto de generalizar tudo, né? “Então podcast é tudo ruim”, e aí eu acho que como hoje a gente começa ouvindo um dos programas mais famosos feitos por mulheres isso também já facilita que as mulheres busquem outros programas feitos por mulheres também (HACK, Aline, em entrevista para a autora, 2020).

Eu acho que os primeiros podcasts eram muito sobre games, tecnologia, era muito do universo masculino [...] O *Jovem Nerd* tem 18 anos, o podcast deles é um dos maiores até hoje assim em volumes de plays e downloads e tal e dois homens do universo nerd que a gente sabe que é muito Clube do Bolinha, é muito fechado para mulheres é muito interessante, o *Imagina Juntas* cresceu muito de 2018 para 2019 e o nosso público é 75% mulher. Então a gente sabe que a gente foi o primeiro podcast de muita gente em sua maioria mulheres, acho que a gente conseguiu criar esse ambiente para que mulheres se sentissem à vontade para ouvir e também ver duas mulheres ali produzindo, fez diferença (ROCHA, Carol, em entrevista para autora, 2020).

Um dos primeiros podcasts produzidos no Brasil, o *Nerdcast*¹⁰¹, influenciou tanto o formato quanto as definições de público alvo da mídia, acabando por, pelo menos em um primeiro momento, estigmatizar a mídia como “coisa de *nerd*”, como foi apontado pelas interlocutoras. Gabriela Colicigno (2017) aponta que a definição do *nerd* sofreu alterações com o passar do tempo. Inicialmente definido como uma pessoa extremamente estilosas e com dificuldade de interação social, atualmente o *nerd* é o aficionado por certos produtos da cultura pop, como jogos, HQ's, super-heróis, certas franquias de filmes, séries e livros e tecnologia em geral.

A partir desse novo significado, *nerd* não seria necessariamente alguém com problemas para se relacionar socialmente, mas sim como alguém que possui interesse pelas áreas de tecnologia, computadores, quadrinhos, ficção científica, videogames e outros assuntos. As características principais, portanto, da nova definição do que engloba o espectro do *nerd*, envolvem

¹⁰¹ Programa vinculado ao site Jovem Nerd, com mais de 770 episódios lançados e mais de 10 anos no ar. De acordo com o site do Nerdcast, o programa tem mais de um milhão e meio de downloads por episódio. <https://jovemnerd.com.br/nerdcast/>.

muito mais do que apenas o fascínio por estudos e uma inteligência acima da média, envolve um comportamento sistemático que gira em torno do consumo de determinados produtos (COLICIGNO, Gabriela, 2017 p. 3).

A autora destaca a maneira como os autores que se debruçaram sobre o estudo e caracterizam a personalidade que é atualmente conhecida como *nerd* apenas o fizeram voltando-se a uma definição homogeneizadora masculina, que ignora por completo a existência de mulheres *nerds*. Segundo a autora, a presença das mulheres no meio *nerd* ou é invisibilizada, inclusive no momento da venda e distribuição de produtos voltados ao público feminino, ou é marcada por uma representação extremamente sexualizada das personagens femininas nas produções. Para a autora, há uma construção social que faz com que mulheres que se identificam como *nerds* sejam constantemente cobradas por conhecimentos que os homens não precisam comprovar, um fato que causa afastamento e dificulta que mulheres se identifiquem com esse grupo.

Para Paula Travancas (2018) essa realidade no universo *nerd* vem mudando, apesar da resistência que encontram por parte dos “nerds padrão” que sentem seu espaço de privilégio com a inclusão de representação de mulheres e outras minorias sociais. Uma evidência disso, seria o surgimento de blogs e sites que apresentam discussões sobre cultura pop/*nerd* com uma abordagem abertamente feminista.

Essas mulheres estabelecem práticas que visam aumentar a representatividade da mulher na cultura pop, tanto como consumidoras quanto como produtoras de conteúdo, buscando transformar os espaços *nerds online* e *offline* em ambientes em que as mulheres sejam respeitadas (TRAVANCA, Paula, 2018, p. 9)

A autora entende, e concordamos com ela, que essas mudanças partem das próprias *nerds* feministas que exigiram e exigem uma representatividade verossímil e o fim das violências sofridas nesses espaços. Entendemos que essas mudanças foram apontadas pelas entrevistadas na percepção do podcast, também como uma consequência disso. Adotando esta perspectiva que entende a *podosfera* como um ambiente de resistência para mulheres produtoras e ouvintes que também é perpassado por lógicas estruturais de opressão de gênero, que percebo as campanhas de divulgação e incentivo à participação de mulheres, que já foram exploradas no capítulo 1, como uma manifestação das resistências que as próprias mulheres produtoras de podcast vem construindo ao longo dos anos produzindo na *podosfera* brasileira.

Considerando que Ira Morato e Domenica Mendes, criadoras das campanhas *#MulheresPodcasters* e *#OPodcastÉDdelas*, respectivamente, fizeram parte do grupo de entrevistadas, neste tópico analisei apenas as respostas das outras 15 entrevistadas. Para estas duas interlocutoras as perguntas realizadas foram específicas sobre o histórico das campanhas

e suas motivações para a criação. Os dados obtidos com Ira e Domenica foram expostos no Capítulo 2. Na Tabela 07 apresento de maneira concisa, e que possibilita uma visualização comparativa das informações, as formas de engajamento com as duas campanhas.

Tabela 7 – Envolvimento das entrevistadas com as campanhas *#MulheresPodcasters* e *#OPodcastÉDelas*

#MulheresPodcasters		#OPodcastÉDelas	
Não Conhece	02	Conhece	02
Conhece	03	Participa	08
Utiliza	10	Participa em outros programas	05

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Destrinchando os dados da tabela acima nota-se que com relação à *#MulheresPodcasters*, a maioria das participantes (10) comentou que costuma utilizar a hashtag, seja em posts de rede sociais para divulgar os episódios novos dos programas ou no espaço de apresentação em seus perfis pessoais. 03 (três) delas, apesar de conhecerem, disseram que não costumam utilizar na divulgação de seus programas e apenas 02 (duas) entrevistadas não conheciam a ação. Já com a *#OPodcastÉDelas* foram encontrados dois tipos distintos de participação: as 08 (oito) mulheres que no mês de março se inscrevem na campanha e participam com seus próprios podcasts, convidando outras mulheres para gravar durante o mês e as 05 (cinco) que participam como convidadas em outros programas. Todas conheciam a ação e apenas 02 (duas) nunca participaram.

Para além dessa consideração quantitativa do envolvimento das podcasters com as campanhas, também é importante analisar como elas percebem suas motivações para participar, bem como os resultados práticos que as ações trazem para a podosfera. O relato de Beatriz Santos (*Hora Queer, Ponto G*) demonstra em especial dois aspectos que as duas campanhas trazem, a divulgação dos programas e a criação de comunidades:

[...] essas hashtags elas auxiliam muita gente a achar outros programas feitos por mulheres que, por exemplo, eu não vejo tanto conteúdo sobre jogos, mas eu sei que se eu clicar lá na... na hashtag, tanto *#mulherespodcasters* quanto *#OPodcastÉDelas*, eu vou achar é... algum podcast feito por mulheres sobre jogos e sobre outros tantos assuntos. [...] Então acho que ajuda muito a gente a formar realmente uma comunidade que é benéfica, não só para gente, porque as pessoas vão conhecer os nossos podcasts, mas a gente vai criar outros laços com outras mulheres e [...] uma rede de apoio na podosfera que acho que também termina refletindo na PodPesquisa é... porque a gente se sente mais segura apesar dos haters que volta e meia aparecem (SANTOS, Beatriz, em entrevista para a autora, 2020).

A formação de comunidade entre podcasters também foi notada por Photini Vrikki e Sarita Malik (2019) quando as autoras realizaram um estudo com 31 podcasters negros (16 mulheres e 15 homens) do Reino Unido. Elas perceberam que o senso de comunidade “é compartilhado entre podcasters em diferentes podcasts, entre os podcasters como os hosts de um podcast e entre os hosts e seus ouvintes” (VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita, 2019, p. 278, tradução da autora¹⁰²). Assim como acontece no Brasil, especialmente entre as mulheres podcasters como percebemos ao longo destas análises, as autoras também identificaram em seus grupos focais que “muitas podcasters se conhecem e se promovem, convidando-as como convidadas ou mencionando-as durante seus episódios” (VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita, 2019, p. 278, tradução da autora¹⁰³)

Florencia Goldsman (2018) realizou uma análise sobre as discussões realizadas no Twitter em 2016 acerca do aborto na Argentina. Para explicar as organizações em rede, a autora resgata Tascón e Quintana (2012) e argumenta que esse tipo de movimento acontece sem um líder formal, e a partir de diversas frentes, ou seja, qualquer pessoa tem o potencial de se tornar uma ativista. “Encontramos, então, vários argumentos que reforçam a falta de organização (no sentido tradicional e hierárquico) como uma característica central das mobilizações na internet. Ao mesmo tempo, essas falas nos permitem refletir sobre formas de auto-organização que só ocorrem nas redes virtuais” (GOLDSMAN, Florencia, 2018, p. 74, tradução da autora¹⁰⁴).

Apesar de não existirem enquanto coletivos, neste sentido tradicional, que realiza reuniões periódicas e que possui um núcleo de coordenação ou direção, as duas campanhas estudadas possuem essa característica de agrupamento político, “há um processo de aprendizagem coletiva que transforma o uso ocioso da rede em um uso explicitamente político” (GOLDSMAN, Florencia, 2018, p. 79,¹⁰⁵ tradução da autora) e, neste sentido, *#MulheresPodcasters* e *#OPodcastÉDdela*s cumprem essas funções de agrupar mulheres produtoras de podcasts em uma rede e de fazer políticas feministas, mesmo que em programas que não têm as questões de gênero em sua temática central, o que pode ser percebido tanto na

¹⁰² Do original: *is shared between podcasters across different podcasts, between the podcasters as the hosts of a podcast, and between the hosts and their listeners.*

¹⁰³ Do original: *many of the podcasters know each other and promote one another by inviting them as guests or mentioning them during their episodes.*

¹⁰⁴ Do original: *Encontramos entonces varios argumentos que ponderan la falta de organización (en un sentido tradicional y jerárquico) como característica central de las movilizaciones en internet. Al mismo tiempo estas aseveraciones permiten reflexionar acerca de formas de auto-organización que solo se dan en las redes virtuales.*

¹⁰⁵ Do original: *Se da un proceso de aprendizaje colectivo que transforma el uso ocioso de la red en un uso explícitamente político de la misma.*

entrevista da Beatriz Santos, que foi apresentada acima, quanto na de Aline Hack (*Olhares*), para quem o ponto principal, nesse caso da *#MulheresPodcasters*, é o de unir mulheres.

[...] eu vejo isso como uma ação, uma ação poderosa de mulheres dentro da mídia podcast, uma ação de permanência, uma ação de militância mesmo. Como uma forma de emancipação, de vozes de mulheres, né?! De apoio coletivo porque apesar de ser uma hashtag e parecer que é só uma hashtag, não é só uma hashtag, né? [...] Foi essa mesma hashtag que fez com que se criassem grupos no telegram, grupos de Facebook, grupos no WhatsApp de mulheres que estejam querendo, seja apoio emocional, seja uma forma de divulgar os seus trabalhos e buscar conhecimento, seja uma forma de conseguir um apoio técnico, [...] então eu acho que querendo ou não a hashtag traz... a hashtag agrega mais do que divulga. (HACK, Aline, em entrevista para a autora, 2020).

Ao refletir sobre a utilização de hashtags em movimentações feministas na rede, Josemira Reis e Graciela Natansohn (2017) apontam para as diversas formas de sentido que essas organizações online podem adquirir:

Elas [as hashtags] ora contribuem para fazer pressão junto ao poder público no processo de tomada de decisões, ora servem para dar visibilidade a causas da militância, ora se traduzem em campanhas de conscientização no campo das relações de gênero, ora ajudam a sistematizar dados que referendem políticas públicas e, não menos importante, servem para promover encontros, partilhas de experiências e facilitar a solidariedade (REIS, Josemira, NATANSOHN, Graciela, 2017, p. 119).

Assim, pode-se afirmar que as duas campanhas de promoção das mulheres na mídia podcast contribuem para essas relações de aproximação entre as produtoras, criando uma espécie de comunidade, bem como numa propagação massiva das ações feministas na podosfera. Não à toa, as muitas da entrevistadas se conhecem, e citaram umas às outras nas entrevistas. Pensando a dinâmica online, Lara Facioli e Richard Miskolci (2015) percebem uma “constituição de redes de amizade e, mais do que isso, para a possibilidade diária de falar sobre as questões afetivas, sobre as faltas e ausências que fazem da internet um espaço de contato com experiências que podem ser compartilhadas em tempo real” (FACIOLI, Lara; MISKOLCI, 2015, p. 149).

Júlia Araújo (2016) caracteriza o uso de hashtags feministas em redes sociais como uma estratégia que unifica as pautas comuns entre feministas que nem sempre possuem posicionamentos teóricos similares, “as hashtags como campanhas e ‘palavras de ordem’ e a publicação de relatos pessoais são estratégias de unificação das mulheres em torno de pautas comuns, visando a circulação e viralização dessas temáticas” (ARAÚJO, Júlia, 2016, p. 08). Ao analisar o caso das campanhas *#MeuPrimeiroAssédio* e *#MeuAmigoSecreto*, a autora percebe que essas ações são uma forma de “união temporária que tem como objetivo não

difundir uma identidade comum ou uma unidade permanente, mas unir forças para dar visibilidade a pautas em comum” (ARAÚJO, Júlia, 2016, p. 08).

Pensando sobre uma nova onda na produção de podcasts no Reino Unido, a partir de 2015, Photini Vrikki e Sarita Malik (2019) acreditam que essas novas produções estão além da popularização de ferramentas tecnológicas “mas, também, o desejo cívico e a capacidade de contar histórias que emanam de experiências vividas rotineiramente marginalizadas. Os podcasts permitem a produção de longas discussões informais e um novo espaço que faz a intermediação do relacionamento entre comunidades marginalizadas e públicos mais amplos” (VRIKKI, Photini; MALIK, Sarita, 2019, p. 274, tradução da autora¹⁰⁶).

¹⁰⁶ Do original: *but also, the civic urge and ability to tell stories emanating from routinely marginalised lived experiences. Podcasts enable the production of long informal discussions and a new space that brokers the relationship between marginalised communities and wider publics.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – PONTO G¹⁰⁷

“Cada mulher sabe a força da natureza que abriga na torrente que flui de sua vida”.

- Torto Arado, Itamar Vieira Júnior.

Conforme as reflexões apresentadas nas páginas iniciais desta pesquisa, em relação ao podcast, consideramos que estamos diante de uma modalidade radiofônica que a partir da convergência dos meios se insere na cultura digital, e assim como ela, se modifica constantemente. No Brasil, a mídia vem crescendo a partir do investimento das empresas de *streaming* e da mídia tradicional, duas áreas que agora disputam com as produções independentes. Acredito que as dinâmicas de produção de podcasts “caseiros” e as relações de proximidade entre ouvintes e produtoras tendem a se alterar paulatinamente no novo cenário. Ou seja, o estudo sobre produção e consumo de podcasts no Brasil seguirá como um campo fértil de análises e a tendência é de que a área da comunicação se dedique cada vez mais ao estudo da podosfera. Estas reflexões atendem ao primeiro objetivo específico desta pesquisa, que consiste em explorar o podcast como um fenômeno comunicacional para entender e desenvolver relações entre suas características históricas, tecnológicas e culturais, em especial no Brasil.

Ademais, nos levantamentos de teses e dissertações publicadas na área da comunicação (ESCOSTEGUY, MESSA, Má 2008; ESCOSTEGUY, Ana Carolina, 2019; CORUJA, Paula, 2018; TOMAZETTI, 2020), não localizamos trabalhos que transversalizem os estudos de gênero/mulheres/feminismo ao podcast como objeto específico. Ou seja, esta pesquisa possui, em alguma medida, um caráter pioneiro sobre possíveis formas de correlacionar as duas esferas em questão. Ao propormos essa transversalidade, extrapolamos a lógica de um feminismo universal capaz de abarcar a realidade de todas as mulheres. Ao buscar alcançar o segundo objetivo específico - delimitar o perfil das produtoras dos podcasts mais ouvidos no Brasil segundo a PodPesquisa, notamos que mesmo em um espaço que ainda é reduzido e excludente, como o das mulheres podcasters, as mulheres negras, as mulheres transgênero e travestis seguem sendo uma minoria ainda mais invisibilizada, de forma similar ao que é percebido em outros âmbitos sociais, como bem discutimos nesse trabalho. É certo que mulheres negras produzem podcasts, mas cabe o questionamento do porquê desses programas não aparecerem na lista dos mais ouvidos, ou, se apareceram, o porquê de nenhuma mulher negra ter aceitado participar da pesquisa empírica desenvolvida para esta dissertação. Dentre as respondentes,

¹⁰⁷ Site do Ponto G: <https://espacodefalas.com.br/qt-series/ponto-g/>

nenhuma das mulheres se identifica como negra, apenas uma se define como parda. Assim, fomos impelidas a estudar restritivamente as experiências de mulheres cisgênero brancas, com ensino superior completo e naturais da região sudeste, que em sua maioria são heterossexuais. Ainda que não pertença às vivências das respondentes, nas entrevistas percebi uma preocupação com a diversidade sexual, a questão de classe e de raça.

Mesmo com a ampla variedade de temas tratados nos programas que são produzidos pelas interlocutoras, todas as entrevistadas afirmaram que em alguma medida ser feminista exerce influência no conteúdo produzido. Assim, percebemos que o feminismo pode se manifestar nos mais diversos nichos dentro do podcast, desde os estudos sobre magia e ocultismo até em programas de divulgação científica. Esta é uma abordagem que pode derivar deste estudo, com foco nos conteúdos produzidos pelos programas e verificando em quais situações as discussões feministas são evocadas. Outro desdobramento possível é a observação do modo como o público reage aos podcasts quando eles abordam o feminismo.

Alcançando seu terceiro objetivo específico, esta pesquisa também possibilitou compreender a relação de subjetividades que as produções das mulheres podcasters constroem com seus programas. Apesar de a maioria delas não ter o podcast como um trabalho remunerado, as interlocutoras seguem tratando a qualidade do que é entregue ao público como um fator central em suas produções, de maneira profissionalizada. Por outro lado, apesar da diversidade de motivações que as levaram a começar a produção dos programas, todas encontraram, seja com as ouvintes, com seus colegas de bancada, no contato com convidadas ou com outras mulheres podcasters, a manutenção de relações que vão além do espaço de gravação. Ou seja, percebemos aspectos como a criação de comunidade, a construção de um espaço para apresentar sua voz e suas opiniões e ainda uma vontade de ação política ao falar de temas que consideram importantes, ao buscar ser exemplo que possa inspirar outras mulheres.

Quanto ao quinto objetivo específico, que versa sobre a percepção das entrevistadas em relação à podosfera, um tema significativo que fora apresentado concerne à maneira como as mulheres ainda se sentem deslegitimadas no meio e buscam sempre modos de comprovar seu domínio sobre o assunto. Esse sentimento é compartilhado pelas entrevistadas e revela que, independentemente do tema abordado, mulheres estão mais suscetíveis à crítica e à cobrança por um saber idealizado e irretocável, o que tende a se configurar um obstáculo para que mulheres acessem espaços de poder em todas as áreas e ambientes sociais.

Ao longo das entrevistas, as respondentes também apontaram para como no início dos podcasts no Brasil os temas centrais dos programas abordavam assuntos vinculados ao universo nerd/geek/gamer que também tende a ser um espaço tóxico para meninas e mulheres. Essa

discussão ganhou fôlego no trabalho, ainda que o tema não tivesse sido planejado ou previsto. Observando de um modo geral, todas as considerações apresentadas pelas interlocutoras, os estudos que embasaram as análises e a vivência empírica, apontam para a maneira como os problemas de gênero enfrentados por mulheres podcasters não são questões exclusivas do podcast, mas sim problemáticas estruturais que perpassam diversos ambientes sociais nos quais estão inseridas as mulheres, os corpos feminilizados, as identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes.

Com relação ao quarto objetivo específico - compreender as principais dificuldades enfrentadas por elas no processo de produção dos programas, avaliamos que é provável que um ponto chave em relação ao podcast seja a interação entre essas zonas de atuação do gênero que já são demarcadas como conflituosas para as mulheres: a tecnologia, o posicionamento das ideias e opiniões por meio da voz em um ambiente público e o universo nerd/geek. As mulheres podcasters precisam/precisaram enfrentar esses obstáculos ao se engajarem na produção de programas independentes, além de serem impelidas a lidar com as dinâmicas que já lhes são impostas por seus empregos remunerados e pelo trabalho de reprodução social, quando assumem esse papel.

Saliento que diante do objetivo geral desta pesquisa que se propôs a compreender quais as características da resistência feminista construída na podosfera brasileira pelas mulheres podcasters, assim como os obstáculos que se apresentam fixados nas desigualdades entre os gêneros, identifico que apesar de não comporem um único coletivo organizado, e possuírem inclusive divergências de concepções feministas entre si, as mulheres podcasters entrevistadas compõem uma militância feminista preocupada em transformar a podosfera um espaço de segurança e de igualdade para mulheres e outras minorias sociais. Essa percepção foi corroborada principalmente com o envolvimento que a maioria das interlocutoras demonstrou ter com as campanhas *#MulheresPodcasters* e *#OPodcastÉDelas*. Reforçando o que fora apontado na introdução do trabalho, notamos que ao enquadrar a pesquisa nos movimentos de autoinclusão das mulheres nas TIC (VERGÉS, Núria 2013), identificamos as dinâmicas que as interlocutoras estabelecem entre suas companheiras, o que funciona para a criação de uma podosfera com maior presença de mulheres.

Como proposições que dialogam com os resultados da pesquisa, defendo que é fundamental o investimento em políticas públicas que integram gênero e as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) para alcançar, especialmente, os perfis de mulheres que não foram identificados nesta pesquisa, mulheres negras, transexuais e travestis, oriundas das regiões norte e nordeste, mulheres periféricas, mulheres acima dos 35 anos.

Ao analisar 14 programas de inclusão digital realizados na Bahia que tinham mulheres como público alvo, Graciela Natansohn (2015) observou que as diretrizes metodológicas e abordagens dos programas não tinham nenhum direcionamento específico para as questões de gênero. Conforme aponta a autora, os cursos utilizam a linguagem masculina, mesmo quando a maior parte das estudantes são mulheres. Outro fator apresentado é a falta de diferenciação entre os públicos “supondo-se que homens e mulheres têm possibilidades e condições idênticas de aprendizado, expectativas, interesses, contextos, formas de lidar com a tecnologia, tempo” (NATANSOHN, Graciela, 2015, p. 39). Assim, concluímos que as ações de formação de mulheres para o uso de podcasts devem ser pensadas e desenvolvidas tendo como perspectiva a maneira como o gênero opera e interfere na vida das mulheres, inclusive de forma distinta para mulheres em enquadramentos sociais diversos. Além disso, é fundamental a presença de mulheres na condução dessas políticas públicas, para que possam, a partir de suas próprias vivências e das teorias feministas, apontar os principais aspectos na mídia os quais as mulheres precisam de apoio.

Considerando os dados obtidos nesta pesquisa propomos que ações de políticas públicas, e aquelas que partam da sociedade civil, voltadas para a capacitação de mulheres para a produção de podcasts (mas também de outras mídias digitais), devem levar em conta, além dos aspectos relativos à prática (produção, edição, distribuição e etc), dois eixos temáticos que denominei como conhecimentos sociotécnicos (1) e estudos feministas e de gênero (2). Com relação ao eixo de *Conhecimentos sociotécnicos*, deve-se abordar questões críticas sobre o uso da internet, propondo questionar o acesso supostamente gratuito a serviços distribuídos online. Discutir as questões que estão em voga sobre o uso da internet para produção de comunicação alternativa, proteção e privacidade dos dados, entender como os grandes conglomerados empresariais constituem as redes, em outras palavras, aqui deve-se orientar para uma análise crítica da relação que fazemos com o digital na contemporaneidade. Já para o eixo de *Estudos feministas e de gênero*, proponho a apresentação das principais dificuldades que mulheres, em seus múltiplos contextos, se deparam com as tecnologias a fim de explicitar que estes empecilhos não são individuais. Apresentar discussões e teorias a respeito das mulheres e suas relações com a tecnologia, as brechas digitais de gênero e as ações de autoinclusão de mulheres para que seja possível refletir sobre suas próprias condições. Também é importante abordar as violências contra mulheres no ambiente online, como se defender de ataques de *haters*, como construir relações de camaradagem com outras mulheres, e o compartilhamento de experiências que como observamos na pesquisa têm sido uma importante ferramenta da luta feminista.

Essas proposições iniciais servem apenas como um direcionamento para órgãos e gestores públicos interessados em investir em políticas de fomento e inclusão de mulheres nas TIC, mesmo entendendo a conjuntura social, política e econômica em que o Brasil se encontra com o avanço de políticas de extrema direita e o genocídio da população a partir do negacionismo e do descaso com a pandemia de COVID-19, a intenção em propor ações que possam ser aplicadas em projetos de políticas públicas parte especialmente do desejo de que os resultados da pesquisa transponham os espaços acadêmicos onde as produções costumam circular, e que se torne, de alguma maneira, uma ferramenta para mudanças práticas e materiais na vida de outras mulheres.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniel; VIANA, Luana. **Entendendo a diferença entre interação e participação dos ouvintes do podcast “Um Milkshake Chamado Wanda”**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - INTERCOM, 2019, Vitória. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-1125-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.
- ALVES, Amanda; VIANA, Luana. **“Filhas da Guerra”: uma análise da fala da mulher através do podcast**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - INTERCOM, 2019, Vitória. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0701-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.
- AMORIM, Andrea de Lima Trigueiro de; ARAÚJO, Maria Jovelina da Cruz Guimarães. **Como o isolamento social causado pela pandemia de Covid-19 impactou o consumo de podcasts no Brasil: uma análise de matérias jornalísticas nacionais**. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 3, p. 25802-25815, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/26323/20875>. Acesso 20 Abr. 2021.
- AMORIM, Eduardo. Donos de emissoras de TV e rádio se beneficiam eleitoralmente das concessões públicas, p. 38-44. In: INTERVOZES, Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Direito à comunicação no Brasil 2018**. São Paulo: 2019. Disponível em: <https://intervozes.org.br/publicacoes/direito-a-comunicacao-no-brasil-2018/> Acesso em: 07 fev. 2020.
- ANDRADE, Luís Eduardo Meira de; LACERDA, Raniery Soares; MENDES, Patrícia Monteiro Cruz; SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. **Podcast na Paraíba: uma análise sobre o cenário do rádio expandido e as novas formas de conteúdo em áudio**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Bélem. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0747-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.
- ARAÚJO, Júlia S. **O pessoal ainda é político: Hashtags e compartilhamento de testemunhos pessoais como estratégias ciberfeministas**. In: IX Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura – PUC São Paulo – 8, 9 e 10 de dezembro de 2016. Disponível em: http://abciber.org.br/anaisletronicos/wp-content/uploads/2016/trabalhos/o_pessoal_ainda_e_politico_hashtags_e_compartilhamento_de_testemunhos_pessoais_como_estrategias_ciberfeministas_julia_silveira_de_araujo.pdf. Acesso em: 01 Abr 2021
- ARAÚJO, Rafaela et al. **Glamour ou Trabalho Árduo: Socialização Profissional das Blogueiras**. Revista de Administração FACES Journal, vol. 18, núm. 2, p. 114-134, 2019. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/facesp/article/view/6459>. Acesso: 05 Abr. 2021.
- ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi. Teoría de la Reproducción Social. **Elementos fundamentales para un feminismo marxista**. Archivos de Historia del Movimiento Obrero y la Izquierda, n. 16, p. 37-69, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://www.archivosrevista.com.ar/numeros/index.php/archivos/article/view/251>. Acesso: 11 Abr. 2021.
- ARRUZZA, Cinzia. **Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo**. Revista Outubro, n. 23, 2015. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/06/2015_1_04_Cinzia-Arruza.pdf. Acesso em: 09 Abr. 2021.
- ARRUZZA, Cinzia. Rumo a uma “União queer” de marxismo e feminismo?. In: _____. **Feminismo e marxismo: entre casamentos e divórcios**. Lisboa: Combate, 2010.
- _____. As relações perigosas entre gênero e classe. In: _____. **Feminismo e marxismo: entre casamentos e divórcios**. Lisboa: Combate, 2010.

_____. **Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos.** Tradução: Murillo van der Laan. In Cadernos Cemarx, nº 10 – 2017. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10920> Acesso: 14 jul. 2020.

AVELAR, Kamilla; PRATA, Nair; MARTINS, Henrique Cordeiro. **Podcast: trajetória, temas emergentes e agenda.** 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0147-1.pdf> . Acesso em: 06 nov. 2019.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pela significação da mulher no feminismo.** 2019. 1 recurso online (174 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/334561>. Acesso: 28 Fev. 2021.

BANDEIRA, Lourdes Maria. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto.** Bazar do tempo, 2019 (E-book).

BARBOSA, Jefferson Belizário; MOREIRA, Benedito Diécio. **O Podcast na Sociedade e Juventude.** XIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste - INTERCOM, 2015, Campo Grande. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0335-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

BENZECRY, Lena. **Netnografando o “samba de raiz”.** XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2012, Fortaleza. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0118-1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

BERNI, Felipe Collar; SANTOS, Gustavo Luiz Ferreira; CODONHO, Tatiane Soares. **O podcast como instrumento de expansão sociocultural das Escolas de Samba.** XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM, 2018, Cascavel. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-0824-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

BHATTACHARYA, Tithi. **O que é a teoria da reprodução social?.** Revista Outubro. São Paulo, n. 32, p. 99-113, 2019. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/09/04_Bhattacharya.pdf. Acesso em: 13 jul. 2020.

BITO, Noemia Monteiro. **Mídia sonora: linguagens e tecnologias em tempos de convergência multimidiática a partir de duas pesquisas realizadas entre 2010 e 2011 em Alagoas.** XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2011, Recife. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1454-1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

BITO, Noemia Monteiro; SANTOS, Ronaldo Bispo dos. **Podcast Jornalístico: Tecnologia Alternativa e Comunitária.** XIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - INTERCOM, 2011, Maceió. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0042-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

BUFARAH JUNIOR, Alvaro. **Podcast: possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas.** 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2017, Curitiba. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2638-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

CANFIL, Daniele Cristina; ROCHA, Diana; PAZ, Camila Candeia. **Podcasts: A Contribuição das Novas Mídias para o Processo de Ensino e Aprendizagem em Sala de Aula.** X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM, 2009, Blumenau. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0112-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

CANFIL, Daniele Cristina; ROCHA, Diana; FACHI, Camila Candeia Paz. **Podcast: O Universo Midiático em Sala de Aula.** XI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM, 2010, Novo Hamburgo. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0291-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

CARNEIRO, Neusa de Oliveira; BALDESSAR, Maria José. **O Podcast como Ferramenta para a Educação a Distância: uma Revisão Sistemática**. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2015, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0343-1.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Bazar do tempo, 2019 (E-book).

CARVALHO, Paula Marques de. **Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2011, Recife. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2849-1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

CARVALHO, Paula Marques de. **Procedimentos de Construção de Podcast: Uma Proposta de Análise**. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2012, Fortaleza. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2205-1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

CARVALHO, Paula Marques de. **Processo de Criação de Podcast: Análise dos Recursos Criativos do Nerdcast**. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2014, Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2357-1.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

CHAN-OLMSTED, Sylvia; WANG, Rang. Understanding podcast users: Consumption motives and behaviors. **New Media & Society**, v. 22, n. 10, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1461444820963776>. Acesso: 21 Abr. 2021.

CHARMAZ, Kathy. **Constructing Grounded Theory. A Practical Guide Through Qualitative Analysis**. London: Sage Publications, 2006.

CISNE, Mirla. Família, divisão sexual do trabalho e reprodução social. IN: CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2015. E-book.

COLICIGNO, G. B. **As Dificuldades de Identificação das Mulheres Nerds: Os problemas encontrados na alteridade de um grupo social**. XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2017, Volta Redonda. 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0962-1.pdf>. Acesso: 04 Abr. 2019

CORUJA, Paula. **Uma mirada sobre a produção do campo da Comunicação sobre o feminismo**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1998-1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

COSTA, Albertina de Oliveira; BARROSO, Carmen; SARTI, Cynthia A. Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gueto?. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). **Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019 (1985).

COSTA, Alfredo José Lopes; RIBEIRO, Rodrigo Vieira. **Redes sociais, blogs e podcasts na prática do ensino de Jornalismo: relatos e reflexões a partir de experiências pedagógicas**. XIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste - INTERCOM, 2011, Cuiabá. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2011/resumos/R27-0379-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

COSTA, Renata Gomes; PINHEIRO, Paulo Wesley Maia. **A pertinência da categoria divisão sexual do trabalho para a análise da morfologia do trabalho na contemporaneidade**. Emancipação, v. 15, n. 1, Ponta Grossa, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5506584>. Acesso: 07 Abr. 2021.

COUTO, Ana Luiza Sheludiakoff; MARTINO, Luis Mauro Sá. **Pesquisando podcasts: desafios teóricos e metodológicos**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1373-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, Jan. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03 Mar. 2021.

DAMASCENO, Aldo. **Cultura Participativa: Crowdfunding como Forma de Financiamento para Rádios e Podcasts brasileiros**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Belém. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1195-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, (E-book).

DETONI, Márcia. **A Volta do Narrador**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Belém. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1451-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

DIAS, Emerson dos Santos; SCHACHT, Rakelly Calliari. **Do streaming e do podcast às transmissões ao vivo e à web TV: a midiamorfose na Alma Londrina Rádio Web**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Belém. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0521-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

DO CARMO, Quesia Silva; COUTO, Edvaldo Souza. #PrimaveraDasMulheres – O florescer do feminismo nas redes sociais. **Cadernos de Educação**, n. 57, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/12820>. Acesso: 15 Abr. 2021

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; MESSA, Márcia Rejane. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. IN: ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (Org.) **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/1465>. Acesso em: 19 dez. 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Mídia e Questões e Gênero no Brasil: pesquisa, categorias e feminismos**. XXVIII Encontro Anual da Compós, 2019, Porto Alegre. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_22M2AT9FW1L6KF0QT6HH_28_7782_22_02_2019_05_08_08.pdf. Acesso em: 19 dez. 2020.

FACIOLI, Lara Rodrigues; MISKOLCI, Richard. Conectadas: experiência de subalternidade e ajuda-mútua feminina online entre mulheres de classes populares. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 2, p. 129-159, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22856>. Acesso em: 16 Abr. 2021.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **O podcast como gênero jornalístico**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Belém. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

FERGUSON, Susan. Las visiones del trabajo en la teoría feminista. **Archivos de Historia del Movimiento Obrero y la Izquierda**, n. 16, p. 17-36, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://www.archivosrevista.com.ar/numeros/index.php/archivos/article/view/242>. Acesso: 09 Abr. 2021

FERNANDES, Laís Cerqueira. **Jornalismo de Peito Aberto: o Podcast Mamilos e a Empatia na Era da Convergência**. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2017,

Curitiba. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0478-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

FERNANDES, Laís Cerqueira; MUSSE, Christina Ferraz. **O potencial da narrativa transmídia em podcasts: contando histórias na era da convergência**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1651-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

FERNANDES, Laís Cerqueira; MUSSE, Christina Ferraz. **Podcasts e a Cultura Digital: Estratégias Para Contar Histórias em uma Narrativa Convergente**. XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - INTERCOM, 2017, Volta Redonda. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0378-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

FERREIRA, Rosinete de Jesus Silva; SILVA, Helen Maria Oliveira. **A Utilização de Podcasts em Instituições de Ensino Superior**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2181-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

FERREIRA, Gabriel; WINTER, Yasmin; ALVES, João; AVELAR, Kamilla. **O Podcast Como Lugar de Legitimação da Fala da Mulher sobre Futebol**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1410-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

FREITAS, Rute Dâmaris da Silva; SILVA, Livia Fernanda Nery da. **Os Discursos sobre Suicídio e Valorização da Vida em Programas de Podcast**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0823-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

GADELHA, Katarina; LAIGNIER, Pablo. **Um Milkshake Chamado Wanda: A reinvenção do rádio**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - INTERCOM, 2019, Vitória. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0373-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

GUALBERTO, Pamela Paolla; ASSIS, Cláudia M. Arantes de. **A EVOLUÇÃO DO ÁUDIO – Convergência do rádio ao podcast**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Belém. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1590-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

GUMS, Elyson; IOSCOTE, Fabia; SPENASSATTO, Gabriel; JOHN, Valquiria Michela. **Pesquisa exploratória de podcasts brasileiros voltados à Divulgação Científica**. XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM, 2019, Porto Alegre. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-1708-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

GOLDSMAN, Florencia. #LIBERTADPARABELEN: Twitter y el debate sobre aborto en la Argentina. PósCom/UFBA, Salvador, 2018. **Cap.3. “Tecnopolítica: sobrepasar las definiciones sobre ciberactivismos”**, p. 69-102. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25970>. Acesso em: 13 Mar. 2021.

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade. In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. A formação de um intelectual diaspórico: uma entrevista com Stuart Hall, de Kuan Hsing Chen. In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso 07 Abr. 2021.

HOOKS, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 857-864, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000300007&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 29 mar. 2020.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. In: HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2019 (E-book).

INTERCOM. **Normas Regimentais Dos Grupos De Pesquisa (GPs)**. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/normas-regimentais-gps>. Acesso em: 22 jan. 2020.

INTERVOZES, Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Monopólios digitais: concentração e diversidade na Internet**. São Paulo: Intervozes, 2018. Disponível em: <https://intervozes.org.br/arquivos/interliv012monodig.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2020.

INTERVOZES, Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Políticos donos da mídia: levantamento do Intervozes em 10 estados denuncia prática ilegal de candidatos que são proprietários de canais de Rádio e TV**. 2018. Disponível em: <https://intervozes.org.br/politicos-donos-da-midia-levantamento-do-intervozes-em-10-estados-denuncia-pratica-ilegal-de-candidatos-que-sao-proprietarios-de-canais-de-radio-e-tv/>. Acesso em: 14 fev. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JESUS, Wagner Brito de. **Tecnologias da Comunicação e Informação: o uso de podcast na educação**. XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - INTERCOM, 2012, Bauru. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0915-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LIMA, Heloísa Cipriano; SILVA, Valquíria Guimarães da. **O Processo de Criação do Podcast Essa Voz Eu Já Ouvi**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Bélem. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2486-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

LOPEZ, Debora Cristina; ALVES, João. **Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Bélem. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0147-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

LUIZ, Lucio. **Podcasters Brasileiros: Uma “Comunidade” em Busca de Visibilidade** XVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - INTERCOM, 2011, São Paulo. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0075-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

MACEDO, Ana Clara Barbosa; MAMEDE, Karina Ferreira; HUEB, Mariana Goulart; GOMES, Nayla; SPANNENBERG, Ana Cristina Menegotto. **O Podcast Como Ferramenta Jornalística**. XVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - INTERCOM, 2012, Ouro Preto. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/PAPERS/REGIONAIS/SUDESTE2012/resumos/R33-1054-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

MACHADO, Bárbara Araújo. **Interseccionalidade, consubstancialidade e marxismo: debates teóricos e políticos**. IN: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx) (org). Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo, p. 1867-1917, 2017. Disponível em: <http://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC18/mc181.pdf>. Acesso em: 31 dez 2020.

MACHADO, Bárbara Araújo. **Interseccionalidade e marxismo: encontros e desencontros para o estudo do movimento de mulheres negras no Brasil**. IN: Conferência Internacional Greves e Conflitos

Sociais, 4, 2018, São Paulo. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/site/iassc/GT6/GT6-04-Barbara.pdf>. Acesso em: 31 dez 2020.

MAIA, Leonardo; CAPISTRANO, Ismar. **“Para Mergulhar nas Histórias, Use Fones de Ouvido”:** uma Análise do Programa “Vozes: Histórias E Reflexões”, da Central Brasileira De Notícias (CBN). XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - INTERCOM, 2019, São Luís. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-1325-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

MARINONI, Bruno. **Concentração dos meios de comunicação de massa e o desafio da democratização da mídia no Brasil.** Revista Análise nº 13, 2015. Disponível em: <http://intervozes.org.br/wp-content/uploads/2016/02/Projeto-FES-Artigo-concentracao-meio.pdf>. Acesso em: 07 fev 2020

MEDEREIROS, Marcelo Santos. **Podcasting: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro.** XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/84071885084469832222151638470992010359.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

MEDEREIROS, Marcelo Santos. **Podcasting: Um Antípoda Radiofônico.** XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2006, Brasília. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109425410741320594702700363707183744831.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

MENEZES, Pedro Henrique; COUTO, Alexis Aragão. **15 anos de podcast: passado, presente e futuro da mídia.** XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - INTERCOM, 2019, Vitória. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-1212-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

MOMBELLI, Neli Fabiane; BRIGNOL, Liliane Dutra. **O Uso do Podcast pela Rádio Enquanto Mídia Tradicional: Uma Análise de Rádios FM's no Rio Grande do Sul.** XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2010, Caxias do Sul. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1226-1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças.** Crítica Marxista, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 11, 2000, p. 89-97.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Breve História do Feminismo Marxista. IN: Martuscelli, Danilo Enrico (org). **Os desafios do feminismo marxista na atualidade.** 1. ed. Chapecó, Coleção marxismo21, 2020, p. 129-138. Disponível em: <https://marxismo21.org/o-feminismo-marxista-na-atualidade/>. Acesso: 09 Abr. 2021

MOSCHKOVICH, Marília Bárbara Fernandes Garcia. **FEMINIST GENDER WARS: The reception of the concept of gender in Brazil (1980s -1990s) and the global dynamics of production and circulation of knowledge.** Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2018.

MOURA, Débora; ALBUQUERQUE, Myrianna; MACÊDO, Tatyane; ROCHA, Ruy. **A Linguagem dos Podcasts: Uma Análise Comparada entre os Programas “Rapaduracast”, “Nerdcast” e “Telacast” e a Linguagem Radiofônica.** XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2009, Curitiba. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0708-1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

MURTA, Cíntia Maria Gomes. **Processo de Criação de Podcast: Análise dos Recursos Criativos do Nerdcast.** XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2015, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1302-1.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

MURTA, Cíntia Maria Gomes. **Podcast: conversação em rede**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2016, São Paulo. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1187-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Bazar do tempo, 2019 (E-book).

NASCIMENTO, Taís Carrion do; BECATE, Renata Boutin. **Podcasting: o processo midiático do caso Mamilos**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - INTERCOM, 2019, Vitória. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-1006-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

NATANSOHN, L. Graciela. Qué têm a ver as tecnologías digitais com o gênero? In: NATANSOHN, L. Graciela (Org.). **Internet em código feminino. Teorias e práticas**. E-book. Ed. em português revista e ampliada. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2013. v. 1. 192p

NATANSOHN, Graciela. Por uma agenda feminista para internet e as comunicações digitais. In: PELÚCIO, Larissa; PAIT, Heloísa e SABATINE, Thiago (org.). **No Emaranhado da Rede-gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente**. São Paulo: Annablume, 2015.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NOGUEIRA, Carla; OLIVEIRA, Sheila Borges de; MESQUITA, Giovana. **Artigos Falados: Uma Proposta de Um Novo Gênero Radiofônico**. XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - INTERCOM, 2019, São Luís. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0253-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

PALUDO, Monique Hellen; ROSEIRA, Elisa Ferreira. **O podcast jornalístico**. XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM, 2011, Londrina. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0436-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

PARENTE, Lincoln Freires de Sousa Oliveira; CAVALCANTE, Fernando Luiz Nobre. **Rádio e podcast na qualidade da comunicação mediada**. XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - INTERCOM, 2017, Fortaleza. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1883-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

PIERANTI, Octavio Penna; ZOUAIN, Deborah Moraes. **Liberdade de Imprensa e Pluralidade das Comunicações no Brasil: um Ensaio à Luz das Considerações de Robert Dahl**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1071-2.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

PINHEIRO, Laura Marques; OLIVEIRA, Lorena Aracelly Cabral de; DANTAS, Juliana Bulhões Alberto. **O Podcast Serial como elemento de composição de narrativas**. XVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - INTERCOM, 2015, Natal. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1508-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. Editora. Fundação Perseu Abramo, São Paulo. 2003.

PISCITELLI, A. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, nº 48. Campinas, IFCH Unicamp, 2002, p. 7-42.

PODPESQUISA. **Resultado da PodPesquisa 2008**, 2008. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso: 03 Abr. 2021.

_____. **Resultado da PodPesquisa 2009**, 2019. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/10/PodPesquisa-2009.pdf>. Acesso: 03 Abr 2021.

_____. **Resultado da PodPesquisa 2014.** Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/10/PodPesquisa-2014.pdf>. Acesso: 03 Abr. 2021.

_____. **Resultado da PodPesquisa 2018.** Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso: 03 Abr. 2021

_____. **Resultado da PodPesquisa 2019.** Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>. Acesso: 03 Abr. 2021

_____. **Resultado da PodPesquisa 2020/2021 - Produtores.** Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf. Acesso: 03 Abr. 2021

PORTO, Adriana Corrêa Silva. **Novas formas de comunicação sonora na cultura da convergência: os podcasts produzidos por fãs na narrativa transmídia.** XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2012, Fortaleza. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1381-1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

RAMIRO, Mônica Arenas. **Brecha digital de gênero: la mujer y las nuevas tecnologías.** Anuario de la Facultad de Derecho (Universidad de Alcalá), 2011, no. 4, p. 97-125

REIS, Josemira, NATANSOHN, Graciela. Com quantas hashtags se constrói um movimento? O que nos diz a "primavera feminista" brasileira. **Tríade**, v. 5 n. 10, 2017. Disponível em <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/3096>

REZENDE, Djaine Damiat. **Podcast. Reinvenção da comunicação sonora.** XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2007, Santos. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0708-1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

RIBEIRO, Letícia; O'DWYER, Brena; HEILBORN, Maria Luiza. **Dilemas do feminismo e a possibilidade de radicalização da democracia em meio às diferenças O caso da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro.** Civitas, Rev. Ciênc. Soc., Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 83-99, Apr. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892018000100083&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 Fev. 2021.

RIBEIRO, Lílían. **Podcasting e Cidadania Cultural.** XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0147-1.pdf>. Acesso em: 06 out. 2019.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do Sexo,** 2012 Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1919>. Acesso: 07 dez. 2020.

SAAR, Cláudia Maria Arantes de Assis. **A utilização do podcast como forma de segmentação, colaboração e informação.** XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2013, Manaus. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0948-2.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

SACCOL, Tércio. **Do radiojornalismo ao podcast – análise de uma experiência de ensino no curso de jornalismo da PUCRS.** XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM, 2019, Porto Alegre. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-1534-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. E-book.

SALEMME, Maria Filomena. **A ERA DO PODCAST Uma reflexão sobre o potencial do mercado de podcast no Brasil**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2436-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

SALEMME, Maria Filomena. **As transformações no comportamento do ouvinte: Da Era de ouro até a chegada da Era do podcast**. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2017, Curitiba. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2912-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

SALEMME, Maria Filomena. **Podcast no ambiente corporativo A mídia sonora que se transforma em ferramenta de marketing para empresas**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Belém. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1747-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Estudos feministas: um esboço crítico**. In: Amaral CCG, organizador. Teoria e prática dos enfoques de gênero. Salvador (BA): REDOR-NEGIF; 2004. p. 17-40. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6880>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SARDENBERG, Cecília M. B. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inclusão Social**, v. 11, n. 2, 13 ago. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/410>. Acesso 16 Abr. 2021.

SANTOS, Luan Correia Cunha; AGUIAR, Lisiane Machado. **Crítica à Estética da Linguagem Sonora: O podcast na constituição de subjetividades antropofágicas**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Belém. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2322-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

SANTOS, Luan Correia Cunha; AGUIAR, Lisiane Machado. **Podcasting Macunaíma: A construção de um podcast antropofágico como Crítica à Estética da Linguagem Sonora**. XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Norte - INTERCOM, 2019, Parintins. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/norte2019/resumos/R64-0254-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

SANTOS, Luan Correia Cunha; ARAÚJO, Bryan Chrystian da Costa; LIMA, Ariene dos Santos; AGUIAR, Lisiane Machado. **Podcast antropofágico: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0669-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

SANTOS, João Pedro de Oliveira dos; NUNES, Sadrac; VIEIRA, Hedhuy Tenório; BRAGA, Yanic Diener. **Blankcast**. XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste - INTERCOM, 2015, Goiânia. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0189-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

SANTOS FILHO, Márcio Moreira dos; CAVALCANTE, Andréa Pinheiro Paiva. **"I'll be your mirror." Música e Identidade na Sociedade Globalizada**. XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - INTERCOM, 2010, Campina Grande. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1063-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

SHILO, Molly. "I Matter": Analyzing Self-Care, Racial Performativity, and Podcasting. **Proceedings of the New York State Communication Association**, v. 2016, Article 3, 2017. Disponível em: <https://docs.rwu.edu/nyscaproceedings/vol2016/iss1/3/>. Acesso: 17 Abr. 2021.

SILVA, Aline de Oliveira; OTA, Daniela Cristiane. **Conteúdos sonoros em convergência midiática. Estudo de caso do Café Brasil, um programa de rádio que reúne webrádio e podcast**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1326-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

SILVA, Elizabete R. **Feminismo Radical – Pensamento e Movimento**. Travessias, Cascavel, v. 2, n. 3, mar. 2010. ISSN 1982-5935. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3107>. Acesso em: 25 fev. 2021

SILVA, Ellis Regina Araújo da. **A Abordagem dos Podcasts Sobre Yôga e Meditação em Tempos de Pandemia**. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2020, Salvador. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1051-1.pdf>. Acesso: 20 Abr. 2021.

SILVA, S. P. ; SANTOS, R. S. O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa entre podcasts no Brasil e nos Estados Unidos em 2019. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 49-77, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/radiofonias/article/view/4317/3402>. Acesso: 31 Mar 2021.

SILVA, Thaiane Firmino da; VIANA JÚNIOR, Gerado Silveira. **Educomunicação: o podcast como mídia aliada no combate à obesidade infantil no Instituto da Primeira Infância (Iprede) em Fortaleza (CE)**. XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - INTERCOM, 2016, Caruaru. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0616-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

SILVA, Thaiane Firmino da; SILVA, Maria Thais Firmino da. **Educomunicação e Meio Ambiente: proposta de utilização do podcast na escola**. XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - INTERCOM, 2017, Fortaleza. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1510-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

SILVA, Maria Eduarda da; TAVARES, Francisco Danillo Pereira; NASCIMENTO, Bruno Ribeiro. **O Meio muda o Rádio: Uma Comparação entre as Produções Radiofônicas no PodCast e nas Ondas dos Hertz**. XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - INTERCOM, 2017, Fortaleza. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1883-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

SILVEIRA, Ana Paula; ZONATTO, Vivian; CASTELO, Hilton. **A Cultura dos Spoilers em Podcast: Estudo de Caso dos Podcasts Braincast, Canal 42 e Rapadura Cast**. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2017, Curitiba. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1825-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

SOSA, Emília; BONITO, Marco. **Pesquisa exploratória de podcasts brasileiros voltados à Divulgação Científica**. XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM, 2019, Porto Alegre. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0091-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

SOUZA, Juliana de. **Podcasts: exemplo de democratização na internet?**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0416-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

SPOTIFY. **Spotify for Podcasters Summit: dois dias entre creators, especialistas e apaixonados por podcast**, 2019. Disponível em: <https://ads.spotify.com/pt-BR/noticias-insights/spotify-for-podcasters-summit/>. Acesso: 07 Mai. 2021.

SPOTIFY. Culture Next 2020. **Global Trends Report**, 2020. Disponível em: <https://ads.spotify.com/pt-BR/culture-next/the-2020-report/>. Acesso: 21 Abr. 2021.

TEIXEIRA, Leandra C.; GOULART, Júlia S.; KROTH, Maicon E.. **Crônicas e contos no ar: as características do rádio hipermidiático do projeto Leituras da Feira, em GaúchaZ**. XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM, 2018, Cascavel.

Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1335-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

TELES, M. A. de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TIFFE, Raechel; HOFFMANN, Melody. Taking Up Sonic Space: Feminized Vocality and Podcasting as Resistance. In: **Feminist Media Studies**, Vol. 17, n 1, 115-118, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14680777.2017.1261464?journalCode=rfms20>. Acesso em: 30 Mar 2021.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. Por um mapa das dissidências: os estudos de gênero nas teses e dissertações em comunicação do Brasil (1972-2015). São Paulo, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – Intercom, v. 43, n. 3 p. 57-81, set/dez 2020. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/3472/2477>. Acesso em: 15 dez 2020.

TOSIN, Evandro Tiago; NEVES, Daniela Silva. **O jornalismo no rádio digital do Brasil: como as características socioculturais do Brasil influenciaram na produção de uma comunicação pós-massiva**. XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM, 2018, Cascavel. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-0849-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

TRAVANCAS, Paula Rozenberg. **Nem toda Mulher-Maravilha usa bracelete de ouro: um mapeamento dos blogs nerds feministas brasileiros**. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, SC. 2018. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2018/resumos/R13-1855-1.pdf>. Acesso: 17 Abr. 2021.

TRIGUEIRO, Andrea; VALGUEIRO, Evelyn; PAIXÃO, Paula; DIDIER, Malu; CAVALCANTI, Manuela; LIMA, Thamires. **Podcast Rádio na Real Especial Política: interação entre estudantes de Jornalismo e da Rede Municipal do Recife na multiplicação das práticas educacionais**. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2017, Curitiba. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2832-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

VASCONCELOS, Adriane Jackson de; SILVA, Clívia Regina Pinheiro da; SILVA, Gabriel Pereira da; CUNHA, Larissa Carreira da. **Podosfera Paraense: a produção de podcasts em Belém**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1520-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

VAZ, Otacilio Evaristo Monteiro. **Caxias Cast: formas de participação através de uma produção sonora não localizada**. XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM, 2011, Londrina. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0291-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

VELOSO, Camila; BALDUINO, Isabela; SANTOS, Júlia; MARQUES, Laura; BARBOSA JÚNIOR, Reginaldo; ROSA, Rosane. **Projeto Metacast: o uso do podcast como ferramenta de ensino-aprendizagem**. XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul - INTERCOM, 2019, Porto Alegre. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0370-1.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

VÉRGES, Nuria. De la exclusión a la autoinclusión de las mujeres en las TIC. **Kit de Formación: género, Tic y activismo**. ACSUR - Las Segovias, 2013. Disponível em: <https://ciberseguras.org/materiales/kit-genero-tic-y-activismo/>. Acesso em: 30 Abr. 2021

VIANA, Luana. **Áudio Imersivo: Recurso Binaural na Construção de Narrativas em Podcasts Ficcional de Drama**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Joinville. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0470-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

VIANA, Luana. **O Uso do Storytelling no Radiojornalismo Narrativo: Um Debate Inicial para Podcasting**. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2018, Belém.

Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0677-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

VIANNA, Graziela Valadares Gomes de Mello. **Vozes do Vale: uma tentativa de amplificar as vozes dos jovens do Vale do Jequitinhonha**. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2014, Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1313-1.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

VRICKI, Photini; MALIK, Sarita. Voicing lived-experience and anti-racism: podcasting as a space at the margins for subaltern counterpublics. **Popular Communication**, v. 17, n. 4, p. 273-287, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/15405702.2019.1622116>. Acesso 17 Abr. 2021.

WIMMER, Miriam; PIERANTI, Octavio. **Serviços públicos de radiodifusão? Incoerências, insuficiências e contradições na regulamentação infraconstitucional**. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación, vol. XI, n. 1, enero – abril / 2009. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/156>. Acesso em: 10 fev 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Trabalhos da Intercom sobre podcast e sua classificação quanto à relação com o rádio.

Título	Ano	Classificação
O Podcast Como Lugar de Legitimação da Fala da Mulher sobre Futebol	2018	convergência
Podcating Macunaíma: A construção de um podcast antropofágico como Crítica à Estética da Linguagem Sonora	2019	convergência
Netnografando o “samba de raiz”	2012	convergência
Novas formas de comunicação sonora na cultura da convergência: os podcasts produzidos por fãs na narrativa transmídia	2012	convergência
“Para Mergulhar nas Histórias, Use Fones de Ouvido”: uma Análise do Programa “Vozes: Histórias E Reflexões”, da Central Brasileira De Notícias (CBN)	2019	convergência
A utilização do podcast como forma de segmentação, colaboração e informação	2013	convergência
Entendendo a diferença entre interação e participação dos ouvintes do podcast “Um Milkshake Chamado Wanda”	2019	convergência
O Processo de Criação do Podcast Essa Voz Eu Já Ouvi	2019	convergência
O Uso do Podcast pela Rádio Enquanto Mídia Tradicional: Uma Análise de Rádios FMs no Rio Grande do Sul	2010	convergência
Os Discursos sobre Suicídio e Valorização da Vida em Programas de Podcast	2018	convergência
Podcast antropofágico: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação	2018	convergência
Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet	2011	convergência
Processo de Criação de Podcast: Análise dos Recursos Criativos do Nerdcast	2014	convergência
Do streaming e do podcast às transmissões ao vivo e à web TV: a midiamorfose na AlmA Londrina Rádio Web	2019	convergência
Podcast na Paraíba: uma análise sobre o cenário do rádio expandido e as novas formas de conteúdo em áudio	2019	convergência
Podcast: trajetória, temas emergentes e agenda	2018	convergência
A Utilização de Podcasts em Instituições de Ensino Superior	2018	convergência
Conteúdos sonoros em convergência midiática. Estudo de caso do Café Brasil, um programa de rádio que reúne webrádio e podcast	2018	convergência
Jornalismo de Peito Aberto: o Podcast Mamilos e a Empatia na Era da Convergência	2017	convergência
Podcasts e a Cultura Digital: Estratégias Para Contar Histórias em uma Narrativa Convergent	2017	convergência
“I’ll be your mirror.” Música e Identidade na Sociedade Globalizada	2010	convergência
A EVOLUÇÃO DO ÁUDIO – Convergência do rádio ao podcast	2019	convergência
A Linguagem dos Podcasts: Uma Análise Comparada entre os Programas “Rapaduracast”, “Nerdcast” e “Telacast” e a Linguagem Radiofônica	2009	convergência
Caxias Cast: formas de participação através de uma produção sonora não- localizada	2011	convergência
Podcast. Reinvenção da comunicação sonora	2007	convergência
Podcasts: A Contribuição das Novas Mídias para o Processo de Ensino e Aprendizagem em Sala de Aula	2009	convergência
Blankcast	2019	convergência

Crônicas e contos no ar: as características do rádio hipermediático do projeto Leituras da Feira, em GaúchaZH	2018	convergência
O potencial da narrativa transmídia em podcasts: contando histórias na era da convergência	2018	convergência
Projeto Metacast: o uso do podcast como ferramenta de ensino-aprendizagem	2019	convergência
Um Milkshake Chamado Wanda: A reinvenção do rádio	2019	convergência
Mídia sonora: linguagens e tecnologias em tempos de convergência multimidiática a partir de duas pesquisas realizadas entre 2010 e 2011 em Alagoas	2011	convergência
Podcast Jornalístico: Tecnologia Alternativa e Comunitária	2011	convergência
O podcast como instrumento de expansão sociocultural das Escolas de Samba	2018	convergência
Podosfera Paraense: a produção de podcasts em Belém	2018	convergência
O Podcast como Ferramenta para a Educação a Distância: uma Revisão Sistemática	2015	convergência
“Filhas da Guerra”: uma análise da fala da mulher através do podcast	2019	convergência
O jornalismo no rádio digital do Brasil: como as características socioculturais do Brasil influenciaram na produção de uma comunicação pós-massiva	2018	convergência
Do radiojornalismo ao podcast – análise de uma experiência de ensino no curso de jornalismo da PUCRS	2019	convergência
Rádio e podcast na qualidade da comunicação mediada	2017	convergência
15 anos de podcast: passado, presente e futuro da mídia	2019	convergência
O Podcast Serial como elemento de composição de narrativas	2015	fonográfico
Podcast como ambiente de Discussão para Fãs: o caso do Podcasteros produzido por fãs brasileiros da série Game of Thrones	2015	fonográfico
Artigos Falados: Uma Proposta de Um Novo Gênero Radiofônico	2019	fonográfico
Podcast: possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas	2017	fonográfico
Podcast Rádio na Real Especial Política: interação entre estudantes de Jornalismo e da Rede Municipal do Recife na multiplicação das práticas educacionais	2017	fonográfico
O Podcast na Sociedade e Juventude	2015	inconclusivo
Podcasting: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro	2005	inconclusivo
A ERA DO PODCAST Uma reflexão sobre o potencial do mercado de podcast no Brasil	2018	inconclusivo
O podcast jornalístico	2011	inconclusivo
Áudio Imersivo: Recurso Binaural na Construção de Narrativas em Podcasts Ficcional de Drama	2018	modalidade radiofônica
Podcast: conversação em rede	2016	modalidade radiofônica
Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados	2019	modalidade radiofônica
As transformações no comportamento do ouvinte : Da Era de ouro até a chegada da Era do podcast	2017	modalidade radiofônica
O Meio muda o Rádio: Uma Comparação entre as Produções Radiofônicas no PodCast e nas Ondas dos Hertz	2017	modalidade radiofônica
Procedimentos de Construção de Podcast: Uma Proposta de Análise	2012	não discute
A Volta do Narrador	2019	não discute
Crítica à Estética da Linguagem Sonora: O podcast na constituição de subjetividades antropofágicas	2019	não discute

Educomunicação: o podcast como mídia aliada no combate à obesidade infantil no Instituto da Primeira Infância (Iprede) em Fortaleza (CE)	2016	não discute
Pesquisa exploratória para conhecer o contexto científico dos Podcasts jornalísticos no Spotify	2019	não discute
Cultura participativa: Crowdfunding como Forma de Financiamento para Rádios e Podcasts brasileiros	2019	não discute
O Uso do Storytelling no Radiojornalismo Narrativo: Um Debate Inicial para Podcasting	2019	não discute
A Cultura dos Spoilers em Podcast: Estudo de Caso dos Podcasts Braincast, Canal 42 e Rapadura Cast	2017	não discute
Podcast no ambiente corporativo A mídia sonora que se transforma em ferramenta de marketing para empresas	2019	não discute
Podcasts: exemplo de democratização na internet?	2018	não discute
Podcast: O Universo Midiático em Sala de Aula	2010	não discute
Redes sociais, blogs e podcasts na prática do ensino de Jornalismo: relatos e reflexões a partir de experiências pedagógicas	2011	não discute
Educomunicação e Meio Ambiente: proposta de utilização do podcast na escola	2017	não discute
Tecnologias da Comunicação e Informação: o uso de podcast na educação	2013	não discute
Pesquisa exploratória de podcasts brasileiros voltados à Divulgação Científica	2019	não discute
Podcasting e Cidadania Cultural	2005	não discute
O podcast como gênero jornalístico	2019	nova mídia digital
Podcasting: o processo midiático do caso Mamilos	2019	nova mídia digital
Podcasting: Um Antípoda Radiofônico	2006	nova mídia digital
Vozes do Vale: uma tentativa de amplificar as vozes dos jovens do Vale do Jequitinhonha	2014	nova mídia digital
Pesquisando podcasts: desafios teóricos e metodológicos	2018	nova mídia digital
Podcasters Brasileiros: Uma “Comunidade” em Busca de Visibilidade	2011	nova mídia digital
O Podcast Como Ferramenta Jornalística	2012	nova mídia digital

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

APÊNDICE B - Trabalhos da Intercom sobre podcast e sua classificação quanto à democratização da comunicação.

Título	Ano	Classificação
O Podcast Como Lugar de Legitimação da Fala da Mulher sobre Futebol	2018	democratização da comunicação
Podcating Macunaíma: A construção de um podcast antropofágico como Crítica à Estética da Linguagem Sonora	2019	democratização da comunicação
Jornalismo de Peito Aberto: o Podcast Mamilos e a Empatia na Era da Convergência	2017	democratização da comunicação
Podcasts e a Cultura Digital: Estratégias Para Contar Histórias em uma Narrativa Convergent	2017	democratização da comunicação
O Podcast como Ferramenta para a Educação a Distância: uma Revisão Sistemática	2015	democratização da comunicação
Podcasting e Cidadania Cultural	2005	democratização da comunicação
Podcasters Brasileiros: Uma “Comunidade” em Busca de Visibilidade	2011	democratização da comunicação
Netnografando o “samba de raiz”	2012	descentralização crítica
Novas formas de comunicação sonora na cultura da convergência: os podcasts produzidos por fãs na narrativa transmídia	2012	descentralização crítica
O Podcast na Sociedade e Juventude	2015	descentralização crítica
O podcast jornalístico	2011	descentralização crítica
Procedimentos de Construção de Podcast: Uma Proposta de Análise	2012	descentralização crítica
Podcasts: exemplo de democratização na internet?	2018	descentralização crítica
“Para Mergulhar nas Histórias, Use Fones de Ouvido”: uma Análise do Programa “Vozes: Histórias E Reflexões”, da Central Brasileira De Notícias (CBN)	2019	descentralização da produção de conteúdo
A utilização do podcast como forma de segmentação, colaboração e informação	2013	descentralização da produção de conteúdo
Entendendo a diferença entre interação e participação dos ouvintes do podcast “Um Milkshake Chamado Wanda”	2019	descentralização da produção de conteúdo
O Processo de Criação do Podcast Essa Voz Eu Já Ouvi	2019	descentralização da produção de conteúdo
O Uso do Podcast pela Rádio Enquanto Mídia Tradicional: Uma Análise de Rádios FM's no Rio Grande do Sul	2010	descentralização da produção de conteúdo
Os Discursos sobre Suicídio e Valorização da Vida em Programas de Podcast	2018	descentralização da produção de conteúdo
Podcast antropofágico: uma proposta metodológica para produções sonoras em comunicação	2018	descentralização da produção de conteúdo
Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet	2011	descentralização da produção de conteúdo
Processo de Criação de Podcast: Análise dos Recursos Criativos do Nerdcast	2014	descentralização da produção de conteúdo
“I’ll be your mirror.” Música e Identidade na Sociedade Globalizada	2010	descentralização da produção de conteúdo
A EVOLUÇÃO DO ÁUDIO – Convergência do rádio ao podcast	2019	descentralização da produção de conteúdo

A Linguagem dos Podcasts: Uma Análise Comparada entre os Programas “Rapaduracast”, “Nerdcast” e “Telacast” e a Linguagem Radiofônica	2009	descentralização da produção de conteúdo
Caxias Cast: formas de participação através de uma produção sonora não- localizada	2011	descentralização da produção de conteúdo
Podcast. Reinvenção da comunicação sonora	2007	descentralização da produção de conteúdo
Podcasts: A Contribuição das Novas Mídias para o Processo de Ensino e Aprendizagem em Sala de Aula	2009	descentralização da produção de conteúdo
O podcast como instrumento de expansão sociocultural das Escolas de Samba	2018	descentralização da produção de conteúdo
Podosfera Paraense: a produção de podcasts em Belém	2018	descentralização da produção de conteúdo
“Filhas da Guerra”: uma análise da fala da mulher através do podcast	2019	descentralização da produção de conteúdo
Rádio e podcast na qualidade da comunicação mediada	2017	descentralização da produção de conteúdo
O Podcast Serial como elemento de composição de narrativas	2015	descentralização da produção de conteúdo
Podcast como ambiente de Discussão para Fãs: o caso do Podcasteros produzido por fãs brasileiros da série Game of Thrones	2015	descentralização da produção de conteúdo
Podcast Rádio na Real Especial Política: interação entre estudantes de Jornalismo e da Rede Municipal do Recife na multiplicação das práticas educacionais	2017	descentralização da produção de conteúdo
Podcasting: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro	2005	descentralização da produção de conteúdo
Áudio Imersivo: Recurso Binaural na Construção de Narrativas em Podcasts Ficcional de Drama	2018	descentralização da produção de conteúdo
Podcast: conversação em rede	2016	descentralização da produção de conteúdo
O Meio muda o Rádio: Uma Comparação entre as Produções Radiofônicas no PodCast e nas Ondas dos Hertz	2017	descentralização da produção de conteúdo
A Volta do Narrador	2019	descentralização da produção de conteúdo
Crítica à Estética da Linguagem Sonora: O podcast na constituição de subjetividades antropofágicas	2019	descentralização da produção de conteúdo
Educomunicação: o podcast como mídia aliada no combate à obesidade infantil no Instituto da Primeira Infância (Iprede) em Fortaleza (CE)	2016	descentralização da produção de conteúdo
Pesquisa exploratória para conhecer o contexto científico dos Podcasts jornalísticos no Spotify	2019	descentralização da produção de conteúdo
Educomunicação e Meio Ambiente: proposta de utilização do podcast na escola	2017	descentralização da produção de conteúdo
Tecnologias da Comunicação e Informação: o uso de podcast na educação	2013	descentralização da produção de conteúdo
Pesquisa exploratória de podcasts brasileiros voltados à Divulgação Científica	2019	descentralização da produção de conteúdo
O podcast como gênero jornalístico	2019	descentralização da produção de conteúdo
Podcasting: o processo midiático do caso Mamilos	2019	descentralização da produção de conteúdo
Podcasting: Um Antípoda Radiofônico	2006	descentralização da produção de conteúdo

Vozes do Vale: uma tentativa de amplificar as vozes dos jovens do Vale do Jequitinhonha	2014	descentralização da produção de conteúdo
Do streaming e do podcast às transmissões ao vivo e à web TV: a midiamorfose na Alma Londrina Rádio Web	2019	mídia comunitária e alternativa
Mídia sonora: linguagens e tecnologias em tempos de convergência multimidiática a partir de duas pesquisas realizadas entre 2010 e 2011 em Alagoas	2011	mídia comunitária e alternativa
Podcast Jornalístico: Tecnologia Alternativa e Comunitária	2011	mídia comunitária e alternativa
Podcast na Paraíba: uma análise sobre o cenário do rádio expandido e as novas formas de conteúdo em áudio	2019	não discute
Podcast: trajetória, temas emergentes e agenda	2018	não discute
Blankcast	2019	não discute
Cultura participativa: Crowdfunding como Forma de Financiamento para Rádios e Podcasts brasileiros	2019	não discute
O Uso do Storytelling no Radiojornalismo Narrativo: Um Debate Inicial para Podcasting	2019	não discute
Podcast: O Universo Midiático em Sala de Aula	2010	não discute
Redes sociais, blogs e podcasts na prática do ensino de Jornalismo: relatos e reflexões a partir de experiências pedagógicas	2011	não discute
A Utilização de Podcasts em Instituições de Ensino Superior	2018	ouvinte ativo
Conteúdos sonoros em convergência midiática. Estudo de caso do Café Brasil, um programa de rádio que reúne webrádio e podcast	2018	ouvinte ativo
Crônicas e contos no ar: as características do rádio hipermidiático do projeto Leituras da Feira, em GaúchaZH	2018	ouvinte ativo
O potencial da narrativa transmídia em podcasts: contando histórias na era da convergência	2018	ouvinte ativo
Projeto Metacast: o uso do podcast como ferramenta de ensino-aprendizagem	2019	ouvinte ativo
Um Milkshake Chamado Wanda: A reinvenção do rádio	2019	ouvinte ativo
O jornalismo no rádio digital do Brasil: como as características socioculturais do Brasil influenciaram na produção de uma comunicação pós-massiva	2018	ouvinte ativo
Do radiojornalismo ao podcast – análise de uma experiência de ensino no curso de jornalismo da PUCRS	2019	ouvinte ativo
15 anos de podcast: passado, presente e futuro da mídia	2019	ouvinte ativo
Artigos Falados: Uma Proposta de Um Novo Gênero Radiofônico	2019	ouvinte ativo
Podcast: possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas	2017	ouvinte ativo
A ERA DO PODCAST Uma reflexão sobre o potencial do mercado de podcast no Brasil	2018	ouvinte ativo
Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados	2019	ouvinte ativo
As transformações no comportamento do ouvinte : Da Era de ouro até a chegada da Era do podcast	2017	ouvinte ativo
A Cultura dos Spoilers em Podcast: Estudo de Caso dos Podcasts Braincast, Canal 42 e Rapadura Cast	2017	ouvinte ativo
Podcast no ambiente corporativo A mídia sonora que se transforma em ferramenta de marketing para empresas	2019	ouvinte ativo
Pesquisando podcasts: desafios teóricos e metodológicos	2018	ouvinte ativo
O Podcast Como Ferramenta Jornalística	2012	ouvinte ativo

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

APÊNDICE C - Podcasts brasileiros mais citados na PodPesquisa 2018 classificados
enquanto origem, tipo de produção e gênero dos produtores.

	Programa	Votos	Origem	Produção	Gênero
1	Nerdcast	57,00%	BR	IND	H
2	Não Ouvo (Não Salvo)	21,20%	BR	IND	H
3	Mamilos (B9)	13,30%	BR	IND	M
4	Anticast	13,10%	BR	IND	H
5	Gugacast	12,90%	BR	IND	H
6	Xadrez Verbal (Central 3)	11,30%	BR	IND	H
7	Braincast (B9)	10,40%	BR	IND	H
8	Matando Robôs Gigantes	9,20%	BR	IND	H
9	99 Vidas	9,20%	BR	IND	H
10	Café Brasil	9,10%	BR	IND	H
11	Mundo Freak	8,60%	BR	IND	M
12	SciCast (Deviante)	7,80%	BR	IND	M
13	Decrépitos	7,00%	BR	IND	H
14	Rapaduracast	6,30%	BR	IND	M
15	Vértice (Jogabilidade)	5,80%	BR	IND	H
16	Dash (Jogabilidade)	5,00%	BR	IND	H
17	Minuto de Silêncio	5,00%	BR	IND	M
18	Naruhodo! (B9)	4,50%	BR	IND	H
19	MDM - Melhores do Mundo	4,10%	BR	IND	M
20	Rebobinando (Não Salvo)	4,10%	BR	IND	H
21	Rádiofobia	4,00%	BR	IND	H
22	Pelada na Net	3,80%	BR	IND	H
23	Hipster Ponto Tech	3,80%	BR	IND	M
24	Podcrastinadores	3,40%	BR	IND	H
25	Um Milkshake Chamado Wanda	3,30%	BR	IND	M
26	Loop Matinal	3,10%	BR	IND	H
27	Jogabilidade	3,10%	BR	IND	H
28	Bibotalk - BTCast	2,90%	BR	IND	M
29	Imagina Juntas (Half Deaf)	2,80%	BR	IND	M
30	MotherChip (Half Deaf)	2,60%	BR	IND	H
31	Eu tava lá	2,30%	BR	IND	H
32	Se eu fosse você (Não Salvo)	2,30%	BR	IND	H
33	Linha Quente (Jogabilidade)	2,20%	BR	IND	M
34	Papo Torto (Half Deaf)	2,10%	BR	IND	H
35	MPB - O Melhor <i>Podcast</i> do Brasil	2,10%	BR	IND	H
36	Ultrageek	2,10%	BR	IND	H
37	Viracasacas	2,10%	BR	IND	H
38	Salvo Melhor Juízo (Anticast)	2,00%	BR	IND	M
39	Bicuda (Não Salvo)	2,00%	BR	IND	H
40	Xorume	2,00%	BR	IND	H
41	Dragões de Garagem	2,00%	BR	IND	M
42	Escriba Café	2,00%	BR	IND	H
43	NBW - Nós brigamos no War	1,90%	BR	IND	H
44	Tecnocast	1,80%	BR	IND	H
45	Magickando	1,80%	BR	IND	M
46	45 minutos	1,70%	BR	IND	H
47	Fronteiras Invisíveis do Futebol (Central 3)	1,60%	BR	IND	H
48	LíderCast (Café Brasil)	1,60%	BR	IND	H

49	ReloadingBR	1,60%	BR	IND	H
50	Trivela (Central 3)	1,50%	BR	IND	H
51	Papricast	1,50%	BR	IND	H
52	Bilheteria (Half Deaf)	1,50%	BR	IND	H
53	Confinos do Universo	1,40%	BR	IND	M
54	Revolushow	1,40%	BR	IND	M
55	Lado B do Rio (Central 3)	1,40%	BR	IND	H
56	Guten Morgen - Senso Incomum	1,40%	BR	IND	H
57	CocaTech	1,30%	BR	IND	H
58	Bumbumcast (Half Deaf)	1,20%	BR	IND	M
59	Frango Fino	1,20%	BR	IND	H
60	Fora da Caixa (Jogabilidade)	1,20%	BR	IND	H
61	Bola Presa	1,10%	BR	IND	H
62	Petit Journal	1,10%	BR	IND	H
63	DEV na Estrada (DNE)	1,10%	BR	IND	H
64	Chutando a Escada (Deviante)	1,10%	BR	IND	M
65	Papo de Gordo	1,10%	BR	IND	M
66	Tricô de Pais	1,00%	BR	IND	H
67	Crazy Metal Mind	1,00%	BR	IND	H
68	Mupoca (B9)	1,00%	BR	IND	H
69	Resumocast	0,90%	BR	IND	M
70	Fronteiras da Ciência	0,90%	BR	IND	M
71	Ponto G	0,90%	BR	IND	M
72	Pouco Pixel (B9)	0,90%	BR	IND	H
73	PodQuest	0,80%	BR	IND	H
74	MacMagazine no Ar	0,80%	BR	JOR	H
75	Footballcast - ProFootball com Antony Curti	0,80%	BR	IND	H
76	Guncast	0,80%	BR	IND	H
77	Irmaos.com	0,80%	BR	IND	M
78	Filhos da Grávida de Taubaté	0,70%	BR	IND	M
79	Presidente da Semana - Folha S.Paulo	0,70%	BR	JOR	M
80	Temacast	0,70%	BR	IND	H
81	Projeto Humanos (Anticast)	0,70%	BR	IND	H
82	Troca o Disco	0,70%	BR	IND	H
83	Mundo Corporativo - Max Gehringer (CBN)	0,70%	BR	JOR	H
84	The Dark One Podtrash	0,70%	BR	IND	H
85	Academia CBN - Mario Sergio Cortella	0,70%	BR	JOR	H
86	Área de Transferência	0,70%	BR	IND	H
87	Segurança Legal	0,60%	BR	IND	H
88	Fim de Expediente (CBN)	0,60%	BR	JOR	H
89	Godmode	0,60%	BR	IND	H
90	Papo na Encruza	0,60%	BR	IND	M
91	CBN	0,60%	BR	JOR	-
92	1986	0,60%	BR	IND	H
93	PodProgramar	0,50%	BR	IND	M
94	Tribo Forte	0,50%	BR	IND	H
95	Vortex CaosCast	0,50%	BR	IND	H
96	Estadão Notícias	0,50%	BR	JOR	-
97	CBN Economia	0,50%	BR	JOR	-
98	Iradex Podcast	0,50%	BR	IND	M
99	30:min Homo Literatus	0,50%	BR	IND	M
100	CBN Dinheiro - Mauro Halfeld	0,50%	BR	JOR	H

101	RPG Next <i>Podcast</i>	0,50%	BR	IND	H
102	Foro de Teresina	0,50%	BR	JOR	-
103	CBN Professional	0,50%	BR	JOR	-
104	Clube da Música Autoral	0,50%	BR	IND	H
105	Nós Brigamos no War	0,40%	BR	IND	H
106	Lambda3	0,40%	BR	IND	M
107	Correspondentes Premier (ESPN)	0,40%	BR	JOR	M
108	CBN Comentaristas	0,40%	BR	JOR	-
109	Pretinho Básico	0,40%	BR	JOR	M
110	Mundo Freak Confidencial	0,40%	BR	IND	-
111	Passaporte Orlando	0,40%	BR	IND	M
112	Overloadr	0,40%	BR	IND	H
113	Quase Meia Noite	0,40%	BR	IND	H
114	A Política Como Ela É - Kennedy Alencar (CBN)	0,40%	BR	IND	H
115	Meia Hora Sozinho	0,40%	BR	IND	H
116	A Taverna do Beholder Cego	0,40%	BR	IND	H
117	O nome disso é mundo	0,40%	BR	IND	M
118	Canal 42	0,40%	BR	IND	H
119	Papo Lendário	0,40%	BR	IND	M
120	Inglês Todos os dias	0,40%	BR	IND	H
121	Papo H - Canal Masculino	0,40%	BR	IND	M
122	Foco de Pestilência	0,40%	BR	IND	M
123	Saco Cheio com Arthur Petry	0,40%	BR	IND	H
124	2D <i>Podcast</i>	0,40%	BR	IND	H
125	Alô Técnica (Rádiofobia)	0,40%	BR	IND	H
126	10 Jardas	0,40%	BR	IND	H
127	Zona FA	0,40%	BR	IND	H
128	Iconicast	0,40%	BR	IND	H
129	Canaltech	0,40%	BR	IND	H
130	Plantão Inútil	0,40%	BR	IND	H
131	Filosofia Pop	0,40%	BR	IND	M
132	Caixa de Histórias (B9)	0,40%	BR	IND	H
133	UNITEDcast	0,40%	BR	IND	M
134	Nexo	0,40%	BR	IND	-
135	Ao Quadrado	0,40%	BR	IND	-
136	OPEXcast	0,40%	BR	IND	H
138	CBN Política	0,30%	BR	JOR	-
139	Super Amibos	0,30%	BR	IND	H
140	<i>Podcast</i> F1 Brasil	0,30%	BR	IND	H
141	Gazeta do Povo	0,30%	BR	JOR	-
142	Nautilus	0,30%	BR	IND	H
143	Baseado em Fatos Surreais	0,30%	BR	IND	M
144	Mitografias	0,30%	BR	-	-
145	QueIssoAssim - Portal Refil	0,30%	BR	IND	H
146	Fumble na Net	0,30%	BR	IND	H
147	RdM - República do Medo	0,30%	BR	IND	H
148	Líder HD	0,30%	BR	IND	H
149	Aparelho Elétrico	0,30%	BR	IND	H
150	Mises Brasil	0,30%	BR	IND	H
151	Hodor Cavalo	0,30%	BR	IND	M
152	Café com ADM	0,30%	BR	IND	H

153	Quatro em Campo (CBN)	0,30%	BR	JOR	-
154	GVCast	0,30%	BR	IND	H
155	Histórias de ninar para garotas rebeldes (B9)	0,30%	BR	IND	M
156	Liga dos 32	0,30%	BR	IND	H
157	TRETA Talks	0,30%	BR	IND	H
158	Matéria Escura	0,30%	BR	IND	H
159	Dois dedos de Teologia	0,30%	BR	IND	H
160	ARGCast	0,30%	BR	IND	M
161	Podmaníacos	0,30%	BR	IND	H
163	Rádiofobia Classics	0,30%	BR	IND	H
164	Podcast da Casa	0,30%	BR	IND	H
165	Zé no Rádio (Central 3)	0,30%	BR	IND	H
166	Miçangas (Deviante)	0,30%	BR	IND	M
170	Agamenon	0,30%	BR	IND	H
171	Quem somos nós?	0,30%	BR	JOR	H
172	Sinuca de Bicos	0,30%	BR	IND	M
173	Cinem(ação)	0,30%	BR	IND	H
174	Dia a Dia da Economia - Míriam Leitão (CBN)	0,20%	BR	JOR	M
175	Beercast	0,20%	BR	IND	H
176	Cidade Gamer	0,20%	BR	IND	H
177	Despachados	0,20%	BR	IND	H
178	Alô, Ciência?	0,20%	BR	IND	M
179	Jogo Véio	0,20%	BR	IND	H
180	Café com Porrada	0,20%	BR	IND	M
181	Olhares	0,20%	BR	IND	M
182	Confabulas	0,20%	BR	IND	H
183	Hora de Expediente - Dan Stulbach, José Godoy e Luiz Gustavo Medina (CBN)	0,20%	BR	JOR	H
184	Chá com Rapadura	0,20%	BR	IND	M
185	Los Chicos	0,20%	BR	IND	H
186	DWBRcast	0,20%	BR	IND	M
187	Costelas e Hidromel (Deviante)	0,20%	BR	IND	H
188	Beco da Bike (Deviante)	0,20%	BR	IND	H
189	Meu Time de Botão (Central 3)	0,20%	BR	IND	H
190	Grande Coisa	0,20%	BR	IND	H
191	Pensando RPG	0,20%	BR	IND	H
192	Cinemático (B9)	0,20%	BR	IND	M
193	Portal Refil	0,20%	BR	-	-
194	CBN Brasil	0,20%	BR	-	-
195	Galera do RAU	0,20%	BR	IND	H
197	Panorama CBN	0,20%	BR	JOR	-
198	Teologia de Boteco	0,20%	BR	IND	H
199	Bala na Cesta	0,20%	BR	JOR	-
200	Por Falar em Corrida	0,20%	BR	IND	H
201	Baião de Dois (Central 3)	0,20%	BR	IND	H
202	B9	0,20%	BR	IND	-
203	Nigel Goodman	0,20%	BR	IND	H
204	Diagrama - Poligono	0,20%	BR	IND	H
205	Pod-C	0,20%	BR	IND	H
206	Gymcast	0,20%	BR	IND	H
207	ComicPod	0,20%	BR	IND	H

208	Linha Aberta - Carlos Alberto Sardenberg (CBN)	0,20%	BR	JOR	H
209	Thunder Radio Show (Central 3)	0,20%	BR	IND	H
210	Hq da Vida	0,20%	BR	IND	M
211	Fora do Éden	0,20%	BR	IND	H
212	Bobos Sem Corte	0,20%	BR	IND	M
213	Feito por Elas (Anticast)	0,20%	BR	IND	M
214	É Pau, É Pedra (Anticast)	0,20%	BR	IND	M
215	Band News FM	0,20%	BR	JOR	-
216	Spin de Notícias (Deviante)	0,20%	BR	IND	M
217	The Library is Open	0,20%	BR	IND	H
220	Entre Fraldas	0,20%	BR	IND	H
221	A Nossa Língua de Todo Dia - Pasquale Cipro Neto (CBN)	0,20%	BR	JOR	H
222	Ideias (Gazeta do Povo)	0,20%	BR	JOR	-
223	Like a Boss	0,20%	BR	IND	H
225	As Mathildas	0,20%	BR	IND	M
226	Papo de Louco	0,20%	BR	IND	H
228	Psicocast	0,20%	BR	IND	M
229	Pânico (Jovem Pan)	0,20%	BR	JOR	-
230	Filmes Clássicos	0,20%	BR	IND	H
231	Pupilas em Brásas	0,20%	BR	IND	H
232	Canal Totorial	0,20%	BR	IND	H
233	Visual+mente (Anticast)	0,20%	BR	IND	H
235	Asterisco do Judão (Central 3)	0,20%	BR	IND	M
236	Pod Isso?	0,20%	BR	IND	-
237	Trip	0,20%	BR	JOR	-
238	Van Filosofia	0,20%	BR	IND	M
239	Porta 101	0,20%	BR	IND	M
240	Sexto Round	0,20%	BR	IND	H
241	Contrafactual (Deviante)	0,20%	BR	IND	H

Fonte: Elaborada pela autora com base em dados da PodPesquisa 2018 (2019).

APÊNDICE D – Podcasts brasileiros vinculados a veículos de mídia tradicionais.

PROGRAMA	VOTOS	VEÍCULO
MacMagazine no Ar	0,80%	UOL
Presidente da Semana - Folha S.Paulo	0,70%	FOLHA
Mundo Corporativo - Max Gehringer (CBN)	0,70%	CBN
Academia CBN - Mario Sergio Cortella	0,70%	CBN
Fim de Expediente (CBN)	0,60%	
CBN	0,60%	CBN
Estadão Notícias	0,50%	ESTADÃO
CBN Economia	0,50%	
CBN Dinheiro - Mauro Halfeld	0,50%	CBN
Foro de Teresina	0,50%	FOLHA\PIAUI
CBN Professional	0,50%	CBN
Correspondentes Premier (ESPN)	0,40%	ESPN
CBN Comentaristas	0,40%	CBN
Pretinho Básico	0,40%	RBS
CBN Política	0,30%	
Gazeta do Povo	0,30%	
Quatro em Campo (CBN)	0,30%	
Quem somos nós?	0,30%	ELDORADO FM
Dia a Dia da Economia - Míriam Leitão (CBN)	0,20%	CBN
Hora de Expediente - Dan Stulbach, José Godoy e Luiz Gustavo Medina (CBN)	0,20%	CBN
Panorama CBN	0,20%	CBN
Bala na Cesta	0,20%	UOL
Linha Aberta - Carlos Alberto Sardenberg (CBN)	0,20%	CBN
Band News FM	0,20%	BAND NEWS
A Nossa Língua de Todo Dia - Pasquale Cipro Neto (CBN)	0,20%	CBN
Ideias (Gazeta do Povo)	0,20%	GAZETA DO POVO
Pânico (Jovem Pan)	0,20%	JOVEM PAN
Trip	0,20%	TRIP

Fonte: Elaborada pela autora com base em dados da PodPesquisa 2018 (2019)

APÊNDICE E – Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA Nº 01 – “AS MULHERES NÃO SE SENTEM CONFORTÁVEIS”

Áudio disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1JJheBgF7kHwjLjEEvV4oDlSJmrrIWai0/view?usp=sharing>

Data: 20 de abril de 2020

Nome: Raquel Lima Ramos Ferraz

Idade: 32 anos

Gênero: Mulher Cisgênero

Etnia: Branca

Naturalidade: Recife

Orientação sexual: Lésbica

Escolaridade: Superior Completo

Ocupação: Publicitária

Estado civil: Solteira

Filhos: 0

Podcast: Foco de Pestilência

Relação com o podcast

Alice – Você se recorda da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast?

Raquel – Rapaz, eu acho que em 2000 e alguma coisa eu ouvi rumores de podcast mas eu ainda não era uma consumidora. Em 2015, eu acho, acho que foi por aí, eu morava em São Paulo e eu comecei a trabalhar em Barueri e aí eu ia de Pinheiros até Barueri e eu tinha muito tempo livre e aí eu comecei a ser consumidora desses formatos mais de áudio aí eu comecei a ouvir audiobook e tudo o mais. / E aí na época eu tava estudando tarô e aí por livre conta né? E aí eu conheci uma amiga no trabalho que também estudava tarô e outras coisas esquisitóticas, ou esotéricas ou ocultistas, o que fosse e ela me indicou podcasts. E aí eu começo a ouvir podcasts nesse momento, em 2015\2016 por aí.

A – Eu te achei pelo Foco de Pestilência, e aí eu queria saber se você tá em outro podcast?

R- Participando como uma pessoa ativa e produtiva dentro do programa, só do Foco de Pestilência, já fiz algumas participações mas nada que eu seja da equipe, então eu participo só do Foco de Pestilência.

A- Me fala um pouco sobre quais são os assuntos tratados nesse programa e porque você quis produzir conteúdo sobre esse assunto, o que te motiva a falar sobre esses assuntos?

R- Então, o Foco de Pestilência é um programa que tem como objetivo divulgar o “iluminismo científico” no século XXI, é a frase que a gente usa de bordão. Dito isso, na verdade é um programa sobre ocultismo e com esse viés mais voltado pra tradição... Tô falando besteira, ele não se dedica a uma tradição específica mas as pessoas que produzem o programa elas fazem parte de uma escola chamada Calen, que é Collegium ad Lux et Nox, que é uma moderna escola de ocultismo e aí no final a gente tem essa escola que já funciona só que me paralelo a isso a escola resolveu fazer um conteúdo através de podcast. Então as pessoas que participam elas são de uma certa tradição, contudo o programa ele tem um interesse de comentar e conversar sobre o universo ocultista com debates com especialistas e tudo o mais. A primeira parte dos programas, assim os primeiros programas, se a gente for analisar o Foco de Pestilência com todos os programas que já foram publicados, a primeira leva de programas que a gente tem, ele fala sobre o que é magia, e ele é meio quase como um bê-á-bá do que é magia e depois ele vai no desenvolvimento da coisa se dedicando a debater outros assuntos, então ele vai ter programa sobre umbanda, programa sobre tarô, sobre magia contemporânea o que que as pessoas estão fazendo agora, então ele é um programa que se dedica a essa comunidade esotérica brasileira, se a gente for falar sobre o que que é o programa. Como eu tava te dizendo lá atrás quando eu comecei a ouvir podcast, um dos podcasts que eu ouvia era o Foco de Pestilência e eu me encantei muito, meu pai ele já era doidão, ele já estudava algumas coisas mas a gente nunca deu o nome de Magia, e quando eu ouvi Magia o nome eu me apaixonei perdidamente e eu comecei a estudar, e aí eu comecei a frequentar a escola e tudo mais. E uma coisa muito louca que ficou clara muito rápido é o quanto esse universo [universo ocultista\esotérico] é muito machista e as vezes não por uma vontade dos boys que tão lá, é uma questão estrutural mesmo, é uma comunidade que a maioria das pessoas que estão lá fazendo seus trabalhos, enfim, são homens. E o Foco de Pestilência era um programa que no início você só tinha homens na mesa, hoje a gente tem duas pessoas que sentam nessa mesa que debatem os assuntos, que participam produzindo os programas, que somos eu e a Mariana. E quando eu cheguei além disso, além de ser um

universo muito feito por homens para homens, o programa ele tava por período que ele tinha perdido seu editor. E aí eu comecei a aprender a editar podcast pra editar o nosso programa, e aí eu editei um ou dois programas. Nisso, a gente começou a testar dentro do próprio programa formatos diferentes, aí a gente criou um formato menor que era pra entrevistas que não foi muito pra frente mas a partir daí eu comecei também a apresentar alguns programas a começar a realmente estar na frente assim e participar como host e tudo o mais. Disso começou a haver uma abertura dentro do próprio programa para que eu e outras mulheres comessem a participar ativamente dos programas, não só produzindo, não só editando mas também falando no programa. Assim, veja, não é que o programa não tivesse participação de mulheres, tem vários programas que você vê que tem a participação de mulheres, mas as mulheres não sentavam na mesa que era a mesa fixa do programa, isso já dá uma grande diferença. E aí, isso junto com uma grande conversa que as mulheres da comunidade já tinham sobre o machismo da própria comunidade, novamente, eu identifico como estrutural. Imagina o clube do Bolinha e poucas mulheres, era muito difícil, as ideias eram muito difíceis. E aí a gente teve uma ideia que era fazer um programa na época de março, por conta da campanha do Podcast é Delas, que a gente achou na internet, então a gente pensou “ah, porque a gente não faz um programa dedicado a esse projeto onde a gente só vai ter mulher na mesma” e aí a gente fez um programa chamado “Magia e Resistência” onde eu chamei convidadas e eu fui a host e a gente não tinha nenhum homem o que era uma coisa muito inédita no Foco, e é muito doido como foi um sucesso na nossa comunidade, porque a nossa comunidade não é a comunidade do Mamilo, não é Ivan Mizanuk, mas pra gente foi uma grande chavinha e a gente conseguiu começar a debater umas coisas e ser reconhecido nesse lugar, eu acho que foi daí que começou. Consegui responder tua pergunta? Eu sou muito prolixa.

A – Você respondeu essa e respondeu várias, eu adorei. (risos)

A – Quando você pensa na sua relação com o podcast e aí não o Foco de Pestilência em específico mas sim a mídia podcast em geral, você acha que tem uma relação que é mais emocional/subjetiva ou uma coisa que é mais profissional/racional?

R- Então, é um misto de coisas sabe? Eu acho que tem tipos e tipos de consumo. Por exemplo, eu consumia antes da pandemia, muito podcast sobre notícia e aí com o advento da pandemia eu parei de consumir esses podcasts de notícia porque eu estou vendo muita tv, CNN, Globo News e tudo o mais. Então a minha necessidade de ouvir notícia ela parou, contudo existe um outro tipo de conteúdo que eu acesso que é de assuntos específicos, como por exemplo isso que eu te falei de magia. Eu ouço o podcast que a gente faz e ouço outros podcasts sobre o assunto porque o assunto me interessa e também porque me faz me sentir bem, as vezes eu ouço coisas que nem são tão bem produzidas ou que eu não concordo, mas assim é como se você fosse pra uma festa que as vezes não é tão boa mas você vai porque... sei lá. Se eu colocasse aqui que eu gosto de rap por exemplo, nem sempre as pessoas que tão lá cantando são as pessoas que eu me interesso, mas eu gosto do mundo, eu gosto de encontrar as pessoas, eu gosto de ver o que a pessoa tá fazendo de diferente e tudo o mais. Então são consumos diferentes, então eu acho que eu consumi podcast especializado, se não fosse questão de necessidade de consumo, como foi com notícia, eu só consumiria podcasts sobre temas específicos que me agradam eu consumo podcast sobre magia, podcast sobre música e podcast sobre literatura ou cultura como o ilustríssima conversa ou da Expresso ilustrado ou coisas do tipo.

A – Confirma pra mim então, participando do Foco de Pestilência você já assumiu o papel de host, editora e também produtora/pauteira?

R – Isso.

A – De todas essas etapas de fazer um podcast qual que você acha que é a mais difícil de fazer?

R – Rapaz, eu acho que editar é muito difícil por questões técnicas, você tem que ter um bom computador, agora por exemplo eu não tô com um bom computador ou ele não tá formatado pra mim, então tem também a questão técnica da coisa, você tem que aprender, eu tive que aprender, aprender na marra mas eu aprendi. E também quando a gente vai conversar com as pessoas que também fazem podcast, o pega pra capá ele entra na edição, então eu acho que editar seria na minha visão uma das coisas mais difíceis por conta dessas questões técnicas. Contudo, do jeito como a gente produz o foco

hoje, eu acho que todas as coisas têm sua dificuldade sabe? É difícil produzir, é difícil falar com todo mundo, é difícil conseguir agenda é difícil fazer com que todo mundo dance junto na dança né?

A – Você tem alguma situação específica de algum episódio que você teve que trabalhar bastante pra conseguir produzir porque ocorreram uma série de problemas? Tem alguma história pra contar?

R – Sim, o nosso primeiro episódio só com mulheres a gente teve que tentar gravar 3 vezes, a gente só conseguiu na terceira porque que a gente grava remotamente hoje em dia, uma vez ou outra a gente consegue uma gravação presencial, a gente prefere, mas não é possível porque metade a equipe tá no rio de janeiro, metade tá em São Paulo e é isso mesmo a vida segue. E aí nesse dia, no primeiro dia de gravação uma das pessoas já tinha testado a internet comigo mas não deu certo a internet, entrou não deu, no segundo dia choveu, sei lá foi uma coisa assim e a gente só conseguiu gravar no terceiro, mas pra gente foi até bom porque as pessoas já estavam entrosadas, já conversavam, tinham piadas entre si, então teve uma química entre todo mundo que tava participando, mas foi muito difícil e normalmente a gente não conseguiria tantas vezes que as pessoas estivessem tão dispostas três vezes pra gravar um programa.

A – Pensando em todas as dificuldades que você já enfrentou no processo de produzir um podcast, você acha que tem alguma coisa específica, algum fator específico que contribui para esses problemas?

R – Rapaz, dentro da minha experiência: gente. (risos) Mas é sério, porque tá lidando com várias agendas, várias necessidades, vários tempos, as pessoas se atrasam, você se atrasa e aí como nosso podcast não tem por objetivo ser rentável somos todos voluntários, tanto na escola quanto no podcast, a única pessoa que recebe dentro do nosso podcast é o editor, e assim ele não recebe DINHEIROS, ele recebe um dinheiro que é pra justificar o tempo dele e tudo mais e isso é difícil né? Porque como é todo mundo voluntário você tem que organizar essas agendas, tem gente que trabalha de noite, tem gente que trabalha de dia, tem gente que estuda sábado, tem gente que estuda domingo, eu acho difícil isso mas a gente deu sorte de todo mundo tá muito alinhado. Eu tô pensando aqui sobre sua pesquisa, se a gente teria tido algum problema relacionado a machismo como problema de gravação e a nossa sorte dentro do nosso grupo de trabalho é que a movimentação de mulheres chegando já era muito esperada. Os caras com quem eu trabalho eles esperavam que um dia chegassem mulheres que salvassem aquele problema porque eles já entendiam como problema e é muito doido pensar sobre isso porque eles tentaram produzir um programa só com mulheres e o histórico disso é que deu muito errado. A história que contam é que elas brigaram entre si, elas tinham visões diferentes e aí também é uma coisa muito doida pensar que era um momento diferente pro feminismo do jeito como a gente tem hoje, pelo menos na minha comunidade. As mulheres da minha comunidade ainda tavam... tinham umas feministas, tinha umas pessoas que se posicionavam dessa forma e puxavam essa grande bandeira, mas tinham outras que diziam “não, isso não tá acontecendo, eu não tenho dificuldades” e tudo o mais. Tentando ser forte o suficiente né? E se colocando nesse lugar de fortaleza que a gente já viu acontecer em outros cenários. E eu acho que isso deu um ruído naquela época, mas pensar que esse programa, essa tentativa de gravação específica que eu tô te contando aconteceu faz muito tempo, muito tempo e eu acho que como o programa dessa vez tinha sido puxado por uma mulher e não por homens tentando fazer com que mulheres entrassem de uma forma artificial até, e eu acho que depois de muito mais tempo onde a comunidade já estava discutindo isso eu acho que foi o que fez com que o primeiro programa que a gente fez dar certo, nesse formato.

A – Uma dúvida: quando você diz comunidade você tá se referindo à comunidade do ocultismo?

R – Esotérica, isso.

A – Pensando nessa dificuldade que você me falou, de alinhar as demandas das pessoas da vida particular com as atividades do podcast. Quais foram as estratégias que vocês desenvolveram para conseguir pelo menos contornar esses problemas?

R – A gente tem uma grade de gravação desenhada ou pelo menos uma tentativa de desenho com planejamento antecipado. A gente meio que tentou criar blocos de gravação, sei lá gravar em dois meses pra depois ir soltando, meio que acumular o esforço de trabalho num determinado tempo. A gente também se deu metas, a gente precisava gravar em x tempo porque a gente conseguiu um apoio através de um crowdfunding então a gente tinha que realmente entrega se não a gente ia tá descomprimindo um

acordo que a gente fez com as pessoas que apoiaram o projeto. A gente meio que fechou uma frequência de programas, tipo por mês, a gente tem uma frequência de programa que ela é muito abaixo das produções dos podcasts, porque a gente tem um programa por mês tem podcast que tem edição diária ou semanal, a gente só tem um por mês. Mas a gente estabelecendo a quantidade de programas que a gente tinha e a frequência que eles tinham isso ajudou também a gente a planejar essas gravações. E a outra coisa que a gente fez também foi flexibilizar as pessoas que iam tá na mesa e hostear os programas, então tem programa que sou eu quem faço, tem programa que a Mari já fez, que o Flávio faz e a ideia é a gente fazer um revezamento mesmo desses papéis pra que dê ao programa mais flexibilidade e também uma forma da gente dividir o protagonismo das pessoas. Eu não sei se ele protagonismo foi uma coisa pensada, ou se ele só aconteceu sabe? Mas ele aconteceu, então hoje a gente tem mais de um hoste Flávio que é a pessoa que é o host desde sempre, ele é o nosso grande, é a pessoa que responde meio como o foco de pestilência mas as pessoas começam meio que a ver que outras também nesse lugar, entende?

Relação com feminismo

A – Você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas capacidades, acessos e condições de produzir conteúdo de qualidade na internet?

R – Rapaz, veja. É complicado porque eu acho que tem vários problemas um é homens e mulheres têm as mesmas condições, capacidades não sei o que... Eu acho que nosso país ele tem muitas diferenças sabe? E aí eu fico pensando se a pergunta sobre acesso a tecnologia ela não vem antes dessa questão de gênero. Porque quando eu fico pensando nas pessoas que produzem podcast e eu fico pensando pessoas que tem capacidade de produzir e não sei o que eu penso primeiro sobre esse problema de distribuição de renda e de acesso à tecnologia.

A – Então você acha que o acesso das mulheres é menor? É isso mais ou menos que você tá querendo dizer?

R – Não. Eu acho que quando a gente fala em podcast e acho que a gente tem um problema maior sobre tecnologia do que sobre gênero. Mas dito isso, dito também que... Cara, é difícil viu? Mas assim eu não posso falar sobre os outros universos de podcast que eu não frequento, eu taria sendo muito leviana porque eu não conheço, eu não frequento, eu não sei das dificuldades de produzir eu só ouço. Mas sobre o meu mundo, por exemplo, comunidade esotérica que produz conteúdo para internet eu acho que todo mundo tem condição de fazer, contudo eu acho que os homens eles fizeram um grande clube do Bolinha com o tipo de conteúdo, e eu acho que o clube do Bolinha que eles fizeram dificultou a entrada de mulheres. Na verdade, a vontade das mulheres entrarem naquele mundo. Porque uma das coisas que eu mais ouço é que as mulheres não se sentem confortáveis e é muito louco quando eu ouço que uma convidada se sente tranquila em participar do programa porque eu falei com ela e porque ela vai gravar o programa dela comigo e ela se sente respeitada, ou ela se sente confortável. Então assim, pra o meu universo eu acho que todo mundo tem a mesma capacidade, até porque a gente vê isso lá, contudo esses caras chegaram antes, eles estão estudando há mais tempo, pelo menos há mais que eu, eu sou uma jovem infante, não sei nem porque sento nessa cadeira entendeu? Do Foco de Pestilência, então eu aí to aí porque sou uma criança, tem ouvinte da gente que tão há muito mais tempo estudando, contudo eles não tiveram a vontade, o ímpeto de exercer aquela função como eu tive e de resolver um problema. Não sei, pra mim é muito difícil responder essa tua pergunta viu? Porque eu acho que a gente tá num lugar muito privilegiado, pelo menos a comunidade das pessoas que produzem o foco de pestilência comigo, são pessoas que tem acesso à tecnologia, à informação, a livros e tem desejos de realizar coisas então eu acho que o nosso grande problema mesmo é de mulheres sentirem vontade de sentar na mesa.

A – Assim, não precisa dar nada definitivo, mas passa pela tua cabeça algo que possa ajudar a criar essa vontade, a despertar essa vontade nas mulheres?

R – Então a gente tem conversado muito sobre isso, até porque mulheres desejam mulheres nos grupos, né? É muito louco. Quando eu entrei nesse debate com amigas e colegas que estão fazendo outros trabalhos e enfim, todo mundo sentia a mesma coisa e sei lá surgiram várias iniciativas, vamos criar um grupo no whatsapp, vamos fazer não sei o que não sei o que lá. A gente vê várias iniciativas, e eu acho que a melhor forma de fazer com que mulheres se sintam confortáveis em qualquer ambiente é botando

mulher, ou seja eu me colocando nos lugares. Eu posso não ser a pessoa com mais nível técnico pra tá no podcast que eu tô, contudo eu apertei o foda-se e disse é mais importante que eu esteja lá porque aí pode ser que uma mulher que tem o técnico muito melhor que o meu surja, ou em forme não tem problema, mas só fato de existir em um ambiente a gente já torna o ambiente menos insalubre. E aí a gente começa a conseguir trazer essas pessoas pra perto entendeu?

A – Você conhece a PodPesquisa?

R – Não, o que é?

A – Expliquei o que é a PodPesquisa. A proporção de homens e mulheres ouvintes de podcast é mais ou menos 80% de homens e 20% de mulheres ouvintes de podcast no Brasil. O que você acha que causa esses números?

R – Eu acho que um é isso que eu tava te falando, quem é que tá produzindo esses podcasts? 2- pela forma como eles tão conduzindo, as pessoas que fazem, o assunto que elas tão colocando no podcast. E eu acho, eu não sei, eu acho que eu teria que ver formatos, será que mulheres e um formato, eu não sei, mas assim eu realmente não sei. Mas assim quando eu comecei a ouvir podcast eu me interessei muito, claro, mas eu me incomodava com o fato de só ter homem e como eles discutiam as coisas. Certas ignorâncias, sabe? E quando eu digo ignorância não é uma pessoa que não é inteligente, mas é desconhecer outra realidade. E eu acho que talvez isso que você disse de a gente ter um maior consumo de homens é pelo conteúdo que é produzido, porque a gente sabe que mulher consome conteúdo. Que tipo? Não sei. Porque aí eu não vi nenhuma pesquisa a gente pode dar até uma olhada. Mas é sei lá, quem é que tá lendo livro? Quem é que tá ouvindo podcast? É entender isso. Porque o universo de podcast, pelo menos até onde eu conheci, ele era bem nerdão né? E aí ele meio que deu uma mudada e a gente começa a ver outros formatos surgindo. Quando eu digo bem nerdão é tipo vamos falar sobre jogos, universo geek, e larari e larara, mas aí a gente vê o surgimento de uns podcasts diferentes. Acho que o próprio Mamilo ele é um grande exemplo disso né? As meninas do Mundo Freak também. As mulheres, horrível isso, mulheres. As mulheres do mndo freak também, fizeram o ponto G e tudo o mais, mas são coisas surgem depois.

A – E já que você falou do Ponto G a minha próxima pergunta é sobre a hashtag mulheres podcasters e sobre a Campanha do podcast é delas que você já me falou que você conhecia. A mulheres podcasters você conhece também?

R – Não, eu só conheço O Podcast é Delas.

A - Expliquei o que é a hashtag. Você já me contou que utiliza OPED e eu queria saber o porquê. Você viu essa iniciativa e pensou isso é legal porque...

R – Então, era isso que eu tava te dizendo, eu tava começando a participar mais ativamente do programa e aí a gente esbarrou com OPED e a gente fez um grande “porque não?” esse é o momento, foi como se ela ajudasse a gente a ver que o programa era necessário e possível, porque até então a gente não tinha pensado num formato onde só mulheres falassem. E eu acho que a nossa comunidade naquele ano ela tava precisando da nossa abertura, assim. Não sei se aquele ano, mas é porque dentro da nossa comunidade a gente teve outras iniciativas sobre feminismo e sobre discussão de conceitos que ali eram colocados e muitas mulheres divergiam, então eu acho que foi mais sobre isso sabe? Pra gente foi muito importante. É tanto que agora a gente no nosso terceiro ano, talvez quarto, quarto, acho que esse ano a gente gravou o quarto programa e meio que ficou religioso, aquela coisa tradicional. E é muito doido porque nos outros programas a gente tinha... Nos primeiros programas a gente tinha uma pauta bem vamos falar sobre como é difícil ser mulher não sei o que. E aí quando eu fui gravar o terceiro a gente fez não a gente não quer mais falar sobre isso, a gente não quer mais falar sobre como é difícil ser mulher, a gente não quer que esse programa fique datado e ele fique formatado pra se falar sobre isso, a gente quer ver mulher falando sobre ponto. Sobre magia no caso, mas a gente não queria mais que tivesse esse recorte de gênero, que o gênero ele só fosse porque mulheres estão sentadas na mesa mas que o gênero não fizesse recorte ao debate. E aí a gente um programa que era sobre magia prática e o último programa que a gente teve foi sobre sonhos, universo onírico.

A – Você se considera feminista?

R – Sim, eu me considero feminista.

A – Você tem alguma vertente ou corrente específica?

R – Rapaz, não.

A – Você acha que esse seu posicionamento como feminista de algum jeito reflete no conteúdo que você produz?

R – Claro. Eu comecei a fazer conteúdo que eu faço por conta disso, porque eu sentia falta de mulheres fazendo e eu acho que só o fato de sentar na mesa e de quando é discutido alguma coisa relativos, alguma coisa que toca no gênero e você tem uma mulher na mesa e ela pode dar sua opinião acho que isso já é um efeito maravilhoso porque a quantidade de programa que eu já vi falando de mulher sem ter mulher é catastrófica, é bem catastrófica. E é muito doido que dia desse eu tava ouvindo um amigo meu participando de um outro programa, de um grupo amigo e tal próximo e eles tavam discutindo um assunto que é próximo do que o foco de pestilência discute normalmente e aí por algum motivo eles entraram na seara das mulheres, e aí é muito doido que eles começaram a conversar aí o meu amigo soltou uma: mas, não tem mulher aqui discutindo com a gente. E aí eu fico pensando se ele conseguiria dizer aquilo sem antes ter passado pela experiência de sentar com mulher na mesa. Se ele ia ter essa noção tão no corpo dele, que vai sair um pouco desse lugar racional sabe? No final a maioria dos caras que eu conheço são feministas, todo mundo aí mó pró e tudo mais e tudo certo, teoria aqui ó todos os dever feitos de casa sabe tudo, mas na hora do pega pa capá, como a pessoa responde, que eu acho que é um aprendizado muito do corpo. Você só tem quando você já viveu aquilo de algumas formas, e eu acho que é esse lugar sabe? Eu acho que só a existência já acho revolucionária. E aí eu acho que a segunda grande onda revolucionária do conteúdo que a gente faz lá no foco de pestilência é como eu posso fazer com que homens sejam minoria. Aquelas né? Como é que eu posso conseguir isso? Enfim, utopias, vai que um dia pega e é possível. Só que pensando aí na tua pergunta, quando você perguntou “ah, você tem alguma corrente” eu por exemplo tenho muitas colegas que tão na comunidade esotérica que elas são feministas radicais e que por exemplo elas não consideram mulheres trans mulheres. Elas não consideram que elas podem ser consideradas mulheres e feminismo devia excluir essas pessoas se suas pautas de reivindicação. Eu discordo. Então, voltando a essa sua pergunta, eu não sei qual seria a linha exatamente de feminismo mas é eu acho que o meu feminismo inclui mulheres trans e eu acho que meu feminismo também inclui homens trans.

A – Qual percepção você tem do feminismo? Enquanto movimento, teoria, como você percebe? O que é feminismo pra você

R – Então, quando eu tinha 15 anos a gente não debatia feminismo, eu tenho 32 e aí se vão 17 anos e aí eu só vim a ter real conversa sobre isso, e real preocupações de uma forma mais, porque assim uma coisa é você crescer com seu irmão e achar que ele ganha benefícios ou que você não pode fazer certas coisas por ser mulher, uma coisa é isso. Outra coisa é você realmente pensa isso como uma coisa nociva, como uma coisa que fode todo mundo que tá em volta, como uma coisa que é tão estrutural que é difícil de você consertar, muito difícil de você consertar, é um problema sério que mata gente. Eu não tinha noção de que matava. Que o machismo matava. Eu não tinha noção do quanto a gente já tava no -10 por ser mulher. E eu acho que isso ficou muito claro pra mim quando eu fiz uns 23/24 anos e aí foi muito louco que eu revi um monte de coisa que até eu fazia e reproduzia em todos os âmbitos, com amiga, com namorada, com quem quer que seja. Então o que eu acho que feminismo é, é uma luta sobre a sobrevivência da mulher e uma luta sobre também superação, sabe? De transformar uma realidade que só te escraviza e escraviza de uma forma muito cruel que é de uma forma não objetiva. Então eu acho que a luta contra o machismo, ou seja ser feminista, é você lutar pelo direito das mulheres ponto. Lutar pelo direito de viver de uma forma digna e correta. Porque quando a gente fala assim “Ah, ter os mesmos direitos e ser igual aos caras” eu acho que nem fala sobre o que é tudo, porque ok a gente quer os mesmos direitos só que cara você não tá entendendo é pra viver, é pra você me respeitar, é pra eu conseguir andar tranquila, é pra eu conseguir ganhar dinheiro de uma forma justa, enfim essas coisas todas. O mundo freak tem um programa o Magikando, que é sobre magia quando eu tava conversando lá com eles aí teve uma hora que alguém perguntou ah você acha que do mesmo jeito que existe um culto ao feminino, que é o sagrado feminino e deveria um sagrado masculino. E eu uma das pessoas disse sim, deveria sim existir e eu me lembro de dizer isso durante a gravação “não, não devia existir o sagrado masculino,

sagrado masculino é a guerra, é o futebol isso já existe” É por isso que sagrado, porque é tão caro, enfim. Nossa sociedade é tão podre que precisou tornar uma coisa sagrada, mas enfim essas coisas. *

ENTREVISTA Nº 02 – “VONTADE DE DAR UMA VOZ A OUTRAS MULHERES”

Áudio disponível em: https://drive.google.com/file/d/1T1_mgMb4voPFQpFkkyHHrcq-ZoXfOvEJ/view?usp=sharing

Data: 20 de abril de 2020

Nome: Mariana Alves Falcão

Idade: 30 anos

Gênero: Mulher cisgênero

Etnia: Parda

Naturalidade: Niterói, Rio de Janeiro

Orientação sexual: Bissexual

Escolaridade: Pós-graduação completa

Ocupação: Designer

Estado civil: Casada

Filhos: 0

Podcast: Foco de Pestilência

Relação com o podcast

Alice – Você se recorda da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast? E como você descobriu sobre a existência dessa mídia?

Mariana – Pior que me recordo, foi em 2015 uns colegas, não eram amigos propriamente, mas eram colegas de profissão que tinham feito um podcast sobre design na época, se chamava... quer dizer era o AntiCast né, ele virou outro assunto depois mas o AntiCast antigamente era de design e os que são criadores né, o Mizanzuk e o Beccari enfim, eu já tinha conhecido eles em encontros de design e comecei a ouvir justamente por conta da área né? Pra ouvir opiniões, transformações da área e etc. e depois o podcast foi mudando de assunto e eu fui acompanhando e também fui descobrindo outros de recomendação, na época eu lembro que eles começaram a crescer e ficaram junto do B9 que era um portal que tinha vários outros podcasts e eu fui indo na onda, mas o primeiro de todos foi o AntiCast.

A – Eu te achei pelo Foco de Pestilência, e aí eu queria saber se você tá em outro podcast?

M – Participante mesmo é só no Foco de Pestilência, já participei de outros, mas só como convidada né? Não enquanto equipe também.

A – Raquel já me explicou um pouco na entrevista anterior os assuntos que vocês tratam no programa que é sobre magia e esoterismo. E aí eu queria saber de onde que surgiu em você a vontade de produzir conteúdo sobre esse tema?

M – Na verdade, eu nunca tive e talvez eu nem tenha vontade de produzir conteúdo sobre esse tema, nem de produzir conteúdo nenhum. Eu não tenho propriamente um desejo de produção de conteúdo geral na internet, mas eu já ouvia o foco de pestilência antes de conhecer as pessoas pessoalmente, de ficar amiga delas e fazer parte do quadro e a vontade de participar do programa, de produzir, de fazer tal, era muito mais sobre uma vontade de dar uma voz a outras mulheres, ter uma voz, minha no caso, de ter uma mulher falando sobre do que propriamente um desejo meu de produção de conteúdo. Então surgiu muito mais de ver essa falta no cenário. E eu e a Raquel a gente trabalha muito junto né e as duas se puxam muito nesse sentido.

A – Quais as funções que você assume no Foco de Pestilência?

M – O foco até o ano passado ele tinha uma mesa fixa que eram os integrantes desde o início, que eram tradicionais e tal que eram só homens. E aí a Raquel foi a primeira a ir conduzindo e hostear outros programas fazendo essa abertura e eu já desde antes ela tem uma vontade uma habilidade muito maior nesse sentido com produção de conteúdo, com internet com público. E eu desde antes fazia umas coisas mais backstage tipo todas as artes que tem que fazer de site, tudo que envolve imagens como eu sou designer fica na minha mão e acaba ajudando mais em suporte mesmo de escrever o post que ia pro blog, de conferir se o áudio tava certo, de ouvir a trilha pra ver se tinha que sei lá fazer alguma listagem de livros recomendados pra botar no post e etc. Porque a gente não segue muito a pauta né? A gente não costuma ter pauta. E aí especialmente nos episódios que são do podcast é delas, que a gente faz a mesa 100% feminina aí sim faço a produção, de montar a pauta, de levantar os assuntos de contactar as pessoas

que poderiam falar bem sobre aquele assunto, que seriam interessadas, agendar aí eu faço todo o resto. Mas num geral acabou que do ano passado pra cá as tarefas foram sendo um pouco mais espalhadas, então a arte sim eu faço todas mas aí depende a episódio a episódio tem episódio que eu ajudo no site, tem episódio que não que outras pessoas fazem.

A – Pensando sua relação com o podcast, assim, não com o Foco mas com a mídia podcast em geral, você acha que tem uma relação que é mais emocional/subjetiva ou uma coisa que é mais profissional/racional?

M – Totalmente emocional subjetiva. Eu botaria totalmente por vários motivos, primeiro por isso que eu expliquei que não é um forte nem um desejo meu de produção de conteúdo pra internet propriamente, não nasceu daí. E o Foco de Pestilência eu já ouvia antes, então era o meu podcast preferido antes de eu ficar próxima das pessoas e começar a participar e tal. E já te rum pouco mais de estudo também pra poder falar. E mesmo pensando nos outros também eu acho que sempre apesar de ter ouvido muito pra me informar tem mais essa relação emocional, eu nunca vi como um desejo técnico profissional, não. Pra mim, pelo menos, eu entendo que pra outras pessoas seja e acho maravilhoso que o cenário esteja amadurecendo pra isso mas pra mim sempre foi essa relação de entretenimento mesmo.

A – De esse processo de produzir um podcast, de pensar essa pauta, essa parte da produção, gravar, a edição, a pós-produção também, de divulgar. Qual que você acha que é a mais difícil de fazer?

M – Eu acho que são dificuldades diferentes, mas eu botaria duas grandes dificuldades diferentes uma na produção mesmo, a pré-produção né? Escolher a pauta, escolher o tema, desenhar a pauta direitinho, ver quais pessoas que seriam boas pra falar naquilo e tariam interessadas pra aquilo não virar uma mesa de amigos de bar né só falando, pra que seja uma coisa que tenha um conteúdo útil para as pessoas também. Então isso é mais difícil num sentido de coordenar todo mundo, às vezes você tem pessoas interessantes mas que não é propriamente dentro do assunto que a gente quer falar ou tem um assunto que quer falar mas é difícil achar outras mulheres que queiram participar sobre isso dentro do nosso nicho esotérico e a outra dificuldade que eu pontuaria é a dificuldade mais técnica mesmo, mas dessa eu participo tanto que é a de edição, que eu já ajudei muito pouco mas não é a praia que eu costumo fazer e aí nossa senhora né, tem que ficar ouvindo aquelas horas todas, cortar um pedacinho, equalizar o som de todo mundo, isso aí que bom que tem gente mais talentosa e disposta que eu na equipe.

A – Você tem alguma história pra contar de algum episódio específico que tiveram muitos problemas, que foi muito difícil de fazer?

M – Olha tivemos vários, mas normalmente esses problemas são muito técnicos assim de internet né? Então sai correndo bota o 3G do celular, aí o 3G não funciona, sai correndo, pega o celular de outra pessoa... Sempre acabou sendo esse tipo de contorno assim mas eu acho que nada muito fora da curva de probleminha técnico não. Não que eu me lembre, na verdade.

A – Nenhum tipo de questão, assim, interpessoal você já percebeu? Já vivenciou? De problemas entre as pessoas, de conciliar as agendas, ou de encontrar alguém que dialogue com esse assunto, esse tipo de problema também é recorrente?

M – Totalmente, ainda mais nos episódios... eu acabei, enfim, só fazendo uma retrospectiva, no ano passado como eu falei, quando o Foco de Pestilência abriu a mesa pra outras pessoas eu acabei fazendo parte de outras mesas que não só das femininas, então isso foi bom também pra gente não ficar só nichado, pra não parecer que as mulheres só vão participar quando for março, não é a nossa intenção. E nos que eu participei em termos de produção, essa questão de achar pessoas que sejam não só entendidas no assunto, mas que estejam dispostas a falar e que possam no dia que você pode, e que tenham internet, conciliar isso é o que eu acho o mais difícil pra não ficar uma coisa mais do mesmo entre aspas, seria mais fácil fazer com má qualidade, seria mais fácil fazer ruim.

A – Tem alguma estratégia que vocês tenham adotado pra tentar contornar esses problemas de agenda ou de internet?

M – Acho que não, sentido como também no nosso caso o programa não é, ele é voluntário, não é profissional não é monetizado pra nenhum de nós, isso que eu quero dizer, a gente cuida bem, tudo é bem feito etc, mas nesse sentido a gente sempre foi muito relaxado então se alguém fosse muito

importante ou alguém que a gente quisesse muita a opinião não pudesse no dia era só tentar remarcar mesmo e ir empurrando pra frente. Claro que isso dá uma dorzinha de cabeça, sempre dá um desgaste né, porque tem que ficar ajustando todo mundo e concordando tudo de novo mas nesse ponto nunca foi... sempre acabou sendo desenvolvido dessa forma.

A – Você acha que tem algum fator em especial que contribui pra ter essas dificuldades na hora de produzir o episódio?

M – Acho que especialmente falando do recorte feminino é difícil achar mulheres que se sintam seguras pra falar. Porque a gente tem uma criação muito social né? Estrutural que eu quero dizer, de: “ah, eu não sou tão boa quanto” “ah, eu não vou saber falar tão bem quanto as pessoas x, y, z” esse tipo de coisa então não é fácil encontrar outras mulheres que queira especificamente abordar o assunto que a gente aborda e que também tenham experiência o suficiente para falar sobre. Desculpa você tinha perguntado de estratégia né? Nesse ponto quando eu fui produzindo, é claro que muitas das vezes, não sei se Raquel comentou sobre isso, mas a gente acabava convidando pessoas que são próximas, que a gente conhece o trabalho, que a gente confia que não vai falar besteira etc. mas em outros casos a estratégia era ir entrando, como nosso programa é sobre magia e esoterismo, foi ir entrando em grupos do Facebook que tinham essa temática e ir colhendo quais mulheres tavam mais ali ativas, quais que tinham alguma opinião interessante ir vendo os perfis e aí entrar em contato com ela depois e aí “ah, essa menina aqui realmente eu tinha visto ela postar uma coisa legal” e tal então acho que pode ser bacana, então os grupos do Facebook acabavam sendo uma boa estratégia nesse sentido.

Relação com feminismo

A – Entrando já no último bloco essa pergunta é meio pegadinha. Você acredita que homens e mulheres possuem pensando em três eixos: capacidade, acesso e condição de produzir conteúdo de qualidade na internet?

M – Eu acredito que nós temos capacidade igual mas que não temos nem acesso igual nem... condição eu não sei, condição eu não sei dizer se for condição pra um lado mais técnico. Mas o acesso eu acho que não é igual, não.

A – Como você vê esse acesso? Você tá falando no sentido de acesso à mídia podcast? Acesso à internet? Acesso de discurso mesmo?

M – Acho que acesso é muito mais subjetivo nesse sentido, muito mais um acesso de discurso e de oportunidade mesmo né, num sentido de pouco tempo pra cá que tem pipocado mais iniciativas como o podcast é delas ou iniciativas de podcasts querendo ter mulher na mesa. A gente já fica até meio cascuda de ouvir críticas do tipo quando o programa ter eu ou a Raquel de terem comentários na internet de “ali ó, pronto botaram as mulheres já ficou superficial”, então tem ainda um preconceito sim sobre as mulheres estarem numa oposição de fala em que elas estariam dominando o tema de certa forma.

A – Você conhece a PodPesquisa?

M – De cabeça eu acho que não.

A – Expliquei o que é a PodPesquisa. A proporção de homens e mulheres ouvintes de podcast é mais ou menos 80% de homens e 20% de mulheres ouvintes de podcast no Brasil. O que você acha que leva a esses números? Que fatores?

M – Olha eu não tenho um raciocínio preparado pra isso tá? Zero embasado viu? Mas eu acho que devem ser múltiplos fatores desde como eu comentei de acesso né, desde insegurança da mulher eu não querer falar por não se sentir boa o suficiente pra fazer qualquer trabalho que seja, enfim, isso é estrutural. Eu acho que até mesmo uma questão de assuntos, não sei, não sei responder essa pergunta sinceramente, é que o número é tão impressionantemente baixo que não sabia que a diferença era tão grande. O que digo de assuntos é que talvez sejam assuntos até interessantes né? Porque pra falar a verdade eu acabo muito dentro da minha bolha, porque eu vou ouvir outros e acho tudo muito bobo, acho tudo muito sei lá então se é pra receber conversa de boteco de homem tipo não dura cinco minutos no ouvido então não sei se isso poderia ser um fator.

A – Você já citou que conhece a campanha o Podcast é Delas, você conhece também a hashtag mulheres podcasters?

M – Sim, essa eu já vi rolar, principalmente no twitter.

A – E aí eu queria saber se você já utilizou alguma dessas duas campanhas pra divulgar o Foco de Pestilência?

M – A gente usa O Podcast é Delas, acho que esse foi o terceiro ano, já é o terceiro ano que a gente fez o Podcast é Delas.

A – E a mulheres podcasters você nunca usou?

M – Não, esse não.

A – Você dizer por que você não usa a outra?

M – Sinceramente não, até porque nos primeiros episódios que a gente fez para participar do podcast é delas a Raquel que tomou a frente desses contatos e desse tipo de relação então talvez até no início eu nem tinha diferenciado que eram duas hashtags diferentes, que eram duas campanhas diferentes.

A – Você se considera feminista?

M – Com certeza.

A – Tem alguma vertente ou corrente específica?

M – Tenho, tenho sim.

A – Qual?

M – Sou feminista radical.

A – Em que medida você acha que essa sua posição como feminista se reflete nesse conteúdo que você produz?

M – Eu acho que bastante porque fica uma reflexão na verdade bem indireta mesmo, mais do que falar sobre o que é ser mulher no círculo exotérico ou como as mulheres fazem isso e aquilo, ou qual a deusa que pipipipopopo né? Isso é o tipo de coisa que a gente normalmente começa a cavar o nosso espaço ali querendo falar sobre ser mulher naquele meio ou dar o ponto de vista mas eu acho que a gente tem que ir além porque enquanto a gente se mantiver só no mostrar o que é ser mulher ou como uma mulher pensa, a gente vai tá sempre se relegando a uma subcategoria. Então eu acho que se reflete indiretamente no conteúdo e no meu discurso principalmente por eu querer levar as discussões de igual pra igual com os homens.

A – Qual percepção você tem do feminismo como movimento ou teoria? Em geral o que é feminismo?

M – Feminismo é a luta pela emancipação das mulheres na minha corrente né, no meu ponto de vista.

A – Como é que você vivencia enquanto feminista? Em geral, como é que o ser feminista vai fazer alguma diferença em como você vive?

M – Acho que primeiramente entendendo e me fortalecendo em como eu faço as minhas próprias escolhas na vida, enquanto mulher. Então o feminismo primeiramente me modifica e modifica a minha própria vida pra também modificar a vida de outras mulheres do entorno. Mas primeiramente eu acho que é uma questão de consciência mesmo sobre o papel que me foi designado enquanto sexo biológico ao ter nascido e construção de gênero depois né? E a compreensão disso e o impacto disso pras minhas próprias escolhas. E aí perceber que também não são só minhas que é uma coisa sistematizada por isso que eu vou do individual para o coletivo nesse sentido. *

ENTREVISTA Nº 03 – “AS MULHERES ESTÃO RESISTINDO TAMBÉM NA MÍDIA PODCAST”

Áudio disponível em: https://drive.google.com/file/d/15jv5s-RGkuGThXfj_3VBu-o7tvmHFvyW/view?usp=sharing

Idade: 35 anos	Escolaridade: Pós-graduação incompleta
Gênero: Mulher cisgênero	Ocupação: Advogada
Etnia: Branca	Estado civil: Casada
Naturalidade: Brasília – Distrito Federal	Filhos: 0
Orientação sexual: Panssexual	Podcast: Olhares Podcast

Relação com o podcast

Alice Santos – Você se recorda da primeira vez que você fala sobre podcasts? Como você descobriu que essa mídia existia?

Aline Hack - Foi quando eu tava na capacitação de professores de inglês e faz muitos anos acho que foi aí lá para 2005 e eu usava o podcast para treinar a língua inglesa mas aí eu só voltei a ouvir mesmo é eu ouvi em 2005/2006 e aí fiquei um bom tempo sem ouvir quando voltei a ouvir em 2015. Quando eu fiquei sabendo que tinham podcasts brasileiros sendo feitos de uma forma mais inclusiva.

AS – Você lembra se você ficou sabendo, se você conheceu esses podcasts brasileiros se foi pela internet ou se foi algum amigo que indicou ou algo assim?

AH – Foi uma amiga que indicou, ela me indicou um podcast primeiro sobre indicações de filme e leitura que é o Iradex. E aí eu gostei da mídia e aí ela em seguida me recomendou na época o podcast Mamilos e aí eu comecei a ouvir gostei né porque no Iradex eu tinha algumas mulheres também participavam mas eu gostei do Mamilos porque não duas mulheres né falando e tal e aí eu comecei a procurar outros podcasts brasileiros feitos por mulheres.

AS – Eu encontrei você num levantamento que eu fiz na PodPesquisa e aí o podcast que eu achei foi o Olhares. Você tá na equipe de algum outro podcast atualmente?

AH – Atualmente eu tô produzindo mas ainda tá fora Olhares eu tô produzindo um outro podcast mas ele ainda tá... ele não foi lançado, ele ainda tá no projeto e eu também tô envolvida no, em alguns outros projetos de Podcast também que eu infelizmente não posso dizer porque ainda não foram lançados, ainda estão no campo de projetos.

AS – Entendi, então me fala um pouco sobre o que é Olhares, os assuntos que você trata lá e de onde que surgiu a vontade de falar sobre esses assuntos.

AH - O Olhares é um podcast que fala sobretudo sobre mulheres e sobre feminismo que são os dois assuntos principais do olhares né e a gente procura dentro do Olhares falar sobre o feminismo de uma forma prática seja transversalizando as pesquisas acadêmicas, seja trazendo para um cunho mais prático o feminismo e chamando isso de feminismo, seja trazendo visões do mundo sobre as mulheres que são consideradas senso comum ou construídos socialmente e aí a gente também faz o trabalho de atribuir novos valores, atribuir novos significados à luta das mulheres a partir das próprias perspectivas dessas mulheres que participam dos nossos programas. Então a gente trabalha no processo de contextualização do feminismo em todos os nossos programas. O olhares começou com a ideia de falar sobre feminismo de uma forma não jurídica porque igual eu falei anteriormente, eu sou advogada e eu senti a necessidade de falar sobre o direito das mulheres sem... sem dar esse corpo jurídico né para dizer que é esses direitos fazem parte da vida das mulheres desde a hora que elas acordam até horas que elas vão se deitar e que passam por vários momentos da vida delas então e não só delas no contexto diário mas num contexto geracional também. E aí eu sentia muita dificuldade das mulheres entenderem esses termos acadêmicos e esses termos jurídicos e eu pensei porque não utilizar o podcast para deixar mais claro, mais acessível e mais factível esse feminismo que a gente acredita como um movimento de mulheres né. E aí veio a ideia de fazer o Olhares veio numa ideia inicial de falar sobre feminismo, de falar sobre os conceitos mas na medida que a gente ia se aprofundando nos temas ou se debruçando sobre eles a gente ia vendo a necessidade de se falar cada vez mais e mais sobre feminismo com outros recortes, com outras necessidades, trazendo um recorte cada vez mais interseccional e fora isso a necessidade de trazer mulheres que não tem espaço numa mesa de palestra, que não tem espaço no ambiente acadêmico, que

não tem espaço numa entrevista de TV, de rádio para que essas mulheres pudessem ser escutadas e que as pessoas pudessem conhecer a história delas porque muitas delas tem um papel essencial dentro dos ambientes que elas participam seja numa comunidade local, seja numa associação de vizinhança, sendo como prefeita, sendo uma professora e essas mulheres exercitando esse papel como mulher, como pessoa que desejam mudar o mundo ela tá exercitando o feminismo de alguma forma e aí a gente traz isso para dentro do programa como uma oportunidade de elevar a voz dessa mulher e ao mesmo tempo aprender com ela e enriquecer esse feminismo que a gente deseja construir.

AS – Dentro do Olhares, qual a função ou funções que você assume?

AH – Todas (risos).

AS – Produção, gravação e depois edição?

AH – Não, não quase todas, vamos dizer assim. Eu trabalho com a curadoria de conteúdo, trabalho com a curadoria de convidadas, planejamento, produção pesquisa e pauta, roteiro, gravação. Eu tenho um editor que faz o serviço de edição para mim e ele também faz um serviço de pós-edição e pós-produção que é o lançamento nas redes, mas quem escreve o post sou eu também então eu escrevo o post ele faz o lançamento, programação de acordo com os melhores horários da rede, ele faz o design da arte da capa e os relatórios de engajamento nas redes sociais.

AS – Então não assumir essa função que esse editor assume foi tipo assim uma escolha sua por questão de tempo, ou porque você não tem conhecimento técnico, pra te auxiliar mesmo?

AH – Eu acho que foi um pouco de tudo assim o Olhares também não é só podcast né, o Olhares também é um site e no site nós temos quatro mulheres produzindo no site também além de mim é que é que entram na produção de textos também né então Olhares tem essa parte de produção textual que é feito por quatro mulheres com os mais diferentes recortes né tem uma mulher que é periférica, tem uma mulher negra, tem uma mulher trans, tem uma mulher branca tem um pouco de cada ponto de vista assim mas a minha escolha por ter um editor foi inicialmente por uma ausência de conhecimento na editoração né ele se prontificou para auxiliar ele é um dos co-fundadores do Olhares inclusive. Mas com o passar do tempo eu acabei não querendo assumir essa responsabilidade e esse trabalho porque eu trabalho que eu tenho até o ponto final da gravação e escrita do post já me toma aproximadamente entre 10 e 15 horas para fazer o episódio então as outras 5 horas adicionais eu deixo por conta dele né cada episódio de Olhares demora entre 15 e 20 horas horas efeito né então eu num segundo momento eu acabei percebendo que seria melhor para mim não assumir esse trabalho para poder me dedicar melhor ao outro trabalho que é o trabalho até a gravação.

AS – Pensando na sua relação com o podcast em geral, como uma mídia que você consome você acredita que você desenvolve com o podcast uma relação que ela é mais emocional/subjetiva ou mais profissional/racional?

AH – Olha, eu vou dizer que é 80% racional e 20% emocional não vou, não vou descartar nenhuma das opções, mas tudo que eu faço no Olhares é pensado. É Pensado minuciosamente, é a pensado na repercussão, as convidadas são pensadas de uma forma minuciosa, tem uma análise prévia né dessa curadoria de convidadas e ao mesmo tempo é emocional porque a todo momento a gente acaba se sentindo motivada e às vezes até desmotivada também quando você faz um episódio que mexe muito com você emocionalmente, mexe com a sua história, mexe com história de pessoas que conhecem e as vezes te deixa desmotivada quando não atinge do jeito que você achou que ia atingir, não ia trazer a repercussão... não trouxe a repercussão do jeito que você achou que ia trazer isso traz um pouco de desmotivação, mas eu acho que traz mais motivação sempre assim porque querendo ou não uma produção de conteúdo ela traz um crescimento, um crescimento pessoal, um crescimento intelectual quando é feita com dedicação né quando você realmente se entrega ao projeto mesmo que de forma racional você todo dia tá aprendendo uma coisa nova, aquilo ali tá agregando intelectualmente com você agregando conhecimento para sua vida, agregando formas de se conectar com as pessoas que acaba impactando diretamente e a sua relação subjetiva com o podcast e com as pessoas que você traz para ele e que com as pessoas que ouvem tudo né. Então eu sou bem racional para fazer o Olhares eu diria até um tanto quanto sistemática mas eu não posso ignorar todo o crescimento que ele já me trouxe tanto no cunho objetivo quanto no cunho subjetivo, e o tanto que eu já aprendi com ele.

AS – De todo o processo de produção de um podcast qual etapa que você acha que é mais difícil de fazer?

AH – Eu acho que é mais difícil agendar gravação. Bem, o Olhares ele trabalha essencialmente com mulheres que estão ali na linha de frente da militância feminista né então são mulheres muito ocupadas... as mulheres essencialmente são muito ocupadas e quando elas estão fora das atribuições sociais que todos nós somos submetidas esse trabalho também acaba trazendo menos tempo então conciliar agendas, conciliar agendas normalmente de duas convidadas que tem ritmos de vida corridos e enfim com pouco tempo né, com pouca disponibilidade é para mim a parte mais difícil de se gravar um episódio, eu acho que consome bastante tempo e bastante energia também. Fora isso a outra parte que me toma bastante tempo é a parte da pesquisa do conteúdo né porque querendo ou não é tudo que eu apresento no Olhares assim em sua grande parte eu tive uma leitura aí de alguns livros, de alguns artigos científicos eu vi alguns filmes, alguns documentários, vídeos do YouTube então isso toma muito tempo né e toma também muita energia então a gente às vezes fica desgastada, as vezes é um assunto, é um assunto muito potente é um assunto que traz uma energia muito forte então a gente às vezes não consegue fazer isso muito rápido, a gente tem que amadurecer esse conteúdo dentro da nossa cabeça e isso também ajuda a refletir qual vai ser o impacto desse programa né nas nossas ouvintes então acaba sendo um processo de inspiração e expiração constante assim eu acho que basicamente seriam os dois trabalhos mais difíceis.

AS – Você tem alguma história para contar de um episódio específico que foi muito difícil de fazer que teve alguma coisa bem assim que você se recorda sempre nesse sentido de dificuldades?

AH – Olha, eu tenho de diferentes tipos de dificuldades eu já tive um episódio para mim foi muito difícil que foi o episódio das mulheres quilombolas quando eu gravei tinha pouco material produzido, eram pessoas que eu não conhecia foram pessoas indicadas e foi um assim um golpe de oportunidade vamos dizer assim né foi uma sorte grande tê-las no programa, só que eu não sabia o que que eu poderia perguntar, o quê que poderia ultrapassar a barreira ali do que é seguro de se perguntar eu fui perguntada por algumas pessoas ali que estavam acompanhando a gravação se ia ter corte porque elas, as pessoas já tiveram se situações que tiveram suas falas cortadas e acabou apresentando outro contexto então assim eu me senti um pouco desconfortável na situação, esse é um tipo de dificuldade né se sentir desconfortável pela falta de conhecimento de um grupo étnico, de uma realidade que não é a sua né e isso me traz um desconforto e uma dificuldade. Uma outra dificuldade para mim é quando a história é muito forte e aí às vezes eu sei da história da pessoa, eu sei do que tá se produzindo ou eu sei o que aconteceu mas na hora que começam a contar o poder da fala é muito grande né então isso acaba trazendo um valor muito maior porque tá desejando para o que eu tô desejando construir né no programa e isso aconteceu por exemplo no episódio da Ditadura né eu sabia que a gente ia falar sobre situações que mulheres passaram na Ditadura mulheres que trabalharam na militância de frente que tinham... um que era uma oposição ao governo e eu sabia das violências que elas sofreram mas na hora que começou a passar essa lista né e começaram a narrar essas listas e a gente começou a falar sobre isso, isso me traz uma carga muito muito negativa assim, uma carga pesada que se a pessoa ouve né os nossos programas com frequência ela consegue perceber a Aline que começou o programa e Aline que terminou programa sabe algum impacto emocional que teve aquela história e isso já aconteceu em alguns outros programas também, mas esse aí foi tão forte que eu no final do programa não tava conseguindo nem falar assim porque eu tava muito chocada mesmo sabendo que tudo aquilo acontecia então é o poder né, poder da narrativa, o poder das palavras dentro do da construção do episódio que às vezes surpresa que a gente achava que emocionalmente preparada mas às vezes não tá tanto assim. (falha na chamada).

AS – Aline você tá me ouvindo?

AH – Tô sim.

AS – Tá eu ouvi até a parte que você falou que as vezes a gente acha que tá emocionalmente preparada, mas...

AH – Mas essas histórias acabam pegando a gente de surpresa e a gente percebe que nem sempre a gente tá.

AS – A próxima pergunta é ainda sobre essas dificuldades, quais estratégias assim você desenvolveu para tentar pelo menos conformar?

AH – Eu comecei a pedir para as pessoas que vão participar para que possam me encaminhar algum material que eu não consiga encontrar e isso já traz um já traz mais ou menos um pouco mais né de conhecimento e tal. Outra coisa que também me ajuda é a maturidade né, a maturidade do programa, maturidade para fazer o podcast porque querendo ou não por mais que a gente seja surpreendida com uma história marcante, uma história às vezes triste a gente com o tempo a gente vai ficando um pouco mais tranquila para ouvir essas histórias sabe e até mesmo para explorá-las dentro do podcast. Porque a gente acaba trazendo um novo contexto para essas histórias sabe não que a gente não se importe, eu me importo com todas as pessoas que participam do Olhares né com todas as mulheres e tudo mais, mas assim as histórias por mais que às vezes traga uma carga emocional muito muito forte a própria maturidade para tá ouvindo essas histórias e também estar em grupos fora do Olhares, grupos de mulheres faz com que aquelas histórias sejam histórias importantes que você consiga ouvir e trazer um significado... e eu não sei assim se tá muito claro mas acaba que a gente conhece tantas histórias, tantas histórias que a gente sabe que aquela pessoa ali tem uma história importante e... ah eu não sei, Alice eu tô tentando, eu tô tentando...

AS – Eu tô entendendo o que você tá querendo explicar eu entendi.

AH – É porque assim, eu lembrei que agora tem a parte do podcast e aí eu tenho medo de falar que essa é só mais uma história só que aí eu posso ser leviano nesse sentido entendeu porque toda a história é importante mas é porque a gente acaba ouvindo tanta história, principalmente as relacionadas a violência porque eu também sou advogada né e aí parece que a gente tá deixando essa história menor, mas não é porque a gente meio que vai acostumando sabe a ouvir essas histórias tristes porque ela já são tão corriqueiras mas eu não gostaria que isso aparecesse no podcast caso você transforma em podcast sabe por que as pessoas podem compreender mal essa narrativa só a partir de que a gente vai se preparando com a parte da maturidade mesmo porque querendo ou não essa se eu chegar e falar olha só desculpa eu já tô acostumado a ouvir histórias de violência... eu toda vez eu fico abalada com história de violência de certa forma mas, isso não me afeta mais como me afetava no início entendeu então é a maturidade mesmo assim.

AS – Eu entendo até porque como jornalista também passo por esse processo na primeira vez que a gente vai entrevistar uma pessoa e ouve uma história que é muito difícil assim aquilo abala a gente de um jeito depois a gente também se abala também se emociona mas é um nível que não mexe tanto com a nossa estrutura emocional mesmo e sim eu também acho que isso vem de maturidade, eu experiecio a mesma coisa.

AH – É, por exemplo eu trabalho com atendimento de vítimas de violência doméstica há cinco anos mais ou menos e toda história é uma história eu fico eu fico emocionada e assim fico né cada história é uma história e nem uma história igual. Todas as histórias têm o mesmo plano de fundo que é uma violência né que é um homem abusador que traz uma consequência para essa mulher de cunho patrimonial, emocional, físico que só ela sabe, só que que acontece a primeira vítima que eu atendi há cinco anos atrás e a última que eu atendi hoje eu sinto... eu não sinto mais a dor dela como eu sentia, mas eu entendo a dor que ela sente no curso desse processo entendeu então assim eu procuro não me afetar tanto porque eu sei que eu preciso me manter forte para conduzir um processo ou conduzir um programa porque se eu me desestruturar nesse momento eu... o programa não segue, o programa não segue, o processo não segue, acaba que essa mulher não se sente protegida, não se sente confiante para falar no programa entendeu então é tudo um pouco de maturidade mesmo de da gente saber perceber o que que a gente pode deixar afetar gente emocionalmente e o que que a gente tem que compreender e se mostrar forte e generosa na no acolhimento dessa mulher para que ela possa se sentir segura para contar a história dela.

Relação com feminismo

AS – A próxima pergunta assim é meio pegadinha mas não é tá? Pensando na podosfera você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas capacidades, acessos e condições de produzir conteúdo de qualidade?

AH – Então vamos lá você falou capacidade, acesso e condições né?

AS – Isso.

AH – Vou separar isso em três tópicos então. Eu acho que homens e mulheres têm a mesma capacidade de produzir conteúdos de qualidade, programas de qualidade eu diria até que algumas mulheres têm uma qualificação profissional melhor do que alguns homens né então acredito que essa capacidade é igual para homens e mulheres dentro da podosfera né estamos falando de capacidade. Agora no quesito de acesso eu acredito que mais ou menos porque o que acontece quando a gente fala de homens e mulheres dentro da podosfera a gente ainda tem que falar, perguntar quais os homens e quais as mulheres né porque a questão do acesso ela é uma questão muito singular e ela tem a questão de classe também né então e de raça então assim se a gente for analisar as mulheres que estão na podosfera a gente ainda tem uma quantidade de mulheres majoritariamente brancas, brancas e de ensino superior completo ou concluindo né então nesse quesito se a gente falar dessa maioria de mulheres com os homens sim essas mulheres provavelmente têm o mesmo acesso que os homens né porque os homens também a maioria são esse mesmo grupo. Mas quando nós falamos de mulheres negras periférica aí o acesso é muito mais limitado o que acaba implicando na outra resposta das condições né eu acho que as mulheres tem muito menos com condições de estar e permanecer na podosfera que também são coisas diferentes primeiro porque as mulheres fazem muito mais coisas com os homens em uma hora de trabalho feminino você tem muito mais tarefas do que em uma hora de trabalho masculino o que possibilita mais condições para homens terem tempo para pensar nos seus programas, terem tempo para planejar, terem tempo para produzir seus programas as mulheres têm muito menos tempo e o que implica ter muito menos condição né socialmente a gente tem muito mais trabalho né tem a divisão sexual do trabalho, tem a dupla jornada que é quase a mesma coisa, tem a maternidade né então as mulheres acabam tendo muito menos condições então quando a gente fala de desses três critérios né eu acredito que numa condição de ingresso é muito mais fácil ingressar homens e mulheres em proporções iguais mas permanecer na mídia podcast eu acho muito mais fácil para os homens porque as condições também implicam em dinheiro então às vezes o homem não tem condição de tempo mas ele tem condição financeira para pagar uma edição, ele tem uma condição financeira para pagar o monitoramento de mídia né então assim eu acho que se a gente for avaliar esses três critérios eu acho que as mulheres estão em desvantagem, estão e ficaram em desvantagem ainda por bastante tempo mas a gente tem percebido que enfim as mulheres estão resistindo também na mídia podcast né.

AS – Sim, e aí meio que é relacionado com essa pergunta queria saber se você tem alguma solução para enfrentar isso, não precisa dar nada definitivo mas algo que passa pela sua cabeça que ajudaria a solucionar essa... no caso, essa desvantagem das mulheres?

AH – Eu acho que existem algumas soluções né a primeira solução vem do acesso à internet para todo mundo. A acesso a gente sabe que o acesso para internet, de internet não é igual para todo mundo apesar de tudo de muita gente falar que é aqui no Brasil temos aí grande parte da sociedade tem acesso à internet mas eu não sei se essa pesquisa chega a locais mais periféricos né interiorzão do Brasil e tudo mais e eu acho que esse acesso à internet para mais pessoas traria por exemplo uma solução para o acesso né então acesso dentro das escolas, o acesso de internet dentro das escolas possibilitaria mais informação, mais engajamento dentro das redes né e talvez assim dentro da própria educação pensar instrumentos criativos que possam auxiliar a meninos e meninas a desmistificarem a questão do entrave tecnológico para meninas né que querendo ou não por mais que o podcast seja uma mídia de comunicação ele é uma mídia que é uma tecnologia e a gente tem que falar de tecnologia de gênero, a gente tem que falar de misoginia na internet, de disputa de espaços e tudo isso que já acontece nos ambientes offline tem que acontecer no online também né e se as mulheres não se sentem empoderadas e se sentem como é que posso dizer... aí agora fugiu a palavra... se elas não se sentem incentivadas a investir mais em tecnologia, se elas se elas não forem acolhidas em um caso de violência de gênero dentro da internet elas isso vai ser só mais um ambiente que elas vão evitar entendeu elas não vão não vão se aventurar tanto e aí eu acho que o primeiro espaço para a gente falar em igualdade de gênero é o acesso e depois as condições né que também é um trabalho social né então é a partir do momento que a gente conseguir com que homens e mulheres tenham atividades dentro de casa ou dentro do trabalho mais igualitárias isso também permite que as mulheres tenham mais condições é para fazer essas podcast, para trabalhar numa militância, pra fazer desse... dessa ferramenta um instrumento de trabalho então eu acho que primeiro

se dá acesso à educação, tecnologia e junto né, paralelamente você trabalha socialmente a igualdade de gênero como um todo né porque a gente tem que pensar nas meninas mas a gente tem que pensar nas mulheres também e quando a gente pensa nas meninas a gente tá pensando nas mulheres do futuro então se a gente tá pensando como é que vai ser no futuro eu acho que a gente tem que pensar nas mulheres que estão hoje né para quais o que que daria mais condições para elas mas a gente tem que pensar muito nas meninas porque as meninas são somos nós daqui alguns anos né.

AS – Você conhece os dados da PodPesquisa que apontam a proporção de ouvintes homens e mulheres no Brasil?

AH – Conheço.

AS - Você acha que tem algum fator que leva para esses números? Para essa proporção tão baixa de mulheres ouvindo podcast?

AH – Eu acho que existem alguns né primeiro porque querendo ou não existem ainda poucas produtoras e assim como eu retornei para mídia podcast assim como mulheres estão começando a ouvir eu acho que o crescimento por exemplo de 2018 para 2019 foi bem expressivo nas... no percentual de ouvintes mulheres né então isso eu acredito que tá acontecendo porque hoje tem mais programas feitos por mulheres ou com mulheres na equipe o que proporciona uma adesão maior das mulheres porque por exemplo eu ouço programas de homens e mulheres mas eu dou preferência para problema de mulheres, então e isso vem de... da própria história dos problemas de Podcast né de por que que eles não atraíam as mulheres antes? Eu realmente não me sentia contemplada com os programas, uma outra coisa que eu tenho percebido que tem ajudado mais mulheres a produzir e a ouvir podcast é a diversidade de temas porque quando o podcast começou ele falava muito sobre tecnologia, sobre coisas geeks né, coisas que mulheres gostam mas eu por exemplo tive uma adolescência geek, nerd né mas eu era uma menina em um grupo de 6 meninos então eu tive pais que sempre me incentivaram a fazer o que eu quisesse mas eu sou uma menina dentro e quantos eu era uma menina dentre quantas meninas né. E aí eu acho que essa geração que tá chegando no podcast agora já são de meninas e mulheres que já estão mais habituados com a tecnologia que já tem mais necessidade de consumir novas tecnologias então isso proporciona uma adesão maior das mulheres e a partir do momento que a gente tem mais produtoras a gente também percebe que temos mulheres produzindo conteúdos nos mais diversos tipos de assuntos né porque nós mulheres, assim como os homens também gostamos de ouvir sobre várias coisas né não só sobre conteúdo de tecnologia ou conteúdo geek né então eu acho que essa ampliação de temas tem favorecido muito a ampliação de mulheres também ouvindo os programas não é à toa que um dos programas mais conhecidos do Brasil é feito por duas mulheres né então querendo ou não isso já favorece que mulheres se sintam motivados a produzir programas e também mulheres comecem a ouvir programas e antigamente quando a gente chegava “Qual é o programa mais famoso? Ah deixa eu ver o mais famoso” e aí o mais famoso era feito por homens né, aí pensava “ah mas esse programa é muito chato” e aí nós seres humanos temos um instinto de generalizar tudo né “então podcast é tudo ruim né” e aí eu acho que como é hoje a gente começa ouvindo um dos programas mais famosos feitos por mulheres isso também já facilita com que as mulheres vão buscar outros programas feitos por mulheres também.

AS – Você costuma utilizar #mulherespodcasters na divulgação dos episódios de Olhares?

AH – Sempre.

AS – E você já participou uma vez da campanha o podcast é delas?

AH – Já, eu assim... eu não eu não participo como Olhares apesar de que ano que vem acho que eu vou participar. Eu participo... é porque assim o intuito do programa o Podcast é delas é trazer mais mulheres para serem ouvidas no mês de março, o meu programa já ouviu mulheres o ano inteiro então eu acabo contribuindo para o programa participando do Podcast é delas como Aline do Olhares e aí eu participo vários programas é um mês bem intenso normalmente eu chego a participar eu já cheguei a participar de quase 12 programas no mês de março então assim eu participo sim do programa do da da campanha podcast é delas é uma campanha importantíssima mas eu não participo dentro do Olhares mas eu participo como Aline do Olhares em todos os outros programas que me convidam para participar nos mais diversos temas.

AS – A mulheres podcasters você usa com mais frequência né? Me fala um pouco do porquê, da importância que tem essa hashtag para você.

AH – A #mulherespodcasters ela não é uma campanha né ela é uma ação, uma ação feminista apesar da criadora dela não falar que é uma ação feminista eu dentro da minha pesquisa de gênero e de feminismo eu considero uma ação feminista quase que é um movimento social ou uma na verdade uma ação dentro do movimento social dentro da mídia podcast a dentro do Olhares a gente usa #mulherespodcasters porque é uma hashtag de visibilidade então ela tem algumas funções ela tem a função de divulgar programas feitos por mulheres, ela tem a função de divulgar programas que tenham mulheres participando e ela tem a função de divulgar programas também né então querendo ou não essas três ações conectam mulheres, e conectam pessoas a programas que tenham mulheres e sendo meu programa feito por mulher e com mulheres em 98% dos programas então eu vejo como adequado e necessário o uso da #mulherespodcasters fora isso eu vejo isso como uma ação, uma ação poderosa de mulheres dentro da mídia podcast, uma ação de permanência uma ação de militância mesmo com uma a forma de emancipação de vozes de mulheres né de apoio coletivo porque apesar que de ser uma hashtag e parecer que é só uma hashtag, não é só uma hashtag né. E uma é uma hashtag que une muitas mulheres de certa forma porque essa foi essa mesma hashtag que fez com que se criassem grupos no telegrama, grupos Facebook, grupos no WhatsApp de mulheres que estejam querendo seja apoio emocional, seja uma forma de divulgar os seus trabalhos e buscar conhecimento, seja uma forma de conseguir um apoio técnico ou às vezes um simples é inspiração né de estar em contato com uma mulher que já produz a mais tempo o que é que já tem um conhecimento mais presente já que posso ajudá-la de alguma forma convidando para um programa ou participando de um programa que vai ser lançado ou ajudando na divulgação né então eu acho que querendo ou não a hashtag traz... a hashtag agrega mais do que divulga sabe? Eu acho que eu acho que ela é uma ação extremamente potente assim.

AS – Eu já tô chegando no final e aí a pergunta é você se considera feminista?

AH – Sim, eu me considero muito feminista (risos).

AS – Você se alinha com alguma corrente ou vertente específica?

AH – Eu me alinho com... bem, hoje eu digo que eu sou feminista interseccional, anti-racista gosto muito da militância ecossocialista mas eu acho que eu não... não digo assim que eu milito em alguma vertente especificamente assim sabe aprendo muito com muitas vertentes mas acredito que que o feminismo que eu quero construir um feminismo interseccional anti-racista, anti-classista, ecossocialista que inclui mulheres de diversas nacionalidades, é um feminismo latino-americano que valoriza a história das mulheres latinas do Sul Global, mulheres da África... então é um feminismo muito diferente do feminismo que eu conheci quando comecei a ser feminista e eu tenho muito orgulho disso de ter amadurecido junto com meu feminismo.

AS – Essa pergunta é meio óbvia depois que a gente ficou esse tempo todo conversando sobre o Olhares que era em que medida que esse feminismo reflete no seu conteúdo? Mas eu queria mesmo assim ouvir a tua resposta.

AH – Esse feminismo reflete no meu conteúdo de uma forma anti-racista, de uma forma que luta pela igualdade de classes, que luta pela escuta de mulheres das mais diversas realidades, que me ensina a ouvir essas mulheres, me ensina a não julgá-las e me ensina a ter mais alteridade com as mulheres com realidades diferentes das minhas então isso acaba refletindo e impactando diretamente o conteúdo que eu desejo produzir porque do mesmo jeito que esse conteúdo me impacta em alguma medida isso me ajuda a compreender que ele pode impactar também outras mulheres e outras pessoas que estejam ouvindo o Olhares e esse impacto é muito particular né então vai ter hora que vai impactar umas e não vai impactar outras pessoas mas eu sei que na medida da escuta e da abertura que todos e todas nós temos eu acho que impacta num feminismo mais plural assim sabe? Num olhares mais plural também de falar não só sobre o feminismo acadêmico de classe alta e acesso acadêmico sabe então eu acho que é o jeito que mais impacta é dessa maneira assim é entender melhor sobre lugar de fala e valorizar mais esse lugar de fala, valorizar e também contribuir para que as outras pessoas percebam a necessidade desse lugar de fala.

AS – Agora a última pergunta já que é qual a percepção que você tem do feminismo como um movimento ou teoria?

AH – Ai eu vejo o feminismo como um movimento ou uma teoria tão plural... tão plural e tão diverso as vezes assim... diverso e diversificado né? Como toda teoria nós temos ali os seus antagônicos, temos ali linhas de conhecimento que não se batem né? Que vão de frente mas eu acho que a gente tem que respeitar o lugar do feminismo de cada uma mesmo que não seja o mesmo que o nosso sabe? Porque o feminismo que eu acredito hoje é um feminismo que acolhe muitas mulheres e acolhe também uma percepção de mundo melhor, não só para mulheres mas para todo mundo sabe? Esse é minha percepção de feminismo mas eu sei que essa não é a percepção de feminismo de outras pessoas o que não torna feminismo delas errado. Eu acho que todo conhecimento quando você busca, todo conhecimento quando você se especializa ou quando você está disposta a ouvir e entender melhor você percebe que todo conhecimento ele é crescente ele, ele não para entendeu? Então eu pensei que eu vejo do feminismo hoje é o mesmo é um feminismo, inflado assim... não seria inflado seria um feminismo expandido sabe? Porque inflado dá sensação de vazio dentro mas expandido dá impressão de que eu tô entrando aonde eu não conseguia entrar antes sabe? E um feminismo em constante crescimento eu acho que a partir do momento que nós começamos a inserir não vou dizer inserir mas nós começamos a estar junto de pessoas, mulheres que constroem conhecimento há muito tempo e que o feminismo delas não pode ser desvinculada do nosso mas ele pode ser constantemente agregado eu acho que isso torna o feminismo uma linha de conhecimento em constante expansão para que a gente possa entrar mesmo nos espacinhos que a gente não conseguiu entrar aí no século passado e década de 60 agora recente né aí início do início do século 20, agora no século 21 então assim eu acho que a partir do momento que a gente começou a somar e não se dividir a gente a gente faz o feminismo mais crescente assim. *

ENTREVISTA Nº 04 – “TENHO SENTIDO QUE EU SOU MEIO VELHA PRA ESSAS COISAS”

Áudio disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13aa2KhYsxoqoZ-DC00Df3ukZameEo6LY/view?usp=sharing>

Data: 21 de abril de 2020
Nome: Carolina Brito
Idade: 40 anos
Gênero: Mulher cisgênero
Etnia: Branca Social
Naturalidade: Porto Alegre

Orientação sexual: Heterossexual
Escolaridade: Pós-Graduação completa
Ocupação: Professora Universitária
Estado civil: União estável
Filhos: 0
Podcast: Fronteiras da Ciência

Relação com o podcast

Alice Santos – Eu queria saber se lembra da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast, como foi que você descobriu que podcast existia?

Carolina Brito – Boa pergunta essa daí, vou te dizer que a primeira vez que eu ouvi falar foi justamente sobre o Fronteiras da Ciência. Porque o Fronteiras da Ciência ele começou faz... é tá na décima primeira temporada né e eu não fazia parte do podcast naquele momento mas somos quatro fazendo o podcast, Jorge (n entendi o sobrenome), o Marco (ver sobrenome) e o Jeferson Arenzon e esses três começaram em 2010 o podcast, e eu me lembro que que aconteceu foi que tava morando fora do Brasil na França fazia meu doutorado e pós-doutorado lá e quando eu cheguei no Brasil que assumi como professora na UFRGS eles me disseram que estavam montando um podcast e eu falei meu Deus que diabo é isso né? E eles me explicaram: bom, é isso, e eles me explicaram que era uma espécie de... é um arquivo MP3 que tu pode escutar onde tu quiser e tal naquela época não tinha ainda agregador de Podcast eu não eu não tinha smartphone então tinha que eu vi no carro ainda baixava no pen drive não escutava no carro ou em casa assim mas não era tão fácil como é hoje, mas eu escutei a primeira vez essa expressão exatamente com Fronteiras da Ciência embora na época não fosse ainda parte da equipe.

A – Me fala um pouco sobre o Fronteiras da Ciência, que tipos de assunto vocês tratam lá e qual é a motivação pra produzir esse tipo de conteúdo.

Bom, a gente trabalha essencialmente com ciência e método científico então o que que a gente... o programa começou como eu tava te contando em 2010 ele começou com o objetivo de combater a pseudociência né... Então meus colegas observaram que no Brasil tinha uma uma uma crescente, uma escalada do número de evangélicos isso não é nenhum problema, ser um evangélico mas é um problema no momento em que isso se torna a política né então existia já um número expressivo no Congresso Nacional e já começavam... já tinha bastante fake News assim pseudociência em volta então havia uma necessidade de criar um programa que divulgasse a ciência e trabalhasse as questões de o que que é Ciência o que que é pseudociência e aí no começo do projeto então se falava bastante em pseudociência né, se falava por exemplo, por exemplo homeopatia, se falava por exemplo o Papai Noel, se falava enfim de várias coisas, vários assuntos assim sobre pseudociência e com o tempo o quê o quê a gente acabou fazendo mais é falar de ciência mesmo né porque até porque as pseudociências se esgotam e o que fica é realmente a ideia de tentar explicar e conversar sobre o fato de que a ciência é uma área em construção que tem o tempo inteiro coisa nova acontecendo né então o projeto hoje é assim a gente está sempre conectado no que tá acontecendo no mundo e naquilo que tem sobre Ciência mais próximo da gente, por exemplo agora com coronavírus né então a gente tem obviamente interesse de aprender sobre isso então nós procuramos os nossos contatos que conhecem no tema então a gente faz entrevista virtual com colegas que estão no Rio de Janeiro, tem um colega meu que mora na Inglaterra agora foi nosso último entrevistado e a ideia é justamente assim mostrar a ciência como uma coisa em construção, como alguma coisa interessante e mostrar a enorme diversidade do que existe né porque o nosso o nosso podcast é muito diverso assim a gente trabalha com por exemplo biografia de cientistas, trabalhamos com Arte, história como é que a arte se conecta ciência sobre a questão da Medicina, sobre biologia, sobre física então assim é realmente bastante amplo mas sempre na área da ciência. E a motivação para falar sobre isso primeiro que a gente primeiro que a gente... isso dá muito prazer para nós né hum eu eu aprendo muito em cima da ciência, não só na hora da entrevista em cima da preparação que eu tenho que ter né e sempre a ideia de tá procurando coisa nova então tem uma motivação pessoal que é um grande drive digamos assim, e um prazer mesmo apesar do trabalho que dá é um grande prazer e a segunda motivação é que eu realmente acho que entender o método científico, entender a dúvida né sem entender o ceticismo como é que como é que é como é que eu posso me basear em evidências para para falar de alguma coisa isso para mim é uma questão muito importante de Educação Básica e então assim eu realmente acho muito importante que existam canais e pessoas preocupadas em contar para o grande público como é que como é que é esse mundo né como é que é esse mundo que a gente acaba fazendo entre nós, entre os nosso pares que a gente escreve esses artigos super técnicos que às vezes o meu colega que trabalha no mais um pouquinho diferente da minha já não entende então assim eu como cientista, com uma pessoa que trabalha para universidade pública e quem ganha a vida inteira viveu com bolsa do serviço público, da CNPQ enfim como é que eu posso contribuir para melhorar a educação no Brasil e eu penso que realmente é uma das maneiras é que a gente consiga fazer com que as pessoas entendam um pouco do processo em que a construção da ciência.

A – Qual função ou funções você assume na equipe do Fronteiras da Ciência?

C – Olha, o nosso o nosso grupo nós somos quatro professores né e nós não temos equipe assim de... nós temos, nós somos nós quatro para fazer tudo essencialmente então cada um faz tudo. A gente discute a pauta “ah eu quero falar sobre esse assunto aqui” agora por exemplo né hoje eu sugeri para o pessoal, meus colegas, discutir isso tudo que tá acontecendo aqui na UFPEL né, um estudo epidemiológico pra identificar... identificar o tamanho do problema que é o coronavírus no Brasil. Então a gente sugere pautas nós discutimos geralmente juntos quem seria o entrevistado daquela pauta daí cada um é responsável por organizar inteiramente e editar um por mês né porque nosso podcast é semanal e como nós somos quatro em média dá 1 por mês. Então a gente cria a pauta, nós contatamos o convidado ou a convidada aí a gente entrevista e na entrevista em geral têm mais de um né, às vezes tem só uma mas em geral tem de 2 a 3 da equipe, depois a gente tem que editar o programa, depois é disponibilizar o programa nas plataformas né e colocar no site e alimentar as redes sociais. Então dessas partes são umas coisas que eu não faço é colocar no site o resto tudo eu faço, porque quem e coloca no site em geral é o Jorge Quillfeldt mas o resto tudo cada um faz né. Assim porque nós não temos uma equipe produtora para fazer isso para nós.

A – Quando você pensa sua relação com o podcast, você meio que já respondeu essa mas eu queria explorar um pouco mais, você acredita que a sua relação ela tá mais emocional/subjetiva ou mais profissional/racional?

C – Bom, é uma pergunta interessante mas assim eu acho que tem um pouco dos dois né? Eu... eu tenho um lado... eu realmente gosto muito da mídia, eu escuto muito podcast vou te dizer que a minha principal fonte de informação atualmente são os podcast, não só de ciência mas também de atualidades assim eu consumo muito para qualquer... qualquer tempo livre que eu tenho, quando eu vou correr, quando eu vou lavar a louça, quando eu vou na academia, locomovendo, eu tô sempre ouvindo podcast então tem uma certa paixão por essa mídia né que eu acho que é interessante, tu pode tá trabalhando com outras coisas como lavar louça e correr e ao mesmo tempo escutar uma informação. Eu costumo dizer que o podcast que essa está para rádio assim como o Netflix para televisão, ou seja é um conteúdo sob demanda né? Eu não precisa escutar o que o cara tá me contando ali na hora que eu ligo o rádio mas eu posso selecionar o conteúdo que eu vou escutar então é bem como o Netflix eu posso selecionar aquilo que eu vou assistir, então tem isso, tem uma paixão pela mídia mas principalmente ou talvez igualmente importante é a minha... a valorização que eu dou à ciência né? Eu realmente acho... eu sou uma pessoa que tem uma criança, digamos uma uma confiança muito grande no método científico eu não acho que a ciência seja neutra assim... Aliás, a ciência é neutra mas os cientistas não são mas eu acredito que a ciência tem um tem um processo de limpeza, de auto limpeza das bobagens que vão sendo feitas, que fazem com que no final o arsenal de dados que nós temos é muito confiável então assim por ter essa essa confiança na ciência eu tenho um desejo muito grande de que as pessoas compreendam ela né então assim eu faço realmente isso porque eu acredito muito na importância da ciência como um educador mesmo, então tem um lado profissional que é muito forte nisso.

A – De todo o processo de produção, você já me contou que participa de todas as etapas, quais dessas etapas, ou qual, você acha mais que é mais difícil de fazer?

C – Ai a edição, sem dúvidas. A edição é muito demorada pra tu ter uma ideia nós entrevistamos assim nosso podcast tem 0 minutos né porque nós somos também... nós somos disponibilizados em algumas rádios, a Rádio Universidade aqui da UFRGS é uma delas mas não só aqui, a gente também... nós vamos ao ar no Cabo Verde, e uma rádio Amparo em São Paulo, então assim tem várias rádios que nos redistribuem. Então a gente tem como obrigação ficar nesse tempo fechado de 30 minutos e muito dificilmente nós gravamos digamos 40 que seria ideal se gravar 40 cortar 10 minutos né deixar cortar os “ãnn” aquela coisa assim e deixar o conteúdo, só que em geral nós nos empolgamos e conversamos muito mais tempo com convidado ou a convidada então na prática na média nós temos uma hora de programa que tem que dizer para 30 minutos. E isso leva pelo menos umas 10 horas de edição né? Então isso eu acho muito muito chato. Tem uma parte que é uma parte digamos intelectual que é aquela parte que tu vai selecionar aquilo que tu acha que é retirável sem comprometer o conteúdo né porque imagina tem que cortar metade do conteúdo, mas então tem uma parte que é uma parte importante de definição do que tu acha que é mais importante naquele tópico que tu não vai cortar, mas depois tem uma parte o braçal que é tirar aquela parte do ãn, da gaguejada, da coisa repetida, de aumentar o volume, diminuir, isto eu acho muito chato, muito chato e eu tenho que fazer então essa é a parte que eu mais acho difícil, sem nenhuma dúvida a edição.

A – Você tem algum caso específico de um episódio que foi muito difícil ou que teve muito problema pra fazer e que você sempre se lembra desse episódio que foi muito complicado?

C – Eu não me lembro de um episódio... bom, tem um. Eu me lembro de um que eu achei complicado porque... que era sobre identidade de gênero porque são temas que são... assim, eu trabalho com essa questão de gênero também né eu tenho um projeto chamado meninas na ciência, então trabalho com essas questões e assim ó eu descobri ao longo do tempo que nesse mundo quando você vai tratar desse assunto tu sempre vai ser passível de crítica, alguém sempre vai achar que tu usou definição errada, que tu não abrangeu o suficiente ou que teu convidado não era bom o suficiente enfim então a gente queria fazer esse podcast com uma médica aqui de Porto Alegre que coordena um projeto pró-TIG que é da enfim que é... o primeiro projeto que que do Brasil que trabalhou com as questões de cirurgia para a resignação de sexo e tal, e esse podcast foi difícil porque justamente eu tava preocupada com qual seria a reação do público né então eu me lembro de ter enviado para ela né, pra nossa convidada o roteiro antes, coisa que a gente não faz muito não envia o roteiro em em detalhes Por que em geral a gente tem

medo que o convidado se auto se auto entreviste né e foi o que aconteceu com ela na verdade ela ela dizia Ah então aquela questão lá que tu me colocou, que tu me perguntou eu vou te responder só que o ouvinte não tinha entendido qual era a questão sabe então assim ficou esse... esse foi um podcast relativamente difícil pra mim, depois teve um outro que eu achei difícil também que você fala sobre suicídio um pouco pelas mesmas questões, não pela crítica mas principalmente porque quando a gente grava né Depois eu faço a edição que eu tava te contando então às vezes eu fiquei um pouco na dúvida que tu deveria cortar Então antes de postar no ar eu mandei pro entrevistado falei olha o que que tu acha disso aqui que eu deveria cortar então esses temas que são ou controversos ou que ou que tu pode realmente ao falar disso influencia a vida de alguém né no sentido como é o suicídio ali tem tu que tomar um pouco mais de Cuidado então acho que esses dois foram não digo... foram super legais também de pensar e te fazer mas foram desafios nesse sentido né.

A – Pensando então, sei lá na edição que você falou que é uma parte que você não gosta muito de fazer que você tem dificuldade ou até nas outras etapas também que você achou difícil você chegou a criar alguma estratégia para confortar essas adversidades inclusive que ao longo do tempo foi conseguido pelo menos amenizar?

C – O que que eu faço é que eu vou... que eu edito o episódio aos poucos assim eu não sento e edito ele no mesmo dia então digamos ah sei lá o final de tarde sábado à tarde eu não tô mais afim de trabalhar e também não quero fazer nada assim tipo não tô mais afim não tô afim de correr não tem nada tô ficar em casa mas sem fazer uma coisa muito intelectual daí eu edito um pedacinho. Então eu tenho, eu faço isso eu distribuo essa etapa que eu não gosto em várias etapas e então como na verdade é um por mês que nós temos obrigação de colocar no ar e não é tão difícil né porque tu acaba conseguindo acaba... eu acabo conseguindo fazer edição sei lá divido em quatro cinco, vezes aí não fica muito pesado né gasta uma hora ou duas por vez aí eu acho que esse tipo de coisa ameniza essa parte que eu não gosto né que a edição.

Relação com feminismo

A – Agora eu vou pro último bloco tá esse esse bloco a gente vai falar de questões de gênero mais específicas e aí a primeira pergunta ela é digamos assim, dividida em três tópicos que é você acredita que homens e mulheres possuem as mesmas capacidades, acessos e condições de produzir conteúdo de qualidade?

C – Capacidade eu não tenho nenhuma dúvida que nós temos as mesmas condições dos homens provavelmente talvez existam alguns interesses que não sejam iguais por razões culturais e só para te dar um exemplo né quando eu entrei no projeto alguns temas como fertilidade me interessava então eu fazia essa entrevista, aborto que foi um tema que eu tratei mais de uma vez no podcast e meus colegas tinham menos interesse que eu, então eu acredito que existam alguns interesses que mudem né talvez entre os gêneros assim, mas capacidade de produção de tema eu acho que não tem nenhuma dependência no gênero que nós temos capacidades muito equivalentes agora se tu me pergunta sobre as condições de acesso eu te diria que os dados indicam que não né que as mulheres têm digamos assim um pouco mais de dificuldade de acesso talvez não sei te dizer em termos de acesso agora até pensando nos dados, na verdade os dados mostram que as mulheres no Brasil hoje já tem um maior percentual de mulheres formadas né e esse percentual se reduza à medida que a carreira avança então eu não saberia te dizer se o acesso à informação é o mesmo e essa é uma pergunta que eu não sei te dizer assim estatisticamente falando né porque eu sei te dizer é que existe uma diferença de gênero na medida em que a carreira avança e isso é claro e eu não sei o quanto que isso implica no caso para fazer um podcast né? Isso já não saberia te dizer também assim então realmente é uma pergunta aqui eu não conseguiria... não tô pensando em nenhum dado estatístico na minha cabeça agora que fale em acesso à informação claramente se tu me perguntar o recorte de raça aí a coisa é bem mais grave né porque nós sabemos que os negros são muito menos escolarizados que os brancos né tem muito mais relacionado com a classe mais... com menos poder aquisitivo então claramente na questão da raça existe uma dificuldade muito maior de acesso à informação, com relação a gênero eu não saberia te dizer.

A – Você conhece a podpesquisa?

C – Não conheço quando tu me citou fiquei muito curiosa, inclusive eu cliquei e fui ler sobre ela tô com ela aberta aqui.

A – Expliquei o que é a PodPesquisa. Mas um dado muito interessante da PodPesquisa é o número de ouvintes e aí até a edição de 2019, de 2018, desculpa, a proporção ficava sempre mais ou menos entre 80% de homens ouvintes de podcast no Brasil e 20% de mulheres. E aí na do ano passado que saiu agora em março, o número de mulheres subiu pra 27% mais ou menos. Teve um aumento, que é significativo, porque ao longo de todos esses anos, desde 2008, foi a primeira vez que aumentou tanto, mas ainda assim é muito baixo se você for arrendodar pra 30% mulheres e 70% homens, a diferença é muito grande. E aí eu queria saber se você tem é... se você acha que algo, o que que pode contribuir pra isso.

C – Essa pergunta é excelente assim porque, eu sabia... eu já sabia não pela PodPesquisa mas por um artigo publicado acho que em 2018, eu não me lembro o nome do autor agora mas eu sei que ele é do Dragões de Garagem, Luciano alguma coisa e nesse artigo ele compara os ouvintes do dragões... Tu conhece o dragões de garagem? Talvez tu vá entrevista-los também né? Eu não sei se tu tá...

A – Eu não tenho certeza agora porque é muito grande, mas eu conheço.

C – Tá. O dragões é um outro podcast de ciência né e eles compraram a que tipo de ouvinte tinha o dragões e o fronteiras da ciência e ali o nosso dado era que nós tínhamos apenas 10% de ouvintes mulheres e eu fiquei muito horrorizada com isso porque tu vê né eu tinha a ideia ou então assim a esperança de que a presença de uma mulher talvez fosse mudar um pouco isso eu não tenho dados em função do tempo mas qualquer maneira eu sei que a minha presença não fez com que as mulheres escutassem mais do que 10% né do podcast e assim o que eu penso que poderia resolver, que poderia ajudar é criar um conteúdo que seja interessante para as mulheres tá então eu sei que existem podcasts atualmente tem um chamado Maria vai com as outras que é um podcast da que é da... cujo a host é a Branca Viana e que trata de mulheres no mercado de trabalho então ali eu imagino que o percentual de mulheres seja muito mais elevado a gente está com projeto para esse ano que eu não posso te contar ainda vou ter o prazer de contar depois de um certo tempo quando a gente tiver um pouco mais mais avançado mas que justamente a gente vai falar sobre... um projeto que vão tratar sobre as questões de gênero mas precisamente né gênero mulheres na ciência na verdade então isso eu tenho esperança de que se tu produzir conteúdos que tenham esses assuntos né que digamos assim que possa interessar mais as Mulheres sempre tem mais chance agora me perguntar porque que a ciência não interessa as mulheres eu não saberia te responder porque eu não acho nem que seja isso né a ciência interessa às mulheres, as mulheres fazem ciências mas por exemplo pensando no percentual de mulheres que fazem ciências tá eu sei por exemplo que na área de bio... nas áreas de biológicas há mais mulheres no começo da carreira que fazem ciência do que o homem tá e mesmo assim nosso podcast também fala de questões de biologia e nem por isso as mulheres estão escutando nosso podcast. Então pra mim é uma pergunta interessante será que é o conteúdo que nós produzimos ou será que é o tipo de mídia que não atrai as mulheres? Eu acho que essa é uma excelente pergunta que eu não saberia te responder eu acho que é uma ótima pergunta de pesquisa, inclusive eu vou anotar essa pergunta que realmente é interessante.

A – Você conhece a hashtag mulheres podcasters?

C – Não conheço.

A – Expliquei o que é.

C – Ah que legal. Então quer dizer que tu produz um programa e tu na hora que tu divulga ele tu escreve hashtag mulheres podcasters?

A – Isso. E aí geralmente no twitter elas costumam repostar sabe? Os tweets que tem aquela hashtag. Cria uma comunidade também, geralmente essas mulheres se reúnem em grupos de whatsapp, ou de Facebook pra trocar figurinha mesmo.

C – Interessante, não eu não conheço, é porque eu acho, Alice que eu não sou... bom, também tô chutando mas eu diria que eu sou a mais velha assim no mundo dos podcasts porque o que eu tenho observado é que tem bastante podcaster bem jovem né, assim é uma área que o pessoal jovem produz muito mais então eu tenho sentido que eu sou meio velha pra essas coisas aí por isso que eu não conheço nada disso, mas tô adorando conversar contigo e entender esse processo aí, como é que a gente pode se colocar no mundo.

A – Tem uma outra campanha que essa é uma campanha mesmo que chama o podcast é delas. Essa você conhece? [silêncio] Carolina? [silêncio]

C – Alô?

A – Oi tá me ouvindo?

C – Tô te ouvindo, estou te escutando.

A – Eu perguntei se você conhece a campanha o podcast é delas.

C – O podcast é delas? Também não, hashtag... essa eu já ouvi falar... o podcast é delas mas eu não sei como é que funciona.

A – Expliquei o que é. Eu tinha umas perguntas sobre essas duas... mas como você não conhece então eu vou passar pra próxima tá?

C – Tá bem.

A – Você se considera feminista?

C – Completamente.

A – Você se identifica com alguma corrente...

C – Não sei como uma mulher não é feminista. Ah, uma corrente? Não. Alice assim, o que que acontece, eu aprendi sobre feminismo de maneira muito pragmática tá? Então assim... tu tá me escutando? Alô? Alô?

A – Oi, tô te ouvindo.

C – Tá? É que tava aparecendo disconnected. Então eu não saberia te dizer qual é a minha corrente, pra mim... eu entendi ao longo do tempo trabalhando com essas questões de mulheres na ciência que tem dois tipos de pessoas que não conseguem se classificar como feministas: um - aquelas que não sabem o que que significa feminismo. Dois - aquelas que sabem tanto sobre os detalhes do feminismo que não consegue nem se colocar numa onda feminista né? Aí eu sou só da primeira, da segunda sei lá, mas para mim feminismo é a busca pela igualdade de oportunidades entre os gêneros e nessa definição totalmente pragmática que eu sigo eu não entendo como é que uma pessoa pode não ser feminista eu realmente não consigo entender para mim é uma questão muito óbvia a necessidade de tu ser feminista né, quer dizer tu é meio que obrigatório uma pessoa desejar a igualdade de oportunidades entre os gêneros então assim eu não saberia te dizer que linha eu sou mas eu defino feminismo pragmaticamente assim.

A – Você acha que em alguma medida essa posição política reflete no conteúdo que você produz?

C – De alguma medida certamente. Por exemplo agora eu fui... no último... no último podcast que eu que eu editei que foi agora foi ao ar essa semana, aliás foi ontem ao ar era um programa sobre estudos clínicos randomizados e nosso foco seria discutir os estudos atuais sobre as drogas do covid e eu fiz a introdução eu falei sobre... sobre o fato de que estudos clínicos randomizados é um caso particular de uma coisa mais ampla que se chama estudos controlados randomizados e aí eu aproveitei e fiz o gancho para dizer que no ano passado a houve uma... três pessoas que ganharam o Nobel de Economia usando esse tipo de tudo e que entre esses... essas pessoas do Nobel tinha só uma mulher e ela foi apenas a segunda pessoa do mundo na história do Nobel de Economia ne Então a segunda mulher a ganhar o prêmio Nobel de Economia então eu sempre tento colocar digamos assim sempre que eu posso algum dado com relação a isso né de dizer que tem acontecido historicamente quando tem alguma alguma coisa que sim tá indo que envolve mulher, alguma pesquisa eu procuro salientar a gente faz programas também sempre sempre que tem alguma data comemorativa procuro fazer programa sobre mulheres na ciência por exemplo na Marrie Henry (?) né a gente já fez a biografia dela e eu como eu te comentei antes de alguma forma tem assuntos que me interessam por exemplo aborto né e eu trato de aborto de maneira, de maneira como a saúde pública e tal, mas são temas, são pautas que são relacionados ao movimento feminista né porque de alguma maneira tu busca a igualdade de gêneros, entre gêneros quando tu fala então sim eu acho que de qualquer maneira a vida da gente é uma escolha política na de qualquer maneira sempre que tu faz um programa ou fala de alguma coisa é difícil

desmembrar né que tu acredita e enfim o trabalho então eu acredito que de alguma forma mesmo quando eu não tô falando sobre feminismo, ou mulheres na ciência coisas assim o meu pensamento político tá envolvido está integrado no meu trabalho acho que isso é difícil de desintegrar felizmente no caso. *

ENTREVISTA Nº 05 – “AS MULHERES QUE ATUAM NA INTERNET ESTÃO SATURADAS DE SOFREREM HATE”

Áudio disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1fTaRbDf9JG0HIDkeH9CtzoA0NGRH6gJE/view?usp=sharing>

Data: 22 de abril de 2020

Nome: Rosenilda Aparecida de Azevedo (Nilda Alcarinque)

Idade: 52 anos

Gênero: mulher cisgênero

Etnia: Branca

Naturalidade: São João do Ivaí

Orientação sexual: Heterossexual Escolaridade:

Ensino Médio Completo

Ocupação: Servidora pública do judiciário

Estado civil: Solteira

Filhos: 0

Podcast: Papo Lendário

Relação com o podcast

A – Você se lembra a primeira vez que você ouvir falar sobre podcast? Como que como conheceu essa mídia?

N – Um amigo em comum... um amigo, me falou... um dia nós estávamos conversando sobre Tropa de Elite o filme, o primeiro filme ele falou que tinha um podcast que tinha feito uma análise tal de me mostrou que que era mesmo assim eu relutei um pouco em... em escutar porque eu não tinha visto ainda a Tropa de Elite quando eu vi o Tropa de Elite eu pedi para ele o link como é que eu fazia para escutar aí eu fui para escutar isso deve ter sido entre 2007/2008 né que quando saiu o filme.

A – Eu encontrei o podcast que você faz parte que é o papo lendário né isso? Do mitografias?

N – Isso.

A – Eu encontrei pela Podpesquisa pegando os podcasts que as pessoas colocaram como os que elas mais escutam e aí eu fui selecionando os que tinham mulheres na equipe. E eu queria saber se você tá na equipe de algum outro podcast ou só no papo lendário.

N – Não, não só tô no Papo Lendário.

A – Me fala um pouco sobre os conteúdos que vocês trabalham lá e de onde que surgiu a vontade em você de produzir conteúdo sobre esse tema.

N – Ah então... repete a primeira pergunta, Desculpa.

A – Os temas tratados no papo lendário, sobre o que que vocês falam?

N – Tá, papo lendário ele faz parte do projeto mitografias que é um site que a gente discute mitologia tá só que não é só mitologia grega e com o tempo que já tem 10 anos fala muito de religião, o segundo né o co-fundador do site que é o Pablo ele é Psicólogo, o site não foi fundado... eu não estou nele desde a fundação eu tô apenas sete anos lá o site, podcast é mais antigo que isso mas já tem 10 anos. Então nisso a gente fala de psicologia, também tudo mais mas é micrografia, psicologia, religião alguma coisa de Cultura pop que se adapte a esse tema né e às vezes até algumas polêmicas que começa a surgir na sociedade a gente tenta às vezes tratar de buscar mitos e histórias e lendas sobre aquilo né. Trabalhando bem em cima disso do... eu falo eu gosto de trabalhar porque a gente não trabalha diretamente com qualquer problema social, qualquer tema direto que está acontecendo mas com imaginário em cima disso sabe? Do que a sociedade pensa, tanto que o podcast mudou muito até a opinião dos podcasters mudou muito nos últimos dez anos conforme a gente foi analisando a sociedade através de mitos assim sabe? É bem interessante fazer isso.

A – E aí como foi essa sua entrada pra essa equipe?

N – Então, eu já tava escutando vários podcasts há um bom tempo, escuto o papo lendário praticamente desde o começo e um dia eles fizeram um... o Leonardo né que é o fundador fez uma chamada que ele tava querendo alguém que escrevesse resenhas de livros, que indicasse alguma coisa e eu tinha notado nos comentários e às vezes conforme eles faziam o podcast quando as pessoas faziam perguntas né que o pessoal tinha uma falta meio assim de base né, de base da mitologia então as vezes se você falava alguma coisa eles falavam entendia depois eles iam responder perguntas do... que vinham através de e-mails então você via que as pessoas não sabiam às vezes alguma coisa que eu considerava básica, mas a pessoa para ela, ela não sabia aí eu me ofereci para fazer resenha de livro só que livro assim... a maior parte dos livros que eu resenhei são livros bem introdutórios da mitologia sabe é para pessoa começar. Comecei com mitologia grega mas aí eu fui procurar mitologia iorubá fui atrás de mil e uma noites algumas coisas assim para tentar apresentar. Eu fiquei uns 3 anos fazendo isso mas logo no primeiro antes eu completasse de um ano já me chamaram para participar no podcast eu relutei um pouco mas eles insistiram aí eu comecei a participar a primeira gravação sobre guerra de Tróia fazer coisa vai bem padrão assim né vamos falar de mitologia grega guerra de Tróia sabe foi... foi... mas foi bem interessante porque foi como eu comecei mesmo né e aí foi indo no início só gravando, agora já ajudo a fazer pauta e como eu tenho eu uso bem o Twitter eu meio que faço a propaganda oficial, assim fico chamando o pessoal tem pessoas que entram em contato às vezes comigo primeiramente, entram em contato comigo depois vão para o podcast.

A – Falando sobre essas atividades que envolvem a produção do podcast me conta um pouco mais sobre quais que você assume se tem alguma que você não faz mas gostaria de fazer.

N – Eu faço pauta né? Ajudo no planejamento anual né e um pouco de divulgação nas redes sociais. Além disso quando tem eventos, nós não fazemos eventos próprios mas não temos equipe para isso e a nossa equipe é muito espalhada também né não temos uma equipe centralizada numa cidade, temos o Léo é de São Paulo, eu moro em Jandira que é na grande São Paulo mas não é assim também a casa dele não é tão difícil chegar mas é pelo menos uma hora e meia, dois outros mesmos são de Curitiba o Pablo e A Mada, já tivemos membros do Nordeste aí acho que a única pessoa de São Paulo do centro de São Paulo é a Ju, a Juliana que é de São Paulo, então assim a equipe ela é muito espalhada, então nós não fazemos eventos próprios mas quando tem algum evento na capital que a gente acha interessante ou que eu acho interessante eu vou aí eu levo os cartões do podcast Sabe assim conforme for eu encontro as pessoas ou às vezes em alguma palestra alguma coisa assim que me chama eu faço ne nessa ligação, ne essa propaganda, ne esse marketing é uma das coisas que eu faço, todo mundo que faz isso também né conforme vai participando de coisa assim e até quando eu gravo outros podcasts fora do papo lendário porque eu não faço parte de equipes, mas de repente às vezes o pessoal do leitor cabuloso alguns podcast lá, quer falar de um livro e me chama hoje uma pessoa me chamou porque eles vão gravar alguma coisa falando de dragão eles queriam que eu participasse sabe então a gente acaba... daí você participa, nisso você faz propaganda do podcast então né vira numa face da equipe.

A – Sobre a edição, essa parte assim mais técnica você já fez eu teria vontade de fazer?

N – Não, eu não eu nunca fiz eu até já tentei mexer um dia mas eu achei muito chato aqui meio complicado, eu achei complicado principalmente porque os programas editores a maioria deles tem muitos termos em inglês, então às vezes você vai pegar um tutorial fala não se fazer um fade out é isso e aí mas o que que é isso? Não pega aqui para você fazer tal coisa sabe eu peguei uns tutoriais tá falando para fazer isso aqui mas o que é isso aqui sabe^o e eu não sou... não sou falante, não leio em inglês, eu pego tudo e traduzo no Google Tradutor mas para esse tipo de coisa não resolve muito aí como não tinha intenção de ter um podcast próprio, eu nunca fui atrás da edição e assim eu não sobrevivo, eu tenho meu trabalho que me garante minha vida então nunca foi atrás de edição também que muita gente tem podcast e trabalha fazendo lição para outras pessoas mas eu não me interessei.

A – Passando para a próxima pergunta, quando você pensa sua relação com o podcast você acha que ela é uma relação que ela é mais emocional e subjetiva ou profissional e racional?

N – Emocional e subjetiva, bem mais isso.

A – Explica para mim um pouco assim com exemplos mesmo, de situações.

N – Assim, comecei a ficar mais ativa e aí não é só gravando havia uma época que eu comentava muito em áreas de Podcast, vários podcast e no papo lendário não passava um episódio sem que eu comentasse as coisas então eu me envolvi um pouco com os podcasts porque eu gostava, era uma coisa que agradava, me traz não só conhecimento como também diversão, podcast de humor então é uma coisa que realmente eu faço porque eu gosto, eu não tenho ele como um objetivo na vida tal, eu sei o quanto ele me trouxe de crescimento pessoal, eu sei o quanto ele me trouxe de conhecer pessoas sabe, eu consigo avaliar isso eu consigo fazer uma avaliação de como que tá o podcast hoje em dia no Brasil se tem mais tendência a crescer, a influência ou não do Spotify assim por cima porque eu não sou uma estudiosa, mas eu consigo entender porque eu tô no meio mas não é uma reação relação que eu possa dizer assim objetiva, ah é o meu objetivo é esse aqui vou até o final não é, não é ta. O máximo de objetivo que eu posso dizer que eu tenho que eu percebi que eu posso passar boa parte dos conhecimentos que eu adquiro, as coisas que eu estudo por conta própria através do podcast é o máximo se for dizer que seja uma coisa objetiva transmissão de conhecimento e de experiências.

A – De todo esse processo de produção de Podcast, de fazer a pauta, gravar, edição, divulgação para você qual ou quais dessas etapas é a mais difícil de fazer?

N – Pauta. Pauta e o planejamento, por exemplo eu falei a gente comecei a falar de mitologia grega e tudo mais, as mitologias europeias são muito fáceis de você encontrar por aí traduzidas, análises até coisas erradas, polêmicas em cima delas, as brasileiras você encontra, mas nem tanto tá porque tem todo aquele preconceito ah não, não é mitologia é folclore. A Mitologia indígena você tem que ir que atrás de escrito de antropólogos para ver se dá sorte de encontrar algo que interessa porque o antropólogo as vezes ele tá analisando uma coisa que não tem nada a ver com o que é o interesse do meu podcast que é contar o mito, analisar o mito, comparar isso e às vezes um antropólogo tá querendo ver outra coisa, então você tem que ir... então você fazer toda essa pesquisa vai quando eu fui fazer algumas coisas sobre Mitologia iorubá sabe? Primeiro que você tem que descobrir de que país que é o que você vai trazer, África não é um é um país né se tem que pegar aquela coisa correta, aí de repente você vai trabalhar com Umbanda e candomblé existem coisas diferentes tanto no momento a gente já conseguiu trabalhar na parte de umbanda parte que realmente trata mais de orixás mas a gente gostaria de trabalhar com a Umbanda mais... ou candomblé mas Angola que tem uma outra dinâmica, um outro... não são, não é tão conhecida, não é tão espalhado e justa... Mas como é oral, muito oral você tem uma certa dificuldade para pesquisar isso mas a gente consegue pesquisar só que demanda pesquisa não vou entrar falando qualquer porcaria e o Léo também não colocaria, então as vezes você realmente, a gente tem muitos episódios a até gravamos novamente sobre mitologia europeia porque as outras mitologias não são tão fáceis porque elas não são tão vendáveis sabe, se encontra um monte de dicionário etimológico da mitologia grega lindo, dicionário etimológico da mitologia Tupi cadê? Não tem. Então assim, esse outro você acha, você baixa aquele outro tem que ir atrás porque não é uma coisa tão comum, eu escrevo mitologia numa pesquisa pula Grécia pula, Vikings na minha cara às vezes sei lá Egito talvez se você procura um pouco Mesopotâmia. Aí lá embaixo nossa tem Índia aqui você acha na décima página do Google sabe é bem isso né então é uma pesquisa que é um pouco não é só mitologia qualquer pessoa que tem um podcast a mais tempo vai falar se você tenta falar um tema que não é o tema da moda, o tema que todo mundo fala, você tem que pesquisar um pouco mais. Então fazia falta e fazer a o planejamento do ano e fazer a pauta é o mais difícil mas também é o mais prazeroso porque sei lá você lê 2, 3, 4 livros depois você grava uma hora uma hora e meia no máximo de áudio você não consegue passar tudo aquilo mas tudo que a gente passa a gente tem certeza que tá falando ali né não é sabe assim tem alguma base né ou pelo menos ou às vezes a gente tem que encontrar um entrevistado que tenha base hoje em dia nem tanto porque o podcast popularizou, cinco anos atrás você falar vamos gravar podcast. vamos gravar o quê? Podcast. Não, o que é isso? Sabe? A pessoa não tinha um microfone, a pessoa nossa a gente fez umas gravações assim que o áudio saiu bom não sei como, mas a gente conseguiu fazer mas era uma coisa que não era tão conhecida né e ter um headset em casa para o filho jogar videogame não é todo mundo que tem né, não é todo mundo que tem um filho Gamer em casa para gravar, tem alguns professores universitários que são difíceis para você conseguir marcar com eles, tem um que a gente tá tentando há uns 5 anos e não conseguimos até agora, é difícil.

A – Nesses processos assim de pesquisa de montar a pauta, até de agendar com o entrevistado você conseguiu ao longo desse tempo desenvolver estratégias para contornar esses problemas?

N – Fazer pesquisa assim a gente vai aprendendo com o tempo, você vai indo atrás você passa a conhecer mais nomes e termos né isso facilita você encontrar pesquisa, você já vai olhando alguma coisa assim, por exemplo sobre umbanda e candomblé as vezes você pega um livro assim e só de dar uma folheada, você olha e fala hum isso aqui não é sério né, de primeira você já começa a ver que isso não é então isso é um conhecimento que você tem, que você vai adquirindo às vezes erra bastante. Para convidados, um pouco de insistência e uma coisa que quem me deu a dica quem deu um pouco a dica assim chamou atenção foi o senhor Baço do covil geek e lá do leitor cabuloso, até foi por isso que ele e a Domenica fizeram a campanha podcast é delas muito em cima disso, eles falaram que eles tinham dificuldades para encontrar entrar mulheres para gravar com eles porque o podcast deles eram de dois homens e as mulheres se recusavam mais e quando a Dominica chamava para o podcast dela as mulheres aceitavam mais rapidamente. O Leonardo disse que ele depois que ele começou a reparar às vezes ele fazia, fazia convite e ninguém vinha ele chegava pra mim “Nilda tenta falar com a pessoa tal tal tal e-mail, não tô... ela não tá me respondendo nem nada” teve uma pessoa que eu mandei isso no mesmo dia ela respondeu não eu quero tudo mas eu já tinha mandado 4 e-mails para ela não tinha respondido por que? Porque a internet é muito útil para com mulheres e assim eu fui ver o histórico dela ela tem né canal, ela... ela é ativa há muito tempo já com divulgação Científica e assim ela recebe uns hates pesadíssimos, então eu acho que ia ser meio difícil ela responder homem sabe assim chegando do nada que você não conhece na época ela não sabia o que era nem podcast ela sabia direito que era mas ela sabia o que era YouTube e tal e a hora que eu fui ver eu falei gente... não é atoa então assim uma coisa que a gente percebeu que se você tem uma mulher na equipe do podcast pelo menos uma ajuda a fazer esse... essa ligação com outras mulheres para serem entrevistadas, para participarem e tudo o mais, se você não tem nenhuma isso dificulta bastante porque as mulheres que atuam na internet estão saturadas de sofrerem hate de... eu conheço uma podcaster atual que ela gravou dois podcasts né com outra pessoa e desistiu, ela tinha um outro projeto podcast, ela desistiu porque era com dois homens e eles praticamente não deixavam ela falar ou com... como é... questionavam tudo que ela tava falando né então assim ah parece que o cara é amigável vamos gravar junto com mulher só que tem... e tem muito podcasters que às vezes quer fazer né ah vamos fazer podcast cm mulher e eles não percebem que não deixam a mulher falar, ou que diz... começam a questionar tudo que a pessoa... que a mulher fala para depois ir lá e repetir o que falou essas coisas básicas de mulher né? então uma estratégia que a gente desenvolveu é... quando a gente vai convidar uma mulher normalmente sou eu que convido. Eu sei, eu sei é meio estranho isso mas a gente percebeu que dá mais certo né fazer isso a não ser que seja uma pessoa que o Léo ou Pablo e a Mari já conheça pessoalmente sabe mas se é uma pessoa estranha a gente... é uma estratégia. Não sei se isso ajuda na pesquisa.

Relação com feminismo

A – Ajuda. Passando já pro último bloco tá? A primeira pergunta e aí é meio que... ela fala de três eixos, ela fala se você acha que homens e mulheres possuem capacidades, acessos e condições de produzir conteúdo na internet de forma igual. Assim, você acha que pensando nesses três pontos: capacidade, acesso e condição homens e mulheres tão em igualdade pra produzir conteúdo na internet?

N – Bom, capacidade sem dúvida nenhuma, todos têm condições iguais de produzir conteúdos dos mais variados possíveis, mas... de todos os tipos. Condições... é capacidade, condições?

A – E acessos.

N – Tá. Condições... não, tá? E aí por vá... por motivos vareados. Bom, nós... A maior parte das mulheres por muito tempo foi desestimulada a usar a internet, de utilizar coisas de... de tecnologia. Condições de tempo mesmo eu lembro que até eu fiz até uma discussão há um... 2014 eu me lembro muito bem isso porque foi feita uma pesquisa e só 11... só 11% dos ouvintes de podcast no Brasil eram mulheres e tinha... tinha produtora, sempre teve produtoras desde o início do podcast do Brasil sempre teve produtora mulher mas sempre quantidade pequena e discutindo isso com o pessoal a gente... eu falei gente mas vocês já olharam como é que é a mulher ela tem que cuidar da casa, limpar a casa, cuidar do filho se sobrar tempo ela vai fazer podcast. O homem no máximo faz a compra, dá uma ajuda na casa e vai. Ou como muito podcast começar... você pode pegar muito podcaster quando começou não era nem casada, às vezes nem namorava nem nada, morava na casa dos pais você acha que eles faziam algum serviço doméstico? Nenhum ou muito pouco... muitas... Então os homens têm mais tempo de ficar

editando, de ficar procurando de ficar pesquisando, de ficar gravando horas e horas as mulheres normalmente... A não ser, sei lá, algumas que ainda estão solteiras, morando com o pai tem uma condição financeira melhor mas nós temos podcast... bom.. os primeiros podcasts femininos, né femininos que eu comecei a escutar era o Monalisa de Pijamas e parte... ele acabou em parte porque duas das... das.. das mulheres que participavam começaram a ficar sobrecarregada com um podcast porque ele começou a fazer sucesso, o pessoal chamaram... sabe querer interagir em mídias sociais só que elas tinham filhos, uma teve... ficou grávida e teve filho no... durante ne... esse processo... durante a época que o podcast é... existia. Ela praticamente sumiu do podcast porque ela não tinha condição de dar conta de um bebê e gravar né... então você... Mulheres não têm as mesmas condições tá? Assim esse eu tô falando simplesmente... é um deles... elas não têm as mesmas condições físicas, materiais né. A terceira é oportunidades?

A – Acessos.

N – Acessos?! É também tem menos acesso. Hoje em dia você tem toda uma campanha para aumentar esse acesso até porque com o crescimento da... da mídia aqui no Brasil comercialmente as maio... Boa parte das empresas não querem mais um podcast... podcasts ligados apenas a uma imagem masculina, nerd e de machões entendeu? Só homem apesar de ser a maioria não é uma imagem que convém ao Spotify vender. Então você tá aumentando e tem várias iniciativas para aumentar essa... essa participação que as próprias podcasters mulheres começaram a fazer, porque a gente começou a perceber... Nós começamos a perceber que a situação tava complicada né... Junto com isso começaram a surgir também os movimentos de podcasters negros, LGBTQI tudo mais. Sempre existiram podcasters negros mas muitos deles não se identificavam como tal eu escutava um de cinema que seis meses antes de acabar que eu descobri podcaster era negro porque ele não colocava foto... monte de coisa de repente ele “não porque eu também sou negro” aí sabe assim tipo aquele como assim? Isso vem aquele né que ele... todo mundo sempre fala, assim você precisa identificar a pessoa como negra porque nosso cérebro padrão é branco né? Infelizmente. Então tá tendo todo movimento desse na esfera nacional graças a Deus isso já estava acontecendo antes e segundo o Spotify mas é com isso conseguiu dar uma ampliada ainda é pequeno mas não são... não são as mesmas é... sabe a gente não tem as mesmas condições, nem é... sabe? Não é... Não é uma igualdade plena, é uma igualdade muito... mas isso é estrutural da sociedade sabe? Não é porque o meio é ruim para isso. Isso é estrutural uma coisa por exemplo você... a gente sabe e isso já tem estudo que a maior parte dos microfones, equipamentos de gravações são mais é... balanceados pra voz masculina você tem que entender um pouco disso pra voz feminina ficar agradável, como a maior parte nós não entende disso... no início muita gente reclamava que voz feminina era desagradável de ouvir mas isso tem a ver com os equipamentos virem naturalmente balanceados pra homens sabe assim? E aí com o tempo a gente foi percebendo e aí você coloca coisa e hoje em dia se... nas conversas se fala “olha esse microfone fica melhor para nossa voz...” sabe? É... Sabe assim é coisa que você não pensa e de repente escuta ah mas ele já vem adaptado para voz mais é... grave que é do homem você tem que mexer aqui um pouquinho pra a voz aguda não ficar desagradável, desagradável pro padrão de gravação mas eu por exemplo eu não ligo pra isso eu nunca fiz uma adaptação desse tipo pra mim essa é minha voz você que escute tá? porque eu acho que tem também, tem que se adaptar a voz feminina sem torná-la agradável ao ouvido do homem. Né, não sei se você consegue entender.

A – Eu consegui entender. É... Minha Próxima pergunta quando você pensa a podosfera no Brasil, em geral e aí depois você pensa nesse grupo só das mulheres que fazem podcast. Qual a diferença entre esses dois ambientes assim para você como mulher?

N – Hã.... Eu acho a podosfera feminina um pouco mais acolhedora. Pelo menos no momento atual... tem problemas né... relacionamentos são difíceis mas eu acho ela um pouco mais acolhedora. A maior parte das produtoras femininas atualmente tentam ser mais inclusivas tá não vou dizer todos nós a maior parte delas tenta pelo menos ser mais inclusivas aí não só a questão feminina mas também a questão financeira, a questão negra, a questão LGBT. Ah... mas assim a podosfera no geral no Brasil ela tem um mal de que ela é um ambiente da Classe B ou C mas a C mais alta e com um padrão de vida um pouco melhor e mais do que isso, você tem pouca gente... tinha pelo menos até... tinha pouca gente de periferia ou que se identifique como periférico na... na podosfera. Eu sei porque às vezes tinha vários podcasts que eu escutava antes e as pessoas começavam falar de uns problemas e assim... Ah, não sei problema

sabe assim... a pessoa reclamando ah porque eu... sabe na sexta-feira à noite o pessoal sai para beber... esqueci o nome... sai do trabalho para beber...

A – Sim, happy hour.

N – Eu nunca tive isso. Happy hour, sim imagina... No máximo, no máximo sei lá, marca um bar à noite mas não é na sexta-feira necessariamente, normalmente só entre os homens do trabalho ou uma churrascada na casa de alguém ou na laje de alguém, é o meu ambiente... é o meu ambiente. Assim, financeiramente eu até sou classificada como classe B, mas eu moro na periferia, fui criada aqui entendeu sabe 40 anos... vim pra cá como migrante, 40 anos aqui sabe... o meu... a minha vida é outra e você pode ver uma parte da podosfera é... pertence é... pelo... No mínimo culturalmente a um estrato da sociedade que é o da classe média para cima e com isso as consequências um certo elitismo, um certo não compreender as dificuldades do... do... de quem não é dessa parte ne do Brasil.

A – E aí, pensando é... assim não precisa você me dar uma resposta definitiva, nem totalmente aplicável assim... mas o que que você pensa que poderia ajudar a solucionar essa... essa falta de acolhimento pra mulheres e outras minorias na podosfera?

N – O que ajuda a melhorar realmente é você tomar a fren... é querer melhorar e tomar atitudes para querer melhorar sabe? E nisso escutar o que essas pessoas têm a dizer quando essa pessoa fala olha a minha internet é uma merda porque aqui na periferia nem que você tenha dinheiro para pagar você não consegue internet boa é que você realmente tá falando que a sua internet é uma merda sabe? Quando você fala que tá sem dinheiro para ir aí para o evento que você vai fazer na Vila Madalena eu não tenho como bancar ir aí é entender que não ter dinheiro as vezes é não ter dinheiro pro ônibus muito menos pra pagar 50 reais num hambúrguer, então assim... isso que eu tô falando é umas coisas... mas o fato é que você tem que querer escutar isso. Como eu falei da iniciativa do Podcast é Delas foi uma iniciativa ó tem pouca mulher participando... ah tá a iniciativa é em março, tudo mais mas depois disso nossa... hoje em dia já... já fazemos o planejamento do nosso podcast pensando qual epi... o que que a gente vai falar em março nesse... dessa campanha sabe? Você já co... eu sei que vai é... vai ter algumas outras campanhas é... pra inclusão de podcasters negros, ou LGBTs... A partir do momento que começar a ter algumas campanhas mais consolidadas, sabe algumas iniciativas nesse sentido, a gente tem que começar a fazer, a começar a listar, começar a anotar na nossa agenda lá tal, a gente vai entrevistar tal coisa ah, tem uma mulher, ou tem um negro pra falar disso sabe? Você tem que começar a ir atrás, é meio difícil é trabalhoso, é muito fácil você sabe... não fazer isso. Chamar o primeiro que... que... que te aparece mas você pode dar esse trabalho que eu falei que a gente faz o planejamento, a gente tenta fazer isso. Nós temos graças a... né? Um trabalho antigo, Leonardo e Pablo sempre fizeram questão de ter uma participação feminina no podcast, antes de mim tinha... teve a Jéssica que participava no podcast, é... sempre procurar né fazer uma variação, não ficar naquele mesmo clubinho sabe ou só homens falando, só pessoas com dinheiro falando, só a classe média alta falando você realmente ir atrás pra trazer e tá preparado para errar, vai errar também aí você pede desculpa a pergunta e muda. Aí eu errei todo mundo criticou... pergunta o que fez errado, como que eu remedeio isso, como é que a gente vai fazer para resolver esse problema, pra melhorar para outro ano que é um aprendizado também.

A – Você já tinha me falado que você conhece os dados da PodPesquisa né? Que você citou a de 2014 e assim dos últimos anos, aquela proporção de homens e mulheres ouvintes não mudou muita coisa, no resultado desse ano subiu para 23% ou foi 27% algo assim de mulheres ouvintes que ainda é um número muito baixo né? E aí também uma pergunta que não precisa dar uma resposta assim científica, embasada, mas é de vivência mesmo que que você acha que causa esses números de tão poucas mulheres ouvintes?

N – Eu acho que o que causa né... o que causa isso é falta de interesse em trazer mulheres pra ouvir. Assim eu vou dizer que eu comemorei os 27%, em 2014 eram... eram 11% aí 2019 subiu se não me engano para 16% quer dizer num... num período de 5 anos... 5 anos não subiu quase nada era uma subida mínima né só que nesse período já tinha ouvido alguns esforços para melhorar né aí depois dessa crescida 2019 não, acho que foi 2018 que teve a anterior, assim eu comemorei por que apesar das coisas mais mulheres participarem mais mulheres deixaram de ter medo de responder a pesquisa e de aparecer também como ouvintes de podcast né, porque você tem podcast grandes aí, antigos que as mulheres têm medo de dizer até que houve por que tem tipo quase uma seita em cima né da... da... dos fãs das... das pessoas e a você né é um ambiente tóxico na área de comentário de alguns podcasts, tanto que alguns

deles inclusive grandes desativaram porque eles não tava mais conseguindo controlar aquilo, eles tavam vendo o quanto aquilo era prejudicial mas isso é uma coisa estrutural e estrutura você só muda lutando pra mudar a estrutura, você vai ter que ter mais mulheres... como a maior parte das mulheres são os provedoras do lar que cuidam... as que tem que cuidar da... da.. de prover o dinheiro, cuidar das crianças, cuidar da casa arrumar, cuidar do pai, cuidar da mãe é... fica difícil você tem mulheres ouvintes quando elas nem tempo tem para ouvir e às vezes não tem internet pra ouvir, não tem celular eu brigava muito no começo da coisa porque muitas... por exemplo eu tinha problema com o feed que a pessoa não consegui entender... a pessoa fala não você pega e sincroniza eu não conseguia entender o que eles tavam falando até o dia que eu entendi que ele só falava aquilo porque eles tinham acesso ao wi-fi em casa e no trabalho eu não tenho wi-fi em lugar nenhum então assim as pessoas falavam como é que você não acessa desse jeito eu falava mas eu baixo tudo no computador pega um cabo e passo pro celular não usa feed porque você não pode fazer eu falei mas eu não vou ter que fazer a mesma coisa? E isso é a diferença de classe social sabe a pessoa não consegue entender que existem pessoas que estão ouvindo o mesmo que você, leia os mesmos livros que você, mas não tem wi-fi. Eu não tinha wi-fi, fiquei muito tempo sem ter porque eu não tinha realmente necessidade de ter o wi-fi, eu não achava necessário ter o wi-fi eu comecei a achar necessidade de ter wi-fi quando eu comprei uma televisão e eu quis passar as coisas para assistir na televisão tela grande, antes... antes disso pra que precisava de wi-fi né e isso eu tô falando isso do... do coisa porque numa discussão e eu demorei a perceber porque que as pessoas não entendiam e elas não entendiam porque elas viviam em outra realidade, eles não conseguiam conceber uma realidade em que as pessoas né e isso é interessante porque nós temos isso no Brasil, se você tem um certo formação intelectual ou tem os mesmos gostos as pessoas acham que você tá no mesmo nível financeiro que todo mundo e às vezes você tem o mesmo gosto, você gosta da mesma coisa mas o seu nível financeiro ou o seu local que você mora é outro não tem nada a ver com aquilo que você tá falando e aí é um dos problemas de tipo a gente tem muito podcasters no Sul e Sudeste e tem pouco podcaster do Nordeste ou pior nós achamos que temos poucos podcasters do nordeste porque tem muito... tem pra lá só que muitos deles sequer sabem por exemplo da existência da associação Brasileira de Podcast, de PodPesquisa de outras coisas porque eles estão sabe num outro... tão desligado o norte e o nordeste do Sul que às vezes não se conversam aí você não sabe que existe.

A – É... você conhece além... Oi?

N – Eu falo muito, desculpa (risos).

A – Não, não, tá ótimo. Além da... do podcast é delas, você também conhece e utiliza a #mulherespodcasters?

N – Sim, sim, uso também. Uso muito inclusive.

A – Me fala um pouco da... dessa... da relação dessas duas ações né? Como que na produção do seu conteúdo você dialoga com essas duas ações?

N – É... Vou dizer que dialogo muito bem. Porque são duas ações com o mesmo objetivo só que agem de formas distintas. Uma é incentivando a produção, criação de alguns Episódios o outro é divulgando podcasts que tenha mulher, participação feminina e tudo mais é uma ação mais a longo prazo é mais efetiva no Twitter e no Instagram né que ela é mais para redes sociais, mas a Ira ela consegue articular muito bem porque é a área dela, ela consegue tirar também da rede social e colocar isso em palestras, em outras coisas mas eu consigo dialogar bem porque são... são ações com... ações diferentes mas que não são antagônicas sabe, são modos diferentes de agir com o mesmo objetivo aumentar a participação feminina, porque por exemplo, muito podcaster reparou que tem um alcance grande a hashtag e aí alguns tentaram e ouvintes perceberam se usar hashtag sem ter mulher e já... nisso a mulherada já percebeu porque a gente conversou, já começou bloquear já... sabe? começar aquela coisa a gente perceber o tipo de pessoa que é esse tipo de pessoa não conseguiu mais nem convidadas porque todo mundo viu a pessoa como desonesta a priori certo, então piorou pra... pra ela, pra es... pra este ser né? Mas isso também foi um sinal de que o cara... estão percebendo essa hashtag e isso tá dando resultado então a gente vai ter que trazer mulher para cá e é isso né vai aumentando. Aí mulheres que escutam e que dão preferência escutar outras mulheres também vão atrás para ouvir, eu acho que são duas ações que elas surgiram praticamente ao mesmo tempo por pessoas diferentes, pensando em lugares diferentes mas todas pensando em aumentar a participação e a promoção porque também a mulherespodcasters é pra

aumentar a promoção que você tinha muita gente que as vezes falava ah não tem mulher podcasters... não! Tem, tem mulher aí há 15 anos produzindo podcast, tem sim muita a mulher a gente tem que dar visibilidade então enquanto um incentiva a participação né o outro incentiva a visibilidade eu acho que os dois vão caminhando junto e fazendo tudo crescer.

A – Tá chegando já no final e aí eu queria saber se você se considera feminista?

N – Difícil. Difícil. Por muito tempo... um tempo atrás eu tava me considerando feminista mas eu vi que eu não tenho praticamente base teórica nenhuma em cima do feminismo. Atualmente eu digo que eu sou uma feminista em construção, tenho muito pouca base teórica tudo então sabe? Eu percebi que as vezes eu tava fazendo algumas besteiras, eu não tava entendendo direito, então eu tô começando a ler um pouco sobre isso mas uma pessoa me falou você não tem teoria mas tem prática né? E aí eu vou pegar minha história de vida, tem uma certa prática de brigar né por...pelo... pra incluir mulher não só não na podosfera mas em outros lugares né? Até no trabalho, essas coisas assim tentar diminuir o machismo isso eu sempre tentei fazer mesmo que inconscientemente porque uma coisa que eu nunca suportei muito é isso de homem querendo ser superior ou falando mais alto essas coisas né? Eu só não tenho base teórica, eu praticamente não tenho teoria nenhuma em cima disso então eu tô procurando ler e ouvir mais sobre isso para tentar não falar muita besteira, dizer... me dizendo feminista sem sabe... e não saber nem o que é empoderamento, se isso é um termo válido ou não, essas coisas assim.

A – É... Assim, mesmo que você não diga de fato que é ou que é feminista em construção de alguma forma é... essa posição política se reflete no conteúdo que você produz?

N – Sim, sim se reflete.

A – De que maneira?

N – Principalmente nos últimos três anos. Ah... por... pra não deixar passar conteúdo extremamente machista né, como eu disse a gente faz análises né mitologia e aí eu tenho procurado muito mais como diz algumas re-interpretações não são.... ou releituras de... de histórias, de Mitos de interpretação, que tenta mostrar um pouco que por exemplo uma coisa que a gente fala sempre que muito da mitologia grega foi escrita pelo grego médio né, o homem grego médio que foi traduzido pelo italiano e francês e inglês renascentista modernista né... é... médio e sem mulheres participando desse processo de escrita e de escolha de textos né e agora a gente tá, tá tendo toda uma redescoberta inclusive de você pegar texto que você nossa esse cara é machista, e tava falando não pera um pouquinho a tradução disso aqui é que foi machista né? E você... você começa a perceber que a gente tenta fazer e... nisso eu gosto muito que a gente tenta colocar né sempre uma... uma voz nesse sentido.

A – E agora a última pergunta que é qual a percepção que você tem do feminismo como movimento e/ou como teoria? Pensando em geral sobre o feminismo como é que você percebe?

N – Eu percebo como fundamental. Assim, nós estamos num ponto na nossa sociedade que não dá mais pra continuar do jeito que tá, e a mudança não vai ocorrer apenas com homens amados, aliás não deveria ocorrer nem com relação... digamos assim com... no meu ponto de vista, pensando na questão de armas, a revolução que tem que acontecer é uma revolução de comportamento, e de posições e de.... e de sociedade mesmo tem que haver uma mudança da sociedade como um todo não é só pegar a mulher e colocar ela, ah então vamos também eleger mulher não, não tem que mudar a sociedade como um todo, todo comportamento da.. dos homens que não veem mais... não veem problema em lavar louça e trocar fralda certo, a... também não verem problema em ficar cuidando da casa enquanto a mulher trabalha sabe, você tem toda uma mudança a tipo diminuir o tempo de trabalho, mais tempo em casa, várias coisas a gente tem que mudar e mulher é uma parte essencial disso não dá mais para você tentar mudar a sociedade e excluir a mulher, não dá mais para você mais planejar ir pra Lua ou pra Marte e não saber nem quantos absorventes uma mulher precisa pra usar, pra ficar cinco dias no espaço. Não sei se você sabe se a história...

A – Não.

N – A... hum... a primeira astronauta americana é quando foram mandar ela para o espaço, acho que nem ia ficar cinco dias, três, quatro dias de repente chegaram os engenheiros e falaram assim olha nós não sabemos quantos... quantos você usa mas tá aqui sem absorventes internos são suficientes?

A – Meu Deus! (risos)

N – É! Nem capacidade de perguntar pra um médico eles tiveram tá? Chegar com 100 absorventes lá perguntando se dava e tipo, era alguma coisa tipo 3 dias subir dá uma volta e voltar para dizer ah é levamos uma mulher pro espaço, era alguma coisa desse tipo não era nem para ficar numa... numa soios da vida sabe (risos) não dá mais pra você ter isso sabe homens engenheiros que não sabe quantos absorventes internos a mulher vai usar. *

ENTREVISTA Nº 06 – “SOU MÃE, PUBLICITÁRIA, CREATOR E PODCASTER... TÔ EXAUSTA...”

Áudio disponível em: https://drive.google.com/file/d/1fm6KE8noCxxX17_mSvFRXqqCIHB5h-kr/view?usp=sharing

Data: 23 de abril de 2020
Nome: Ana Carolina Rocha
Idade: 32 anos
Gênero: mulher cisgênero
Etnia: Branca
Naturalidade: São Paulo, SP

Orientação sexual: Heterossexual
Escolaridade: Superior incompleto
Ocupação: Publicitária
Estado civil: Solteira
Filhos: 1 (4 anos)
Podcast: Imagina Juntas

Relação com o podcast

Alice Santos – Terminou o primeiro bloco, tá?! Agora no segundo a gente vai falar sobre podcast e aí a primeira pergunta é: você se lembra da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast? Como você conheceu essa mídia?

Carol Rocha: Sim, eu em 2009 (?), 2008 ou 2009 eu trabalhei na Campus Party e aí lá já tinha os meninos que faziam podcast há um tempo e aí eu conheci e participei tal. Foi bastante tempo.

A – Então foi por recomendação de pessoas que você conhecia não foi na internet que você conheceu?

C – Não, não foi. Foi por recomendação de pessoas, depois eu passei a seguir essas pessoas no Twitter e sabia que elas faziam podcast. Eu lembro que tinha já... já existia o Nerdcast mas eu não sabia, não entendia o que é que era.

A – Em quantos podcasts você tá atualmente como membro da equipe?

C – Podcast? Somos em três, meu podcast é formado por três hosts.

A – Não, não... quantas... em quantos podcasts você tá atuando hoje, quantos programas diferentes.

C – Ah, ah tá. Eu tenho um podcast, eu participo de um podcast.

A – Me fala um pouco sobre a história desse programa, quais são os assuntos que você trata lá e a sua motivação para produzir conteúdo sobre esse assunto.

C – Bom, o meu podcast se chama Imagina Juntas. Ele nasceu no final de 2017 e a gente está ativo até hoje e é composto por três pessoas: eu, Carol Rocha né? A Jéssica Greco e o Gus Lanzetta. Eu já havia participado de vários outros podcasts como convidada e eu gostei muito de gravar, sempre dava muita audiência quando eu participava de outros podcast e aí eu fui conversar com o Gus né? Que é um dos hosts e falar que eu queria fazer podcast aí ele me convidou para participar como... como convidada do dele que era o Papo Torto na época que era um dos maiores do Brasil junto com PC Siqueira e era pela Folha, se eu não me engano, é... ou era Estado não sei, era um desses dois jornais que tinham podcast, aí eu fui lá participei, a audiência foi muito boa e falei para ele que eu queria ter um e ele falou “acho que ia dar certo”. E aí eu procurei a minha amiga Jéssica e falei também que eu queria fazer um podcast mas que eu não queria fazer sozinha, queria fazer um mesa redonda e aí assim nasceu o Imagina Juntas que é eu, a Jéssica e o Gus. Nós três trabalhamos com comunicação e a gente queria um espaço para poder ser criativo e falar das coisas que não fosse só do trabalho. Falar sobre a vida dos millenials que

é... é nós somos né? Os millenials da primeira geração e a gente queria poder ter um lugar para falar sobre tecnologia, boletos, trabalho, aluguel no meu caso filho né? Uma mãe millenial, mãe solo e tal e a gente queria um espaço para falar sobre essas coisas do dia a dia né sobre nosso Life Style mesmo essas questões e é sobre isso que fala até hoje. Hoje a gente se encontra mais em alguns temas que foram ficando muito sólidos assim que é sobre autocuidado, saúde mental né porque a gente fala muito sobre fazer a terapia, a importância sobre ler e pesquisar sobre isso, eu fiz psicologia, não me formei mas o meu curso do coração que eu vou retomar e a gente fala muito sobre feminismo, muito é e a gente fala sobre saúde da mulher, a gente tá com uma campanha até que é com íntimos agora falando sobre saúde da mulher, sobre desmistificar tabus da menstruação, já é o segundo ano que a íntimos é nosso parceiro a gente fala muito sobre Finanças e a gente já teve patrocínio do banco next também pra um Ep então hoje a gente fala mesmo sobre as dores e delícias de ser um milenial né a gente tem falado muito sobre como tá agora as questões do...do... do... é... da quarentena o que tá passando na nossa cabeça como a gente tá se cuidando, como tá trabalhando, como tem mudado o mundo para gente.

A – Dentro do imagina juntas qual função, ou funções, que você assume pensando de pré-produção à pós-produção?

C – Tudo a gente faz os três dividem as funções né então assim nós preparamos um roteiro, selecionamos temas, preparamos com dados quando tem convidados hoje por causa da quarentena a gente reversa quem capta o som por exemplo num aplicativo zencaster e manda pra o editor então o que a gente não faz nenhum dos três hoje a edição, nós temos um editor fora e a distribuição que nós temos uma produtora pra distribuir que a Half Deaf que o Gus é sócio.

A – Você gostaria de assumir outras funções?

C – Eu quero aprender a editar é algo que eu tô sentindo falta de saber fazer.É... não necessariamente para fazer mas, poder pra poder ter domínio sobre a técnica e também porque eu quero fazer um podcast sozinha e... e... e quero editar. Eu já editei vídeos eu sei que som não é mais tão difícil do que vídeo e isso eu tenho vontade de fazer.

A – Daí você consegue identificar porque você não aprendeu ainda?

C – Falta de tempo mesmo. Porque eu sou mãe, publicitária, creator e podcaster... Tô exausta...

A – Pensando assim... na sua relação com o podcast você acha que você tem uma relação que ela é mais emocional/subjetiva ou mais profissional e racional?

C - Com podcast? Eu acho que ele nasceu de uma... uma necessidade mais emocional mas hoje ele é profissional.

A – É seu trabalho? Assim você vive disso e de outras coisas?

C – Isso, eu não vivo exclusivamente disso mas sim se tornou uma fonte de renda porque hoje a gente tem patrocínio em alguns programas mas, o custo de se produzir um bom podcast ainda é caro, então o que a gente tem de patrocínio hoje é muito mais para manter o podcast vivo com uma boa qualidade.

A – E quando você pensa essa mesma relação com o podcast mas pra os programas que você costuma ouvir como é que você avalia?

C – Ah eu ouço muito... Eu ouço muito programa informativo né? Então ouço os podcasts de jornal e tal. Tem uns outros que eu sou mais como entretenimento mesmo tipo um milkshake chamado Wanda, um projeto-piloto, ângulo de grilo esses eu ouço como entretenimento mesmo.

A – De todo esse processo de produção de um podcast qual ou quais etapas que você acha que é mais difícil de fazer?

C – Olha... acho que é... fazer um roteiro e... e... e... fazer com que o tema não seja repetitivo eu acredito que seja a parte mais difícil assim... porque a edição... Bom, se você quiser tem um podcast que não tem edição então basta você jogar lá, distribuir um áudio completo. É... subir num... subir num servidor também é muito simples você pode fazer até se quiser no Soundcloud de graça e enfim não existe a plataforma oficial de Podcast né? Então acho que a maior dificuldade com certeza é sobre o formato, sobre o roteiro, a cadência da conversa né? É você de fato ter um programa não áudio solto.

A – E nesse processo de produzir esses roteiros você conseguiu pensar alguma estratégia para contornar essas dificuldades?

C – No começo a gente não tinha nada de roteiro a gente só sentava para conversar e falar sobre a nossa semana assim né e depois quando a gente começou a... a pensar sobre temas que a gente viu que foi afunilando é... a gente tem uma listinha assim de temas, coisas que a gente gosta de falar, coisas que a audiência gostou... uma lista muito simples.

A – Oi? Você tá me ouvindo?

C – Tô.

A – Tá? Ok. Você tem algum exemplo assim de um episódio específico que foi difícil demais de fazer, que deu trabalho a produção, a gravação enfim.

C – Sim. Teve um episódio que a gente fez pra íntimos o nosso primeiro episódio patrocinado que era conheço a Dona Flora que era um episódio só sobre flora vaginal. Então a gente teve que pesquisar muito para não falar nada errado, a edição tinha que está impecável porque era um ep patrocinado e a gente convidou uma ginecologista inclusive pra poder é... o papo ficasse mais rico e mais profissional.

Relação com feminismo

A – Agora a gente já tá indo para o último bloco tá? E a primeira pergunta ela é assim... dividida mais ou menos em três estágios. Quando você pensa em produção de conteúdo na internet, podcast, enfim... você acha que homens e mulheres possuem as mesmas capacidades, acessos e condições de fazer esses conteúdos?

C – Acredito que a mesma capacidade sim, os mesmos acessos não e hoje a gente já tem pesquisas que mostram que os homens criadores de conteúdo ganham mais dinheiro do que mulher, então a gente encontra essa disparidade né que existe na sociedade ela também se reflete na produção de conteúdo.

A – Quando você pensa a podosfera em geral e a podosfera só as mulheres. Você sente alguma diferença entre esses dois ambientes?

C – Sim, é... eu acho que a podosfera masculina ela ainda... ela ainda é misógina a gente sabe que tem muito podcast que ainda trata a mulher ou fala de mulher de uma forma muito misógina né? E quando a gente fala de Podcast de mulheres e tem até #mulherespodcasters é muito mais sobre tentar força, união, lugar seguro pra desabafo, lugar seguro para criar conteúdo. Então eu vejo como um ambientes bem distintos.

A – Você teria alguma solução, não precisa ser nada definitivo, alguma ideia te passa pela cabeça de como tornar a podosfera um ambiente mais acolhedor pras mulheres?

C – Que mais mulheres produzam conteúdo, que mais mulheres tenham aceddo a esse tipo de produção e que mais mulheres sejam incentivadas a produzir o seu próprio conteúdo, quando eu falo que quero aprender a editar é muito para ter mais domínio ainda sobre o que eu queira produzir. Eu acho que nós precisamos nos fortalecer nesse sentido de aprender ferramentas e técnicas e como colocar no ar e como fazer um roteiro principalmente a parte técnica que ficou muito... sempre é muito... é solicitada por homens né? O Gus só entrou no podcast porque eu não sabia como gravar um podcast e aí ele entrou para ajudar nessa parte mas acabou virando host também porque a gente conversava no meio do programa, mas é... por muito tempo eu brinquei falando que ele era o menino do T.I. do podcast.

A – Você conhece a PodPesquisa?

C – Não conheço, ou não já devo ter visto por que relacionam ao imagina juntas né mas eu não nunca me aprofundi nisso não.

A – Expliquei o que é a PodPesquisa e apresentei os dados de ouvintes homens e mulheres. E aí agora que você tem noção dessas informações eu queria te perguntar o que que você acha que causa essa diferença tão grande entre homens e mulheres consumindo podcast?

C – Eu acho que os primeiros podcasts, eles eram muitos sobre games, tecnologia era muito do universo masculino eu acho que também ter a mais de 10 anos na verdade o Nerd... O jovem Nerd tem 18 anos,

o podcast deles é um dos maiores até hoje assim em volumes de plays e downloads e tal e dois homens do universo nerd que a gente sabe que é muito Clube do Bolinha, é muito fechado para mulheres é muito interessante imagina juntas cresceu muito de 2018 para 2019 e o nosso público é 75% mulher. Então a gente sabe que a gente foi o primeiro podcast de muita gente em sua maioria mulheres, acho que a gente conseguiu criar esse ambiente para que mulheres sentirem à vontade para ouvir e também ver duas mulheres ali produzindo fez diferença.

A – Você já me falou que conhece a #mulherespodcasters você costuma utilizar ela na... pra divulgar os episódios do imagina juntas?

C – Sabe que eu esqueço? Por mais horrível que pareça da minha parte, eu lembro que teve mais porque eu deixava no bloco de notas tudo que a gente precisava escrever, mas como não sou o que faço todos os textos né? a gente vai se dividindo a gente acaba esquecendo de colocar mas foi uma ótima porque agora eu vou me lembrar.

A – Você conhece também a campanha O Podcast é Delas?

C – O podcast é delas? que é quando trocam os hosts homens por mulheres né?

A – Não necessariamente trocar o host, mas é assim: durante o mês de março o podcast que se inscreve na campanha tem que chamar mulheres pra participar dos episódios daquele mês, não precisa ser host sabe?

C – Ah, entendi. Eu acho que já participei, porque eu acabo de muita coisa convidado assim eu lembro que algum que eu participei era por causa dessa campanha viu.

A – Entendi, você nunca usou no Imagina Juntas mas você já foi convidada em algum podcast.

C – Sim.

A – Tá chegando já no final tá? E aí a pergunta é se você se considera feminista?

C – 100%.

A – Tem alinhamento em alguma corrente ou vertente específica?

C – Tipo qual o meu tipo de feminismo? Interseccional com certeza.

A – Em que medida você acha que esse seu posicionamento enquanto feminista reflete no conteúdo que você produz?

C – Completamente por que é um assunto que é sempre abordado né? No... nos programas, a gente fala muito sobre o empoderamento feminino, sobre a questão da interseccionalidade a gente sempre reforça os nossos lugares de privilégio e... reforça no sentido de lembrar, e a gente sempre lembra que a gente sabe, reconhece os privilégios ante as mulheres negras, indígenas é... a questão da... do recorte social também porque apesar da minha origem periférica eu ascendi socialmente por volta dos 20 poucos anos e hoje eu sou classe média então eu... a gente consegue é... trazer sempre esses recortes e entender de que lugar que a gente tá falando e sempre falando de feminismo.

A - Agora já é a última pergunta e é: qual é a sua percepção do feminismo como movimento ou uma teoria?

C – Olha, a minha percepção é que se uma pessoa não reconhece a necessidade de feminismo é... infelizmente ela não deve estar vivendo mesmo mundo que... que eu tô a gente ainda luta muito pelo mínimo que a é equidade né? Acho que a gente precisa se atualizar em muitas pautas dentro da interseccionalidade e precisa é... melhorar os espaços que a gente abre, eu tenho ciência disso, sim é que a gente precisa ainda rever muita coisa mas acho que é o movimento que ainda na história da humanidade é muito novo pra a sociedade que a gente vive hoje, sofre muito preconceito ainda por ser atrelado a imagens ou a discursos misóginos mesmo entre mulheres. Então o que eu vejo que a gente... é que para mim o feminismo não é mais algo que eu tenho que falar, é algo que eu vivo diariamente então toda vez que eu lembro que eu sou uma mulher é... e eu vou reclamar, falar ou me posicionar eu estou constantemente lembrando sobre o feminismo, vivendo feminismo. Então é muito esquisito porque até

para falar sobre feminismo me parece tão óbvio tão... sim bebo água todos os dias sabe? É muito doido assim principalmente no momento político que a gente tá vendo. *

ENTREVISTA Nº 07 – “EU POSSO FALAR O QUE EU QUISER”

Áudio disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1Ra1jmGK_6DbOvfPMzwSezhtGSoSOcsTt/view?usp=sharing

Data: 25 de abril de 2020

Nome: Luciana “Lucy” Fidelis

Idade: 35 anos

Gênero: mulher cisgênero

Etnia: Branca

Naturalidade: Santo André, São Paulo

Orientação sexual: Heterossexual

Escolaridade: Superior completo

Ocupação: Ilustradora

Estado civil: Casada

Filhos: 0

Podcast: Papo na Encruza

Relação com o podcast

Alice Santos – E a primeira pergunta é se você se lembra da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast e como que você descobriu a existência dessa mídia?

Lucy Fidelis – Nossa eu descobri os podcasts porque o meu marido ele é interado nisso, eu sou meu desligada nesse mundo assim e ele começou o jovem Nerd eu comecei a escutar junto e logo depois eu conheci o xadrez verbal, aí eu comecei a me identificar com isso mas já faz... Logo no início mesmo dos podcasts mas assim, a primeira coisa que eu ouvi foi o Jovem Nerd mas faz um tempo.

A – Eu encontrei é... o programa que você faz que é um papo na encruza né isso?

L – uhum, isso.

A – É... eu encontrei ele pela PodPesquisa, aí eu queria saber se você tá na equipe de algum outro podcast ou só lá?

L – Não, eu só participo de lá mesmo.

A – Então comenta pra mim um pouco quais são os temas que vocês tratam lá e de onde que veio a motivação pra você produzir conteúdo sobre esse tema.

L – O Papo na Encruza ele é um podcast sobre espiritualidade né então ele vai falar religiões, de... diversas religiões né até o trato de magia e falar de ordens mágicas e esse tipo de coisa e a motivação mesmo começa com meu marido porque ele tinha muita vontade de gravar aí ele me convidou e convidou um amigo nosso pra que todos nós pudéssemos nos reunir e conversar sobre isso, então ele é um bate-papo mesmo a gente tem uma pauta só pra poder seguir e a gente pode bater papo sobre aquele assunto cada um expondo a sua ideia, sua opinião sem ter censura um em cima do outro.

A – No processo de produção do podcast qual função ou funções que você assume?

L – Eu no podcast eu entro mesmo nessa parte de... do... a gente brinca que eu falo sobre coisas que as vezes o público tem vontade de falar e não fala então a minha visão, é uma visão mais é... vou dizer simples assim de uma maneira... porque eu não... eu não (corte no áudio) muito né? Às vezes as pessoas elas... falam de alguns temas elas leem um milhão de livros, eu pego só a minha experiência de coisas que eu gosto pra poder comentar sobre aquilo então aí no caso eu entro nessa parte pra comentar as vezes até umas coisas um pouco mais polêmicas porque às vezes eu falo coisas que as pessoas ficam um pouco chocadas e durante isso a gente tem brincadeiras no instagram que sou que respondo e a gente vai meio que cada um delegando uma função mas basicamente eu posso falar o que eu quiser.

A – Mas assim, na parte de fazer pauta, edição, postagem dos programas, você faz alguma dessas coisas?

L – Eu faço... Eu ajudo a criar memes que a gente tem alguns memes na fanpage do Facebook e do instagram então eu ajudo geralmente a criar as ideias do meme né, eu crio as ideias, o meu marido faz

arte que ele é melhor pra mexer nessas coisas e a gente possa também lá né mas a parte... a gente não faz edição porque o nosso programa vai ao vivo pro YouTube né então a gente não... acaba não fazendo isso, então tem o nosso outro amigo Douglas que é o que grava, ele que posta no YouTube e a parte de divulgação de divulgação é meio que variado cada um às vezes faz um pouco depende do que vai fazer a gente combina como vai fazer, então eu vou fazer uma divulgação de cursos, ah a divulgação daquilo então a gente meio que varia as coisas, mas algumas coisas das mídias sociais eu (ruído) atualizar.

A – Quando você pensa sua relação com o podcast você acha que ela é mais emocional e subjetiva ou que ela é mais profissional e racional?

L – Olha, no início era mais emocional hoje se torna um pouco mais profissional até por uma questão do... como tudo foi levando né apesar de ter aquela parte emocional que a gente tem... porque acaba se tornando um filho né? mas hoje eu acredito que o profissionalismo já se tornou um pouco maior pela extensão que as coisas vão se tornando... vão acontecendo.

A – É... também é um dos seus trabalhos produzir o Papo na Encruza, é uma fonte de renda também?

L – De certa forma sim não seria uma coisa que... é enorme né mais sim acaba se tornando porque a gente tem um grupo de apoiadores do projeto querendo ou não o dinheiro que vem lá acaba vindo não só pra ajudar financiar, pro podcast ficar no ar mas também é uma fonte de renda da gente não é o que motiva o meu trabalho né mas acaba sendo um complemento.

A – É de todo processo de produção do programa qual ou quais etapas você acha que é mais difícil de fazer?

L – Eu acho que são as pautas porque às vezes a gente... as vezes criar um assunto... é muito fácil ter uma ideia né mas aí você colocar tudo pra aquilo desenvolver bem durante o programa acho que a pauta é uma das partes que você tem que tomar mais atenção e além de todo o nosso programa é ao vivo então você tem que tomar cuidado também com o que você fala ao vivo né?

A – Tem algum episódio específico que você se lembra que a pauta foi muito complicada de fazer?

L – Teve um ele era sobre... [conversando com outra pessoa: qual que era o nome do Cassiano? O que o Cassiano faz mesmo? Alquimia né?] Alquimia! O programa sobre alquimia acho que foi um dos mais difíceis porque é um tema muito pouco explorado então você tem que puxar muita... muita coisa pra conseguir fazer... agente tinha um convidado especialista naquilo pra falar as coisas que ele pudesse falar e ficar fácil pro (correção no áudio) compreender, porque é um tema muito complicado.

A – E assim você conseguiu desenvolver ao longo do tempo estratégias pra contornar a dificuldade na produção de pauta?

L – Ah, sim é porque a gente com o tempo... com o tempo a gente começou a observar bastante o que o público tem dúvidas, algumas coisas são recorrentes em todos os temas então a gente meio que encaixa o início de uma coisa né... o que é tal tema aí tem essa explicação e aí a gente vai desenvolvendo em cima das próprias perguntas dos ouvintes né e isso vai ajudando a gente a encaixar, entender o que que vai ser o programa como um todo.

Relação com feminismo

A – É... terminou o segundo bloco agora a gente vai pro terceiro e último. E a primeira pergunta é sobre (tosse)... Você acredita que homens e mulheres conseguem produzir conteúdo na internet tendo as mesmas capacidades, acessos e condições?

L – Desculpa, picotou.

A – Eu vou falar de novo. Pensando na produção de conteúdo na internet entre homens e mulheres. Você acha que homens e mulheres têm as mesmas capacidades, acessos e condições de fazer conteúdo? Você acha que tem igualdade na maneira como homens e mulheres produzem conteúdo na internet?

L – Olha, eu assim acho que tem um espaço pra todo mundo mas eu ainda que talvez o público tenha um certo problema. A gente rapara isso no nosso próprio público mesmo eles gostam muito que se fale por exemplo sobre Umbanda a gente muda o tema... por exemplo a gente já falou sobre machismo em

terreiros, muito... o público fica muito irritado sobre isso principalmente que foi uma coisa sobre o lado da mulher, então a gente é... complicado porque a gente tem... que deveria ter né esse mesmo espaço porque... [Tchau] a internet é um mundo né é um universo e a gente às vezes não consegue conversar da mesma maneira de repente às vezes eu sinto até nem sempre a mulher tem a mesma... as pessoas as vezes não levam a sério da mesma maneira que leva um homem, infelizmente.

A – Quando você pensa a podosfera em geral e a podosfera é só o espaço entre as mulheres, você percebe alguma diferença assim entre em geral e entre as mulheres que fazem podcast?

L – Olha, entre as mulheres que fazem podcast eu não conheço muitas assim tem as convidadas que a gente chama e... a relação entre... entre nós assim normalmente é muito tranquila tal é... então assim não posso dizer de uma maneira muito geral do que eu vejo porque assim eu nunca tive problemas entre as meninas assim a gente vê que tem uma boa interação, uma boa conversa ninguém... ninguém se ataca ou acha alguma coisa errada com problema né? Criar picuinha, eu nunca presenciei isso dentro do nosso universo.

A – É... você conhece a PodPesquisa?

L – Conheço.

A – Você tem é... noção dos dados que mostram que mais ou menos 73% dos ouvintes de podcasts no Brasil são homens e 27% mulheres. Aí eu queria saber, assim pela experiência mesmo não precisa dar uma resposta embasada cientificamente, nada disso que queria saber o que você acha que causa essa diferença entre os ouvintes?

L – Isso... Isso é Uma coisa que eu percebo até no nosso próprio público mesmo porque apesar do mundo da... principalmente quando se fala de umbanda, é muito feminino muitas mulheres, é do espaço da religião mesmo, mas a gente percebe que eu não sei... eu não sei se é por causa das atribuições a mulher trabalha, a mulher ta... as vezes ela chega em casa ela num... ela num vai ter tempo, tem filho, tem isso tem aquilo talvez ela não tenha o mesmo... Eu não tô falando de uma maneira a parecer é... preconceituosa com o homem... mas talvez ela não tenha o mesmo tempo hábil pra parar e utilizar, de repente ela tá cansada ou até mesmo o negócio de acessibilidade, eu tenho amigas minhas que elas não sabem utilizar, entrar num programa, elas não sabem abrir um youtube de repente, que nem no caso nosso, (ruído) é no spotify, tem amigas minhas que não sabem usar essas mídias, elas tem vontade de ouvir e elas falam aí Lu como é que faz, você me ensina pra eu ver? Que eu não sei mexer... então não sei se isso tá ligado a uma atribuição que a mulher tem, ela às vezes tem muitas funções e acaba não tendo (corte) interesse em criar mas não tem o tempo de chegar naquilo e poder olhar e falar não vou pesquisar hoje pra ouvir um podcast, e aí de repente na hora que vai tentar mexer “ah, não consigo mexer, deixa pra lá” sim, eu acho sempre uma pena, eu acho que tem muito conteúdo legal pra mulheres ouvirem além de outras mulheres falando sua experiência né ia ser muito legal se tivesse mais... mais ouvintes né e uma coisa que eu reparo no nosso meio mesmo da magia tem muita mulher, porém ainda assim o público que mais tem download é dos homens.

A – Você conhece a #mulherespodcasters?

L – Sim, sim, já vi.

A – Você costuma utilizar nos seus programas?

L – Olha, eu pra te falar a verdade eu utilizo quando eu vou repassar no meu instagra.... no meu twitter pessoal né porque o do Papo na Encruza eu acabo não colocando, mas é uma coisa que eu vou começar até a conversar com os meninos sobre isso pra gente (queda).

A – Eu escutei até a parte que você falou que vai conversar com os meninos pra vocês começarem a utilizar. Você falou algo depois disso?

L – Não, não. Não falei.

A – É... A Campanha o Podcast é Delas você conhece?

L – Conheço, sim. Esse ano a gente até participou.

A – Me fala um pouco da motivação de vocês pra participar dessa campanha.

L – Justamente para que as pessoas conheçam que tem mulher no podcast né porque como o universo é engra... foi aquilo que eu te falei o universo da religião ele é muito interessante porque tem muita mulher, mas tem poucas mulheres participando mesmo e geralmente os podcasts, os que têm do assunto são homens falando, e às vezes a mulher fica meio perdido ali então esse ano a gente olhou e falou ah não vamo... vamo começar investir, a colocar isso, vamo participar do podcast é delas tanto que a gente fez um programa só com meninas eu expulsei todos os hinos do programa. A gente falou não vamo fazer um programa só aonde a Luciana e as outras convidadas... tudo eu que escolhi, eu que fiz a pauta, foi um programa que eu tomei conta dele todinho pra a gente pegar e falar não vamo começar a ter essa coisa de mostrar mais a mulher, a mulher tá ali, ela tá inserida, não é por que a criação do podcast foi de um menino, um homem e não quer dizer que não tem a mulher ali dentro e até pra ajudar a mostrar mais isso que as vezes as pessoas nem sabem.

A – Oi?

L – Oi.

A – Oi tô te ouvindo.

L – Ouviu?

A – Ouvi até a parte que você falou às vezes as pessoas...

L – Elas não sabem né que tem garotas no programa e a gente repara isso no próprio papo mesmo. É... as vezes as pessoas elas não sabem nem que eu sou casada com um dos integrantes, porque as vezes as pessoas são tão acostumadas a ouvir mas não se importar muito então a gente começou... a gente fez mais brincadeiras... tudo pras pessoas verem que a mulher que tá lá dentro ela também tem um espaço não é só porque é não é um assunto majoritariamente de homens.

A – É... Tá chegando já o final... tá ouvindo?

L – Tô ouvindo sim.

A – A próxima pergunta é se você se considera feminista?

L – Sim, me considero.

A – Você tem alguma, é... alinhamento em alguma corrente ou alguma vertente específica?

L – Não, não. Aí é uma questão que eu gosto de ver de todos os lados e fazer uma síntese minha.

A – Você acha que de alguma maneira esse posicionamento político se reflete no conteúdo que você produz lá no papo?

L – Ah, eu acredito que sim, bastante.

A – É... me conta um pouco sobre isso.

L – Porque se a gente pega essa... infelizmente algumas coisas em relação a política eu acredito que ela vai ter... ela tem um lado que acaba levando as pessoas a verem a mulher de uma maneira mais “ah, a mulher não pode falar de determinada maneira, a mulher não pode agir de certa maneira” quando as pessoas às vezes veem que eu tô... que eu acho de uma maneira que não é acostumado com aquele padrão que é inerido é... isso espanta, eu já tive casos de... de receber comentários extremamente grosseiros de homens falando que “ah, pô você não pode falar dessa maneira, você é mulher” e então eu acho que tem muita coisa do contexto todo político que ele vai trazer esse tipo de pensamento... vou falar mais do homem porque foram... meninas mesmo nunca aconteceu isso tá? Pelo menos não diretamente para mim, ninguém nunca chegou para mim e falou isso. Então é uma coisa que eu acho que interfere sim porque é uma coisa que já tá enraizada nas pessoas né?

A – É... agora a última pergunta é... qual é a percepção que o que você tem do feminismo seja como movimento ou como uma teoria?

L – Eu acho super importante, eu acho que se não fosse por isso muitas coisas não teriam mudado, talvez hoje e até no podcast eu tenho a voz para falar o que eu achar que eu devo falar e muitas pessoal podem até vim criticar, elas podem falar mas a gente pode dizer... a gente consegue começar a criar o nosso

espaço hoje eu creio que, lógico é uma luta nunca vai... vai acabar tão cedo mas a gente pode falar hoje, hoje eu sinto isso como uma coisa que tem... tem me ajudado mais mas nada (corte)

A – Repete por favor o final, eu entendi a parte que você falou que tem te ajudado.

L – Sim, ele ajuda a... a eu poder ter a voz né? De poder falar nisso e muitas vezes ser ouvida né? Porque hoje o podcast foi uma das coisas que me ajudou porque eu posso falar e por mais as vezes que a pessoa fica com raiva as vezes no início depois ela acaba pensando e vendo o modo como a mulher pensar, o modo como ela acha aquilo, a vivência dela, a visão dela então... (corte) interessante por esse ponto apesar de achar ainda que a gente tá num... é um fio ainda no início de um novelo de lã mas eu acredito que ainda vai melhorar muita coisa porque eu já vejo alguma.. uma nova empatia até das pessoas porque vê isso, porque vê a mulher falando num programa, ela tem esse lado então eu gosto bastante. *

ENTREVISTA Nº 08 – “TEM QUE GASTAR MUITO MAIS ENERGIA JUSTIFICANDO TUDO QUE A GENTE FALA”

Áudio disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/131o6mzlbY1BnoEQB92gVfOoztydQqXRB/view?usp=sharing>

Data: 28 de abril de 2020

Nome: Iole Cristina de Melo Rios

Idade: 26

Gênero: mulher cisgênero

Etnia: Branca

Naturalidade: Rio de Janeiro

Orientação sexual: Heterossexual

Escolaridade: Superior completo

Ocupação: Comunicóloga

Estado civil: solteira

Filhos: 0

Podcast: As Mathildas

Relação com o podcast

Alice – Terminou esse primeiro bloco e agora a gente vai para o segundo. E a primeira pergunta é se você se recorda da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast, como foi que você descobriu a existência dessa mídia?

Iole – Então, eu... eu escrevia num site de cinema acho que lá para 2014, eu era uma colaboradora voluntária no site do cinemação e... e eu colaborava com os artigos escritos mesmo, só que eles já tinham podcast deles e... que também se chama cinemação e foi assim que eu meio que descobri o que é Podcast né?! O que... qual é a mídia e tudo mais e... mas assim meio por alto né?! Eu vi isso ah, podcast, é isso, ok, legal, é... mas eu só me familiarizei mesmo a partir do momento que eles me chamaram para gravar um episódio que aí... eu falei espera eu sei o que é mais ou menos, aí vocês me explicam aí eles ficaram e foi assim que eu conheci o que é mesmo podcast e tal, um formato e tudo mais.

A – Eu encontrei você pela PodPesquisa e aí eu encontrei o podcast as Matildas só que eu vi que ele não está mais tendo produzido né?!

I – Então, tá. O que aconteceu...

A – Voltou?

I – Eu tô voltando, é... porque o As Matildas ele realmente eu parei com ele no começo... no começo, não, no meio do ano [2019] passado em julho, junho/julho é... é... enfim, aconteceram algumas coisas e o podcast acabou. E tava acontecendo muita coisa, não só no... no quesito de podcast mas na minha vida toda, tava acontecendo muita coisa, sabe quando tudo decide acontecer ao mesmo tempo? perdi o trabalho, é... tinha brigado com o namorado, não sabia... enfim mil coisas e aí tivemos é... essa questão do podcast, eu tive que... que parar com ele também, eu falei cara, não tenho como é... conseguir manter isso tudo, tô deixando as pedras caírem, e aí a gente parou só que aí né?! Conversando com os amigos, o meu próprio namorado todo mundo falando cara, não... não faz sentido é uma coisa que você gosta de fazer e... e tu só vai largar assim, vai parar de fazer por que? Tem que voltar, tem que voltar, tem que voltar, falei tá bom, gente vamos voltar. Ah, eu não sei se você chegou a ouvir, tinha... era eu com uma

outra apresentadora e agora vou voltar sozinha, eu vou voltar como apresentadora principal e... e eu tô testando novos formatos de como eu vou conseguir fazer isso sozinha, de... de como não deixar as petecas caírem, de como poder fazer tudo direitinho, aí eu falei com os rapazes que estão do Cinemação, eu não escrevo mais lá, eu sai dessa função também de escritora, mas eu falei com eles, expliquei e falei vamos voltar a fazer? Eles toparam e eu tô produzindo porque a gente combinou de voltar só que ter os episódios guardados não... não tipo ah, gravou, lançou, gravou, lançou. Eu tô produzindo alguns para ter guardado, antes de lançar, então eu tô terminando nessa produção e... e eu terminando... Porque como que é o nosso esquema né?! Eu faço até gravar, eu faço a pauta, eu escrevo, se tiver convidado eu que chamo e eu que gravo, eu que capto, depois disso eu envio o... todos os arquivos de áudio para eles, para os rapazes do Cinemação e eles fazem o resto. Então tem um rapaz que edita e... e eles distribuem também, eles que sobem no Spotify e nos agregadores, eles fazem isso tudo, eu não preciso ter trabalho, esse é nosso acordo, então a partir do momento que eu tiver um X número de episódios gravados, no caso que a gente combinou foram quatro, eu vou enviar esses quatro, quem já tem quatro episódios guardados... ou seja dois meses de conteúdo guardado, para já ir lançando porque... As Mathildas é quinzenal né?! Eu decidi manter quinzenal é... quando voltar então, são quatro episódios, dois meses aí na frente de... de conteúdo né?! Para poder ter guardado e ir lançando de pouquinho em pouquinho.

A – Me fala um pouquinho sobre os assuntos tratados no As Mathildas e qual é a sua motivação para falar sobre isso?

I – Então nas Mathildas a gente fala sobre... agora eu né?! Sozinha (risos), mas eu falo sobre mulheres é... e feminismo no audiovisual. Essa é a proposta original é... porque... eu vou contar um pouquinho da história de porque que eu comecei também que aí dá para entender um pouquinho da minha motivação de porque que eu falo disso. É... eu comecei como eu te falei é... os meninos do cinemação me chamaram para fazer um episódio com eles, aí eu fiz e depois eles tinham que também já acabou um segundo episódio dentro da casa que era o indicação e... depois tem os meninos do indicação também me chamaram, acho que eu consegui gravar uns 2, 3 episódios com eles e aí eu falei “hummm que maneiro esse negócio hein?” Que você fica falando e as pessoas te escutam, muito maneiro. Aí... e também pesquisando a mídia tudo eu vi que não tinha muita mulher, a maioria dos... dos podcasts são... você sabe né?! Tipo é uma rodinha de homens conversando sobre coisas que sei lá que homens conversam o tempo todo e eu falei não, cara não tem ninguém falando... não tem primeiro vozes femininas e não tem vozes femininas falando sobre as mulheres e... eu falei vou fazer esse negócio então aí eu falei com o rapaz do Cinemação eles curtiram, eles gostaram da ideia e super entraram no barco comigo para fazer, aí eu comecei a fazer. E falava mais sobre cinema porque é cinema e audiovisual porque é o direcionador do... da plataforma né?! Do cinemação em geral então a gente fica muito mais em filmes e TV só que a gente também pode acabar falando sobre outras coisas por exemplo a gente já teve episódios sobre publicidade, sobre a mulher na publicidade é... e nesse... nessa nova fase né?! Nessa temporada 2020 eu também tô procurando fazer novas... novas demais expandir esse horizonte de... temáticas possíveis por exemplo eu tô produzindo um episódio que tá me dando mais trabalho até agora porque é muita coisa... é... sobre mulheres na história da arte e assim nas artes plásticas né?! Fazendo esse recorte então eu tô fazendo... eu separo em três blocos eu... falei... ah, o contexto de mulher na história da arte... mulher... Quem eram as mulheres artistas e o corpo da mulher como... mulher como modelo né?! Que a gente sempre vê mulheres pintadas, mas as mulheres não pintavam. Então isso é muita coisa para... para cobrir né?! É... então tá... tá ganhando vida própria esse episódio que tá já com mais de 20 páginas de pauta isso dá... só eu falando sozinha uma hora né?! É... Então eu tô tentando trazer essa... expandir esse campo de temas possíveis então é... tô pensando também fazer episódio sobre literatura né?! Fazer um pouquinho essa série histórica de mulheres na história da arte e se a galera gostar posso falar sobre música, posso falar sobre literatura mas no centro mesmo é cinema e TV, mulheres, feminismo no cinema e nas séries esse é o principal.

A – Você falou que você produz a pauta e faz até a parte de gravação. Você gostaria de assumir as outras funções? Assim... edição e distribuição?

I – Eu acho que não (risos) eu... eu... eu gosto dessa parte que eu preciso fazer e que é isso... eu me amarro tipo esse episódio são mais de... Quase 50 sites de referência, vários vídeos que eu tô pegando para montar, eu gosto de fazer pauta, eu gosto de pegar e gravar, eu gosto de entrevistar as pessoas, é... gosto de falar para caramba, como você tá vendo (risos), mas essa parte mais técnica é... não me apetece

muito, por exemplo, eu poderia pegar e editar por exemplo é... não é algo que eu tenho muita familiaridade né?! Editar podcast ou vídeo e tal mas eu tenho um meio caminho andado aí de tipo é uma coisa que eu aprenderia super facilmente a fazer, mas essa parte de distribuição de ver como que hospeda no site não sei o que... nan, nan, nan, pi pi pi pó pó pó eu tô super feliz que eu tenho essa plataforma para fazer por mim e... e ela foi muito determinante no começo porque o As Mathildas não teria o tamanho que ele tem hoje, nem o tamanho que ele começou se não fosse direto pela plataforma, eles trocaram muito desse ponta pé inicial para gente... para eu ter audiência que eu tenho ainda, não né?! Mas acho que eu tinha nos episódios que a gente lançava, que podcast pode falar que tipo nas primeiras 24 horas do primeiro episódio já tinha 100... 100 downloads? O Mathildas teve isso por causa deles, então não me vejo querendo fazer essa... essa parte não estou super feliz deixando com eles.

A – Quando você pensa sua relação com o podcast você acredita que ela é mais emocional e subjetiva ou ela mais profissional, racional, financeira...

I – Pra fazer podcast?

A – Sim, fazer podcast.

I – Ah, super emocional... super mais emocional eu...

A – Me fala um pouquinho mais sobre isso

I – Eu espero que um dia eu consiga ganhar dinheiro com isso (risos), inclusive agora nesse período de crise né?! Coronavírus que eu não tô conseguindo trabalhar, é... meu plano inclusive era não lançar nenhuma campanha de vaquinha né?! Ou de financiamento coletivo porque eu sei que a gente parou então até reconquistar a confiança da audiência pode demorar um pouquinho, então meu plano era não lançar nenhuma campanha só que eu tô né?! Ferrada e eu já tô fazendo isso, já é uma coisa que eu tô fazendo, então o meu plano é lançar a temporada 2020 é... lançar o primeiro episódio, no segundo já pedir um... já começar uma campanha de financiamento coletivo, então isso é uma esperança, mas não é concreto. Então... não é esse tipo primário de relação que eu tenho com fazer podcast de ganhar dinheiro, ou de ser racional ah... isso é um pano de fundo, espero que isso um dia funcione, que você um dia ouça muito falar de mim porque né?! Outdoors com os nomes do meu podcast mas é super emocional, um lugar que eu consigo... como eu falei né?! As pessoas me escutam falando, eu consigo desenvolver minhas ideias, eu consigo é... também ouvir outras pessoas, pessoas que eu nunca falaria, que eu nunca conheceria essas ideias e esses pontos de vista é... essas pessoas né?! Essas mulheres né?! Porque a gente... eu só entrevisto mulheres nas Mathildas que eu nunca consigo... conheceria se não fosse através de podcast e com As Mathildas foi... eu sempre tive muitas ideias né?! E eu trabalho com... é... tenho o envolvimento com comunicação desde muito cedo, eu fiz o ensino médio técnico em multimídia, depois a faculdade em estudo de mídia, eu trabalho com isso e eu sempre tive muitas ideias “ah, vamo um dia fazer isso, ah, um dia fazer aquilo outro” e eu nunca tinha botado realmente alguma coisa no papel é... para acontecer, nunca tinha jogado para o mundo e a... o As Mathildas ele é minha menina dos olhos né?! Tipo é... meu xodozinho nesse sentido, foi uma ideia que eu tive e que eu estava com muito medo das pessoas não... não gostarem, eu nem acreditarem sabe? Ah, essa menina querendo fazer podcast... um monte de gente... podcast é o novo canal do YouTube que todo mundo fala que vai fazer, nunca faz ou que não dá em nada, eu tive muito medo de... de ter esse, nem resposta negativa, mas esse... essa coisa meio ah, tá bom mais uma ideia de podcast mas para minha surpresa foi uma coisa que... uma ideia que as pessoas compraram, que as pessoas gostam, que eu tenho muito retorno também dos ouvintes eles mandam e-mail, mandam DM, no caso mandava né?! Quando a gente tava tendo espero que continue quando eu volte é... Então essa relação de conhecer a história de pessoas, de um cara que manda um e-mail falando que... sei lá ouviu nosso episódio sobre as princesas da Disney e fala da relação dele com a filha dele 5 anos e de como ele tenta contar histórias para ela, de não trazer estereótipos e de como ele tenta também se desconstruir é... sobre a mina gorda que fala como ela se sente toda vez que ela vê um filme, toda vez que ela vê um seriado que fala de mulheres gordas de um jeito pejorativo e... e assim vai. Então é tipo é super pessoal, super emocional é... é tão... tanto em relação a mim como um indivíduo e em relação ao que eu posso fazer e do formato mesmo que eu gosto de produzir, de fazer quanto também em relação às outras pessoas de como essas pessoas me vêm ou de como eu posso conhece-las através dessa mídia, através desse produto que eu faço e que elas se relacionam comigo ou com esse produto e enfim é super emocional.

A – De todo o processo de produção de um podcast qual ou quais que você acha que é mais difícil de fazer?

I – Eu acho que o mais difícil que foi o que eu falei depende da distribuição que eu não tenho nem contato, mas acho que o mais difícil é... não é nem fazer o podcast é... divulgar esse podcast, é tipo de fazer estratégia de rede social, é... ficar postando o tempo todo é... aí tem que montar peça e tipo como eu falei, eu faço tudo sozinha então sou eu... se eu quero fazer uma live eu que vou fazer tudo, se eu tenho que fazer um post no Instagram que seja sei lá uma artezinha eu que vou ter que fazer essa arte, eu que vou ter que programar esse post, eu que vou ter que responder as pessoas que comentam, eu que vou ter que fazer tudo. Então essa parte é muito difícil para mim é... é... e consome muito mais energia do que produzir os episódios por si só né?! Tipo o meu primeiro plano é tipo assim que eu tiver um mínimo de condições ou ganhar um mínimo de dinheiro com apoiadores, com vaquinha etc. é pensar em contratar alguém que pelo amor de Deus posta para mim (risos), tipo toma: divulga, faz os posts... eu gosto até de responder as pessoas né?! Como eu falei adoro conversar e dialogar e tal mas essa parte de produzir para as redes sociais só para as pessoas não esquecerem que o podcast existe e de ter... sabe?! Eu fico “ai...” porque não é que nem o episódio, tipo ah, produzir um episódio: eu pesquisei, fiz a pauta, gravei, mandei pra edição. É bem... tipo um trabalho que começa e um trabalho que termina. O... as redes sociais é um trabalho que você tem que fazer o tempo todo, é um trabalho que não tem fim é um trabalho que você tem que fazer e tem que ficar lá, tem que ficar lá e se você não fica lá tipo você perde essa visibilidade, é... inclusive esses dias eu fiz besteira no Twitter das Mathildas, é... tô numa briga para o Twitter conseguir me ouvir que eu botei como data de aniversário no Twitter o dia que lançou o podcast só que eles acham que eu sou uma pessoa, então acha que eu sou uma criança usando o Twitter e bloquearam a conta, eu tô desesperada para conseguir explicar para eles que aquela conta não é uma pessoa, não é uma criança usando, é... o Instagram também, eu ficou falando para mim mesma “ah, eu vou fazer um post por dia” ou vou fazer um story por dia mas eu fico “ai meu Deus que saco, não consigo”. Então para mim essa parte mais difícil e que assim que eu tiver condições de ter alguém para fazer por mim eu... eu vou fazer isso.

A – Além dessa estratégia de meio que terceirizar esse serviço você conseguiu pensar alguma estratégia para contornar essa dificuldade?

I – Hum... a estratégia... não sei se é bem uma estratégia enquanto eu não tenho é... eu vou terminar essa fase de produção dos episódios e vou tentar fazer mais ou menos a mesma coisa com as redes sociais, eu vou entregar esses quatro episódios, vou deixar no meu editor enquanto ele digita tudo e... e os rapazes programam para lançar, vou falar “cara, esse tempo que eu não tô planejando episódio, ou montando episódio, eu vou montar esses posts para redes sociais”, o que eu preciso? são 3 fotos por semana Instagram, são cinco tuítes ou um tuíte por dia é... são dois stories? É... quanto que eu preciso por dia? E pegar um dia para produzir isso tudo, como que eu posso programar, qual o programa que eu posso deixar para ficar rolando lá para eu ter esse trabalho que é um saco? É, mas é um dia que eu vou fazer isso na força do ódio (risos) vou programar todos os posts e deixar só eles rodando e a única coisa que eu tenho que me preocupar é ver quem comentou ou deixou de comentar e seguiu ou não seguiu, enfim. É... Então por enquanto a estratégia é essa: pegar um dia, fazer o que tem que fazer e me livrar por pelo menos... por pelo menos lá uma semana ou 15 dias que eu não preciso olhar na cara de rede social para fazer, eu só preciso ver quem comentou porque aí... me cansa muito e tipo fazer esse... essa linha etorial né?! Que a gente chama tipo porque não adianta nada eu planejar 5 fotos e aí do nada vou postar essas cinco fotos no mesmo dia e aí eu fico né?! Não adianta muita coisa, tem que ter um planejamento de quando vou postar isso tudo então é isso decidir essa linha editorial vou seguir com ela e um dia acabou? Acabou! E aí 15 dias depois eu vejo os próximos 15 dias e assim vai.

Relação com feminismo

A – Terminou o segundo bloco e agora a gente já vai para o terceiro e último.

I – OK

A – A primeira pergunta ela é sobre como homens e mulheres produzem conteúdo na internet. Eu queria saber se na sua percepção tem uma igualdade no sentido de capacidade, de acesso e de condições de produzir conteúdo entre os homens e as mulheres. O que que você acha?

I – Eu acho que não... mas eu acho que... é porque é muito complicado porque teoricamente o acesso tá aí para todo mundo né?! Ah, você pode pegar seu celular e gravar com seu celular, você pode... todo mundo pode fazer tudo, a internet tá aí para todo mundo e você só... e se você quiser só postar no seu perfil você vai lá e posta. Só que não é bem assim na prática principalmente com podcast que é literalmente só discurso, só a voz muito do... porque se você defende ideias né?! Muitos podcasts são isso né?! Não só podcast de opinião, se é um podcast que você vai falar assim tipo de coisas científicas ou eu que vou falar sobre cinema e... E as mulheres elas são muito mais com backlash né?! Tipo com os haters digamos assim, então... sei lá se eu falo ah... sei lá vamos falar de BBB, sei lá... que tá em alta. Viva Thelma campeã uh-hul, ela é maravilhosa, é muito mais provável de eu receber em milhões de haters em cima de mim “ah, você não sabe você, do que você tá falando, a Thelma é uma falsa que não sei o que” do que um homem principalmente se for homem branco, hétero, etc. Falar a mesma coisa e todo mundo falar “aê! Muito bom, você está certíssimo!” (batendo palmas ao fundo), entende? É... Então isso já tá meio que encrostado em mim antes de falar qualquer coisa, vários episódios eu ficava ansiosíssima falando “meu Deus como que eu falei isso? As pessoas vão vir vão... vão... vão cair em cima de mim” e no fim das contas nem acontecia, mas muitas das coisas que eu falava ou... eu ficava pensando “Ai meu Deus, eu vou morrer as pessoas vão... vão cair em cima de mim, vão falar mal, vai... As Mathildas vai acabar” ainda mais com esse negócio de cancelamento né?! “ai, vão cancelar As Mathildas e eu nunca mais vou ter ouvinte nenhum”. Então fica muito ansiosa com isso, isso inclusive né?! Como eu falei foi uma das coisas, antes de eu começar o podcast, eu não queria nem contar minha ideia para ninguém porque eu ia achar que as pessoas não iam querer ouvir, não iam querer fazer nada... tipo ah... ou iam só desmerecer porque é isso que acontece na vida de mulheres. É... Esses dias eu tava ouvindo... e é isso... e por causa disso né?! A gente tem que gastar muito mais energia justificando tudo que a gente fala do que qualquer cara, qualquer homem. Então eu vou dar um exemplo muito prático que aconteceu essa semana, é... o meu namorado ele é muito fã do Xadrez Verbal, ele escuta toda semana, chega sexta-feira ele olha para mim assim já e fala assim e fala “adivinha o que tem hoje? Xadrez Verbal”. E aí (risos) eu já até sei, eu fico até zoando porque o Xadrez Verbal ele é muito longo né?! Eu... eu falo eu não sei como você aguenta ouvir três horas as vozes, são dois caras né?! Os dois mesmo os caras conversando sobre política internacional, eu não sei como você aguenta mas né?! Ele gosta fazer o quê? (risos) E essa semana ele me mandou um episódio é... e ele sabendo dessa minha tendência ele falou é... só teve uma parte que você vai gostar, então já pula essa parte para você não ter que reclamar de ter que ouvir 3 horas de episódio. E qual era a parte? Era uma cientista política, pelo que eu entendi, uma mulher, falando sobre... é... pelo que eu entendi uma convidada recorrente, tipo uma correspondente né?! De alguma coisa e aí ela falou sobre algumas coisas entre elas sobre a... as presidentes mulheres estarem se saindo melhor perante a crise do coronavírus. E o tempo todo que ela tava falando ela tava se justificando o que ela tava falando então é tipo se fosse um dos caras falando eles iam falar assim “as mulheres presidentes estão saindo muito melhor que os homens por causa de xyz, ponto”, acabou, todo mundo acredita, todo mundo leva a sério, todo mundo nem questiona né?! Mas ela vem com aquela fala e ela é uma professora renomada, ela dá aula para concurso de diplomacia, um dos concursos mais difíceis do Brasil e ela tinha o tempo todo que explicar “ah, as mulheres estão saindo melhor como presidente por causa de x e isso não é minha opinião isso aqui tem um estudo que vai te comprovar que pipipi popopó, por causa de y e vocês não tem só que acreditar em mim também não é minha opinião é... isso é uma teoria social comprovada e isso é ciência pipipi popopó”. Então ela não tinha só... ela não tinha que ficar preocupada só em passar a ideia que ela queria passar, ela tava preocupada em se validar como profissional, sobre como uma... uma fonte segura daquela informação, ela tinha que justificar cada informação individualmente. Então eu... ela tinha que... e isso ela estava fazendo para se proteger dessas pessoas, tipo o tempo todo ela teve que falar se justificando e essa é uma preocupação que eu fico o tempo todo também com As Mathildas. Esse episódio que eu até falei da História da Arte, eu sei que eu não sou professora de arte é... muito menos de história, então eu não sou nenhuma voz de autoridade para falar sobre esse e eu fico pensando o tempo todo “as pessoas só vão querer me xingar” porque eu vou falar coisas que provavelmente vão ser difíceis de ouvir ou vão ser polêmicas e eu não tenho nenhum... nenhum... nenhum validador né?! Sobre o assunto, eu não sou professora, eu não sou historiadora, eu não trabalho com Arte. Então eu fico... a pauta, metade da pauta

também é... é tipo “segundo estudo xyz”, “segundo a historiadora doutora phd tal”, é... metade do episódio, que eu nem gravei ainda, que eu estou há duas semanas escrevendo essa pauta, porque eu tenho essa preocupação o tempo inteiro, eu tenho quase 50 site de referências que eu vou postar junto com... com o episódio, porque eu tenho essa preocupação o tempo inteiro, todo... todo... todo conteúdo que eu tô produzindo, eu tô pensando nisso é... E as pessoas não chamam as mulheres para falar sobre as coisas. Você vai ver a campanha O Podcast é delas, quando eu tava mais ativa com o podcast era a única época que eu era convidado para... chamar para falar em podcast que não era o As Mathildas. É... Então eu tinha sei lá 4, 3, 4 participações em podcast em março que é para falar sobre mulheres e no resto do ano eu não existia para o... pro resto do mundo. Então as pessoas não... não vêm falas de mulheres como referência e isso para mim meio que tudo bem, porque eu mesma escolhi esse campo de assunto né?! Tipo eu vou falar sobre mulheres, sobre feminismo, então tudo bem as pessoas me chamarem para falar sobre isso, só que você vê um monte de mina falando sobre um monte de coisa que não é sobre mulheres, não é sobre feminismo, e ninguém nunca lembra delas. Elas tão aí produzindo conteúdo para caramba, elas estão aí falando, elas tão fazendo, tão botando a cara no... botando a cara no mundo né?! E ninguém lembra delas, só lembra delas quando é março, é a campanha o Podcast é Delas e o cara vai conseguir alavancar o podcast dele porque olha como ele é bonzinho, ele convida mulheres na campanha das mulheres, mas no resto do ano cadê? Elas... elas não tão lá porque fica sempre na panelinha dos caras, fazendo as mesmas coisas, falando das mesmas coisas e nunca convida as minas, pra uma mina ser convidada para falar em qualquer lugar ela tem que ser tipo ela já tem que ter batalhado muito, ela já tem que estar num... num... num nível de alcance né?! Ou de engajamento, muito fora da curva então tipo... eu falei para caramba (risos) mas é por isso que... as oportunidades não são as mesmas então materialmente tipo é... todo mundo tem... pode ir nas americanas e comprar um microfone? Pode. Todo mundo tem internet e pacote de wi-fi em casa? Tem. Todo mundo tem condições de pegar, abrir um Google Docs e escrever uma pauta? Todo... todo mundo mas se você ver essas barreiras de meio que entre aspas invisíveis é... é muito mais difícil para uma mulher produzir conteúdo do que pra um homem, isso falando em podcast porque, por exemplo, se você vai para o YouTube, por exemplo, uma... uma plataforma visual você vai ver que... um... um exemplo que eu vi que aconteceu com a Sabrina Fernandes ela... se ela postar um vídeo sem maquiagem, ela fala sobre política internacional também, ela fala sobre Marxismo, ela fala sobre mil tópicos importantíssimos, mas se ela posta um vídeo sem maquiagem, metade dos comentários são sobre isso, então tipo já desvalida tudo que ela falou e que... acho que desvalida é até outro passo porque tipo só é apagado mesmo, tipo... não interessa nada que ela falou porque ela não passou o corretor é... corretor não, é corretivo, porque ela não passou rímel, sabe? É tipo é outro nível.

A – E o processo é o mesmo no contrário também, porque quando ela posta vídeo maquiada, as pessoas também só comentam sobre a maquiagem dela.

I – Não tem resposta certa.

A – Sobre essa história que você contou do Xadrez Verbal. Eu queria saber se o seu namorado percebeu que a pesquisadora ficava se justificando o tempo inteiro ou se só você percebeu isso?

I – Ó, eu não... eu não cheguei a comentar tão ‘detalhadamente’ sobre isso com ele. Eu só falei que era muito bom ouvir uma mulher falando sobre política. É... e eu nem sou tão fã de política assim só que tipo, é muito bom ouvir uma mulher falando sobre qualquer coisa né?! Porque é isso você se vê, você vê que aquilo não é só... por mais que seja um podcast de três hora e meia, e aquela mulher falou durante dez minutos, é uma pequena linhazinha no meio daquele clube do Bolinha todo que você vê pô tem uma mulher falando sobre isso sabe? É muito bom. Mas, nesse sentido eu não... eu não cheguei a comentar com ele mas a gente já teve várias discussões sobre isso porque... (barulho) Oi?

A – Era só uma curiosidade mesmo.

I – É... não mas a gente já teve várias discussões sobre isso, mas não por causa de podcast, mas tipo na vida real é... a gente... e... coisas que eu vejo e ele não percebe, por exemplo, eu já briguei com... briguei não né?! A pessoa brigou comigo porque eu não respeitava a opinião dele, só que o meu não respeitar a opinião dele é metade da minha energia na conversa era eu ficar o tempo todo falando eu só quero... eu respeito a sua opinião eu te ouvi mas eu quero que você ouça a minha também. E ele ficou muito puto porque ele... ele não tava conseguindo associar que eu discordar da opinião dele é possível (risos) e

mesmo assim metade da minha energia era só para tentar não ofender ele, então tipo de tudo que eu falava eu começava a frase eu não estou tentando te ofender ou eu não estou te atacando, eu entendi o que você disse, eu entendi o que você falou, eu compreendo sua opinião, metade da minha energia nessas discussões é justamente para não atacar o... o... não atacar entre aspas né?! O frágil ego masculino isso... isso eu já conversei com meu namorado assim e aí e ele não tinha reparado e depois que eu falei, eu falei na próxima vez você me ver conversando qualquer pessoa, com qualquer homem você vai ver... não precisa ser só eu né?! Porque sei lá pode falar que depois disso eu fiquei consciente, não, pode ver qualquer mina conversando com qualquer cara que metade do tempo ela vai ficar tentando se justificar de... para não deixar o cara se sentir atacado, pro cara não se sentir ameaçado de alguma maneira, ou então se sentir desrespeitado e que mesmo assim nem sempre funciona né?! Eu também não ia... ne... nesse caso, essa briga eu não ia concordar com o cara só para ele não ficar magoado né?! Então cara, eu... eu ouço que você... eu entendo o que você está dizendo, eu compreendo não sou ignorante, mas existe a possibilidade de eu discordar de você, eu só acho que sua opinião está equivocada no ponto X, Y, Z e mesmo assim ele ficou extremamente ofendido porque eu desrespeitei ele, aí eu só posso subir os ombros e dizer sinto muito meu amado.

A – Quando você pensa na podosfera em geral e quando você pensa apenas as mulheres que estão na podosfera a diferença entre dois espaços?

I – Qual a diferença entre...? Desculpa, que eu não ouvi...

A – Entre a podosfera em geral, homens mulheres, e a podosfera feminina, só com as mulheres.

I – Deixa eu ver... Eu não sei se eu consigo responder muito bem essa pergunta porque eu super tenho um viés, eu assumo, e a maioria das pessoas da podosfera que eu sigo são justamente as mulheres. Então provavelmente o... para mim o que a podosfera feminina e a podosfera geral é mais ou menos que a mesma coisa porque essa é minha bolha, e... eu não tenho e aí eu vou inserir aqui a foto do Pernalonga de batom (risos) porque eu não ouço muito podcast nacional, é... porque é... são formatos que não me atraem muito, às vezes são temas... eu sei que a podosfera é enorme né?! Deve ter muito programa que eu não conheço, mas é... no geral eu... é um formato que não me prende no muito tal... então eu... eu me identifico mais com formato dos programas estrangeiros né?! E que... que... são mais... eu não sei se você vai conseguir... se eu tô conseguindo passar uma ideia, que são mais objetivos. Tipo....

A – Eu entendi.

I – Se eu tenho... sei lá no Brasil um podcast sobre... design what ever, vou ouvir... vai ser um podcast de hora e meia, você também já deve ter percebido que eu não gosto muito de coisa muito longa (risos) é... vai ser de uma hora e meia e nesse podcast eu vou saber sobre a vida do apresentador, eu vou... eu vou saber sobre... o... sei lá sobre a última vez que ele foi no bar com o outro amigo dele que tá apresentando com ele, eu vou saber... aí fica... E aí quando entra também na pauta aí a pessoa lembra também de uma coisa aconteceu aí volta aí para mim fica um pouco meio, ok eu... eu... eu dei play aqui porque eu queria saber sobre design, eu não queria... eu não quero saber sobre x, y, z da sua vida. O que pode fazer sentido pra audiência porque a audiência... só um minutinho... (conversa com a mãe) ... é que minha mãe entrou aqui no quarto.

A – Tudo bem.

I – É... aí sim, aí eu sei que isso pode funcionar para audiência né?! Tipo ah, você... isso pode até ter funcionado pro meu podcast (risos) é... a pessoa vai lá com frequência, de quinze em quinze dia, sempre tá acompanhando o que eu falo ou que eu deixo de falar, tem gente que sim, fica sabendo da minha vida, mas para mim não funciona tanto porque eu... se eu... se eu vou um podcast eu quero ouvir sobre aquele tópico que eu tava... que eu busquei né?! Ou que diz que tá no título e eu consigo achar isso muito melhor no... muito melhor não né?! Muito mais fácil nos... podcasts estrangeiros tipo se eu tenho um podcast sobre políticas de violação de regra de instagram eu sei que é um podcast de trinta minutos, mas que é um podcast de trinta minuto sobre as políticas de violação de regras do Instagram, eu não vou saber sobre a vida da fulana ou sei lá do McDonald's que ela comeu e se eu souber (risos) e se eu souber geralmente é intrínseco ao tema é... é uma boa estratégia de storytelling é... enfim, aí por isso que eu acho que eu fugi um pouco da pergunta mas é isso, eu acho que eu não vou conseguir responder muito

bem a diferença entre uma podosfera em geral e uma podosfera das mulheres porque eu já tenho muito esse viés, então pra mim a podosfera em geral é a podosfera feminina.

A – Você conhece a PodPesquisa?

I – Conheço.

A - Então você sabe da proporção de ouvintes de podcast ser quase que 80% de homens e mais ou menos 20 e poucos por cento de mulheres?

I – Uhum.

A – O que que você acha que causa esse número?

I – Bem, é... esses tópicos que eu... que eu trouxe sobre a diferença né?! De você produzir conteúdo sendo homem e você produz... produzir conteúdo sendo mulher e... eu acho que é isso na verdade, acho que acaba... acabei respondendo essa pergunta também tipo uma mulher ela é... as pessoas duvidam 15 vezes milhões de vezes das mulheres quando elas falam qualquer coisa, do que quando sei lá é um homem falando é... ou até quando as mulheres vão apresentar ideias né?! Sei lá... eu vou num produtor de Podcast só o exemplo que é o único que eu conheço né?! O único não, que primeiro vem na minha cabeça é o B9, se eu chego no B9 com uma ideia e eu não tô dizendo que “ah, o B9 é um vilão”, é só um exemplo, é... a pessoa vai olhar pra mim tipo... é muito mais fácil eles comprarem a ideia de um homem, do que uma mulher e isso... e tem pesquisa sobre isso, olha eu fazendo isso de novo né?! Assim como eu falei que a mulher do... do Xadrez Verbal fez, mas tem pesquisa sobre isso sobre como uma mulher apresentar uma ideia e um homem apresenta a ideia é muito mais provável de um... qualquer pessoa aceitar melhor a ideia saída da boca de um homem do que de uma mulher. Então eu acho que é isso, é de credibilidade, de visibilidade de... e até de como a gente é sociedade... é socializado como indivíduos homens, indivíduos mulheres você como homem você é levado a acreditar que tudo que você faz é ótimo, que você tem que é... é... ser ativo né?! Dominador perante as situações, então você tem que ir buscar se você quer falar sobre, você vai lá e fala, se você quer um emprego você vai lá e faz, se você quer você... você é socializado para fazer isso as mulheres são socializadas para fazer o contrário, as mulheres são socializadas para parecerem menores do que elas são, elas são socializadas para não interromper ninguém, elas são socializadas para é... não atrapalhar para... para parecer mais invisível possível, para nunca é... ai como que é em português stand up for yourself? Pra nunca se levantar pelas próprias ideias e pelo contrário esperar que alguém faça isso por elas e ainda ser agradecido é... Então acho que isso é muito... isso é uma enorme barreira para qualquer mulher que vai produzir conteúdo seja podcast, seja YouTube, vídeo, texto qualquer tipo de conteúdo.

A – Você já me falou que já participou da Campanha o Podcast é Delas né, como convidada e eu queria saber se você costuma utilizar a hashtag mulheres podcasters também?

I – Sim. Eu geralmente uso.

A – Me fala um pouco sobre a importância dessas duas campanhas, como é que você vê essas duas ações.

I – É... eu acho essas duas campanhas muito importantes. É... o mulheres podcasters que é mais geral né?! É o ano todo... peraí só um minutinho que a minha sobrinha entrou aqui no quarto. (Conversa com a criança). Desculpa (risos). É... Enfim, o mulheres podcasters é uma campanha que rola o ano inteiro e não é só uma campanha é um grupo, é um meio de você achar outras mulheres que fazem o mesma... a mesma coisa que você né?! Produzem o mesmo tipo de conteúdo e esse senso de comunidade por tudo que eu também já falei é... esse é um processo muito solitário e você ser mulher e você querer falar e as pessoas não te ouvirem e você ter... ou mesmo se ouvirem o... o próprio medo de você abrir a boca, de você achar que as pessoas não vão querer saber o que você tem a dizer, ou que vão te desqualificar, ou que um homem vai falar a mesma coisa e vai ser mil vezes mais celebrado entre aspas que você, esse processo todo é muito solitário e... e o mulheres podcasters que até na sua mais simples forma que é uma hashtag faz você encontrar outras mulheres que tão no mesmo barco que você é... então esse senso de comunidade é muito importante e... para além disso você também acha pessoas que tão produzindo, que tão fazendo, que tão jogando suas coisas é um... é um... é tipo uma tag né?! Tipo sei lá... eu quero... se eu quero alguém gamer sei lá, eu vou pesquisar hashtag gamer, hashtag podcast, provavelmente vai

aparecer e se eu quero ouvir mais mulheres sobre os mais variados temas, eu quero sair desse... dessa bolha dos 80% homens na podosfera é... eu sei que eu vou encontrar isso no... na tag mulheres podcasters. E a campanha o Podcast é Delas também é igualmente importante só que ele é mais localizado né?! Ele é tipo é em março que ele acontece, ele é importante para também engajar a podosfera como um todo, para falar sobre mulheres e para deixar as mulheres falarem, né?! Você precisa ter mulheres no podcast para participar da tag então importantíssimo nesse sentido, então é isso foi como eu falei eu participei de podcasts que eu nunca teria participado e por que eu fiz parte da campanha, as pessoas me chamaram por causa dela, é... então provavelmente se existe um... um ouvinte que houve meu podcast porque ouviu minha participação para mim já é uma grande vitória e eu tenho certeza que vai acontecer em vários podcasts de várias mulheres que participam da tag, mas tem esse problema que eu falei, eu acho que... que o problema não é da campanha, a campanha é ótima, é perfeita, a Domenica que faz eu achei a iniciativa dela ótima, ela faz... ela tem uma ótima estratégia, ela é perfeita, o site é muito bom, a campanha está sempre engajada, todos os anos, todos os anos elas traz novidades, todos os anos ela tá tentando trazer podcasts novos para campanha, eu acho perfeito e acho que o problema não é da campanha, o problema é maior que acompanha né?! É um pensamento em geral que eu falei um pouquinho antes das pessoas não... beleza, eu falei em vários podcasts em março para falar de mulher, para falar de mês da mulher, para falar do dia da mulher é... mas, ninguém me chama para falar sobre cinema e eu já... e eu falo sobre isso no meu podcast, por exemplo, eu falo que eu fiz estudos de mídia, que eu fiz aulas de cinema, que eu fiz é... fiz aulas... aulas de cinema é... enfim, com temas de cinema, com tema de mídia, com tema... e... e não é uma formação que eu escondo sabe? Tipo “ah, eu nem sabia que você tinha uma formação em mídias”, eu falo sobre isso o tempo inteiro e... e ninguém nunca me chama para falar para falar sobre isso, então porque né?! Mas em março tá ai pipocando um monte de convite, por que que isso acontece? É... Então acho que isso é um problema estrutural, que não tem jeito, não tem jeito tem que destruir a sociedade pra ir catando e juntando de novo para tirar esse... esse problema dela, mas as campanhas o mulheres podcasters e o podcast é delas é extremamente importante para... primeiro para fazer o senso de comunidade e... e... e pra trazer esse senso de... trazer não, levar né?! E levar essa comunidade para todos os cantos da podosfera, por que aí se não a gente fica só com a gente, eu tô achando aqui que eu tô transformando a vida das pessoas, as pessoas tão ganhando consciência sobre estereótipos machistas nos filmes, só que aí quando eu vejo são... quem me ouve são outras mulheres que já concordavam comigo antes de eu ter falado para elas e fica só a gente batendo uma palma para outra e isso não leva para lugar nenhum né?! Eu quero chegar no homem machista e eu quero que ele escute, eu quero que ele veja que tem problema no jeito que ele se comporta, eu quero ver que não adianta ele sei lá, falar que ai mas eu fui criada só pela minha mãe e eu.. não tem como eu ser ruim com as mulheres ele perceber que tem sim, que essa atitude inclusive é parte do problema, então o Podcast é Delas leva, expande o alcance das mulheres que estão aí falando, que estão aí na... na internet produzindo conteúdo.

A – Tá terminando, a pergunta é se você se considera feminista.

I – Oi? Pode repetir para mim por favor?

A – Você se considera feminista?

I – Sim (risos).

A – Você tem algum alinhamento com alguma corrente ou vertente específica?

I – Olha, não. Não. Como muita gente... começou... a porta de entrada do feminismo, é o feminismo liberal, muita gente começa a ouvir falar de feminismo por causa do feminismo liberal e hoje é uma vertente que eu não quero chegar perto (risos) eu... eu acho que traz esse discurso um pouquinho mais bonito de empoderamento e pipipi popopó só que se você for olhar um pouquinho mais para dentro, se você estudar um pouquinho esse discurso você percebe que pode parecer muito maneiro, mas na verdade reforça várias ideias que na verdade a gente não quer que sejam reforçadas. É... o feminino da segunda onda também eu acho que tem várias questões é... que devem ser realmente pensadas só que tem toda essa polêmica né?! Toda essa discussão em volta do feminismo de segunda onda e eu não tenho nem estudo e nem... é isso não tenho propriedade para dizer “ah, esse feminino tá errado. Ah, esse feminismo é horrível. Ah, esse feminismo é ótimo vocês que não sabem ler” sei lá. Eu não tenho como afirmar nada disso, mas eu também não tenho como dizer que ele não foi importante, que não é e que não foi

importante não é à toa que a gente separa o feminismo em ondas esse feminismo é a segunda onda, é... foi super importante nesse período anos 60, anos 70 e até o final dos anos 80 é... então é muito importante conhecer essa história. Aí tem o feminismo interseccional o que eu acho meio redundante porque eu não tenho como falar sobre... sei lá libertação das mulheres se eu não falar da libertação de todas as mulheres e se não sou só eu que sou branca, loira de olho azul é... não sou só eu que tenho que ter liberdade sei lá, seja... seja lá o que significa nesse discurso. Se é... mulheres negras ainda tão sendo exploradas eu não tô é... atingindo o objetivo do feminismo, se mulher trans estão sendo empurrados para prostituição todo dia porque elas não tem oportunidade, isso... isso também é feminismo, não tem como pensar isso de outra forma, se mulheres pobres tão... tão tendo que se subjugam a seus maridos por dependência financeira isso também faz parte feminino, então classe, raça é... todas as questões... identidade elas tem, ao meu ver né?! Elas têm que ser intrínsecas a qualquer feminismo que a gente for pensar em fazer, porque se é muito do que a gente viu nesse também se... se o meu feminismo é só para mulheres brancas, de classe média eu... ocidentais eu... isso tá ajudando quem? O que que isso tá fazendo? Então eu não tenho como pensar... enfim, o meu ponto é: eu não tenho... não vai estar lá na minha Bio feminista x y z, eu me considero feminista, tem teorias que eu me aproximo mais, tem teorias que eu me afasto, mas o... eu não consigo dizer “ah, esse... feminismo ecossocialista é o meu feminismo”, não. Não sei dizer. Só sei dizer que não é liberal (risos), fora isso...

A – Entendi. De que maneira você acha que esse seu posicionamento político reflete nos eu conteúdo? Você já me disse que no As Mathildas, você já fala sobre cinema e feminismo, então como é na construção da pauta, na hora de pensar conteúdo, como é que isso influencia?

I – Como eu também já disse influencia muito no cuidado de tudo que eu vou falar, eu tenho que checar as fontes 3, 4 vezes antes de repetir uma informação, Principalmente as mais polêmicas né?! É... eu tenho que me proteger mais, eu tenho que tomar cuidado para não deixar espaço para um hater vir me xingar na minha conta do Twitter ou do Instagram, é... eu tenho que tomar esse cuidado extra para... para eu também né?! Não... não enlouquecer no meio desse mar de... de coisa é... eu acho que é isso, porque tipo eu poderia também só falar... sei lá só um podcast de entretenimento, de não tem a intenção de ser informativo ou jornalístico de qualquer maneira, puro entretenimento até para fazer uma piada, para fazer qualquer comentário do mundo, fofoca sei lá dos famosos é... tudo tem que ser pesquisado duas, três vezes com muito mais cuidado, até porque eu quero é... eu não digo isso só porque “ai, Iole você é tão certinha, você se preocupa com informações”, que eu acho que é uma preocupação que todo mundo deveria ter, mas não é só isso é para me proteger mesmo, tipo eu não me deixar ali nesse campo fértil para cancelamentos que é a internet. E a minha saúde mental agradece. Então eu acho que essa é minha principal preocupação na hora que eu vou fazer... se eu tenho uma ideia de fazer um episódio de sobre história da arte, ou sobre história do cinema é... sobre teste de bechdel eu sempre vou ter essa preocupação em checar tudo cinco mil vezes para não ter nada com margem de interpretação que possa tá errado ou não. É... e para... é isso resumindo, é para me proteger.

A – Última pergunta agora e você meio que já me respondeu ela. Qual é a sua percepção do feminismo como movimento ou uma teoria?

I – Eu acho que não é só um né?! Acho que principalmente para quem... a gente que tá muito dentro e tipo isso tá todo dia na minha vida, eu tô sempre falando sobre isso, é muito fácil esquecer. Para quem não... para quem tá de fora né?! Por exemplo, não é feminista, olha para o feminismo e fala isso é feminismo. Então tudo é feminista. Então tipo até o que me representa como feminista ou não, então não existe só um feminismo e eu tento sempre lembrar isso para todo mundo. Não é o mesmo... o feminismo... sei lá... Pior que eu nem sei... me fugiram tantos nomes aqui de exemplo mas feminismo da fulana não é o feminino que me representa, me aproximo mais da ciclana e... e... enfim não é só um, é um movimento plural, é um movimento que tem as suas discordâncias entre si é... é... ´multifacetado, é contraditório justamente por ser multifacetado. E... e tudo bem a gente vai crescendo no meio disso tudo e... eu acho que o feminismo que a gente vê muito ganhando a mídia também que é esse feminismo mais liberal, ele... ele é uma... quase que uma apropriação do próprio patriarcado dentro do feminismo, um ciclo vicioso, em que ele consegue se manter só que cada vez mais perigoso, porque cada vez mais difícil de se perceber. E quanto mais você percebe, mais as pessoas podem também te ataca de volta tipo “ah, você é... ah você”... aquele estereótipo da feminista exagerada, da feminista infeliz, da feminista que não pode ver nada que tá tudo errado e daí já problematiza, é... isso é muito perigoso. É... então não

sei se eu respondi já (risos). Eu acho que a gente como feminista a gente também tem que tomar muito cuidado para a gente também não excluir outras mulheres dentro do próprio movimento. Uma coisa que eu falo desde o primeiro... desde o primeiro episódio das Mathildas, o primeiro que a gente fez lá em 2017, é que eu não tenho como é... virar sei lá para uma mulher negra e falar a nossa luta é mesma, porque não é, porque desde da... do nascimento isso é... em sua origem né?! O feminismo ele já começou com reivindicações que eram completamente opostas para mulheres negras e mulheres brancas, e mulheres brancas queriam sair para trabalhar, as mulheres negras já estavam nas casas das mulheres brancas trabalhando há muito tempo, elas queriam serem vistas como pessoas antes de qualquer coisa, que ela nem eram. É... então acho que a gente... a gente mesmo tem que tomar esse cuidado para não esquecer que o feminismo... eu tenho minhas reivindicações como feminista mas que não vai ser a mesma de outras mulheres feministas e acho que também nem deveriam, porque as pessoas são diferentes, as pessoas tem explicações diferentes e é conversando, dialogando que a gente consegue mudar né?! Mudar, crescer, resolver problemas, conflitos e etc. *

ENTREVISTA Nº 09 – “EM NENHUM MOMENTO EU POSSO DEIXAR DE FALAR”

Áudio disponível em: https://drive.google.com/file/d/1iD-gTwt0H_NIC_cS3xXVPNUX9fov6aBR/view?usp=sharing

Data: 06 de agosto de 2020

Nome: Aline Korohlouyan

Idade: 43

Gênero: Mulher cisgênero

Etnia: Branca

Naturalidade: São Paulo

Orientação sexual: Lésbica

Escolaridade: Pós-graduação completa

Ocupação: Servidora pública do judiciário

Estado civil: casada

Filhos: 0

Podcast: Hora Queer

Relação com o podcast

Alice – A primeira pergunta é se você se lembra da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast, como que você descobriu que podcast existia?

Aline – Cara, é... foi uns 4 anos atrás 4 não, acho que 4 anos e meio, 5 anos atrás é... eu fui fuçando mesmo falei é... tinha, eu vou olha... é um negócio muito esquisito mas eu fui atrás do podcast por causa do ícone podcast que tinha no app da... do iPhone daí eu falei caraca meu que que será isso aqui né deixa eu dar uma fuçada nesse trem aqui daí infelizmente eu topei com Café Brasil (risos) que tava ali naquele topo daí eu falei... aí tentei escutar eu falei “puta, cara chato que merda” é... aí foi procurando pelo... pelo... pelo aqueles top sabe? Dos mais ouvidos tal, os mais indicados até que eu cheguei no AntiCast. E aí eu comecei a ouvir o... Anticast, adorei. E do AntiCast aí acho que uma coisa foi puxando a outra porque eu acho que eu vi um episódio que tinha uma participação do Filipe Figueiredo do Xadrez Verbal daí eu passei a ser ouvinte assídua do Xadrez Verbal é... e aí assim foi e depois veio o Mundo Freak e Projetos Humanos e aí eu entrei para Cracóvia e de repente eu tava lá alucinada com podcasts.

AS – Aham. É... Então eu fiz uma seleção na PodPesquisar né eu cheguei na hora queer; Nossa né, não conheço esse podcast não não sei do que se trata. Então eu queria saber primeiro se você tá na equipe de algum outro podcast atualmente ou se você tá só no HQ?

AK – Tô só no HQ.

AS – O HQ é um podcast sobre narrativas LGBT e política em geral né? E aí eu queria saber como foi esse teu processo de querer produzir conteúdo sobre esse tema, assim como foi que te despertou pra fazer um podcast sobre isso?

AK – Então meu início mesmo ele começou lá na... no grupo né no nosso grupo fechado lá da Cracóvia e foi logo assim que eu cheguei é... o outro Danilo né, minha vida é cheio de Danilo, o Danilo Cursino ele idealizou um podcast LGBT né que a época se chamava transmissão e aí eles tavam procurando o elemento L que né tava em falta ali pra eles pra compor o grupo e aí a gente fez um teste e aí pô legal

vamos tentar fazer e aí a gente começou essa produção, com o primeiro comecei lá com... com eles e aí foi super legal e assim a gente fez acho um... é... a gente conseguiu né manter as letras LGBT por um tempo, primeiro a gente faltou o nosso elemento T é... depois a gente acabou encontrando o Alex ã... a gente produziu acho que uns 10/12 episódios e aí eu o projeto não foi para frente né? É... que é aquelas dificuldade de produção de se encontrar, isso e aquilo, fazer pauta tal ele morreu e e aí logo depois eu acho que uns meses depois, não acho que teve um hiato maior aí, mas a minha memória não... não... não vou me recordar, que daí o... o... eu gra... o Danilo me convidou pra fazer o HQ né? O antigo HQ da Vida é o nosso hora que ir hoje acho que eu fui o Episódio 2 ou 3 como convidada e daí depois de um tempo é... O Dan né? Projetou tudo... tudo isso pra... pra gente formar nossa equipe LGBT e dar um outro caminho pro HQ, foi quando ele me convidou e estamos aí acho que dois anos e meio, três anos eu acho que já com o Dan.

AS – Aham, é... mas assim me fala mais um pouco porque assim você poderia ter... não ter aceitado né?
AK – Poderia.

AS – Me fala um pouco mais da motivação, porque querendo ou não é se expor né?

AK – É... fugi né? É... eu fugi da... do escopo. É... Então, eu acho que a gente tem esse... é que assim assim como eu sou de uma geração de LGBTs que não tinha nenhum tipo de informação eu senti essa necessidade de tentar me comunicar como mulher, como mulher lésbica é... é... porque é uma época que era para mim era muito difícil né? Hoje, a gente hoje fala tanto em identidade e quando eu tinha 20 anos a identidade ela era completamente inexistente, ela era um 0 total, a gente tinha é... uma coluna numa revistinha da Folha de São Paulo que a época ainda era GLS e ali as pessoas tentavam né se comunicar ou achar lugares para frequentar tal, então a minha motivação foi... foi exatamente essa é com produzir conteúdo LGBT para que as pessoas LGBTs, a nossa comunidade, se sentisse acolhida de qualquer aspectos que a gente trate né? O preconceito, é... como a gente vive quando criança, é o aspecto da... do meu ponto de vista né? de já ser mais um pouco mais velha do que os jovens que produzem e consomem podcast é pra que ele se conscientizasse do que era nossa vida 10, 20 anos atrás né que hoje a gente vê um cenário muito longe do ideal óbvio mas que ele é muito mais acolhedor, muito mais é... conectado você hoje tem identidade, você hoje fala, você hoje tem podcast você hoje tem filmes, livros e uma imensidão de conteúdo LGBT porque lá atrás foi... foi doído, foi dolorido né muita gente veio lutando por isso então minha grande motivação foi essa pra que as pessoas tivessem essa identidade, pra que se a gente falasse abertamente disso e pra que as pessoas não perdessem a história do escopo.

AS – Qual função ou funções que você assume no programa que você faz parte?

AK – Ah, a gente... eu faço um pouco da pauta né, o host é as participações, é isso, eu fico completamente fora dessa área que é a edição tal.

AS - Você tem vontade de fazer essa parte de edição ou sabe ou não gosta?

AK – Eu fiz muito pouco assim né, acho que eu até gostaria de me envolver mais assim porque é uma coisa muito legal mas daí fica naquela né a gente já tá tão atolado de coisa que quando eu penso em mais uma coisa você já “aaaahhh” vou explodir (risos).

AS – Sim. Quando você pensa a sua relação com o podcast você acha que é uma relação mais emocional e subjetiva ou ela mais profissional e racional?

AK – Eu acho que ela é mais emocional, ela é mais passional, acredito. Acho que talvez por a gente hã... é profissional aquilo que a gente faz, aquilo que a gente produz por que a gente se dedica as nossas horas, a gente estuda a gente se debruça, a gente tem as nossas reuniões é... ele tem um caráter é... profissional mas eu acho que a gente é... tão induzido a... ao trabalho ligado a algum tipo de salário né ou algum tipo de pagamento que a gente se afasta um , então a gente tem essa... esse... essa tendência de achar que a gente faz por amor né mas na verdade é profissional movido pelo sentimento. Ficou meio mussarela, meio calabresa mas eu acho que é isso mesmo (risos).

AS – É... e quando você pensa os podcasts que você ouve né? Assim que te motiva a ouvir um programa?

AK – Pra mim é sempre a informação, Alice. Acho que a gente produz... Eu acho que o podcast ele tem uma qualidade de... de informação que a gente não encontra em nenhum outro tipo de mídia e a gente

se dedica aquilo né? Por exemplo como eu falei no começo eu sou ouvinte assídua do Xadrez Verbal e às vezes xadrez Verbal tem quatro horas de duração 3:30 e a gente para realmente pra ouvir aquilo porque a gente sabe que aquilo que a gente tá ouvindo vem de um trabalho de dedicação, de estudo de... de uma tentativa é.... máxima de imparcialidade ne dependendo do... do assunto tal. Então eu acho que é isso que me prende à... à mídia é sempre aquela qualidade que a gente não vai encontrar nem num filme, nem numa TV, nem num livro é nem em nenhum canal de rádio, jornal é uma qualidade, um tipo de informação que a gente ganha que deixa a gente completamente fora da curva né do que as pessoas consomem.

AS – É... Quando você pensa todo o processo de fazer um podcast, da produção até edição, distribuição qual que você acha que é mais difícil de fazer?

AK – Ah, eu acho que é a... eu acho que o processo tudo é doloroso né, mas acho que assim a produção né de... de... da... de fazer a pauta, de dividir, de estudar aquele assunto, é um processo de nascimento né então eu acho esse é a parte mais difícil.

AS – Você lembra de algum episódio específico que foi bem difícil de fazer a pauta?

AK – Então ah... para mim eu tenho uma memória forte do episódio da Marielle Franco, que pra gente foi é... doloroso de todos os aspectos né de falar sobre aquele assunto, de gravar o programa, da dor que a gente tava sentindo de tudo aquilo que simbolizava a morte dela pra mim foi um dos episódios mais marcantes que eu tenho na memória assim.

AS – Pensando né, nesses dois anos e um pouquinho de experiência que você tem, você conseguiu desenvolver alguma estratégia pra te ajudar nesse trabalho? Assim por exemplo, a pauta que você falou que é mais difícil você conseguiu desenvolver alguma tática pra ser menos complicado?

AK – Não consegui, Alice pra mim é sempre quando a pauta vem eu tento me debruçar, tenta achar uma janelinha no meu horário e tento pegar o máximo de informação do que a gente tá falando ali mas assim eu não desenvolvi nenhum método específico sabe de estudo ou leitura eu vou fazendo sempre do meu jeito né leio, anoto, tento fazer umas observações grifo mas sem uma metodologia sabe.

Relação com feminismo

AS – A gente já terminou o segundo bloco e agora eu vou pra primeira pergunta do bloco de relação com o feminismo, tá? Essa pergunta, ela é meio que dividida em três temas assim quando você pensa homens e mulheres produzindo conteúdo na internet, você acha que eles têm as mesmas capacidades, acessos e condições de produzir um conteúdo de qualidade?

AK – De igualdade eu acho que não, nunca né? Primeiro porque as mulheres elas são... vão ser cerceadas em certos assuntos, vão ser atacadas né acho que um grande exemplo disso é cada vez que uma mulher vai falar sobre games, por exemplo ou sobre o mundo nerd, ou sobre cultura pop é... então por aí a gente já... já passa o rastelo muito embaixo. É... as mulheres têm a capacidade intelectual, tem o... o... detém conhecimento, às vezes muito melhor do que os homens, mas serão sabotada a maior parte do tempo né, ou vai ser motivo de chacota em algum outro programa, é ou vão ser silenciadas quando convidadas é a gente já viu isso se repetir em inúmeros programas então é impossível de falar de equidade nesses aspectos.

AS – Quando você pensa a pódosfera em geral, homens e mulheres, e a pódosfera feminina né. Você percebe diferença entre esses dois ambientes?

AK – Ah, eu percebo a diferença agora é... é obvio que eu estou inserida em um deles né? A gente tá... faço parte do grupo de mulheres podcasters junto com a Ira é... com um monte de mulheres incríveis Aline Hack, Hheily Caleffi, Marcela Ponce de Leon, Beatriz Santos enfim um monte de mulheres incríveis que produzem é... os seus podcasts mas é... assim na minha percepção eu acho que o que a gente tentou criar foi uma rede de apoio entre as mulheres porque sempre foi sabido daquilo que iria se encontrar quando mulheres é... se erguessem pra produzir os seus programas né. É... e eu acho que também existe a diferença na hora do acolhimento né a pódosfera como um todo é... tem sempre mulheres produzindo, tem sempre mulheres fazendo pauta, tem sempre mulheres sendo convidados? Não né. Vira e mexe sempre tem aquele auê no... nos marcos que né que se seguem durante os anos é...

mas você não vê disso um... é uma habitualidade na podosfera como um todo né é... e você segue vendendo mulher e sempre respeitadas em vários programas você chama a mulher que é especialista naquilo tem alguém cortando, tem alguém explicando. É... Então eu acho que são mundos completamente diferentes ainda, óbvio que vão ter né programas que... que estão num outro nível mas assim a gente tá falando no geral né? A gente tá pegando por exemplo, por amostragem daquilo que... que não é maior então a impressão que eu tenho é essa é completa... são mundos completamente diferentes.

AS – Você tem alguma sugestão de solução para tornar a podosfera em geral um lugar mais acolhedor pras mulheres?

AK – Eu acho que, Alice é... a mulher ela... ela vai viver o que a gente vive hoje por muito tempo. É... as mulheres elas tem que dar suas caras, elas tem que aparecer, elas tem que produzir, elas tem que ocupar seus espaços e a gente tem que seguir educando porque só assim a gente vai conseguir fazer com que tudo isso mude né, a gente tem que ficar batendo na mesma tecla de que... do que é errado, de como se tem que fazer. do que não se pode fazer, do que se deve ou não deve fazer, então eu acho que assim a gente trilha um caminho que é certo que é tentar jogar todas essas mulheres que produzem conteúdo pra luz e só assim as coisas vão mudar, é... eu acho que a gente não... hoje a gente não tem uma receita de bolo a não ser a educação, a não ser a palavra do feminismo. Às vezes as pessoas falam que isso se torna repetitivo, mas tem que ser repetitivo até que todo mundo compreenda que... até que todo mundo compreenda o feminismo como um mais um são dois, porque só assim a gente vai conseguir mudar a mentalidade e a sociedade né pra que ela deixe de ser patriarcal e para que ela seja igualitária.

AS – Você conhece os resultados da porta de pesquisa que mostram a proporção de homens e mulheres ouvintes de podcast?

AK – Acredita que eu não vi os resultados?

AS – Então desde a... da primeira que foi feita né a proporção nunca tinha ultrapassado é 30% sabe era sempre assim 8% de mulheres e depois foi para 12 e sempre nessa taxa assim bem baixa. E aí na última edição que o resultado ficou 27% de mulheres ouvintes e a maioria, grande maioria de homens e um percentual bem pequenininho de pessoas que não declararam gênero assim né? De qualquer forma 30% de mulheres é um número muito baixo você.... o que que você acha que leva a esses números?

AK – É... ainda é muito baixo mesmo agora é... o que será que leva né? A mulher será que... é... nossa tô super gaguejando né, mas deixa eu tentar fazer o meu raciocínio. Eu acho que a mulher... ela não... ela é cerceada né porque a gente tem essa mania de falar a mulher não é imbuída a fazer tal coisa, mas eu acho que a mulher ela é cerceada à tecnologia, ela é cerceada ao seu tempo de conhecimento e ela é cerceada o seu tempo de fazer aquilo que ela gosta, porque, por exemplo a gente ouve podcast, porque a gente ama determinado assunto seja ele a política, o feminismo, a literatura a ficção é... seja qual for o assunto né, mas a grande parte das mulheres elas... elas não são é... elas não são fomentadas a isso a buscar e o podcast a gente tem que saber que hoje além dele ser nichado e apesar de Spotify, Deezer essas coisas ter facilitado imensamente o acesso, é... a mulher ela não tá fomentada a isso, ela não tá fomentada a buscar conhecimento, a buscar fazer o que ela gosta, tirar o seu tempo, achar outras formas de conhecimento é... ao seu acesso à tecnologia ou a sua jornada que tá sempre na tampa fazendo cinco vezes coisas mais do que os homens né, apesar da mobilidade do podcast tal, mas é aquilo que não é dado a mulher né naquele seu tempo ela tem que estar à procura da casa, do seu trabalho, da sua beleza ou seja é massacrada com milhares de coisas que eu acho que é... aquilo que lhe dá prazer sobre todos os aspectos é podado, então eu acho que esses números refletem bem apesar do crescimento refletem bem o tipo de sociedade que a gente continua vivendo.

AS – É... Você já me falou que você conhece né a #mulherespodcasters, eu queria saber se você conhece também a Campanha o Podcast é Delas?

AK – Sim eu acabar de complementar aqui (risos). Eu acho que as duas hashtags, OPED e mulherespodcasters, né tão aí pra mudar, pra acrescentar pra chamar as mulheres, é... não sei se isso também é reflexo né, é reflexo de toda essa campanha é... espero que seja, e quem tá à frente desses dois movimentos são... são mulheres incríveis.

AS – Uhum. É... você se considera feminista?

AK – Sim, muito (risos).

AS – Você tem alinhamento em alguma corrente ou vertente?

AK – Não, não tenho alinhamento, é... a gente só repudia né? Eu tenho repúdio, serve? (Risos).

AS – Serve. É... pode me falar um pouco sobre isso.

AK – A gente tem repudiado feminismo radicais, eu tenho muito essa postura de é... de excluir mulheres trans do nosso movimento, da nossa pauta ou qualquer outro tipo de movimento que... que não abarca o feminismo negro, que não abarca as mulheres pobres, pretas, é... periféricas. Então eu tenho repúdio a esses feminismo que só nos distanciam daquilo que a gente quer, porque se a gente não estuda o feminismo negro a gente nunca vai entender o que é o feminismo, se a gente não olha para mulher negra a gente não pode é... se entender como uma feminista, se a gente não entende os nossos privilégios a gente não pode se entender como uma mulher feminista. Então eu tenho repúdios né aos femininos radicais, aos feminismos excludentes, aos feminismos capitalistas né é... então para mim o feminismo ele tem que ser isso, ele tem que ser anticapitalista, ele tem que ser antirracista, ele tem que venerar o feminismo negro, ouvir as mulheres negras é... e o feminismo tem que ser como o título do livro: pra os 99%.

AS – Em que medida que você acha que seu posicionamento como feminista reflete no conteúdo que você produz?

AK – É, acho que uma coisa não dá para largar a outra né? É... Acho que nem o nosso posicionamento como mulher, nem nosso posicionamento político a gente tem que falar disso abertamente, a gente tem que bater em pautas, a gente tem que abarcar pautas feministas, a gente tem que abarcar pautas LGBTQs, anticapitalistas, antirracistas é porque a gente precisa falar isso então é como se uma coisa não pudesse se desgrudar da outra né então eu acho que isso é muito pungente né e acho que também por isso que a nossa equipe ainda... é a gente fala tanto a mesma língua e a gente é tão coeso em tantos aspectos né, a gente sabe que a gente não pode se desgrudar dos nossos nortes, eu não posso me desgrudar do meu feminismo em nenhuma parte da minha vida nem no meu trabalho, nem na minha casa nem no meu podcast, nem na fila do banco, nem uma roda de desconhecidos, eu tenho que ser feminista 100% do tempo, em nenhum momento eu posso me calar, em nenhum momento eu posso deixar de falar e em nenhum momento eu posso deixar de defender as mulheres né. Então é uma coisa muito intrínseca para mim, Alice.

AS – Você teve medo de hate em algum momento?

AK – Eu sempre tenho medo. (risos) O tempo todo (risos) I see dead people (risos). Eu tenho muito medo, medo, medo mesmo por... por aquilo... porque a gente produz pautas que são hoje né é... tudo aquilo que... que a sociedade abomina, então eu tenho medo por mim, eu tenho medo por Dimitra, pela exposição, eu tenho medo do Rodrigo, de você é eu tenho medo por todos nós, o tempo todo eu acho que cada um que está à frente de... de qualquer tipo de conteúdo LGBTQ, feminista, de esquerda é... tá muito exposto né hoje a gente vive uma sociedade muito antidemocrática. O meu... se você me perguntar o seu medo era o mesmo há 3 anos atrás? Eu ia te falar que não, mas de dois anos para cá meu medo ele é gigante. Mas a gente não pode se calar, a gente não pode se acovardar, a gente tem que se proteger sempre, cuidar um dos outros... uns dos outros mas nunca se... se acovardar por medo de haters.

AS – É... Última pergunta já, queria que você me falasse qual a percepção que você tem do feminismo em geral, seja como movimento, seja como uma teoria, como é que você percebe?

AK – Ai as vezes eu fico tão esperançosa e às vezes eu fico tão desolada, eu tenho duas percepções, Alice eu acho que a gente é... tem um círculo muito forte de mulheres muito fortes de... de... de pessoas no geral né homens também é... muito engajados, estudados né porque a gente não tira coisas do rabo né (risos) a gente tira as nossas opiniões de livros, por incrível que pareça, e de estudos históricos é... mas me assusto quando a gente sai da nossa... do nosso habitat, eu me assusto quando a gente vai pra um outro tipo de ambiente e ouve coisas que é... eu fico cara não é possível que este homem está falando isso ainda no século 21, então eu vivo num misto de sim a gente avançou mas não o suficiente né então acho que a gente não tá conseguindo atingir quem a gente deve atingir. E de uma outra forma eu penso,

eu acho que essas pessoas jamais serão atingidas é... porque é realmente complexo né o feminismo ele é complexo a luta feminista ela é muito complexa, a gente avança, a gente para, a gente leva porrada. Então eu acho que a gente tem que pensar de... em várias frentes a gente avançou muito, a gente resiste, hoje se fala nisso muito infinitamente mais do que há 20 anos atrás quando eu tinha meus 20 anos eu mudei muito né eu sou uma prova viva de que já fui uma mulher machista horrível a gente tem que se reconhecer como tal porque foi a... A sociedade nos criou assim, então eu passei por um processo longo de estudos, de desconstrução, é... de reflexões então a gente sabe que isso demora um tempo, agora como isso vai atingir é... os homens principalmente eu acho que a minha grande preocupação está neles né, nos homens criados dentro dessa sociedade patriarcal completamente adoecida. É... Então acho que isso vai nos demandar muito tempo ainda, porque eu acho que tem uma grande parcela da sociedade que é uma parcela inatingível e as mulheres precisam começar a criar os seus filhos de uma forma diferente né, eu acho que essa junção de um... de... de mulheres feministas criando homens feministas vai conseguir fazer com que a gente avance cada vez mais dentro dessa igualdade mas eu acho que a gente tem uma parcela que a gente não vai conseguir atingir, mas tem que fazer com que ela se escondam. Eu acho que meu objetivo é esse (risos) meu objetivo né que eu tenho na minha cabeça é esse, é fazer com que esses homens não tenham mais coragem de falar o que eles falem... falam abertamente.

AS – É... E quando você pensa por exemplo, a diversidade dentro do próprio movimento feminista né, como você mesmo já aprontou, que não é uma coisa só, não é homogêneo, O que que você pensa sobre isso?

AK – Eu penso que todo pensamento crítico a gente vai se encontrar com adversidades, com... é... com pensamentos que se chocam é mais ou menos como um partido político da própria esquerda né (risos) eu tenho muito isso em mente. Cara, é um negócio tão louco, porque é um monte de gente que deveria estar falando a mesma língua mas não está e daí a gente volta para aquele lance da educação, a gente vai ter que fazer com que parte desses... é desses blocos feministas entrem dentro de uma reflexão pra repensarem seus próprios conceitos, a gente vai chegar num denominador comum? Eu acho muito difícil, mas é assim é aquele quanto mais a gente se afastar dessa ideologia radical, quanto mais a gente se afastar desse feminismo branco mais o caminho certo a gente vai tá indo, agora é... um pensamento igual acho que a gente nunca vai ter, agora tentar provocar reflexão nessas pessoas que estão muito distantes acho que é isso que é o nosso papel, tentar provocar reflexões para que a gente se assemelha ao máximo mas que... acho que a unidade é... é... quase uma utopia. *

ENTREVISTA Nº 10 – “HÁ PREOCUPAÇÃO DE MOSTRAR QUE TEM EMBASAMENTO”

Áudio disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1a2idttjWCAhVRf2MzoJ9f6tC1AM7IG1t/view?usp=sharing>

Data: 10 de agosto de 2020

Nome: Beatriz dos Santos Oliveira

Idade: 35 anos

Gênero: mulher cisgênero

Etnia: Branca

Naturalidade: Rio Janeiro

Orientação sexual: Bissexual

Escolaridade: Pós-graduação completa

Ocupação: Tradutora e revisora

Estado civil: Solteira

Filhos: 0

Podcast: Hora Queer

Relação com o podcast

Alice – Terminou o primeiro bloco e a gente já vai pro segundo e a primeira pergunta é se você se lembra da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast, como foi que você descobriu a existência dessa mídia?

Beatriz – É... na verdade eu ouvi falar do podcast é... através do meu companheiro, é... eu não ouvia podcast, eu nunca tinha ouvido falar e aí ele começou a ouvir. É... começou com os grandes que hoje já são bem conhecidos e aí me falou “Olha tem essa mídia aqui ela é interessante, lembra um pouco o rádio ver o que que você acha”. E aí ao longo do tempo ali por 2015/2016 é que eu realmente comecei a me

interessar por podcast porque antes eu não dava muita atenção, não... não tinha nenhum programa que me prendia.

A – É... Pra encontrar você eu fiz uma seleção nos podcasts indicados na PodPesquisa, como os mais ouvidos né, e aí você tá... apareceu para mim o Ponto G e o Hora Queer. Além desses dois cê tá na banca fixa de mais algum podcast?

B – Não, no momento só esses dois.

A – Me fala um pouco sobre o que te motivou a participar desses dois programas, assim porque criar conteúdo sobre isso? E aí pode ser primeiro. G e depois o HQ.

B – Tá, é... o ponto G ele foi realmente o primeiro podcast de onde... onde eu participei e a motivação pra fazer esse podcast que conta a história de mulheres que foram esquecidas na história, que tem sua relevância foi justamente por sentir uma falta de representatividade na podosfera que naquele momento em 2016 que foi quando o ponto G foi criado é... a gente tinha muito podcast sobre jogos, sobre a cultura geek mas bancada estritamente é... masculinas então eu sentia muita falta de representatividade, de um assunto que dialogasse comigo porque eu gosto de Cultura pop também mas assim é... a sensação que eu tinha que os programas eram feitos muito sem cuidado então eu sempre me interessei por saber histórias de mulheres grandiosas assim na história que tenham feitos né se comentar então é... quando surgiu a proposta de fazer esse podcast com as minhas outras companheiras eu fiquei bastante motivada, bastante animada e aí foi realmente o que me fez ficar na podosfera e achar que era relevante falar pra mulheres mas também fala pra homens e os mais diversos tipos de pessoas é... pra trazer essa representatividade né e pra mostrar que as mulheres sempre tiveram feitos na tecnologia, na saúde e uma proposta mais educacional mesmo pra dividir com as pessoas.

A – E o HQ?

B – E o HQ também é... surgiu dessa vontade de começar a falar um pouquinho mais de questões relacionadas a gênero também, mas também a vivência LGBT que eu nunca tinha parado para produzir conteúdo acadêmico sobre isso então HQ ele me trouxe essa oportunidade de estudar mais do assunto da comunidade LGBTQ em geral assim e foi uma forma também de me entender melhor no mundo com relação a isso, produzindo conteúdo com os amigos, basicamente isso... E Aline, rapidinho não sei se a gente inclui essa parte depois posso falar da parte política do HQ um pouquinho ou você acha melhor não?

A – Não pode falar, tranquilo.

B – Tá, beleza. E aí no HQ a gente começou com... falando mais das vivências LGBTs com uma pauta um pouco mais focada nessas questões identitárias e tal, só que aí depois conforme o programa foi amadurecendo e os meus colegas de bancada nós todos também fomos amadurecendo algumas leituras, surgiu a ideia da gente ser um podcast não só sobre LGBTs mas também que pensasse o mundo ao nosso redor, pensando política, é... pensando a conjuntura em que a gente tá vivendo e relacionando isso é... com a comunidade de uma forma geral e pensando em como a gente pode ajudar a transformar as coisas também.

A – Uhum. As perguntas que eu vou fazer agora você pode responder pensando nos dois podcasts tá? É porque em geral em construí essas perguntas pra mulheres que tão fazendo apenas um programa, então se você ficar confusa a gente pode sempre dividir a resposta primeiro com relação ao ponto G e depois com relação ao HQ. Qual função ou funções que você assume? Assim, da pré-produção até a pós-produção.

B – É... construção de pauta basicamente e apresentação do podcast também, como co-apresentadora.

A – Só isso, assim nos dois você nunca fez a edição?

B – Não, não, só sempre foi mais ligada a produção da pauta dos textos as leituras e apresentação mesmo.

A – Uhum, você tinha vontade de assumir essa parte de edição?

B – Tenho, inclusive estou estudando para isso (risos).

A – Você tá estudando tipo fazendo curso de edição?

B – É tô fazendo na verdade a oficina de Podcast da Domenica Mendes então a gente tá... a gente começou a abordar a pré-produção do podcast mas também vão ter alguns encontros pra treinar essa parte de edição.

A – Uhum, você tem alguma hipótese de porque você não aprendeu antes a editar?

B – Eu acho que talvez não tinha parado assim não... não tinha separado um tempo para me dedicar a isso na verdade porque eu sempre tive curiosidade desde o início que eu comecei a fazer podcast entender melhor como funcionava a edição mas acho que por conta trabalho mesmo e da vida assim normal acho que eu terminei adiando um pouquinho isso e deixando escondido a edição.

A - Quando você pensa sua relação com os dois podcast né que você tá na equipe você acha que essa sua relação ela mais emocional e subjetiva ou ela é mais profissional e racional?

B – Eu acho que estaria mais pro emotivo mesmo.

A – Você pode falar um pouquinho mais?

B – Mas como assim exatamente? Não sei se entendi muito bem que...

A – É porque assim, por exemplo, tem... tem muitas pessoas que dizem que fazem é... o podcast não tem remuneração por exemplo e fazem podcast apenas por que gostam do assunto, porque gostam da mídia ou porque querem falar sobre isso. Isso seria um tipo de relação emocional e que não é profissional né, e também aquele outro tipo de relação que seria essa subjetiva contra a objetiva que seria é... tem gente que ouve podcast apenas para se informar tipo eu só quero ter conteúdo tal e tal já tem gente que houve por que se sente parte de uma comunidade enfim... seria nesses dois universos sabe?

B – Não beleza melhor agora. Eu acho que continua sendo no mais sentimental mesmo porque isso é uma coisa muito curiosa que quando eu comecei a fazer podcast eu era bastante tímida ainda pra falar em público, mesmo com faculdade, já tendo feito mestrado e tal. E o podcast além de ser um mídia muito prazerosa da gente trabalhar de você criar conteúdo e tal eu acho que essa coisa de você realmente criar uma comunidade, as pessoas realmente pararem pra ouvir o que você tá falando e você perceber isso é muito gostoso e a gente... eu pelo menos, eu digo que o bichinho do podcast me mordeu e não dá vontade de parar de fazer porque ele ajuda a gente desenvolver pensamento crítico, ele ajuda a gente desenvolver questões de comunicação com as outras pessoas e como eu venho de Letras eu gosto de literatura, eu acho que eu tenho um pouquinho também daquela coisa de compartilhar conteúdo com as pessoas, conteúdo que me interessa então falar sobre questões que para mim são importantes como o feminismo, é... luta lgbtq + eu acho que são... é muito gratificante mesmo não recebendo nada financeiramente, o feedback emocional que a gente tem, essa coisa da gente conhecer pessoas, de também por esse conhecer pessoas é... conhecer gente que gosta dos mesmos assuntos, expandir conhecimentos, expandir... é... trocar ideia sobre esses assuntos e aí nesse meio também já aconteceu de com outra amiga podcaster a gente tá falando sobre feminismo e a gente pensar em escrever um artigo acadêmico juntas. Então acho que pra mim o podcast terminou virando essa relação sentimental mesmo, é como se fosse uma extensão da minha formação acadêmica até, mas uma extensão assim que abrange muito mais outras pessoas do que a própria academia, do que a própria Universidade.

A – É... de todo o processo de produção do podcast qual que você acha que é mais difícil de fazer?

B – Difícil... Não sei se é difícil mas eu acho que é a edição é mais trabalhosa, não sei se ela é... não sei se a gente pode dizer tão difícil mas eu acho que eu ficaria um pouco com edição e... no caso quando a gente tem... tem que trazer convidados é... fazer a agenda com convidado é uma das coisas mais difíceis também de fazer, você equilibrar agenda e acertar tudo e fazer esse planejamento com outras pessoas além do elenco fixo da bancada.

A – Você se lembra de algum episódio assim de um ou do outro podcast que você lembra que foi muito difícil de fazer por alguma razão?

B – Teve um Ponto G que a gente fez logo é... assim bem recente depois do assassinato da Marielle que a gente tava falando sobre a história dela e tudo mais e foi um podcast difícil de fazer por... por conta

de tudo que tá acontecendo, tá todo mundo no calor do momento e assim foi difícil, foi bem pesado mas foi muito bom de fazer também é daqueles episódios que a gente olha assim tipo cara foi difícil, mas a gente tinha que ter feito mesmo.

A – Como você me contou que não edita e você citou que a... a dificuldade que você tem muito é de dessa a conciliação das agendas né ao longo desses anos você conseguiu pensar alguma estratégia para contornar essa dificuldade de fazer está conciliação?

B – Não ainda não cheguei pensar sobre isso não.

Relação com feminismo

A – Quando você pensa essa podosfera né mas geral assim contanto com homens e mulheres e quando você pensa a podosfera feminina né só as mulheres produzindo podcast. Quais diferenças você percebe nesses dois ambientes?

B – Eu percebo muito no ambiente das mulheres que há uma maior preocupação na produção do podcast, há um maior cuidado com que se fala, com as referências do que se fala, é... há preocupação de mostrar que tem embasamento, que tem pesquisa e que você tem autoridade sobre aquele assunto, já na parte geralmente das bancadas masculinas eu não sinto tanto isso, é muito a sensação que a gente tem de que é como se eles sempre se juntassem fizesse um programa estilo mesa de bar e cada um fala o que quer e não ter responsabilidade nenhuma com o ouvinte, isso diminuiu um pouco eu acho, mas eu ainda sinto bastante essa coisa a gente se preocupa mais com tudo que a gente tá dizendo. (Interrupção) desculpa.

A – Não, pode falar, pode falar.

B – Não, e... eu vejo bastante também é... as mulheres utilizando as hashtags pra mostrar o trabalho de outras mulheres também eu vejo... vejo muito esse movimento é... de uma indicando a outra, a indicando curso que a outra amiga a gente pode tá dando também, então acho que tem uma tentativa de ajudar a fomentar e mostrar mais mulheres pra elas se chegarem próximo da podosfera.

A – Você teria alguma sugestão de solução pra tornar podosfera um ambiente mais acolhedor para as mulheres?

B – É que a gente não tivesse que fazer (risos) campanha pra... só assim... que a gente não precisasse da campanha em março pra convidar uma mulher pra mulher podcaster pra participar dos outros programas, que os homens tivessem mais iniciativa de sempre tentarem procurar outras mulheres pra participar dos seus podcasts até porque agora a gente tem um banco de dados também pra isso. É... se alguém... Se a gente não conhece, eu acho difícil, mas é fácil de encontrar o banco de dados feito pela Domenico e pelo Rodrigo Baço no podcast é delas, então tem lá uma lista de várias mulheres podcasters. Então eu acho que o que falta para ser mais acolhedor para gente é isso mesmo é... muita... muitos caras assim que tem podcast de sucesso realmente terem a preocupação em fazer um ambiente mais saudável, convidar mulheres realmente se importando em procurar é... o que cada uma gosta de falar, o que se interessa e não tratando isso como uma obrigação porque a gente já fala, isso muito tempo e isso continua acontecendo, muitos deles fazem... se empolgam pra “Ah, março mês das mulheres então, vamos lá vamos chamar algumas convidadas participar com a gente aqui” e aí ao longo do ano as agendas das mulheres ficam todas vazias porque elas são esquecidas e os caras não chamam mais pro programas. Então... mas eu acho que é... é um processo de conscientização deles mesmo, a gente já faz pela gente muito tempo e tá fazendo muito bem.

A – Sim, é... você conhece PodPesquisa?

B – Conheço

A – Então é... a PodPesquisa né, tem aqueles dados de ouvintes de homens e mulheres de Podcast e a mais recente foi que a gente conseguiu aumentar um pouquinho a margem para 27% de mulheres porque antes disso nunca tinha chegado aos 20% né? E eu queria saber o que que você acha que causa esses números?

B – Eu acho que essa difusão que eu tava falando um pouco antes... de começar a ter programas feitos por mulheres, é... falando assim de feminismo mas também falando de jogos, falando de literatura, é...

falando da população indígena, falando de música... é... desde que entrei na podosfera em 2016 eu vejo que tem crescido bastante mesmo essa presença e eu acho que isso é devido a começa... esse movimento de começar a se ver em outros programas, porque foi muito o que aconteceu assim comigo né. No meu caso não tinha muitos é... eu entrei no Ponto G com a Ira, com a Juliana Ponzilacqua e a partir daí a gente foi vendo que a cada episódio falando sobre uma mulher a gente tinha muito feedback de mulheres e homens, mas mais animados das mulheres, é... falando o quanto era Incrível a gente ter esse tipo de programa na podosfera e muitas delas falando que até se animava em de repente fazer um podcast. Então acho que aos pouquinhos conforme a gente foi chegando é... foi meio que no exemplo, outras mulheres fora indicando pra amigas é... conhecidas e tal e aí meio que no boca-a-boca eu acho que esse número foi crescendo por aí as mulheres começaram a se ver mais e acho que pensar “Poxa eu também posso fazer meu podcast porque não né?! Se elas tão aqui tão falando sobre esse assunto, vou ver um assunto que me interessa e vou começar a fazer também” acho que foi mais ou menos por aí.

A – Você conhece a #mulherespodcasters e a Campanha o Podcast é Delas?

B – Conheço.

A – Você costuma utilizar elas nos seus programas pra divulgar? Ou já participou como convidada alguma vez na campanha o Podcast é Delas?

B – Sim, já participei, sempre uso tanto #mulherespodcasters quanto Podcast é Delas.

A – Me fala um pouquinho sobre como é que você percebe essa tipo de organização das próprias mulheres que fazem podcast né?

B – Eu acho que é bem benéfico porque tem-se provado né?! Embora... Mais mulheres têm se empolgado em fazer seus próprios podcasts por conta disso é... essas hashtags elas auxiliam muita gente a achar outros programas feitos por mulheres que, por exemplo, eu não vejo tanto conteúdo sobre jogos, mas eu sei que se eu clicar lá na... na hashtag tanto #mulherespodcasters quanto Podcast é Delas eu vou achar é... algum podcast feito por mulheres sobre jogos e sobre outros tantos assuntos. Então eu acho que é muito benéfico esse movimento porque a gente vê que ele é bem efetivo, ele tem ajudado muita gente a conhecer programas, que nunca tinham visto com mulheres é... tem ajudado a disseminar as oficinas que as mulheres podcasters tão fazendo, botando seu conhecimento no mundo quem já tem mais experiência. A gente tem é... oficina da Aline, a gente tem oficina da... da Ira, oficina da Domenica. Então acho que ajuda muito a gente a formar realmente uma comunidade que é benéfica, não só para gente, porque as pessoas vão conhecer os nossos podcasts, mas a gente vai criar outros laços com outras mulheres e isso tem que criado muito uma rede de apoio na podosfera que acho que também termina refletindo na PodPesquisa é... porque a gente se sente mais segura apesar dos hates que volta e meia aparecem.

A – Próxima pergunta, quase no final já. Você se considera feminista?

B – Sim. Mesmo antes de saber o que isso era (risos).

A – (Risos). Você tem alinhamento em alguma corrente ou vertente específica?

B – Olha, eu estudado algumas coisas é... tô num processo aí de ler muita coisa, mas a princípio eu me alinharia mais ao feminismo marxista.

A – Em que medida você acha que esse seu posicionamento como feminista ele se reflete no conteúdo que você produz?

B – Ah, reflete bastante na forma como a gente, no ponto G, aborda o perfil das mulheres, as contas que a gente fala, que a gente fala muito de carreira, de conquistas acadêmicas, de pioneirismo mesmo né?! De... de atitudes e profissões na história e... no... no Hora Quee mais ou menos isso, também reflete é... nas referências que a gente tem, é... por ser também um podcast comunista... (Risos) é... comunista, anti-capitalista. Então acho que o feminismo é... reflete muito nisso principalmente essa linha do feminismo marxista né? Não é uma coisa de por exemplo feminismo Liberal, que seria só “ah, mulheres no poder, em cargos de poder e olha que maravilhoso isso” não, a gente tenta olhar para a maioria da população mesmo e pensar num feminismo que abarque todo mundo principalmente a classe trabalhadora porque é o que somos né?! Não nascemos com pai rico, nem mãe rica... então (risos).

A – Exatamente (risos). Já pegando já um gancho de uma coisa que já começou a falar mas eu queria que você aprofundasse um pouco assim nesse contexto desse tipo de conteúdo que você produz você tem medo de hate?

B – Já tive, não tenho mais. Já tive porque no ponto G a gente teve algumas críticas até é... mas assim em determinado momento as críticas passaram um pouco do ponto, eu... eu me assustei um pouco mas depois falei ah, normal, uma hora isso ia acontecer então a gente tá fazendo certo.

A – Isso você lembra a época mais ou menos que isso aconteceu?

B – Não tenho certeza, mas talvez 2017/18 por aí... acho que mais ou menos é... acho que mais ou menos essa época.

A – Última pergunta. Qual é a percepção que você tem do feminismo em geral, como um movimento ou uma teoria?

B – Isso pode tipo envolver tudo assim na vida?

A – Tudo assim na vida.

B – Tá, eu acho que o feminismo sempre foi um movimento muito importante assim, pelo menos particularmente para mim, como eu tava falando antes mesmo antes de saber o que que era feminismo é... eu... inatamente contestava algumas coisas, alguns comportamentos que eu via em casa e que eu via próximo mim de coisas que mulheres não podiam fazer ou coisas que não podia desejar, então eu acho que o feminismo é um movimento muito importante ainda hoje, porque cara, primeiro porque se não fosse ele a gente não teria conquistado o direito a voto, em alguns lugares as mulheres não teriam conseguido... conquistado conquistado o direito ao aborto seguro que a gente tá longe disso no Brasil, por exemplo, mas é uma pauta importante, não é uma questão de gosta ou não gosta, é uma questão de saúde pública que tem que ser debatida e aqui é muito complicado, ainda não se debate como se deveria. É... Feminismo é muito importante porque através das lutas das feministas por os melhores condições a gente é... pôde pensar né?! Talvez algum tipo de equanimidade com os homens no caso das mulheres brancas de ter acesso a... a poder sair de casa, poder trabalhar, no caso das mulheres negras que já trabalhavam, de ter melhores condições de trabalho né?! Não serem tão subalternizadas e apesar de no Brasil a gente ainda precisar conquistar tanta coisa que já foi tirada eu acho que se não fosse o feminismo a gente taria muito pior, muito pior, em relação a... salário, em relação à violência doméstica também que ainda é muito grande, mas o feminismo se faz importante para tentar pensar leis, pensar modos de modificar essa realidade então eu não imagino uma vida sem feminismo porque eu acho que... assim, a gente já... já vive em certa precariedade, a gente já vive com dificuldades para realizar as coisas que a gente quer, mas eu acho que se não fosse o feminismo com relação as mulheres e por mulheres entenda mulheres cis, mulheres trans, abarcando todo mundo porque são mulheres, se não fosse ele a gente teria perdido, a gente estaria mais na barbárie do que a gente já tá. Porque sem luta todos os nossos direitos, a gente não teria como, não teria como sobreviver.

A – Assim, e sobre a multiplicidade do feminismo né?! Porque às vezes é difícil para pessoas que não tem esse conhecimento entender que não é homogêneo né?! Que são vários feminismos, dentro de um feminino. Como é que você dialoga assim com essa diversidade?

B – Alice, repete de novo que picotou aqui, por favor.

A – Tá, eu perguntei com relação a multiplicidade do feminismo né?! Como é dialoga com tanta diversidade que existe dentro desse movimento?

B – Dialogar com esses movimentos em si ou com as pessoas que não conhece o feminismo?

A – Com esses movimentos em si, com os movimentos internos tipo várias correntes, várias vertentes, discordâncias como é que você lida com isso?

B – Olhas, acho que antes eu lidava... eu acho que antes ele lidava pior eu acho que... sei talvez antes eu brigasse mais com todo mundo (risos) em qualquer discordância assim mas acho que hoje é um pouco mais tranquilo é... a não ser tanto com o feminismo liberal porque... por motivo de ranço, mas enfim... Pra quem for ver essa pesquisa enfim... motivo de ranço porque é... o bom de tá estudando feminismo

já algum tempo é perceber que o feminismo liberal é muito problemático principalmente para mim que... que venho da classe trabalhadora, que sou uma mulher de periferia porque ele é um feminismo que não me abarca que não... não me compete porque ele acredita numa elevação social das mulheres numa questão de melhor condição salarial e tal, mas ele continua ele... ele promove uma ideia de ter mulheres em cargos de liderança, em posições de chefia, mas ainda assim oprimindo, outras mulheres então ao longo do tempo eu vim percebendo que esse feminismo, por exemplo, ele não dialoga comigo, ele não serve para mim, porque não adianta eu ficar muito bem ou então ter aquela coisa de ah, mulheres no topo, porque enquanto tiver um topo vai ter uma base, e eu sei que tá na base não é bom, não é bom para gente, não é bom porque a gente trabalha muito, a gente ganha muito pouco, a gente não consegue viver tão bem quando poderia, é... a gente não tem tanto acesso a lazer, a questão de educação, a formação, eu ainda tive sorte de ter pessoas pelo caminho que me conseguiram bolsa, eu entrei numa universidade pública, tive oportunidade de estudar com pessoas... com professores maravilhosos, mas assim não é toda pessoa de periferia que ainda hoje consegue isso, então esse feminismo liberal de... ah... só a há vamos ganhar dinheiro e ser mulher chefe, palmas, oprimir outras mulheres que vieram do mesmo lugar onde eu vim, não faz mais sentido para mim. Então discordo, desse feminismo liberal, mas dialogo um pouco mais tranquila com ele acho que hoje eu apresento... se me apresentam argumentos favoráveis à ele e já sei os contras... contra-argumentos que eu tenho. Eu acho que a grande coisa é isso, ao longo dos anos o diálogo com as várias vertentes ficou mais fácil por conta também da leitura, eu fui entendendo melhor e olhando na sociedade o que me cabe, o que não me cabe e bom e algumas outras e algumas outras vertentes aí já mais difícil dialogar, por exemplo o feminismo radical, já... já é mais complicado porque tem a questão de não envolverem... não entenderem mulheres trans com mulheres, é... de rechaçarem dizendo que elas seriam privilegiadas por ter uma... uma construção como homem e depois elas dizem que... é que é estranho gostariam... queriam... são homens vestidos de mulheres eu não concordo com isso, então aí o diálogo já fica um pouco mais complicado. *

ENTREVISTA Nº 11 – “EU ACHO QUE EU TÔ NA BOLHA”

Áudio disponível em: https://drive.google.com/file/d/12sc1rdT5DcV-ybSImVV7Y_T56IEYVr8t/view?usp=sharing

Data: 10/08/2020
Nome: Thaís Aux Pavão
Idade: 37 Anos
Gênero: Mulher cisgênero
Etnia: Branca
Naturalidade: São Paulo/SP

Orientação sexual: Heterossexual
Escolaridade: pós-graduação completa
Ocupação: Tradutora de textos
Estado civil: Casada
Filhos: 01
Podcast: Doctor Who Brasil

Relação com o podcast

Alice Santos - A primeira pergunta é como você conheceu o podcast, você lembra a primeira vez que você ouviu falar sobre isso?

Thaís Pavão – Olha eu acho que a primeira vez que ouvi falar de Podcast foi Jovem Nerd eu acho que foi infelizmente (risos) a primeira referência de Podcast lá atrás né?! Faz muitos anos isso e depois de muitos anos eu comecei a ouvir falar de pessoas, é... sites menores produzindo podcasts. E aí eu falei olha isso sim me parece mais interessante, porque apesar de eu ter ouvido falar do Jovem Nerd eu não tinha interesse de escutar esse tipo de podcast Jovem Nerd e aí quando os pequenos produtores de conteúdo começaram a fazer aí eu me interessei, aí começou assim a... a valer mais a pena para mim mas eu acho que olha não sei quando eu ouvi falar eu acho que foi lá por volta de 2008, 2010 acho que por aí faz um tempão...

A – Mas você lembra se você descobriu na internet....

Thaís – Internet! Sim com certeza deve ter sido rede social é Facebook e Twitter mesmo.

A – Para encontrar você eu fiz uma seleção na PodPesquisa né?! E aí apareceu o seu podcast que é o Doctor Who Brasil não é isso?

T – Isso... É o Doctor Who Brasil é o site e o DWBRcast é o podcast.

A – Meio óbvia a pergunta, mas me fala um pouco os conteúdos que vocês tratam no podcast e por que que você quis produzir conteúdo sobre esse assunto.

T – Tá, vamos lá. Bom a gente escolheu falar de Doctor Who porque era uma série que a gente gostava né?! E eu falo a gente porque é eu com meu marido né?! Eu e o Fred é... E na verdade o site surgiu antes e a ideia do podcast na verdade veio do meu marido tipo ele falou “vamos fazer um podcast dentro do site”. É... porque a minha primeira ideia era só site, só texto mesmo tipo notícias né?! News, hard news ali sobre Doctor Who. E daí ele falou “vamos fazer podcast” e aí eu falei “mas eu não sei fazer podcast” (risos) e ele falou “não, eu tenho um pouco mais de experiência com isso”. E aí eu nisso comecei a ouvir outros podcasts e aí de vários temas né?! Sempre voltado para o mundo nerd sempre assim sobre cinema, sobre série, sobre essas coisas e aí sim que a gente foi apostar no formato, mas o site surgiu primeiro como site de notícias e depois que veio incorporar o podcast no site.

A – Quando você pensa sua relação com podcast você acha que ela é mais emocional e subjetiva ou que ela mais profissional e racional?

T – Muito emocional, com certeza (risos). Acho que é porque o meu podcast ele é feito sobre uma série que eu gosto e que eu tenho... existe uma afetividade minha em relação a essa série. Inclusive é... a minha monografia da pós-graduação foi estudando é... a formação do fandom da série de Doctor Who. Então minha relação é sim afetiva, eu fiz o site porque eu tenho uma... uma afeição pela série né?! E então podcast para mim eu não faço em termos profissionais do tipo assim não é que nem lá o podcast da Folha, Café da Manhã que eu faço para distribuir notícia, só apenas e tão somente né?! É uma coisa muito mais afetiva do tipo assim é uma série que a gente ama, é uma série que a gente gosta e a gente fala para um público que também tem muito afeto pela série existe muito amor assim muita é... emoção relacionada a isso então para mim sem sombra de dúvidas tem muito mais a ver com afeto do que com uma relação profissional.

A – Eu queria fazer só um parêntese que eu tô na quinta temporada de Doctor Who por favor não conta spoiler (risos).

T – (Risos) Não, não vou falar não fica tranquila.

A – Dentro do podcast você já me contou que seu marido que domina essa parte mais técnica né?

T – Com certeza! Ele edita, por exemplo.

A – Dentro desse... da produção né?! Pensar pauta, a gravação, a edição qual dessas funções que você assume?

T – Eu... Eu faço duas coisas principais dentro do podcast é... a primeira delas é a pesquisa. Porque agora a gente... a gente tem uma agenda né?! Bem específica de gravação então a gente faz reviews... A gente tem três edições semanais é... na quarta-feira a gente solta review da série moderna então a gente pega episódio por episódio, um por um da série moderna na sexta-feira que é Podcast Friday é série clássica e no domingo a gente solta a DWR News com as notícias da semana. A minha parte é a pesquisa então por exemplo, o DWR News é 100% eu que faço a pesquisa e o texto e a gravação também ele só edita.

A – Entendi.

T – E no caso dos reviews é... eu faço toda a parte de pesquisa da pauta relacionar por exemplo a curiosidades, é... coisas de gravação, de produção como foi na época é... eu caço as entrevistas, então é um trabalho bem jornalístico porque eu tenho um background em jornalismo né?! Eu sou formada em publicidade, minha pós em Jornalismo e eu trabalhei vários anos com jornalismo né?! Eu trabalhei na Editora Abril, eu trabalhei na revista Atrevida também né?! Então a minha parte é pesquisa e a segunda parte né?! Que a parte aí principal também é a gravação então o... é... toda a edição do podcast de review aí é sempre eu e o Fred e de vez em quando tem convidados. Então o Fred ele não faz sozinho, é sempre eu e ele. Então o meu foco é esse é a pesquisa e é a gravação. E no caso dele é a gravação e a edição.

A – Você tem vontade de aprender a editar ou de assumir essa tarefa?

T – Olha, neste momento não. É... Eu acho que o Fred faz muito bem na verdade essa parte é... eu sou melhor em editar vídeo do que editar áudio. Eu não teria problema eu acho que eu super aprenderia se eu quisesse né?! Mas assim não é particularmente algo que eu busco ou procuro fazer, eu acho que tá em boas mãos (risos) mas, por exemplo, vou fazer um adendoo dessa parte né?! É... Eu penso em fazer de repente outros podcasts, vira e mexe a gente pensa né?! “Ah, vou fazer um podcast sobre isso” (risos) quem não pensa dessa forma né?! “Vou fazer um podcast sobre outra coisa!” E aí eu sempre penso se eu assumiria o... a edição dele ou se eu passaria para o Fred fazer... ou por exemplo eu sei que o Anchor agora a plataforma ele... ela... é bem intuitiva nesse sentido né?! É... então eu não sei mas assim nesse primeiro momento não, a parte técnica não.

A – Tá. De todo esse processo de produção do podcast qual que você acha que é mais difícil de fazer?

T – Ai... todas as partes são difíceis de fazer eu acho né?! (risos) Eu acho que é... fazer podcast é... envolve uma série de conhecimentos né?! Não é só uma coisa, não é só pesquisa, não é só gravar e gravar tem muito a ver também com imposição de vozes e saber né?! Falar de uma maneira assim mais jornalística, mais séria e a parte de edição é uma parte super técnica e também tem a parte da distribuição que a gente não tá falando né?! Que é o marketing, que são as redes sociais também né?! Então são muitas etapas, muitos conhecimentos, muitas skills envolvidas assim. É... então eu não sei se tem uma parte mais difícil, eu acho que depende da pessoa porque tem pessoas que tem mais habilidade com uma coisa do que com outra né?! É... Então por exemplo eu sou super boa em fazer pesquisa aí o Fred já não é tão bom em fazer pesquisa aí ele é melhor em editar né?! A gente vai com combinando saberes assim.

A – Você tem memória de algum episódio específico assim da parte que você faz né?! De pesquisa e gravação que foi muito complicado de fazer, que deu problemas...

T – Bom, a gente aprendeu gravação geralmente é aí que dá problema (risos) é... teve um episódio de podcast que a gente tinha prometido inclusive né?! Pro público e a gente foi gravar e foi super complicado porque era um dossiê dos daleks então assim a pesquisa foi enorme, foi duas horas de programa e a gente perdeu o áudio. Então eu falei “nãããooo”, Então, eu acho que a parte... toda vez que é dossiê é complicado, toda vez que a pesquisa é muito complexa e o tema é muito complexo então a gente tem que gravar é... um tempo maior de podcast acaba ficando mais complicado. Então os dossiês são... são mais difíceis é... eu diria que também a gente fez algumas edições ao vivo porque a gente fazia alguns eventos na Livraria Cultura uns anos atrás, esses também são um pouco mais complicados porque a gente tem que contar muito por exemplo é... com a participação do público. Então nem sempre é... sei lá a gente tem que torcer para eles fazerem perguntas legais sabe assim? Então sempre envolve um grau a mais de complexidade quando é ao vivo ou quando é uma pesquisa muito grande e o tema é muito extenso né?! E a gente não quer ficar quebrando em dois blocos tipo: não a gente quer soltar um podcast só com... com isso né?! Mas eu também sou muito contra podcast de 5 horas acho que podcast tem que ter umas duas... duas e meia no máximo senão também aí já é demais.

A – Ao longo desse período né é fazendo essa produção em especial desses que você comentou que são mais difíceis você conseguiu desenvolver alguma estratégia para facilitar esse processo?

T – Deixa eu pensar... Ah, não sei exatamente como responder essa pergunta... é... eu acho que assim uma coisa que é certa é que podcast a gente aprende muito fazendo né?! Então eu vejo uma evolução desde o episódio 1, quem pega para ouvir Episódio 1 eu até falo “desculpa tá porque é bem ruim” (risos) e ao longo dos anos a gente acabou desenvolvendo uma série de parâmetros né?! Então por exemplo a gente aprendeu a falar melhor, a gente fala com mais entonação, a gente impõem melhorar a voz... é... a voz sai mais fluida, tem mais ritmo é... o entrosamento também melhorou. Então assim como a gente grava em loco né?! Porque a gente mora junto então é mais fácil então um lha para cara do outro já sabe quando tem que pausar e tal então a gente foi desenvolvendo essas ferramentas, não se atropelar sabe assim? Então eu acho que fazer podcast por tantos anos acabou me ensinando muito a falar melhor por exemplo a organizar melhor... melhor as ideias também. Então toda a minha pauta ela é escrita pensando no formato, quanto tempo eu vou ter para falar aquilo, que que entra que que sai né?! Então a gente vai aprimorando essas habilidades ao longo dos anos.

Relação com feminismo

A – A primeira pergunta é sobre a sua percepção de igualdade na produção de conteúdo entre homens e mulheres quando você considera capacidade, acesso e condições. Então assim, quando você pensa homens e mulheres produzindo conteúdo na internet, existe uma igualdade na capacidade, nos acessos e na condição desses dois grupos de fazer um conteúdo de qualidade?

T – Bom, capacidade sempre tem óbvio né?! Isso é indiscutível é... homens e mulheres têm capacidade para fazer podcast igualmente. Agora em relação ao acesso aí eu já não sei te dizer né?! É... Aí eu teria que por exemplo caçar alguns dados para saber e tudo mais... uma coisa que me deixou muito feliz é que eu vejo que hoje a podosfera ela é bem mais dominada por mulheres do que antigamente. Então por exemplo eu abri esse... essa nossa conversa, esse nosso papo falando do Jovem Nerd que era um podcast predominantemente masculino e depois os outros podcasts de que eu tinha ouvido falar eram todos de homens então é... o sei lá o Matando Robôs Gigantes: de homem. Omelete: também né?! Quer dizer tinha meninas ali, mas acho que a predominância era masculina e tal. E hoje a gente tá numa... num momento delicioso dá podosfera porque tem muita mulher produzindo, tem caras produzindo também mas assim você vê que é um boom de conteúdo de qualidade feito por mulheres então é muito gostoso ver que nós ganhamos espaço, que nós estamos aí fazendo e produzindo e em pé de igualdade, muitas vezes até melhor também (risos) do que os caras. Então nesse sentido né?! Eu acho que é legal ver que as meninas perderam o medo é... e foram fazer e tipo não se intimidaram é... no sentido de ah editar é difícil não, não é vamos aprender, vamos fazer, vamos lançar, vamos ver qual é que é. Então fico muito feliz com o estado da podosfera hoje assim.

A – Você consegue sentir na podosfera alguma diferença nela em geral assim homens e mulheres e quando você pensa só a comunidade das mulheres você percebe diferença no acolhimento por exemplo?

T – Ah, 100%. É... eu não sei como é da parte dos meninos né?! Mas eu tô no grupo lá né das mulheres porque vocês lá no WhatsApp eu não interajo mas eu leio as coisas... é... e você vê que é muito gostoso é uma troca muito boa né?! As meninas sempre se apoiando umas as outras e... e precisando é... elas interagem entre si ali então eu sinto que existe um acolhimento muito grande entre as mulheres é... na podosfera e eu não sei se isso acontece com os homens tipo eu não... eu não participo né?! De grupos que tem homens e tudo mais na verdade o único grupo que eu participo é esse é... Então eu não sei como funciona da parte deles mas eu não tenho dúvida nenhuma que da parte das mulheres o acolhimento é real e é maravilhoso assim, eu acho que a gente tá num momento muito bom assim.

A – Você conhece a PodPesquisa?

T – Sim! Sim, já participamos inclusive várias vezes (risos).

A – Então a PodPesquisa quando ela mostra os dados dos ouvintes né?! A gente teve na última edição um aumento para 27% desses ouvintes de mulheres antes disso esse número nunca tinha chegado nem a 20%.

T - Sério? Nossa...

A - Essa última edição foi a referente a 2019 que saiu em março desse ano. Então a gente fica aí com essa proporção né de 27% dos ouvintes de podcast no Brasil são mulheres, apenas 27%.

T – Super pouco...

A – E aí essa pergunta aqui é bem no achismo, na vivência tá? Não precisa de embasamento científico. O que eu queria saber é o que que você acha que causa esse número assim... por que tão poucas mulheres?

T – Tá, vamos lá é... então eu falei do acolhimento mas é das produtoras né?! Agora da parte das ouvintes é complicado porque por exemplo é... eu vejo que dentro do mundo feminista ali no Twitter tem muita mulher ouvindo podcast compartilhando os podcast que elas gostam assim mas eu acho que eu tô na bolha entendeu?! Eu não sei se... é... para mim parece super comum né?! As meninas ouvirem podcast, compartilhar os podcasts que elas gostam né?! Então é muito gostoso mas eu acho que eu tô na bolha, eu acho que assim é... agora falando dentro do meu podcast o que eu vejo de estatística. Dentro... aí tem muito mais a ver com o fandom de Doctor Who em específico. Doctor Who é uma série muito vou

colocar entre aspas “unissex” tipo tem fãs dos dois sexos igualmente. Não é que nem por exemplo Outlander que é um fandom super feminino ou sei lá uma série que tenha um fandom super masculino, ela é bem equilibrada. Então dos nossos ouvintes é bem equilibrado também a gente tem ouvintes homens e mulheres e quase igual assim. É... a gente tem o apoio.se né?! O crowdfunding e também é bem equilibrado tem homens e mulheres assim mas eu acho que isso é reflexo da série em específico. Uma coisa que eu vejo porém que é muito interessante é... que a gente tem uma sessão de e-mails né?! É... e a maioria das pessoas que manda e-mails são homens, meninas não mandam muito e-mail. Então é... eu não sei que é sei lá elas até ouvem mas não falam sobre, ou realmente elas não ouvem entendeu? Mas eu tenho... eu faço um esforço gigantesco que eu sempre gosto de ler mais os e-mails das meninas, do que dos meninos né?! Só que às vezes eu tenho que ficar caçando, caçando, implorar e eu falo meninas mandem e-mail por favor, por favor. E aí chega na... na nossa caixa de entrada tipo assim 5 e-mails de meninos e um de menina. Pra cada cinco é um entendeu? A proporção é bem desigualzinha. Então eu não sei se tem a ver com o engajamento ou se realmente elas não estão ouvindo, mas de novo Doctor Who é super unissex então eu não sei em termos amplos, de temas amplos né?! É... como funciona. mas aí eu fiquei triste com essa estatística acho pouco (risos).

A – É bem pouco e assim a gente tá comemorando porque realmente foi um aumento como nunca tinha acontecido antes.

T – Mas ainda é pouco demais.

A – Sim. É... Passando para próxima pergunta, eu queria saber se você conhece a #mulherespodcasters e a campanha podcast é delas?

T – Claro, com certeza. Domênica maravilhosa (risos)a frente de tudo aí.

A – Você costuma utilizar essas hashtags ou participar da campanha podcast delas?

T – Então, é... eu tinha a #mulherespodcasters no meu perfil eu fiquei com essa hashtag por um tempão, tirei até recentemente é... mas eu coloquei no meu perfil tá lá né?! Criadora de conteúdo e podcaster eu gosto muito e tenho muito orgulho de dizer que eu sou sim podcaster, é... e eu sou muito assim é... advogada da causa podcast. Eu sempre vou defender o podcast em relação ao vídeo por exemplo. Em relação ao podcast é delas eu sempre tento participar mas eu sempre me enrolo e acabo não participando é... dentro do Doctor Who Brasil mas eu já participei como convidada de outros podcasts dentro da campanha. Então já participei assim mas não ativamente, mas eu acho maravilhoso... nossa é uma iniciativa assim espetacular acho muito bom.

A – Estamos já chegando no final tá?! E aí a pergunta se você se considera feminista.

T – Com certeza (risos), nisso não há dúvidas.

A – Você tem algum alinhamento com alguma corrente ou vertente específica?

T – Não, não. É... assim eu não sou como se diz é... super conhecedora é... no sentido assim de conhecer vertentes e tudo mais né?! Mas é... não há... não há sombra de dúvida de quem eu me considero uma feminista e eu acho que o exerço o meu feminismo assim nas pequenas coisas né?! Então por exemplo é nessa hora do e-mail que eu prefiro dar voz as meninas e por isso que eu fico pedindo para elas mandarem sabe? Se eu tenho que compartilhar um conteúdo é... eu sempre vou dar preferência por um conteúdo criado por mulheres entendeu? Então nesse sentido... empoderar mulheres sempre em todas as ocasiões não só dentro de podosfera, não só dentro de internet mas assim na minha vida, no meu dia a dia, no meu cotidiano é... assim se eu tenho a chance de empoderar uma mulher é... de comprar de uma mulher, de comprar de uma mãe, de compartilhar algo sempre vou preferir é... compartilhar e comprar de uma mulher sempre, isso aí é... para mim já é uma prática constante há muitos anos.

A – Como que você percebe que influencia no conteúdo que você produz esse posicionamento como feministas? Assim... Para Além disso que você já me contou né mas assim na hora de fazer o conteúdo.

T – Tá, é... então aí eu já vou ter que entrar nos específicos de Doctor Who mas sem spoiler, juro. Doctor Who é uma série que ela é bem feminista na verdade principalmente porque agora nós temos aí né a Doutora mulher, YES! É... e isso foi assim uma vitória tão grande e tão delicioso e tão maravilhoso é... e claro que isso atraiu um hate absurdo das pessoas idiotas né?! É... desses machistas idiotas e assim

toda vez que a gente coloca alguma coisa da Doutora né?! Da Jodie e vem alguém falar bosta a gente tá lá defendendo entendeu? Nas redes sociais se alguém falar “ah, que a série tem que acabar. Ah, ela tem que sair”: Não. Tipo para nós é... a gente... a gente sempre responde, a gente não deixa quieto, a gente não deixa barato, a gente tá sempre respondendo esse tipo de comentário né?! É... também é uma série que foi criado por uma mulher que é a Verity Lambert né?! oi uma das ganhadoras lá nos anos 60 e tal é... a gente tem personagens femininas fortes em Doctor Who o tempo todo, nós temos temas feministas em Doctor Who o tempo todo é... então assim é... nesse sentido é muito gostoso produzir é... conteúdo de Doctor Who porque é uma série que ativamente é feminista sabe? Então a gente sempre gosta de toda vez que... que acontecem esses tipos de manifestações dentro da série, os temas aparecem ou claro quando a Doutora foi escolhida tal é... para nós é um prazer porque... porque aí a pauta do feminismo tá ali para a gente poder falar sobre. Eu acho que a sério dá muito gancho para falar sobre isso e isso para mim é uma das melhores coisas sobre Doctor Who assim. O fato de Doctor Who ser abertamente não só feminista né?! Mas super pró é... direitos LGBT... então assim milhões de personagens LGBT direto aparece em Doctor Who, então toda vez que eles dão uma chance, esses ganchos para gente falar dessas coisas a gente aproveita porque poucas séries fazem isso de uma forma tão... eu acho que eles deixam de uma forma muito natural ali dentro do plot e tudo mais então é sempre gostoso ter esse gancho para falar.

A – Pensando assim no início né você teve medo de hate ou esse medo surgiu em algum momento?

T – Não, não tive medo de hate é... a gente não tem medo, a gente enfrenta e a gente responde e sempre à altura e nada de se intimidar não. Nunca tive medo, não.

A – Última pergunta já. Qual a percepção que você tem do feminismo como movimento ou como uma teoria?

T – Nossa, essa é complexa (risos). É... eu não vou falar de teoria porque eu não entendo de teoria... é... as teorias do feminismo e tal eu não tenho nem propriedade. Como um movimento eu acho que, cara é maravilhoso a gente ter esse movimento. Eu acho que não sei de novo se é minha bolha mas a gente vê muita... é... muito conteúdo volta... conteúdo feminista né?! Então a gente tá tendo... eu não tô falando só de conteúdo feminino ou... ou feito por mulheres ou para mulheres mas não a gente tem conteúdos feministas mesmo assim que falam sobre o feminismo e... só o fato da gente ter a liberdade de falar sobre isso eu acho que já é muito bom porque tem lugares em que a gente não pode falar sobre essas coisas né?! Então assim esse espaço que tá aberto e que está sendo falado e que as pessoas estão consumindo e estão... está gerando discussões sobre o feminismo eu acho que é mais do que positivo é... e eu acho que tá pouco também eu acho que sempre tem espaço para falar mais, acho que sempre tem espaço para continuar é... lutando mesmo, porque eu acho que assim em termos de vida real e tudo ainda parece muito um trabalho de formiguinha e aí eu volto naquele negócio de bolha né?! É... eu enquanto feminista vou consumir esses conteúdos mas e as pessoas que precisam ouvir esses conteúdos né?! E os machistas? E as machistas? As mulheres que ainda não é... entenderam qual é a do feminismo entendeu? É... Como é que a gente... como é que a gente faz para chegar nessas pessoas? E... e às vezes a gente fala muito de algoritmo e tal tipo esses conteúdos não estamos chegando nessas pessoas. Ainda mais agora com essa estatística que você me falou de 27%. Então como que a gente faz com que essas pautas elas não... não se tornem apenas coisas alternativas mas virem mainstream e elas é... tenham relevância na pauta da mídia... da mídia mainstream mesmo né?! É o podcast ainda não é uma mídia mainstream eu acho que o podcast ainda é bem alternativo no sentido de que minha mãe não sabe que é podcast entendeu? Então eu acho que quando a gente conseguir que o podcast seja mainstream, que o podcast seja tão valorizado ou mais quanto vídeo por exemplo né?! Porque quem produz podcast sabe que a gente compete com vídeo e é pesado é... e quando que a pauta do feminismo vai começar a ganhar uma... uma notoriedade é... no sentido de... de realmente chegar nas pessoas que precisam dele entendeu? Desse conteúdo, acho que é isso. Não sei super tô devaneando aqui mas eu acho que essa é minha opinião sobre o assunto. *

ENTREVISTA Nº 12 – “MAIS MULHERES DEVERIAM TOMAR O MICROFONE PARA FALAR”

Áudio disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1IcVKFQ2UwSuCKRkTJ-m3JmuiEejbrWje/view?usp=sharing>

Data: 11 de agosto de 2020
Nome: Camila Souza Beraldo
Idade: 29
Gênero: mulher cisgênero
Etnia: branca
Naturalidade: São Paulo
Orientação sexual: Heterossexual

Escolaridade: pós-graduação (mestrado completo)
Ocupação: bióloga
Estado civil: solteira
Filhos: 0
Podcast: Alô Ciência

Relação com o podcast

A – A primeira pergunta é se você se lembra a primeira vez que você ouviu falar sobre podcasts, como foi que você conheceu a mídia?

C – Ta, eu acho que eu conheci a partir do próprio Alô Ciência porque eu não participei da criação do Alô Ciência que é o podcast que eu participo hoje. Eu... como é que eu digo... os meus melhores amigos na faculdade começaram o podcast e daí foram quatro homens que começaram o podcast como iniciativa a gente... eu conheci eles no centro acadêmico da biologia e aí eles criaram o podcast, eu conheci a mídia quando eles criaram o podcast o Alô Ciência. Daí eles começaram a divulgar e tudo.

A – Você lembra o ano?

C – Dois mil e... quinze, eu acho.

A – Então eu te encontrei mesmo pelo Alô Ciência lá na listagem da PodPesquisa e eu queria saber se você tá na equipe de algum outro podcast atualmente ou não?

C – Não, na equipe oficialmente não. Eu já dei entrevista pra outros mas só tô mesmo.

A – Tá, então me fala um pouco sobre os assuntos que vocês falam lá no Alô Ciência, quais temas vocês abordam e por que que você quis produzir conteúdo sobre esse assunto.

C – Tá, é... no Alô Ciência a gente fala basicamente sobre Ciência, Política e Educação e quais as relações desses três eixos com o cotidiano do ouvinte ou com nosso cotidiano de ato né?! E... eu quis começar porque... na verdade eu nunca tinha pensado em participar de um projeto de... podcast eu durante a graduação eu tinha feito bastante parte do... das atividades de cultura e extensão da Universidade e do Centro Acadêmico sendo representante discente de várias... várias organizações da... tanto da... da... biologia quanto da própria USP. E... e quando eu terminei isso eu acho que foi um pouco a sensação do... dos meninos que começaram o podcast também porque a gente se formou e a gente sentiu falta desse... de ter esse ambiente para essa discussão, tipo que unisse essas três áreas assim que é uma coisa que interessava bastante a gente que fazia a gente continuar tocando as atividades do Centro Acadêmico mesmo. E eles começaram podcast com esse intuito e nisso eles me convidaram para fazer parte também então foi... foi assim que eu gostei da... eu gostei muito do convite porque era algo que eu sentia falta também de ter no meu... na minha rotina de tá... atrelada a esses assuntos e... e foi assim que eu quis continuar tipo era... surgiu como uma necessidade minha mesmo de tá... de tá atualizada com relação aos assuntos, de tá debatendo o que acontece no Brasil e no mundo nessas três principais áreas.

A – Qual função ou funções que você assume na produção do Alô Ciência?

C – Eu participo bas... basicamente da sugestão de temas, de pesquisa dos temas é... procurar os convidados e de participação de gravação. É... da... eu monto as pautas e participo das gravações. Só que a equipe funciona de uma maneira meio que orgânica até mesmo porque o podcast não é tão grande assim é... então a gente faz aquilo que a gente quer aprender ou que a gente consegue fazer de acordo com... com o tempo. Por que a gente, todos os integrantes nenhum se dedica exclusivamente ao podcast, todos tenham um outro trabalho que faz com que a gente consiga se manter financeiramente por meio de outro trabalho né?! Porque o podcast não reverte nenhuma verba para gente. Então dependendo de como tá a carga horária dessa pessoa no trabalho é... a gente faz mais ou menos no... no podcast. Então já teve época em que eu não fiz praticamente nada assim, eu só ia nas reuniões, não participava de

episódio, não tava conseguindo produzir muita coisa para o podcast mas eu já tô recentemente por conta da pandemia eu tenho ficado mais tempo em casa então eu tenho conseguido produzir bastante, então eu tenho sugerido mais temas, eu tenho é... participado mais das gravações enfim mas é basicamente essa parte de produção de conteúdo que eu faço.

A – E a parte da edição assim você tem vontade de fazer?

C – Na verdade eu não tenho muita vontade de fazer a edição não, pra ser bem sincera eu gosto mais de pensar é... o episódio assim, pensar a discussão, entrar em contato com os convidados, é... de ler e de preparar as pautas isso é o que eu mais gosto. A edição no final, as postagens é preparar os textos de postagens, preparar vitrine que vai ser lançada, tudo isso eu não gosto muito, assim... Então é uma parte que eu não tive interesse em ir atrás.

A – Quando você pensa sua relação com podcast você acha que ela é mais emocional e subjetiva ou profissional e racional?

C – Ela é emocional e subjetiva eu acho é... isso na verdade é uma questão que tem surgido um pouco pra gente sobre o que que a gente quer pro podcast por quê... ele... a gente percebe que ele tem potencial e ele pode crescer só que a nossa relação com ele mudaria então passaria a ser um trabalho e a gente poderia algum dia se sustentar a partir dele por exemplo ou de... se ele crescesse ao ponto de virar um projeto maior a partir desse projeto de divulgação só que pelo menos no momento ele não cumpre essa função pra mim. Ele é algo que... que me ajuda emocionalmente é... principalmente agora durante a época de isolamento assim então é uma... foi quando eu me senti mais participando... tentando fazer alguma coisa que... que fosse relevante pra sociedade, mais nesse sentido. Porque o meu trabalho... eu sou... faço doutorado hoje e ele é tipo pesquisa não necessariamente tão aplicada, principalmente não está relacionada diretamente a... a... por exemplo a pandemia, ou ao vírus ou à covid, coisas assim então surge aquele sentimento de você não tá contribuindo para uma... um momento tão importante sabe? E por conta disso acho que o podcast foi mais nesse... ele teve bastante incentivo é... como é que eu digo... ele teve bastante... ele me ajudou bastante nesse suporte emocional de tá podendo falar com alguém e eu gosto desse suporte que ele tem assim, acho que ele... a minha participação no podcast inclusive começou por conta desse... desse possível suporte né?!

A – Quando você pensa o processo de produção de um episódio assim qual ou quais etapas que você acha que é mais difícil de fazer?

C – Hum... acho que... acho que guiar a discussão talvez seja a mais difícil para mim assim...

A – Conduzir...

C – Isso! Porque na hora da gravação mesmo porque você... você pensou num tema, eu tive uma ideia de um tema que eu queria discutir aí eu posso pesquisar, posso ler tal é... e aí eu posso tanto... tem duas opções ou a gente estuda sozinho o tema e grava só a gente a equipe do podcast ou a gente chama um convidado para participar se a gente souber que a gente não vai dar conta do assunto ou que sei lá a outra pessoa é muito mais indicada pra falar, ou a gente quer agregar alguma coisa depende do... da cara do episódio é... Mas uma coisa é você entrar em contato com a pessoa discutir isso por e-mail e outra coisa é você de fato conseguir ter esse jogo de cintura na hora da gravação assim, porque vai tá ali você, um convidado que você não conhece... provavelmente... às vezes você conhece já a pessoa de tempo mas às vezes não é... e você ainda tem a equipe do... do podcast então às vezes é um pouco difícil de coordenar a discussão nesse sentido assim de... de seguir a pauta, a gente tem uma pauta que a gente segue mas a discussão não necessariamente tá atrelada à pauta e às vezes acho que é seu maior desafio assim de fazer com que o assunto seja... saia tipo... o episódio no final saia com uma cara é... atraente para o público que não... que não seja tão superficial mas que também não seja muito profundo a ponto de ninguém entender e ficar naquele academicismo é... de conseguir dar conta de todos os assuntos que a gente tinha pensado, de fazer com que a conversa flua de um jeito... de jeito gostoso que seja tão gostoso e criativo para gente quanto pro participante e às vezes eu me empolgo tanto no... no que a pessoa tá falando que eu não consigo fazer os links sabe? Eu só fico pensando e eu esqueço de fazer o... o link ou de fechar os temas... o que seria o trabalho de um host mesmo e essa pra mim talvez seja a parte mais difícil.

A – Ao longo do tempo você conseguiu pensar alguma estratégia ou desenvolver alguma habilidade para tentar tornar menos difícil esse processo de hostear?

C – Acho que a prática foi algo muito importante nisso que eu lembro acho que a primeira vez que eu fui host tipo eu não tinha... não tinha nenhuma prática óbvio né?! Porque foi a primeira vez mas é... eu acho que tanto a prática, ouvir outros podcast para saber como que as pessoas... quais as estratégias que as pessoas estão usando por exemplo de ponto que é melhor parar é... para fazer uma retomada do que foi discutido é... ouvir como as outras pessoas do próprio podcast hosteiam, fazer esse processo de host também... essa atividade porque querendo ou não quando você ouve outros podcasts você tem referências mas ainda assim você precisa criar o seu próprio estilo e o estilo do podcast também. Eu acho que nisso também foi importante eu entender um pouco como eu funciono assim então não necessariamente eu vou ter... por exemplo eu acho... sei lá a hosteagem de alguém muito legal mas eu não sou essa pessoa sabe? Eu não vou conseguir fazer isso e se eu fizer do jeito que essa pessoa faz vai ficar muito artificial. Então é assumir também o meu jeito de conduzir a discussão que não necessariamente vai ser... então eu vou ter o meu próprio estilo de linguagem... o meu próprio... o meu próprio vocabulário mesmo, fala, velocidade. Existem coisas que... óbvio que sempre dá para melhorar tipo deixar as coisas um pouco mais fluídas, tentar diminuir um pouco a parte de gaguejar e ficar pensando no que você vai falar é... mas de forma geral acho que assumir o estilo, seu próprio estilo e fazer anotações durante a própria gravação acho que me ajuda um pouco a conduzir melhor assim a discussão.

A – Você consegue se recordar de algum episódio específico que você acha que foi bem difícil de fazer?

C – Que foi bem difícil... mas um que eu tenho sido host ou que não tenha sido host?

A – De todo processo que você participou assim pode ser à vontade na dificuldade

C – Tá. É... acho que os mais difíceis são os que não aconteceram ainda né (risos), talvez esses porque tem muito episódio com ideia na gaveta é... eles são... eles são mais difíceis porque a ideia talvez tenha sido um pouco abrangente demais, a gente não conseguiu contatar as pessoas ou só deu muita é... desencontro e a gente não conseguiu fechar pra gravar isso ainda. Mas dos que aconteceram eu lembro de... acho que eu não... eu não era host mas eu tava no episódio e a gente só não conseguiu fazer... fazer fluir assim a discussão, não ficou uma discussão legal, no final a gente nem lançou o episódio assim mas foi... foi por uma falta de interação entre o convidado e a equipe então a gente sentiu que não rolou uma interação muito legal é... e só ficou um episódio muito truncado, cheio de termos que a gente não conseguia destrinchar para tornar aquilo interessante assim, não que tem algum problema com a pessoa nem nada só porque a conversa não fluíu assim, ficou chato basicamente.

Relação com feminismo

A – A primeira pergunta é sobre homens e mulheres produzindo conteúdo na internet. Quando você pensa homens e mulheres e aí você pensa nos eixos de capacidade, acessos e condições. Você acha que tem uma igualdade entre homens e mulheres produzindo conteúdo na internet?

C – Quando eu penso em capacidade, sim. Quando eu penso em acesso e qual que era o outro?

A – Condições.

C – Condições eu acho que não. Tanto porque é... quando a gente pensa em acesso e condições isso tá ligado a toda uma estrutura tipo seja ela social ou financeira da sociedade tipo do... do ambiente que a gente vive tal e a gente vive numa sociedade capitalista patriarcal então a gente já distingue desde a base tipo onde que isso vai tá então principalmente quando você vê... é... pessoas produzindo conteúdo na internet muitas vezes a... mulheres falando são muito mais questionadas é... sobre a qualidade ou a veracidade da informação do que os homens. Então acho que isso... que isso já define depois... já diz bastante sobre o que vai acontecer seja em acesso ou condição depois porque quanto menos mulheres você tem, menos referência você tem, menos incentivo você tem um ponto né?! Para começar para não falar de toda a estrutura por trás.

A – Quando você pensa a podosfera geral homens e mulheres e a podosfera só as mulheres podcasters você sente alguma diferença entre esses dois ambientes?

C – Deixa eu pensar... diferença em que sentido?

A – De acolhimento.

C – Hum... não sei se eu sei te responder tipo eu me sinto relativamente acolhida tipo na podosfera mas tem... mas tem... tem.. tem vários parênteses né?! Então por isso talvez eu já consiga “destringir” um pouco assim... é... o próprio Alô Ciência ele é um podcast majoritariamente masculino né?! Então tem mais homens do que mulheres e... e por isso a gente não sei se o quanto que isso influencia de fato na produção ou na... no quanto o podcast é visto, ou acolhido, ou é avaliado. É... pensando só aí mulheres eu acho que não tem como não fazer um recorte social tipo de raça por exemplo ou de cor na verdade, não fala raça. É... todas as mulheres do podcast do Alô Ciência são brancas e... eu acho que aqui a gente também tem um outro recorte que precisa ser levado em consideração. Então não... eu acho que não fazer isso tipo não... sei lá não vai trazer a real imagem do que acontece né?! É muito mais difícil de eu ouvir referências de... sei lá pelo menos no meu feed de surgirem é... apenas podcasts exclusivamente femininos ou exclusivamente é... de feminismo preto assim, de mulheres pretas fazendo podcast eu tenho menos referências, tipo existem menos mas aí acho que isso... porque existem menos mesmo é... podcasts de mulheres e de mulheres pretas é... na podosfera do que de homens e de homens brancos. E aí eu acho que isso diz um pouco sobre acolhimento o acolhimento que você pergunta é sobre a avaliação do podcast? É sobre a... sobre o que?

A – Sobre você, sobre como você se sente sabe estando nessa comunidade, se é que você considera uma comunidade entende? Porque tem algumas mulheres podcasters que sentem como uma comunidade.

C – Uhum... eu acho que é uma comunidade sim, eu também sinto uma comunidade mas eu não tenho uma participação tão grande assim eu acho.

A – Entendi.

C – Tipo eu não participo, não... não sou... não estou engajada na comunidade de mulheres podcasters. Acho que eu tô... Acho que eu tô mais ligada ao trabalho exclusivamente com o Alô Ciência do que na... apesar de eu fazer parte da comunidade indiretamente entendeu?

A – Entendi, entendi.

C – Acho que é mais ou menos isso.

A – Você teria alguma sugestão ou possível solução para tornar o ambiente da podosfera e talvez até da internet em geral um pouco mais acolhedor para as mulheres?

C – Hum... Deixa eu pensar.

A – Pode ficar à vontade.

C – (Risos) tá bom. Acho... Acho... Assim eu vou divagar um para tentar achar essa resposta tá?

A – Tá, tudo bem.

C – É... voltando um pouco na sua pergunta anterior sobre acolhimento o que eu às vezes eu consigo pensar é sobre a falta de pertencimento assim tipo de você não se reconhecer nesse ambiente de produção de podcast. Tipo... mas isso... tem... por conta assim acho que pode ser tanto por conta do patriarcado mas também por conta de... da própria mídia do podcast não ser tão comum a muita gente então querendo ou não ele é uma mídia menos famosa do que a... do que o blog ou do que o YouTube ou produção de vídeos e... isso restringe ainda mais a quantidade de mulheres que vão ter acesso a essa mídia e que vão chegar a produzir a mídia pra... podcast. Então eu acho que para aumentar esse acolhimento uma das coisas que a gente deveria ver... assim eu não sei como exatamente, mas aumentar o número de mulheres podcasters não sei se por algum tipo de incentivo, de financiamento é... mas mais mulheres deveriam tomar o microfone para falar e não necessariamente falar sobre... é... é que eu sou da área da ciência né?! Então a minha questão seria tipo focar bastante sobre ter mais mulheres falando sobre suas áreas de interesse, falando sobre suas áreas de interesse do que falando sobre... áreas mais... como... não sei, porque eu vejo bastante blogueiras falando sobre... sobre assuntos que não são... como que eu digo... não são científicos, mas eu tenho esse apelo científico então eu tô totalmente enviesada nisso sabe? Não que as outras áreas não sejam importantes assim tipo sobre... é... experiências, é... trocas, é... conversas,

é... bate-papos e tal tipo mas... eu acho que a... eu sinto falta pelo menos de... dessa... de ter podcast de ciência conduzido exclusivamente por mulheres é... Ciência e Política né?! E acho que talvez essa... esse seja o meu apelo assim tipo de para aumentar pelo menos esse meu sentimento de acolhimento mas é porque isso depende das minhas referências né?! Tipo pra eu me sentir acolhida depende de como me eu vejo em um ambiente, em uma comunidade se aquilo representa um pouco do que eu sou. Então se tem menos gente... menos mulheres é... engajadas é... cientificamente, politicamente no... na área da podosfera tipo eu teria um apelo pra aumentar isso. Agora como? Acho que (risos) pode sei lá... em vez de ter mais financiamento, pegar... é... divulgar a própria mídia de podcast nas áreas que já existem tipo nas próprias... nos próprios lugares onde já tem financiamento pra comunicação científica... tipo, porque às vezes o que... até tem estratégias para aumentar a comunicação científica voltada para o público feminino mas podcast ainda não é uma das áreas privilegiadas nesse sentido geralmente vão ser vídeos que a galera vai pedir para produzir. Então... então seria alguma coisa nesse sentido mas eu não consigo... sou bem limitada no momento pra pensar sobre estratégia.

A – A próxima pergunta era sobre a PodPesquisa. Você conhece?

C – Eu conheço um pouco sim, mas bem pouco os meninos que ficam mais... mais nisso assim eles que correm mais atrás das estatísticas.

A – Então na PodPesquisa tem uma parte que elas fazem o perfil dos ouvintes de podcast no Brasil. E aí a proporção nunca tinha chegado a 20% de mulheres desde a primeira edição lá em 2008, então era sempre 11, 16 sempre algo assim. E aí na edição do ano passado que saiu em março deste ano o número de mulheres ouvintes aumentou para 27%, que ainda mas é muito pouco, mas é o maior aumento que a gente já teve. E aí a pergunta era sobre o quê que você acha que causa esse afastamento das mulheres, mas eu acho que você já meio que me respondeu essa na do acolhimento né?! Você acha que essa falta de mulheres ouvinte também tem a ver com essa falta de mulher de produzindo que você tava comentando?

C – Eu acho que sim. Eu acho que tá tudo relacionado, tá relacionado mas eu acho que de certa forma isso... isso tem a ver um pouco também com... acho que com a... com a própria origem do podcast assim tipo podcast falando de ciência é mais recente ou... falando de ciência né?! A minha área é ciência. É... ele é um tema mais... mais recente tipo originalmente os podcasts não surgiram pra falar sobre isso e... e aí você tem menos mulheres também na ciência, você tem menos mulheres em várias áreas que antes eram... que são... exclusivamente masculinas ou que antes eram tidas como exclusivamente masculinas ou quanto maior o nível de especialização tipo ao longo da carreira ou áreas que são mais difíceis entre aspas assim tipo como exatas e biológicas tipo sempre foram dedicadas mais ao público masculino e as mulheres estavam... elas são minoria nessas áreas dependendo da... de onde... principalmente de onde... do ponto da... da... carreira científica que a gente olha tipo... é... e aí por conta disso elas são... são menos representadas na área em si e isso gera uma menor representação nas... na... comunicação isso já era obviamente uma menor representação no... na comunicação por podcast acho que também na... comunicação... disso. Na escuta disso, dessa... desses... dessa mídia. Eu acho que em termos gerais é... mas... gerais assim focado na Biologia pelo menos tá bom?! Que é a minha área, por mais que mulheres ainda sejam a proporção que entra na graduação quando a gente vai falar tipo do começo da carreira científica ela é quase 50% e 50% tipo entre homens e mulheres mas a quantidade de mulheres reduz muito ao longo da pós-graduação e da... e da... e do emprego no final. Então a proporção ainda é majoritariamente masculina quando a gente olha principalmente nos... no final da carreira.

A – Você conhece a #mulherespodcasters e a campanha o podcast é delas?

C – Conheço.

A – Você já chegou a utilizar no seu no seu podcast ou a participar como convidada na campanha em algum outro?

C – Sim. Eu acho que o podcast é delas acho que minha primeira participação no Alô Ciência foi por conta do podcast é delas se não me engano ou foi no ano seguinte que a gente lançou juntou com a hashtag é... e a gente fazia... fazia mais a hashtag no... no mês de março porque era por conta do dia internacional das mulheres e a gente fazia questão de colocar, mas... acho que... que foi isso assim, a gente usou tipo alguns anos passados já.

A – E o que você pensa dessas campanhas assim que surgem das próprias mulheres produtoras de Podcast?

C – Isso é legal porque dá visibilidade pra mídia, dá visibilidade pras mulheres que tão por trás é... e essas organizações... tipo querendo ou não é uma organização tipo essas campanhas elas acho que fortalecem a comunidade de forma geral. Pensando agora em estratégia essa poderia ser uma outra estratégia né, eu poderia inclusive falando agora sobre mim tipo não só ficar sugerindo estratégias pros outros fazerem mas eu poderia me engajar mais na comunidade (risos) de podcasters mulheres assim pra começar a organizar tipo participar mais ativamente de campanhas e levantar hashtags, fazer divulgação é que eu particularmente sou bem ruim com rede social mas é... talvez participando de uma organização isso seja mais fácil de ser... de sair né?! Do plano de papel pra... pra fazer uma ação de fato. Querendo ou não é uma ação virtual que seria lançar uma hashtag mas enfim.

A – Tá chegando já no fim e a próxima pergunta é se você se considera feminista?

C – Sim, sou.

A – Você tem algum alinhamento em alguma vertente ou corrente específica?

C – Marxista. (risos) mas é... é eu não falo mais ou menos porque eu não tenho muita base teórica tipo, mas é a que eu mais gosto, ou que eu mais me alinho assim. É... Inclusive a minha base teórica ela é algo que eu preciso fundamentar melhor, tipo nesses próximos tempos assim.

A – Em que medida você acha que seu posicionamento político reflete no conteúdo que você produz?

C – Acho que em tudo basicamente porque quando a gente vai pensar... cara, a gente pensa... a gente faz o podcast sobre Ciência, Política e Educação não tem como você defender ciência e educação sem falar de política e sem falar contra o capitalismo por exemplo, e quando a gente fala contra o capitalismo a gente também tá falando sobre o fim do patriarcado e ser é feminista é... não acho que não tem como ser feminista hoje sem ser contra o fim do capitalismo. Porque o capitalismo exclui parte das mulheres né?! Então não tem... uma coisa tem que tá ligado a outra tipo assim na base e eu acho que isso alinha bastante a desde o tema que eu vou pegar tipo o que eu me interessei mais pra estudar e para fazer o episódio até a montagem da pauta, o alinhamento da discussão porque no final basicamente todos os finais do... todo os episódios do Alô Ciência a gente conclui a mesma coisa que é tem que acabar o capitalismo (risos), temos que fazer a revolução, esse é o fim do nosso... de todos os nossos episódios. Mas enfim é... é mais ou menos isso assim a gente traz essa perspectiva de vários assuntos assim não importa o que a gente vai falar essa é sempre a conclusão e acho que por conta disso a gente acaba... eu acabo trazendo muito a minha visão pessoal pros episódios.

A – Você já teve medo de hate?

C – Hum... deixa eu pensar porque eu não sou... eu não tô muito nas redes né?! Eu não tenho muitos seguidores, eu mais sigo do que sou seguida e eu quase não publico no meu nome assim porque eu tenho preguiça mesmo, tipo é... é... então a gente... mas o Alô Ciência já teve sim, já teve bastante crítica então acho que eu por mim eu Caminha eu não tenho esse medo. É... eu tenho assim às vezes um pouco de receio pelas posições do Alô Ciência mas não é... como é que eu digo... não pautado na opinião pública mas é... medo de fazer uma publicação... muito como é que eu digo... que vá contra o que a gente acha em alguma instância então a gente sempre... a gente sempre tem muito claro que o que a... o que que é... qual a posição do Alô Ciência perante várias coisas que estão acontecendo tipo no Brasil e no mundo e a gente tem essa posição política bem clara a gente fala isso nos episódios, fala isso nas postagens e a gente já recebeu críticas bem pesadas pesado com relação a isso mas a gente só tipo falou “cara, não quer seguir a gente tudo bem” sabe? Tipo pode ir tudo bem assim que a gente não endossa muito a discussão é... mas não sei assim se o hate, eu não sei o hate seria tipo o cancelamento assim né?! Tipo acho que só se a gente pisasse na bola assim se a gente fizesse uma cagada muito grande, acho que esse é meu medo assim de fazer uma cagada muito grande, de fazer sei lá um... uma postagem muito escrota sem ninguém ter percebido acho que esse é meu medo mas não pela postagem em si mas porque todo mundo por trás... pronto se a gente fizesse uma postagem muito racista algum dia só que as postagens passam por todo mundo então sabe tipo a gente... o meu receio é cara, eu não consegui perceber que isso é racista, então tipo isso passa por um filtro e acho que esse é o meu maior receio assim tipo de perceber...

óbvio que a gente se percebe tipo com vários preconceitos todos os dias mas acho que seria essa desconstrução assim tipo não é um receio... não é um medo, é um... não sei explicar... é um... é uma cagada assim sabe? Tipo ai caguei, cara. E tipo assumir isso assim.

A – Entendi.

C – Entendeu? Eu não sei se eu consegui explicar.

A – Seria uma preocupação digamos assim.

C – Isso, é. Porque o que a gente... Porque que o Alô Ciência posta é o que o grupo é, então a minha preocupação é aquilo que eu acho sabe? Ser uma decepção (risos), ou eu não sou aquilo que eu acho ser então eu tô entrando numa questão filosófica aqui tipo...

A – Me soa um pouco como síndrome do impostor.

C – Ah é?

A – É... Assim tipo você... é exatamente isso que você falou tá com medo de que os outros descubram que você não é essa imagem que os outros têm de você digamos assim e de vocês como um grupo.

C – Entendi.

A – Entendo porque também tenho esse sentimento (risos).

C – Mas eu acho que pode ser inclusive eu tava lendo sobre a síndrome do impostor ontem então talvez passe por isso né?! Porque a síndrome do impostor ela passa bastante pela... pela questão de gênero é... eu tô só pensando se... se era... é que eu tava... talvez seja que eu não entendo direito a síndrome do impostor, por exemplo eu posso pensar que é o... meu medo não é as pessoas descobrirem o que eu sou, porque eu sou uma farsa mas é... tipo eu me deparar com algo que eu não sabia sobre mim e aí isso aparece por meio de uma postagem muito errada sobre algo que eu não tinha percebido antes sabe? Então acho que seria esse receio assim da gente se posicionar de uma maneira duvidosa meio que na afobação assim sabe? tipo ah uma questão polêmica vamo todo mundo, tá todo mundo postando isso vamo postar também. E aí depois a gente vai ver e tem várias coisas tipo muito sei lá de... depois sei lá... cai... a gente começa a questionar o nosso posicionamento e a gente descobre que a postagem foi precipitada, ou que a postagem saiu numa outra linha que tipo não é o que a gente queira expressar e tudo isso sabe? Ou até mesmo pela inatividade assim já aconteceu da gente é... no grupo de apoiadores ter um caso tipo de... de um apoiador meio que corrigir todas as mulheres e ninguém do grupo se manifestou contra isso sabe? Então foi uma inatividade do grupo perante o grupo de apoiadores assim, tipo ninguém da equipe do podcast conseguiu mediar aquela discussão que tava rolando no grupo de apoiadores eu acho que isso foi uma inatividade nossa assim, a gente viu que tava rolando e ninguém conseguiu se manifestar a tempo de dar merda assim no grupo dos apoiadores. Não deu merda assim, só tipo só... só um exemplo assim... esse seria o meu receio tipo ou de tomar uma atitude muito precipitada que vá fazer com que o posicionamento seja questionado ou que a gente... assim, também não é problema né?! A gente rever as... o que a gente faz e corrigir mas essa é uma preocupação e outra seria tipo uma inatividades não se posicionar em um momento crítico em que a gente deveria ter posicionado e tipo deixar passar assim não sei... Acho que seriam mais preocupações... não sei... mas eu vou pensar melhor sobre isso que você falou da síndrome do impostor porque eu tava bastante pensando, andei pensando bastante sobre isso ontem então talvez venha a calhar assim (risos).

A – A última pergunta já. E é qual a sua percepção do feminismo seja como movimento ou como a teoria?

C – Se eu acho que é um ou outro?

A – Não. Como você percebe o feminismo ou com uma abordagem ou com a outra, o que que você acha, como é que você vivencia...

C – Hum... Tá. É... eu acho que existem vários movimentos feministas que... Assim então o movimento... o feminismo ele é tanto acho que tanto a teoria quanto os próprios movimentos né?! Então são... Calma aí eu não se eu entendi essa pergunta como eu vivencio? Poderia ser?

A – Sim, como você vivencia, como você percebe, o que que você acha do feminismo em geral assim e aí pode ser abordando essas duas instâncias ou o movimento né ou a teoria.

C – Tá, o feminismo ele é essencial e ele para mim é muito essencial durante o meu crescimento e o meu processo de me entender como mulher assim, eu posso inclusive falar coisas pessoais assim eu me sinto confortável pra isso hoje, mas tipo eu só consegui me aceitar mulher depois que eu entendi o que é o feminismo e apesar de eu não... nunca ter estudado muita afundo das teorias feministas é... Eu vivencio... eu acho que ele é... deixa eu ver... eu vivencio ele hoje a partir das minhas discussões, dos meus posicionamentos, de todas as notícias e coisas que a gente vá discutir sobre artigo jornalísticos e tudo tá na mídia, tudo tem um recorde feminismo... de... feminista sem... a gente... dá para você fazer um recorte feminista de quase tudo que a gente vê e... e não só no feminismo branco né?! No feminismo que tá ligado ao capitalismo então acho que a gente... cada vez mais eu tento me aprofundar mais para essas outras... essas outras linhas por exemplo feminismo negro para entender como que é a realidade de outras mulheres e... não sei, tipo eu não tô ligada a nenhuma... nenhum movimento feminista tipo eu não participo de nenhuma organização mas já tive interesse, só tipo... só... só adiei assim tipo não... não... não fui a fundo assim não... não fui mas... mas não sei, hoje como eu vivencio é tipo participando tipo de... tentando ler ao máximo que eu consigo sobre... sobre artigos de gênero, sobre artigos de representatividade principalmente na academia é... trago essas discussões pro ambiente em que eu tô seja ele no... no ambiente pessoal tipo no íntimo familiar ou no ambiente de trabalho, ou nas relações tipo de amizade mesmo, não... é muito difícil para mim eu conseguir sustentar um ambiente em que isso não seja respeitado, tipo se eu... isso acontece basicamente em relações obrigatórias por exemplo é... determinadas reuniões de família que eu tenho que estar e tipo que eu sei que eu vou ter atrito por conta das posições de questões de gênero ali que vão surgir na... na conversa né?! Mas isso eu sustento por... por... porque é obrigatório basicamente não que seja obrigatório...

A – Eu entendi.

C – Entendeu né?! É tipo enfim... e acho que é essa a minha participação assim acho que é bem pequena (risos).

A – E sobre porque assim como você mesmo falou são vários movimentos feministas né? O feminismo não é uma coisa única e homogênea como é que você vê essa multiplicidade? Assim como é que você dialoga com esses pensamentos divergentes assim dentro do movimento?

C – Acho que todos os movimentos tipo seja ele... tipo dos movimentos sociais principalmente as minorias eles são diversos né?! Porque as pessoas não são únicas só porque... Elas não são únicas tipo então se você for pra sei lá o movimento LGBTQIA+ tipo existe uma coisa que une essas pessoas mas ainda assim existe muita diversidade dentro desse grupo, a mesma coisa é com as mulheres obviamente né?! Tipo são 50% de quase toda a população... de toda a população mundial então tipo é impossível que a gente espere uma uniformidade nisso assim tipo isso é justamente tipo desrespeitar a diversidade que existe entre mulheres então vai ter uma diversidade muito grande que passa vários... várias linhas tipo desde classe social, de cor, de... de cultura e isso é diverso e acho que isso é muito bonito também então acho que os movimentos eles... eles tentam... tipo eles existem... é... é... legal que é bom que exista diversidade nos movimentos porque eles mostram que as coisas não são únicas e que os grupos eles têm dentro de um mesmo grupo eles têm interesses diferentes mas existe uma coisa ali que une todas essas pessoas né?! Tipo que seja o ser mulher ou como uma mulher é encarada na sociedade e... mas quando isso... por exemplo isso pode levar a posições políticas diferentes, o movimento feminista que não aceita, que não entende mulher trans como mulher eu acho que a partir desse... dessas diferentes posições a gente precisa estabelecer um... um diálogo que seja tipo um... precisa estabelecer uma comunicação que seja viável entre esses... essas várias vertentes pra conseguir fazer com que todos sejam respeitados assim, todos que fazem parte do grupo sejam respeitados. Mas assim obviamente essa comunicação é difícil tanto que tem hoje... tem essa dificuldade... essa... sei lá tem tanta discussão dentro dos... das próprias linhas do movimento feminista hoje justamente por conta da dificuldade em se entender tipo diferentes lugares e posições da mulher e tipo das mulheres né? Tipo de forma geral. *

ENTREVISTA Nº 13 – “JÁ QUE ESTÃO APAGANDO A GENTE, ENTÃO VAMOS FALAR SOBRE NÓS”

Áudio disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1FeNfcqayIh44yllvNDaih-QSS-3t9Dc/view?usp=sharing>

Data: 18 de agosto de 2020
Nome: Ira Morato (Ira Croft)
Idade: 36
Gênero: mulher cisgênero
Etnia: multiracial
Naturalidade: Registro - SP

Orientação sexual: Heterossexual
Escolaridade: superior completo
Ocupação: publicitária
Estado civil: solteira
Filhos: 0
Podcast: Ponto G

Relação com o podcast

Alice – A primeira pergunta do segundo bloco é se você se lembra como você conheceu o podcast, a primeira vez que você ouviu falar sobre, como que você descobriu que podcast existia.

Ira – Tá, eu... eu moro hoje na capital de São Paulo é... mas eu sou de uma região Rural, do interior de São Paulo e é uma região que não tem internet, não tem cabeamento de internet é... o uso de internet na região é via rádio ou via satélite então descobrir o podcast para mim foi uma descoberta com o mundo é... a internet blogs, vídeos sabe? Todos os produtos de internet e a primeira vez que eu ouvi falar sobre podcast era mais ou menos... foi mais ou menos em 2008, eu já estava fazendo faculdade, eu estava começando a fazer faculdade mas também era no interior na mesma região. E aí eu estava numa lan house [corte no áudio] um botãozinho de play em um blog e eu fiquei curiosa, apertei e comecei a ouvir um áudio. É... a princípio achei que era rádio, que era alguma coisa assim né?! Porque já tinha rádio na internet, tinha... é bem comum vídeos tal né? E aí eu percebi que era diferente, não sabia o que era a palavra podcast, não sabia o que era podcast e eu tava acessando o site do Multishow que é um canal que a gente conhece aí. E aí eu comecei a ouvir, comecei a prestar atenção aí eu vi que era diferente aí eles falaram que era um podcast, mas eu também não sabia que era o podcast aí eu fui lá no Google procurei quase não tinha nada sobre isso, nada mesmo, até que eu fui ver no Twitter em 2008/2009 era o ano que tava começando Twitter então todas essas pessoas que produziam conteúdo em blog, podcast estavam começando lá também. E aí eu achei outros podcasts achei o RapaduraCast, o Serialcast que é... são podcasts de filmes e séries que foi o que eu procurei e comecei a ouvir estes podcasts isso em 2008. É... como a comunidade de Podcast era ainda menor do que ela é hoje, era muito pequenininha mesmo, é... era muito fácil conhecer essas pessoas sabe?! Você entrava no Twitter então por exemplo naquela época o RapaduraCast é... tinha dois mil seguidores sabe? Então era o perfil deles também interagir com a gente sabe? Hoje eles estão enormes, gigantes. É... Então tinha sim uma aproximação e aí logo no ano seguinte em 2009 um... uma pessoa que era blogueiro me convidou para fazer podcast e aí eu comecei a fazer podcast e aí eu fui entender o que era podcast.

A – Atualmente você tá em quantos... em quantas bancadas fixas de quantos programas diferentes?

I – Hoje eu estou em dois programas o Mundo Freak, o Mundo Freak que é um podcast que eu sou co-produtora, e o MdManas que é um podcast sobre quadrinhos entretenimento dentro do MdM como bancada fixa.

A – E o ponto G, ele tá em hiato?

I – Isso. É... o ponto G ele está parado porque eu estou refazendo o site mas ele continua ativo então não quer dizer que eu deixei ele, não provavelmente vai entrar novos programas tal mas eu tô em construção por causa do site. Mas o Ponto G ele continua só não estamos mais tendo novos.

A – Essa pergunta pode ser um pouco confusa porque ela se refere a um programa só tá? Mas aí a gente pode fazer por partes e você responde com relação a cada um. Que é a motivação para você querer produzir conteúdo sobre esse assunto, então porque que você quis fazer o Mundo Frieak, por que que você quis participar do MdManas e por que que você quis produzir o ponto G?

I – Hum... deica eu ver como é que eu vou explicar os três... eu vou começar pelo Mundo Freak, não é nem o Mundo Freak a origem porque eu fazia podcast antes do Mundo Freak ainda. Bem, os três programas eles acabam interligando entre si pelo... pela minha forma de consumo. O podcaster muitos

começam a fazer podcast porque eles também gostam daquilo que eles estão consumindo sabe? A gente le bastante blogs e aí a gente começa a desenvolver um pensamento e acaba criando um blog também. E o podcast acontece isso então normalmente o produtor de podcast ele também é um ouvinte de podcast. Então as motivações elas... elas acabam entrelaçando entre os três programas que eu faço parte porque uma das motivações é eu... Peraí que tá entrando no avião aqui em casa (risos).

A – (risos) tudo bem.

I – Eu moro relativamente perto... É... os três programas me motivam de formas diferentes mas que ela acaba... acabam se entrelaçando porque são coisas que eu gosto ou barra sou né?! Que é ser mulher. No caso do Mundo Freak onde a gente fala sobre mistérios, terror, casos insólitos, onde nós abordamos esses assuntos dentro de literatura, cinema são... são conteúdos que a gente já consome, que eu já gosto, que eu curto. O caso da MdManas a mesma coisa né?! Por ser um podcast de entretenimento onde a gente fala sobre séries, filmes, o que a gente tá fazendo, o que a gente tá gostando então também é relacionado a mim e no caso do ponto G que ele pesa um pouquinho mais para o lado acadêmico, por ser um podcast mais é... educacional ele tem uma motivação como entretenimento de ser podcast mas ele tem um peso a mais de ser uma motivação social, de ter um podcast com uma transformação sabe? De ter um podcast onde que o conteúdo é... seja um conteúdo assim pesquisado, como histórias de mulheres, mulheres onde foram apagadas, onde foram esquecidas então ter um propósito de levar esses conteúdos para que pessoas conheçam essa história. Então assim eu tenho essa motivação de consumir essas coisas que eu produzo e também essa motivação social de mostrar para as pessoas olha só como isso também existe, olha como isso também é importante.

A – Continuando ainda um pouco nesse tema né? Quando você pensa sua relação com os podcasts que você produz, você vê que essa relação ela é mais emocional e subjetiva ou ela mais profissional e racional?

I – Tá passando avião de novo.

A – (risos) tudo bem.

I – Olha, o podcast hoje na minha vida ele tem um peso profissional muito grande porque ele é minha fonte de renda, porém ele continua sendo 100% emocional e eu não consigo separar isso. Porque, sabe aquela coisa assim como escrever um livro você vai vender este livro, você quer que outras pessoas é... saibam quais foram seus pensamentos, suas inspirações você vai vender para estas pessoas mas não é só pelo dinheiro é pelo que você quer passar com isso e o podcast ele... ele tem esse peso emocional de construção de criativo sabe? De é... enviar uma mensagem para o mundo através da internet então ao mesmo tempo que hoje ele é de fato profissional, onde ele é um trabalho em que eu vou encarar como um trabalho, como horas trabalhadas, onde eu vou encarar como renda, onde eu vou encarar ele como um... um objeto além do meu emocional, ainda assim como criativo como algo, que eu estou colocando no mundo, como algo que é... mesmo com entretenimento tem um propósito de... de provocar, tem um propósito de inspirar pessoas é 100% emocional também.

A – Qual função ou funções que você assume nos programas que você faz parte?

I – No caso do Mundo Freak eu sou co-produtora junto com o Andrei que é meu namorado e sócio então tudo que a gente faz no Mundo Freak a gente divide meio a meio naquilo que estamos planejando, tanto projetos de podcast quanto o projeto de feira, quanto pequenos eventos e encontros. No caso do ponto G eu sou 100% produtora dele, mesmo ele tendo uma participação coletiva de mulheres mas em termos de produção, como é... produzido o programa, publicar e distribuir na internet eu faço toda essa parte. No caso do MdMana eu só participo gravando, eu não faço nada, lá estamos acopladas dentro de um outro podcast, onde já tem uma equipe responsável então a gente senta grava, manda o arquivo para eles e eles editam e eles mesmo publicam.

A – Nem no ponto G, nem no Mundo Freak você não faz edição?

I – Eu não faço mais, mas todos esses processos eu faço. Assim, faço porque se precisar, eu faço, eu já fiz neste momento não porque hoje em dia por ele ter passado... pela minha vida de podcast ter passado é... a ser um peso profissional onde eu desenvolvo projetos então hoje em dia eu terceirizo também. Então quando eu vou fazer um projeto e tanto no Mundo Freak, tanto no ponto G hoje eles já funcionam

dessa forma onde a gente, eu e o Andrei, é... nós produzimos, criamos mas a maioria das fases a gente contrata outras pessoas para tá trabalhando junto com a gente e a edição já está totalmente nesse pacote.

A – De todo o processo de produção de um podcast qual ou quais que você acha mais difícil de fazer?

I – Hum... eu acredito que vai muito do perfil da pessoa. É... eu acho que o podcast ele se divide em três grandes fases a primeira que é a fase criativa que é um momento em que você vai conceber a ideia do podcast, você vai conceber a ideia no total, desde o que você quer fazer com o propósito, nome, é... formato tudo isso ele é um... ele é um peso mais intelectual, mais criativo onde você vai pensar sobre isso, pensar e escrever é uma fase em que você vai fazer vários brainstorms, você vai pesquisar, você vai escutar outros programas, você vai escrever, vai rabiscar, vai escrever de novo, totalmente intelectual, é... desenvolvendo através do criativo. Dependendo do seu momento isso pode ser muito fácil e prático como pode ser muito difícil e custoso sabe? Nem sempre a ideia consegue casar com o título, nem sempre a gente consegue pensar nas pessoas certas, é... tem todo um trabalho é... de tempo também sabe? Quando eu falo intelectual não quer dizer que magicamente você vai sentar e plim nossa tenho todas as ideias, não você vai sentar hoje, aí você vai desenvolver o pensamento, amanhã você vai ter um outro dia, você vai mudar a gente leva-se dias planejando isso, leva-se dias para algumas pessoas até meses, por isso que eu chamo de uma primeira grande fase de criativo. A segunda grande fase porque dentro de cada camada, cada fase existe várias camadas e cada pessoa vai ter facilidade ou não, vai poder contratar ou não, vai fazer sozinha não, isso há várias formas de decidir né?! Mas essas grandes fases eu acho que quem está criando projeto ele já vai idealizar. A primeira parte criativo, a segunda parte que a produção. A produção é a parte da gravação que é quando você vai montar pauta, você vai agendar a gravação com todo mundo, vai todo mundo preparar o equipamento, vai todo mundo estudar para pauta, tudo isso é parte de produção. E a gravação em si, a gravação é muito importante porque qualquer fase do projeto que a gente erra é possível se consertar, se lá no criativo você achou que queria falar sobre gatos mas na verdade você quer falar sobre cachorros você consegue mudar isso. Se você é... escolheu a marca do seu podcast de cor amarelo e você quiser mudar para cor preta você consegue fazer isso, se depois você quiser mudar as pessoas tudo isso você consegue mudar mas a captação não, a captação a gente não consegue mudar. A gente edita para melhorar, mas é muito difícil. Então esta é uma parte que se concentra atenção, eu não acho que ela é mais difícil que o criativo tem gente que vai ter mais facilidade com criativo e dificuldade com a gravação e vice-versa, tem pessoas que para gravação vai conseguir tecnicamente se arrumar perfeitamente, mas na hora do criativo tem mais dificuldade. E a terceira grande parte né? É a pós-produção que é também a publicação, divulgação, é... distribuição de feed, saber conversar com as pessoas, manter o debate do seu podcast isso também é importante para o seu programa. Então são três fases que eu chamo de grandes fases da produção e que a gente tem que ser boa nessas três fases. É... e eu acho que cada perfil, no caso da gravação para mim é o momento de mais atenção por causa da captação, não quer dizer que alguém possa ser melhor que o outro para fazer isso, é a ambientação, é saber se programar mas essas três fases são muito importantes que quem está gerenciando o projeto saiba cada uma delas.

A – Você me deu uma resposta muito completa e muito ampla E aí eu vou simplificar um pouquinho para poder caber aqui na nos meus objetivos. Pensando assim dentro dessas fases que você me falou: produzir a pauta, o momento da gravação e a edição você consegue pensar uma dessas três que para você pessoalmente seja mais difícil ou mais complicada?

I – Eu considero a edição a mais complexa, porque a finalização de um projeto né? Tudo ali...

A – Pode falar mais sobre a complexidade...

I – Ah, tá bom. Eu considero a edição a parte mais complexa. Eu não coloco como mais difícil porque ela pode ser aprendida, mais complexa porque são várias informações em que a pessoa que vai editar tem que lidar ali. A pessoa que vai editar ela tem que conhecer o programa emocionalmente para entender as falas, a entender o assunto, é... para entender que quem está... a mensagem das pessoas que estão falando vai chegar até o ouvinte daquela forma ou deixar de uma forma mais simplificada, então o editor de áudio assim, como um editor de texto, ele faz essa revisão entre aspas verbal né?! Não dá para se fazer uma revisão completa gramaticalmente, mas na edição a gente consegue é... limpar, sim bastante coisa principalmente nessa forma de linguagem do conteúdo né?! Como as pessoas vão

entender ou não, então a parte de edição ela meio que tem que entender de todas as fases do projeto para ela conseguir deixar mais fluido possível o áudio.

A – Você consegue se lembrar de algum episódio, de qualquer um dos três, que foi bem difícil de fazer por alguma razão?

I – Tem sim, pera aí deixa eu ver.... No caso do ponto G em que nós falamos sobre mulheres que marcaram a história e lá a gente tentar fazer o mais pulverizado possível isto é existem as mulheres mais famosas né?! Aquelas mais conhecidas principalmente através do entretenimento e existem muitas mulheres na história que fizeram diversas coisas que não são conhecidas. No caso de mulheres... é... mulheres pretas que foram escravizados e mulheres indígenas que foram escravizadas aqui no Brasil tanto as mulheres que foram trazidas para cá quantas mulheres daqui, é... é muito difícil produzir esse tipo de conteúdo, porque é muito difícil encontrar informações e registros históricos, elas foram apagadas, extinguidas por diversas... diversos motivos, desde a queima de arquivo, desde financeiro também, o apagamento de mulheres, o apagamento da história do Brasil, vários fatores então para produzir um conteúdo sobre mulheres, um conteúdo verossímil com registros é muito difícil, muito difícil mesmo de conseguir essas informações, então eu considero que produzir um podcast de pesquisa o ponto G ele não é uma pesquisa acadêmica porque não estamos lançando um arquivo, porque não estamos lançando um artigo, mas ele é um podcast com metodologia acadêmica de pesquisa então nós descobrimos que para gerar esse conteúdo mais próximo possível do que a gente tem na nossa história é bem difícil. No caso do Mundo Freak ele também, porque a gente tem uma metodologia próxima de acadêmica também de fazer as pautas. Então como falamos de conteúdos também assim mistérios e casos em insólitos também é mais difícil, mas no caso de mulheres cientificamente comprovado que foram eliminados sabe? Esses registros então não é a forma de se fazer o podcast que é difícil, mas é o conteúdo para trazer pro podcast.

A – E e ao longo do tempo você conseguiu desenvolver alguma estratégias para ao menos facilitar nesse processo de pesquisa?

I – Só um minutinho por favor. Olha no caso do ponto... fizemos, sim. É... nós tivemos que adaptar metodologias de pesquisa para o podcast, para que a gente... deixa eu ver como é que... deixa eu reformular como é que eu vou dar se não vai ficar... vai ficar esquisito como eu vou falar aqui. É... nós desenvolvemos... dentro do... o ponto G não é um podcast acadêmico mas nós utilizamos metodologias de pesquisa para desenvolver as pautas só que se for para gente desenvolver essa metodologia acadêmica. ele acaba virando um artigo e o programa não é um artigo então eu também tenho que adaptar essa metodologia... metodologia para uma forma mais simples de comunicação para que as pessoas escutem o programa, saiba do que a gente... saibam do que nós estamos falando e entendam. Então existe também uma datação de linguagem do é... do meio acadêmico para o meio digital e do meio digital para o é... para o meio de audiovisual sabe? Então existe também essa adaptação de linguagem desses conteúdos.

Relação com feminismo

A – Com essa pergunta a gente terminou o segundo bloco e agora a gente já tá começando o terceiro tá? E a primeira pergunta ela sobre a igualdade entre homens e mulheres produzindo conteúdo na internet. E eu queria saber se você quando considera capacidades, acessos e condições que homens e mulheres têm de produzir conteúdo na internet, se você percebe que tem igualdade aí nesses três aspectos?

I – Bem longe né amiga? (risos) Bem, vamos lá. É importante a gente falar da mídia podcast também como um recorte de classe, antes de falarmos sobre recorte de gênero é... porque esse recorte de classe? No Brasil, a gente tem uma péssima internet, então nós não temos uma forma democrática de uso da internet ao mesmo tempo que ela facilitou os nossos acessos, não é todo mundo que tem esse acesso, não é todo mundo que consegue utilizar a internet. E por que que eu tô dando esse pano de fundo, como o podcast é uma mídia que nasceu da internet então ela já nasce com essa falha, as pessoas que começaram a fazer podcast já eram pessoas que dentro desse recorte de classe já tinham uma certa facilidade. Então são pessoas que é... principalmente se baseando na podpesquisa em que temos do ano de 2015 e depois do ano de 2018. Então nós temos produtores de podcast dentro do segmento dentro do segmento é... dentro dos segmentos moram nos grandes centros urbanos, são pessoas de classe média,

são pessoas que fizeram faculdade, então dentro de todos esses... esses âmbitos a gente já tem um perfil que começou não quer dizer que outra pessoa não tem... não possa fazer um podcast mas estamos vendo há um perfil que já começou dentro dessa mídia. Então se a gente sai dentro... dentro... se a gente já inicia mídia com o perfil que é um homem, branco, é... Cis, hétero é... classe média, que mora nos grandes centros urbanos, é formado trabalha com tecnologia e tem acesso a... a aparelhos eletrônicos e internet então a gente já tá saindo com esse perfil e um... um amigo chama o outro. Então a gente já tem uma certa diferença nesse início, eu não estou querendo dizer que alguém é culpado por alguma coisa isso são fatos começou desta forma. A partir...isso lá em dois mil... e cinco, dois mil e cinco né?! Que começou a podcast aqui no Brasil, no início a mídia era majoritariamente feita por homens devia ter 2% de mulheres ali no início, olha só hoje nós estamos em 15%. Então tivemos um aumento é um aumento significativo? É um aumento significativo tem diferença? Claro que tem porque se mundialmente falando sobre o recorte de gênero somos 50% de mulheres e 50% homens e dentro de um grupo apenas 15% é mulheres então existe essa diferença, não dá para dizer que estamos falando de situações iguais? E aí eu tô botando todo esse pano para dizer que as mulheres ainda estão em menor número, tivemos um crescimento aí de 15% na mídia na última podpesquisa e é... são 15% de grande qualidade, a gente percebe que as mulheres que entraram na mídia nesses anos para cá nesses 15% trouxeram grande diferença em qualidade, grandes programas que se destacam feitos por mulheres, não só em volume. Consegui responder ou não? Ou abri mais?

A – Você conseguiu e respondeu já várias perguntas mas eu vou dar uma aprofundada. A pergunta seguinte era exatamente sobre os dados da podpesquisa mas sobre os números das ouvintes né que na última a gente subiu para 27% e ainda é pouco, mas eu queria que você falasse um pouco se o que que você acha que causa essa diferença tão grande eu sei que já deu um pouco dessa resposta né mas dá para expectativa das produtoras da perspectiva das ouvintes você como é que você avalia?

I – Deixa eu ver como é que eu vou explicar... por parte das ouvintes? Bem, uma coisa acaba refletindo a outra né?! É... eu sei que acaba ficando repetitivo, mas não tem como não relacionar esse... esse recorte que é o acesso à internet, acesso ao computador e aí no caso de mulheres a gente tem uma outra diferenciação que é... além do recorte de classe e aí o recorte de gênero, a gente tem que quando as mulheres começaram a ter computador em casa quem comprava primeiro computador foram os homens então eles passaram a produzir primeiro e depois das mulheres e não tem como não lembrar disso para falar também das ouvintes. Da mesma forma que nós mulheres produtoras tivemos que assim arregaçar né?! Arregaçar esse espacinho ali dentro deles, as mulheres ouvintes também não conhecem podcasts porque também não chegam até elas. Agora está chegando mais, agora que temos outros veículos mais conhecidos na mídia divulgando, só que uma coisa acaba ficando entrelaçada na outra porque ao mesmo tempo que a gente quer divulgar mais podcast, mas não é todo mundo que tem internet, não é todo mundo que tem telefone, não é todo mundo que tem conhecimento então ele passa a ser é... Custoso no sentido de tá... indicando para as pessoas entendeu? Sabe que você tem que estar passando para as pessoas. Então acho que a nossa dificuldade hoje em aumentar a presença feminina no podcast como ouvintes é chegar nessas mulheres, como chegar nessas mulheres.

A – Você percebe diferenças entre a podosfera geral homens e mulheres e o grupo das mulheres podcasters?

I – Com toda certeza, nossa... Não querendo não falar mas é... assim é gritante diferença eu estou presente em vários grupos de podcasts e vários grupos masculinos e é... é gritante assim o quanto as mulheres nos últimos dois anos estão assim todo dia falando sobre podcast, sobre qualidade podcasts enquanto no grupo dos homens no grupo geral né?! Não é só homem mas no grupo geral eu percebo que tá todo mundo falando sobre as mesmas coisas ainda 10 anos atrás.

A – Hum, entendo. E e na questão de se sentir acolhida você percebe também alguma diferença?

I – Ah, bem mais quer dizer não bem mais não... perai deixa eu reformular. É... Em ambos os grupos há um acolhimento de... de pessoas minorizadas sabe? De grupos minorizados. O podcast por ele ser uma mídia independente não quer dizer que dentro dele não exista machismo, racismo LGBTfobia, não existem pessoas assim, mas nós estamos falando já de um grupo minorizado onde também tem bastante mulheres, também tem pessoas pretas, também tem pessoas de outras etnias, então a gente já tá ali num grupo onde ele é... onde ele... ele já vem excluída de outros lugares, não quer que não quer dizer que o

podcast... nossa o podcast é só para mulher, é só para LGBTQs? Não mas quer dizer que essas pessoas já se sentiram atraídas por uma mídia menor do que uma mídia tão grande quanto o vídeo e blog. Então já... já existe uma reciprocidade ali entendeu? Então ele acaba sendo um pouquinho mais fácil esse acolhimento, é claro que no grupo das mulheres e aí eu vou ter que puxar a sardinha, é claro que no grupo das mulheres existe um acolhimento maior né?! Porque estamos falando de mulheres que produzem conteúdos sobre isso né?! Então são mulheres... o grupo de mulheres podcasters é feito por mulheres que são ativamente coletivas com outras... outras relações e outros projetos. Então tem a Tata finoto que tem o PodProcura, tem a Dominica que tem o projeto O Podcast é Delas, tem eu que estou lá com a #mulherespodcasters que é só uma hashtag para divulgação, não é projeto ninguém paga, ninguém vai usar nada. Então são pessoas que já estão habituadas a fomentar a mídia. Então quem entra ali no grupo de mulheres podcasters vai receber um acolhimento de mulheres porque somos mulheres e vai receber um acolhimento técnico porque da mesma forma que a gente teve dificuldades, a gente quer ensinar para que elas não tenham mais dificuldades.

A – A próxima pergunta era sobre a #mulherespodcasters e para você ela vai ser um pouquinho diferente então eu queria que você me explicasse como foi que surgiu essa ideia, como foi a história dessa hashtag?

I – Bem eu... eu comecei a fazer podcast muito cedo como eu falei para você então peguei o início dessa galera fazendo podcast, é... conheci bastante gente e esse meio onde tinha maioria homens eu estava lá neste momento né?! É... E aí eu acompanhei o nascimento de outros podcasts feito por mulheres é... eram menores números mas sempre existiram. Isso... isso em qualquer área não é só no podcast sabe? Tipo assim sempre existiu mulheres na ciência, sempre existiu mulheres na exata, sempre existiu mulheres no esporte é que sempre tentaram apagar mas sempre teve, mesmo em menor número. E aí acho que o ano de 2014 eu estava num evento em São Paulo de Publicidade, aí tava se falando em podcast naquela época e aí falaram sobre mulheres produzindo podcast primeiro que eles não conheciam quase nada e o pouco do quase nada e aí eles falaram que não tinha mulheres fazendo podcast e eu tava na plateia nesse evento aí... aí eu pedi na hora das perguntas levantei a mão e aí eu falei... soltei os cachorros (risos). Mentira, não fui grossa, mas eu soltei os cachorro assim, eu falei olha existem, olha... aí até falei eu sou uma mulher podcaster eu produzo, a gente só não é famosa por que naquela época era só jovem nerd e... né?! Ninguém... só jovem nerd é jovem nerd né?! Tipo não adianta esperar que as outras pessoas sejam jovem nerd, ninguém quer ser jovem nerd e aí a gente... e aí eu falei ó eu não sou famosa, outras pessoas não são famosas mas existem várias mulheres fazendo podcasts. Aí naquele dia eu vim para casa assim muito encucada mesmo com isso eu fiquei pensando caralho a gente é tão apagada que até em eventos de Publicidade feminina a gente é apagada, mano. Falaram que a gente não existe. Sabe? Eu vim com aquilo na cabeça e eu não... eu não tinha o ponto G. Eu tava só com Mundo Freak, tava fazendo outros projetos. Eu não tava nem fazendo conteúdo voltado para mulheres mas aquilo me deixou muito encucada, muito. Foi eu que eu cheguei em casa, eu fiquei pensando, aí eu fiquei uma semana planejando, analisando e aí eu criei o ponto G um podcast para ser um podcast né? Eu cheguei naquela concepção pô, a gente é super apagada né?! A gente... ninguém sabe da gente aí eu falei então eu vou fazer um podcast sobre mulheres para falar sobre mulheres já que estão apagando a gente então vamos falar sobre nós. E aí eu pensei na hashtag não para ser um podcast mas na intenção de pô, se a gente não tá sendo divulgadas então vamos fazer com que divulguem a gente através da hashtag. E aí eu criei a hashtag para que ela fosse utilizada para divulgação de podcasts feitos ou com mulheres.

A – Aham, e assim hoje é 2014 seis anos depois né? Como é que você avalia a repercussão?

I – Olha, foi muito surpreendente. Uma vez eu até comentei tudo isso que eu tô falando para você agora é porque já passou então parece super legal mas quando as coisas estão acontecendo, elas não são assim né? Aquela coisa de nervosismo, ansiedade, a gente acha que não vai dar certo, a gente não bota fé e realmente é... a intenção de fazer a hashtag eu achei que meia dúzia das minhas amigas ia utilizar, eu nunca pensei que a internet ia gostar, eu nunca pensei que o pessoal no Twitter ia abraçar essa ideia e aí depois outras mulheres assim do nada que não eram dos meu relacionamento, que não era das minhas ligações começaram a aparecer, a me procurar como a Aline lá do Olhares de Brasília que me achou pela hashtag, ela gostou e aí a pesquisa dela de Mestrado também é sobre a #mulherespodcasters. Aí uma outra... apesar de ser na mesma cidade, uma outra mulher aqui em São Paulo me achou, me procurou falando que também queria fazer um mestrado sobre isso, sobre a importância de divulgar mulheres e aí elas abraçaram e assim como você para pesquisa no sentido de agregar mesmo ela pô mas se eu tô

falando sobre isso porque que a gente não pode se juntar e começar a divulgar e aí eu conheci o podcast delas, elas conheceram meu e hoje nós somos super amigas. Então a hashtag ela funciona como agregador de mulheres também sabe?

A – Sim. A gente já tá chegando no final e a pergunta se você se considera feminista?

I – Com certeza. Eu sei que hoje em dia é muito complicada né?! Com esse feminismo branco que tá aí e eu posso dizer para você também que foi através do podcast que eu fui conhecer o que é feminismo e me tornar uma feminista assim como muitas mulheres há dez anos atrás eu também era uma mulher machista, cheio de vários preconceitos que hoje ainda estou tentando trabalhar em mim para desconstrução, é... mas deu para perceber que a gente consegue melhorar.

A – Você tem alinhamento em alguma corrente ou vertente específica?

I – Olha, eu... Nossa como é que eu vou falar sobre isso? É verdade... eu não falo muita coisa sobre feminismo porque apesar de eu ser feminista eu não sou acadêmica, de levantar pesquisa, essas coisas mas olha se foi para eu falar de vertente eu acho que eu falaria hoje, eu tô muito próxima, eu sou uma mulher branca mas eu sou muito próxima de feminismo negro principalmente que é o que está me desconstruindo, interseccional né?! Para que justamente a gente tem essa troca de conexões.

A – Eu sei que pode parecer redundante né? Mas como você acha que esse posicionamento enquanto feminista se reflete no conteúdo que você produz?

I – Deixa eu ver como é que eu vou explicar, a pergunta eu entendi, sim. É... quando eu planejei... quando... quando a gente começou a fazer o ponto... eu tive a ideia de fazer o ponto G e aí eu conversei com as meninas então a produção dele não foi sozinha né? A ideia inicial foi, mas a criação não foi a gente sentou e começou a trabalharmos juntas. E uma das coisas que o feminismo é... nos elucidar, nos esclarece, ilumina os nossos caminhos são entendimentos dos acontecimentos históricos é... com novos olhares. Muitas das histórias que a gente conhece hoje sobre a história... história do Brasil né?! Falando sobre nós aqui, a gente também não percebia a falta que o feminismo fazia nessa construção de contar a nossa história, tanto que a gente olha para trás agora e o que que acontece não temos registros de mulheres eram tudo queimado, tudo jogado fora propositalmente ou por falta de cuidado também é... o feminismo... se a gente tivesse coisas em olhos do feminismo a gente saberia o quão importante seria guardar registro dessas mulheres e não... é... e não extingui-las da nossa história que é o que fizeram. Então o feminismo ele me mostra, ele me esclarece como levar para outras pessoas tudo que me foi negligenciado como mulher e sobre outras mulheres, o feminismo ele me ensina também a como entender o espaço e o lugar dessas outras mulheres, há dez anos atrás eu era uma mulher machista que também achava que saia curta atraía homem e hoje através do feminismo eu consigo entender que aquela mulher tem o mesmo respeito que uma mulher que tiver com vestido comprido porque o problema não é a roupa, o problema é um homem que tá estuprando essa mulher. E o feminismo consegue me... o feminismo ele... ele me dá um filtro de leitura para que eu possa entender, conhecer essa sociedade patriarcal que a gente vive e através do podcast levar isso para outras mulheres também da mesma forma que eu fui impactada, da mesma forma que alguém chegou e me falou Ira isso tá errado, Ira o feminismo vai te ajudar, Ira veja isso daqui hoje eu posso fazer isso por outras mulheres também que foram ensinadas a serem machistas.

A – Nesse processo né?! De produção de conteúdo você teve medo de hate, de receber comentário de ódio?

I – Muito, muito. O primeiro ano do podcast ele foi trabalhado tanto os temas que nós escolhemos, a forma que a gente falou é... para... para gente se blindar e para que a gente não fosse atacada. Não que a gente não fosse atacada... não que a gente não aceitasse opiniões contrárias, a gente abriu para discussões, mas a gente abriu para um debate levantando questões. A gente não abriu para ataques de outras pessoas opositoras é... desenfreadas pelas suas intolerâncias, então o primeiro ano a gente escolhemos é... mulheres mais famosas, escolhemos temas que fosse de fácil entendimento e até mesmo a nossa forma de explicar porque estamos falando de internet, estamos falando de robôs, estamos falando de deep web, estamos falando de guerra virtuais, eu acredito nisso, eu acredito que essa violência acontece pela internet, então nós também não queríamos exposição por causa disso.

A - Última pergunta já e é qual é a sua percepção do feminismo seja como movimento ou com uma teoria?

I – Hum... Essa é difícil porque a coisa é tão grande... Nossa, como é que eu sintetizo isso?

A – Pode ficar à vontade.

I - A minha percepção... [corte no áudio]

A – Oi? Ira você tá me ouvindo?

I – Alô, alô? Alô alô? não tô te ouvindo se você tiver falando comigo...

A – Oi, você me ouve? Oi? Ira? Oi tá me ouvindo?

I – Agora sim.

A – Caiu a minha internet.

I – Achei que era a minha (risos).

A – Eu ouvi você falar “a minha percepção” e ai caiu.

I – Não, eu parei, quando eu vi que você caiu eu parei e eu tô gravando aqui.

A – Beleza, obrigada.

I – Bem, a minha percepção do feminismo como um geral eu vejo que ele nasce, cresce e se desenvolve, se renova, se reconstrói não quer dizer que ele não erra, ele erra mas ele se reconstrói, ele se revê, se autoanalisa e continua novos processos, para novos desafios. Assim como nós é... estamos em constante mudanças, nossa língua, nosso comportamento, nosso consumo, nossa fala e o feminismo ele... eu vejo ele como uma parte... em... em partes de um todo ali caminhando tudo... com tudo isso sabe? É... com o que nós vivemos, assim como outras... outros direcionamentos sociais também e o feminismo mais ainda né?! Como uma orientação, com uma mudança para que a gente possa... eu não dá para ser utópico né?! Mas que assim, em todos os dias, a cada dia de nossas vidas a gente possa conseguir fazer o melhor para nossa sociedade né?! E o feminismo eu vejo que ele pelo menos comigo ele tem feito isso, ele tem feito essa mudança diariamente. *

ENTREVISTA Nº 14 – “EU QUERIA FALAR, TROCAR, IDEIA SER, OUVIDA E TAMBÉM APRENDER MAIS”

Áudio disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1BuCsPdTFqzbPgGONwHcf-oKu7NQVgGGj/view?usp=sharing>

Data: 27 de agosto de 2020

Nome: Karina Semensato Xavier

Idade: 34

Gênero: mulher cisgênero

Etnia: Branca

Naturalidade: Campinas

Orientação sexual: Heterossexual

Escolaridade: superior completo

Ocupação: Dona de casa (Direito)

Estado civil: casada

Filhos: 0

Podcast: Sinuca de Bicos

Relação com o podcast

A – Terminamos então o primeiro bloco e agora a gente vai para o segundo que é sobre a sua relação com o podcast. E a primeira pergunta se você se lembra da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast, como foi que você conheceu essa mídia?

K – Sim eu me lembro eu acompanhava o trabalho do Paizinho, no YouTube e ele desenvolveu um podcast que chama Tricô de pais e por ele fazer tanta propaganda e recomendar, eu fui um dia escutar e gostei do formato de mídia que era... para mim... eu me identifiquei mais do que com vídeos no YouTube, que eu não tenha muita paciência de ficar sentada assistindo então de imediato assim eu já me identifiquei com o tipo de mídia.

A – Você lembra o ano que isso aconteceu?

K – O ano? É... peraí... foi 2016 ou 17, não sei exatamente.

A – Beleza. Eu te achei justamente pelo Paizinho, né?! Você me disse que está lá no sinuca de bico, isso e eu queria saber sobre o que é podcast que você tá na equipe, quais são os assuntos que vocês falam lá e de onde surgiu a vontade de produzir conteúdo sobre esse assunto.

K – Tá, na verdade eu preciso até te sinalizar que a gente a princípio descontinuou o programa né?! Agora na pandemia porque... por uma questão de disponibilidade mesmo, como todas as integrantes são mães menos eu, agora no contexto de pandemia, isolamento social as crianças todas é... sem escola, sem creche né?! As mães conciliando ficar com as crianças e trabalhar home office tal a gente achou por bem encerrar. A gente não sabe até que ponto isso é definitivo, mas pelo menos temporariamente tá tá encerrado O Sinuca depois de três anos de produção. É... O Sinuca na verdade ele teve uma... assim uma mudança... uma mudança assim com o tempo mas a princípio a gente se reuniu para falar de maternidade sob uma perspectiva da... da famigerada maternidade real né?! Então falar dos percalços, dos desafios e da realidade mesmo de como é ser mãe é... no mundo moderno para além das romantizações e do senso comum superficial que sempre se faz. E com o tempo é... conforme as crianças foram crescendo, conforme a gente foi se aprofundando e ampliando a nossa gama de interesses e reflexões e questionamentos a gente também foi sempre do lugar de mulheres, mães mas a gente foi ampliando um pouco para discutir como é ser mulher-mãe no mundo e não só falar sobre maternidade no mundo real. E a gente começou O Sinuca também foi através do Paizinho, e do tricô de pais porque a princípio a gente... é... as... integrantes do grupo a gente se encontrou no chat dos apoiadores do Tricô de Pais que era o podcast do Thiago paizinho,. E aí lá a gente tinha discussões diárias, junto com todo o grupo né?! De apoiadores, isso trazia muitas reflexões, muito questionamento e a gente ia fazer o interações assim e o Thiago mesmo fez o... a pergunta falou “olha, vocês não querem fazer um podcast então né?! Das mulheres?” e aí a gente se reuniu num grupo à parte, o Thiago mesmo que facilitou para gente gravar o 1º Episódio, deu umas dicas assim de equipamento e de logística mesmo de como fazer esse primeiro programa acontecer, assim aconteceu e a gente teve um público interessado desde o início, porque né?! Era um público que já era compatível e veio ali dele mesmo e aí o podcast foi se construindo e durou três anos nessa primeira fase aqui.

A – E a sua motivação para produzir esse conteúdo veio de onde?

K – A minha motivação foi que eu sempre gostei de discutir assuntos e pensar é... sociopoliticamente o mundo e a realidade e ali era um lugar onde eu tinha possibilidade de interagir nesses termos e quando surgiu a opção de ser parte do podcast, mesmo sem ser mãe e não estar exatamente no nicho né?! De... de interesse ali, é... eu queria falar, trocar, ideia ser, ouvida e também aprender mais... poder expandir a minha... meu conhecimento e o meu questionamento e compreensão sobre o mundo.

A – Enquanto você tava ali na equipe né, enquanto o podcast estava sendo produzido, qual função ou funções que você assumia, assim produção, gravação, edição?

K – Tá o nosso podcast sempre foi muito caseiro, isso fazia a parte do perfil do Sinuca, assim nossa pretensão nunca foi profissionalizar, ou monetizar e tal. Então a gente fazia tudo muito caseiro, no princípio era literalmente caseiro mesmo, assim a gente grava com os nossos equipamentos caseiros, a gente mesmo fazia as artes, as pautas, é... fazia a gravação, fazia a publicação, fazia post e até edição era tudo feito entre a gente e a gente se revezavam um pouco, embora eu nunca tenha participado muito da parte técnica da produção, isso era mais a cargo da Clara. Eu fazia sempre desde o começo mais a parte de pauta, que também nunca foi uma pauta super organizado, mas mais ou menos a gente tem uma pauta, a parte de descrição dos episódios para colocar nos posts de lançamento, a parte de social media, de postar alguma coisa no Instagram, de fazer contato com os convidados, é... era mais nesse sentido que eu participava.

A – Você gostaria de ter assumido essa parte mais técnica?

K – Não, não gostaria (risos). Primeiro que eu não tenho nenhum conhecimento e habilidades sobre isso e eu também me falta um pouco de curiosidade (risos).

A – Ok, quando você pensa sua relação com podcast você acha que ela é mais emocional e subjetiva ou era mais profissional e racional?

K – Ela é completamente mais emocional e subjetiva.

A – Você pode falar um pouco mais?

K – A gente... agora eu vou falar um pouco por mim, mas estendendo a um pouco do Sinuca porque a gente sempre colocava isso na mesa assim. A gente nunca teve a intenção de tornar esse podcast... ou um podcast ou de viés jornalístico ou ainda que não, mas que fosse o podcast assim com total regularidade, com total possibilidade de monetização, uma coisa assim super profissionalizada, o nosso interesse era sempre juntar mulheres, no momento de descontra... descontração mas não despolitizada né?! E bater papo e trocar ideias assim, a gente nunca fez grandes pesquisas para falar sobre os temas, era sempre o nosso... o nosso era... a nossa comunicação era sempre a partir das nossas vivências, das nossas experiências pessoais enquanto cidadãs no mundo moderno assim, e... e era esse o objetivo de todas assim, a gente nunca... embora isso tem recorrentemente passado porque a gente tinha apoiadoras né?! É... e a gente era por exemplo, assediada por alguns grupos que queriam fazer campanhas publicitárias e tal, apesar da gente sempre colocar isso em nenhum momento a gente teve nenhuma uma inclinação a profissionalizar ou a deixar esse podcast assim super-racional, eu não me lembro agora a palavra que você usou, você falou subjetivo e emocional ou então...?

A – Racional e profissional.

K – E... nunca... nunca foi a nossa ideia que ele fosse profissional, era sempre sobre uma conversa e troca de experiências entre mulheres mesmo.

A – De todo o processo de produção do podcast qual ou quais que você acha que é mais difícil de fazer?

K – Para mim a parte técnica (risos), porque eu não entendo nada e tanto que eu tenho muita vontade ainda de fazer podcast, gosto do formato da mídia, gostaria de preservar esse espaço agora que não tem mais o Sinuca no ar pelo menos não agora, eu queria muito fazer um outro podcast, continuar falando, continuar propondo pensamentos e questionamentos e tendo alguma interação com... com... com ouvintes que vão dar um retorno e continuando esse... né?! Essa discussão assim, mas eu só não me aventurei muito nisso porque eu não tenho a... a menor condição porque eu não tenho o menor conhecimento técnico sobre nada (risos).

A – Karina? Você tá me ouvindo ainda?

K – Tô te ouvindo.

A – Tá, você consegue se lembrar de algum episódio específico que, por alguma razão, foi difícil de fazer?

K – Difícil independentemente do tipo do aspecto de difícil?

A – É.

K – Bom, como para mim difícil tecnicamente todos seriam então eu vou pelos temas assim a gente fez um episódio sobre violência doméstica, violência contra mulher e foi um episódio muito, muito dolorido assim. Eu não participei do episódio porque a gente tinha um certo revezamento no grupo para gravar os episódios, esse foi um episódio de... do qual eu não participei, mas eu participei da pauta, participei dos contatos com convidados que foi até com Aline do Olhares e depois eu ouvi e participei na parte de... de correção que a gente faz né?! De ouvir a primeira versão editada para ver se ficou tudo ok. E foi assim... é... Acho que um dos episódios que eu acho que mais... mais difícil assim que eu me lembro emocionalmente falando.

A – Sim, é... a pensando na dificuldade emocional ou na técnica você conseguiu desenvolver nesses três anos alguma estratégia para contornar essas dificuldades?

K – Olha eu acho que sim, a minha dificuldade técnica, estrategicamente falando a gente fazia um revezamento, no início né?! De que algumas... algumas integrantes do grupo cada um ficava com mais ou menos com uma atribuição e a parte técnica então ficava. Então esse revezamento foi uma estratégia para a gente conseguir dar conta da parte técnica, é... num segundo momento inclusive a gente fez é...

uma parte de monetarização, foi através dos apoios, justamente para gente terceirizar essa parte técnica tendo o editor né?! Que é o Samuel. É... Sobre a parte emocional é... eu acho que foi meio não racionalizado assim, mas de alguma forma acho que passa por um sentido de estratégia essa troca, esse compartilhamento assim das questões. Então acho que isso vai dando para a gente não só bagagem em termos de conhecimento, aprendizado e argumentos, mas também vai dando um pouco mais de ferramentas emocionais para gente é... se dá conta de que isso não são dilemas pessoais mas isso são dilemas que acontecem... que né?! Que se passam na vida de todas e que a gente trocando a gente pode ir aumentando tanto a bagagem de ferramentas para lidar com isso, como pensando juntas em formas melhor... de como seria melhor né?! Para a gente construir então acho que foram estratégias que eu fui aprendendo muito nas trocas.

Relação com feminismo

A – Agora a gente já vai para o terceiro e último bloco, que ele é sobre a sua relação com o feminismo. E a primeira pergunta ela é sobre homens e mulheres produzindo conteúdo na internet. E aí eu queria saber se quando você pensa nas capacidades, acessos e condições, que esses dois grupos têm, se você consegue perceber alguma igualdade?

K – Olha eu acho que como em todos os segmentos da nossa sociedade que é machista, patriarcal e isso como premeditado e objetivado pelo sistema capitalista que é o que a gente adere hoje na... na grande maioria do... dos locais no mundo, é... eu acho que não tem nenhuma condição de igualdade, acho que ainda é uma mídia muito dominada pelos homens, que tem tanto uma... uma condição de produção e de validação do... com público, mas acho que principalmente por conta de produção, é aquela velha discussão do trabalho social reprodutivo né?! Óbvio que a mídia tá aí todo mundo pode se apoderar dela e todo mundo pode produzir nela, mas é... os homens têm muito mais disponibilidade para produzir nessa mídia como em todos os campos por quê afinal de contas eles têm muito menos bagagem e carga de trabalho é... de cuidados né?! Então seja mentalmente falando né?! A tal carga mental, quanto objetivamente falando mesmo, a criação de filhos ainda continua sendo um cuidado é... que tá dividido por gênero, um trabalho está dividido por gênero e ainda por cima invisibilizado, não remunerado e enfim toda essa problematização. Então a disponibilidade dos homens é sempre maior e isso não seria diferente na... na produção dentro da podosfera, é... então isso é uma coisa que a gente percebe desde sempre, assim era também um dos... acabava sendo uma... uma pontuação recorrência também no nosso conteúdo.

A – Você consegue perceber diferenças entre o ambiente da podosfera digamos mista, entre homens e mulheres, e a podosfera quando você pensa só as mulheres produtoras de podcast?

K – Sim, eu consigo perceber. Hoje na verdade... eu apesar de eu ter te respondido que eu não vejo uma igualdade, quando eu particularmente penso sobre podcast, para minha imagem que se forma ela é muito de mulheres produzindo conteúdo, porque eu basicamente consumo conteúdos produzidos por mulheres, são raras as exceções conteúdos produzidos por homens que eu... que eu consumo e na maioria das vezes que o consumo o conteúdo produzido por homens, são nesse formato misto que você mencionou. É... e sim... apesar disso já consumi né?! Conteúdo feito por homens então consigo te responder da minha percepção pessoal que sim, tem muita diferença, eu acho que conteúdos também uma coisa meio como sempre assim... é toda... toda a forma de comunicação é... de conteúdo que eu consumo entre homens mulheres ou mistos, eu acho que mulheres justamente por esse peso que recai sobre a gente também, eu acho que são sempre conteúdos, para usar uma palavra meio genérica, mas que expressa bem o que eu queria comunicar, é profundos assim. Eu acho que as camadas de complexidade é... são sempre muito mais trazidas pelos conteúdos produzidos por mulheres do que por homens, assim é como se o homens ficassem sempre um pouco na superficialidade, porque afinal de contas ele não têm aquela... necessidade, é... eles não são exigidos de aprofundar e na maioria das vezes inclusive, nem se dão conta da profundidade dos problemas, e as mulheres percebem isso até pela experiência própria né?!

A – Você conhece a PodPesquisa?

K – Eu conheço.

A – Tem um dado né, lá na PodPesquisa que mostra que a proporção entre ouvintes de podcast no Brasil homens e mulheres fica ali mais ou menos entre 30% de mulheres um pouquinho menos do que isso e 70% de homens. E antes da última edição da pesquisa o número de mulheres nunca tinha chegado aos 20% né. Era sempre um número muito pequeno e aí eu queria saber assim não precisa dar nenhuma resposta cientificamente fundamentada é mas da tua experiência mesmo, o que que você acha que causa esses números?

K – Eu acho que é exatamente na linha do que eu tava falando antes, assim eu acho que primeiro que a podosfera, pelo pouco que eu conheço, eu não tenho muito conhecimento sobre origem da podosfera e tal mas eu já ouvi algumas palestras da Ira por exemplo né?! Que a Ira Crot que tá na mídia já há bastante tempo e tal, desde quando a gente nem ouvia ainda falar de podcast, quando tudo era mato. Mas os podcasts começaram muito na... na... ali na... no tema de tecnologia né?! Wue é um assunto mais dominado por homens, então acho que tem essa... Tem esse dado para ser levado em conta também, mas eu acho que... é... a grande... o grande pulo mesmo, a grande questão, que também tá inclusive nessa... nisso que eu acabei de falar né?! De porque que a tecnologia também era um assunto mais dado aos homens do que as mulheres, é a grande questão do trabalho social reprodutivo, que é o trabalho invisibilizado de cuidados, de gerenciamento, manutenção das casas, dos trabalhos domésticos, do trabalho de criação dos filhos, que ainda é um trabalho muito genera... generizado né?! Divido por gênero e que ocupa muito das mulheres, é... de uma forma completamente invisível, não-remunerada e desprezada, como se ela fosse nada, quando na verdade ela é o grande sustentáculo do sistema que a gente vive, e que ela ocupa, além de oprimir, ela ocupa as mulheres então ela coloca as mulheres como um público menos disponível a consumir conteúdos é... e por isso que tem sempre mais homens consumindo conteúdos tipos podcast, porque tem mais homens produzindo e homens validam conteúdos produzidos por homens enfim, entre entra num ciclo sem fim de que as mulheres não tem disponibilidade para produzir, elas não tem disponibilidade para falar sobre isso, e elas não são bem vistas quando elas falam, elas não tem muita disponibilidade para consumir esse tipo de coisa porque elas têm um milhão de demandas a mais do que homens, por exemplo, enfim acho que é nessa... nessa... nessa teia aí que nos aprisiona um pouco nesse sentido.

A – Sim, você teria alguma sugestão de solução para tornar podosfera um lugar mais acolhedor para as mulheres?

K – Olha especificamente sobre a podosfera, não sei. Eu acho que... o fato de nós estarmos falando mais sobre podcast e com temas que discutem um pouco mais isso, é... acho que vai se espalhando essa notícia né?! E essa possibilidade vai se tornando uma possibilidade um pouco mais possível para mulheres e aí conforme vai aumentando o número de mulheres e principalmente mulheres engajadas, assim ativas eu acho que vai aumentando exponencialmente é... esse acolhimento de mulheres, assim vai pelo menos diminuindo a hostilidade ou a distância da mídia em relação as mulheres, mas eu acho que não como uma coisa isolada, eu acho que como isso... como eu disse né?! Eu percebo isso também como um reflexo dos problemas sócio-políticos né?! De... de como a sociedade é dividida por gênero, eu acho que a grande... um grande pulo do gato para virar isso seria a gente começar a discutir essas questões mais a fundo né?! No Panorama sócio-político mesmo e não só dentro da podosfera especificamente.

A – Você conhece a #mulherespodcasters e a campanha O Podcast é Delas?

K – Sim.

A – Você costumava utilizar hashtag ou já participou alguma vez da campanha?

K – Sim, a gente participou os três anos do Sinuca a gente participou da campanha O Podcast é Delas e a gente postava todos com a hashtag e tal.

A – Me fala um pouco da importância assim, porque se vocês utilizava porque vocês consideravam que era uma ação importante né?! Me fala um pouco sobre isso.

K – A gente considerava importante, agora falando mais da... agora falando mais em termos de conteúdo do que em termos de alcance e números tá?! Porque como eu como isso não era uma super preocupação para gente, a gente não tinha muita preocupação de fazer essas análises e tal, apesar de entender é... isso como uma ferramenta também para alcance e tudo mais mas esse não era nosso objetivo, nosso foco mesmo era participar no sentido de aderir a uma campanha para tentar fazer esse engajamento e essa...

é... a... ser ativista nesse sentido de divulgar podcast de mulheres, expandir conteúdo de mulheres, propagar, estimular é... reconhecer é... enfim, nesse sentido. E inclusive aquele mesmo episódio que eu falei para você sobre violência é... contra as mulheres, violência doméstica foi um episódio, se eu não tô muito louca e eu acho que eu não estou ainda (risos), [espiro, desculpa], Imagina, que é isso... foi um episódio que a gente fez dentro da campanha, então eu acho que também foi muito legal porque eu via muito que durante essa campanha havia muito intercâmbio entre os podcasts feito por mulheres assim e isso ia tornando... isso é... eu acho que foi uma grande... uma grande coisa, um grande avanço contra essa hostilidade também, porque os podcasts iam ficar... ficando um pouco mais é... “avisinhados” assim sabe? Ia tendo esse intercâmbio tanto de reflexões, quanto de tipo de conteúdo produzido, então a gente ia conhecendo mulheres, conhecendo podcasts feitos por mulheres e ia expandir essa rede de mulheres e ocupando mesmo, então eu achava... a gente achava muito importante principalmente nesse sentido.

A – Essa pergunta vai parecer um pouco redundante, você se considera feminista?

K – Sim.

A – Você tem alinhamento em alguma corrente ou vertente específica?

K – Olha, é... vou te responder com talvez (risos). Eu me vejo muito dentro do feminismo marxista, mas eu ainda sou muito iniciante dos estudos marxistas, tenho me... me colocado como me identificando muito com essa vertente há pouco tempo, é recente preciso aprofundar os meus estudos, não sei se tenho conhecimento suficiente para me identificar dessa forma, mas pelo pouco que... pelo pouco não, pelo pouco que tenho estudado de uns anos para cá eu acho que é por aí.

A – Em que medida você acha que esse seu posicionamento enquanto feminista reflete no conteúdo que você produz?

K – Ah, eu acho que em total medida assim, eu acho que é... como eu te disse lá no começo, acho que na verdade foi daí que veio tanto a minha identificação com... com a identificação com a mídia talvez não exatamente, talvez eu consumisse algum conteúdo que fosse tipo apêlho, embora não ache que exista a possibilidade de conteúdos alheios à conjuntura sócio-política acho que no fim das contas tudo é político, mas de alguma forma eu acho que é por isso que eu pessoalmente Karina comecei é... a pensar que eu poderia ser membro de podcast, assim para falar e trazer reflexões e questionamentos, justamente pensando no meu papel e... que eu ocupo no mundo assim, então se eu não fosse feminista é... talvez é porque eu não... eu entendo que é porque eu não estaria me dando conta de muitas coisas que acontecem no mundo, então talvez não tivesse chegado a ponto de me dedicar a produzir um conteúdo que falasse sobre o meu papel no mundo.

A – Você já teve medo de hate, de comentário de ódio algo desse tipo?

K – Pessoalmente, não. Mas a gente... a gente tinha muito essa preocupação embora a gente nunca tenha sido afetada muito por isso até porque o nosso alcance não era exatamente enorme, né?! Era um público mais é... restrito e tal então a gente nunca foi diretamente afetada, pode ser que eu esteja falando uma coisa que... eu não tive medo porque na verdade eu não vivi na pele né?! Mas assim pessoalmente falando eu nunca tive muito medo, não, talvez porque inclusive já soubesse que a gente não tinha... não era nem alvo suficiente para um hate que fosse de dar medo.

A – Última pergunta já e é qual sua percepção do feminismo, seja como um movimento social ou como a teoria?

K – Olha a minha percepção é de que o feminismo ele é... necessário e ele é intrínseco a qualquer... não tem como a gente questionar o mundo se a gente não passar por aí, né?! E... e pessoalmente é quase como... quase, não talvez é totalmente querendo dizer que é... o feminismo é uma condição até né?! Para a gente mudar o mundo, mas enfim eu não domino todas as teorias para dizer que no planeta ninguém conseguiria contestar isso que eu tô falando, mas da onde eu enxergo é mais ou menos por aí. É... mas ao mesmo tempo que eu acho que a gente está enxergando isso cada vez mais, eu acho que também então existindo... tá existindo é... muito uma cooptação do feminismo pelo... pelo sistema né?! Para manutenção do status quo mesmo, aquela coisa de dar os anéis para não perder os dedos. Eu acho que o sistema está cada vez mais é... lançando aí umas iscas e cooptando feminismos é... e feministas e aí a

gente pode discutir aí se usa agora entre aspas ou não, mas enfim. É... e tá tratando... Tentando Manter nessa superficialidade, nesse raso para que a gente não discuta quando na verdade o feminismo... alguns feminismos né?! Inclusive os... os que eu enxergo, me identifico e luto para que se concretize, se consagrem cada vez mais e se espalhem em cada vez mais é um feminismo mais profundo, é um feminino que luta por transformação, por revolucionar o sistema de opressão contra mulheres, especificamente e muitos sistemas de opressão na verdade, é um feminismo anticolonialista essencialmente e portanto também anti-racista, antiespecista é... enfim... todos... todos... toda essa construção que significaria revolucionar a maneira como a gente tá organizado sociopoliticamente hoje. E... e isso apesar de ser uma palavra que tá cada vez mais divulgada e talvez até como primórdios de movimento cada vez mais divulgado, eu acho que também tá cada vez mais arriscado de ser é... completamente cooptado e anulado até, distorcido pelo sistema a gente tem que estar mais atenta e forte do que nunca. *

ENTREVISTA Nº 15 – “NAQUILO QUE EU NÃO SEI, EU TENHO UMA ESTRUTURA”

Áudio disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1uR5w55kg6p3g3MxENiJWhDzKz4U58_n4/view?usp=sharing

Data: 31 de agosto de 2020

Nome: Débora Figueiredo Mendonça do Prado

Idade: 37

Gênero: mulher cisgênero

Etnia: Branca

Naturalidade: Pouso Alegre - MG

Orientação sexual: Heterossexual

Escolaridade: Pós-graduação completa
(doutorado)

Ocupação: Professora universitária

Estado civil: casada

Filhos: 2

Podcast: Chutando a Escada

Relação com o podcast

A – Terminou então o primeiro bloco e agora a gente vai para o segundo que é relação com o podcast. E a primeira pergunta é se você se lembra da primeira vez que você ouviu alar sobre podcast, como que você conheceu essa mídia.

D – Foi em 2017, mais ou menos 2016 a 2017, quando eu comecei a... a conhecer mais sobre o universo de Podcast por conta também das conversas e das trocas com meu companheiro, porque na época ele participava de um... ele gravar um quadro no programa de rádio e aí a gente começou a escutar podcast foi quando surgiu a ideia de criar o Chutando a Escada né?! Que é o podcast que ele começou o projeto com um outro colega da PUC de São Paulo, na época foi em 2017 e depois de um tempo eles me convidaram, eu e uma outra colega que a Carolina Pavesi a participar também do programa é... na... na posição né?! Na condição de host do Chutando. E aí a partir daí eu comecei a ter contato com outros podcast também né?! Com outras mulheres podcasters então por exemplo com Aline Hack do Olhares é... a gente começou a conhecer outras pessoas também... o Apenã que é um outro podcast também que... que eu tenho mais contato, então foi por aí, quando tudo começou.

A – Me fala mais um pouquinho sobre o Chutando a Escada, quais são os assuntos que vocês abordam lá, e de onde que veio a vontade de produzir conteúdo sobre esse assunto.

D – Tá. Bom, o Chutando a Escada ele... ele é um podcast de política internacional e a gente discutir sobre vários temas assim né?! Que envolvem política nacional, política externa, Direitos Humanos a gente tem é... uma... uma posição muito clara no sentido do campo progressista militante no Brasil, então a gente tenta sempre problematizar as questões é... é... mais recorrentes e mais importantes na sociedade e aí um outro tema também que a gente começou a discutir mais eu e Carol é discussão sobre gênero né?! Então a gente... nós gravamos vários podcasts sobre feminismo nas relações internacionais, sobre é... temas históricos né?! A participação das mulheres na Revolução Russa, então a gente convidou historiadoras, é... já participaram do programa, cientistas políticas é... nós tivemos a participação de antropólogos, então o público é bem variado assim de participações né?! E a ideia é sempre um bate-papo bem informal, assim uma conversa mais solta, mas com especialistas no tema né?! Então se a gente

for discutir por exemplo política externa e Governo Bolsonaro a gente chama uma pessoa que estuda isso né?! A gente foi gravar é... discutir por exemplo reforma tributária no Brasil a gente chama... chama... nós convidamos especialistas para falar sobre esse tema e por aí vai né?! A discussão sobre aborto foi um tema também que nós gravamos que a gente quer inclusive gravar um específico sobre isso é... a gente já gravou também sobre feminismo interseccional, nós fizemos gravações sobre violência de gênero, sobre é... mulheres indígenas então a gente convidou mulheres indígenas para participar e na realidade elas tocaram o programa então são temas bem amplos mas que envolvem basicamente política internacional, Direitos Humanos, política externa, economia, política são esses temas mais gerais assim que a gente conversa. E a produção do conteúdo né?! Você perguntou. É... então, a motivação do grupo como um todo eu acho que é alcançar outros nichos para além da comunidade acadêmica né?! Porque a ideia é ter uma extensão dentro da... dentro da Universidade, dentro do espaço acadêmico pra gente criar é... espaços mais amplos para que... nos quais outras pessoas também possam participar, possam ouvir, ter acesso ao conteúdo a o que a Universidade produz também né?! Então a gente conversa, por exemplo, quando fizemos uma pesquisa nós não né?! Quando as Universidades fizeram uma pesquisa sobre o perfil dos alunos, por exemplo, dos ingressos nas universidades federais nós conversamos com essas pessoas que fizeram o levantamento agora de cabeça não vou lembrar o nome, mas aí a gente gravou um programa sobre isso então a ideia também é difusão mesmo de conhecimento e da pesquisa das Universidades tanto públicas quanto privadas né?! Aqui no Brasil, qual que é o conteúdo que... que é produzido né?! E aproximar mais as pessoas então o público... os nossos ouvintes no começo era um público um pouco mais restrito né?! Eram pessoas mais vinculadas a área das Relações Internacionais, hoje não, a gente tem é... ouvintes de várias áreas assim que participam, a gente tem um grupo no WhatsApp as pessoas falam sobre pautas, sobre agenda do programa, o que que acharam dos episódios, então é uma troca bem legal assim, a gente tem um grupo no telegram também e a ideia é essa de difundir mesmo conhecimento né?! É... na época das eleições a gente fez uma série especial de combate as notícias falsas então a gente falou bastante sobre aquela... aquelas notícias que circulavam que o Brasil ia se tornar uma Venezuela, e a gente chamou especialista para falar sobre isso, então a gente fez também uma discussão é... que eu acho que foi... que foi válida assim que foi importante no momento que a gente tava vivendo né?! Que a gente ainda vive né?! Então a ideia é essa é difusão de conhecimento, de combate mesmo as notícias falsas né?! E de militância, de militância no sentido de... de abraçar um campo mais progressista no Brasil, esse momento que a gente tá vivendo tão difícil né?! Não sei se eu te respondi (risos).

A – Respondeu. Dentro do programa, qual função ou funções que você assume? De produção à edição.
D – É... eu não faço a edição dos programas, quem faz a edição são os nossos colegas, porque eu tenho dois filhos pequenos e eu realmente não tenho condição de... de passar por esse processo assim e eu tenho... eu tenho vontade de aprender mais, mas eu não faço a edição do programa. A gente trabalha na... nos contatos né?! No primeiro momento de entrar em contato com as pessoas, é... de fazer os convites. Tá chamando, eu não sei se o seu. É o seu Skype está chamando aí? Alô? Alice? Alice? [corte no áudio]

A – Oi! Acho que caiu aqui. Foi ficou mudo pra mim também. Eu escutei até a parte que não tinha como passar por esse processo.

D – Mas aí eu te mando as duas pastas, os dois áudios. Então nós temos... hoje... foram 193 episódios até o momento né?! E a gente... a minha parte... a minha participação envolve mais a questão da pauta, de pautar os temas, de sugestão de temas, nós fazemos reuniões para pensar agenda né?! É... entrar em contato com as pesquisadoras, eu sempre priorizo mulheres assim porque é... enfim... eu costumo priorizar e a gente nos debates de gênero é claro né?! Que eu sempre convido mulheres para participar do programa, mas eu faço esse esforço de entrar em contato com as pessoas e é... participar do processo de edição no sentido de organizar a descrição do episódio, a... buscar os links, as notícias mas a edição do áudio eu não faço. Então existe... a gente manda para uma pessoa que até pouco tempo atrás quem fazia era os dois outros colegas né?! Mas a gente manda uma pessoa para limpar o áudio, a... para dar uma limpada mesmo no arquivo e depois a edição com a inclusão das músicas são feitas pelos nossos colegas então assim eu participo da edição mas não da edição do áudio em si, mas sim de todo o processo que envolve né?! A construção até o episódio sair lá no site né?! Do programa né?! E... nos feeds né?! Então é mais nessa questão da construção da pauta e convidados e descrição do episódio, buscar as

imagens para a gente colocar, sugestão de músicas então enfim participo das edições, mas não é questão de tratar o áudio sabe? Tratar o áudio ou não trato é uma coisa que eu ainda não sei fazer.

A – É... mas você me falou que é questão de tempo né? Mas além do tempo, tem alguma outra questão assim?

D – Não, é só... é porque assim eu não sou jovem né?! (risos) Então assim... Eu não sou tão jovem assim... O público que já tem um contato com... com tutoriais, com programas de... de tratamento de áudio, é... é uma coisa que eu tenho que aprender entendeu? Que eu não sei fazer ainda, porque assim a gente não nossa edição não é só gravar e botar. Tipo eu gravo no Audacity tira um poucos ruídos e mando. A gente não faz só isso entendeu? O programa a gente... Então isso eu sei fazer tipo uma gravação do Audacity, limpar o áudio e tal, mas incluir música, fazer toda edição com todo o cuidado assim, que se demora o que umas 4, 5 horas para mais para lançar o episódio é... essa parte eu não tô na frente... eu não tô na frente... nessa frente entendeu?

A – Quando você pensa sua relação com o podcast, você acha que tem uma relação que ela é mais emocional e subjetiva ou que ela é mais profissional e racional?

D – Ah, eu acho tão difícil a gente separar racionalidade com... enfim, eu enquanto cientista eu penso que a gente é... não consegue separar né?! Essas duas questões, eu acho que a vida pessoal por exemplo a discussão do feminismo também é vivencial né?! Então a construção da pauta dos episódios tem a ver também com a minha vivência, então eu não acho que é uma coisa que daria para separar entendeu? Existe toda uma... um aprendizado e isso vai influenciar nas escolhas que eu vou fazer, nos temas, nas convidadas, nos convidados que eu vou trazer programa né?! Então é... existe sim essa relação que eu não diria que seria emocional acho que seria vivencial mesmo né?! Mas é um trabalho é um trabalho que para além daquele que eu já faço né?! Então nas minhas horas vagas eu dedico tempo para o podcast geralmente é à noite quando os meus filhos estão dormindo, são os horários que eu consigo gravar, agora na pandemia não sei se você vai ter uma pergunta específica para isso, mas agora na pandemia a situação ficou bem mais complicada assim temos de conseguir tocar né?! A agenda de gravações por conta de todo o contexto de... de pandemia que a gente tem enfrentado né?! Mas enfim é isso eu acho que... existe toda uma questão vivencial que vai... que vai permear e as escolhas que... que eu faço em termos de temas né?! Para o programa.

A – De todo o processo de produção do podcast qual ou quais você acha que é mais difícil de fazer?

D – Eu acho que... bom, acho que talvez porque eu não saiba fazer tanto acho que a edição que eu acho que é o mais... acho que é mais difícil, mas porque é uma coisa que eu tenho que aprender né?! A fazer tudo né?! Ainda não sei fazer tudo, então tirando... tirando... Agora assim não... de resto eu acho muito legal, assim sabe? Gravar... gravar para mim é sempre uma satisfação assim. eu aprendo demais. eu aprendi muito assim. eu gravei programas que assim eu sou... eu sou uma outra profissional e uma outra pessoa com o Chutando porque aprende demais né?! Então é uma coisa incrível assim, por exemplo teve um dia que a gente gravou sobre populismo e extrema-direita foi muito legal o programa eu... é... fascismo também a gente já discutiu, então é bem bacana assim, eu acho que o mais prazeroso para mim é o contato com... com... as entrevistadas e com os entrevistados que depois permanece mesmo depois do programa sabe? A gente acaba criando uma rede assim que eu acho uma coisa muito legal, dali surge possibilidades de fazer congresso, de participar de eventos juntos, de pesquisar alguma coisa sabe? Então é uma coisa muito legal assim, eu acho que a parte mais trabalhosa é de fato assim ponto de vista é... de horas assim que você tem que ficar sentado fazendo é a parte da edição, acho que a edição é a parte mais trabalhosa.

A – Você consegue lembrar de algum episódio específico que deu muito trabalho de fazer? Ou que foi difícil assim, seja na parte da produção ou emocionalmente também.

D – Olha, o mais difícil para mim eu acho que... emocionalmente foi gravar um sobre mulheres é... mulheres encarceradas, foi muito difícil. Porque é isso que a gente tava conversando né?! Sobre a questão do... é... de quando você trata, quando a gente grava né?! Quando eu participo de episódios que envolvem questões de gênero e isso impacta muito mais é... para mim do que um outro programa que vai discutir por exemplo sei lá política externa ou golpe né?! A situação na Venezuela, quando a gente... quando a gente vai falar sobre a realidade das mulheres no Brasil, o de feminicídio foi muito difícil que

a gente combinou uma pesquisadora que estuda isso feminicídio no Brasil, mas o de mulheres encarceradas foi muito... foi muito... foi muito difícil assim gravar porque a gente nós trouxemos as pessoas que fazem trabalho lá né?! E que falaram sobre a realidade das mulheres ali, sobre o sofrimento dos filhos que ficam de fora né?! Nossa, foi difícil eu chorei no final da gravação, foi muito tenso então assim são temas bem pesados né?! Então a gente grava e depois fica aquilo né?! Embora que eu ache... é isso né?! É importante falar, mas não deixa de ser uma coisa muito dura né?! Muito difícil, então eu acho que foi esse que eu me lembro.

A – Última pergunta desse bloco e é se ao longo do tempo você conseguiu pensar em alguma estratégia né, para contornar esses programas que são tão difíceis assim, na questão do emocional?

D – Olha, minha estratégia é: vamos gravar! É... a gente ia... às vezes a gente termina o episódio falando nossa, gente foi maior desanimador, mas a gente sempre traz aquela coisa, por exemplo, um programa muito legal chama “nosso corpo, nosso espírito” que nós convidamos a representante de... na voz das mulheres indígenas na ONU, nós trouxemos pesquisadoras e aí embora a gente tenha falado das dificuldades, a gente sempre tem aquela coisa da força sabe? De como a gente tem que fazer aquele movimento de... de lutar mesmo então é... às vezes eu preciso... às vezes quando o episódio é muito difícil eu tenho que fazer terapia, eu levo para terapia o tema, nossa foi difícil aquela gravação né?! Mas eu acho que não é só pra pelo programa acho que tem a ver muito com a nossa realidade brasileira né?! Quando você grava por exemplo sobre é... direitos reprodutivos no Brasil e mesmo que eu não gravasse um podcast sobre isso, se eu fosse estudar pesquisar e ler não precisa nem pesquisar a gente lê as notícias na imprensa já fica muito impactadas né?! Então a gente tem que também cuidar da saúde mental assim, mas eu... a minha estratégia é essa cuidar da minha saúde mental, mas não desiste de falar sobre né?! Porque eu acho que é importante assim.

Relação com feminismo

A – Vamos para o último bloco que é sobre sua relação com o feminismo. E a primeira pergunta ela é sobre igualdade entre homens e mulheres pra produzir conteúdo na internet, então quando você pensa né?! Esse contexto de homens e mulheres produzido conteúdo você acha que existe igualdade quando você pensa as capacidades, acessos e condições desses dois grupos?

D – Não, não tem, certamente não tem é um universo majoritariamente masculino né?! Eu acho que já tem alguns trabalhos eu acho que eu já inclusive ouvi podcast que falam sobre essa questão teve uma campanha né?! É... que foi encabeçada para discutir mulheres podcasters no Brasil, mulheres podcasters... eu acho que em sua maioria é um... é um mundo muito masculino e eu acho que isso tem a ver com... com ah desde por exemplo a minha geração né?! A minha geração tem a dificuldade do... do próprio conhecimento do que que é podcast que é uma coisa muito nova, então você precisa tá mais antenado né?! Às vezes tem colegas que eu falo as pessoas nem sabe o que que é podcast né?! Então assim agora que... que chegou com mais força no Brasil né?! A grande imprensa né?! A maioria dos jornais tem podcast né?! Em 2017 isso era uma realidade ainda muito nova né?! Então acho que tem essa questão e eu acho que a mulher... a mulher eu acho que ela tem mais contato por conta dos estereótipos de gênero desde a infância e adolescência. menos contato com a tecnologia do que os homens né?! Então acho que isso vem para aqui tá depois né?! Por exemplo a facilidade que... que por exemplo meu companheiro tem de mexer no computador, não é a mesma que eu tenho, mas porque quando ele era mais novo ele tinha essa liberdade né?! De... essa... essa curiosidade ela era incentivada né?! E eu acho que isso não acontece com as mulheres assim então eu acho que isso vai... vai... vai repercutir ali quando a gente olha quem que tá na dianteira né?! Quem tem por exemplo que ele dá conta de editar se você não consegue uma ajuda para edição do programa, isso fica mais difícil né?! Se você não consegue trabalhar com os... com... os tutoriais né?! E tal então acho que com os programas de edição né?! Então eu acho que existe... não é... não é igualitário eu acho que existe uma dificuldade é... estrutural que tem a ver com acesso, que tem a ver com... treinamento né?! Que tem a ver com a questão do próprio conhecimento né?! Que é um conhecimento que eu acho que ainda fica muito... muito generificado né?! E restrito a homens e meninos né?! É... e eu acho que é uma questão da tecnologia geral né?! Não é só uma questão de Podcast né?! Então as mulheres na área da tecnologia é um universo ainda é muito masculinizado, então acho que tem essas dificuldades vão impactar no número né?! Se a gente for olhar o número de podcasts que são encabeçados por homens a maioria né?! Dos grandes são

homens né?! É uma minoria são tocados por mulheres né?! Então é uma coisa que me... que me incomoda assim, por exemplo, é... escutar sempre um podcast que só tem homens, que não tem uma mulher, que não... Que nunca gravou com uma mulher ou que grava uma vez ou outra só sabe? É uma coisa que me incomoda assim, acho que é uma coisa que a gente tem que lutar sim para mudar.

A – Você percebe alguma diferença na podosfera em geral, digamos mista homens e mulheres e na podosfera só das mulheres?

D – Eu acho que a diferença assim, eu acho que tem mais a ver com os temas assim... é... os podcast que são... que são é capitaniados né?! Que tem mulheres ali na ponta eles trazem temas que são muito importantes e que envolvem questões de gênero, questões da... do debate né?! Do feminismo, do feminismo interseccional, do feminismo... ah, de todas as pautas né?! Que envolve a questão da violência contra mulher que eu... que a gente vê menos quando é uma... um podcast exclusivamente masculino né?! Acho que eu vejo mais uma diferença em termos de assuntos mesmo de escolha de temas né?!

A – Você conhece a PodPesquisa?

D – Oi? Eu não ouvi.

A – Você conhece a PodPesquisa?

D – Não, não conheço.

A – Então, a PodPesquisa ela é uma pesquisa realizada pela ABPOD e aí ela faz levantamentos sobre as preferências do ouvinte de podcast no Brasil. E foi assim que eu te encontrei pelo Chutando a Escada. E no resultado da PodPesquisa de 2018 que saiu no começo desse ano, tinha lá os podcasts que os ouvintes que responderam à pesquisa falaram que eles mais ouviam, enfim. E aí tem uma parte lá PodPesquisa que eles fazem o levantamento do perfil do ouvinte de podcast no Brasil. Essa pesquisa é feita desde 2008 e a proporção de mulheres nunca tinha chegado a 20%. Era sempre 6%, 11%, 14% e nessa última edição chegamos a 27% que ainda é um número muito baixo, mas considerando os anos anteriores é o mais alto que a gente já chegou. Você já me responder um pouco isso, mas eu queria que você me reforçasse agora pelo lado da ouvinte né? O que que você acha que causam esses números?

D – Ah, eu acho que é aquilo que a gente tava conversando né?! Que acho que vale reforçar. Primeiro as mulheres elas têm uma dificuldade ali inicial para montar um podcast né?! Eu já vi vários sites assim inclusive eu falei da campanha eu vou reforçar aqui que foi aí a Ira... A Ira do podcast ponto G que tocou a campanha, não sei se chegou a ver de, mulheres podcasters e ela tocou... a ideia é ter uma iniciativa para divulgar né?! Esses podcasts né?! Porque eu acho que você tem menos recursos, você tem menos apoio, você tem menos estrutura em termos de... de... não só de conhecimento para edição, mas aí quando você tem o conhecimento para edição, você dificuldade divulgação dos programas né?! E aí eu reforçaria para as mulheres ouvintes para elas fazerem esse esforço de escutar mais programas é... tocados por mulheres ou que tenham mulheres nesse podcast né?! Porque quanto mais diverso, melhor né?! A gente tem que ter uma diversidade. Eu acho que é a questão do percentual que você mostrou é muito parecido quando a gente olha outros espaços de poder né?! Porque o conhecimento é poder né?! Então a... você ter o lugar de... o lugar de fala ali, você tem uma participação, as pessoas escutarem um programa de rádio isso dá uma repercussão muito grande né?! Você vai falar para o número universo muito maior de pessoas que você alcançaria por exemplo dentro de uma sala né?! Ou qualquer seminário que seja presencial, então acho que esse alcance ele tem que ser considerado e aí é um espaço de poder e ele acaba sendo disputado e as mulheres ficam como minoria né?! Se a gente for pegar por exemplo percentual de mulheres no Congresso é de 15 a 20% Né?! O Brasil hoje não... acho que chega 10... então assim a representatividade das mulheres nos espaços de poder ele é... ele é muito baixo né?! No Brasil. Então isso... é a realidade das mulheres no universo de podcasts é... é uma realidade também semelhante. Então acho que faria esse esforço assim que é uma coisa que a gente tem que fazer o esforço todo dia né?! Por exemplo é... se você vai... vai escutar... ler um livro, procurar escritoras também né?! Mulheres escritoras, é... se você vai ouvir um programa, um podcast escutar mulheres que são produtoras, que tocam que participam dessas iniciativas né?! E eu acho que a gente tem que ir além também né?! Não só a questão de gênero, mas eu acho que é fundamental e aí por exemplo uma discussão que é necessária e eu tô numa posição de privilégio porque eu sou mulher, sou branca então eu ainda assim sou privilegiada nesse universo né?! Acho que a gente tem que também diversificar não só para discutir

gênero, mas também discutir raça, discutir é... bom, discussão de acesso e classe social mais difícil ainda né?! Porque a maior parte da população no Brasil, de baixa renda não tem acesso à internet que dirá tocar um podcast né?! Então ainda é um universo muito elitizado né?! É... então acho que... acho que a reforçaria no sentido da gente tentar construir mesmo espaço mais diversificado, apoiando iniciativas que são diversas né?! Que tem mulheres. que tem participação de... de... de mulheres negras, de homens negros, de trans acho que esse é um caminho que a gente tem que seguir né?! Todo dia né?! É uma militância assim que eu acho que é importante, todos os dias, mas assim eu não sou mulher negra então não é meu lugar de falar isso, eu acho que eu enquanto mulher branca eu tento fazer esse esforço né?! De tentar buscar esses espaços de diversificação mas reconhecendo aí que... que o meu... que a minha situação ainda é privilegiada né?! Porque por exemplo no podcast que eu participo, eu tenho colegas que ajudam... e que ajudam não só no sentido de... ajuda é uma palavra horrível falar ajudar né?! Porque não é, na verdade eu entrei para contribuir, mas eles... naquilo que eu não sei eu tenho uma estrutura entendeu? Isso que eu tô querendo dizer, eu tenho uma estrutura que outras mulheres podcasters não tem né?!

A – Você já me falou que conhece a hashtag mulheres podcasters, e eu queria saber se você conhece também a campanha o Podcast é Delas?

D – Ah, conheço, conheço. É... eu achei também uma campanha incrível e... e enfim tenho acompanhado também esse movimento do podcast é delas.

A – Você já participou alguma vez?

D – De gravar não, mas eu já... já... a gente já fez alguns esquemas de cros... de crossover assim que a gente fala, então já gravei com algumas dessas mulheres né?! Mas eu não fiz o específico, mas eu acompanho, sim. O podcast é delas é uma iniciativa incrível também.

A – Você se considera feminista?

D – Sim.

A – Você tem alinhamento em alguma corrente ou vertente específica?

D – Eu me aproximo mais, assim tanto é... a... inclusive academicamente no feminismo interseccional que é uma... uma área... uma linha de pesquisa também que eu estudo, é... então acho que eu me incluiria nesse grupo, nessa vertente.

A – Você meio que já me respondeu isso também, mas eu queria reforçar. Como você acha que seu posicionamento como feminista, reflete no conteúdo que você produz? Mesmo aquele conteúdo que não é sobre gênero, assim explicitamente né?!

D – Ah, assim... é... totalmente né?! Então assim é um... é um... reflexo é direto as escolhas que eu faço, a gente já... reforçando né?! As escolhas, os temas, eu tenho esse... a gente tem, não eu, a gente enquanto é... linha editorial mesmo do... do Chutando a gente faz o esforço de... de escolher sempre é... um... um programa que seja diversificado, que tenha pautas importantes que tragam esses temas aí à tona né?! Então acho que isso perpassa toda a minha participação assim, a minha vivência e vivência do programa mesmo que faz esse esforço né?! De trazer essas discussões. Eu... uma coisa também que ficou paralela e que veio paralela assim para mim, tô falando talvez seria legal se você conversasse com a... com os outros colegas também do programa né?! Com a Carol, depois eu posso te passar o contato, mas uma coisa que também para mim acabou que foi caminhando junto assim foi que na mesma época eu criei um grupo de estudos sobre gênero no curso da Universidade Federal que que o ministro que é Universidade Federal de Uberlândia né?! Que eu sou professora. E aí eu e uma colega somos coordenadora do grupo de estudos de gênero que foi criado naquela... em 2016, ele foi formalizado 2018. Então assim os temas que a gente discutia lá né?! Os texto discussões, as autoras isso também trouxe uma bagagem importante para mim né?! Inclusive contato com pesquisadores sobre o tema né?! Então muitas das mulheres que são pesquisadores no grupo de estudos, são mulheres que eu convidei para gravar com a gente né?! Então acho que isso, mesmo quando o programa não é sobre gênero é... eu sempre trago essa questão né?! Então por exemplo quando ele vai falar sobre a participação do Bolsonaro na ONU né?! E aí eu sei que ele falou muito sobre a discussão da ideologia de gênero a gente gravou um programa sobre isso, e aí eu trouxe questões e reflexões né?! Para a gente conversar com o

entrevistado sobre esse tema, então eu sempre tento trazer essa temática né?! E não é nem no sentido forçado não é porque... não... tem... acaba que você sempre chega nessa discussão né?! Para a gente caminhar e progredir assim enquanto sociedade é... não dá para separar né?! Não dá para pensar por exemplo uma agenda progressista de defesa da democracia no Brasil se a gente não tiver uma pauta e uma agenda feminista, anti-racista, que vai discutir a desigualdade social, acho que para mim são coisas que não... que não dá para negociar que não dá para separar sabe? Então acaba que isso vai sempre... sempre vai aparecer né?! Nas nossas conversas assim e aí eu não sei se você vai fazer uma pesquisa se você vai apontar sobre isso eu queria falar um último tópico não sei se tem mais outra pergunta.

A – Tenho.

D – Então tá, desculpa pode fazer depois eu falo (risos).

A – Você já teve medo de sentir... de receber ataque de ódio, de comentários de odiosos por por conta né?! Do tema que você fala?

D – Eu tive, eu tenho ainda não só ataques de ódio como algum tipo de... de boicote assim né?! Algum tipo de como que eu posso dizer... Ah, algum tipo de boicote mesmo pelo governo né?! Porque eu sou professora Universitária numa Universidade Federal então a gente fica muito é... vulnerável também né?! Principalmente quando a questão da escola sem partido veio com mais força né?! E aí... mas mesmo assim eu não desisti de discutir... de falar sobre isso, só que eu tenho... eu tenho... eu tenho um certo... um certo cuidado assim que eu acho que não sei se é restrição, acho que seria uma restrição mesmo às redes sociais. Então por exemplo ainda não tem Instagram, eu saí do Facebook na época ainda anterior ao impeachment da Dilma mas foi justamente por conta de ataques e por conta de questões políticas eu saí do Facebook, porque eu acho que era um Universo no qual discurso de ódio tava muito forte, e agora o Twitter tá bem parecido né?! Mas eu eu tenho Twitter por conta do programa, por conta do grupo de estudos, porque eu acho importante ocupar espaço, mas eu não... não manipulo muito Twitter, eu acho que eu poderia inclusive divulgar mais, participar mais, mas eu fico com medo, sim. É uma coisa que eu tenho... que eu tenho medo assim de você a medida que você vai ganhando mais é... mais visibilidade né?! Ao mesmo tempo os ataques são mais fortes assim, a gente sofreu alguns, mas nada muito grave assim, mas só os poucos comentários que a gente recebia assim de hater já me faziam mal então a minha... a minha reação por exemplo é diferente da do meu companheiro, por exemplo, que ele recebe ataques de ódio ele lida super bem, assim. Eu não, eu já fico preocupada com os meus filhos entendeu, já não tem foto deles nas redes sociais, não tenho nada então assim é uma preocupação que eu tenho por conta também da minha família assim.

A – Última pergunta. E eu queria saber qual tua percepção do feminismo assim, seja como um movimento social, o como uma teoria.

D – Acho que as... Bom, as duas coisas juntas né?! O feminismo avançou muito graças ao feminismo negro nos Estados Unidos né?! Então a gente tem o debate que a Angela Davis trouxe né?! Não só ela, mas a... é... a bell hooks né?! E outras autoras que trouxeram do movimento né?! Negro nos Estados Unidos e eu acho que isso é um ganho assim muito importante, eu acho que revolucionou mesmo a discussão, eu acho que a gente deu um passo adiante que a gente não tem que voltar né?! Então acho que foi além daquela discussão do feminismo branco, do feminismo liberal e eu acho que o feminismo enquanto movimento ele vem crescendo muito no Brasil e no exterior também né?! Mas eu vejo inclusive é o feminismo também que envolve a questão geracional né?! Então as... as mulheres jovens hoje né?! As mulheres de 17 a 20 anos elas já estão muito mais alertas do que eu estava na época que eu tinha 19, 20 anos né?! Então a consciência é... política ela é... ela é outra hoje né?! Claro que a gente tem muito para caminhar ainda né?! Tem muita coisa para... para caminhar, mas eu acho que o feminismo enquanto perspectiva teórica no campo de estudos eu acho que demorou muito para nossa área de relações internacionais incorporar essa discussão né?! Na minha geração, por exemplo, eu não tive contato com nenhuma escritora feminista, é... nem sabia que existia feminismo nas relações internacionais, só fui ter contato depois do doutorado hoje a gente já tem disciplinas de gênero na graduação né?! Então eu oferto... eu ofertei tópicos para discutir é... o movimento feminista nos Estados Unidos, a questão do Woman's March, a questão... Paralelos com a marcha... com a... com o movimento do ele não aqui no Brasil né?! Então a gente tem caminhado muito assim na nossa área, mas eu acho por exemplo que assim sociais já tava muito mais avançada do que a gente assim... é... nessa área né?! Então

acho que é... um movimento que eu acho que veio para ficar, eu acho que ainda precisa repensar muita coisa, precisa melhorar muito e eu acho que um dos caminhos também é em termos de esclarecimento para a população né?! Que às vezes no meu círculo assim eu acho que a coisa tá bem avançada é... nos espaços acadêmicos não é tipo como se fosse uma a.... uma.... a gente vai falar “ah, não isso já tá superado” mas aí no dia a dia você tem contato com mulheres, com amigas, com familiares e a gente recebe relatos assim de violência contra mulher, de abuso, de relacionamento abusivo que você fala nossa não né?! A gente ainda não conseguiu chegar a todas e a todos né?! Eu acho que é um movimento que precisa crescer e precisa aparecer também nos espaços de poder né?! Eu tava... a gente tava conversando sobre o universo de podcasts, que é um universo de poder, porque é um universo que vai trazer informação e que vai pautar né?! Agenda é... de discussões no Brasil e eu acho que também na... no... nos espaços de políticas mais tradicionais né?! No espaço político convencional né?! Por exemplo congresso, a gente precisa ter mais mulheres né?! Ocupando espaços aí, a eleição está chegando, as eleições eu acho que é uma questão é importante né?! A gente ter mais mulheres vereadoras, mulheres progressistas né?! Porque não basta eu também ser só mulher né?! Então mulheres que tem uma pauta comprometida com o movimento feminista é... tanto no legislativo até chegar ao congresso, no executivo acho que a gente vai começar a ver alguns avanços assim mas, eu me lembro muito daquele livro né?! Feminismo para os 99% né?! Aquele livro é muito bom, e eu recomendo pra todo mundo, eu acho que o caminho deve ser esse, eu acho que o feminismo ele... ele... ele tem que fazer parte da... da agenda de qualquer pessoa que defenda direitos humanos e democracia hoje.

A – E com relação à multiplicidade do feminismo? Porque não é um movimento homogêneo, passa longe disso, como é que você lida com todas essas nuances?

D – eu acho que é uma diversidade que fortalece, eu não vejo é... movimento sectário não... não... eu já meio que bom, é claro que essa discussão sempre aparece né?! Mas eu me lembro muito por exemplo quando a gente foi discutir esse livro aqui num debate com várias mulheres né?! De... Com mulheres, com trans, e enfim várias representações. E aí foi falado justamente isso né?! A gente tem pautas diferentes, o feminino negro não é... não tem as mesmas faltas por exemplo que o feminismo branco né?! Que eu acho que é... que o feminismo branco também para mim já era, eu acho que tá na hora das mulheres brancas escutar e aprender que é o esforço que eu tento fazer que é sentar e reconhecer o local de privilégio que a gente tem né?! E... e aprender mas eu não vejo como uma divisão, eu vejo como uma diferença que pode fortalecer mesmo, que pode trazer uma união, assim não naquela e... distante daquele feminismo mercadológico né?! Porque acabou que virou a palavra de moda e aí as pessoas às vezes né?! A indústria da moda usa né?! A discussão de empoderamento de uma forma bem aliás uma palavra assim que acabou virando muito liberal né?! Aquela coisa, para mim o feminismo não é liberal né? O feminismo é anticapitalista, então a visão... a visão do feminismo para mim é essa assim, é anticapitalista, é... é o feminismo que vai discutir racismo e trazer pautas anti-racistas, que vai discutir é... desigualdade social e tá longe daquela coisa do feminismo que só fala sobre mulher branca que precisa alcançar poder né?! Não só isso né?! A gente tem que na verdade isso é só um ponto né?! E como você falou existem outras pautas e eu acho que essas outras mulheres, essas outras várias feministas elas precisam ganhar mais espaço né?! As mulheres indígenas, as mulheres negras, as mulheres trans todas né?! Acho que é isso.

A – Você disse que queria comentar alguma coisa?

D – É, eu queria só falar e eu não sei como né?! Como isso impactou outras mulheres podcasters né?! Porque eu não conversei, eu troquei mensagem com uma colega que tem um podcast, que é dela. No meu caso sou eu, uma colega e dois homens né?! Mas a pandemia afetou demais, assim afetou demais a minha... o meu trabalho, a minha agenda enquanto profissional, enquanto professora, pesquisadora e a minha atuação no podcast, então assim é... isso... isso fica visível assim, então eu tenho conseguido por exemplo gravar menos, tem momentos que eu não... eu não... simplesmente não consigo sentar para... para disparar e-mail, aí a gente fica... eu repasso pro meu companheiro “a gente para gravar” e aí tem vezes que eu não tô... eu tô cansada... tão cansada que eu já não quero gravar sabe? Assim que eu já tô exausta assim. Então a gente acumulou demais assim né?! Aqui em casa a gente faz um esforço de dividir as tarefas então, a pandemia afetou negativamente não só o meu trabalho como o do meu companheiro também né?! Porque nós temos duas crianças pequenas que tem menos de seis anos um tem seis outro tem 4 então a demanda é a todo momento né?! Então trabalho doméstico, o trabalho com

as crianças eu também tenho mais um trabalho, que é cuidar dos meus pais que são idosos, que precisam de cuidadores, então à distância eu tenho que gerenciar isso com outras pessoas da minha família, com os meus irmãos então assim tem sido difícil, tem sido difícil conseguir tocar, então eu sempre tenho vontade e sempre quero falar sobre as coisas mas eu não tenho tempo, para sentar escrever, pesquisar, fazer um texto, gravar um programa. Então eu só queria apontar isso assim, que eu não sei como que isso afetou a produção né?! Dos... Inclusive a periodicidade né?! A gente tinha uma periodicidade eu e Carol. A Carol é mãe solo então ela também tem que trabalhar... dá aula remota, tem uma filha pequena que também tá em casa, então a realidade também é difícil. E aí a gente não conseguiu manter a mesma periodicidade que a gente tinha antes de gravações né?! E então acho que é isso assim teve momentos que eu precisei pedir um tempo mesmo falei, pro pessoal ó gente, eu preciso de um tempo porque se não eu fico me cobrando, porque eu quero gravar mas, eu não tô com condições assim de estrutura física e mental, então agora tô tentando retomar essa pauta né?! Trazer... fazer caber mas tá difícil né?! Porque o restante do país vive como se a pandemia não existisse mais né?! Como simplesmente não existisse mais convid no Brasil, quando na verdade Uberlândia por exemplo tá... tá no ápice da curva tá... tá no topo assim tá no ritmo acelerado né?! Então a gente não tem ajuda nenhuma aqui, a gente faz tudo sozinha e meu marido, então a gente cuida das crianças, tem que limpar a casa, fazer comida, das aulas online trabalhar então assim tá difícil tocar o projeto mas é isso enfim, só um desabafo. *

ENTREVISTA Nº 16 – “ACHO EMPODERADOR PARA MULHERES APRENDER FAZER AS COISAS E FAZEREM SOZINHAS”

Áudio disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1_rzhNhSiBF4BA_ww6JYc22FjtjhOXPMO/view?usp=sharing

Data: 19 de setembro de 2020
Nome: Marcela Duarte Ponce de Leon
Idade: 39
Gênero: mulher cisgênero
Etnia: Branca
Naturalidade: Juiz de Fora
Orientação sexual: Bissexual

Escolaridade: superior completo
(especialização)
Ocupação: Comunicóloga
Estado civil: solteira
Filhos: 02
Podcast: Baseado em fatos surreais

Relação com o podcast

A – Terminou já o primeiro bloco e o segundo ele é sobre a sua relação com o podcast. E aí a primeira pergunta é se você lembra da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast, como que você conheceu essa mídia?

M – Lembro que faz muito tempo, foi por... eu tô tentando lembrar se foi 2010/2011... eu escutava podcasts da BBC pelo aplicativo da Apple de... são podcasts pra ensino de inglês, tem um que chama six minutes english, e o outro the english we speak que é um outro que foi lançada há um tempo depois assim, então eu escutava todo dia, quase todo dia porque tinham muitos episódios já quando eu comecei ouvir, é... eu lembro que nessa época também me indicaram podcasts tipo Nerdcast para escutar, mas eu não gostei do conteúdo então não... não ouvia. Hã... E aí passou um tempo quando foi em 2015 eu voltei a escutar podcast hã... e aí eu voltei a escutar algumas coisas específicas assim... é... quem somos nós que é um podcast que também que... na verdade é um conteúdo da casa do saber que é publicado como o podcast é... e também é um programa da Rádio Eldorado então é um aproveitamento de conteúdo, eu comecei a escutar o Zing quer era um podcast do... do B9 com Alexandre Maron, é... escutava mamilos, eu escutava uma série de programas de fora também, e aí que começou um pouco a minha relação é... mais profunda assim, então eu já tive um contato há muito tempo mas não com produção de conteúdo nacional, eu escutava conteúdo da BBC para aprender inglês, ouvia muita coisa da CBN também que já tinha, e... enfim aí depois foi em 2015 que eu comecei a ouvir mais e aí já logo comecei a produzir também no começo de 2016.

A – Esses primeiros que você ouvia, você conheceu eles mexendo mesmo no app da Apple?

M – Não, não... hã... eu tinha um... fazia parte de um... foram recomendações, porque eu tinha um... um amigo enfim e a gente fazia alguns encontros, que foi até o que virou depois do meu primeiro podcast, chamava mindfuck, a gente se encontrava para bater papo e conversar sobre coisas diversas e trocava referências, então a gente é... tinham vídeos do YouTube que agente assistia, livros, tipo na época eu já tava lendo Sapiens, coisas do gênero, então foi nessa troca, sai... eu ouvi o episódio tal do programa que fala sobre isso e a gente ficava trocando e até foi a partir dessa conversa, que a gente tinha, se encontrava eu e mais dois amigos na verdade para tomar café sábado de manhã e ficar com que a gente é... bolou esse programa, assim esse primeiro podcast que eu fiz que chama mindfuck.

A – Atualmente, você tá produzindo só o Baseado ou você tá na equipe de mais algum outro programa?

M – É... conteúdo aberto, no momento, só o baseado em fatos surreais eu trabalho com produção de podcast para empresas, então eu tenho produzido conteúdos que são de uso interno. Então eu também não posso nem mencionar as empresas porque tem acordo de confidencialidade tal é... e eu tô atualmente produzindo dois conteúdos que vão ser lançados que vão ser abertos mas eu também não posso falar ainda quais são, mas são duas empresas grandes, uma do ramo de alimentos e a outra do ramo de beleza.

A – Então agora nas próximas perguntas a gente foca no Baseado em Fatos Surreais certo? E eu queria saber de onde foi que veio a motivação para você produzir conteúdo não é, para criar esse programa, como que é história e o que que te motivou?

M – Tá. É... desde do começo da internet assim eu mexo com internet desde 98 é... eu sempre rascunhei um pouco criar conteúdo, é... eu tive blog antes de blogueira ser uma profissão, enfim é... então sempre ensaiei ali fazer alguma coisa é... e quando eu conheci os podcasts, a mídia me chamou muita atenção era um formato que eu gostava de consumir muito mais do que vídeo e blog e foi um formato que eu me senti muito à vontade fazendo logo que eu comecei. É... Eu até tentei fazer vídeo também porque eu tinha vontade de fazer as duas coisas, mas não... não me saí... não fiquei muito confortável na época para fazer vídeo e aí o áudio foi algo que me... eu tive uma conexão muito rápido assim porque eu cresci ouvindo muito rádio, eu sempre gostei de ouvir muitas coisas assim, sempre tive uma relação forte com música, então áudio para mim é... teve uma facilidade então eu tinha uma vontade de criar alguma coisa já tinha tentado blog, já tinha tentado vídeo, já tinha tentado outros e nenhuma outra mídia eu tinha engajado tanto e com áudio foi... foi algo que... que fluiu mais gostoso assim. Hã... E aí a motivação pro BSF explicitamente é... eu tenho uma trajetória de vida é... bem diferente eu me casei supernova, me separei nova, quando eu separei meus filhos ficaram com o pai e... e eu tinha uma narrativa de história de... de mulher muito diferente do que eu escutava e... e eu tinha vivido muitas histórias assim, então eu fiquei com uma vontade é... de produzir um conteúdo que fosse para mulheres, porque eu queria trazer mais mulheres para ouvir conteúdo em áudio, que eu acha... que eu acho que é uma mídia muito boa, muito gostosa, acreditava nela. Então eu queria produzir conteúdo pra mulheres, porque na época não tinha tanto conteúdo pra mulheres, e eu também queria produzir um conteúdo que fosse transformador. É... que eu tivesse um impacto na vida dessas mulheres, através dessas histórias, porque várias coisas que aconteceram comigo na minha vida daí eu me sentia muito sozinha e não tinha referências, eu não tinha com quem trocar e eu percebi que as histórias tinham um poder muito grande de ajudar a gente a resolver questões, assim, pessoais é... a descobrir que tem coisa que não é só a gente que vive enfim, nesse... nesse lugar né?! E eu... e eu escolhi esse formato das histórias porque eu não... nunca me identifiquei em ter uma postura ativista é... então eu queria que fosse através do entretenimento e da emoção. E aí eu tinha essa ideia de ter um podcast de histórias de mulheres, hã... eu conheci a Sheylli num... num evento e tava apresentando essa ideia de fazer um podcast de história de mulheres para uma outra moça para Aline que... que... que começou também o podcast com a gente no final fomos eu, a Sheylli, a Aline e a Lucila a gente se encontrou, bateu um papo, chegou nesse formato de programa que a gente faz hoje e começou a fazer. É... e aos poucos ele foi ganhando a cara que ele... que ele tem hoje assim e logo no segundo ano de existência no primeiro ano era... era um hobby assim, eu nunca... eu não montei o podcast pensando que isso ia ser um... uma profissão no futuro sabe? Ou que eu ia ganhar dinheiro com isso assim eu pensei que eu queria produzir alguma coisa e... e queria que fosse nesse lugar assim, e aí já no segundo ano isso começou a virar trabalho assim eu já comecei... a gente já desenvolveu uma metodologia, já montou uma apresentação porque eu não sei se você conhece como é o baseado em fatos surreais...

A – Sim, conheço.

M – Mas a gente pegou o formato que a gente faz no podcast que é de contar história de outra pessoa e desenvolveu uma metodologia para usar isso quando a gente leva para empresas para principalmente treinamentos na área de RH para questões de gênero, para questões de diversidade, então a gente usa essa metodologia em empresas em processos educacionais. Então esse foi a primeira vez que a gente começou a trabalhar com baseado em fatos surreais como negócio e não só como um hobby, enfim, já falei até mais do que você me perguntou (risos).

A – Então eu tenho uma pergunta que é exatamente sobre essa relação com podcast. Então queria aprofundar um pouquinho nesse assunto. Atualmente como é que você vê essa sua relação com o BFS, porque você já me falou que agora ela é uma profissão né?! é um trabalho, mas como fica a questão do emocional ou do subjetivo você ainda sente um pouco disso ou agora tá totalmente profissional?

M – Mas como assim do emocional, do subjetivo?

A – Porque assim tem as pessoas elas não mantêm relações com o podcast em geral que elas variam né?! Por exemplo, tem algumas mulheres que eu entrevistei que elas dizem que o podcast para elas algo totalmente emocional porque elas se sentem parte de uma comunidade, por exemplo ou porque aquilo contribuiu para o desenvolvimento pessoal dela, sabe. Já tem outras que apenas veem como um trabalho apesar de terem alguns fatores emocionais que interferem mas é mais para ver aquilo como um trabalho.

M – Hum... Tá, tá. Bom, na minha trajetória pessoal ter colocado o baseado em fatos surreais no mundo, junto com a Sheylli foi uma conquista pessoal para mim de ter desenvolvido um projeto assim, foi a primeira vez que eu desenvolvi um projeto nunca tinha feito um projeto antes na vida. É... o fato dele ter se tornado hoje meu trabalho é... é muito significativo também porque tudo o que eu faço com ele hoje eu aprendi sozinha, estudando tipo eu... eu que aprendi como que monta o microfone, qual é o microfone que eu preciso comprar, como eu faço edição, como eu capto, como eu faço roteiro, tipo tudo, tudo, tudo eu aprendi sozinha, como publicar... eu que faço tudo no baseado em fatos surreais, não a adição em si hoje, eu pedia... no começo eu fiz edição, mas depois eu vi que não era uma coisa que eu queria fazer então eu terceirizo hoje para Domênica isso, mas todo o resto do processo de produção eu que faço. É... e aí para mim o fato de hoje ser trabalho não tem a ver... não... não diminui o output emocional que tem, até porque no caso do baseado em fatos surreais especificamente, pelo conteúdo que a gente lida, não tem como não ter uma relação emocional com ele porque. Hã... a gente lida com histórias e com vidas de outras mulheres e assim o feedback que a gente recebe, as histórias que a gente recebe, a relação com a comunidade que escuta o programa é de uma transformação assim... é o que dá motivação para gente continuar, porque mesmo que hoje é... eu trabalhe e ganhe dinheiro em algum lugar com o que eu aprendi fazendo podcast, o baseado em fatos surreais mesmo, ele mesmo como produto ali, aquele produto que eu publico toda semana, é... ele não dá dinheiro e agora em agosto foi a primeira vez que a gente é... bateu nossa meta de apoio e conseguiu juntar mais do que R\$ 500 por mês com apoio de ouvintes porque até esse ano... até o ano passado assim os três primeiros anos tudo foi a gente investindo e colocando o dinheiro no projeto tudo, tudo, tudo, tipo hospedagem, o gravador que eu comprei, a gente viajar para ir para um evento para participar e fazer relacionamento, tipo tudo saiu do nosso bolso. Esse é o primeiro ano que o projeto está se pagando, com dinheiro de projetos que a gente vendeu fora para empresas e agora em agosto porque a gente fez uma campanha especial do agosto surreal foi a primeira vez que a gente juntou é... dinheiro suficiente com uma comunidade de ouvintes para bancar para nossa primeira meta é... e para mim o fato dele ser trabalho não deixa de ser emocional, de nenhum... de nenhum jeito, assim nenhum lugar porque até me lembra uma coisa que meu pai dizia para mim assim quando eu era nova e quando eu tava escolhendo profissão, eu sou formada em História, sou formada em biblioteconomia tenho uma pós em marketing e agora eu tô fazendo uma pós em neurociência, e... e meu pai dizia assim aí a gente tem que fazer um trabalho que a gente se divirta, mas tem que ganhar dinheiro com aquilo que a gente se diverte, se a gente conseguir fazer isso é muito bom, pô tamo feliz na vida assim e eu sempre ficava pensando muito sobre isso (risos) como como que eu vou me divertir? assim como que eu vou ganhar dinheiro fazendo algo aqui porque eu me divirto e que tenha emoção relacionada e que eu provoque emoção nas pessoas assim com aquilo que eu... eu faço então mesmo quando eu tô produzindo um conteúdo para uma empresa, é... tem emoção envolvida e o que eu quero é transfor... o que a gente coloca, o que a gente fala, inclusive no nosso site que o nosso trabalho é da transformação e desenvolvimento humano através das histórias, por acaso a gente faz isso

em podcast por que a mídia podcast ela é fácil para gente de trabalhar, mas ela é uma mídia para gente como qualquer outra entendeu. Hã... E o que a gente busca é essa transformação, essa emoção, então eu continuo tendo... tenho um aspecto emocional para mim pessoal, individual de ter sido a primeira coisa que... o primeiro projeto que eu coloquei no mundo, tem um orgulho, uma satisfação de saber que eu aprendi a fazer tudo que eu precisava fazer e faço tudo sozinha né?! Entendo como funciona e hoje eu posso ensinar outras pessoas porque eu dou aula sobre isso e isso acho empoderador assim para mulheres aprender fazer as coisas e fazerem sozinhas, hã... acho que tem aspecto emocional das histórias que a gente conta e da relação que a gente tem com a nossa comunidade que é muito íntima, muito próxima a gente lida com questões muito delicadas, é... muito, muito delicadas as histórias que a gente conta, então mesmo sendo trabalho não deixa de ser emocional e... e pessoal sabe? Íntimo tipo não vir... não é trabalho naquele lugar de obrigação e insatisfação muito pelo contrário, eu acho que chegasse aí talvez eu não tivesse fazendo mais sabe?

A – Entendo. De todo processo da produção de um podcast né?! De fazer a pesquisa, a pauta, captação e edição... qual etapa que você acha que é mais difícil de fazer ou quais?

M – Mais difícil?

A – Sim, que você tem mais dificuldade, por exemplo, ou teve no início.

M – Cara, eu acho que tem várias... várias dificuldades assim... eu acho que tem uma etapa de você construir sua audiência que exige muito trabalho, muita constância que não é de um dia para o outro. Hã... tem uma etapa... é, eu acho que construir audiência é um desafio grande tem um... tem um desafio mas aí eu acho que não é específico do podcast, mas tem o desafio de quando você tá trabalhando num... numa equipe, é... por muito tempo de você conseguir equilibrar os objetivos de cada um ali com aquele projeto né?! E como respeitar as vontades e as individualidades de cada um para aquilo sair. Do podcast de específico é... eu acho que tem uma parte técnica que no começo foi um desafio e teve que ter aprendizado de entender que microfone usar, como usar em que situação, é... como que eu vou captar um áudio quando eu for num cliente que não tem a mesma estrutura que eu, enfim... tem esses pormenores, como a gente vai captar agora na pandemia do melhor jeito, como que eu vou melhorar, tipo sempre buscando melhorar o áudio sendo que eu não tô gravando em estúdio e coisas assim. Hã... talvez não o mais difícil mas acho que eu tenho, eu tenho mais preguiça de fazer (risos) é o que eu menos gosto de fazer, é fazer a edição tipo sentar para editar, mas eu amo ver a transformação assim tipo eu... eu vou lá e faço a captação eu penso no roteiro no output que aquilo vai ter depois e aí eu passo para alguém fazer a parte que eu não gosto (risos) e depois volto e ficou pirando naquele material editado como ele é assim, mas eu acho que o mais difícil de quando você tá produzindo conteúdo e eu não sei se isso é específico de podcast assim é essa coisa de você construir audiência sabe? Ainda mais hoje onde a gente tem tanta gente construindo é... fazendo conteúdo e você tá brigando por um espaço de audiência com outras pessoas entendeu? Que tem reputações e tal, mas também é a parte mais gostosa né?! Porque quando ele começa a virar é muito bom, quando você começa a ter reconhecimento é muito bom, muito gostoso.

A – Não sei se você vai ter alguma restrição também de responder essa pergunta pelo pela resposta que você me deu da anterior né?! Mas já que você ressaltou esse processo da construção da audiência qual... você desenvolveu estratégias assim para conseguir consolidar ou você acha que foi orgânico essa consolidação?

M – Hã... sempre foi consciente é... do tipo... eu não... eu não vou te dizer que fiz estratégias super elaboradas, porque apesar de trabalhar com comunicação e marketing e saber de ferramentas e etc. é... como ser o meu... ser o meu... ser uma coisa principal assim, tá no meu foco principal é recente, eu sempre fui fazendo o mínimo do mínimo, mas é claro que... então as coisas foram muito aos poucos, assim tipo o site mesmo em WordPress, com os posts com os conteúdos é... preparados pra SEO, com... do jeito que é feito hoje isso é recente, tipo não foi uma coisa que eu fiz no primeiro ano entendeu? Mas desde o primeiro episódio, eu tinha uma preocupação com, por exemplo, o descritivo do episódio, como que eu vou colocar as informações para as pessoas acharem esse conteúdo, eu tinha uma preocupação de distribuir isso nas redes sociais, de tem uma presença nas redes sociais, eu tinha uma preocupação... então eu sempre tive esse olhar do tipo o que eu preciso fazer para esse conteúdo chegar em mais pessoas. Então vou conversar com outras mulheres, vou trazer outras mulheres podcasters para falar no

meu programa né?! O crossover que a gente tanto fala, vou me juntar com uma #mulherespodcasters, vou participar de eventos, vou tipo tudo isso tem a ver com uma estratégia de fazer o conteúdo chegar em mais pessoas entendeu? Então talvez não tão estruturado hã... e agressivo porque eu acho que poderia se eu tivesse uma estratégia de marketing super agressiva, talvez tivesse crescido em mais tempo assim, em menos tempo, mais rápida mas não... não foi... não foi tipo... foi orgânico mas não foi... não pensado sabe? Tipo o próprio agosto surreal que a gente fez agora, é... há algum tempo eu já falava com a Sheylli: Sheylli eu acho que a gente tem audiência para fazer programa todo dia e se a gente fizer, a gente vai multiplicar nossa audiência por todos os dias do mês que a gente fizer. E... aí isso já vinha há algum tempo na verdade aí o ano passado a gente fez dois testes, a gente rodou dois pilotos um foi em abril que a gente fez uma campanha que tinha episódios especiais onde a gente contava história de homens, então a gente lançou um episódio extra por semana e isso dobrou a nossa audiência no mês. A gente tinha a mesma... tipo quantos programas eu lançar, eu tenho audiência para eles, é basicamente isso assim, e... e depois a gente fez a mesma coisa em agosto, acho, que a gente faz com o memo também, eles contaram histórias de mulheres, aí aquilo deu força para esse ano eu chegar para ela e falar vamos fazer todo dia que vai ter audiência, todo dia, pode ter certeza e boom foi exatamente o que aconteceu. É... então foi pensado... foi pensado do tipo: se eu fizer isso eu vou... se eu fizer Live no Instagram e no YouTube eu vou chegar em mais gente e vou crescer orgânico com isso entendeu? Então foi orgânico no sentido de que eu não paguei mídia, por exemplo, mas não foi impensado, não planejado, foi planejado entendeu?

Relação com feminismo

A – Com essa pergunta a gente termina o segundo bloco e a gente já vai para o terceiro e o último que é sobre o feminismo. A primeira pergunta é sobre como você vê a produção de conteúdo feito por homens e por mulheres na internet, e assim é bem de achismo mesmo tá? Não precisa de se preocupar em dar uma resposta cientificamente embasada. Você percebe que tem igualdade, quando você pensa a capacidade, os acessos e condições que homens e mulheres têm nessa produção de conteúdo?

M – Igualdade de acesso às ferramentas e condições eu acho que é a mesma.

A – Para homens e mulheres?

M – Huhum. Acho que é a mesma pra homens e mulheres. Eu acho que o que talvez... eu acho que o que talvez é... a gente... aconteça assim é... tem muito mais a ver com a cultura e a educação da mulher dela acreditar que ela pode fazer uma coisa outra que talvez a gente veja muito aquela... aquela... aquela clássica auto-confiança do homem hetero branco que mesmo que ele tem um projeto que seja cinco ele vai colocar no ar e a mulher só quando ela tiver um projeto for 11 é que ela vai colocar no ar, tá? Então eu acho que os acessos são os mesmos para homens e mulheres, é... eu vejo... eu nunca senti... eu nunca me senti diferente em relação homem com relação aos acessos e eu não acho que eu tive uma educação diferente de outras mulheres, por exemplo, da... que estudaram comigo em colégio público é... acessos diferentes dos meus nesses aspectos assim eu vejo que tem muito mais a ver com a nossa coragem ou medo ou segurança ou insegurança de fazer um projeto do que ter acesso ou não as ferramentas para fazer e que no começo talvez, no especificou de Podcast, assim a gente tivesse mais homens no mercado aqui no Brasil porque tava muito conectado com a comunidade nerd, geek, de galera aqui mexia em programação, tecnologia e coisas do gênero né?! E era... não era tão simples para a gente criar um conteúdo quando você tinha que ir lá e fazer a programação do feed e não tinham tantas ferramentas que faziam isso para você automaticamente né?! Então eu acho que o acesso é o mesmo para homens e mulheres...

A – Você conhece a PodPesquisa?

M – Conheço.

A – Tem aquele resultado né?! Que o mais recente deu que a porcentagem de ouvintes de podcast no Brasil é 27% de mulheres, e aí eu queria também nesse achar também que que você acha que leva a esses números?

M – Ah, aí... aí é menos achismo e aí eu posso colocar meu dedo de pesquisadora também te falar (ridos) porque toda vez que você vai olhar dados de uma pesquisa você precisa entender e eu como historiadora

eu sei disso assim, sempre que você vai olhar um fato você precisa entender o contexto em que aquele fato foi produzido né?! Ele não é um fato per si nunca isento de nada, é... então a PodPesquisa principalmente os primeiros... os primeiros... anos que ela foi rodada né?! Ela sempre foi feita com a comunidade dos programas que divulgavam aquela pesquisa, então a gente sabe que tem o número grande por exemplo de ouvintes do Nerdcast que respondiam àquela pesquisa porque eu não esquece divulgava muito sobre aquilo, então é claro que você vai... e tinha, por exemplo, eu não divulgava para os meus ouvintes do Baseado em Fatos Surreais responderem a pesquisa, então acho que a gente precisa... assim como a pesquisa do IBOPE que foi feita o ano passado em 2019, ela tem um recorte de absurdo, ali né? E falar que 50% das pessoas já escutaram falar de podcast no Brasil... não sei... que elas ouvem podcast no YouTube será? Eu vi os resultados da pesquisa serem apresentados durante o evento do... da Piauí com a CBN e as pessoas que responderam à pesquisa, eu sei que... que os dados ali não tão apurados que agora o Spotify tem dados mais certos e talvez as outras plataformas tenham mais a Apple, o Google enfim é que tudo pulverizado, então é uma zona que talvez a gente tenha dado mais acuradas de quantas pessoas estão ouvindo ou não. E eu vi recentemente, semana passada, um estudo de uma empresa americana que lançou que fez agora no outono deles lá, é... uma pesquisa que mostrou que tem mais mulheres ouvindo podcast nos Estados Unidos do que homens. Então é... eu acho que os resultados da PodPesquisa refletem o universo de pessoas que responderam à pesquisa que desde que a Globo começou com os 14 programas deles e virou esse boom e agora tá todo mundo falando de podcast e o Spotify entrou muito forte com isso, a gente tem um... um outro universo de pessoas que estão escutando podcast que são muito diferentes daquelas que tavam escutando há 3, 4 anos atrás quem... o perfil da pessoa que ouve podcast no Spotify é diferente do perfil da pessoa que ouve podcast no castbox, no podcast addict, no pocketcast nos outros players, a gente sabe que é diferente, que o comportamento diferente, que é... têm hábitos diferentes e acho que a gente tem, acho não tenho certeza, a gente tem muito mais mulher ouvindo programa hoje do que quando a PodPesquisa de 2018 foi lançada, muito mais e mesmo naquele ano, já tinha muito mais mulher ouvindo, eu acho que ela teve menos mulher respondendo ali.

A – Você já me falou sobre a #mulherespodcasters eu queria saber se você conhece também a campanha o Podcast é Delas?

M – Conheço, conheço também a campanha da Domenica, eu conheço as duas. Fui conhecer mais profunda... eu participei uma vez do Podcast é Delas como convidada de um programa, eu não sei se foi 2017 ou 2018, e eu não lembro agora qual foi o programa que eu participei. Eu confesso que eu nunca engajei nos outros anos para convidar para participarem porque tem uma demanda de trabalho, envolvimento que eu não... não tava... não tava dando conta, tava fazendo só o meu, o mínimo. Mas eu conheço, conheço e recentemente até comecei a usar a hashtag também algumas postagens assim que eu faço.

A – Você ainda usa a mulheres podcasters?

M – Ainda uso.

A – Você pode falar um pouco sobre a importância dessa hashtag e porque que você usa?

M – Posso, inclusive o ano passado é... no final do ano passado a gente fez um encontro presencial aqui em São Paulo, a gente montou um... tinha um grupo no Facebook que foi montado por mim, pela Ira e pela... hã... Liria Ester eu num... é uma moça do... do Pará... Amazônia. Nossa agora nem lembro (risos) eu só lembro a @ dela aí... não lembro o nome dela. Nos montamos o grupo de Facebook tava muito difícil do povo entrar lá aí... não sei se foi ano passado, um pouco antes de ver do Spotify, sei lá é... eu montei o grupo do WhatsApp e comecei a chamar um monte de gente e trouxe um monte de mulher e desde o começo eu falava com a Ira sobre a importância da gente falar da hashtag no programa e das... e fazer propaganda delas e colocar hashtag no Instagram e colocar hashtag em todos os episódios enfim, é... por que? Porque era uma forma da gente é... se juntar uma fortalecer o trabalho da outra, uma indicar o trabalho da outra uma saber que tem outras mulheres fazendo tem... tem... muita mulher hoje no grupo de mulheres podcasters no WhatsApp, eu nem sei mais porque eu mesma saí do grupo (risos). Mas eu saí do grupo não porque eu não apoie a hashtag, eu saí de grupos do WhatsApp assim, aquele dilema dos grupos do WhatsApp na vida é... e não porque... por não apoiar assim o movimento a gente fez inclusive no dia do evento do Spotify, a gente mandou fazer adesivo do mulheres podcasters e distribuiu

até para mulheres que não sabiam que era tipo a Branca Vianna do Maria vai com as outras e outras ali que nunca tinha escutado falar, a gente fez também é... falante né?! Da Hashtag é... eu acho que esse tipo de movimento é importante paa trabalho de produtores de conteúdo independentes, hã... então tanto o mulheres podcasters, com o podcasters negros, como um podcasters LGBT e outras hashtags que tem são super importantes e acho que a gente tem que apoiar e... e favorece a gente, favorece o grupo e o grupo crescendo é bom para todo mundo.

A – Você se considera feminista?

M – Sim, ai você vai me perguntar se eu sou ativista? Não (risos).

A – Não, eu ia perguntar se você tem alinhamento em alguma corrente ou vertente?

M – Não, não. Eu nem acredito que eu tenho conhecimento suficiente para dizer que eu sou de alguma vertente ou... eu sou a favor de direitos iguais, direitos e deveres iguais para homens e mulheres e enfim.

A – Como que você acha que esse seu posicionamento como feminista reflete no conteúdo que você produz?

M – Ah, ele reflete totalmente assim, apesar de não ser um conteúdo que tem um propósito escancaradamente ativista, é o que eu falei a gente optou pelo entretenimento, e a gente não tem um posicionamento é... na maioria das vezes a gente não tem um posicionamento forte no programa, mas na medida que somos eu e a Sheylli, que somos feministas, que temos um posicionamento político, selecionamos as histórias que vamos contar, a gente conta as histórias baseadas nos relatos que chegam, a gente faz comentários, no final tipo o episódio que saiu essa semana o caso da Paixão a conversa que a gente tem depois da história é... tem um impacto muito grande nas pessoas que estão escutando e não só isso, se você quiser, eu não sei o quanto isso é importante para sua pesquisa, mas tem um... um apoiador nosso que ele é professor de psicologia e ele usa o nosso podcast como material de sala de aula para estudo de caso, então eu tenho certeza absoluta que tem um posicionamento ali é... desde a hora que a gente faz a escolha das histórias, a maneira como a gente conta e o debate que a gente tem no pós... no pós-história e isso tem ganhado cada vez mais corpo assim eu acho que durante esse agosto surreal a gente se posicionou até mais do que a gente se posicionava antes assim bem mais, a gente vem debatendo mais ainda os temas e sendo muito mais cuidadosa quando a gente traz um conteúdo desse.

A – Última pergunta já e é qual a sua percepção do feminismo, seja como um movimento ou como uma teoria?

M – Ai. Ai que difícil essa pergunta.

A – Pode ficar à vontade aí para falar, não tem certo errado.

M – Ah, eu não sei, eu não sei qual é a minha percepção... apesar de eu ter feito história e eu entender que o ser humano é um ser político, enfim de tudo... de todas as nossas ações refletirem... refletirem o que a gente pensa e terem impacto enfim, até as nossas não-ações também né?! Eu não sei porque eu pessoalmente tenho uma postura muito de não-violência, de não embate de não... e eu não posso dizer para você que estudo muito para poder falar o que eu acho de feminismo sabe? É... não... não me sinto confortável (risos). Prefiro não me manifestar. *

ENTREVISTA Nº 17 – “A GENTE NÃO TEM RESPEITO À NOSSA VOZ”

Áudio disponível em:

https://drive.google.com/file/d/15QNvImT_yA6xSju7N8CLr9IZIfkaxiqs/view?usp=sharing

Data: 21 de janeiro de 2021

Nome: Domenica Cristina Mendes

Idade: 32

Gênero: mulher cisgênero

Etnia: Branca

Naturalidade: São Carlos (SP)

Orientação sexual: Não respondeu

Escolaridade: superior completo

Ocupação: Produtora de conteúdo

Estado civil: solteira

Relação com o podcast

Alice – Terminamos então o primeiro bloco e a primeira pergunta do segundo bloco é se você se lembra da primeira vez que você ouviu falar sobre podcast, como foi que você conheceu a mídia?

Domenica – Me lembro, isso foi há quase sete anos atrás e eu conheci o podcast na verdade fazendo podcast eu faço parte de um site chamado Leitor Cabuloso que é um site sobre literatura e lá nós tínhamos um podcast que se chamava Cabulosocast, eu já fazia parte da equipe do Leitor Cabuloso e eu fui convidada pelo então host né?! Apresentador do Cabulosocast, que na época também era o dono do site, a gravar um episódio sobre uma obra que eu tinha lido, então foi dali que eu comecei a conhecer a mídia podcast, diferente das pessoas eu conheci podcast fazendo podcast e aí eu nunca mais parei.

A – Eu te encontrei com dados da PodPesquisa. Aí eu encontrei o baseado em fatos surreais e as meninas indicaram o seu e-mail também. E aí eu queria saber atualmente em quantos podcasts você tá atuando, se você tá só no baseado em quantos você... assim que vocês consideram membro da equipe.

D – Membro da equipe eu me considero do Perdidos na Estante que é um podcast de literatura, tenho também um podcast chamado Estúdio 31, e eu produzo um outro podcast chamado O Podcast é Delas que é um podcast do projeto #opodcastédelas. Além disso, eu também produzo um podcast apresentado por uma cientista social e historiadora chamado Cala a Boca Bárbara e enquanto editora eu tô em vários projetos aí eu não sei se é interessante para você saber, mas se você quiser eu posso te falar, não tem problema nenhum.

A – A gente vê ao longo assim do que for surgindo na conversa você pode citar a qual programa você tá se referindo, entende? Então você citou o Perdidos na Estante... enfim você pode responder essa de forma geral sabe de como foi, porque assim você comentou que começou a produzir conteúdo sobre literatura né?!

D – Isso.

A – Então eu queria entender mesmo essa sua motivação para se jogar e produzir conteúdo, se começou mesmo pela afinidade com a Literatura e quando você viu estava produzindo sobre outras coisas, como que foi esse processo?

D – No caso a produção de conteúdo você tá me perguntando sobre a produção de conteúdo em áudio né?

A – Sim, sim, podcast.

D – Ah, sim eu comecei a gravar podcast por causa do Leitor Cabuloso, para ser mais específica por causa do Cabulosocast, na época eu fazia parte da equipe fixa do programa. Foi um programa que durou muitos anos acho que ele teve uns seis anos, ele era semanal. E mesmo quando o projeto acabou eu continuei com o projeto do Perdidos na estante, que foi um podcast que eu criei a partir do Cabulosocast, eu continuei à frente do Leitor Cabuloso durante um breve período de tempo e na época também conheci com a criação da campanha #opodcastédelas, que foi um projeto criado justamente devido à dificuldade de encontrar mulheres que a gente tinha na mídia podcast e eu queria encontrar uma solução, então eu co-criei esse projeto e dali eu acabei criando todos os outros projetos e aos poucos em questão de podcast autoral eu comecei a criar outros e depois eu passei a editar para outras pessoas, a produzir para outras pessoas e uma coisa foi puxando a outra.

A – No caso desses podcasts que você denominou autorais, que você produz para você, você consegue dizer qual é a motivação para produzir esses conteúdos?

D – Nossa, Alice. Que pergunta difícil, tô pensando.

A – Pode pensar, não tem certo errado tá?

D – Eu digo que é difícil de conseguir objetivar o porquê. Porque eu são projetos muito diferentes. O que me motiva a fazê-los é saber que a mídia podcast é uma mídia que aceita todas as pessoas e é uma mídia que eu me identifico muito, a questão de áudio, distribuição livre. Então apesar de haver a

necessidade de uso da internet né?! O que acaba dificultando o acesso popular da mídia, como por exemplo, uma televisão ou um jornal, uma revista impressa, mesmo assim o podcast é uma mídia que para produtores independentes eu acho que ele tem uma... a proximidade, características que eu acredito que elas sejam únicas. Então eu acho que ele é uma excelente forma de eu conseguir encontrar um espaço para expressar as minhas ideias, para eu conseguir colocar coisas boas no mundo e informar, divertir e eu sou completamente apaixonada pela produção em áudio né?! Em todas as suas etapas então o que me motiva de verdade é saber que no podcast eu sou ouvida enquanto uma mulher, enquanto um ser humano, mas principalmente enquanto uma mulher que tem suas ideias próprias e que eu consigo atingir realmente pessoas de verdade que tão do outro lado do fone, é isso que me motiva todos os dias a trabalhar com podcast né?! Em todas as etapas, de todos os projetos que eu acabo participando diretamente ou indiretamente.

A – Quando você pensa a produção de um programa ou de um episódio você faz todas as etapas de pré-produção, gravação e edição, distribuição, você faz todas?

D – Sim, eu faço todas desde planejamento, criação pré-produção, produção, pós-produção, que vem a parte da edição, a questão de criação de postagem, divulgação, acordos comerciais, acordos com grandes empresas para melhor distribuição e monetização. Hoje eu trabalho com absolutamnete todas as etapas de podcast, tanto para mim quanto para outras pessoas né?! Quanto para clientes.

A – De todo esse processo, você consegue identificar alguma etapa que é mais difícil de fazer para você?

D – Eu acho que a parte mais difícil da etapa de um podcast é a parte da divulgação e criação de comunidade, eu acho que é onde a gente acaba tendo, não mais dificuldade, mas é algo que foge do nosso controle né?! Essa parte mais comercial, a parte de edição é a parte mais trabalhosa, até o episódio ser publicado, sem sombra de dúvidas, embora quando eu tô falando de produção de conteúdo sobre livros e filmes que é o que a gente faz no Perdidos na Estante, por exemplo, a gente não pode ignorar a jornada que é ler o material, por exemplo, para poder gravar um podcast. Então tem livros que a gente demora as vezes uns 15 dias para ler para poder gravar uma hora de episódio né?! Então é... tem esse tempo investido não é nem uma demora né?! Tem esse tempo, mas o resultado acaba saindo satisfatório no final. E com a relação aos outros projetos aí realmente vai depender de cada relacionamento que eu tenho na etapa de cada um né?! Mas os meus eu acredito que seja a parte comercial que é onde na verdade sai bastante dos meus conhecimentos também né?! É algo que eu faço mais por intuição e por aprender com cursos livres do que algo que eu fui ensinada a fazer né?! Eu não tenho formação em Jornalismo ou em Publicidade ou algo assim para saber como trabalhar com esses... essas parcerias, esses números, essas vendas. Então aonde a experiência compensa, falta talvez uma profissionalização acadêmica para mim no caso.

A – Durante assim todo esse tempo em que você tá atuando na produção de programas, nessa parte que você comentou de criar comunidade e de distribuir o programa, você conseguiu desenvolver alguma estratégia que você acha “ah, ok, eu vou por esse caminho porque assim eu já sei que funciona” e tal?

D – Olha, a gente não pode ignorar que quando eu comecei a fazer podcast o mundo era outro (risos), a forma de fazer era diferente, a forma de consumir era diferente. Então eu tenho uma comunidade sólida, uma comunidade que me acompanha aí já nesses sete anos e que me traz bons resultados né?! Eu tô bem satisfeita com os projetos, mas isso também muda muito de acordo com o projeto que eu tô trabalhando. No Estúdio 31, por exemplo, que ele é um podcast educacional, para ensinar principalmente mulheres, a fazerem podcasts da sua casa com as ferramentas que elas tiverem, seja o celular, o microfone de notebook, é... um tablet enfim, o que elas tiverem na mão, o meu público é muito diferente do público do Perdidos na Estante, por exemplo, né?! Então a importância tá em você saber quem é o seu público e como você vai atingir eles, e nisso também muda a forma como você vai falar, como você vai se expressar, para onde você vai direcioná-los. O que eu aprendi nesse tempo em si foi a importância, o valor que a gente coloca de sermos nós mesmos, assim e fazermos um trabalho sério embora isso não queira dizer que ele tenha que ser rígido né?! Ele pode ser divertido inclusive deve, deve ser leve, deve se informativo mas é muito importante que a transparência esteja presente em todas as etapas né?! Não se trata de você dar satisfação do seu projeto para o seu público ou para sua comunidade, não é isso mas é algo como você faz isso porque alguém ouve e cada pessoa que ouve ela é muito importante para você, então você valoriza essas relações, assim como essas pessoas valorizam a relação que elas constroem

com você. E aí outra coisa que me vem muito à cabeça, assim nesse momento é que a gente não tem absolutamente nenhum controle sobre o que as outras pessoas vão achar do nosso trabalho, ou do que a gente fez, ou de como elas vão reagir então isso é muito bom também para a gente treinar algumas habilidades e pegar os feedbacks e ir melhorando o nosso trabalho no geral né?!

A – Uhum. Quando você pensa a sua relação com podcast você acha que consegue identificar se ela é mais emocional e subjetiva ou se ela é mais profissional e racional?

D – Eu acho que ela fica em meio ponto, para ser sincera. O que me motiva a fazer é algo bem emocional, mas eu faço isso de maneira profissional. Então eu sendo bem sincera com você e pensando em como eu vejo o mundo, eu não acredito que é possível a gente separar uma coisa da outra sabe? Eu faço e eu me dedico 100% naquilo que eu tô fazendo absurdamente indo para um lado que talvez pareça mais romantizado é... mais emocional, porém eu faço com responsabilidade, com os dois pés bem no chão e atuo com isso né?! De uma maneira extremamente racional, mas essa polarização de um lado pro outro assim eu não consigo entender como as pessoas entendem isso então eu acredito que eu fico mais o caminho do meio sabe?

Relação com feminismo

A – Sim. Ponto, essa foi a última pergunta desse bloco. E agora a gente vai para o último que é sobre relação com feminismo. A primeira pergunta ela é sobre igualdade na produção de conteúdo por homens e mulheres. Quando você pensa em capacidades, acessos e condições para fazer essa produção de conteúdo você acha que tem igualdade entre homens e mulheres?

D – Não e sim. Eu acredito que capacidade, sim todos os seres humanos têm de produzir conteúdo, de fazer podcast, inclusive é para isso que eu trabalho com a iniciativa O Podcast é Delas, é para isso que eu criei o projeto, é para isso que eu dedico agora minha vida profissional a trabalhar com podcast. Eu não acho que acessibilidade é algo igualitário para todo mundo, mesmo porque isso também vem de uma lógica do sistema onde se na vida nós não temos as mesmas oportunidades e grupos de minorias tem menos acesso, obviamente isso também vai alcançar as produções de conteúdos, as distribuições, o acesso e tudo mais e qual que era outra...

A – Condições.

D – Não entendi.

A – Condições.

D – Condições. Condições... seriam condições psicológicas, que você me pergunta?

A – Condições materiais também, mas também enquadra psicológica.

D – Questão de talvez financeira, de investimentos etc e tal né?!

A – Sim, de tempo também.

D – Certo. É... eu acredito que assim condições também entra nessa questão de entender como que a sociedade é e como que é distribuída essas rendas e qual é o lugar que essas pessoas têm acesso ou não. Então essas condições ela também vai depender aí, querendo ou não, do lugar onde a gente ocupa mulheres sem sombra de dúvidas têm jornadas de trabalho não remunerado absurdamente maiores do que homens, então obviamente elas vão ter menos tempo de produzir conteúdos, porque o tempo que eles têm disponíveis para fazer isso elas estão fazendo o trabalho é... produtivo não remunerado né?! Estão cuidando de casa, estão enfim cuidando da família, gerenciando o lar e etc e tal. Então esse tempo ele já ocupado de outra maneira, infelizmente. Então eu acho que essas condições também são muito variáveis, agora com relação ao financeiro vai depender também do acesso à informação que essas pessoas têm porque fazer podcast não exige um investimento caro, você pode fazer um podcast com o seu celular e através de um aplicativo gratuito, não necessariamente tem que estar envolvido com uma grande empresa, existem outros e você pode gravar e você pode subir isso pelo seu 4G. A questão é como que a gente chega até essas pessoas para ensinar para elas que elas podem fazer isso e mais importante do que tudo é como a gente mostra para essas pessoas que o que elas têm a dizer é importante para que outras pessoas queiram ouvi-las, porque eu acho que isso é uma coisa que pega muito para nós

mulheres né?! A gente não tem respeito à nossa voz, a gente é ensinada a se calar o tempo todo, então muitas de nós talvez não faça podcast ainda ou outras produções de conteúdo e na arte que for, justamente porque fica aquele sentimento de “ah, ninguém vai me ouvir né?! Porque eu vou fazer uma coisa se tudo que eu falo ninguém se importa, eu não sei fazer nada, é melhor eu fazer uma outra coisa”, e você fica presa nesse ciclo que na verdade só ajuda quem tá te oprimindo e não condiz com a realidade porque toda mulher tem muito que dizer e é necessário que nós retomemos... retomemos esses lugares os quais nós fomos tiradas né?! Pela força do patriarcado, isso é fundamental.

A – Você consegue perceber diferenças na podosfera digamos mista, com homens e mulheres, e na podosfera quando você pensa ali só as mulheres podcasters?

D – Diferenças de que?

A – É engraçado assim porque as outras que responderam, tiveram algumas mulheres que responderam mais no sentido de acolhimento, de como elas se sentem acolhidas em um espaço no outro e já tiveram outras responderam diferenças no tipo de conteúdo que é produzido, a qualidade ou nos temas que são falados. Então são os dois eixos que tem mais aparecido assim as respostas.

D – (risos) Curioso né?! A minha experiência enquanto uma mulher que faz podcast no Brasil de maneira independente e agora de maneira profissional ela é diferente da forma como a maior parte das pessoas começam a fazer podcast porque eu fui ensinada a fazer podcast, a editar, a apresentar, a conduzir projetos por homens. Então eu não sofri essa... essa pressão da misoginia dentro da mídia podcast, claro que eu sofria ataques de ódio, quando eu criei o projeto O Podcast é Delas né?! Isso aconteceu, mas, assim né?! Terça-feira, então me abalou, eu levantei a cabeça e continuei em frente, o que eu percebo não é com relação à questão de qualidade, eu acho que existe uma diferença com relação a facilidade para começar, porque homens são ensinados a se jogar em ideias novas mais do que mulheres, vai muito de encontro ao que eu te respondi agora pouco né?! Mas existem sim, existem grupos de mulheres e muitas delas se chamam de mulheres podcasters né?! É um grande movimento aí e buscam se apoiar e se acolher, mas a verdade é que assim esse acolhimento, no meu ponto de vista, existe entre pessoas que produzem mas existem também entre pessoas que fazem parte da sua comunidade e são apoios diferentes sabe? Então dentro do grupo de produtores e produtoras o acolhimento no geral ele pode ser às vezes um pouco mais áspero, mesmo porque existe muita competitividade e isso independe de gênero embora, sim, a aparência é de que homens são mais agressivos né?! E aí se isso condiz ou não eu não sei muito dizer porque aonde eu trabalho, o nicho que eu pego ele é muito específico, então normalmente homens também... se opinião ou não, se não tem qualidade eu sigo a minha vida porque isso não me interessa né?! Tô aqui pra somar, não para competir, isso para mim sempre ficou muito claro. E em grupos de comunidade é isso, é sua comunidade, as pessoas vão te apoiar. Então eu percebo a diferença em número de programas ainda e tudo mais, embora eu veja um crescimento de projetos que tem mulheres e tudo mais, embora eu trabalhe com mulheres hoje e eu queira dar muito foco para isso que é justamente para naturalizar, eu acho que com o tempo talvez a gente consiga normalizar isso a um ponto de promover equidade sabe? Não igualdade mas equidade, no sentido de se você quer fazer um projeto e eu posso te ajudar a divulgá-lo, por exemplo, por que que eu não vou fazer isso? Sabe? Então eu não acho que tem que ter 50% de projetos de homens e 50% de projeto com mulheres não é isso, eu vou mais para linha de equidade então aonde falta para um o outro provavelmente tem de sobra, então o outro pode se dispor né?! A auxiliar essa outra pessoa mas tem diferença né?! De novo é a lógica da sociedade quando você entende os lugares que você ocupa e entende a estrutura de gênero e os recortes, você começa a perceber que conforme esses grupos se organizam na produção de podcast acaba também refletindo. Então homens alcançam sucesso mais rápido que mulheres, pessoas brancas alcançam sucesso mais rápido do que pessoas pretas, pessoas hetero, cis, religiosas e ricas conseguem coisas bem antes do que pessoas de outras minorias né?! Da comunidade LGBTQIA+ então tudo isso depende do lugar onde você ocupa e as oportunidades que você vai ter acesso e não necessariamente vai ter uma igualdade de acesso a essas oportunidades, a um preço a se pagar e às vezes a gente não tem o dinheiro para pagar isso, ou mesmo interesse né?! Às vezes isso fere à sua ética enfim, é uma mini sociedade, é isso.

A – Sim. Isso aqui a gente tava conversando até agora o lado das produtoras e aí quando a gente pega, por exemplo, os dados da PodPesquisa, a gente tem também uma proporção de mulheres ouvintes, pelo

menos os dados que a PodPesquisa mostra, a última edição mostrou 27% de mulheres. E aí você acha que essa mesma questão que você tava aprontando agora que também causa esse pouco número de mulheres ouvintes?

D – Eu acredito que tá mais vinculado ao fato das mulheres não se sentirem confortáveis de responder a PodPesquisa do que de fato a gente ser só 27% sabe? Eu acho que cai muito nessa questão de “eu não tenho porque falar, por que que eu vou falar, é só mais um voto, é só mais uma opinião que ninguém vai me ouvir”. Eu acho que tem esse fator que pesa e embora 27% seja pouco, para PodPesquisa, se eu não me engano é de 2019 né?!

A – Isso.

D – É... no ano anterior, no ano anterior, não, perdão. Na edição anterior da PodPesquisa o número de mulheres que se declaravam como ouvintes era menor, então assim teve um crescimento se eu não me engano de 16% proporcional, então esse crescimento 16% ele tem que ter mais importância do que a diferença entre as outras pessoas, porque agora PodPesquisa também aceita né?! Outros gêneros que não sejam apenas homens, mulheres. Então antes da gente focar nos 27% a gente tem que focar mais no crescimento de 16% sabe? Acho que isso é muito importante, mas com certeza isso tá vinculado a esse espaço que a gente ocupa né?! E a dificuldade que a gente tem que sair dele.

A – Em geral essa próxima pergunta é se a mulher produtora de podcast conhece O Podcast é Delas mas como eu tô falando aqui com a criadora, vai ser vai ser um pouco diferente. Eu queria que você me contasse, você já deu assim umas pinceladas, mas eu queria aprofundar um pouco, como foi a história de criação desse projeto, como foi que você pensou “ok, eu vou fazer isso”, como foi o desenvolvimento, se você imaginava que ia crescer, já estamos no quinto ano né?! Agora ou é sexto, então queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

D – Claro, vamos lá. É... A iniciativa #opodcastédelas ela começou em 2017 e ela foi lançada a primeira edição em março, ela acontece todos os anos em março, mas ela foi criada no final de 2016 a partir de uma necessidade que eu enquanto uma mulher que fazia podcast tinha, de um incômodo que me dava todas as vezes que eu dava play em um podcast grande, ou seja, um podcast muito popular e perceber o quanto que os caras cortavam as mulheres que estavam falando, isso me irritava profundamente porque às vezes ela tava ali no meio do desenvolvimento da sua ideia e vinha um cara e cortava, mas não é aquele corte de interação, era um corte de eu tenho que me expressar mais do que você sabe? Eram... era aquele famoso silêncio no qual a gente é colocada cada vez que a gente começa a se expressar né?! Então isso me incomodava muito porque eu fala gente podcast é uma coisa que a gente edita e se com a edição ficou isso como é que foi isso de verdade né?! Então isso me incomodava bastante e na época eu já pensava projetos e trocava ideias com o Rodrigo Basso que na época ele era host de um podcast também de literatura chamado Covil de Livros e ele falava para mim da dificuldade que ele tinha enquanto homem de trazer mulheres para gravar com ele os episódios. E aí um dia a gente tava conversando sobre isso e ele me perguntou eu não consigo entender o porquê que eu convido mulheres e essas mulheres não vem e aí eu virei para ele com a maior naturalidade e segurança do mundo e falei elas não vem porque o seu podcast é feito por dois homens. Aí a partir desse insight que a gente teve e dessa troca de o que me incomoda e o que te incomoda, a gente olhou um para cara do outro e a gente falou bom, a gente sabe que incomoda, mas saber que incomoda não é suficiente a gente tem que fazer algo a respeito e fazer algo a respeito vai além do que só reclamar e trazer à tona para as pessoas saberem que esse problema existe, porque as pessoas já sabem e reclamar não tá resolvendo. Então a gente criou a campanha #opodcastédelas que começou com uma ação entre eu e ele, nós chamamos na época 10 amigos nossos que também faziam podcasts de literatura que eram desse nicho né?! Ou artes no geral além de outros produtores e também produtoras de podcasts que nós conhecíamos na época que eram mais próximas e apresentamos a ideia que é durante o mês de março a gente vai chamar pelo menos uma mulher para gravar, pelo menos um episódio com a gente, e a gente vai começar então a fortalecer as vozes e o espaço dessas mulheres na podosfera, a partir de convidá-los a vir, exercer esse espaço de escuta para quem tá recebendo a mulher e de fala para quem é mulher se sentir mais segura para falar. E a gente lança isso em março né?! Entre o dia primeiro e o dia trinta e um. Dez pessoas aceitaram convite, recebi alguns não, recebi não também de mulheres que já faziam podcast que falaram eu já sou mulher, eu já faço então eu não preciso fazer isso. E isso foi uma coisa que me chamou bastante atenção na época, foi curioso né?! Interessante e faz parte também, eu acho que o não faz parte a

brincadeira tá justamente aí, e nós fizemos só que para minha surpresa já no primeiro ano o que começou com uma ideia entre duas pessoas que estavam incomodadas com isso alcançou mais de 50 programas e uma média de 80 a 100 episódios em um mês. E depois nos outros anos a gente foi tendo um crescimento absurdo assim chegando a marca de mais de 250 programas participantes nas edições e tudo mais. Com o passar de um ano para o outro eu percebi que tudo começa com esse espaço de fala e de escuta nas isso ainda é só uma parte né?! Isso é só a ponta do iceberg e a partir dali então eu criei o site do O Podcast é Delas que fica lá em opodcastdelas.com.br e lá eu ofereço a infraestrutura básica para que mulheres possam postar os seus episódios. Então eu crio o feed, ofereço servidor, na época eu ajudava as meninas a fazer a edição então eu editava para, elas tudo para ajudar nessa parte mais técnica, essa parte mais de quebrar grandes pedras e grandes dificuldades para facilitar o acesso. Aí a rede cresceu, hoje a gente tem mais de 13 podcast que faz parte da rede, todos produzidos e apresentados por mulheres e alguns já foram também descontinuados, outros foram criados tudo mais e o projeto deu mais uma onda de crescimento onde eu falei ótimo já faço a campanha onde todo mundo participa né?! Qualquer pessoa pode participar independente se é homem ou se é mulher, já ofereço uma rede que as pessoas... que as mulheres possam publicar lá com alguns agentes facilitadores, falta agora eu ensinar mulheres que não sabem fazer podcast, mas que querem fazer podcasts. E aí eu criei o podcast Estúdio 31 e ele é um podcast educativo, ele tem um projeto aí de cauda média de programas que vão abranger justamente essa parte da produção, o que é um podcast, como que você grava, como que você edita, como que você publica, como é que você divulga, aí eu vou entrar agora numa outra remessa que é como você se comporta, como que você muda de ideia, como que você calcula estatística e por aí vai. E eu também criei aulas de oficinas de podcast onde o ensino mulheres a fazerem podcast mesmo, com uma metodologia que em cinco semanas você aprende a pensar e a definir o seu projeto, a gravar e a editar o seu primeiro episódio. E aí a partir dali se você quiser continuar eu te dou o conhecimento básico do que você precisa para continuar sozinha, ou você pode vir para rede O Podcast é Delas e eu já quebro mais essa barreira né?! Da questão de criação de feed, um site para você postar e tudo mais também com essa lógica da gente tentar auxiliar para que mulheres não tenham um gasto muito alto com a produção de podcast né?! Realmente um agente aí facilitador sempre respeitando muito a questão autoral e questão de criação e tudo mais que isso é o que eu prezo bastante né?! Então O Podcast é Delas, ele cresceu na verdade e depois em 2020 também eu lancei uma ferramenta que é um banco de dados de podcasters onde a gente tem mais de 70 mulheres cadastradas hoje, no dia que a gente tá fazendo essa entrevista, provavelmente quando você terminar o seu mestrado, se esse áudio for né?! Para a podosfera vão ter mais de 100 com toda certeza, é uma ferramenta de busca para que qualquer pessoa que tem acesso à internet consiga encontrar mulheres para convidar para suas gravações. Então lá tem foto, lá tem as áreas de interesse, lá tem a formação, lá tem orientação sexual, questão de identidade de gênero, lugar onde mora quais são os temas que gosta, enfim todos os principais tópicos de temas e assuntos que a gente possa buscar por pessoas específicas para que a comunidade da podosfera e as empresas, enfim, quem quiser, possa acessar lá e através de um sistema simples de busca e exclusão consiga chegar a determinados perfis para poder entrar em contato com essas mulheres e chamar para gravações, para edições, para trabalhos, enfim para promover essa troca né?! Esses crossovers, esses contratos, enfim essas relações que possam vir a partir daí. E eu estou com mais ideias né?! Para campanha #opodcastdelas 2021 nesse sentido também de incentivar e também nessa linha de capacitar quem já está fazendo, para poder melhorar enfim é um trabalho recorrente aí de capacitação mesmo né?! E talvez empoderamento através da mídia podcast.

A – Espera aí só um minutinho que eu vou precisar tossir. Ai, desculpa. Você se considera feminista?

D – Sim.

A – Parece uma pergunta retórica essa (risos). Você acha que de alguma maneira essa sua posição reflete no conteúdo que você produz?

D – Nossa, com toda certeza que há cada célula do meu organismo isso reflete em absolutamente tudo que eu faço, sem sombra de dúvidas.

A – Você já comentou um pouco sobre receber ataques de ódio né?! E aí a minha pergunta aqui era se você sentia medo disso, se quando você começou se você se passou pela sua cabeça antes de acontecer sabe? O receio de receber ataques.

D – Eu não tinha medo, mesmo porque é curioso isso né?! Mas quando eu comecei a fazer podcast eu não tinha noção do número de pessoas que me ouviam, eu achava que eram sei lá, cindo, dez pessoas sabe? Então é... eu não tinha ideia que as pessoas iam ouvir e eu não tinha ideia que eu podia atingir outras pessoas, eu sei que parece estranho falar isso né?! Mas o dia que eu entendi que as coisas que eu falava no podcast as pessoas realmente ouviam isso foi um marco tão grande na minha vida, ao ponto de eu mudar completamente de vida e mudar de carreira e sair da área que eu trabalhava e resolver trabalhar com podcast assim, que é uma coisa realmente absurda, então eu não tinha medo mas quando veio o ataque de ódio e também quando vem algum tipo de agressividade, de comunicação violenta, quando vem algum tipo de conflito mal intencionado, eu me sinto mal, eu me sinto bem mal assim, medo exatamente eu não tenho, mas isso me assusta, isso me desmotiva, isso e deixa mal sabe? Me deixa muito mal, e isso também tá vinculado para o fato, claro, de eu ser mulher mas eu acredito que isso também está muito relacionado ao fato de ser uma pessoa adepta a cultura de não-violência né?! A cultura de paz, então quando isso acontece eu me sinto bem desanimada, assim bem machucada mas com o tempo, às vezes um pouco de reflexão de alguns minutos, isso já dá uma ajeitada de novo no lugar sabe? Mas é curioso né?! A gente faz as coisas muitas vezes o apoio ele é silencioso e a violência ela é gritada, ela é falada e isso é uma coisa inclusive que a gente tem que mudar na sociedade né?! Porque quando a gente consome um podcast que a gente gosta a gente não manda um comentário falando olha gostei, olha te ouvi, olha muito legal e se você fizesse tal coisa? orque a galera do ódio eles sempre falam, então às vezes o silêncio ele parece ser uma questão de apoio só que para quem produz o silêncio ele significa solidão, porque a gente não sabe quem está do outro lado né?! A gente faz isso sozinho do lado de cá, então é muito importante que tanto a gente que faz, como quem ouve, porque normalmente quem faz também ouve quando tem tempo né?! Expresse o que tá consumindo como se sente porque é muito solitário, produzir podcast é uma coisa solitária, a gente só tem depois da produção, depois do lançamento uma resposta e às vezes é uma resposta silenciosa sei lá 20 mil pessoas te ouvem e três te mandam mensagem sabe? É muito desproporcional você sempre vai saber quem são aquelas três pessoas, mas cadê as outras?

A – Sim. Você me disse já que se considera feminista e eu queria saber se você tem alinhamento em alguma corrente ou vertente?

D – Eu não tenho isso muito claro ainda, tô estudando. Eu me entendo enquanto uma pessoa feminista, tendo ciência do que é o feminismo, mas as correntes eu ainda tô estudando para conseguir saber exatamente onde que eu me encaixo melhor.

A – E agora já é a última pergunta que é qual é a sua percepção do feminismo, seja como movimento social ou como uma teoria. O que que você acha do feminismo, como é que você vivencia...

D – Eu vejo ele como uma necessidade social, eu acredito que nós... acredito, não, eu penso que nós precisamos naturalizar isso e eu entendo na... a necessidade da igualdade social no sentido de ter direitos respeitados, para depois a gente conseguir chegar numa questão de equidade social né?! Que é mais para trazer realmente um equilíbrio ativo para que as pessoas consigam viver bem. Eu acho que feminismo é algo necessário, eu acho que falta informação para as pessoas, eu acho que feminismo deveria ser uma coisa que deveria estar no ensino básico né?! No mundo e eu acredito que esse momento que a gente tá vivendo com a questão da produção de conteúdo, acesso à internet, grupos de WhatsApp, podcasts, enfim, tudo, mas principalmente podcast porque a voz é uma coisa muito íntima né?! Você confia em quem você ouve, então eu acredito que com o tempo nós vamos sim fazer algumas mudanças sociais e mudanças de comportamento de entender que mulheres têm os mesmos direitos que homens, têm, porém a gente não tem o mesmo acesso a esses direitos, e depois a gente vai conseguir passar isso... isso no caso esse entendimento a gente vai conseguir passar esse entendimento para questões de gênero, para questões de raça e tudo isso é um processo longo, eu não acredito que nós vamos ver a solução disso tá? De maneira alguma, mas eu acho que a gente tá fazendo a nossa parte para que nossas vidas sejam melhores e para que homens parem de matar a gente por favor e também para que outras mulheres no futuro possam ser respeitadas né?! Inclusive uma coisa que para mim pega bastante é que eu sei que algumas mulheres que se entendem, se declaram como feministas elas acreditam muito que o feminismo ele é um projeto, ele é uma atitude, enfim ele é um movimento que só cabe as mulheres entender, decidir e discutir e eu discordo disso totalmente porque a sociedade é feita por pessoas, então homens e principalmente homens que são a maior causa das nossas mortes e violências que sofremos, eles

precisam aprender sobre isso para que eles parem de machucar a gente, parem de matar a gente sabe? Então não adianta a gente ficar tentando sobreviver aqui se quem oprime a gente, se quem mata a gente, se quem machuca a gente não tem ideia do porquê que tá fazendo isso, por que que é tão natural para ele se sentirem confortáveis para isso, então a gente tem que educá-los, no caso não é que mulheres tenham que fazer tudo e mais educá-los, não é isso, mas a gente tem que aceitar os homens que estão aqui e esses homens tem que ocupar o espaço deles de escuta, e exercer o lugar deles de fala enquanto homens para que outros homens entendam isso também e passem a ouvir outras mulheres e assim a gente vai se fortalecendo, eu não sei se isso parece muito utópico sabe? Mas eu acredito nisso, eu acho que a comunicação ela é muito importante para isso né?! E isso tem absolutamente tudo a ver com o podcast também. *